

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

P

Paciência, Padã, Padã-Arã, Padeiro, Pães da proposição, Pafos, Pagãos, Pagiela, Pai (Humano), Painço, Paixão, Palácio, Palavra, Palavra De Deus, Palavras De Deus, Palestina, Palestina, Palha, Palmeira, Tamareira, Palmeiras, Cidade de, Palmo, Palmo, Palti, Paltiel, Palu, Paluíta, Panfília, Pano de saco, Pão, Pão ázimo, Pão Da Presença, Papias, Papiro, Papiros elefantinos, Parã, Parábola, Paradoxo, Paraíso, Paralisia*, Paralítico*, Paralisado, Parapeito, Parente, Pármenas, Parnaque, Pártia, partos, Partir do Pão, Parúsia, Pássaros, Pastor, Pastor, Pastores, Pasur, Pátara, Pátio, Patmos, Patriarcas, Período dos, Patrimônio, Patros, Patrusitas, Paú, Paulo, O Apóstolo, Pavão, Paz, Peca, Pecado, Pecado Imperdoável*, O, Pecaías, Pedael, Pedazur, Pedra angular, Pedra da cobra, Pedra de sárdio, Pedra Moabita, Pedras de cal, Pedras preciosas, Pedro, O Apóstolo, Pedro, Primeira Carta De, Pedro, Segunda carta de, Peitoral, Couraça, Peixe, Peixes, Portão dos, Pelegue, Pelete, Peletitas, Pelicano, Pena Capital, Pendente, Peniel, Pentateuco, Pentecostes, Penuel (Lugar), Peor (divindade), Peor (Lugar), Pepino, Perdão, Perdição, Perdiz, Peregrinações no deserto, Pereia*, Perez, perezita, Perfume, Perfumista, Pergaminho, Pergaminhos do Mar Morto, Perge, Período intertestamentário, Período macabeu, Perseguição, Perseverança, Pescadores, Pesos E Medidas, Peste, Petor, Phallu, Pi-Hairote, Pia, Piche, Pilar De Fogo E Nuvem, Pilatos, Pôncio, Pildas, Pinheiro, Pinom, Piolho, Pirro, Pisídia, Pisom, Pitom, Plantas, Plátano, Plenitude, Plenitude Dos Tempos*, Pobres, Os, Poço, Poço de Jacó, Poço do Chacal, Poço do dragão, Poços de betume, Poder, Poesia, bíblica, Policarpo, Pólux, Pomba, Pombo, Ponto, Porco-espinho, Porta formosa, Porta Nova, Portão, Portão da Esquina, Portão da Guarda, Portão do Alicerce, Portão do Lixo, Portão entre os dois muros, Portão Leste, Porteiro, Pórtico, Possessão Demoníaca, Potifar, Potífera, Poupa, Povo de Deus, Povos da Terra, Povos do Oriente, Praça de Ápio, Praga, Pragas sobre o Egito, Prato, Precursor, Predestinação, Prêmio, Preparação, Dia de, Presbítero*, Presciênci, Presença de Deus, A, Presença Divina, Presença Física, Presságio, Preto, Pretório, Guarda Pretoriana, Primeira Revolta Judaica, Primeiro dia da semana, Primícias, Primogênito, Primogenitura, Principados E Potestades*, Priscila e Áquila, Procônsul, Prócoro, Procorus, Procurador, Profanar, Profecia, Profeta, Profetisa, Profetas, Falsos, Promessa, Propiciação, Prosélito, Prosperidade, Prostituta, Prostituição, Protoevangelho, Provação de Ciúmes, Provérbios, Livro de, Providência, Próximo, Ptolemaida, Puá, Puá, Públia, Pulga, Pulseira, Punição, Punom, Purificação E Impureza, Regulamentos Sobre, Púrpura, Pute (Lugar), Pute (Pessoa), Putéoli, Putiel, Puva, Puvita*

palavras diferentes foram traduzidas como "paciência" na Bíblia:

1. Uma palavra sugere "permanecer firme sob" testes e provações e é melhor traduzida como "resistência" ou "firmeza".
2. A outra palavra grega é semelhante ao significado hebraico. Refere-se à paciência como "longanimidade" ou a capacidade de manter a calma quando provocado à raiva.

O maior exemplo de paciência na Bíblia é o próprio Deus. Muitos trechos descrevem Deus, junto com outros atributos graciosos, como "lento para se irar". Apesar das repetidas rebeliões de Israel, Deus é mostrado como perdoador. Ele é gracioso, compassivo, lento para se irar e cheio de bondade ([Ne 9.17](#)). O salmista diz: "Mas tu, Senhor, és um

Paciência

Paciência é a capacidade de suportar muitas dificuldades ou maus-tratos. É não perder a calma, ficar irritado ou buscar vingança. Inclui:

1. A força para suportar a dor sem reclamar;
2. A capacidade de se controlar quando severamente provocado;
3. O autocontrole para evitar ações precipitadas em momentos de adversidade.

Em hebraico, a expressão comum para paciência está relacionada ao verbo "ser longo", significando ser lento para se irritar ou chatear. Em grego, duas

Deus compassivo e gracioso, lento para se irar, abundante em amor e fidelidade" ([Sl 86.15](#); veja também [Êx 34.6](#); [Nm 14.18](#); [Sl 103.8](#); [Jl 2.13](#); [Jn 4.2](#)). O Antigo Testamento também elogia a virtude de um espírito paciente, especialmente em Provérbios ([Pv 14.29](#); [15.18](#); [16.32](#); [25.15](#); veja também [Ec 7.8](#)).

O Novo Testamento também enfatiza a paciência do Senhor. É a bondade, a tolerância e a paciência de Deus que levam as pessoas ao arrependimento ([Rm 2.4](#)). Deus foi paciente ao adiar o dilúvio no tempo de Noé, enquanto a arca estava sendo construída. Isso deu às pessoas mais tempo para se arrependerem ([1Pe 3.20](#)). Talvez a referência mais significativa do Novo Testamento à paciência de Deus esteja em [2Pe 3.9](#). Pedro explica que o atraso na volta de Cristo não se deve à lentidão de Deus, mas à sua paciência, pois ele não quer que ninguém pereça. Paulo também menciona a paciência de Jesus Cristo, afirmando que Cristo mostrou perfeita paciência em seus tratos com ele ([1Tm 1.16](#)).

Paciência, que é uma característica de Deus e de Jesus Cristo, também deve ser vista em todo cristão. Paulo orou pelos colossenses, pedindo que eles demonstrassem essa qualidade ([Cl 1.11](#)). Paciência é:

- Um dos frutos do Espírito ([Gl 5.22](#));
- Uma característica do amor ([1Co 13.4](#));
- Uma virtude ([Cl 3.12](#); veja também [2Tm 3.10](#))

Os cristãos também são instados a serem pacientes ([1Ts 5.14](#)). Se não formos, podemos ser tratados como o servo em uma das parábolas de Jesus. Este servo implorou ao seu mestre, a quem devia uma grande dívida, por paciência, prometendo pagar tudo. O mestre foi paciente e perdoou toda a dívida. No entanto, ele descobriu que o servo se recusou a mostrar a mesma paciência a um colega servo que lhe devia uma pequena quantia. ([Mt 18.26-29](#))

Em alguns contextos, "paciência" também significa esperar muito tempo com esperança e expectativa. Por exemplo, um agricultor espera pacientemente que as colheitas cresçam ([Tg 5.7b](#)). Abraão esperou que Deus lhe desse a terra de Canaã. Ele morreu sem ver a promessa cumprida, mas ainda assim acreditou ([Hb 6.15](#); [11.39](#)). Finalmente, todos os cristãos são ordenados a serem pacientes até o retorno do Senhor ([Tg 5.7a](#)).

Padā, Padā-Arā

Distrito do noroeste da Mesopotâmia cujo nome significa "Campo de Arā", distinguindo esta planície das regiões montanhosas ao norte e leste. Padā-Arā é alternadamente chamado de *Padā* (ARC) em [Gênesis 48.7](#); *campo da Síria* (ARC) em [Oséias 12.12](#), embora o termo no original em hebraico signifique a "terra de Arā"; e *Mesopotâmia* em [Gênesis 24.10](#), embora o termo no original em hebraico seja Arā-naaraaim, significando "Arā dos dois rios". Os dois rios provavelmente referem-se aos rios Eufrates e Balikh, entre os quais esta faixa de terra estava situada.

Veja também Arā-naaraaim.

Padeiro

Aquele que prepara comida. Nos tempos bíblicos, o padeiro trabalhava:

- em casa ([Gn 19.3](#)),
- na padaria pública ([Jr 37.21](#)), e
- nos palácios de reis e nobres ([Gn 40.1-22](#); [41.10.13](#); [1Sm 8.13](#))

Eles faziam pão e bolos a partir dos alimentos básicos de óleo e farinha. Os israelitas, ao fugirem do Egito, assaram pão sem fermento para sua jornada ([Êx 12.39](#)). O pão e os bolos eram assados em uma panela ou forno ([Lv 2.4](#); [26.26](#)). À medida que a sociedade israelita se desenvolveu, padeiros profissionais trabalhavam e formavam guildas. Alguns argumentaram que Oseias era padeiro por causa de seu conhecimento das técnicas de panificação ([Os 7.4-8](#)).

Veja também Alimentos e preparação de alimentos.

Pães da proposição

Tradução em versões bíblicas de pães da presença. *Veja Pães da presença.*

Pafos

Pafos era uma cidade no sudoeste de Chipre. Começou como um assentamento fenício chamado "Velha Pafos". Mais tarde, um assentamento grego chamado "Nova Pafos" foi construído a cerca de 16,1 quilômetros de distância da cidade original.

Nova Pafos tornou-se o principal centro governamental quando Chipre se tornou parte do Império Romano em 22 a.C.

A cidade combinada era famosa por seu templo. As pessoas inicialmente dedicaram o templo à deusa síria Astarte. Segundo o historiador romano Tácito, as pessoas adoravam Astarte utilizando cerimônias fenícias antigas. Essas cerimônias incluíam a aplicação de óleo em uma pedra em forma de cone (possivelmente um meteorito). Posteriormente, os gregos identificaram Astarte com sua deusa Afrodite. Eles acreditavam que Afrodite emergiu do mar.

Em Pafos, o apóstolo Paulo enfrentou sua primeira forte oposição às boas-novas sobre Jesus. Essa oposição veio de um homem chamado Elimas. Em resposta, Paulo realizou seu primeiro milagre registrado na Bíblia. Paulo deixou Elimas cego, mas a cegueira foi apenas temporária, demonstrando a misericórdia de Paulo ([At 13.11](#)).

Pagãos

Na Bíblia e na tradição cristã, um pagão é alguém que não segue o Deus de Israel ou os ensinamentos cristãos. A palavra vem do latim *paganus*, que significa uma pessoa do campo. Nos tempos antigos, as pessoas nas áreas rurais frequentemente mantinham suas práticas religiosas antigas por mais tempo do que aquelas nas cidades.

Pagãos geralmente acreditam em muitos deuses, ao contrário dos cristãos e judeus, que acreditam em um único Deus. Eles podem adorar a natureza ou seguir tradições anteriores à disseminação do cristianismo. No Antigo Testamento, os pagãos são frequentemente chamados de "gentios."

Pagãos no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, Deus frequentemente adverte os israelitas para se afastarem das práticas pagãs:

- [Deuteronômio 12.31](#) instrui os israelitas a não adorarem a Deus da mesma maneira que os pagãos adoram seus deuses.
- Em [Êxodo 23.24](#), Deus instrui os israelitas a destruírem os ídolos dos povos pagãos.
- A história de Elias em [1 Reis 18](#) mostra uma disputa entre o Deus de Israel e o deus pagão Baal.
- Muitos dos reis de Israel são criticados por permitirem a adoração pagã (por exemplo, o rei Salomão em [1 Reis 11.4-8](#)).

Os profetas frequentemente falavam contra a influência das religiões pagãs sobre Israel, considerando as práticas pagãs uma ameaça à adoração do único Deus verdadeiro.

Pagãos no Novo Testamento

No Novo Testamento, os primeiros cristãos enfrentaram o paganismo de novas maneiras:

- Jesus fala sobre pagãos (gentios) em [Mateus 6.7-8](#), dizendo a seus seguidores para não orarem como eles.
- O apóstolo Paulo frequentemente pregava para pagãos. Em [Atos 17.16-34](#), ele conversa com filósofos em Atenas sobre o Deus cristão.
- As cartas de Paulo, como [1 Coríntios](#), oferecem conselhos a novos cristãos que anteriormente seguiam práticas pagãs.
- O livro do Apocalipse adverte contra o comprometimento com a cultura pagã e a adoração (por exemplo, [Apocalipse 2.14](#)).

A igreja primitiva precisou aprender a viver entre pagãos e a acolher convertidos pagãos ao cristianismo.

Hoje, "pagão" pode ter significados diferentes. Pode se referir a pessoas modernas que seguem religiões antigas baseadas na natureza ou, de forma mais geral, àquelas que não fazem parte das principais religiões mundiais.

Veja Gentios.

Pagiel

Pagiel era filho de Ocrã, da tribo de Aser. Moisés escolheu Pagiel para ajudar a contar os israelitas enquanto estavam no deserto. Pagiel também serviu como líder de sua tribo durante esse período ([Nm 1.13; 2.27; 7.72,77; 10.26](#)).

Pai (Humano)

Um pai é um homem que é o progenitor de uma criança. Na Bíblia, a palavra "pai" também pode se referir a ancestrais ou antepassados, significando gerações anteriores ou patriarcas.

Veja Vida familiar e relações.

Painço

Uma gramínea de sementes pequenas, cultivada para alimentação e também pelas suas folhas ([Ez 4.9](#)). Originalmente, as pessoas cultivavam o painço (*Panicum miliaceum*) na Europa e na Ásia por suas sementes comestíveis.

As sementes de painço são as menores entre todas as sementes de gramíneas cultivadas para alimentação, mas as plantas produzem muitas sementes. O painço é uma gramínea anual e geralmente não cresce mais do que 60 centímetros.

As pequenas sementes de painço são usadas em bolos. Em alguns casos, as pessoas consomem as sementes cruas.

Paixão

Um termo que vem do latim, significando "sofrimento". É usado em algumas traduções (como a ARC) em [Atos 1.3](#) para se referir aos sofrimentos de Jesus. Ao longo da história, os cristãos se referiram aos sofrimentos de Jesus como sua Paixão.

O que ocorreu durante a Paixão de Jesus?

Cada um dos quatro Evangelhos possui o que é chamado de narrativa da Paixão. Esta é a seção que registra os sofrimentos de Jesus na noite de sua prisão e no dia seguinte, culminando em sua morte.

1. Mateus inclui isso nos capítulos [26-27](#).
2. Marcos inclui isso nos capítulos [14-15](#).
3. Lucas inclui isso nos capítulos [22-23](#).
4. João inclui isso nos capítulos [18-19](#).

Prisão e julgamento de Jesus

Lucas oferece o relato mais detalhado da dor física que Jesus experimentou enquanto orava no Jardim do Getsêmani ([Lc 22.41-44](#)). [João 18.12](#) nos diz que Jesus foi então amarrado e levado à casa do sumo sacerdote, onde foi primeiro interrogado por Anás, o sogro de Caifás, que era o atual titular desse cargo. Este interrogatório está registrado em [João 18.19-24](#).

Anás enviou Jesus a Caifás para mais interrogatórios ([Jo 18.24](#)). Nesta fase, os soldados que guardavam Jesus se entregaram a algumas jogadas sujas. Eles o espancaram e, com os olhos vendados, pediram que ele profetizasse quem o havia atingido ([Lc 22.63-65](#)). Ao amanhecer, o Conselho Judaico (chamado Sinédrio) se reuniu e tentou provar que Jesus era culpado, mas não conseguiram obter provas suficientemente fortes contra ele.

Finalmente, o sumo sacerdote fez-lhe uma pergunta que o fez parecer culpado aos olhos deles. Isso vai contra o que normalmente é descrito na lei judaica ([Mc 14.55-64](#)). Ao fazer uma pergunta direta sobre o papel de Jesus como Messias, eles o obrigaram a cometer o que consideravam ser blasfêmia. Blasfêmia é tipicamente entendida como falar falsamente sobre Deus. Eles haviam fechado suas mentes para a possibilidade de que Jesus pudesse ser o Messias.

Sofrimento físico e morte de Jesus

[Mateus 26.67-68](#) e [Marcos 14.65](#) sugerem que foi nesse momento que Jesus foi maltratado por seus guardas e possivelmente por alguns membros do conselho. Ele foi então levado sob custódia para a residência de Pilatos em Jerusalém. Pilatos vivia no Pretório ou no quartel-general da guarnição. Pilatos parece ter realizado um exame preliminar de Jesus. Ele descobriu que a cidade natal de Jesus era na Galileia e, por isso, enviou Jesus a Herodes, já que estava sob a autoridade de Herodes. Jesus se recusou a responder a qualquer uma das perguntas de Herodes, então Herodes enviou Jesus de volta ao governador após zombar dele ([Lc 23.1-12](#)).

Pilatos então parece ter tentado conquistar a simpatia da multidão por Jesus e, assim, mandou açoitá-lo. Após isso, ele foi vestido com um manto púrpura, possivelmente o que lhe foi dado por Herodes ([Lc 23.11](#)), e uma coroa de espinhos. O açoite poderia ter sido o prelúdio regular para a crucificação ou uma tentativa de sugerir que ele já havia punido Jesus o suficiente ([23.16](#)). Jesus foi açoitado com um flagelo enquanto suas mãos estavam amarradas a um pilar ([Mc 15.15](#)). Um flagelo era um chicote de couro cujas tiras eram pesadas com pedaços irregulares de osso e chumbo.

Mesmo depois disso, Jesus enfrentou mais ataques dos soldados ([Mt 27.27-31](#); [Mc 15.16-20](#); [Jo 19.3](#)) e então teve que ficar de pé enquanto Pilatos tentava debilmente negociar com a multidão, que agora havia sido incitada por seus opositores a clamar pela morte de Jesus ([Jo 19.1-16](#); cf. [Mt 27.11-26](#); [Mc 15.1-15](#); [Lc 23.18-25](#)). Não funcionou, e Pilatos enviou Jesus para o esquadrão de execução.

Não é surpreendente que, após todo esse mau-trato, Jesus aparentemente não tenha conseguido carregar a cruz até o Calvário. Ele deveria carregar apenas a trave ou a cruz inteira, incluindo ambas as vigas de madeira. Simão de Cirene foi forçado a carregá-la por ele. Isso é explicado em [Marcos 15.21](#) e nos outros relatos dos Evangelhos.

Assim que ele chegou ao Calvário, os soldados rapidamente o pregaram na cruz. Tradicionalmente, isso era feito cravando um prego em cada mão e um prego mais longo nos dois pés juntos. A cruz era então colocada na posição vertical em um encaixe no chão. Em alguns casos, a trave carregada era conectada ao poste já em pé no chão. Jesus foi deixado pendurado ali até morrer por perda de sangue após o açoite ou por um coração rompido causado pela tensão nos músculos do diafragma. Às vezes, os açoites eram fatais.

O sofrimento mental e espiritual de Jesus

Além do aspecto físico da Paixão, não devemos esquecer que Jesus também experimentou agonia mental.

1. Seus amigos o traíram.
2. Os seguidores dele o abandonaram.

3. Havia o sofrimento adicional de saber que tudo o que ele passou foi injusto. Ele era completamente inocente de todas as acusações feitas contra ele.

O povo judeu se orgulhava da qualidade de sua religião. Os romanos se orgulhavam dos padrões de sua lei. De uma maneira que parece oposta ao que se poderia esperar, foi o mal-entendido da religião judaica e o mau uso da lei romana que permitiram que os inimigos de Jesus o matassem.

Acima de tudo, Jesus sofreu espiritualmente ao saber que Deus iria fazer “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós ([2Co 5.21](#))”. Isso significava que ele seria separado de Deus. Em um momento em que muitas pessoas morrendo por sua fé sentiram fortemente a presença de Deus, Jesus, em vez disso, clamou: “Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?” ([Mc 15.34](#) e passagens paralelas).

Por que a Paixão de Jesus é importante para os cristãos?

O Novo Testamento nos mostra o que os primeiros cristãos acreditavam ser "boas-novas". Esta notícia mudou o mundo antigo. As boas-novas eram que "Cristo morreu pelos nossos pecados, como está escrito nas Escrituras Sagradas; ele foi sepultado e, no terceiro dia, foi ressuscitado, como está escrito nas Escrituras" ([1Co 15.3-4](#)). Esta era a mensagem básica de vários escritores do Novo Testamento. Por exemplo:

- Pedro (veja [At 2.22-36](#); [3.12-21](#); [10.36-43](#); [1Pe 2.24](#); [3.18](#))
- Paulo (veja [At 13.26-39](#))
- João (veja [1Jo 1.7](#); [2.2](#); [4.10](#); [Ap 1.5](#); [5.9](#))
- O autor da Carta aos Hebreus ([Hb 2.9.17](#); [9.28](#); [10.12](#))

O fato de Jesus ser sem pecado o qualificou para carregar os pecados de todo o mundo. Ele fez o que nenhum ser humano jamais foi capaz, ou será capaz, de fazer. Ele assumiu as consequências e o castigo pelo pecado humano.

Palácio

Um palácio é a residência de um rei ou rainha.

No mundo antigo, cidades com apoio real frequentemente possuíam um palácio. Essas cidades às vezes tinham uma segunda muralha ao redor do palácio e dos edifícios próximos. Essa muralha ajudava a proteger a área onde o rei ou governante vivia. Essa parte da cidade era chamada de acrópole (a parte alta da cidade).

Jerusalém tinha uma área semelhante, chamada de Cidade de Davi. Antes disso, era conhecida como a Cidadela de Sião ([2Sm 5.7-9](#)).

Palácios no Antigo Testamento

O Antigo Testamento não fornece detalhes claros sobre palácios na terra de Israel. Por exemplo, havia o palácio do rei Davi ([2Sm 11.2,9](#)), o palácio de Tirza ([1Rs 16.18](#)) e o palácio de Acabe em Jizreel ([21.1](#)).

Mesmo a descrição do palácio de Salomão em Jerusalém não é muito clara. Em [1 Reis 7.1-12](#), a construção de edifícios públicos e privados próximos ao templo durou 13 anos. Salomão usou os melhores materiais. No entanto, a Bíblia não fornece detalhes suficientes para descrever completamente esses edifícios.

Os edifícios incluíam a Casa da Floresta do Líbano, o Pórtico das Colunas, o Pórtico do Trono, o palácio de Salomão para sua esposa egípcia e o palácio real. Não sabemos exatamente como esses edifícios eram organizados. Todos eram cercados por um grande pátio feito de pedras cortadas e madeira de cedro.

Trabalho forçado na construção de palácios

O trabalho forçado era comum no antigo Oriente Próximo. O profeta Samuel advertiu que o rei de Israel usasse esse sistema ([1Sm 8.12-17](#)). Isso ocorreu durante o reinado de Salomão. Salomão utilizou trabalho forçado para seus grandes projetos de construção, incluindo seu palácio.

Salomão recrutou trabalhadores de todo Israel. Esse sistema deixou muitas pessoas insatisfeitas, levando Jeroboão a liderar uma revolta ([1Rs 12.4,16](#)).

Mais tarde, reis também usaram trabalho forçado. O Rei Asa o utilizou ([15.22](#)). Isso ainda acontecia na época do profeta Jeremias ([Jr 22.13](#)). Em contraste, os construtores que trabalharam com Neemias eram voluntários (veja [Ne 3.5](#)).

O templo

Um dos edifícios mais importantes de Salomão foi o templo. Ele ficava dentro de um pátio chamado pátio interno ([1Rs 6.36](#)). Um pátio maior, chamado "grande pátio", cercava tanto o templo quanto o palácio ([7.12](#)). O próprio palácio tinha seu próprio pátio interno (versículo [8](#)). A parede norte do pátio interno do palácio estava ao lado do pátio interno do templo. Isso significa que o palácio do rei estava muito próximo ao templo. O rei podia facilmente se mover de seu pátio para o pátio do Senhor.

O trono do rei e o poder real

A entronização (quando ele se tornou rei) ocorreu no palácio, em um local chamado Pórtico do Trono ([1Rs 1.46](#); [2Rs 11.19](#)). Sentar-se no trono indicava que o rei agora possuía poder real ([1Rs 16.11](#); [2Rs 13.13](#)). O trono de Salomão no palácio tornou-se um símbolo desse poder. No entanto, as pessoas ainda o chamavam de trono de Davi ([1Rs 2.24,45](#); [Is 9.7](#)). Isso era para mostrar a conexão com seu pai.

O trono de Salomão era famoso. Era conhecido como uma das maravilhas do mundo ([1Rs 10.18-20](#)). Líderes importantes vinham e lhe prestavam honra enquanto estavam ao redor de seu trono ([1.47](#)).

Vida no palácio real

As filhas do rei viviam no palácio sob os cuidados das mulheres até se casarem ([2Sm 13.7](#)). Elas usavam um vestido distinto (versículos [18-19](#)).

Os filhos do rei também viviam no palácio. Enfermeiras cuidavam deles quando eram jovens ([2Rs 11.2](#)). Homens importantes da cidade os ensinavam ([10.1,6-7](#)). Quando os filhos eram mais velhos, serviam na corte real ([2Sm 8.18](#); [1Cr 18.17](#)). Mais tarde, viviam por conta própria e o rei lhes dava o que precisavam ([2Cr 21.3](#)).

Alguns filhos, como Amnom e Absalão, viviam fora do palácio. Amnom tinha sua própria casa ([2Sm 13.5](#)). Absalão tinha uma casa, terras e animais ([13.20,23](#); [14.24,30](#)).

A família real estava cercada por oficiais do palácio ([1Rs 10.4-5](#)). Esses oficiais eram chamados de servos do rei. Alguns tinham permissão para "ver o rosto do rei", o que significava que podiam entrar em sua presença ([2Sm 14.24,28,32](#)). Outros ficavam diante do rei ([1Sm 16.21-22](#); [Jr 52.12](#)). Ser convidado para comer à mesa do rei era uma grande honra ([2Sm 9.7,13](#)).

Palavra, Palavra De Deus, Palavras De Deus

Uma “palavra” é uma expressão que comunica. No nível da comunicação humana, “palavras” geralmente se referem à expressão verbal. Quando Deus “falou” ao longo dos séculos, no entanto, ele se comunicou de várias maneiras ([Hb 1.1](#)), terminando nesse epítome de toda expressão divina, Jesus Cristo, seu Filho.

A importância das palavras

Em uma sociedade principalmente não literária, a confiabilidade da palavra falada era muito importante na lei, comércio, religião, casamento e reputação. Recibos, acordos e registros tinham pouca utilidade. A integridade pessoal e a fala sincera eram essenciais para a comunicação e, para a maioria das pessoas, para a autoexpressão e relacionamentos estáveis. As palavras de poetas, profetas, contadores de histórias e instrutores eram cautelosamente preservadas.

As palavras eram diligentemente testadas. Palavras tolas, lisonja, engano, palavras de sedução, mentiras, rumor, escândalo e fala blasfema eram todas reconhecidas como malignas. O juramento tinha que ser inviolável nos assuntos mercantil, judiciais e cívicos. A bênção falada tinha poder dentro de si mesma e não poderia ser retirada ([Gn 27.30-38](#); [Mt 10.12-13](#)); assim também o voto ([Jz 11.34-35](#)) e a maldição ([Gn 27.12-13](#)). Igualmente poderosa era a palavra de comando — de autoridade sacerdotal, judicial ou real ([Ec 8.4](#)).

Esta estimativa de palavras humanas permanece no NT. A palavra revela o eu interior, e assim toda palavra negligente, dolorosa e enganosa será julgada ([Mt 12.34-37](#); [5.22](#)), assim como blasfêmia ([Lc 12.10](#)). Paulo ([Ef 4.29](#); [5.4](#)) e Tiago ([Tg 3.1-12](#)) preservam esta reverência hebraica pela palavra falada.

As Palavras de Deus

A palavra falada de Deus foi preservada nas Escrituras. Sua palavra veio através dos profetas ([1Rs 12.22](#); [1Cr 17.3](#); cf. [Lc 3.2](#)), que falaram e agiram “pela palavra do Senhor”. Sua palavra também veio na lei, que Deus “falou” no Sinai ([Ex 20.1](#)); portanto, “estatutos”, “mandamentos” e “preceitos” são sinônimos para a “palavra” de Deus (p. ex., [Sl 119](#)).

Períodos em que nenhuma comunicação divina veio, foi caracterizada de “fome” ([1Sm 3.1](#); [Am 8.11](#)). Misturadas com advertências e injunções estavam promessas divinas. Todas as palavras de Deus eram confiáveis ([Js 31.2](#)), firmemente fixadas no céu ([Sl 119.89](#); [Is 40.8](#)), e apoiadas por juramento divino ([Jr 1.12](#); [Sl 110.4](#); [Ez 12.25.28](#)). Uma palavra, expressando a mente divina, não era ameaçadora ou opressiva; era um prazer, esperança, alegria e proteção contra o pecado ([Sl 1.119](#); [Jr 15.16](#)). Os homens podem viver por ela ([Dt 8.3](#); [Mt 4.4](#)).

A palavra de Deus tem poder para realizar sua vontade. Não retornará para ele “vazia”, mas realizará aquilo que ele propõe ([Is 55.11](#)). Por sua fala somente, Deus criou o mundo, e sua palavra o sustenta ([Gn 1](#); [Sl 33.6](#); cf. [Hb 1.2](#); [11.3](#); [2Pe 3.5](#)). Eventualmente, esta revelação divina foi colocada em escrita, o que torna a Bíblia também “a palavra de Deus” ([Mc 7.13](#); cf. [Lc 16.29-31](#); [Jo 5.39](#)).

Jesus falou a palavra de Deus. Ele era “poderoso em palavra” ([Lc 24.19](#)); ele ensinava com autoridade ([Mc 1.22.27](#)), exercendo poder sobre o mar, doenças, demônios e morte ([Mt 8.8.13](#)). Sua “palavra do reino” é a semente viva, que, plantada no bom solo dos corações receptivos, produz fruto para Deus ([Mt 13.19](#); [Mc 4.14](#)). A palavra que Cristo dá aos seus discípulos os purifica e os liberta ([Jo 8.31](#); [12.48](#); [15.3](#); [17.14](#)). A palavra de fé que a igreja prega ([Rm 10.8-9.17](#)) é descrita de várias maneiras como a palavra de salvação, a palavra da graça, a palavra de reconciliação, a palavra do evangelho, a palavra de justiça e a palavra da vida.

A Palavra de Deus

Deliberadamente lembrando de [Gênesis 1](#), o escritor do Evangelho, João, chamou o Filho de Deus de “a Palavra”. Como a Palavra, o Filho de Deus transmite e comunica plenamente a Deus. O termo grego é *logos*; era usado de duas maneiras pelos gregos. A palavra pode ser pensada como permanecendo dentro de uma pessoa, quando denotava seu pensamento ou razão. Ou pode se referir à palavra que sai de uma pessoa, quando denotava a expressão de seu pensamento, isto é, fala. Como um termo filosófico, o *logos* denotava o princípio do universo, até mesmo a energia criativa que gerou o universo. Tanto na concepção judaica quanto no grego, o *logos* estava associado com a ideia de começos — o mundo começou através da originação e instrumentalidade da Palavra ([Gn 1.3ss.](#), onde a expressão “Deus disse” é usada repetidamente). João pode ter tido essas ideias em

mente, mas provavelmente ele originou um novo termo para identificar o Filho de Deus como a expressão divina em forma humana ([Jo 1.14](#)). Ele é a imagem do Deus invisível ([Cl 1.15](#)), a imagem expressa da substância de Deus ([Hb 1.3](#)). Na Divindade, o Filho funciona como o revelador de Deus e a realidade de Deus, que é um tema central em todo o Evangelho de João. João usou um título semelhante em sua primeira epístola: "a Palavra da vida" ([1Jo 1.1-3](#)). E em [Apocalipse 19.11-16](#), Jesus é apresentado como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, que tem um nome nele: "a Palavra de Deus".

Ver também Bíblia; João, Evangelho de; Logos; Apocalipse.

Palestina

Palavra presente em algumas traduções, como a KJV, para se referir a um país localizado ao longo da costa sudoeste de Canaã, em [Êxodo 15.14](#) e [Isaías 14.29-31](#).

Veja Filístia, filisteus.

Palestina

Um país na costa leste do Mar Mediterrâneo, também conhecido como Canaã e Israel nos tempos antigos.

A Palestina está na extremidade ocidental de uma faixa curva de terras agrícolas férteis chamada "Crescente Fértil". Esta terra fértil se estendia do Golfo Pérsico, passando pela Mesopotâmia e Síria, até o Egito. O solo lá era excelente para o cultivo de plantas.

A localização da Palestina a tornava extremamente importante nos tempos antigos. Ela servia como uma ponte natural de terra entre dois grandes centros culturais antigos: Mesopotâmia e Egito. Além disso, conectava os continentes da Ásia, África e Europa.

Muitas rotas comerciais passavam pela Palestina. Comerciantes usavam essas rotas para transportar mercadorias de lugares distantes, como o norte da Europa, Índia e sul do Egito. Essas mesmas estradas foram posteriormente usadas por exércitos que queriam conquistar a região e sua riqueza.

Esta terra foi muito importante na história religiosa. De acordo com a Bíblia, Deus prometeu

esta terra a Abraão e seus descendentes. Tornou-se a pátria do povo judeu, e muitos eventos bíblicos ocorreram lá. Hoje, a Palestina é sagrada para três grandes religiões mundiais: judaísmo, cristianismo e islamismo.

A Palestina possui muitos tipos diferentes de terra e clima em uma pequena área. Em apenas 241,4 quilômetros, é possível encontrar quase todos os tipos de ambiente na Terra:

- Planícies férteis adequadas para a agricultura
- Desertos de areia
- Áreas de rochas
- Florestas
- Montanhas
- Lagos
- Rios

Esses diferentes ambientes criam fortes contrastes. No norte, o Monte Hermom é tão alto (2.773,7 metros) que sempre tem neve em seu pico. Cerca de 160,9 quilômetros de distância, o Mar Morto está em um vale quente. Este é o ponto mais baixo na superfície da Terra.

Resumo

- Nome
- Território
- Clima
- Geografia

Nome

Esta terra teve muitos nomes diferentes ao longo de sua história. A maioria dos comerciantes estrangeiros conheceu a área pela primeira vez através de sua região costeira. Provavelmente é por isso que toda a terra foi inicialmente chamada de Canaã e, mais tarde, Palestina (nomeada em homenagem a uma região chamada Filístia).

De acordo com o registro bíblico dos povos antigos (a Tabela das Nações), a terra de Canaã se estendia de Sidom no norte até Gerar e Gaza no sul e leste até as Cidades da Planície ([Gn 10.19](#)). A primeira vez que a Bíblia usa "Canaã" como nome para esta região é em [Gênesis 11.31](#).

Depois que os israelitas tomaram o controle de Canaã, as pessoas começaram a chamá-la de terra de Israel ([1Sm 13.19](#); [1Cr 22.2](#)). Então, por volta de 930 a.C., durante o reinado do Rei Roboão, a terra se dividiu em dois reinos:

- O reino do norte manteve o nome de Israel.
- O reino do sul era chamado Judá (mais tarde conhecido como Judeia).

Território

A Bíblia descreve pela primeira vez o tamanho da Palestina na promessa de Deus a Abraão e seus descendentes ([Gn 15.18-21](#)). As fronteiras se estendiam do Rio do Egito (Wadi el-Arish) no sudoeste até o Rio Eufrates no nordeste. Esta área era o lar de dez grupos de pessoas:

1. Queneus
2. Quenezeus
3. Cadmonitas
4. Hititas
5. Perizeus
6. Refains
7. Os amorreus
8. Cananeus
9. Grgaseus
10. Jebuseus.

Em [Gênesis 17.8](#), toda a área é simplesmente chamada de "toda a terra de Canaã".

Deus deu a Moisés instruções mais específicas sobre as fronteiras da terra onde Israel viveria ([Nm 34.1-12](#)). A fronteira sul se estendia desde o Rio do Egito, ao sul de Cades-Barneia, e seguia pelo deserto de Zin até a ponta sul do Mar Morto. A fronteira oeste era o Mar Mediterrâneo. A fronteira norte ficava perto da entrada de Hamate, e o Rio Jordão e o Mar Morto marcavam a fronteira leste.

A maior área que a Terra Prometida já ocupou é descrita em [Êxodo 23.31](#). Deus disse a Moisés que estabeleceria as fronteiras de Israel do Mar Vermelho ao Mar Mediterrâneo e do deserto ao Rio Eufrates.

Durante o período inicial em que os juízes lideravam Israel, e mais tarde quando Saul era rei, os israelitas não controlavam toda a terra que havia

sido dada às suas tribos sob a liderança de Josué. Isso mudou durante o reinado de dois reis posteriores, Davi e Salomão.

O Rei Davi usou o poder militar para expandir as fronteiras de Israel. Ele derrotou o Rei Hadadezer de Zobá, estendendo a fronteira norte até o Rio Eufrates. Ele venceu batalhas contra a Síria, Amom, Moabe, Edom e Amaleque. Davi ampliou o reino para o leste e sul ([2Sm 8.1-14](#); [1Cr 18.1-13](#)).

O Rei Salomão utilizou diplomacia pacífica para manter e expandir o reino. Ele possuía navios de comércio em Eziom-Geber, no Golfo de Ácaba, e iniciou operações de mineração de cobre naquela região.

Clima

A Palestina possui muitos tipos diferentes de clima em uma área pequena. Ela tem mais tipos de clima do que qualquer outro lugar de tamanho similar no mundo. O clima é geralmente ameno, mas varia em diferentes partes do país.

Em Jerusalém, as temperaturas podem variar de -3,3°C a 41,6°C. A área recebe cerca de 50,8 centímetros de chuva por ano. A planície costeira é mais quente e úmida durante todo o ano. Na cidade de Jope, a temperatura média é de 19,4°C. O Vale do Jordão, perto do Mar Morto, é subtropical, com temperaturas de verão chegando a até 48,8°C.

A precipitação é sazonal, com a maior parte da chuva caindo durante os meses mais frios, de outubro a abril. O resto do ano é geralmente seco. Isso acontece porque ventos úmidos sopram do oeste. Quando esses ventos chegam à terra mais fria, eles liberam sua umidade como chuva. Ventos úmidos do oeste trazem chuva sobre a terra mais fria, semelhante ao efeito de neve "lake effect" visto perto dos Grandes Lagos nos Estados Unidos. A Bíblia menciona dois períodos chuvosos ([Jr 5.24](#); [Il 2.23](#)):

- A "chuva anterior" ocorre em outubro e novembro
- A "chuva tardia" ocorre de março a abril

Diferentes áreas recebem quantidades variadas de chuva a cada ano. A área costeira recebe aproximadamente 71,1 centímetros de chuva anualmente. A média geral do país varia de 55,9 a 70 centímetros.

Geografia

A Palestina pode ser dividida em cinco regiões principais que se estendem de norte a sul:

1. A Planície Marítima ou Costeira é a terra ao longo do Mar Mediterrâneo
2. A Sefelá, uma região de colinas baixas
3. O Planalto Ocidental ou Região Montanhosa é um alto planalto de montanhas e colinas
4. O Vale do Jordão, um vale profundo (também chamado de Arabá)
5. O Planalto Oriental, a terra elevada a leste do Rio Jordão (também chamado de Transjordânia)

A Planície Marítima ou Costeira

A Planície Costeira pode ser dividida em três áreas de sul a norte: a planície da Filístia, a planície de Sarom e a planície de Acre.

1. A planície da Filístia se estende do Wadi el-Arish (também chamado de Rio do Egito) no sul até cerca de 8 quilômetros ao norte de Jope. Ela tem cerca de 112 quilômetros de comprimento e é mais larga perto de Gaza, medindo 48 quilômetros de largura. Esta planície, em sua maioria fértil, era ideal para o cultivo de grãos.
2. A planície de Sarom está localizada ao norte da planície dos filisteus. Provavelmente estava sob o controle dos filisteus. O Antigo Testamento a reconhece como separada das terras dos filisteus (veja [Ct 2.1](#); [Is 65.10](#)). Esta planície se estende ao norte até o Monte Carmelo e inclui as cidades de Dor e Cesareia.
3. A planície de Acre começa além do Monte Carmelo, perto da cidade de Ptolemaida (também conhecida como Acre ou Acco), mencionada em [Atos 21.7](#) e [Juízes 1.31](#). Esta estreita planície se estende por cerca de 32 quilômetros até a Escada de Tiro (Ras en-Nakurah). O rio Quisom ([Jz 4.7.13](#); [1Rs 18.40](#)) flui por esta área.

A Sefelá

A Sefelá é uma região situada entre a baixa planície costeira e os planaltos do Planalto Ocidental. Sua elevação varia de aproximadamente 152 a 304 metros e tem apenas alguns quilômetros de largura. Estende-se do vale de Ajalom até Berseba. Os vales na Sefelá eram ideais para o cultivo de grãos, enquanto as colinas eram adequadas para vinhedos e oliveiras. Esta área era estrategicamente importante porque fornecia acesso a Jerusalém.

O Planalto Ocidental ou a Região Montanhosa

O Planalto Ocidental ou Região Montanhosa eleva-se a uma altitude entre 304 e 609 metros. Estende-se por cerca de 241 quilômetros do Líbano no norte até Berseba no sul. Esta região pode ser dividida em três partes: Galileia, Samaria e Judeia.

1. **Galileia** é dividida em *Alta Galileia*, com elevações de 609 a 1.220 metros, e *Baixa Galileia*, abaixo de 609 metros. Era uma região principalmente utilizada para agricultura e suscetível a invasões. Sua localização fez de Galileia uma área diversa e culturalmente mista, referida como "Galileia das nações" em [Isaías 9.1](#).
2. **Samaria** era outra área adequada para o cultivo de safras e criação de gado. Os irmãos de José estavam pastoreando suas ovelhas na planície de Dotã quando conspiraram contra ele ([Gn 37.17](#)).
3. **Judeia** está entre 609 e 1.066 metros acima do nível do mar e se estende por cerca de 96 quilômetros de Betel a Berseba. Jerusalém, localizada na Judeia, está a 808 metros. Cercada por montanhas e vales, Jerusalém possuía defesas naturais ([Salmo 125.2](#)). Jerusalém tornou-se o centro religioso e capital de Israel quando Davi transferiu a Arca da Aliança para lá. Conforme profetizado, Jerusalém tornou-se o centro de adoração quando Salomão construiu o templo, um dos edifícios mais impressionantes da época.

O Vale do Jordão ou a Arabá

O Vale do Jordão (também chamado de Arabá) possui tanto os pontos mais altos quanto os mais baixos da Palestina. O Monte Hermom, com 2.793 metros, é o ponto mais alto. A superfície do Mar Morto está a 395 metros abaixo do nível do mar. Seu ponto mais profundo desce mais 396 metros.

1. O Norte de Arabá (ou Vale do Alto Jordão) é onde o Rio Jordão começa perto do Monte Hermom. O rio tem quatro fontes diferentes. Ele flui através do antigo Lago Huleh (agora parcialmente drenado e transformado em um refúgio de vida selvagem). A Ponte das Filhas de Jacó, que cruza o Jordão na estrada para Damasco, está localizada a 3,2 quilômetros abaixo de Huleh. O rio então passa por um desfiladeiro de 365 metros.
2. O Mar da Galileia está localizado a cerca de 16 quilômetros do Lago Huleh. Ele está a uma elevação de menos 208 metros. Ele se estende por 24 quilômetros de comprimento e 13 quilômetros de largura, com uma profundidade máxima de 228 metros. Sua forma inspirou seu nome no Antigo Testamento, Quinerete, que significa "harpa" ([Nm 34.11](#); [Js 13.27](#)). No Novo Testamento, era chamado de Lago de Genesaré ([Lc 5.1](#)) e Mar de Tiberíades ([Jo 6.1](#); [21.1](#)).

3. O Médio Arabá (ou Ghor) contém o Rio Jordão. O nome Jordão significa "descendente". O Rio Jordão cobre cerca de 96 quilômetros em linha reta do Mar da Galileia até o Mar Morto. Esta parte do curso do rio desce mais de 182 metros, fluindo em uma série de curvas acentuadas em zigue-zague. O comprimento real do rio é de 321 quilômetros.

Este trecho do Vale do Jordão é conhecido como Ghor ou Rift. O Rio Yarmuk entra no Jordão pelo leste a 9,7 quilômetros abaixo do Mar da Galileia. Alguns riachos menores desaguam no Jordão, mas o outro rio importante é o Jaboque ([Gn 32.22](#)). O Ghor, logo ao sul do Mar da Galileia, tem cerca de 6,4 quilômetros de largura. Perto de Bete-Seã, atinge 11 quilômetros de largura. Além disso, por cerca de 24 quilômetros, as montanhas estão próximas ao rio, tornando o vale de 3,2 a 4,8 quilômetros de largura. Perto de Jericó, ele se expande para cerca de 19 quilômetros de largura.

4. O Mar Morto é uma região única. É o ponto mais profundo da Terra. O Mar Morto também é conhecido como o "Mar de Sal" ([Gn 14.3](#); [Nm 34.12](#); [Js 12.3](#)) ou o "Mar de Arabá" ([Js 12.3](#)). Josefo o chama de "Lago Asfaltite". Ele tem 74 quilômetros de comprimento, 16 quilômetros de largura e 396 metros de profundidade. Com um teor mineral de cerca de 25 por cento, é um depósito químico valioso. O Mar Morto recebe água do Jordão e de outros riachos, como o Rio Arnom no leste. Grande parte do escoamento das chuvas sazonais também se acumula no Mar Morto. As temperaturas de verão podem chegar a 48,8°C, com umidade extrema. O mar experimenta de 5,4 a 7,3 milhões de toneladas métricas (6 a 8 milhões de toneladas) de evaporação diária.

5. O sul de Arabá é uma região predominantemente árida. Estende-se do Mar Morto até o Golfo de Ácaba, abrangendo 241 quilômetros. O Arabá se eleva de seu ponto mais baixo, o Mar Morto, até seu ponto mais alto, uma divisória de águas a oeste de Petra. Portos como Elate (moderna Eilat) e Eziom-Geber estavam localizados em sua extremidade sul.

O Planalto Oriental ou Transjordânia

O Planalto Oriental (ou Transjordânia) não fazia parte da terra Prometida. As tribos de Rúben, Gade e metade de Manassés reivindicaram essa região. Tinha melhores recursos hídricos do que o Planalto Ocidental, com riachos permanentes como o Yarmuk, Jaboque e Arnom. A Estrada do Rei, uma rota chave de norte a sul, passava por essa região. É mencionada na jornada dos israelitas durante o Êxodo ([Nm 21.22](#)). Provavelmente também foi a rota tomada pelos reis invasores de [Gênesis 14](#).

A seção norte de Transjordânia era conhecida como Basã. Era famosa por seu gado e carvalhos ([Sl 22.12](#); [Ez 39.18](#); [Is 2.13](#); [Zc 11.2](#)).

Gileade era uma área a leste do Rio Jordão, bem conhecida nos tempos antigos por produzir um remédio curativo chamado bálsamo ([Gn 37.25](#); [Ir 8.22](#)). A Bíblia menciona Gileade muitas vezes (por exemplo, em [Dt 3.10-16](#) e [Jz 11](#)). A região de Gileade se estendia do Rio Yarmuk até Hesbom. No tempo de Davi, era coberta por densas florestas ([2Sm 18.8](#)).

Na Palestina propriamente dita, duas áreas são especialmente importantes:

1. A Planície de Esdrelon era conhecida por suas terras férteis e batalhas históricas. Esta planície fica entre a Galileia e Samaria. É frequentemente associada ao Armagedom e era protegida por cidades fortificadas como Megido, Ibleão e Taanaque. No Antigo Testamento, o Vale de Jezreel era considerado separado de Esdrelon. Na extremidade oriental estava a fortaleza de Bete-Seã.

2. No extremo sul da Palestina, há uma área desértica chamada Neguebe (também conhecida como o País do Sul). Esta região se estende de Berseba até Cades-Barneia. Não chove com frequência, o que torna difícil o cultivo. No entanto, a região tem sido usada há muito tempo principalmente por pastores nômades que se deslocam com seus animais.

Veja Arabá; Conquista e distribuição da Terra; Mar Morto; Decápolis; Mar da Galileia; Rio Jordão; Neguebe; Sefelá; Transjordânia.

Palha

Cascas soltas separadas dos grãos comestíveis pela debulha e joeiramento. Nos tempos bíblicos, o grão joeirado era uma visão comum. O vento soprava as cascas mais leves, deixando apenas o grão. Isso deu origem a uma forte metáfora. Simbolizava que pessoas ou nações boas sobreviveriam ao julgamento, mas os ímpios não. Assim, por exemplo, os pecadores “são como a palha levada pelo vento” ([Sl 1.4](#)).

O profeta Isaías disse dos assírios: “O que vocês inventam vale menos do que a palha; o que vocês planejam é tão sem valor como o lixo” ([Is 33.11](#)). No sonho de Nabucodonosor, as nações do mundo colapsam e são como a palha das eiras de verão antes da vitória do reino vindouro de Deus ([Dn 2.35](#)).

No Novo Testamento, é dito que o Messias vindouro “ajuntará seu trigo no celeiro; mas queimarará a palha com fogo inextinguível” ([Mt 3.12](#)).

Palmeira, Tamareira

A palmeira mencionada na Bíblia é certamente a tamareira (*Phoenix dactylifera*). Em uma época, essa árvore era tão comum em Israel e nas áreas circundantes quanto ainda é hoje no Egito. A tamareira possui um tronco sem ramos que afina à medida que cresce para cima, alcançando alturas de até 24 metros ou mais. No topo, há um grande aglomerado de folhas penugentas, cada uma com 1,8 a 2,7 metros ou mais de comprimento.

Devido à sua altura e forma incomum, as pessoas naturalmente a utilizavam como elemento decorativo na arquitetura oriental. O tronco e as folhas eram temas favoritos para decoração arquitetônica. As enormes folhas em forma de ramos eram símbolos de vitória e eram usadas durante tempos de grande celebração ([Jo 12.13](#); [Ap 7.9](#)).

As pessoas ainda utilizam as folhas grandes para cobrir os telhados e as laterais das casas, além de fortalecer cercas de juncos. Elas fazem tapetes, cestos e até pratos com essas folhas. As folhas pequenas são usadas como espanadores, e a madeira do tronco é utilizada na construção. As pessoas fazem cordas com o material semelhante a teia encontrado na copa da árvore.

A fruta cresce em um enorme cacho pendente que pode pesar de 13,6 a 22,7 quilogramas. As tâmaras são o principal alimento para muitos povos nativos da Arábia e do Norte da África. Uma única árvore pode produzir até 90,7 quilogramas de tâmaras por ano. As tâmaras podem ser secas para uso futuro.

Palmeiras, Cidade de

Designação para Jericó em [Deuteronômio 34.3](#) e [2 Crônicas 28.15](#). Veja Jericó.

Palmo

Uma medida de comprimento igual a um sexto de um côvado ou pouco menos de 7,6 centímetros (três polegadas) de comprimento. Os dedos, até quatro ([Jr 52.21](#)), formavam a "grossura da mão"; três desses formavam um palmo ([Êxodo 28.16](#)).

Veja Pesos e medidas.

Palmo

Uma medida de mão equivalente a meio côvado ([Êx 28.16](#); [39.9](#)).

Veja Pesos e medidas.

Palti

1. Um dos 12 espiões que Moisés enviou para explorar a terra de Canaã antes da conquista israelita. Palti representou a tribo de Benjamim ([Nm 13.9](#)).
2. Um filho de Laís, a quem o rei Saul deu Mical, sua filha e esposa de Davi. Isso foi após a ruptura entre Saul e Davi ([1Sm 25.44](#)). Isbósete recuperou Mical de Palti e a devolveu a Davi ([2Sm 3.15](#); aqui chamado "Paltiel").

Paltiel

1. Um filho de Azã e líder da tribo de Issacar ([Nm 34.26](#)). Eleazar e Josué o escolheram para ajudar na distribuição da terra a oeste do rio Jordão entre as dez tribos a quem foi dada.
2. Outro nome para Palti, um filho de Laís ([2Sm 3.15](#)).
Veja Palti #2.

Palu, Paluíta

O filho de Rúben, pai de Eliabe ([Gn 46.9](#); [Êx 6.14](#); [Nm 26.8](#); [1Cr 5.3](#)). O fundador da família Paluíta ([Nm 26.5](#)).

Panfília

Região costeira no sul da Ásia Menor (Turquia) que se estende por 128 quilômetros de Lícia a oeste até Cilícia a leste, e cerca de 32 quilômetros de largura da costa até as Montanhas Taurus. Sendo pouco mais do que uma estreita planície costeira com um clima desagradavelmente quente e úmido, esta província produziu poucas cidades importantes. Isso, combinado com sua inacessibilidade geral — localizada no extremo norte da baía de Adalia e separada do restante do interior da Ásia por uma cadeia de montanhas acidentada — fez dela um refúgio para piratas. Em 102 a.C., o senado romano estabeleceu estações de patrulha nas costas da Panfília e da Cilícia ocidental para policiar a área,

mas nenhum controle efetivo foi estabelecido até 67 a.C., quando Pompeu recebeu recursos ilimitados para limpar o Mediterrâneo.

Evidentemente, havia uma população judaica na província, pois Lucas menciona Panfília entre os 15 países de onde os judeus vieram a Jerusalém para a festa de Pentecostes ([At 2.10](#)). Alguns argumentaram que Panfília não poderia ter tido um número significativo de cristãos porque ela e Lícia não são mencionadas em [1 Pedro 1.1](#), que parece resumir toda a Ásia Menor. Esse argumento não é convincente, no entanto, porque a data da escrita de 1 Pedro não é conhecida, e se foi escrita durante o período de 43 a 74 d.C., quando Panfília era considerada parte da Galácia, Panfília poderia ter sido incluída nessa designação. Pedro também pode ter considerado Lícia na designação ampla de Galácia, pois sua introdução menciona apenas as maiores divisões políticas da Ásia Menor. No entanto, deve-se notar que Paulo aparentemente teve pouco sucesso na cidade Panfília de Perge, porque não há declaração de oposição a ele lá ou de qualquer conversão sendo feita. Ele não revisitou a província em sua segunda viagem, mesmo que seu plano fosse retornar e visitar os cristãos em cada cidade onde haviam pregado ([At 15.36](#)). Talvez a separação de Paulo de Barnabé tenha sido a razão para isso, e pode ser que Barnabé e João Marcos tenham visitado Panfília após Chipre (vv. [37-41](#)).

Veja também Atalia; Perge.

Pano de saco

O pano de saco era um material áspero, frequentemente feito de pelo de cabra, usado principalmente como símbolo de luto. Alguns profetas e cativos também o utilizavam.

O saco de pano era geralmente escuro e grosseiro ([Is 50.3](#); [Ap 6.12](#)). Existem duas principais opiniões sobre sua forma.

1. O pano de saco era uma vestimenta retangular, costurada nas laterais e em uma extremidade, com aberturas para a cabeça e os braços. Esta forma é semelhante aos sacos de grãos usados pelos irmãos de José ([Gn 42.25-27.35](#)) e aos sacos usados pelos gibeonitas ([Js 9.4](#); compare [Lv 11.32](#));

2. O pano de saco era mais parecido com uma pequena tanga. As práticas hebraicas apoiam isso. Elas incluem cingir os lombos com pano de saco ([2Sm 3.31](#); [Is 15.3](#); [22.12](#); [Jr 4.8](#)) e colocar pano de saco nos lombos ([Gn 37.34](#); [1Rs 20.31](#); [Jr 48.37](#)), embora mais de um tipo de vestimenta pudesse ter sido feita de pano de saco.

O pano de saco estava principalmente associado ao luto ([Gn 37.34](#); [1Rs 21.27](#); [Lm 2.10](#)). Era usado durante crises nacionais ([2Rs 6.30](#); [Ne 9.1](#); [Is 37.1](#); [Jn 3.8](#)) assim como em crises pessoais, que eram momentos para o uso do pano de saco. Era usado por:

- Reis ([1Rs 21.27](#); [2Rs 6.30](#));
- Sacerdotes ([Jl 1.13](#));
- Anciões ([Lm 2.10](#));
- Profetas ([Is 20.2](#); [Zc 13.4](#));
- Gado ([Jn 3.8](#)).

Era usado por aqueles que estavam se arrependendo ([Ne 9.1](#); [Jr 6.26](#); cp. [Mt 11.21](#)). Esta prática não era limitada a Israel ([Is 15.3](#); [Jr 49.3](#); [Ez 27.31](#); [Jn 3.5](#)).

Foi sugerido que a textura áspera do tecido de saco era desconfortável e usada para punir quem o vestia. No entanto, não há evidências que apoiem essa ideia.

Veja também Enterro, Costumes de enterro; Luto.

Pão

Comida feita da massa de farinha ou de grãos moídos.

Tipos de semente usados na fabricação de pão

A Bíblia nos diz que trigo, cevada, centeio, feijão, lentilhas, milhete e maná foram usados para fazer pão.

Trigo

O trigo é mencionado com frequência nas Escrituras (cerca de 48 usos de quatro palavras hebraicas no AT; 14 usos de uma palavra grega no NT). O grão duro do inverno (*Triticum aestivum*) permanece o mais popular entre os fazendeiros da

Palestina, que ainda semeiam no outono e colhem no verão seguinte.

Cevada

A cevada amadurece mais rapidamente e produz mais prolificamente do que o trigo. A praga de granizo no Egito destruiu a colheita de cevada porque havia amadurecido; ao mesmo tempo, trigo e centeio não haviam amadurecido ([Ex 9.31-32](#)). A cevada é mencionada 32 vezes no AT. A cevada produziu uma colheita mesmo em tempo de fome ([Rt 1.22; 2.17.23; 3.2.15.17](#)) e era vendida mais barato do que o trigo ([2Rs 7.1.16](#)). As pessoas mais pobres dependiam da cevada. O menino que contribuiu com seu almoço para Jesus para alimentar 5.000 tinha pão de cevada ([Jo 6.9.13](#)). Os palestinos alimentavam o gado com cevada ([1Rs 4.28](#)). A cevada no talo carrega uma casca maior com um fio longo e fino (assim, o nome em hebraico significa “cabelo longo”), o que dificulta a separação da palha. A maior probabilidade de matéria estranha na farinha, combinada com o sabor menos apreciado, tornava a cevada mais barata.

Centeio

“Centeio” traduz uma palavra hebraica que aparece em várias versões como “vícia”, “ervilhaca” ou “espelta” ([Êx 9.32; Is 28.25; Ez 4.9](#)). Um tipo de capim resistente, produz uma colheita mesmo em solo pobre. O pão de centeio ganhou popularidade no norte da Europa e, em certo grau, no Egito ([Êx 9.32](#)). [Isaías 28.24-28](#) resume o trabalho dos fazendeiros em crescer e debulhar várias colheitas de sementes. Os judeus ocasionalmente faziam pão de centeio ([Ez 4.9](#)), mas normalmente o usavam para a alimentação do gado.

Outras sementes

Feijão, lentilhas e milhete eram moídos e misturados para fazer um pão, juntamente com trigo, cevada e espelta ([Ez 4.9](#)). O profeta Ezequiel comeu esta mistura como um sinal do “pão contaminado” que os judeus comiam em cativeiro entre os gentios.

Maná

[Nm 11.8](#) nos diz que as pessoas moíam o maná em moinhos ou o batiam em um almofariz e o coziam em panelas e faziam pão. No entanto, em seu estado principal, Deus o chamou de pão (veja [Êx 16.4-32](#)). Parecia-se com semente de coentro ([Êx 16.31; Nm 11.7](#)); portanto, os grãos brancos opacos eram

menores do que o trigo. Os hebreus se queixaram de que não tinham pão, e suas almas odiavam “este pão leve” ([Nm 21.5](#), KJV). O salmista o chamou de “o pão dos anjos” ([Sl 78.25](#)).

Equipamento usado na fabricação de pão

As esculturas em baixo-relevo nas tumbas mastabas egípcias representam a maior parte dos utensílios usados nas padarias do antigo Oriente Próximo.

Peneira

Um dispositivo semelhante a um coador de vime ajudava a separar pequenas impurezas do grão.

Pedras de moer

Um par de pedras era moldado para que uma pedra superior fosse virada contra a pedra de fundo, esmagando grãos até se tornarem farinha.

Frascos

Os frascos de barro continham azeite, água e fermento líquido a ser misturado com a farinha para fazer massa ([Lv 2.4; 1Rs 17.12-16](#)).

Tigelas

Tigelas de sovar ([Êx 8.3; 12.34; Dt 28.5.17](#)), tábuas ou mesas feitas de madeira, forneciam espaço para uma mistura completa de ingredientes.

Panelas

Os pobres usavam pedras planas aquecidas ou as paredes internas de seus fornos como assadeiras. A maioria das pessoas usava placas de ferro, pratos ou panelas ([Lv 2.5; 6.21; 7.9; Nm 11.8; 1Cr 9.31; 23.29; 2Cr 35.13; Ez 4.3](#)). Essas eram muitas vezes planas, com alças de até 1,5 metros de comprimento. A massa colocada na chapa estava pronta para o calor.

Fornos

Às vezes os fornos tinham uma câmara separada do fogo, mas geralmente não. Um fogo de madeira, erva seca ([Mt 6.30](#)), ou esterco ([Ez 4.12,15](#)) aquecia o forno ([Lv 2.4; 7.9; 11.35; 26.26; Os 7.4-7](#)). Enquanto as brasas e as paredes do forno retinham seu calor, o prato que carregava o pão era inserido. Bolos sem fermento planos, duros, ou pequenos bolos levedados ([Mt 14.17; Mc 6.38; Lc 9.13](#)) eram feitos em poucos minutos. Grandes pães com cerca de 30 centímetros de diâmetro cresceriam até mais

de 7,6 centímetros de espessura, pesariam aproximadamente 1 quilo e exigiriam cerca de 45 minutos para assar ([1Sm 17.17](#); [2Sm 16.1](#)).

Pão como um símbolo

O pão era muito importante para a vida e a sobrevivência nos tempos bíblicos. Por isso, a Bíblia o utiliza para ensinar verdades espirituais. No Antigo Testamento, os sacerdotes tinham que colocar pães especiais sobre uma mesa no lugar santo, no tabernáculo e, posteriormente, no templo ([Êx 25.30](#)). Esse pão era chamado de "Pão da Presença".

Tanto a lei do Antigo Testamento quanto Jesus ensinam que "nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus" ([Mt 4.4](#); [Dt 8.3](#)). Todos os quatro Evangelhos contam histórias de Jesus multiplicando pães para alimentar grandes multidões ([Mt 14.13-21](#); [Mc 6.30-44](#); [Lc 9.10-17](#); [Jo 6.1-14](#)). Jesus explicou que o verdadeiro "pão da vida" não era o maná que Deus enviou do céu aos israelitas no deserto. Em vez disso, o próprio Jesus é o verdadeiro pão da vida que dá a vida eterna ([Jo 6.28-35](#)).

Antes de sua morte, Jesus tomou o pão e o compartilhou com seus discípulos, juntamente com o vinho. Ele apresentou o pão como símbolo de seu corpo e o vinho como símbolo de seu sangue. Isso porque sua morte seria o sacrifício pelos pecados do mundo. Ao comerem esse pão e beberem esse vinho, os discípulos aceitaram o sacrifício de Jesus por seus pecados ([Mt 26.26-29](#)). Em [Apocalipse 2.17](#), Jesus faz esta misteriosa promessa: "Ao vencedor, eu darei o maná escondido".

Veja também Alimentos e Preparação de Alimentos; Refeições, Significado de; Pão da Presença; Fermento; Pães sem fermento.

Pão ázimo

Um pão feito sem fermento (levedura). Nos tempos antigos, os padeiros usavam um pedaço de massa deixado de uma fornada anterior. Esse pedaço havia fermentado e desenvolvido um certo teor de ácido. Este era o fermento que fazia o pão crescer.

Por ordem de Deus, o pão para a Páscoa judaica deve ser sem fermento. Isso se aplica à maioria das outras observâncias religiosas também ([Êx 12.15-20](#); [23.15](#)). O povo podia usar pão fermentado para propósitos espirituais apenas em certos casos ([Lv 7.13](#); [23.17](#)). Isso se devia ao símbolo do mal que o

fermento representava; a fermentação implicava decadência.

O Novo Testamento fala do fermento de forma negativa, exceto pelo ensinamento de Jesus sobre o reino de Deus ([Mt 13.33](#)).

- Jesus advertiu sobre o fermento dos fariseus e saduceus ([Mt 16.6](#));
- Paulo exortou os crentes a se protegerem contra valores prejudiciais. Eles podem se espalhar como fermento na massa ([1Co 5.6-8](#)).

Veja também Pão; Comida e preparação de alimentos; Fermento.

Pão Da Presença

Pães colocados em uma mesa especial no santuário ou Lugar Santo do tabernáculo e mais tarde no templo. Dois outros termos no AT são usados para descrever o "pão da Presença", que significa pão que foi colocado diante da face do Senhor ([Êx 25.23, 30](#); [35.13](#); [39.36](#); [1Rs 7.48](#); [2Cr 4.19](#)). O termo "pão da proposição" (ARA, ARC, NAA) se refere ao arranjo do pão em fileiras na mesa ([1Cr 9.32](#); [23.29](#); [28.16](#); [2Cr 2.4](#); [13.11](#); [29.18](#)).

Embora a mesa dos pães da proposição, o altar do incenso e o candelabro de ouro não estivessem no Santo dos Santos, eles eram, no entanto, considerados como estando na presença de Deus. Como uma oferta colocada diante da presença de Deus, os pães eram considerados santos e poderiam ser comidos apenas pelos sacerdotes. Mais tarde na história de Israel, a provisão para oferecer o pão da Presença, bem como outros serviços do templo foi financiada por um imposto de um terço de siclos sobre todos os cidadãos ([Ne 10.32-33](#)).

O pão da Presença consistia em 12 pães muito grandes, cada um feito de um quinto de medida de farinha fina. Uma vez que uma medida era pouco mais de um alqueire, dois alqueires e meio (30,3 litros) de trigo finamente moído eram necessários para fazer os 12 pães. Eles foram polvilhados com incenso, dispostos em duas fileiras, uma apoiada na outra, e colocados na mesa dos pães da proposição ([Lv 24.5-9](#)). Organizado dessa maneira, o pão se tornou uma "oferta de comida" ao Senhor. Os pães eram trocados semanalmente no dia de sábado.

O pão da Presença é apresentado em um incidente lembrado no NT. O tabernáculo estava em Nobe quando Davi estava fugindo da presença do rei Saul. Davi foi até Aimeleque, o sacerdote, em busca de comida ([1Sm 21.1–6](#)). Aimeleque tinha apenas os pães da proposição, que ele concordou em compartilhar com os homens de Davi, desde que eles tivessem sido sexualmente continente por um período antes de sua comida. Jesus mais tarde se referiu ao incidente como um paralelo ao seu próprio ministério de suprir as necessidades daqueles que o seguiram ([Mt 12.1–8](#); [Mc 2.25–26](#); [Lc 6.1–5](#)). Como ungido de Deus, Davi e seus homens tiveram permissão para comer o pão santo. Da mesma forma Jesus, o ungido de Deus, proveu para as necessidades dos outros, apesar dos regulamentos do sábado.

Ver também Tabernáculo; Templo.

Papias

Papias foi um líder da igreja primitiva que viveu aproximadamente de 60 a 130 d.C. Ele era de um lugar chamado Hierápolis e escreveu sobre os primeiros dias do cristianismo. Aprendemos sobre Papias a partir de dois outros escritores da igreja primitiva: Eusébio de Cesareia e Irineu de Lyon. Irineu afirmou que Papias ouviu o apóstolo João pregar e conhecia outro líder da igreja chamado Policarpo.

Eusébio mencionou um livro que Papias escreveu chamado *Exposição das sentenças do Senhor*. Neste livro, Papias afirmou que queria registrar histórias verdadeiras sobre o que os apóstolos disseram e fizeram. Ele obteve essas histórias de um líder mais velho da igreja (presbítero). Irineu acreditava que Papias estava se referindo ao apóstolo João. Eusébio pensava que Papias estava falando sobre dois diferentes "Joãos":

- O apóstolo João
- Outro João que era amigo de uma pessoa chamada Aristion.

Papias afirmou que o autor do evangelho de Marcos foi o intérprete de Pedro, chamado Marcos. Embora Marcos nunca tivesse ouvido Cristo falar, ele relatou cuidadosamente tudo o que lembrava da pregação de Pedro. Papias concordou que Mateus escreveu os ditos de Jesus em hebraico. Enquanto Irineu entendeu isso como hebraísmos (idiomas ou expressões hebraicas) no evangelho de Mateus,

Orígenes acreditava que significava que Mateus originalmente escreveu seu evangelho em hebraico.

Os escritos de Papias levaram as pessoas a questionarem sobre:

1. como os evangelhos foram reunidos;
2. se o evangelho de Mateus foi escrito primeiro em hebraico (ou aramaico, uma língua relacionada); e
3. havia dois homens importantes chamados "João" na igreja primitiva.

De acordo com a tradição, Papias foi martirizado por causa de sua fé.

Papiro

Um material de escrita do antigo Egito que vem da planta de papiro. O juncos egípcio ou papiro ([Êx 2.3–5](#); [Jl 8.11](#); [Is 18.2](#); [19.6–7](#); [35.7](#); [58.5](#)) tem caules lisos de três lados. Esses caules geralmente crescem de 2,4 a 3 metros de altura, mas às vezes chegam a 4,9 metros. Na base, os caules têm de 5,1 a 7,6 centímetros de espessura, com uma grande touceira de pequenas flores na extremidade.

O papiro já cresceu em grande abundância ao longo das margens do Rio Nilo, formando o que era quase uma selva densa. Hoje, quase desapareceu do baixo Egito, embora ainda seja encontrado ao longo do Nilo Branco e no Sudão. O papiro ainda cresce em partes de Israel e nas áreas circundantes, especialmente ao redor da extremidade norte da planície da Galileia e nos pântanos de Hula.

As pessoas usavam papiro para fazer pequenos vasos que flutuavam na água ([Êx 2.3](#)), para esteiras e para vários outros propósitos domésticos. No entanto, é mais conhecido como a fonte do papel antigo. Para fazer papel de papiro, os trabalhadores primeiro descascavam os caules da planta e depois os cortavam longitudinalmente em fatias finas. Essas fatias eram colocadas lado a lado. As fatias eram então borrifadas com água e pressionadas juntas para unir-las em uma peça única. A folha era então seca e cortada em pedaços do tamanho necessário. Para obter melhores qualidades de papel de papiro, várias camadas de fatias de caule eram colocadas transversalmente umas sobre as outras.

Os cachos de flores pálidos, cor de fulvo, semelhantes a borlas no topo das hastes, eram

usados para decorar templos egípcios e coroar estátuas de deuses. As pessoas também os usavam como coroas para homens famosos e heróis nacionais.

Veja Escrita.

Papiros elefantinos

Uma série de documentos aramaicos do quinto século a.C. foi descoberta em Elefantina, uma ilha no Rio Nilo. No quinto século a.C., Elefantina era um posto militar da Pérsia. Alguns soldados judeus e suas famílias viviam lá.

Mais de 100 documentos foram encontrados. Eles pertenciam a três grupos: duas coleções familiares e uma coleção comunitária. Muitos dos documentos eram pergaminhos completos que ainda estavam amarrados e selados quando foram encontrados. Havia também muitos papiros quebrados (papel feito de plantas).

Os manuscritos são muito importantes para o estudo do passado. Eles são vários séculos mais antigos do que a maioria dos Rolos do Mar Morto. Eles mostram como os judeus fora de Israel viviam social, política e religiosamente. Existem várias semelhanças com os livros de Esdras e Neemias.

A maioria desses documentos trata de leis. Eles nos ajudam a entender como as leis mudaram ao longo do tempo naquela região do mundo. Os textos também mostram como as pessoas falavam aramaico. Eles abordam a vida cotidiana em uma base militar persa que estava distante da Pérsia.

Antiga Elefantina

Elefantina estava em uma pequena ilha no Rio Nilo, perto de uma grande cachoeira em frente à cidade de Sinim (agora Aswan). A Bíblia provavelmente se refere a essas duas cidades quando menciona "de Migdol a Sinim" ([Ez 29.10; 30.6](#)). Isso significa da borda norte à borda sul do Egito. *Elefantina* vem da versão aramaica de um nome egípcio que significa "cidade dos marfins" e foi traduzido para o grego. Era um local importante na fronteira sul do Egito com a Núbia. Assim, provavelmente foi protegida por muros já em 2700 a.C. e teve um papel significativo na história militar do Egito.

Elefantina também era importante para o comércio. Os barcos não podiam navegar além da cachoeira, então tinham que parar em Elefantina e Sinim. Cada cidade tinha portos com soldados que

protegiam o comércio de marfim, peles de animais, especiarias, minerais, escravos e alimentos. Elefantina também era um centro religioso com um templo dedicado a Khnum, um deus egípcio que controlava as inundações do Nilo.

Descoberta dos papiros

Após a descoberta dos papiros, Elefantina tornou-se importante para os arqueólogos. Eles foram encontrados em três etapas.

O primeiro grupo foi publicado em 1906. Eles foram comprados de comerciantes de antiguidades (pessoas que coletam e vendem achados antigos) e mantidos no Museu do Cairo. Esta publicação levou arqueólogos alemães e franceses a escavarem em Elefantina para descobrir mais papiros.

Os arqueólogos descobriram o grupo Segundo em 1911. Eles foram preservados no Museu de Berlim.

O grupo final de papiros já havia sido encontrado. Em 1893, o estudioso americano C. E. Wilbour comprou papiros de algumas mulheres árabes em Aswan. Quando ele morreu, a filha de Wilbour os doou ao Museu do Brooklyn. Eles foram publicados em 1953.

Todas as outras escavações desde 1912 não encontraram mais papiros.

Colônia judaica

Quando os papiros foram escritos, os judeus já viviam em Elefantina há algum tempo. Os documentos mostram como era a vida na comunidade militar lá. Havia soldados judeus ("homens do regimento") e civis judeus ("homens da cidade"). Os soldados eram organizados em grupos que também desempenhavam papéis sociais e econômicos. Mesmo tendo que seguir regras militares, os soldados tinham muita liberdade. Eles levavam vidas familiares normais, faziam negócios e podiam deixar suas propriedades para seus filhos. Para se casar em Elefantina, tanto a noiva quanto seu pai precisavam concordar. Tanto o marido quanto a esposa podiam terminar o casamento declarando publicamente que "odeiam" a outra pessoa.

O povo judeu em Elefantina tinha seu próprio templo. Eles adoravam o Deus hebreu, a quem chamavam de Yahu (uma forma diferente de Yahweh). Os líderes em Elefantina escreveram cartas para os oficiais em Jerusalém e Samaria.

Não sabemos exatamente quando os judeus chegaram pela primeira vez a Elefantina. Eles

podem ter vindo para o Egito em diferentes momentos, do oitavo século ao início do sexto século a.C.. Um documento afirma que o templo judaico lá foi construído antes dos persas tomarem o Egito (antes de 522 a.C.). Isso significa que o templo foi construído, no máximo, em meados do sexto século a.C..

Judaísmo de Elefantina

O povo judeu em Elefantina tinha seu próprio templo, mesmo que a Bíblia diga que deve haver apenas um templo ([Dt 12.1-11](#)). Os reis Ezequias e Josias haviam recentemente feito mudanças para concentrar toda a adoração em Jerusalém. No entanto, os judeus de Elefantina não pareciam considerar errado ter um templo no Egito. Nenhuma das escavações em Elefantina encontrou o templo judeu, mas os documentos indicam que ele estava voltado para Jerusalém.

Os judeus de Elefantina podem ter visto Jerusalém como o centro do Judaísmo. Em 410 a.C., sacerdotes do deus Khnum destruíram o templo de Elefantina. Os judeus escreveram para Joanã, o sumo sacerdote, e Bagoas, o governador de Judá, pedindo permissão e ajuda para reconstruí-lo (compare [Ne 12.22; 13.28](#)). Eles não obtiveram resposta, talvez porque os líderes em Jerusalém não aprovavam o templo no Egito.

Três anos depois, eles escreveram novamente para Bagoas, Delaías e Selemias, filhos de Sanbalate, governador de Samaria. Desta vez, receberam uma resposta oral, que foi registrada por escrito. A resposta dizia que eles poderiam reconstruir o templo e começar a oferecer grãos e incenso novamente. No entanto, não tinham permissão para oferecer sacrifícios de animais, possivelmente para evitar ofender crenças religiosas egípcias ou persas. Um documento de 402 a.C. menciona o templo de Yahu, sugerindo que ele foi reconstruído.

Os judeus de Elefantina provavelmente trouxeram consigo a religião popular que os profetas haviam criticado fortemente antes do templo de Jerusalém ser destruído. Deus era o mais importante em sua fé, mas eles também adoravam outros deuses de forma menor. Isso é demonstrado por uma lista de oferendas feitas a dois deuses arameus: Eshembethel e Anathbethel. As pessoas em Elefantina geralmente faziam promessas em nome de Yahu, mas às vezes usavam os nomes de uma deusa egípcia, Sati, e de outro deus arameu, Herembethel.

Cartas pediam bênçãos de vários deuses. Além disso, judeus estavam se casando com pessoas não-judaicas, o que era proibido no Antigo Testamento porque poderia levar à adoração de outros deuses ([Ex 34.11-16; Dt 7.1-5](#)). Isso também estava acontecendo em Israel ao mesmo tempo, como vemos nos livros de Esdras e Neemias ([Ed 9.1-10.44; Ne 13.23-28](#)). Crianças dessas uniões mistas em Elefantina frequentemente tinham nomes egípcios.

No entanto, os documentos também mostram que os judeus de Elefantina ainda celebravam festivais judaicos. Em 419 a.C., o rei Dario II ordenou que os judeus em Elefantina celebrassem a Festa dos Pães Ázimos. O documento está fragmentado pouco antes disso, mas provavelmente também lhes instruía a celebrar a Páscoa. Quatro óstracos (pedaços de cerâmica) também mencionam o sábado, mas não nos informam muito sobre como ele era observado em Elefantina

Linguagem dos papiros

A língua aramaica usada nos documentos de Elefantina é muito semelhante ao aramaico da Bíblia. Ambos fazem parte de um tipo de aramaico chamado Aramaico Imperial, que era usado para comunicação internacional e comércio no Império Persa. Os nomes das pessoas ainda eram em hebraico, mas não temos evidências de que o hebraico fosse falado na comunidade. O aramaico era a língua do dia a dia. Não há sinal de que as pessoas discutissem sobre se o hebraico deveria ser usado nas casas judaicas como fizeram com Neemias em Jerusalém ([Ne 13.23-25](#)).

Parã

Região desértica no nordeste da Península do Sinai, a oeste de Arabá (Vale do Rift). O assentamento de Cades-Barneia é seu limite mais ao norte. Alguns estudiosos identificam o grande planalto Et-Tih, no centro do Sinai, como parte deste deserto.

O deserto de Parã é uma vasta e árida extensão de planaltos, montanhas, desfiladeiros e vales secos. A falta de água e vegetação tornava-o um lugar extremamente inóspito, em contraste marcante com a terra que mana leite e mel prometida a Israel.

Este deserto tornou-se o lar de Ismael ([Gn 21.20-21](#)). A nação de Israel acampou lá no caminho do Egito para Canaã ([Nm 10.12; 12.16](#)). De Cades-Barneia, na borda norte do deserto, Moisés enviou

espiões para reconhecer a Terra Prometida ([13.3.26](#)). Diz-se que Davi liderou seu grupo de homens para esta região após a morte de Samuel para se distanciar do Rei Saul ([1Sm 25.1](#)).

Veja também Palestina; Sina, Sinai; Peregrinações no deserto.

Parábola

Uma forma específica de ensino de Jesus nos Evangelhos.

Resumo

- Introdução
- História da interpretação
- O significado de “Parábola”
- O propósito das parábolas
- A razão pela qual Jesus ensinou em parábolas

Introdução

Compreender as parábolas é essencial se alguém quiser entender o ensino de Jesus, uma vez que as parábolas compõem aproximadamente 35% de seus ditos registrados. Em nenhum momento a vitalidade, relevância e adequação de seu ensino são tão claras quanto elas são em suas parábolas. Embora a forma de parábola não seja exclusiva de Jesus, ele certamente era um mestre em usar parábolas como uma maneira de ensinar. As parábolas não são meras ilustrações para a pregação de Jesus; elas são a pregação, pelo menos em grande medida. Nem são histórias simples; elas foram verdadeiramente descritas como “obras de arte” e “armas de guerra”. Interpretar as parábolas não é uma tarefa tão fácil quanto se possa pensar. A maneira como alguém entende a natureza de uma parábola e a essência da mensagem de Jesus, obviamente, determinará o método e o conteúdo de sua interpretação.

História da interpretação

Uma grande quantidade de ideias pode ser obtida ao observar o tratamento que as parábolas receberam ao longo dos séculos. Não surpreendentemente, elas foram submetidas a abordagens radicalmente diferentes. Mas as perguntas que estão por trás de todas as interpretações são estas: (1) Quanto da parábola é realmente significativo — todos os detalhes ou apenas um ponto? (2) Qual é o significado da

parábola no ensino de Jesus? (3) Qual é a relevância da parábola para o intérprete?

A abordagem da alegorização

Do segundo século até o presente, muitas pessoas alegorizaram as parábolas. Enfaticamente disseram que cada detalhe no relato é significativo e o significado e relevância de uma parábola podem ser encontrados na maneira como ela retrata a teologia cristã. Este método, muitas vezes identificado como a escola de interpretação alexandrina, é melhor ilustrado por um exemplo clássico que vem de Agostinho (354–430 d.C.), o estudioso que, apesar de sua alegorização, foi um grande teólogo. Sua interpretação da parábola do bom samaritano vê Cristo como o bom samaritano, o óleo como o conforto da boa esperança, o animal como a carne da encarnação, a pousada como a igreja e o estalajadeiro como o apóstolo Paulo (sem falar dos outros detalhes). Obviamente esta interpretação não tem nada em comum com a intenção de Jesus, mas, em vez disso, interpreta a história por meio de ideias preconcebidas do intérprete. Tal abordagem pode soar boa teologicamente, mas inibe a audição da Palavra de Deus. Os intérpretes medievais foram ainda mais longe do que a abordagem alegorizante, encontrando múltiplos significados no texto. Geralmente quatro eram listados: (1) o significado literal; (2) um significado alegórico relacionado com a teologia cristã; (3) um significado moral que dá direção para a vida diária; (4) um significado celestial que indica algo sobre a vida futura.

Nem toda a igreja era dominada por tais interpretações alegorizantes. A escola de Antioquia era conhecida por sua abordagem que utilizava o senso comum para ouvir o texto. No entanto, sua influência foi limitada quando comparada com a escola alexandrina, e, além de exceções notáveis, a maioria dos esforços da igreja para entender as parábolas ao longo dos séculos envolvia alegorização.

A abordagem de Adolph Julicher (1867–1938)

Julicher foi um estudioso alemão que publicou dois volumes sobre as parábolas no final do século 19. Sua principal contribuição foi a rejeição generalizada da alegorização como um meio de interpretar as parábolas. Em sua reação contra a alegorização, Julicher foi para o extremo oposto ao afirmar que as parábolas de Jesus tem apenas um ponto de contato entre a história e o fato que está sendo retratado. Ele defendeu que este ponto é o

único importante na interpretação e que geralmente será uma declaração religiosa geral. Julicher foi tão longe a ponto de dizer que não apenas a alegorização estava errada, mas que Jesus não utilizava alegorias, visto que elas tendem a esconder em vez de revelar. Ele disse que qualquer alegoria que possa aparecer no NT vem dos escritores dos Evangelhos, e não de Jesus. Julicher estava correto em rejeitar a alegoria (isto é, fazer uma alegoria do que não era para ser alegoria), mas a rejeição da alegoria como um meio legítimo de comunicação utilizado por Jesus é infundada.

A abordagem histórica

O estudo das parábolas no século 20, especialmente a obra de C. H. Dodd (1884-1973) e Joachim Jeremias, enfatizou corretamente o contexto histórico em que as parábolas foram originalmente contadas. O foco é colocado em fatores culturais que ajudam a entender os detalhes das parábolas e, também, no contexto original da pregação de Jesus sobre o reino de Deus. De modo geral esta abordagem assumiu que a igreja do primeiro século mudou a interpretação original de algumas das parábolas para atender às suas próprias necessidades, e, consequentemente, vários procedimentos foram propostos para restaurar a intenção original. É verdade que as parábolas foram moldadas, editadas e coletadas em unidades pelos escritores dos Evangelhos (nota-se, por exemplo, a coleção de oito parábolas de Mateus em [Mt 13.1-52](#)). Além disso, o objetivo de um intérprete deve ser ouvir as parábolas como elas foram originalmente concebidas por Jesus e como seu público original as ouviu. A tentativa de investigar o contexto dos relatos dos Evangelhos, no entanto, é uma tarefa delicada, e alguns dos procedimentos propostos para fazê-la precisam ser questionados. Deve-se observar a maneira como cada um dos escritores dos Evangelhos usou seu material, mas a extensão que alguém pode chegar a conhecer o contexto dos Evangelhos é limitada.

Tendências modernas na pesquisa das parábolas

Nas últimas décadas, várias tentativas de interpretar as parábolas sugeriram novas vias de abordagem. Basicamente, essas novas abordagens têm estado um pouco insatisfatórias (embora sejam apreciadores) tanto com Julicher quanto com a abordagem histórica, pois consideram que estas limitam o impacto das parábolas para o leitor de hoje. Julicher reduziu o ensino de Jesus a

moralismos piedosos, e a abordagem histórica se concentrava no que houve há 2.000 anos, ignorando assim tanto as características artísticas quanto psicológicas das parábolas. Consequentemente, numerosas tentativas foram feitas a fim de transmitir o mesmo impacto que as parábolas tiveram para os ouvintes originais aos ouvintes de hoje. Cada vez mais, menos foco é colocado no significado histórico das parábolas e mais ênfase é colocada em seu efeito artístico, existencial e poético. As parábolas de Jesus são consideradas como obras de arte que podem ser tidas como abertas no que diz respeito ao significado. Uma parábola, então, teria um significado original e o potencial para uma série de possíveis significados adicionais. Embora o significado original forneça algum controle para reinterpretar, essas abordagens não estão ligadas à intenção do autor.

Muito pode ser aprendido com as abordagens modernas, especialmente seu interesse em garantir que as parábolas falem com o público dos nossos dias usando a mesma vitalidade original. Contudo, há também o perigo de abusar das parábolas de uma maneira semelhante aos maus usos anteriores. Aqueles que alegorizaram as parábolas na história da igreja não estavam preocupados com o significado que Jesus intencionava, mas encontraram seu próprio significado. Os intérpretes modernos também podem encontrar seu próprio significado, e mesmo que as explicações possam parecer convincentes (como, sem dúvida, as de Agostinho fizeram aos seus ouvintes), elas não serão uma comunicação da Palavra de Deus. Se Deus e seus preceitos são revelados por Jesus, então erramos se não ouvimos suas parábolas como elas foram concebidas em seu contexto original. Há de fato uma interação dinâmica entre o texto e o intérprete, mas o intérprete é conduzido a um momento de encontro da verdade de forma mais eficaz quando o Espírito o confronta com a parábola da mesma maneira que Jesus pretendia aos seus ouvintes.

O significado de "Parábola"

A definição comum de uma parábola como "uma história terrena com um significado celestial" não é suficiente para entender as parábolas de Jesus. Nem as parábolas são meras comparações ou ilustrações do que Jesus queria dizer. A situação é muito mais complexa no que diz respeito ao significado bíblico da palavra "parábola". Na verdade, deve-se distinguir entre três usos da palavra "parábola" nos estudos bíblicos.

Primeiro, deve-se estar ciente de que a palavra grega para parábola e sua contraparte hebraica são termos amplos e podem ser usados para qualquer coisa, desde um provérbio a uma alegoria completa, incluindo um enigma, um ditado misterioso, uma ilustração, um contraste ou uma história. Por exemplo, a palavra grega para parábola é usada em [Lucas 4.23](#) com referência ao ditado “médico, cura a si mesmo” e a maioria das traduções o traduz como “provérbio”. Em [Marcos 3.23](#), “parábolas” é usado para se referir aos enigmas que Jesus pergunta aos escribas, por exemplo: “Como Satanás pode expulsar Satanás?” Da mesma forma, [Marcos 13.28](#) usa “parábola” em uma ilustração simples. Em [Lucas 18.2–5](#), o juiz iníquo é *contrastado* com Deus, que traz justiça rapidamente. Se alguém comparar o AT hebraico e a Septuaginta (uma tradução grega antiga do AT), a palavra para parábola é usada com mais frequência com referência a um provérbio ou ditado misterioso. O amplo significado de “parábola”, então, pode se referir a qualquer um desses métodos usados para estimular o pensamento.

Segundo, “parábola” pode ser usada em qualquer história com dois níveis de significado (literal e figurado) que funcione como fala religiosa e ética.

Terceiro, “parábola” pode ser usada tecnicamente em estudos modernos para distingui-la de outros tipos de histórias, como analogias, histórias exemplares e alegorias. Neste caso, uma parábola é uma história fictícia que narra um evento específico e é geralmente contada no tempo passado (p. ex., a parábola do filho perdido). Uma analogia, no entanto, é uma comparação que relaciona um evento típico ou recorrente na vida real e é geralmente contada no tempo presente (p. ex., [Mt 13.31–32](#)). Uma história exemplar não é uma comparação; em vez disso, apresenta traços de caráter como exemplos positivos ou negativos a serem imitados, ou evitados. Geralmente quatro histórias exemplares são identificadas: o bom samaritano ([Lc 10.30–35](#)), o rico tolo ([12.16–20](#)), o homem rico e Lázaro ([16.19–31](#)) e o fariseu e o cobrador de impostos ([18.10–13](#)).

A alegoria é a mais difícil de definir e tem causado um debate considerável. Geralmente a alegoria é definida como “uma série de metáforas relacionadas”. Uma metáfora é uma comparação implícita que não usa “como” ou “conforme”. Esta definição é usada amplamente, mas não é inteiramente satisfatória por duas razões: (1) Não indica se a obscuridade é um elemento essencial na alegoria. Alguns veem a alegoria como necessária

de ser decodificada e compreensível apenas para alguns. Se, todavia, a alegoria usar metáforas costumeiras que todos poderiam entender, não seria obscura. (2) Não especifica quanto da história é importante como metáforas relacionadas. Se houvesse apenas duas ou três metáforas relacionadas, a história seria uma alegoria? Em outro extremo, detalhes menores na história (como os três níveis de colheita na parábola do semeador) têm significado? Um exemplo de uma alegoria seria a parábola do semeador.

Isso levanta o problema da diferença entre uma parábola e uma alegoria — uma questão frequentemente debatida. Nas definições um e dois acima, a alegoria está inclusa na parábola. Mas na definição três uma distinção é feita entre elas, pois uma parábola não é uma série de metáforas relacionadas. Os detalhes da história do filho perdido (os porcos, o país distante, etc.) não representam outra coisa como seria se estivessem em uma alegoria, mas transmitem em termos dramáticos as profundezas nas quais o filho havia afundado. No entanto, uma parábola *não* está limitada a um ponto de comparação entre a história e o fato que está sendo retratado. Pode haver vários itens que precisam ser mencionados em uma parábola específica. A parábola do filho perdido enfatiza a alegria que ocorre no arrependimento (observe a repetição deste tema em [Lc 15.24.32](#)), mas a receptividade do pai obviamente é paralela à graça de Deus, além disso, o filho mais novo e o mais velho refletem pecadores e autoridades religiosas, respectivamente. A distinção entre parábola e alegoria é vaga, e irá variar, dependendo de quais definições são atribuídas aos termos. Deve-se notar que o que pode ser dito sobre parábola geralmente também pode ser dito sobre alegoria.

O propósito das parábolas

O propósito das parábolas e uma descrição de suas características auxiliarão a sua compreensão. As parábolas se concentram em Deus e seu reino, e, ao fazê-lo, revelam que tipo de Deus ele é, por quais princípios ele trabalha e o que ele espera da humanidade. Por causa do foco no reino, algumas das parábolas também revelam muitos aspectos da missão de Jesus (observe a parábola dos maus lavradores em [Mt 21.33–41](#)).

As seguintes características das parábolas devem ser observadas: (1) As parábolas geralmente são concisas e simétricas. Os itens são apresentados em dois ou três com uma economia de palavras.

Pessoas, motivos e detalhes desnecessários são geralmente omitidos. (2) As características na história são tiradas da vida cotidiana, e as metáforas usadas são frequentemente comuns o suficiente para criar um contexto para o entendimento. Por exemplo, a descrição de um proprietário e sua vinha naturalmente faria os ouvintes pensarem em Deus e seu povo devido ao uso dessas imagens do AT. (3) Mesmo que as parábolas falem em termos da vida cotidiana, muitas vezes elas contêm elementos de surpresa ou hipérbole (um exagero usado como uma figura de linguagem). A parábola do bom samaritano ([Lc 10.30-35](#)) introduz um samaritano na história onde provavelmente se esperaria um leigo. A parábola do servo incompassivo ([Mt 18.23-34](#)) coloca a dívida do primeiro servo em milhões de moedas de prata, uma soma inacreditável naquele tempo. (4) As parábolas exigem que seus ouvintes realizem seu julgamento sobre os eventos da história e, tendo feito isso, percebam que eles devem fazer um julgamento semelhante em suas próprias vidas. O exemplo clássico é a parábola de Natã a Davi ([2Sm 12.1-7](#)), onde Davi julga o homem na história como digno de morte, e então é revelado que ele é o homem. Porque forçam a pessoa a decidir, a definir o que é a verdade, as parábolas forçam seus ouvintes a viver no presente sem descansar na glória do passado ou esperar pelo futuro. As parábolas são o resultado de uma mente que vê a verdade em imagens concretas, em vez de abstrações, e elas ensinam essa verdade de uma maneira tão convincente que o ouvinte não pode escapar dela.

A razão pela qual Jesus ensinou em parábolas

Há pouca dúvida de que Jesus ensinou em parábolas porque elas são interessantes e convincentes e, portanto, são um dos meios mais eficazes de se comunicar. Quando se lê [Marcos 4.10-12](#), no entanto, parece que Jesus ensinava em parábolas para *impedir* que as pessoas entendessem a fim de que não se voltassem para Deus e fossem perdoadas. Ao mesmo tempo, parece que há um mistério que é dado ao grupo *interno* e o grupo *externo* é proibido de aprender. Aqui está o significado do termo “mistério”. Em vez de se referir às coisas que não são conhecidas ou compreendidas, como a palavra é usada hoje, o uso bíblico desta palavra é geralmente para as coisas que foram reveladas por Deus e não teriam sido conhecidas se Deus não as revelasse. O conteúdo do mistério não é explicado aqui, mas do ensino de Jesus sobre o reino em outros lugares,

provavelmente se refere ao fato de que o reino está presente nas próprias palavras e ações de Jesus.

O outro fator crucial para entender esta passagem é que a palavra “parábola” no uso bíblico tem um significado amplo que se refere a qualquer fala impressionante ou ditado sombrio destinado a estimular o pensamento. Jesus não alimentou seus ouvintes com “papinha”; em vez disso, ele ensinava de tal maneira que fazia com que uma resposta fosse produzida, e onde havia uma resposta, ele fornecia o seu ensino. Consequentemente, não se resume meramente que as parábolas sejam interessantes, poéticas e cativantes (por mais importantes que atendam essas características). Além dessas coisas, as parábolas estimulam o pensamento e trazem resposta — se a dureza de coração não o impedir. É como se Jesus estivesse dizendo: “Se vocês não podem ouvir o que eu estou dizendo, revelarei meu pensamento em parábolas”. Onde há resposta a este ensino inicial, informações adicionais são dadas.

Paradoxo*

Uma forma de expressão que parece ser autocontraditória ou absurda, mas em outro nível expressa a verdade fundamental. Muitas vezes é empregado para fazer com que os ouvintes pensem em um nível mais profundo e mais crítico. Muitas vezes pode estar intimamente relacionado com a hipérbole, uma declaração exagerada, exceto que para o paradoxo há um elemento aparente de contradição, que chama a atenção e exige consideração.

No ministério de Jesus, encontra-se em tais expressões como pessoas crescidas nascendo de novo. “Um homem pode entrar uma segunda vez no ventre de sua mãe”, pergunta Nicodemos, “e nascer?” ([Jo 3.4](#)). Ou novamente, em resposta às tentativas dos homens ricos de entrar no reino, Jesus diz que é mais fácil para um camelo passar pelo buraco de uma agulha (uma impossibilidade) do que um homem rico entrar no reino ([Mc 10.25](#)). O ponto é não se concentrar na declaração literal ou entendê-la literalmente, mas entender seu propósito essencial. Neste caso, é uma forma de “tratamento de choque” forçar os ricos a ver como suas atitudes em relação à riqueza os excluíram do reino.

Grande parte do uso do paradoxo no ministério de Jesus tem a ver com suas tentativas de mostrar que a perspectiva, ou sistema de valores, do reino

representa uma reversão completa dos valores pelos quais as pessoas vivem. Quem perder sua vida a encontrará ([Mt 10.39](#)). Os últimos serão primeiro, e os primeiros os últimos ([Lc 13.30](#)). Quem seria o maior de todos deve ser servo de todos ([Mc 10.43](#); [Lc 22.26](#)). De fato, o ministério de servo do próprio Jesus ressalta esta grande reversão do reino. Depois de lavar os pés dos discípulos, Jesus diz: "Vocês me chamam de Mestre e Senhor; e vocês estão certos, pois eu sou. Se eu, então, seu Senhor e Mestre, lavei seus pés, vocês também deveriam lavar os pés uns dos outros" ([Jo 13.13-14](#), ARA).

Paradoxo também entra na expressão cristã quando se tenta falar de Deus na linguagem dos homens. Assim, Deus é "antes de todos os tempos". Até "Deus em carne" é paradoxal, mas profundamente verdadeiro. As pessoas inevitavelmente e por necessidade falam de Deus em termos de sua própria experiência, mas Deus não pode ser limitado por tal experiência ou linguagem, pois ele é infinitamente maior. Por isso, a linguagem é um instrumento limitado para falar dele que não é limitado.

Paraíso

Um termo emprestado da língua persa e significa "jardim de Deus". Os hebreus usavam uma palavra diferente para jardins. Eles a aplicavam tanto a jardins do dia a dia quanto ao jardim de Deus no Éden ([Gênesis 2-3](#); [Isaías 51.3](#); [Ezequiel 28.13](#)). Mais tarde em sua história, eles emprestaram a palavra persa que eventualmente se tornou "paraíso". Esta palavra aparece três vezes no Antigo Testamento. Refere-se a um parque ou pomar ([Neemias 2.8](#); [Eclesiastes 2.5](#); [Cântico de Salomão 4.13](#)). Quando o Antigo Testamento foi traduzido para o grego, usaram uma forma grega da mesma palavra. Para os judeus de língua grega, o jardim em [Gênesis 2](#) tornou-se conhecido como *paradeisos*.

Paraíso no Antigo Testamento

A palavra persa original significava um jardim fechado ou murado, especialmente os parques reais dos reis persas. Os gregos também entendiam dessa forma. Isso se encaixa com a ideia hebraica de um jardim onde Deus caminhava ([Gênesis 3.8](#)) e do qual as pessoas poderiam ser excluídas ([Gênesis 3.24](#)). As características principais do paraíso do Gênesis eram suas árvores frutíferas e rios.

Paraíso no Novo Testamento

Na época do Novo Testamento, as visões sobre o jardim de Deus haviam mudado de várias maneiras, como muitos mitos em várias culturas. Como a "Idade de Ouro" nas histórias gregas e romanas, o paraíso era uma vez um passado distante. Mas, os judeus começaram a acreditar que ele ainda existia em algum lugar desconhecido, como os "Campos Elísios". Era um lugar onde os mortos justos viviam. Com o tempo, eles descreveram suas maravilhas cada vez mais, acreditando que ele reapareceria no fim dos tempos.

A ideia de paraíso combina mitos de várias culturas. Eles descrevem um mundo perfeito em todos os momentos, onde a morte e o mal não existem. O Novo Testamento afirma a verdade por trás dessas crenças. O paraíso é um lugar real e sobrenatural. Paulo foi misteriosamente "arrebatado" para lá durante sua vida ([2 Coríntios 12.4](#)). É também onde Jesus prometeu ao ladrão arrependido na cruz que estaria com ele após a morte ([Lucas 23.43](#)). A terceira e última referência do Novo Testamento ao paraíso ([Apocalipse 2.7](#)), é outra promessa. Ela nos diz que o paraíso é onde a árvore da vida cresce. Conecta o mundo original de [Gênesis 2](#) e o mundo futuro de [Apocalipse 22](#). Inclui a árvore que dá vida, um rio, uma muralha protetora e a presença do rei.

Veja também céu; Novos Céus e Nova Terra.

Paralisia*, Paralítico*, Paralisado

Sintoma de uma doença orgânica do sistema nervoso central que resulta na perda temporária ou permanente das sensações e/ou controle muscular voluntário. Esta condição degenerativa normalmente era incurável. Alguns casos de paralisia são mencionados no NT, todos estes ocorrem em conexão com o ministério de cura de Cristo.

Os paralíticos foram incluídos no grupo de pessoas doentes que buscavam a cura de Jesus na Galileia ([Mt 4.24](#)), contados entre os doentes em Betesda em Jerusalém ([Jo 5.3](#)), e representados entre aqueles que foram curados por Filipe em Samaria ([Atos 8.7](#)). O servo paralítico do centurião foi descrito por Lucas como muito doente e a ponto de morrer ([Lc 7.2](#)). Este homem foi provavelmente acometido de uma forma comumente fatal de paralisia que começa nas pernas e se espalha

rapidamente para cima no restante do corpo. O paralítico em Cafarnaum provavelmente estava sofrendo de paraplegia, uma paralisia da metade inferior do corpo ([Mt 9.2,6](#); [Mc 2.3-10](#); [Lc 5.18,24](#)). Esta doença pode ter sido causada por uma lesão no nascimento ou por danos na medula espinhal. Talvez Enéias, a quem Pedro curou em Lida, também sofresse de paraplegia ([Atos 9.33](#)).

Veja também Doença; Medicina e Prática Médica.

Parapeito

Barreira protetora ao redor da circunferência dos telhados das casas. O parapeito era exigido pela Lei ([Dt 22.8](#)) uma vez que os telhados planos eram amplamente utilizados ([Js 2.6](#); [Jz 16.27](#); [1Sm 9.25](#); [Is 22.1](#)). A construção de um parapeito isentaria o morador de responsabilidade caso uma pessoa caísse do telhado.

Veja também Arquitetura; Casas e habitações.

Parente

Um parente é um familiar próximo na mesma família. Na antiga Israel, a tribo era o maior grupo social e político. A família era a menor unidade social dentro da tribo. A relação entre as famílias era cuidadosamente organizada por regras sobre quem não podia se casar entre si ([Lv 18](#)).

Pessoas que eram parentes, mesmo que distantes, recebiam direitos e responsabilidades especiais por todos os membros da família. Era direito do parente receber a propriedade de um membro da família que morresse sem filhos ([Nm 27.11](#)). O parente também era obrigado a recomprar a propriedade de um parente que tivesse caído em dívida ([Lv 25.25-28](#)). Isso era especialmente importante se o parente tivesse se tornado escravo de alguém que não fosse israelita (v. [47-49](#)). Quando um parente (*karov*) desempenhava esse papel de recomprar propriedade ou libertar parentes, ele se tornava conhecido como um parente resgatador (*go'el*).

No livro de Rute, Boaz é o parente resgatador. “Esse homem é nosso parente chegado e um dos responsáveis por nós”. ([Rt 2.20](#)). Legalmente, Boaz tinha o direito de reivindicar a propriedade de Noemi. Mas a lei exigia que ele esperasse sua vez, pois ele não era o parente *chegado* ([4.4](#)). O parente

mais próximo se recusou a ajudar (v. [6](#)). Então, Boaz cumpriu seu dever como resgatador parente.

Pármenas

Um dos sete homens escolhidos pela igreja primitiva em Jerusalém para servir às viúvas e gerenciar a distribuição diária de alimentos ([At 6.5](#)). Esses sete homens foram selecionados porque estavam cheios do Espírito Santo e sabedoria. Os outros seis homens eram Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão e Nicolau.

Parnaque

O pai de Elizafã da tribo de Zebulom ([Nm 34.25](#)).

Pártia, partos

Terra (aproximadamente correspondente ao atual Irã) situada além das fronteiras orientais do Império Romano, e assim quase fora do mundo do Novo Testamento.

No entanto, está incluído em mapas do mundo do AT, que geralmente abrangem o território oriental. Muitos judeus deportados da Palestina após as invasões assírias e babilônicas estavam vivendo nesta área quando, no século VI a.C., ela se tornou parte do vasto Império Persa de Ciro, e milhares permaneceram apesar da oferta de repatriação de Ciro. Dois séculos depois, esse império foi conquistado por Alexandre, o Grande. Mas 100 anos depois, várias partes dele, incluindo a Pártia, livraram-se do jugo de seus sucessores e tornaram-se independentes.

Partia eventualmente se tornou um grande império, estendendo-se do Eufrates ao Indo. No período do NT, até mesmo a poderosa Roma a considerava uma ameaça potencial. O primeiro confronto entre as duas potências resultou em uma derrota para os romanos (em Carrhae, o bíblico Harã, em 53 a.C.). Somente no segundo século d.C. o equilíbrio mudou, e mesmo assim, embora tenha sido anexada duas vezes, Partia recuperou sua independência duas vezes. Ela caiu eventualmente em 226 d.C., não para os romanos, mas para um golpe neo-persa dentro de suas próprias fronteiras.

Ricos devido à sua posição nas rotas comerciais asiáticas e militarmente fortes por causa dos seus famosos arqueiros montados, que ganharam

muitas batalhas aparentemente recuando e depois atirando no inimigo que os perseguiam (daí a expressão "tiro de despedida [ou 'tiro parta']"), os partas parecem também ter sido um povo tolerante. Uma grande comunidade judaica continuou a viver entre eles, e na época de Pentecostes ([At 2](#)) sua província da Babilônia tinha, curiosamente, um governador judeu. Mais importante, judeus da Pártia, e possivelmente também convertidos partas ao judaísmo ("prosélitos"), estavam em Jerusalém naquele dia marcante (v. [9](#)). Por meio deles, o evangelho pode ter sido levado, dentro de semanas após a ressurreição, bem a caminho da Índia.

Partir do Pão

A expressão *partir do pão* aparece no Novo Testamento.

Frequentemente, refere-se à Ceia do Senhor como uma refeição especial em que os seguidores de Jesus se lembram de sua morte e ressurreição.

Veja A Ceia do Senhor.

Parúsia

A grafia de uma palavra grega que significa "presença", "chegada", "aparência" ou "vinda". Embora seja frequentemente usada em referência a pessoas ([1Co 16.17](#); [2Co 7.6; 10.10](#); [Fp 1.26](#); [2.12](#)) e uma vez em referência ao Anticristo ([2Ts 2.9](#)), a palavra é principalmente usada para se referir a Cristo ([Mt 24.3,27,37-39](#); [1Co 15.23](#); [1Ts 2.19](#); [3.13](#); [4.15](#); [5.23](#); [2Ts 2.1.8](#)). Assim, a parúsia passou a denotar a segunda vinda de Cristo no fim dos tempos.

Paulo foi provavelmente responsável pela ênfase técnica no retorno de Cristo. Ele desencorajou tentar calcular o tempo ([1Ts 5.1-2](#); [2Ts 2.2-3](#); compare [Mt 24.4-36](#)). Ainda assim, ele pinta um quadro vívido da parúsia ([1Ts 4.13-18](#); [2Ts 1.7-2.8](#); veja também [1Co 15.20-28,50-55](#)).

Ele ensina que será uma vinda pessoal, visível, repentina e gloriosa ([1Co 15.23](#); [1Ts 2.19](#); [3.13](#); [4.15-17](#)). Ele aparentemente sentia que seus leitores e ele mesmo experimentariam o retorno de Cristo ([1Ts 4.15](#); compare [Rm 8.23](#); [13.11](#)). No entanto, ele mudou de ideia quando confrontado com seu martírio ([Fp 1.23](#)).

Tiago, também percebendo o atraso no retorno de Cristo, pediu paciência ([Tg 5.7-8](#)). Pedro, igualmente, advertiu contra permitir que o atraso gerasse dúvida ([2Pe 3.8-10](#)). A mensagem não é um mito ([2Pe 1.16](#)), e os duvidosos serão silenciados ([2Pe 3.3-4](#)). João incentivou a fé constante para que a vinda não envergonhasse os crentes ([1Jo 2.28](#)).

Veja também Escatologia; Segunda vinda de Cristo.

Pássaros

Vertebrados com penas da classe Aves. Mais de 8.000 espécies de aves são conhecidas. Aproximadamente 400 espécies são encontradas na Terra Santa e cerca de 40 são mencionadas nas Escrituras.

Cientistas modernos classificam organismos com base na estrutura interna e externa, mas os escritores bíblicos geralmente classificavam organismos de acordo com o habitat. Assim, na Bíblia, os morcegos são listados com as aves como criaturas do ar ([Lv 11.19](#); [Dt 14.18](#)).

A identificação precisa das aves bíblicas é frequentemente difícil ou impossível. As línguas bíblicas não eram altamente especializadas como as línguas científicas. As pessoas nos tempos bíblicos geralmente sabiam a diferença entre animais semelhantes que agora são categorizados como espécies separadas. No entanto, para as aves, eles frequentemente usavam termos poéticos e descritivos. Os estudiosos bíblicos tentam superar as dificuldades na identificação comparando as palavras hebraicas com palavras semelhantes em línguas relacionadas e prestando atenção ao habitat, hábitos e características atribuídas às aves nas Escrituras. No entanto, diferentes estudiosos às vezes chegam a identificações distintas.

Referências bíblicas a aves

A Bíblia refere-se às aves tanto em sentidos literais quanto figurativos. Os escritores bíblicos eram observadores atentos da natureza, e sua consciência sobre as aves e a vida delas é refletida em muitas passagens. Eles afirmaram que Deus conhece todas as aves ([Sl 50.11](#)) e cuida delas ([Mt 10.29](#)). Eles viram a aliança de Deus com Noé após o dilúvio, sua promessa de nunca mais destruir a vida por meio de um dilúvio, como se estendendo até mesmo às aves e aos animais ([Gn 9.10](#)).

A lei mosaica declarou muitas aves como "imundas", principalmente espécies que eram carniceiras, predadoras ou habitavam lugares desolados. Séculos depois, os primeiros cristãos passaram a considerar espécies impuras como limpas por decreto de Deus, revelado na visão do apóstolo Pedro ([Atos 10.12](#)). Outras aves, como a codorna, sustentaram os israelitas em suas peregrinações ([Êx 16.13](#)). A Lei prescrevia aves como sacrifícios para um filho primogênito ([Lc 2.24](#)), para um voto de nazireu ([Nm 6.10](#)), para a purificação de um leproso ([Lv 14.22](#)), e como oferta queimada e oferta pelo pecado ([12.8](#)).

Os pássaros estão facilmente sujeitos à extinção, especialmente devido à atividade humana. Deus exigiu que os israelitas praticassem a conservação para evitar que qualquer pássaro se tornasse extinto na Terra Santa, tanto pelo bem das aves quanto para que os israelitas tivessem uma fonte contínua de alimento. A Lei permitia que os israelitas em busca de alimento pegassem ovos ou filhotes de um ninho de pássaro, mas não tinham permissão para matar tanto a mãe quanto seus filhotes ([Dt 22.6](#)).

Os escritores bíblicos frequentemente recorriam à natureza para ilustrar princípios divinos ou características humanas. Comparações de humanos com pássaros às vezes carregam um sentido de inferioridade, como quando o Rei Nabucodonosor desenvolveu garras como um pássaro em sua loucura ([Dn 4.33](#)), ou quando Jó comentou que os pássaros não conheciam a fonte da sabedoria ([Jó 28.21](#)). Na parábola do semeador de Jesus, os pássaros que comeram a semente espalhada à beira do caminho podem representar indiferença e falta de compreensão espiritual ([Mt 13.4](#)).

As escrituras também contêm imagens simpáticas da situação das aves. Um homem solitário orando foi comparado a um pássaro solitário no telhado ([Sl 102.7](#)). Se alguém fosse injustamente caçado por seus inimigos, ele entenderia a situação de um pássaro caçado ([Lm 3.52](#)). Dizia-se que as aves eram afetadas por maldições sobre malfeiteiros enquanto fugiam de Jerusalém ou da face da terra ([Jr 9.10; Sf 1.3](#)).

Apesar do infortúnio que recai sobre as aves, as Escrituras afirmam que, assim como outras criaturas, elas são cuidadas e apreciadas por Deus ([Sl 50.11; Mt 6.26; 10.29](#)). Tanto Faraó quanto Nabucodonosor foram comparados a uma árvore que oferece abrigo às aves ([Ez 31.6; Dn 4.12](#); cf. [2.38](#)). O poder humano, entretanto, eventualmente

falha, como quando a árvore que representava Nabucodonosor foi cortada, forçando as aves a fugirem ([Dn 4.14](#)). A proteção de Deus, em contraste, é infalível. Jesus comparou o reino de Deus a uma semente de mostarda, que cresce e se torna um abrigo para as aves ([Mt 13.32](#)). Deus fornece uma habitação para as aves ([Sl 104.12](#)), embora Jesus, o Filho do Homem, não tivesse onde repousar sua cabeça ([Mt 8.20](#)).

Os pássaros eram vistos como evidências da obra de Deus ([Jó 12.7](#)). A sabedoria popular sobre pássaros fornecia exemplos de bom senso ao aprender com um erro ([Pv 1.17; 6.5](#)) e de mau julgamento ao não evitar as armadilhas da imoralidade ([7.23](#)). Pássaros e outras criaturas podiam ser domesticados, ao contrário da língua humana perversa ([Tg 3.7](#)). Pássaros voando sem pouso eram uma imagem de uma maldição imerecida ([Pv 26.2](#)). Sem confiança em Deus, as pessoas poderiam ser forçadas pelo mal a fugir como um pássaro para as montanhas ([Sl 11.1](#)). O canto dos pássaros era dito trazer alegria ([Ct 2.12](#)). O retorno do povo de Deus à Terra Prometida seria como o retorno dos pássaros ([Os 11.11](#)). Jesus expressou seu amor por Jerusalém dizendo que ansiava reunir seu povo a si mesmo como uma galinha reúne seus pintinhos sob suas asas ([Mt 23.37](#)).

Finalmente, os pássaros eram ocasionalmente considerados sinais ominosos. Por exemplo, o padeiro do Faraó soube de sua morte iminente porque, em um sonho, os pássaros comeram a comida de um cesto em sua cabeça ([Gn 40.17](#)). Salomão advertiu contra amaldiçoar o rei, mesmo em particular, porque "um passarinho pode contar a eles o que você disse" ([Ec 10.20](#)). Uma imagem bíblica vívida é a de pássaros necrófagos, que se alimentam de carniça, consumindo os corpos dos malfeiteiros. Para os israelitas, tal profanação da humanidade era uma imagem de horror supremo ([Dt 28.26; 1Sm 17.44; Is 46.11; Jr 7.33; 12.9; Ez 29.5; 39.4; Ap 19.17,21](#)).

Espécies Individuais

Abetouro

Pássaro pernaltas (*Botaurus stellaris*) semelhante à garça, mas com pernas mais curtas e um corpo menor e mais compacto. Abetouros vivem em pântanos, onde é fácil para elas se esconderem com sua camuflagem natural. A plumagem mosqueada de um abetouro, com listras marrons e pretas, imita tanto a cor quanto a forma da vegetação do

pântano, a ponto de, às vezes, o pássaro parecer desaparecer diante dos olhos do observador. O pescoço é coberto por penas longas e macias, fazendo-o parecer desproporcionalmente pesado. Os abetouros são cautelosos e solitários. Durante a época de acasalamento, a laringe do abetouro é modificada para produzir um grito de som misterioso. O corpo se torce de uma maneira incomum em harmonia com as notas. Os abetouros constróem ninhos sozinhos em pântanos gramados. Por serem tímidos, tornaram-se símbolos de lugares de desolação e solidão.

Há alguma dúvida sobre se o abetouro é realmente mencionado na Bíblia. A palavra hebraica para abetouro aparece em poucos versículos em Isaías e uma vez em Sofonias. Na verdade, não se tem uma precisão quanto a que animal se refere ([Is 14.23; 34.11](#); [Sf 2.14](#)). Muitos estudiosos bíblicos acreditam que a palavra hebraica nesses versículos se refere não ao abetouro, mas ao ouriço como aparece em algumas versões da Bíblia em português. Em outras versões o mesmo termo é traduzido por coruja. A palavra hebraica é semelhante a uma palavra árabe que significa "porco-espinho". Outros estudiosos apontam que as referências sugerem uma ave em vez de um mamífero, especialmente [Sf 2.14](#), que fala da criatura fazendo seu "abriga em seus capitéis" (ou seja, acima dos umbrais de Nínive). Os abetouros são particularmente abundantes nos pântanos do Rio Tigre (perto de Nínive). As características do abetouro podem se encaixar melhor nas referências dos três trechos do que as do ouriço.

Veja também Ouriço; Animais (Porco-espinho).

Águia-de-asa-redonda

Pássaro planador semelhante a um falcão (*Buteo vulgaris* ou *Buteo ferox*). Assemelha-se ao milhano, embora sua cauda seja reta e não bifurcada. É mencionado na lista de aves impuras ([Dt 14.13](#)). No entanto, outras traduções usam a palavra "milhano" (ARA) ou "milhafre" (NVI). A lista paralela em [Levítico 11](#), no entanto, substitui "milhano" "abutre" por "águia-de-asa-redonda". Assim, é difícil determinar se a águia-de-asa-redonda é realmente mencionado na Bíblia, embora seja um residente comum de Israel.

Como outras grandes aves planadoras, a águia-de-asa-redonda é conhecido por sua visão aguçada e pode ser a ave mencionada por essa qualidade em [Jó 28.7](#) (traduzido de várias formas como "falcão", "águia" ou "águia-de-asa-redonda"). Ele segue sua presa por horas e tem uma habilidade notável de

ver uma carcaça sobre a qual desce para se alimentar. Um pouco maior que a águia-de-asa-redonda comum é a águia-de-asa-redonda de pernas longas, encontrado em Israel, Ásia Ocidental e Síria.

Consulte também Peneireiro; Milhafre; Abutre (abaixo).

Corvo-marinho

Grande ave preta semelhante a um ganso (*Phalacrocorax carbo*), frequentemente retratada na arte do Egito e da Terra Santa. Seu comprimento varia de 48 a 100 centímetros. Seus pés têm membranas entre todos os quatro dedos. Os pés, fixados bem atrás no corpo, servem como propulsores quando o corvo-marinho mergulha para capturar sua refeição de peixes, crustáceos ou anfíbios. O longo bico é curvado na ponta, e sob o bico há um saco no qual o corvo-marinho guarda o peixe capturado.

Os corvos-marininhos vivem em grandes grupos, construindo ninhos com gravetos e outras vegetações que levam para árvores ou prateleiras rochosas próximas às costas. Até quatro ovos são incubados, e os filhotes são alimentados por ambos os pais.

O corvo-marinho frequenta pântanos ao redor do Mar da Galileia, Lago Hulé (as Águas de Merom) e a costa do Mediterrâneo. Seu nome em hebraico originalmente denotava o "arremesso" da ave sobre sua presa. Os corvos-marininhos mergulham em águas profundas e às vezes parecem acelerar sob a superfície em sua caça por peixes. A avareza do corvo-marinho é proverbial. Era cerimonialmente impuro para os israelitas ([Lv 11.17; Dt 14.17](#)).

Consulte também Pelicano (abaixo).

Grou

Aves pernaltas altas (*Grus grus*) que se assemelham a cegonhas e garças, mas com garras mais curtas. A plumagem tem um brilho prateado e as penas da cauda são onduladas. Grandes bandos de grous voando em formações em forma de cunha passam sobre a Terra Santa durante o dia a cada outono, a caminho da África, vindos dos países do norte da Europa, e novamente na primavera, quando retornam ao norte para se reproduzir. Bandos migratórios podem contar com até 2.000 aves. [Jeremias 8.7](#) refere-se aos hábitos migratórios do grou.

O chamado usual do grou é melhor descrito como um bramido, mas durante o voo migratório, eles emitem um som de tagarellice que pode ser referido em [Isaías 38.14](#). Os grous têm vozes notavelmente poderosas, e seus chamados parecem se propagar por quilômetros. Bandos migratórios geralmente têm um líder que faz os chamados.

A altura de um grou pode variar de 1 a 1.5 metros. Exceto pelo avestruz, o grou é a ave mais alta que já habitou a Terra Santa. A envergadura de um grou pode ultrapassar 2.20 metros. A cor geral é cinza aço; a cabeça e o pESCOço são pretos com uma faixa branca longitudinal. O grou se alimenta em terra, em vez de em águas rasas. Alimenta-se principalmente de grama e grãos, mas pode consumir insetos, cobras, pequenos jacarés, rãs e minhocas, usando seu longo e poderoso bico como um martelo afiado para matar essas criaturas.

O grou geralmente faz ninho em locais isolados, muitas vezes em águas rasas ou nas proximidades. Seu ninho é uma massa de vegetação, contendo dois ou três ovos de cor clara com manchas mais escuras.

Cuco

Pequeno pássaro marrom-claro conhecido por seus hábitos parasitários. O termo em algumas bíblias em [Levítico 11.16](#) e [Deuteronômio 14.15](#) pode se referir tanto ao cuco comum (*Cuculus canorus*) quanto ao cuco-rabilongo (*Clamator glandarius*). A ave atua como um parasita de ninhada, colocando seus ovos no ninho de outra espécie após empurrar um dos ovos da espécie hospedeira. O jovem cuco choca antes dos jovens da espécie hospedeira e expulsa os outros filhotes. Os pais adotivos o criam como se fosse seu.

O cuco, um comedor de insetos, é considerado ritualmente impuro nas Escrituras, o que pode sugerir que seja um predador ou comedor de carniça. Por essa razão, alguns acreditam que a palavra hebraica se refira, na verdade, à gaivota ou à andorinha-do-mar, em vez do cuco. Gaivotas, andorinhas-do-mar e petréis são todos comuns na costa e nos lagos da Terra Santa.

Alguns estudiosos acreditam que a palavra hebraica não se refere ao cuco, mas a uma das corujas, possivelmente a coruja-das-torres.

Consulte também Coruja; Gaivota (abaixo).

Águia

Grande ave de rapina, gênero *Áquila*. Abutres eram frequentemente confundidos com águias, tornando a identificação das aves bíblicas difícil. As cabeças das águias não são carecas como as dos abutres, mas à distância parecem semelhantes. É possível que a palavra hebraica traduzida como “águia” (que literalmente significa “rasgar com o bico”) possa ter se referido a todas as grandes aves de rapina, tanto águias quanto abutres. Várias referências à águia nas Escrituras são, na verdade, referências ao grifo-eurasiático (e.g., [Os 8.1](#); talvez [Mt 24.28](#)). Em certas passagens, no entanto, a verdadeira águia pode ser mencionada.

A Terra Santa possui várias espécies de águia, incluindo a águia imperial (*Áquila heliaca*) e a menos comum águia dourada (*Áquila chrysaetos*). Estas aves são robustamente construídas com asas fortes; seus movimentos revelam flexibilidade e força. Um bico curvo distintivo, que realça a aparência digna e um tanto feroz da águia, serve como um instrumento eficaz para rasgar e matar presas. Pernas curtas e poderosas e garras preênsis permitem que uma águia aplique um aperto quase inquebrável em uma vítima em luta. As garras fortes têm pontas e bordas afiadas. A águia caça durante o dia.

Para Jeremias e outros profetas, a águia era o símbolo da rapidez. A águia dourada, que pode voar três de 5 a 7 quilômetros em dez minutos, pode ter inspirado as comparações em [2 Samuel 1.23](#); [Jeremias 4.13](#); [49.22](#); [Lamentações 4.19](#) e [Habacuque 1.8](#). Moisés usou uma comparação semelhante para destacar o poder de ataque repentino de um inimigo hostil ([Dt 28.49](#)). O autor de Provérbios, observando a alta altitude à qual a águia sobe, aplicou essa imagem à situação humana ([Pv 23.4-5](#); cf. [Ap 12.14](#)).

A força e a invencibilidade da águia foram frequentemente mencionadas em referência a nações poderosas atacando Israel. O profeta Ezequiel descreveu Nabucodonosor como uma águia ([Ez 17.3](#)). Tanto os babilônios quanto os assírios frequentemente retratavam a águia em sua arte, especialmente como uma divindade com corpo de homem e cabeça de águia. Nabucodonosor até teve uma experiência de insanidade temporária na qual “seu cabelo cresceu como penas de águia, e suas unhas eram como garras de pássaros” ([Dn 4.33](#)).

A águia constrói seu ninho em picos de montanhas inacessíveis ou no topo das árvores mais altas, um

fato observado por Jeremias ([Jr 49.16](#); cf. [Jó 39.27–28](#); [Ob 1.4](#)). A ninhada consiste em dois ou ocasionalmente três ovos. Apenas a fêmea fica no ninho, mas os jovens filhotes são alimentados por ambos os pais. As águias são dedicadas aos seus filhotes e os treinam com grande cuidado na arte de voar. Alguns comentaristas interpretam [Êxodo 19.4](#) e [Deuteronômio 32.11](#) como evidência da prática da águia de pegar seus filhotes em suas asas. No entanto, há virtualmente nenhuma evidência de observação de que qualquer águia possa realizar tal feito. Em algumas versões, a redação evita uma declaração direta de que as águias carregam seus filhotes em suas asas.

Algumas águias em cativeiro viveram por mais de 100 anos. Essa notável longevidade levou o salmista a mencionar a águia cuja juventude é renovada ([Sl 103.5](#)). Impressionados por suas qualidades notáveis, os autores bíblicos observaram a águia com admiração e espanto ([Jó 39.27–30](#); [Pv 30.18–19](#)). Essas qualidades impressionantes também inspiraram várias visões proféticas, incluindo a visão de Ezequiel de uma criatura com rosto de águia ([Ez 1.10](#)) e a visão do apóstolo João de uma besta sagrada semelhante a uma águia voadora ([Ap 4.7](#)).

Consulte também Abutre (abaixo).

Galinha doméstica

Aves domésticas (*Gallus gallus domesticus*), provavelmente derivadas do galo-da-selva vermelho da Índia. Elas parecem já ser conhecidas nos tempos do AT ([Pv 30.31](#)). Um selo de Jazanias (veja [2Rs 25.23](#)), datado de cerca de 600 a.C., traz a imagem de um galo de briga. Uma referência a aves ou aves domésticas para a mesa de Neemias, no entanto, pode ser a caça selvagem em vez de aves domésticas ([Ne 5.18](#)).

Aves simbolizavam fertilidade, e os judeus levavam um galo e uma galinha à frente dos casais de noivos em casamentos. A preocupação maternal das galinhas reunindo suas ninhadas era familiar aos ouvintes de Jesus ([Mt 23.37](#); [Lc 13.34](#)).

Como os galos normalmente cantam uma ou duas horas antes do amanhecer, a terceira vigília da noite, da meia-noite às 3:00 da manhã, era conhecida como o canto do galo. Segundo o Talmud (um comentário sobre a lei judaica), manter galinhas era proibido em Jerusalém nos tempos do NT para evitar que os insetos e larvas que se reproduzem nas fezes das galinhas contaminassem a carne sacrificial. Por essa razão, o galo que Pedro

ouviu ([Mt 26.34,74](#); [Lc 22.34,60–61](#)) provavelmente pertencia a romanos que viviam lá ou a judeus que não seguiam as regulamentações judaicas.

Noitibó

Pássaro migratório, de cor escura e pernas curtas, semelhante ao bacurau americano. O curiango (gênero *Caprimulgus*) se assemelha a uma coruja com cabeça achatada, olhos grandes, plumagem macia e voo silencioso. Ele caça insetos à noite, capturando-os em pleno voo, e durante o dia descansa em galhos. Os curiangos receberam esse nome porque os antigos acreditavam que eles sugavam leite das cabras. De acordo com [Levítico 11.16](#) e [Deuteronômio 14.15](#), eles eram ritualmente impuros. Embora alguns estudiosos acreditem que se refira a uma coruja, parece haver boas razões para aceitar a tradução como "noitibó".

Ganso

Aves aquáticas de pescoço longo e pés palmados com penas impermeáveis (gênero *Anser*). Os gansos domésticos eram conhecidos pelos gregos na época de Homero, já que são mencionados na *Odisseia*. Eles foram domesticados no Egito possivelmente já no Antigo Reino (c. 2500 a.C.) e certamente na época do Novo Reino (c. 1500–1100 a.C.). Eles eram usados para alimentação e sacrifício. A criação de gansos era comum em Canaã nos tempos bíblicos; esculturas em marfim do século 13 ou 12 a.C. mostrando gansos foram encontradas em escavações em Megido, Israel.

Muitas espécies de gansos passam a maior parte de suas vidas em terra, mesmo sendo aves aquáticas; alguns até constroem seus ninhos em árvores. Gansos selvagens tendem a habitar planícies e pradarias em vez de áreas montanhosas.

Gansos podem ter adornado a mesa do Rei Salomão. Em [1 Reis 4.23](#), eles são referidos como "aves cevadas", um termo que também pode se referir a patos, cisnes, galinhas-d'angola, pombos ou outras aves domésticas comedíveis.

Falcão

Pequenas aves de rapina encontradas na Terra Santa. A maioria das referências provavelmente é ao gavião (*Accipiter nisus*). Esta ave é ligeiramente maior que o peneireiro, tem as costas marrom-acinzentadas e a barriga branca com barras pretas e marrons. Possui penas curtas, garras longas e curvas, e asas largas, arredondadas nas

extremidades externas, que lhe permitem planar em correntes ascendentes. A longa cauda, atuando como leme, ajuda a ave a mudar rapidamente de curso em voo. É, portanto, muito manobrável no ar ao perseguir felosas ou outras pequenas aves. Não captura sua presa no chão, como faz o peneireiro, mas caça e ataca pequenas aves em voo. Os gaviões caçam durante o dia, ao contrário das corujas que são adaptadas para a caça noturna. Com os olhos localizados nas laterais da cabeça, os gaviões têm uma visão muito aguçada. Eles geralmente nidificam em árvores altas e seus ninhos são frequentemente ocupados pelo mesmo par ano após ano.

Os egípcios embalsamavam gaviões e consideravam todos os falcões de grande importância. O deus Hórus era representado com a cabeça de um falcão, e o falcão era ceremonialmente impuro para os israelitas ([Lv 11.16](#); [Dt 14.15](#)). Não era um residente permanente de Israel, mas parava enquanto migrava de norte a sul. Sua migração para o sul é mencionada em [Jó 39.26](#). Uma referência em [Isaías 34.11](#) a "falcão" ("corvo-marinho") é incerta.

Veja Peneireiro ou Falcão; Milhafre (abaixo).

Garça

Ave aquática (gênero *Ardea*) com pescoço longo e fino e pernas compridas. Possui um crescimento característico em forma de pente no lado interno do terceiro dedo do pé.

Garças são geralmente brancas, azuis, verdes ou cinzas. Elas nidificam juntas em colônias, e ambos os pais trazem comida para os filhotes. Garças se alimentam de peixes, pequenos répteis e insetos, engolindo-os de uma só vez. Adultos e jovens migram no final do outono para climas quentes do sul. A garça branca pode atingir um comprimento de mais de 90 centímetros, enquanto a garça anã tem apenas cerca de 55 centímetros de comprimento.

Pelo menos sete variedades de garça são relatadas na Terra Santa. O íbis branco, ou garça-boieira (*Buphus russatus*), provavelmente era a espécie mais comum. A garça roxa (*Ardea purpureus*) é uma reprodutora de verão encontrada em todas as partes da Terra Santa onde há água parada.

A garça-cinzenta (*Ardea cinerea*) passa o inverno no sul da Europa e no norte da África, migrando para o norte da Europa no início da primavera. Em Israel, constrói seu ninho de inverno perto da água, em pântanos e ao longo das margens dos rios, onde

se alimenta de peixes e rãs. Ela permanece pacientemente na água por horas e, de repente, seu longo e pontiagudo bico mergulha com velocidade relâmpago para capturar sua presa. Frequentemente, a garça-cinzenta constrói seu ninho em uma árvore alta para a qual pode retornar ano após ano.

De acordo com [Levítico 11.19](#) e [Deuteronômio 14.18](#), a garça era ceremonialmente impura para os israelitas. Alguns estudiosos acreditam que essas referências são ao corvo-marinho, mas a maioria dos estudiosos pensa que se referem a uma das garças.

Consulte também Cormorão (acima).

Poupa

Uma das aves mais bonitas da Terra Santa (*Upupa epops*). Possui plumagem vividamente colorida, uma linda crista em forma de coroa que se ergue quando a ave está alarmada, e um bico longo, fino e curvado. A poupa rosada mede cerca de 28 centímetros de comprimento, com faixas pretas e brancas nas costas, cauda e asas. As poupas são principalmente aves que habitam o deserto.

O nome "poupa" vem do som do chamado do pássaro. Para emitir esse som, as penas do pescoço se eriçam e a cabeça é lançada para o ar. Quando está no chão, o pássaro martela seu bico na terra.

A poupa chega à Terra Santa em fevereiro, se reproduz no verão e parte em setembro. Era reverenciada religiosamente pelos egípcios. Foi listada como ritualmente impura ([Lv 11.19](#); [Dt 14.18](#)), provavelmente porque busca larvas e pequenos insetos em lugares tão insalubres como montes de esterco.

Íbis

A ave pernalta (*Threskiornis aethiopica*) é atualmente desconhecida na Terra Santa, mas possivelmente era conhecida lá em tempos bíblicos. Era bem conhecida no antigo Egito, onde era sagrada para o deus Tote. Hoje, praticamente desapareceu com o desaparecimento dos pântanos ao longo do Nilo.

Há alguma dúvida sobre se o íbis é mencionado em [Levítico 11.17](#), onde é classificado como ceremonialmente impuro. A mesma palavra hebraica em [Deuteronômio 14.16](#) e [Isaías 34.11](#) é traduzida como "grande coruja", uma tradução preferida pela maioria dos estudiosos.

Veja também Coruja, Grande (abaixo).

Peneireiro-eurasiático ou falcão

O pequeno falcão (*Falco tinnunculus*) tem cerca de 30 centímetros de comprimento, com penas marrons, pretas e amarelas no peito. Era abundante na Terra Santa, em vilarejos e no campo, nidificando em telhados e entre rochas. Como a maioria dos falcões, o peneireiro é capaz de pairar e flutuar no ar e depois mergulhar sobre sua presa, agarrando-a com garras afiadas em forma de gancho. Alimenta-se principalmente de ratos, pequenos répteis e insetos.

Falcões embalsamados foram encontrados em tumbas do antigo Egito. Os egípcios também embalsamaram o falcão de caça (*Falco cherug*), que pode ser domesticado e treinado para caçar coelhos e outros pequenos animais. A falcoaria (caça com falcões de várias espécies) era bem conhecida entre os antigos e ainda é praticada hoje. Que os assírios estavam familiarizados com a falcoaria é evidenciado nos registros de Assurbanípal. Como o falcão é um predador, era ceremonialmente impuro ([Lv 11.14](#)). Algumas traduções usam a palavra “milhafre”, uma ilustração da dificuldade de identificar precisamente as aves bíblicas.

Veja também Milhafre ou Glede (abaixo).

Milhafre ou milhafre-real

Grande ave de rapina (*Milvus milvus*). O comprimento médio do milhafre é de cerca de 48 centímetros. A parte superior é geralmente escura, mas a barriga é branca. Os milhafres fazem ninhos no alto das árvores e constroem ninhos com vegetação, incluindo gravetos. Raramente têm mais de dois ou três filhotes, que alimentam com cobras, gafanhotos e outros. Às vezes, os milhafres são chamados de gaviões-cobra.

O milhafre é uma ave migratória que permanece em Israel durante o verão, especialmente nas montanhas do sul da Judeia, nos desertos inexplorados a oeste do Mar Morto e no deserto de Berseba.

O milhafre-real ou milhafre é uma ave de rapina de tamanho médio. As bordas da parte superior do bico sobrepõem-se à inferior, formando tesouras afiadas. A cauda é bifurcada ou fendida, semelhante à de um peixe. Seu grito alto frequentemente inclui notas agudas de assobio. Outras espécies da Terra Santa incluem o milhafre-preto (*Milvus migrans*) e o peneireiro-cinzento (*Elanus caeruleus*).

O milhafre está listado entre as aves impuras na lei mosaica ([Lv 11.14](#); [Dt 14.13](#)), mas a identificação precisa das aves mencionadas lá é contestada por alguns estudiosos e tradutores.

Veja também Águia; Peneireiro-eurasiático ou Falcão (acima).

Abutre-barbudo

É o maior dos abutres e menos comum do que os outros membros da família. Possui coloração marrom-acinzentada com listras brancas e um tufo preto de pelos rígidos na área facial, o que lhe confere o nome de “abutre barbudo”. Outro nome para ele é “abutre cordeiro”.

O abutre-barbudo (*Gypaetus barbatus*) tem uma maneira única de capturar sua presa; como seu bico não é particularmente poderoso, ele leva sua vítima a uma grande altura e depois a solta sobre as rochas.

O abutre-barbudo tem uma preferência especial por tartarugas e ossos de tutano. Depois que chacais e abutres menores reduzem uma carcaça a ossos, o quebra-ossos esmaga os ossos para obter o tutano ou engole os pedaços inteiros. Por isso, também é conhecido como ossifraga, de uma palavra latina que significa “quebrador de ossos”. O quebra-ossos era considerado impuro na lei mosaica ([Lv 11.13](#); [Dt 14.13](#)).

Consulte também Abutre (abaixo).

Avestruz

Ave de duas patas, rápida, não voadora (*Struthio camelus*) que vive em desertos ou em áreas cobertas por arbustos pequenos.

Nos tempos bíblicos, as avestruzes se espalhavam até o norte da Síria e eram encontradas em todo o deserto do Neguebe, mas desde então se tornaram extintas lá. Seu nome em hebraico significa “filha do deserto”. É a maior de todas as aves vivas, atingindo uma altura de cerca de 3 metros e um peso de 79,5 quilos, embora alguns machos possam pesar até 136,4 quilos. A fêmea é consideravelmente menor. Coxas poderosas e pernas longas dão à avestruz grande velocidade, podendo alcançar até 64 km/h.

O avestruz é onívoro. Ele consome grama, frutas, pequenos mamíferos, pássaros, cobras e lagartos, além de grandes seixos que ajudam na Trituração dos alimentos em sua moela. O avestruz é caçado, mas seus ovos são geralmente mais procurados do que a própria ave. As cascas vazias são

comercializadas em toda a área do Mediterrâneo para uso como utensílios, ou quando quebradas, como matéria-prima para miçangas. Os ovos — até 25 em uma ninhada — são postos em um ninho raso de areia, com alguns deixados descobertos. Eles podem parecer negligenciados durante o dia, mas isso ocorre porque são normalmente incubados à noite. O macho realiza a maior parte da incubação; a fêmea participa apenas durante os dias frios. A casca forte e espessa do ovo protege o embrião do calor do deserto.

O avestruz é ocasionalmente usado para montaria ou até mesmo para puxar pequenos carrinhos. As penas de avestruz tem uma alta demanda. As plumas de avestruz adornavam as antigas cortes reais como leques. Um leque com cabo de marfim do Faraó Tutancâmon (Rei Tut) tinha lindas plumas de avestruz. As plumas são brancas no macho e cinza-amarronzadas na fêmea. A reputação do avestruz por estupidez vem de seu comportamento quando caçado e encurralado; ele não toma medidas evasivas mesmo quando isso o salvaria. No campo aberto, no entanto, é muito cauteloso e corre em alta velocidade para escapar. Em contraste com a perdiz, um avestruz fugirá de seus ovos e filhotes quando perseguido.

A maioria das referências bíblicas aos avestruzes destaca suas características negativas. Eles eram considerados impuros na lei judaica ([Lv 11.16](#); [Dt 14.15](#)). Várias referências associam avestruzes a imagens de deserto e desolação ([Jó 30.29](#); [Is 13.21](#); [34.13](#); [43.20](#); [Jr 50.39](#)). Seu grito noturno, comparado ao mugido de um boi em dor, é mencionado em [Miquéias 1.8](#). Os escritores bíblicos também notaram a aparente indiferença do avestruz para com sua ninhada ([Jó 39.13-18](#); [Lm 4.3](#)).

Coruja

Aves noturnas (ordem Strigiformes) com cabeças grandes e olhos grandes voltados para a frente. Suas penas de asas e caudas são macias como veludo, ajudando a tornar seu voo silencioso. O corpo da coruja é pequeno e esbelto, aproximadamente do tamanho de um pombo, mas parece volumoso devido à espessa cobertura de penas. As corujas têm sido consideradas portadoras de infortúnio e presságios de desastre. No Oriente Próximo, as corujas agora vivem em ruínas de templos e pirâmides no Egito, e em túmulos escavados na rocha, ruínas e cavernas em ambos os lados do Rio Jordão em Israel. Raramente se aproximam de locais habitados.

As corujas têm excelente visão noturna, que usam para capturar roedores ou outros animais. Embora seus olhos sejam excepcionalmente grandes, eles são quase inúteis à luz do dia porque a luz os ofusca. A coruja é capaz de engolir sua presa inteira por causa de seu esôfago elástico. Pelos e ossos indigestíveis são regurgitados como pelotas. O bico é curto, mas fortemente curvado.

Corujas podem botar até dez ovos. Os filhotes são cuidados no ninho por ambos os pais. Tanto os adultos quanto os filhotes tendem a permanecer na área em que nasceram. Oito espécies de corujas são encontradas na Terra Santa, das quais cinco são abundantes. No entanto, é difícil identificar uma espécie específica com qualquer uma das quatro palavras hebraicas traduzidas como “coruja” nas Escrituras. Uma quinta palavra traduzida como “coruja” é mais apropriadamente identificada com o avestruz. Corujas aparecem nas listas de aves impuras ([Lv 11.17](#); [Dt 14.16](#)), e embora as traduções diferem, elas concordam que todas as espécies de corujas, sendo predadoras, são impuras.

Veja também Avestruz (acima); Coruja-das-torres ou Branca; Coruja-Grande; Coruja-Pequena; Coruja-Mocho (abaixo).

Coruja, das-torres ou Branca

Coruja-das-torres (*Tyto alloa*) com um rosto distinto em forma de coração. Pode ter recebido seu nome hebraico devido a um som de ronco que faz ao respirar no ninho. Em voo, emite um grito assustador, e por isso às vezes é chamada de coruja gritadora. Suas características um tanto sinistras — uma cabeça grande e olhos arregalados — levaram algumas pessoas a considerá-la demoníaca, mas também inspiraram outro nome, a coruja cara de macaco. No entanto, é uma ave útil, devorando roedores que invadem campos e danificam grãos armazenados. Como outras corujas, dorme durante o dia e caça à noite com um bem desenvolvido senso de audição e visão. Sua cor é amarelo acastanhado claro com uma máscara branca ao redor dos olhos e bochechas. A perna inteira é coberta com penas que a protegem contra as mordidas de vítimas que lutam em suas garras.

Algumas traduções modernas mencionam a coruja-das-torres ou a coruja-branca pelo nome ([Lv 11.17](#), [11.18](#), [Dt 14.16](#)).

Consulte também Coruja (acima), Coruja, Scops (abaixo).

Grande Coruja

Grande coruja, com aproximadamente 60 centímetros de altura (*Asio otus*). A cor é cinza rato com manchas cinza-amarronzadas e listras pretas. Como um de seus nomes indica, possui “orelhas” tufadas e às vezes é chamada de coruja-das-torres. Alimenta-se de roedores, como ratos e camundongos. Passa o inverno em Israel entre ruínas e bosques.

A grande coruja pode ser a coruja mencionada na Bíblia entre as aves de desolação que habitarão a devastada Edom ([Is 34.11](#)). Também é mencionada pelo nome em algumas traduções das listas de aves ritualmente impuras ([Lv 11.17](#), [Dt 14.16](#)).

Mocho-galego (corujinha)

Menor de todas as aves de rapina noturnas. Principalmente insetívora, a pequena coruja (*Athene noctua glaux*) também se alimenta às vezes de pequenos pássaros. É a coruja mais comum na Terra Santa, habitando entre ruínas, lápides, rochas e matagais (talvez a coruja de [Sl 102.6](#)). Sua voz soa como a de uma pessoa morrendo. Em algumas ocasiões, pode ser observada empoleirada em uma rocha com seus grandes olhos olhando para o horizonte, uma pose que os antigos consideravam um sinal de sabedoria. Os gregos associavam a pequena coruja à deusa Atena. É mencionada pelo nome em várias traduções ([Lv 11.17](#), [Dt 14.16](#)).

Consulte também Coruja (acima).

Mocho-d'orelhas

Pequena coruja (*Otus scops*) distinguida por duas cristas em forma de chifre de penas semelhantes a cabelos em sua cabeça. Ela pousa em uma postura inclinada e pula e dança como uma cabra. Durante o período de incubação, o pio do macho soa como um gemido. O mocho-d'orelhas alimenta-se de insetos, roedores e aves. Durante invasões de ratos ou gafanhotos, essas corujas aparecem em grandes bandos e ajudam a destruir as pragas. Elas são conhecidas por atacar humanos que invadem seus ninhos. São habitantes bem conhecidos da Eurásia e da África.

Alguns estudiosos sugerem que o ótus é o verdadeiro mocho-d'orelhas, por causa de seus chamados assobiantes que ressoam durante a noite. O mocho-d'orelhas é mencionada apenas uma vez nas Escrituras ([Is 34.14](#)), mas essa tradução é objeto de debate acadêmico. Seguindo a mitologia judaica tradicional, algumas traduções

usam a palavra hebraica (*lilith*) como um nome próprio. Na tradição judaica, Lilith era uma bruxa-demônio que, antes da criação de Eva, foi esposa de Adão. Ela se tornou a mãe do Demônio e era considerada uma ameaça para as crianças durante a noite; assim, o nome “Lilith” é traduzido como “bruxa do deserto” ou “monstro da noite”. A maioria dos estudiosos que favorecem a interpretação mítica, no entanto, sugere que Isaías estava usando uma lenda popular para evocar um senso de desolação e não acreditava ele próprio na existência de Lilith. Há pouco apoio para “mocho-d'orelhas” como uma tradução apropriada do nome.

Consulte também Coruja; Coruja, Celeiro ou Branca (acima).

Perdiz

A ave de caça mais comum na Terra Santa é a perdiz. Ela se assemelha a uma galinha em sua anatomia básica, mas possui um corpo menos robusto e uma cauda mais longa. Duas espécies de perdizes habitam a Terra Santa: a perdiz-do-deserto (*Ammoperdix heyi*), encontrada perto do Mar Morto, no vale do Rio Jordão e no Deserto do Sinai; e a perdiz-chukar (*Alectoris graeca*). A perdiz-do-deserto é uma ave de tamanho médio com pés amarelos. O macho tem plumagem de cor areia, penas da cauda superior riscadas e barradas com marrom, e uma parte inferior do peito castanha e branca. A fêmea é de uma cor areia acinzentada. A perdiz-chukar se assemelha à perdiz francesa comum da Europa, com um corpo de cerca de 40 centímetros de comprimento. É coberta por penas belas e radiamente coloridas.

A referência bíblica ([1Sm 26.20](#); provavelmente a perdiz da areia devido ao contexto geográfico) alude ao método comum de capturá-la por perseguição. Também era caçada com armadilhas (cf. [Sl 91.3](#)) ou por caçadores escondidos em um esconderijo. A perdiz, que corre rapidamente, logo se exaure, o que permite aos caçadores persegui-la até o chão e matá-la. No entanto, ao correr e saltar, pode subir penhascos muito íngremes. A ave encontra refúgio entre arbustos nos quais suas penas verde-acastanhadas se misturam de forma protetora. Se não fosse uma reprodutora tão prolífica, provavelmente teria se tornado extinta por ser caçada para alimentação.

A descrição bíblica da perdiz reunindo uma ninhada que ela não chocou ([Jr 17.11](#)) parece ser baseada no fato de que a fêmea põe pelo menos

duas ninhadas de ovos, uma para ela e outra para o macho incubar.

Pavão

Membro da família das codornas, perdizes e faisões, o pavão (*Pavo cristatus*) é, na verdade, o macho da espécie. Sua companheira é propriamente conhecida como pavao. O macho chama a atenção por sua aparência majestosa e luxuosa, realçada por penas magníficas. O peito é de um azul metálico brilhante, e cada pena da cauda possui um olho brilhante perto da ponta. Quando abaixadas, as penas da cauda, incomumente longas, formam uma cauda atrás do pavão no chão, dando-lhe um comprimento total de até 1.8 metros. A cauda também pode ser levantado para formar um enorme leque adornado com olhos multicoloridos. Durante o acasalamento, as penas são levantadas e vibradas para produzir um ruído distinto de farfalhar. A pavao, um tanto apagada, não possui a longa cauda.

Como os pavões não são nativos da Terra Santa, os mencionados em [1 Reis 10.22](#) e [2 Crônicas 9.21](#) são considerados por alguns estudiosos como sendo macacos do Velho Mundo ou babuínos trazidos do Leste da África, ou galinhas-da-guiné da região superior do Rio Nilo. No entanto, há evidências de que os fenícios introduziram pavões ao faraó egípcio, talvez já na época do Rei Salomão. É possível que as expedições comerciais de Salomão tenham se estendido até a Índia, onde o pavão é nativo. O pavão também era bem conhecido pelos gregos e romanos. Alexandre, o Grande, valorizava sua beleza e proibia seus soldados de matar a ave.

Na igreja cristã primitiva, o pavão tornou-se um símbolo da imortalidade prometida pela ressurreição de Cristo. Além disso, os olhos em sua cauda passaram a representar o olho onisciente de Deus.

Pelicano

É a maior de todas as aves aquáticas, consideravelmente maior até mesmo que o cisne. O pelicano (*Pelecanus onocrotalus*) geralmente tem cerca de 127 centímetros de comprimento, com um bico de 40.6 centímetros, cuja parte superior é curvada para baixo na extremidade, facilitando a captura de peixes. A parte inferior do bico sustenta uma bolsa amarela que se estende pela garganta. A bolsa pode conter até 11.4 litros de comida (peixes pequenos) e água. Os pés palmados do pelicano são peculiares por terem membranas entre todos os quatro dedos. Os pelicanos são nadadores

experientes, bem como voadores eficientes. O corpo maciço do pelicano, o pescoço longo e a cabeça comparativamente pequena dão-lhe proporções que tornam difícil levantar-se da água. Para decolar, um pelicano deve primeiro bater desajeitadamente ao longo da superfície, batendo na água com suas pernas.

Os pelicanos voam e fazem ninhos em grupos. Ambos os sexos cuidam dos filhotes que nascem de um a quatro ovos. Enquanto a maioria das aves alimenta seus filhotes colocando comida em suas bocas, o pelicano inverte o processo; o jovem pelicano enfa sua cabeça e a maior parte de seu corpo na garganta da mãe e retira comida parcialmente digerida do papo dela. A penetração profunda do bico do jovem na garganta da mãe levou os antigos a acreditar que os filhotes estavam se alimentando do sangue do peito da mãe, dando assim origem ao amplo uso do pelicano como símbolo da expiação de Cristo e da caridade em geral.

O pelicano-rosado é branco, às vezes com um leve tom rosado, e possui penas pretas que crescem na articulação da asa mais distante do corpo. As pernas, a bolsa e a pele ao redor dos olhos são amarelas; o gancho do bico é vermelho. Esta espécie pode atingir até 1.8 metros de comprimento, com uma envergadura de até 2.4 metros. Durante a época de reprodução, a coloração das áreas expostas das pernas e do rosto do pelicano-rosado muda de cinza para laranja brilhante ou vermelho. Ao mesmo tempo, as penas brancas adquirem um belo tom rosa, originado de uma secreção da glândula de óleo. O óleo é espalhado por toda a plumagem pela ave enquanto ela se arruma.

Alguns estudiosos questionam se "pelicano" é uma tradução apropriada do hebraico em vários versículos, acreditando que a palavra se refere a uma das corujas, falcões ou abutres. A maioria das traduções inclui o pelicano nas listas de aves ritualmente impuras ([Lv 11.18](#); [Dt 14.17](#)). A opinião sobre as outras referências é mais dividida. Alguns estudiosos sustentam que o contexto desértico dos versículos elimina a possibilidade de uma ave aquática como o pelicano (cf. [Sl 102.6](#), "coruja" NTLH; [Is 34.11](#), "coruja-do-deserto", NVI; [Sf 2.14](#), "corujas"). Por outro lado, o pelicano-rosado frequenta os rios, lagos e pântanos da Terra Santa. Depois de voar até 32 quilômetros para o mar para mergulhar em peixes próximos à superfície, o pelicano frequentemente retorna para o interior a um lugar deserto para digerir sua

enorme refeição. Assim, o pelicano pode ser a ave solitária do deserto mencionada nessas passagens.

Pomba ou rola

Espécies da família dos pombos (Columbidae). No uso comum, os nomes “pombo” e “rola” são praticamente intercambiáveis. O pombo doméstico comum, familiar aos habitantes das cidades em todo o mundo, por exemplo, é na verdade um descendente da pomba-brava selvagem. Ambos os nomes são usados em traduções em português da Bíblia para traduzir a mesma palavra hebraica. Uma segunda palavra hebraica é geralmente traduzida como “rola”. No entanto, parece claro que os antigos hebreus reconheciam diferenças entre as espécies de pombas.

Pelo menos seis espécies de pombos ou rolas residem no Israel moderno: o pombo-das-rochas, o pombo-de-colar e o pombo-bravo (gênero *Columba*), e a rola-turca, a rola-de-colar e a rola-dopalmier (gênero *Streptopelia*). Entre essas, o pombo-das-rochas (*Columba livia*) e a rola-brava (*Streptopelia turtur*) parecem ser as duas mais frequentemente mencionadas nas Escrituras.

Os pombos variam em tamanho de 15 a 30 centímetros. A espécie israelense mais colorida é a pomba-das-rochas, que pode apresentar um belo cinza prateado com plumagem iridescente cinza-esverdeada nas asas (observado por Davi, [Sl 68.13](#)). As pombas menores (*Streptopelia*) são menos coloridas, principalmente cinza ou bege com uma meia coleira preta ou xadrez na parte de trás do pescoço. Os pombos têm pescoços curtos e cabeças pequenas, corpos rechonchudos e asas curtas controladas por músculos fortes que lhes permitem voar distâncias consideráveis. As pombas menores têm caudas mais longas.

Atualmente, a pomba-brava selvagem é encontrada principalmente na área ao redor do Mar da Galileia e mais ao sul, nas muitas ravinas que descem até o Mar Morto. As pombas-bravas selvagens preferem construir seus ninhos em rochas e faces de penhascos, um fato precisamente descrito nas Escrituras ([Ct 2.14](#); [Jr 48.28](#)). Todas as pombas israelenses constroem ninhos frágeis de restos de vegetação. Os ovos são chocados duas vezes por ano. As pombas raramente põem mais de dois ovos. Os filhotes são cuidados no ninho por ambos os pais, que percorrem os campos comendo sementes e ervas daninhas. O papo do adulto contém alimento digerido em uma condição leitosa, chamada leite de pombo, que pode ser regurgitado e alimentado aos filhotes.

Durante o cortejo, há uma grande rivalidade entre os pombos machos. A dança de cortejo da rola é uma impressionante exibição aérea. A atenção ao cortejo, o cuidado conjunto dos filhotes e a solicitude dos pais um pelo outro, observados desde os tempos mais remotos, fizeram da pomba um dos símbolos mais populares de amor e paz ([Ct 1.15](#); [2.14](#); [4.1](#); [5.2](#)).

Uma distinção importante entre pombos (pombos-de-colar) e rolas parece ter sido reconhecida por escritores antigos. Os pombos são residentes durante todo o ano e facilmente domesticados, enquanto as rolas são migratórias. As rolas eram confinadas em gaiolas individualmente ou em pares como animais de estimação ou para sacrifícios. Os pombos provavelmente foram as primeiras aves a serem domesticadas, talvez já na época de Noé ([Gn 8.8-12](#)). Eles foram representados nos primeiros monumentos egípcios, e sua comestibilidade foi mencionada em textos egípcios antigos. Assim, os pombos domésticos eram considerados evidências da prosperidade de uma casa. Nas casas mais prósperas, eles faziam ninhos em pombais de argila moldada em estruturas semelhantes a treliças (daí as “janelas” de [Is 60.8](#)).

Nos tempos do NT, havia muitos pombais nos parques ao redor do palácio de Herodes, o Grande, em Jerusalém. A popularidade da pomba se devia não apenas à sua docilidade, mas também a ser desejada como alimento e como um sacrifício aceitável e relativamente barato. A rola pode ter sido considerada mais valiosa como sacrifício devido à sua natureza selvagem e consequente menor disponibilidade. As duas referências bíblicas às rolas fora de um contexto sacrificial referem-se aos seus hábitos migratórios e à sua chegada em Israel na primavera ([Ct 2.12](#); [Jr 8.7](#); cf. [Os 11.11](#)).

A maioria das referências a pombas e rolas na Bíblia está em declarações sobre procedimentos sacrificiais ([Gn 15.7-10](#); [Lv 1.14](#); [5.7](#); [12.6](#); [Nm 6.10](#); [Lc 2.24](#)). Outras referências, no entanto, incluem uma variedade de observações e usos simbólicos da pomba. Seu gemido gutural era frequentemente observado ([Is 38.14](#); [59.11](#); [Ez 7.16](#); [Na 2.7](#)). Seu poder de voo era bem conhecido ([Sl 55.6](#)), assim como sua beleza ([Ct 1.15](#); [4.1](#); [5.12](#)), sua gentileza e lealdade ao parceiro ([Ct 2.14](#); [5.2](#); [6.9](#)), seu afeto ([Sl 74.19](#)) e sua inocência ([Mt 10.16](#)). A única referência negativa às pombas está em [Oséias 7.11](#), onde são consideradas insensatas e

tolas, talvez em referência à sua natureza excessivamente confiante.

Das referências do NT, talvez a mais significativa seja a descrição do Espírito Santo no batismo de Cristo como uma pomba descendendo ([Mt 3.16](#)). A natureza amorosa da pomba fez com que fosse natural para os primeiros cristãos conectar a imagem da pomba com o conceito do Consolador. Desde então, a pomba permaneceu como o símbolo mais popular do Espírito Santo.

Codorna

Pássaros curtos e robustos com bicos e pés semelhantes aos das galinhas; portanto, são adaptados para comer sementes ou insetos. As codornas (*Coturnix coturnix*) são as menores da subfamília de aves que também inclui faisões e perdizes. Codornas (ou "codornizes", outra forma plural) têm cerca de vinte e cinco centímetros de comprimento e possuem asas pequenas e arredondadas. Elas saem de seus esconderijos na grama ou arbustos com um som de zumbido. A barriga da codorna é branca. Até 18 ovos são postos, e se a mãe morrer, o macho é conhecido por assumir o cuidado dos filhotes. Codornas da região do Mediterrâneo passam o inverno no Sudão e migram para o norte em grandes bandos na primavera. Codornas não conseguem manter um voo sustentado por muito tempo, mas utilizam correntes de vento para se manterem no ar.

Enormes bandos de codornizes serviram duas vezes como alimento para os israelitas no Deserto do Sinai, quando as aves foram levadas ao deserto milagrosamente pelos ventos ([Êx 16.13](#); [Nm 11.31-32](#); [Sl 105.40](#)). Na segunda vez, provavelmente estavam voando ao longo do Golfo de Ácaba e foram desviadas do curso pelo vento leste ([Nm 11.31](#); [Sl 78.26-28](#)). Sua incapacidade de sustentar um voo longo pode explicar seu nível de voo baixo — dois côvados, ou cerca de 1 metro. Quando exaustas, eram facilmente capturadas à mão ([Nm 11.31-32](#)). As codornizes eram consideradas limpas e a mais delicada iguaria de todas as aves de caça, e eram preservadas secando ao sol.

Gralha-preta (ou corvo)

Membro da família dos corvos (Corvidae). A palavra hebraica para "corvo" significa "preto". O corvo (*Corvus corax*) pesa cerca de 1.3 quilogramas e varia de 56 a 66 centímetros de comprimento. Sua cauda é mais larga no meio do que em qualquer uma das extremidades. Oito espécies são

encontradas em Israel: três corvos, duas gralhas, uma corveja, uma gralha-calva e uma gralha-de-bico-vermelho. O corvo, com cerca de 50,8 centímetros de comprimento, é menor que uma gralha, e sua cauda é uniforme em largura. A característica mais marcante da gralha é sua plumagem preta, iridescente e brilhante.

Corvos e gralhas sobreviveram apesar da aversão que muitos humanos têm por eles. Excelentes voadores, migram durante o dia e se reúnem em grandes bandos de até várias centenas de milhares. Durante a época de fazer ninhos, fazem ninhos de gravetos nos quais são postos de dois a sete ovos. Corvos acasalam para a vida toda. Equipados com asas fortes, um bico forte e pés fortes, os corvos podem viver em lugares isolados dos quais se deslocam amplamente em busca de alimento. O fato de não ter retornado à arca foi um bom sinal para Noé, indicando que o corvo poderia encontrar alimento e possivelmente um lugar para descansar nos topo das montanhas secas ([Gn 8.7](#)).

A gralha-preta, essencialmente um necrófago, era ceremonialmente impuro ([Lv 11.15](#); [Dt 14.14](#)). No entanto, gralhas (ou corvos) alimentaram Elias por ordem de Deus ([1Rs 17.4-6](#)). Foi dito a Jó que Deus dava ao corvo seu alimento ([Jó 38.41](#)), como o salmista e Jesus repetiram ([Sl 147.9](#); [Lc 12.24](#)). A plumagem negra e brilhante da gralha inspirou a comparação da noiva com o cabelo de seu amado ([Ct 5.11](#)). Eles preferem áreas desoladas e desabitadas como seu território doméstico ([Is 34.11](#)). Gralhas-pretas

são pássaros astutos e ativos. Alguns são capazes de falar, resolver quebra-cabeças e realizar feitos de memória. Ousados e curiosos, às vezes usam seus talentos para roubo.

Gaivota

Aves marinhas robustas, principalmente necrófagas (família Laridae). Várias espécies de gaivotas habitam a costa da Terra Santa. Elas geralmente apresentam costas cinza, com cabeças e partes inferiores brancas e pontas das asas pretas. O bico esguio termina em uma curva para baixo.

As gaivotas podem medir de 20 a 76 centímetros de comprimento. Muitas espécies migram, percorrendo longas distâncias graças à sua habilidade excepcional de voo. As gaivotas também conseguem nadar facilmente devido aos seus pés palmados. Sua voz é semelhante a um grito áspero ou grashido. Na época de nidificação, muitas

constroem ninhos juntas em qualquer lugar disponível, como um penhasco ou árvore. Tanto o macho quanto a fêmea incubam e cuidam dos filhotes.

Como as gaivotas comem quase qualquer coisa, elas são classificadas como aves ritualmente impuras ([Lv 11.16](#); [Dt 14.15](#)). Alguns comentaristas acreditam que essas passagens se referem a uma coruja ou ao cuco, e não à gaivota.

Consulte também Cuco (acima).

Pardal

Pequeno pássaro da família dos tentilhões (Fringillidae) ou da família dos pardais tecelões (Ploceidae), considerado de pouco valor. A palavra hebraica é um termo geral para "pássaro" e refere-se a qualquer pequeno pássaro, como um pardal, tentilhão, tordo ou estorninho. Na tradução, no entanto, a palavra às vezes se refere ao pardal-comum ou pardal-doméstico (*Passer domesticus*; [Sl 84.3](#); [Pv 26.2](#)).

Opaco em cor com uma garganta preta, o pardal-doméstico macho é uma criatura barulhenta e energética. O ninho, quando construído em locais abertos, tem uma abertura lateral e é feito de quase qualquer material disponível. Os pardais também fazem ninhos em locais abrigados, como habitações, caixas ou buracos em árvores. Eles põem de quatro a sete ovos.

O pardal-comum ou pardal-doméstico era conhecido na antiga Grécia e Egito. Lá, tinha a reputação de invadir campos em grandes enxames e colher as sementes. É um residente permanente da Terra Santa.

O pardal é prolífico e vive em estreita associação com os humanos. Era considerado ritualmente puro. Pardais tinham preços baixos em países onde eram vendidos ([Mt 10.29](#); [Lc 12.6](#)). Hoje, nos mercados do Oriente Próximo, meninos oferecem pardais vivos à venda. Amarrados juntos em grupos de quatro a seis por cordas presas a uma perna, os pássaros voam sobre as cabeças dos meninos. Evidentemente, tal cena era comum nos tempos do NT.

Cegonha

Pássaro de pernas longas, branco, que anda na água (gênero *Ciconia*) com grandes e poderosas asas, possuindo penas primárias e secundárias pretas e brilhantes. O bater de suas asas produz um som alto e sibilante. Membranas conectando os dedos

impedem que o pássaro afunde na lama. Seu bico vermelho é afiado e longo, servindo para agarrar e levantar sua presa para fora da água. As cegonhas são mudas, pois não possuem caixa vocal.

Bandos de cegonhas passam pela Terra Santa durante sua migração de setembro a caminho da África Central e Meridional e, da mesma forma, na primavera em seu voo de retorno para suas casas no norte de Israel, Síria e Europa. As cegonhas viajam em grandes bandos durante o dia, destacando-se contra o céu.

O cuidado dedicado da cegonha com seus filhotes é conhecido, assim como seu hábito de retornar anualmente ao mesmo local onde faz seus ninhos. As cegonhas costumam adicionar material aos seus ninhos a cada ano, e é possível encontrar ninhos com 100 anos de idade e mais de noventa centímetros de altura.

Duas espécies de cegonhas frequentam a Terra Santa. A cegonha-branca (*Ciconia alba*) tem por volta de 1 metro de altura, e sua envergadura é de 1.8 metro, permitindo-lhe mover-se com um voo lento e sustentado ou planar. No folclore, a cegonha-branca é às vezes considerada um presságio de boa sorte.

A cegonha-preta (*Ciconia nigra*), comum ao redor do vale do Mar Morto, faz ninhos em árvores; portanto, pode ser a espécie que habita em árvores referida em [Salmo 104.17](#). O nome hebraico para "cegonha" significa literalmente "a régia" ou "a leal", uma referência ao cuidado da ave com seus filhotes. Assim como a garça, a cegonha era ceremonialmente impura por causa de sua dieta de organismos aquáticos, resíduos, pequenos animais, aves e répteis ([Lv 11.19](#); [Dt 14.18](#)). Jeremias mencionou o conhecimento instintivo e impressionante da cegonha sobre o tempo de sua migração ([Ir 8.7](#)). Suas asas impressionantes figuraram em uma das visões de Zacarias ([Zc 5.9](#)).

Andorinha

Pequena ave de cauda bifurcada, quase preta, com asas longas e afiladas, conhecida por seu voo gracioso (*hirundo rustica*). Os pés pequenos e fracos são mal adaptados para caminhar. As andorinhas se assemelham aos andorinhões em forma e hábitos de vida, mas são um pouco menores.

A grande boca da andorinha permite que ela capture insetos enquanto voa. As cores variam de marrom e azul a branco. As andorinhas frequentemente fazem ninhos em edifícios, uma

característica notada pelo salmista, que relatou a casa de uma andorinha no templo ([Sl 84.3](#)).

As andorinhas são residentes em Israel, enquanto o andorinhão é uma ave migratória conhecida pela regularidade de seu cronograma migratório. A "andorinha" de [Isaías 38.14](#) provavelmente se refere a um andorinhão, assim como em [Jeremias 8.7](#), onde a confiabilidade da ave é contrastada com a irregularidade do povo de Deus. [Provérbios 26.2](#) pode ser uma referência tanto à andorinha quanto ao andorinhão.

Consulte também Andorinha (abaixo).

Cisne

Grandes e graciosas aves aquáticas. Duas espécies de cisnes (gênero *Cygnus*) são encontradas no Oriente Médio como migrantes de passagem (*Cygnus olor* e *Cygnus musicus*). Os cisnes são conhecidos como os melhores músicos entre as aves e eram considerados sagrados para o deus Apolo pelos gregos. Suas vozes soam como flautas e harpas.

As referências em [Levítico 11.18](#) e [Deuteronômio 14.16](#) provavelmente não se referem ao cisne, mas à galinha-d'água ou à coruja-das-torres, já que parece haver pouca razão para declarar o cisne vegetariano um animal impuro. *Veja também Coruja, das Torres ou Branca (acima); Galinha-d'água (abaixo).*

Andorinhão

Pequenos e fortes voadores (gênero *Apus*). Assim como a andorinha, o andorinhão possui asas longas e curvadas e uma cauda bifurcada, permitindo-lhe alcançar grande velocidade enquanto raspa o chão e varre o ar. Um andorinhão devora uma grande quantidade de insetos nocivos, capturando-os em voo com a boca. Muitos andorinhões fazem seus ninhos em telhados e em cantos e fendas de paredes da cidade. Seus ninhos são construídos com penas fortes cimentadas com saliva. Outros andorinhões vivem em cavernas e fendas de rochas.

Os andorinhões comuns são nativos de Israel, e no Vale do Jordão ocorrem em grandes bandos. [Isaías 38.14](#) parece ser uma referência clara ao chamado plangente do andorinhão, já que o chilreio agudo da andorinha não é uma comparação marcante para o grito de um rei angustiado. O andorinhão tem uma voz suave e delicada, e seu grito poderia ser facilmente interpretado como um lamento melodioso.

Os andorinhões migratórios chegam em um horário preciso na Terra Santa no final do inverno, e imensos bandos enchem as cidades com seus gritos. Assim, a referência em [Jeremias 8.7](#) a andorinhas, que são em grande parte residentes permanentes, é provavelmente aos andorinhões.

Consulte também Andorinha (acima).

Abutre

Subfamília (Aegypiinae) da família dos falcões (Accipitridae). Cada uma das quatro espécies de abutres do Velho Mundo é encontrada na Terra Santa: o abutre egípcio, o grifo, o preto e o abutre barbudo (também conhecido como quebra-ossos). Essas aves variam em tamanho, desde o abutre egípcio, com 61 centímetros, até o enorme abutre barbudo, a maior de todas as aves voadoras na Terra Santa.

A maioria dos abutres é marrom ou preta, com pescoço curto e bico curto e curvado, que usam para rasgar a carne de animais mortos de que se alimentam. Todos os abutres, exceto o barbudo, têm cabeças e pescoços nus ou cobertos de penugem, o que lhes permite penetrar profundamente em uma carcaça sem estragar a plumagem. A excelente visão permite que um abutre localize uma carcaça a partir de uma posição elevada em voo. Considerando o estado de decomposição da maioria de seus alimentos, o fraco olfato de um abutre pode ser uma limitação afortunada. Os abutres fazem ninho em qualquer lugar conveniente; ambos os pais cuidam dos filhotes.

A palavra hebraica geralmente traduzida como "águia" no Antigo Testamento pode ter sido um termo geral para todas as grandes aves de rapina, incluindo abutres. Assim, muitas das passagens sobre águias podem se referir tanto à águia quanto ao abutre (cf. [Lv 11.13](#); [Dt 14.12](#)). Tais passagens incluem referências aos hábitos de como fazem os ninhos ([Jó 39.27-28](#); [Jr 49.16](#); [Ob 1.4](#)), cuidado com os filhotes ([Dt 32.11](#)), poderes de voo ([Êx 19.4](#); [Dt 28.49](#); [Jó 9.26](#); [Lm 4.19](#)), e altitude extremamente alta de voo ([Pv 23.5](#); [30.19](#); [Is 40.31](#)). Apesar das variações entre as traduções, o abutre claramente pertence à lista de aves impuras por causa de sua dieta imunda ([Lv 11.13,18](#); [Dt 14.12,17](#)).

Várias referências à águia em algumas traduções modernas foram alteradas para "abutre" em traduções modernas. A mudança parece apropriada nas referências ao abutre como um sinal de desgraça presente ou iminente ([Lm 4.19](#);

[Os 8.1](#)). Da mesma forma, a ave que arranca os olhos em [Provérbios 30.17](#) é provavelmente um abutre. A frase "careca como a águia" ([Mq 1.16](#)) claramente deveria ser "careca como o abutre", já que não há águias carecas em Israel e a maioria dos abutres é careca. Como o abutre, assim como a águia, era um símbolo de soberania e dominação no antigo Oriente Próximo, alguns deuses eram representados como abutres. Assim, a comparação de Ezequiel dos reis da Babilônia e do Egito a águias pode ser concebida alternativamente como comparações a abutres ([Ez 17.3.7](#)). A referência de Jesus às águias se congregando em torno de cadáveres nos tempos finais ([Mt 24.28](#)) também deve ser revisada para abutres, já que as águias geralmente comem sozinhos, enquanto os abutres geralmente se juntam em torno de carniça.

Em algumas traduções modernas, várias referências a abutres são geralmente traduzidas como "milhafre" ou "falcão" (cf. várias versões de [Lv 11.14](#); [Dt 14.13](#); [Jó 28.7](#); [Is 34.15](#)).

Veja também Águia; Peneireiro; Milhafre; Quebra-ossos; Abutre-preto ou Águia-pescadora; Abutre-egípcio; Abutre-grifo.

Abutre, Corvo ou Abutre-preto

Carnívoro de hábito diurno, um pouco mais de 90 centímetros de comprimento com uma envergadura de mais de três 2.7 metros. As penas do corvo ou abutre-preto (*Aegypius monachus*) são pretas, e a cabeça e a parte superior do pescoço são calvas, como as de outros comedores de carniça. Ele faz ninhos no vale do Rio Jordão e parece ter sido abundante nos tempos bíblicos. Hoje é bastante raro. O abutre preto é provavelmente o abutre de [Levítico 11.13](#) e [Deuteronômio 14.12](#).

Consulte também Abutre (acima).

Abutre-do-egito

Também conhecido como águia gier ou galinha do Faraó, o abutre-do-egito (*Neophron percnopterus*) tem plumagem basicamente branca, com a cabeça nua e o pescoço amarelo. O abutre-do-egito quebra ossos deixados por outros abutres. Seu voo é lento e fácil, e sua voz é um crocitar. Medindo cerca de 61 centímetros de comprimento, é a menor de todas as aves necrófagas encontradas na Terra Santa. Pode ser mencionado na lista de aves impuras ([Lv 11.18](#); [Dt 14.17](#)). Veja Abutre (acima).

Grifo-eurasiático

Uma das maiores aves voadoras da Terra Santa (*Gyps fulvus*). Até uma geração atrás, o grifo-eurasiático era uma das aves mais comuns na Terra Santa. Hoje, está à beira da extinção. Muitos foram mortos ao ingerir iscas venenosas destinadas a raposas e chacais. Além disso, sua reprodução é limitada; a fêmea põe apenas um ou dois ovos por ano.

O grifo-eurasiático mede cerca de 122 centímetros de comprimento e até 3 metros entre as pontas das asas. Seu bico é extremamente forte, e seus dedos curtos são equipados com garras rombas. É uma ave de cor marrom-claro, com a cabeça e o pescoço amarelo-pálido, que são quase nus, cobertos apenas por uma penugem muito fina.

O abutre-grifo alimenta-se principalmente de carniça, mas também de gafanhotos e pequenas tartarugas. Ele consegue ficar sem comida por vários dias sem efeitos negativos, mas quando quebra o jejum, empanturra-se. É encontrado especialmente na região do Mar da Galileia. A maioria das referências bíblicas ao abutre provavelmente se refere ao grifo-eurasiático.

Consulte também Águia; Abutre (acima).

Galinha-d'água

Pequena ave aquática da família dos ralídeos. A galinha-d'água, listada entre as aves impuras ([Lv 11.18](#); [Dt 14.16](#)), pode ser a ave bíblica mais difícil de identificar. Várias alternativas foram sugeridas, incluindo o cisne, uma das corujas ou a galinha-dobrejo. A maioria dos estudiosos descarta o cisne, já que é uma ave vegetariana e, portanto, não deveria ser considerada impura. Uma coruja continua sendo uma possibilidade.

A galinha-d'água é um tipo de saracura, com várias espécies habitando Israel. Uma dessas espécies é a galinha-sultana (*Porphyrio porphyrio*). As saracuras são aves muito elegantes, variando de 15 a 51 centímetros de comprimento. Elas vivem em pântanos, onde consomem uma grande variedade de matéria animal e vegetal, o que as torna candidatas à inclusão nas listas mosaicas de animais impuros.

Consulte também Animais.

Pastor

Palavra que literalmente significa “pastor” (de ovelhas), usada tanto no AT quanto no NT em um sentido figurativo para governantes e líderes. Das 12 vezes que a palavra grega “poimen” é usada no NT como uma metáfora para “líder”, as versões da Bíblia em português em geral usam a palavra “pastor” ou “pastores” — por exemplo, em [Efésios 4.11](#).

Pastores e mestres juntos formaram um grupo que complementava o trabalho dos apóstolos, profetas e evangelistas. Os títulos “bispo” e “ancião” se referem ao mesmo ofício no NT (cf. [Atos 20.17, 28](#); [Ti 1.5-7](#)), e “pastor” parece ser praticamente sinônimo de todos eles, como mencionado por Jesus sendo referido como “o Pastor e Bispo de suas almas” ([1Pd 2.25](#), ARC). O verbo “pastorear” é usado para descrever o trabalho dos líderes da igreja local ([João 21.16](#); [Atos 20.28](#); [1Pd 5.2](#)), e muitas vezes a congregação é chamada de rebanho. É responsabilidade do pastor edificar o corpo de Cristo vigiando a congregação ([Atos 20.28](#); [Hb 13.7](#)) e contrariando o falso ensino ([Atos 20.29-30](#)). Informações mais detalhadas sobre os deveres e responsabilidades dos pastores são encontradas nas cartas de Paulo a Timóteo e Tito, que vieram a ser chamadas de Cartas Pastorais.

Ver também Bispo; Diácono, Diaconisa; Ancião; Presbítero; Pastor; Dons Espirituais.

Pastor

Aquele que tomava conta de um rebanho de ovelhas. Sua tarefa era encontrar grama e água para as ovelhas, protegê-las dos animais selvagens ([Amós 3.12](#)), buscar e restaurar aquelas que se desviavam ([Ezequiel 34.8](#); [Mateus 18.12](#)), conduzir o rebanho para fora do curral a cada dia e trazer o rebanho de volta ao final do dia ([João 10.2-4](#)).

A figura do pastor e suas ovelhas é importante no Novo Testamento. Jesus é o Bom Pastor que dá sua vida pelas ovelhas ([Mateus 18.10-14](#); [Marcos 6.34](#); [João 10](#); [Hebreus 13.20](#)). A analogia do pastor e do rebanho encontra uma rica expressão no [Salmo 23](#), [Ezequiel 34](#) e [João 10](#). Deus era o Pastor de Israel ([Gênesis 49.24](#); [Salmos 23.1](#); [80.1](#); [Isaías 40.11](#)). Quando os pastores infiéis falharam com Israel, Deus interveio e nomeou seu servo Davi como um pastor fiel sobre eles ([Ezequiel 34.11-16,23-24](#)).

As imagens do Novo Testamento vêm do Antigo Testamento e de um contexto palestino. Na

economia judaica, o pastor que cuidava de um rebanho de ovelhas ou cabras ocupava uma posição de grande responsabilidade. Grandes rebanhos tinham que ser movidos de um lugar para outro. Eles também precisavam ser protegidos de animais selvagens e assaltantes. Devido ao papel fundamental do pastoreio no mundo antigo, a palavra “pastor” tornou-se um termo comum para se referir a um governante. Os reis de Assíria, Babilônia e o Egito eram muitas vezes referidos como pastores que protegiam seu povo. Esta imagem formou o pano de fundo para o Antigo Testamento, onde o mesmo uso é encontrado. Deus é retratado como o pastor de Israel, interessado em todos os aspectos do bem-estar de seu povo. Governantes e líderes do povo são muitas vezes citados como pastores ([Números 27.17](#); [1 Reis 22.17](#); [Jeremias 10.21](#); [12.10](#); [22.22](#); [23.1-2](#)).

Na época de Jeremias, “pastor” começou a ser usado como um título para a vinda do Messias. O próprio Deus proveria para seu rebanho ([Jeremias 23.3](#); [31.10](#); [Ezequiel 34.11-22](#)) e prometeu fornecer pastores fiéis que se preocupassem com seu povo ([Jeremias 3.15](#); [23.4](#)). Ele prometeu explicitamente que ele seria seu Deus e colocaria o Messias, filho de Davi como pastor sobre eles ([Ezequiel 34.23-24](#)). No Novo Testamento, Jesus se referiu a si como o Pastor messiânico prometido ([Mateus 10.16](#); [25.32](#); [Marcos 14.27](#); [João 10.1-30](#); compare [Hebreus 13.20](#); [1 Pedro 2.25](#)). [Efésios 4.11](#) fala de líderes da igreja como pastores. Este uso continuou da igreja primitiva até os dias atuais. Paulo disse que eles são pessoas especiais dadas à igreja por Deus para cuidar do povo dele como um pastor faz com suas ovelhas, liderando e ensinando-as nos caminhos de Deus. Pedro também falou dos líderes como pastores. Ele os encorajou a permanecer pastores fiéis até o tempo em que o Grande Pastor, Jesus Cristo, aparecesse ([1 Pedro 5.1-4](#)).

Pastores

Homens que cuidavam de animais domésticos, como gado, ovelhas e cabras ([Gênesis 13.7-8](#); [26.20](#); [1 Samuel 21.7](#)). Estes também incluíam os pastores de ovelhas. No Novo Testamento, os pastores eram bem conhecidos. A metáfora do pastor e suas ovelhas foi usada por Jesus ([João 10.1-16](#)). Alguns pastores criavam porcos ([Mateus 8.33](#); [Marcos 5.14](#); [Lucas 8.34](#)).

Pasur

1. Antepassado de uma família de sacerdotes que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.38](#); [Ne 7.41](#)). Ele pode ter sido também o filho de Malquias e o avô de Adaías, o sacerdote. Adaías serviu no santuário durante o período pós-exílico ([1Cr 9.12](#)). Seis dos filhos de Pasur foram encorajados por Esdras a se divorciarem de suas esposas estrangeiras ([Ed 10.22](#)).
2. Um dos sacerdotes que, junto com Neemias, colocou seu selo na aliança de Esdras ([Ne 10.3](#)).
3. O filho de Imer era sacerdote e principal oficial do santuário durante o reinado do Rei Zedequias de Judá (597–586 a.C.). Frustrado com as previsões de desgraça de Jeremias para Jerusalém, Pasur espancou Jeremias e o colocou no tronco no Portão de Benjamim do templo. Após sua libertação, Jeremias expôs as falsas profecias de Pasur e previu seu exílio e morte na Babilônia ([Jr 20.1–6](#)).
4. Filho de Malquias e possivelmente neto do Rei Zedequias de Judá (597–586 a.C.; [Jr 21.1](#); [38.1](#), cf. [38.6](#)). O rei enviou Pasur, junto com o sacerdote Sofonias, a Jeremias, pedindo que ele solicitasse ao Senhor para tratar favoravelmente Judá. Foi na cisterna de seu pai que Jeremias foi preso ([Jr 38.6](#)).
5. Pai de Gedalias. Gedalias — junto com Sefatias, Jucal e Pasur — opôs-se a Jeremias e tentou matá-lo aprisionando-o na cisterna de Malquias ([Jr 38.1](#)).

Pátara

Pátara era um porto marítimo da antiga região da Lícia, agora localizada na moderna Turquia. A antiga cidade era uma das maiores e mais prósperas da região. Era um centro de comércio e negócios. Um templo dedicado a Apolo estava em Pátara. Restos de um teatro e banhos ainda estão lá. Os padrões de vento comuns tornavam Pátara um lugar conveniente para os navios iniciarem suas viagens ao leste do Mediterrâneo. O apóstolo Paulo trocou de navio em Pátara em sua última viagem a Jerusalém ([At 21.1–2](#)).

Pátio

Área cercada por edifícios ou muros e sem teto. O Templo possuía pátios para sacerdotes, mulheres e gentios. Pátios eram comuns em residências particulares também.

Veja Arquitetura; Casas e moradias; Tabernáculo; Templo.

Patmos

Pequena ilha no Mar Egeu, localizada a cerca de 56 quilômetros a oeste da cidade de Mileto, na costa da Ásia Menor. Patmos tem cerca de 16 quilômetros de comprimento e 9,7 quilômetros de largura em sua extremidade norte, composta por colinas vulcânicas rochosas.

Em [Apocalipse 1.9](#), João diz que estava na ilha de Patmos "por pregar a palavra de Deus e testemunhar a respeito de Jesus" (NVT). Ele também indica que é um participante junto deles no "sofrimento". O historiador romano Tácito nos informa que os romanos usavam algumas das ilhas do Egeu como locais de banimento e exílio durante o primeiro século (*Anais* 3.68; 4.30; 15.71). Assim, a linguagem do autor e a evidência de Tácito, juntamente com tradições cristãs dos séculos segundo e terceiro sobre o banimento de João, apoiam a probabilidade de que Patmos era um lugar de exílio ou confinamento político.

Em uma época em que as igrejas asiáticas estavam sofrendo perseguição, João escreveu para elas a partir desta ilha. Ele se dirigiu a cada uma das sete igrejas por meio de uma carta de encorajamento e advertência. A série de cartas é seguida pelo relato do autor sobre a visão divinamente enviada de um julgamento iminente, que "deve acontecer em breve" ([Ap 22.6](#)). Patmos, então, foi o local de onde esta escrita do NT se originou.

Veja também Apocalipse, Livro de.

Patriarcas, Período dos

O período de tempo em que os pais bíblicos de Israel viveram. A Bíblia fala sobre:

- Os patriarcas que viveram longas vidas antes do dilúvio ([Gênesis 1–5](#));
- Noé ([Gênesis 6–9](#));
- Uma linha de patriarcas após o dilúvio ([Gênesis 10–11](#)).

No entanto, a palavra geralmente se refere a Abraão, Isaque e Jacó ([Gênesis 12–36](#)) e também inclui José ([Gênesis 37–50](#)).

Quando viveram os patriarcas?

É difícil encontrar a data exata dos patriarcas. Os reis mencionados em [Gênesis 14.1–2](#) são o único ponto de referência para identificar uma data. Este capítulo refere-se a pessoas e lugares históricos, mas não podemos identificar os reis com certeza. Arqueólogos italianos em Tell Mardikh (antiga Ebla) encontraram tábua de argila com os nomes das “Cidades da Planície” de [Gênesis 14.2](#) e o nome de um de seus reis. No entanto, essas tábua datam de antes de 2000 a.C. e antes de Abraão. Tudo o que mostram é que as cidades existiam antes de Abraão.

Os patriarcas viveram na Idade do Bronze Médio, provavelmente no início do segundo milênio a.C. Esta foi a época em que os amorreus se mudaram para a Palestina vindos do noroeste. Os amorreus se mudaram para a Palestina em duas “ondas”:

- A primeira envolvia um grupo que se moveu em habitações temporárias (como os amigos de Abraão: Aner, Escol e Manre) ([veja Gênesis 14.13](#));
- A segunda onda foi da Síria e envolveu pessoas se mudando para as cidades (estes eram “os amorreus”) ([Exodo 3.8](#)).

A sociedade dos patriarcas tinha dois tipos:

- As comunidades de cidades;
- As comunidades rurais (ou tribos seminômades) que se deslocavam ao redor das cidades.

José viveu no Egito, mas as Escrituras não nos dão o nome deste Faraó para podermos situar o período em que ele viveu.

Onde viveram os patriarcas?

A história patriarcal cobre uma ampla faixa geográfica, abrangendo centenas de milhas. Abraão viveu em Ur, uma antiga cidade suméria perto do Golfo Pérsico. Depois ele se muda para Harã no noroeste, entre os rios Tigre e Eufrates no norte. De lá, ele se move para o sudoeste até a Palestina, mas viaja de volta para Harã duas vezes e duas vezes para o Egito. Mesmo na Palestina, os patriarcas estão sempre se movendo de um lugar para outro. Eles viajam principalmente de norte a sul ao longo das montanhas, mas às vezes viajam para a costa e até para a Transjordânia (leste do rio Jordão). Alguns se juntam às culturas urbanas (como Ló em

[Gênesis 13.12](#)), enquanto outros se mudam para o deserto (como Ismael em [Gênesis 25.18](#) ou Esaú em [36.6–8](#)).

Por que os patriarcas são importantes?

Os patriarcas são muito importantes para o plano de redenção de Deus. O processo que leva à vinda de Cristo começa com Abraão ([João 8.56](#)). Claro, o plano de salvação de Deus começa nos primeiros capítulos de Gênesis. Mas o plano de Deus se torna claro com o chamado de Abraão em [Gênesis 12.1–3](#) e continua através das vidas de todos os patriarcas. A Bíblia frequentemente fala de Deus como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó por uma razão. Isso porque a revelação feita aos primeiros patriarcas é a base para tudo o que se segue. No Novo Testamento, os cristãos também chamam Abraão de seu “pai” ([Romanos 4.16](#)).

Veja também Abraão; Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); Isaque; Israel, História de; Jacó #1; José #1.

Patrimônio

Uma herança de um pai ou antepassado ([Dt 18.8](#)).

Veja Herdeiro; Herança.

Patros

A região do Alto Egito é mencionada cinco vezes no Antigo Testamento Hebraico ([Is 11.11](#); [Jr 44.1,15](#); [Ez 29.14](#); [30.14](#)). Em cada ocorrência, é mencionada junto com uma cidade no Baixo Egito (Nof = Mênfis, ou Zoã = Tânis). No hebraico, é Patros, e no egípcio é *pa to resy* (“a Terra do Sul”). Egíptólogos acreditam que a forma hebraica é uma corrupção de *Pethoris* ou *Pethores*. [Isaiás 11.11](#) sugere que Mitsrayim deve ser equiparado ao Baixo e Médio Egito, e Patros é a região ao sul até a fronteira de Cuxe (ou seja, Alto Egito). De acordo com [Ezequiel 29.14](#), Patros é o lar original dos egípcios. Os profetas falaram sobre o julgamento de Deus sobre Patros: “Arrasarei o alto Egito, incendiarei Zoa e infligirei castigo a Tebas” ([Ez 30.14](#), NVI). Após o exílio, judeus migraram para o Egito e alguns se estabeleceram em Patros. Jeremias advertiu que o julgamento de Deus sobre o Egito estava por vir e que eles não escapariam dele: “Esta é a palavra do Senhor, que foi dirigida a Jeremias, para todos os judeus que estavam no Egito e viviam em Migdol, Tafnes, Mênfis, e na

região de Patros: 'Assim diz o Senhor dos Exércitos, Deus de Israel: Vocês viram toda a desgraça que eu trouxe sobre Jerusalém e sobre todas as cidades de Judá. Hoje elas estão em ruínas e desabitadas' ([Ir 44.1-2](#), NVI).

Patrusitas

Habitantes de Patros, uma região ao sul do Egito ([Gn 10.14](#); [1Cr 1.12](#)). Veja Patros.

Paú

Uma cidade localizada em Edom onde o Rei Hadade governou ([Gn 36.39](#)). Também era chamada de "Paí".

Paulo, O Apóstolo

Líder proeminente da igreja do primeiro século, um apóstolo dos gentios e autor de 13 cartas do Novo Testamento.

Resumo

- Família e contexto cultural
- Educação
- Saulo, o perseguidor
- Conversão e chamado
- Preparação para o ministério
- Enviado de Antioquia
- Viajando com Barnabé
- O Conselho de Jerusalém
- Viagens
- Trabalho no Evangelho
- A prisão em Jerusalém
- Viagem e estadia em Roma
- Anos finais e martírio

Família e contexto cultural

Paulo nasceu por volta do ano 10 d.C., um judeu em uma família de fariseus ([Atos 23.6](#)) da tribo de Benjamim ([Filipenses 3.5](#)) em Tarso da Cilícia

([Atos 9.11](#); [21.39](#); [22.3](#)). Tarso era um centro de comércio e aprendizado que abraçava o espírito helenístico e a política romana. Era uma cidade da qual ele poderia se orgulhar ([21.39](#)). Seus pais o nomearam Saulo, talvez em homenagem ao primeiro rei de Israel, que também era um benjamita ([1 Samuel 11.15](#); [Atos 13.21](#)). Mas [Atos 13.9](#) observa que ele "também era chamado de Paulo". Ele usa o nome romano Paulo ao longo de suas cartas.

Paulo recebeu conhecimento da lei e dos profetas e das línguas hebraica e aramaica de pais religiosos ([Atos 21.40](#); [22.2-3](#); [23.6](#); [Gálatas 1.14](#); [Filipenses 3.5-6](#)). Tarso, no entanto, não era uma cidade judaica. Em vez disso, tinha um caráter grego, sendo um lugar onde a língua grega era falada e a literatura grega cultivada. Isso explica a familiaridade de Paulo com o grego ([Atos 21.37](#)), o idioma das ruas e dos comércios de Tarso.

Os judeus foram trazidos para Tarso, a capital da província romana da Cilícia, em 171 a.C. para promover os negócios na região. Naquela época, os antepassados de Paulo provavelmente receberam a cidadania romana. Paulo herdou de seu pai tanto a cidadania tarsiana quanto a romana. Isso provaria ser de grande valor para Paulo em sua vida mais tarde conforme ele viajava com o Evangelho por todo o Império Romano ([Atos 16.37](#); [22.25-29](#); [23.27](#)). Paulo pode ter tido vários irmãos e irmãs, mas [Atos 23.16](#) menciona apenas uma irmã, cujo filho salvou a vida de Paulo.

Paulo era um fabricante de tendas ([Atos 18.3](#)). Ele pode ter aprendido este ofício com seu pai, ou ele pode tê-lo selecionado como um meio de sustento próprio, como era o costume daqueles que estavam no treinamento rabínico. Tarso era bem conhecido pelo pano de pelos de cabra chamado cilício. Ao tecer e formar este pano em tendas, velas, toldos, e capas, Paulo ganhou independência econômica durante seu ministério apostólico ([Atos 18.3](#); [20.34](#); [28.30](#); [2 Coríntios 11.9](#); [1 Tessalonicenses 2.9](#); [2 Tessalonicenses 3.8](#)).

Educação

Embora nascido em Tarso, Paulo testemunhou aos judeus em Jerusalém onde havia sido criado e estudado com Gamaliel ([Atos 22.3](#)). Não fica claro quando Paulo foi trazido pela primeira vez à Jerusalém, mas é provável que em algum momento entre as idades de 13 a 20 anos, ele começou seus estudos rabínicos formais. Seu mestre, Gamaliel, era o neto de Hilel, fundador de uma escola farisaica que ainda estão presentes nos escritos

talmúdicos hoje. Este é o mesmo Gamaliel cuja sabedoria persuadiu o Sinédrio a poupar as vidas de Pedro e dos apóstolos ([5.33–40](#)). Certamente, foi enquanto estudava com Gamaliel na escola de Hilel que ele começou a avançar no judaísmo além de muitos judeus de sua própria idade e se tornou extremamente zeloso pelas tradições de seus pais ([Gálatas 1.14](#)). Então, talvez Paulo também tenha começado a experimentar as lutas com a lei que ele descreveria mais tarde em [Romanos 7](#).

Enquanto Paulo estava estudando a lei judaica em Jerusalém, Jesus estava trabalhando como carpinteiro em Nazaré. Então, Jesus reuniu os discípulos que um dia seriam os colaboradores de Paulo no evangelho. Jesus cumpriu seu ministério e realizou a redenção na cruz (30 d.C.). A ressurreição de Cristo deu à luz a igreja, que foi batizada no Espírito Santo na Festa de Pentecostes em Jerusalém (Atos 2.1–13).

Saulo, o perseguidor

Pouco depois desses eventos que mudaram o mundo, os membros de certas sinagogas em Jerusalém, incluindo a sinagoga de Cilícia, de onde Paulo era ([Atos 6.9](#)), não puderam resistir à sabedoria e ao espírito (verso [10](#)) de um membro da igreja em Jerusalém chamado Estêvão (versos [5.8](#)). Eles o acusaram de blasfêmia diante do Sinédrio (versos [11–15](#)). Após a eloquente defesa de Estêvão ([7.1–53](#)), eles o arrastaram para fora da cidade, onde ele foi apedrejado até a morte. Ele se tornou o primeiro mártir cristão. O registro não revela totalmente o papel de Paulo nesses eventos. Mas, sabemos que ele estava presente e proeminente, porque as testemunhas contra Estêvão, que eram obrigadas a jogar as primeiras pedras na morte, “colocavam suas roupas aos pés de um jovem chamado Saulo [Paulo]” (verso [58](#)).

No julgamento de Estêvão, Paulo ouviu o histórico método de defesa de Estêvão. O próprio Paulo o usou mais tarde em Antioquia da Pisídia ([Atos 13.16–41](#)). Ele testemunhou o homem com o rosto de um anjo ([6.15](#)), cheio do Espírito Santo, olhando para cima e proclamando: “Olhem! Eu estou vendo o céu aberto e o Filho do Homem em pé, ao lado direito de Deus.” ([7.56](#)). A morte de Estêvão iniciou os eventos que acabariam na conversão e comissão de Paulo como o apóstolo aos gentios. Mas naquela época Paulo era um líder dos oponentes da igreja. Ele proferia ameaças e assassinato contra os discípulos do Senhor ([9.1](#)). Ele perseguiu a igreja de Deus e tentou destruí-la ([Gálatas 1.13](#)).

aprisionando cristãos, tanto homens quanto mulheres ([Atos 22.4](#)), em muitas cidades.

Conversão e chamado

Paulo havia obtido cartas do sumo sacerdote em Jerusalém para as sinagogas em Damasco, autorizando-o a prender os crentes lá e trazê-los para Jerusalém para julgamento ([Atos 9.1–2](#)). Ele viajou para Damasco com este propósito. Então, nos arredores da cidade, ocorreu o evento que iria transformar esse perseguidor zeloso de Jesus Cristo, cumpridor da lei, e destruidor blasfemo da igreja nascente, no principal propagador do evangelho da graça e mestre de obras da igreja ([1 Coríntios 3.10](#); [1 Timóteo 1.13](#)). Esta era a ocasião da conversão de Paulo (por volta de 31–33 d.C.). A importância desse evento foi tão revolucionária e duradoura que três relatos detalhados são dados no livro de Atos ([Atos 9.1–19](#); [22.1–21](#); [26.1–23](#)). Muitas referências também são dadas nos próprios escritos de Paulo ([1 Coríntios 9.1](#); [15.8](#); [Gálatas 1.15–16](#); [Efésios 3.3](#); [Filipenses 3.12](#)).

Naquele tempo, uma luz do céu, mais brilhante do que o sol do meio-dia, brilhou ao redor de Paulo e seus companheiros de viagem, e eles caíram no chão ([Atos 26.13–14](#)). Apenas Paulo, no entanto, ouviu a voz de Jesus instruí-lo em sua comissão como ministro e testemunha aos gentios (versos [14–18](#)). Temporariamente cego, Paulo foi levado para Damasco ([9.8](#)). Lá, o discípulo Ananias e a comunidade cristã perdoaram Paulo. Eles o batizaram e o ajudaram durante o evento confuso de sua conversão (versos [10–22](#)). Depois de pouco tempo com a igreja lá, Paulo foi ameaçado de morte pelos judeus a quem ele pregava Jesus (versos [20–22](#)), mas ele era protegido pelos crentes e engenhosamente libertado de seus perseguidores (versos [23–25](#)).

Preparação para o ministério

Então começou um período de preparação, que durou cerca de 13 anos. Durante este tempo, Paulo esteve primeiro no deserto da Arábia por três anos. Aqui estava sua oportunidade de orar e refletir sobre a defesa de Estêvão ao Sinédrio, o significado monumental de sua conversão, a visão que ele recebeu de Jesus Cristo e o significado de tudo isso à luz da teologia judaica. Depois disso, Paulo voltou para Damasco e depois visitou Pedro em Jerusalém por 15 dias ([Gálatas 1.17–18](#)).

No começo, os discípulos em Jerusalém estavam com medo dele, porque não acreditavam que ele era um discípulo de Jesus ([Atos 9.26](#)). Mas ele foi

defendido por Barnabé e, portanto, aceito pelos crentes em Jerusalém (versos [27-28](#)). Enquanto estava lá, Paulo pode ter ouvido o evangelho oralmente, um resumo das palavras e atos de Jesus, transmitido a todos os convertidos. Isso incluiria a instituição da Ceia do Senhor ([1 Coríntios 11.23-25](#)), palavras específicas do Senhor ([Atos 20.35; 1 Coríntios 7.10; 9.14](#)), as aparições do Cristo ressuscitado ([1 Coríntios 15.3-8](#)) e o espírito e caráter de Jesus ([2 Coríntios 10.1; Filipenses 2.5-8](#)). Paulo também pregava em Jerusalém, talvez nas mesmas sinagogas em que ele havia ouvido Estêvão. No entanto, quando sua vida foi novamente ameaçada pelos judeus, os crentes o enviaram para Tarso ([Atos 9.29-30; Gálatas 1.21](#)).

O fim da preparação de Paulo veio quando Barnabé foi para Tarso para buscá-lo e trazê-lo para Antioquia. Nessa época, Paulo havia vivido por 10 anos na Cilícia. Desde sua conversão, antes de ser enviado para Tarso, ele havia proclamado Jesus ([Atos 9.20](#)), falando ousadamente em nome do Senhor (verso [27](#)). Não há razão para pensar que ele fez o contrário enquanto vivia entre os gentios na Cilícia. Na verdade, seu trabalho pode ter sido tão eficaz que ele começou a atrair a atenção em Antioquia. Durante esses anos, Paulo provavelmente passou por muitos dos sofrimentos mencionados em [2 Coríntios 11.24-26](#). Muitos estudiosos pensam que a experiência extática mencionada em [2 Coríntios 12.1-9](#), acompanhada do “espinho na carne”, também ocorreu antes de ele vir para Antioquia.

Enviado de Antioquia

A igreja em Antioquia teve suas origens na perseguição fomentada por Paulo após a morte de Estêvão. Até que eles chegassesem a Antioquia, os crentes espalhados só haviam pregado a palavra aos judeus ([Atos 11.19](#)). Foi aqui que os gentios ouviram pela primeira vez as boas novas (verso [20](#)), e muitos se tornaram crentes (verso [21](#)). É apropriado que Paulo, o apóstolo dos gentios ([Atos 22.21; Romanos 11.13](#)), que ainda era desconhecido para as igrejas da Judeia ([Gálatas 1.22](#)), aparecesse em Antioquia para começar formalmente o ministério para o qual ele foi chamado ([Atos 26.17-18](#)).

Barnabé e Paulo ficaram com a igreja em Antioquia por um ano. Seu trabalho lá era tão abençoado que um novo nome, cristão, surgiu para distinguir os crentes em Antioquia dos gentios e judeus ([Atos 11.26](#)). Ao ouvirem falar de uma fome na Judeia, os discípulos em Antioquia resolveram enviar ajuda

aos crentes naquela região e fizeram isso por meio de Barnabé e Paulo (verso [30](#)). Tal presente exibia às igrejas judaicas a potência do evangelho entre os gentios. Tendo concluído sua missão, Barnabé e Paulo voltaram para Antioquia com João Marcos ([12.25](#)), o primo de Barnabé ([Colossenses 4.10](#)).

Desde o Dia de Pentecostes, a obra no evangelho havia sido casual e incidental. Os contatos eram feitos nas casas, no mercado, nas ruas, sinagogas, rodovias e outras coisas semelhantes. ([Atos 3.1; 5.12, 42; 8.26-29; 10.22](#)). Mas em Antioquia, o Espírito Santo iniciou uma atuação determinada para evangelizar uma seção do Império Romano ([13.1-3](#)). Por meio das instruções do Espírito Santo, a igreja separou Barnabé e Paulo para esta obra. Com as orações e encorajamento desta igreja, e com João Marcos como seu assistente, Barnabé e Paulo, enviados pelo Espírito Santo, navegaram para Chipre (verso [4](#)).

Viajando com Barnabé

Chegando a Salamina, eles pregaram nas sinagogas enquanto percorriam toda a extensão da ilha até Pafos ([Atos 13.5-6](#)). Lá, o procônsul romano, Sérgio Paulo, queria ouvir a palavra de Deus (verso [7](#)). Um mago chamado Elimas Bar-Jesus tentou impedir que o procônsul acreditasse em Jesus, mas foi atingido com cegueira temporária pelo comando de Paulo (versos [8-11](#)). Esta foi a primeira manifestação em Paulo dos sinais de um apóstolo ([2 Coríntios 12.12](#)). A partir de então, o nome Paulo, não Saulo, é usado no registro de Lucas em Atos dos Apóstolos ([Atos 13.9](#)), e Paulo substituiu Barnabé como o líder do grupo. Então “Paulo e seus companheiros” partiram de Pafos e chegaram a Perge da Panfília (verso [13](#)). João Marcos os desertou em Perge e voltou para sua casa em Jerusalém (verso [13](#)). Isso causou discórdia ([15.39](#)), mas Paulo e Marcos foram mais tarde reconciliados ([Colossenses 4.10; 2 Timóteo 4.11](#)).

As viagens de Paulo com o evangelho agora continuavam pela província romana da Ásia, especificamente na porção Sul da Galácia, as áreas da Panfília, Pisídia e Licaônia. A área costeira onde o grupo desembarcou é uma região quente afetada pela malária. Pensa-se que Paulo contraiu malária lá e viajou pelo interior atravessando as montanhas até as planícies elevadas com 1.219,2 metros de altitude. Uma jornada desse tipo estaria cheia de rios e bandidos perigosos ([2 Coríntios 11.26](#)), mas Paulo era bem tratado pelos gálatas habitantes das montanhas quando chegou ([Gálatas 4.13-15](#)). Ele

foi recompensado com uma recepção calorosa à sua mensagem ([Atos 13.48–49](#)).

Pediram a Paulo e Barnabé que falassem na sinagoga de Antioquia da Pisídia ([Atos 13.15](#)), e ele proferiu um sermão cheio das características do evangelho que ele mais tarde registrararia em suas cartas às igrejas (versos [16–41](#)). Ele foi convidado para falar na semana seguinte (verso [42](#)). Quase toda a cidade se reuniu para ouvir a palavra de Deus (verso [44](#)). Isso despertou ciúme nos judeus que se opuseram às palavras de Paulo (verso [45](#)), causando a dramática volta dos apóstolos aos gentios (versos [46–47](#)). Muitos gentios em Antioquia acreditavam e espalhavam a palavra por toda a região, mas Paulo e Barnabé foram forçados a sair e foram para Icônio na Licaônia (versos [48–51](#)).

O sucesso em Antioquia foi duplicado em Icônio assim como a oposição dos judeus ([Atos 14.1](#)), e os apóstolos fugiram da ameaça de apedrejamento para Listra e Derbe na Licaônia (versos [5–6](#)). Em Listra, os sinais de um apóstolo foram novamente vistos quando ele curou um homem que havia sido aleijado desde o nascimento (versos [8–10](#)). Os cidadãos idólatras da cidade, no entanto, influenciados pela crença popular de que Júpiter, acompanhado por Mercúrio, havia visitado sua região, adoravam Paulo e Barnabé como essas divindades (versos [11–13](#)). Até as palavras convincentes de Paulo, a quem eles confundiram com Mercúrio, dificilmente impediam as multidões de oferecer um sacrifício (versos [14–18](#)).

Foi em Listra que Paulo encontrou pela primeira vez o mesmo tipo de tratamento que ele havia infligido anteriormente aos cristãos. Os judeus o apedrejaram, o arrastaram para fora da cidade e o deixaram para morrer ([Atos 14.19](#)). Timóteo ([16.1–3](#)) pode ter estado entre os novos discípulos que cercavam Paulo enquanto ele estava deitado do lado de fora do portão ([14.20](#)). Timóteo era o filho de Paulo na fé ([1 Coríntios 4.17; 1Tm 1.2](#)), testemunha de seu sofrimento ([2 Timóteo 3.10–11](#)), companheiro fiel e parceiro de trabalho ([Atos 19.22; 20.4; Romanos 16.21; 1 Tessalonicenses 3.2](#)). No dia seguinte Barnabé e Paulo foram para Derbe ([Atos 14.20](#)).

Depois de fazer muitos discípulos em Derbe, os apóstolos refizeram seus passos passando por Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia. Eles fortaleceram e encorajaram os novos crentes e nomearam presbíteros em cada igreja ([Atos 14.21–23](#)). Chegando novamente a Perge, eles voltaram para Antioquia da Síria. Lá, eles relataram à igreja

as notícias maravilhosas de que Deus havia fornecido uma oportunidade de fé para os gentios (versos [25–27](#)).

O Conselho de Jerusalém

Os judeus haviam seguido Paulo e Barnabé de perto, por toda a Galácia. Eles continuaram a perseguir Paulo e Barnabé, buscando ludibriar os gentios lá. Os judeus os convenceram a abandonar a graça de Cristo e se submeter à lei judaica ([Gálatas 1.6; 3.1](#)). Pouco após o retorno dos apóstolos a Antioquia, os judaizantes [judeus cristãos que tentaram impor o modo de vida judaico aos cristãos gentios] vieram da Judeia para Antioquia, ensinando a salvação pela lei ([Atos 15.1](#)). Isso iniciou a guerra contra o evangelho da graça, que Paulo pregava.

A igreja em Antioquia enviou Paulo, Barnabé e outros para Jerusalém para resolver a controvérsia da lei contra a graça com os apóstolos e presbíteros de lá (49 d.C., [Atos 15.2](#)). Ao longo do caminho para Jerusalém, eles espalham as notícias da conversão dos gentios. Isso trouxe grande alegria aos crentes (verso [3](#)). Tal alegria não era compartilhada por alguns em Jerusalém, que na primeira reunião do conselho disseram que os gentios deveriam ser ordenados a guardar a lei de Moisés (verso [5](#)).

Após este encontro, Paulo e Barnabé se encontraram privadamente com Pedro, João e Tiago ([Gálatas 2.1–10](#)). Eles explicaram o evangelho que estavam pregando aos gentios. Esses três líderes da igreja em Jerusalém viram a graça que havia sido dada a Paulo de trazer o evangelho aos gentios e estendeu a ele a “mão direita da comunhão” [uma expressão de unidade e parceria]. Esta reunião privada parece ter decidido a questão da obediência à lei judaica, porque na próxima reunião geral Pedro disse: “Acreditamos que é através da graça do Senhor Jesus que somos salvos” ([Atos 15.11](#)). Tiago decidiu que “não devemos atrapalhar os gentios que estão se convertendo a Deus.” ([Atos 15.19](#)). Esta foi uma grande vitória para Paulo e Barnabé, e as notícias foram recebidas com alegria pela igreja em Antioquia (versos [30–35](#)).

Mais tarde, Pedro visitou Antioquia e se associou livremente com os crentes gentios como ele havia feito timidamente na casa de Cornélio ([Atos 10.28](#)). Isso continuou até que “certos homens vieram de Tiago”. A presença deles trouxe medo a Pedro, nublando a luz do evangelho da graça, e fazendo com que ele se separasse dos gentios. A ação de Pedro influenciou outros, incluindo Barnabé, a

fazer o mesmo ([Gálatas 2.12–13](#)). Paulo enfrentou o desafio desta crise séria. Ele confrontou Pedro publicamente e o acusou de hipocrisia e de impor a lei judaica (verso [14](#)). Paulo ganhou a batalha e resgatou Pedro e Barnabé com palavras eloquentes sobre justificação pela fé (versos [15–21](#)), mas os judaizantes haviam retomado sua guerra. Daí em diante, eles não descansaram. Em vez disso, eles atormentaram e perseguiram Paulo por todo o mundo. Mas o apóstolo não se submeteu a eles em nenhum momento. Ele estava envolvido na luta de sua vida para que a verdade do evangelho permanecesse com os crentes gentios (verso [5](#)).

Viagens

Paulo queria visitar os novos crentes e ver como eles estavam se saindo. Então ele propôs a Barnabé que eles retornassem para as cidades onde haviam pregado anteriormente sobre Jesus ([Atos 15.36](#)). Barnabé queria levar João Marcos com eles, mas Paulo não o levaria, uma vez que ele os havia desertado durante sua jornada anterior ([13.13](#)). Essa forte discordância encerrou a associação de Barnabé com Paulo ([15.37–39](#)). Silas, um líder entre os irmãos em Jerusalém (verso [22](#)), acompanhou Paulo enquanto ele partiu por terra através da Síria e da Cilícia, fortalecendo as igrejas (versos [40–41](#)).

Partindo de Derbe na Galácia, Paulo e Silas revisitaram as igrejas que ele havia estabelecido com Barnabé. Enquanto em Listra, eles foram acompanhados por Timóteo ([Atos 16.1–3](#)). Os apóstolos entregaram a essas jovens igrejas a carta elaborada pelos presbíteros e apóstolos em Jerusalém a respeito da observância da lei ([15.23–29](#)), fortalecendo-as e aumentando-as dessa forma ([16.4–5](#)).

É provável que Éfeso, uma importante cidade na província romana da Ásia, fosse o principal alvo do grupo para o avanço do evangelho. Mas “o Espírito Santo os havia impedido de pregar a Palavra na província da Ásia” ([Atos 16.6](#)). Então eles tentaram se virar para o norte e entrar na região da Bitínia, “mas o Espírito de Jesus não os permitiu” (verso [7](#)). Desta forma, eles foram forçados por Deus a continuar em linha reta para o oeste até Trôade, no Mar Egeu. Lá, Lucas se juntou a eles (“nós” no verso [10](#)), e Paulo teve uma visão na qual ele foi chamado da Ásia para a Macedônia (versos [8–9](#)). Paulo e seu grupo imediatamente atravessaram de barco para a Europa (verso [11](#)), onde levaram o evangelho para Filipos, Tessalônica, Bereia, Atenas e Corinto.

Filipos era uma colônia romana e um posto militar onde havia poucos judeus, então Paulo foi para um lugar perto do rio onde os judeus locais oravam. Ele falou com algumas mulheres lá, especialmente com Lídia, que creu e, juntamente com sua família, foi batizada ([Atos 16.12–15](#)), começando assim a primeira igreja na Europa. Paulo expulsou um espírito de adivinhação de uma menina em Filipos, e como resultado, ele e Silas foram presos (versos [16–24](#)). Os eventos de sua noite na prisão fizeram do carcereiro um crente em Deus (versos [25–34](#)). Ele e sua família foram acrescentados à igreja em Filipos, que se encontrava na casa de Lídia (verso [40](#)). Quando Paulo revelou sua cidadania romana, ele foi liberto e convidado a deixar a cidade (versos [35–39](#)).

Em Tessalônica, os judeus, movidos por ciúme pelo sucesso da mensagem do evangelho de Paulo, levantaram uma multidão para buscar os apóstolos. Eles reclamaram às autoridades da cidade que as pessoas “que viraram o mundo de cabeça para baixo agora vieram aqui” e argumentaram que os apóstolos “disseram que há outro rei [além de César], chamado Jesus” ([Atos 17.5–7](#)).

Paulo e Silas rapidamente deixaram Tessalônica à noite e chegaram a Bereia, uma cidade que depois disso se distingue por seus cidadãos que receberam o evangelho com entusiasmo e reflexão ([Atos 17.10–12](#)). Os judeus de Tessalônica não descansaram, mas levaram Paulo até Bereia para incitar as multidões. Os crentes então enviaram Paulo para Atenas, enquanto Silas e Timóteo ficaram para trás (versos [13–15](#)).

Os atenienses chamavam Paulo de tagarela, mas deixaram-no expressar seus pontos de vista diante do Areópago. O discurso de Paulo estava repleto de seu amplo conhecimento. Ele aludi à filosofia greco-romana ([Atos 17.27](#)), poesia (verso [28](#)), escultura (versos [25, 29](#)), arquitetura (verso [24](#)) e à religião enquanto proclamava a existência de um “deus desconhecido” (verso [23](#)). Mas ele foi rudemente interrompido por zombaria e indiferença quando mencionou a ressurreição. (verso [32](#)). Embora as palavras de Paulo encantassem as mentes de muitos, elas influenciavam a vontade de poucos. Quando ele chegou a Corinto, ele decidiu não proclamar o mistério de Deus em palavras eloquentes de sabedoria, para que a fé dos crentes não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus. ([1 Coríntios 2.1–5](#)).

Em Corinto, Paulo conheceu Áquila e Priscila ([Atos 18.2-3](#)), judeus romanos com quem ele vivia e trabalhava como fabricante de tendas e que se tornariam proeminentes entre as igrejas ([Atos 18.26; Romanos 16.3; 1 Coríntios 16.19; 2 Timóteo 4.19](#)). Ele ficou em Corinto 18 meses, de 50 a 51 d.C. Lá, ele plantou uma igreja ([Atos 18.11](#)) impulsionado por uma visão de Deus (versos [9-10](#)) e apesar dos ataques dos judeus (versos [12-17](#)). Ele escreveu a primeira e a segunda cartas aos tessalonicenses de Corinto para estabelecer os crentes em uma vida santa e laboriosa ([1 Tessalonicenses 3.13; 5.23; 2 Tessalonicenses 3.7-12](#)) na esperança da segunda vinda de Jesus Cristo ([1 Tessalonicenses 4.15-18; 2 Tessalonicenses 2.1 e seguintes](#)).

Acompanhado de Priscila e Áquila, ele navegou de Corinto para a Síria. Ele deixou seus companheiros de trabalho em Éfeso, navegou para Cesareia, visitou brevemente Jerusalém e voltou para Antioquia ([Atos 18.18-22](#)). Paulo ficou em Antioquia por um tempo, mas não permaneceu ausente no campo de seus trabalhos por muito tempo. Sozinho, ele partiu de Antioquia, foi de um lugar a outro na Galácia e na Frígia fortalecendo todos os discípulos, e finalmente chegou a Éfeso ([18.23; 19.1](#)).

Trabalho no Evangelho

Um judeu chamado Apolo havia ministrado em Éfeso antes da chegada de Paulo e havia recentemente ido para Corinto ([Atos 18.24-28](#)). Lá, Apolo inocentemente se tornou a causa de tal discórdia ([1 Coríntios 3.3-9](#)) que acabou partindo e se negou a voltar, mesmo a pedido de Paulo ([16.12](#)). A visita anterior de Pedro a Éfeso ([Atos 18.19-20](#)), o ministério de Apolo e a presença de Priscila e Áquila haviam preparado Éfeso para que o apóstolo pudesse pregar o evangelho de Cristo.

Ele começou seu trabalho em Éfeso corrigindo os equívocos de alguns discípulos mal-informados de João Batista ([Atos 19.1-7](#)). Ele então passou três meses pregando na sinagoga local até que os membros da congregação “difamaram publicamente o Caminho [a fé cristã]” (verso [9](#)). Então, Paulo levou os discípulos e continuou seus argumentos no terreno neutro da escola de Tirano (versos [8-9](#)), onde judeus e gregos podiam ir livremente. Ele continuou lá por dois anos e “todos os que viviam na província da Ásia, judeus e gregos, ouviram a palavra do Senhor” (verso [10](#)).

A obra em Éfeso foi um grande sucesso ([Atos 19.10,20,26](#)). Paulo desfrutou de uma

oportunidade de trabalho eficaz ([1Co 16.9](#)), reforçado por milagres extraordinários ([Atos 19.11-17](#)), uma queima pública de livros valiosos de feitiçaria (versos [18-19](#)) e a assistência de oficiais amigos da província da Ásia (verso [31](#)). Havia também muitos adversários ([1 Coríntios 15.32; 16.9](#)), especialmente entre os artesãos associados com o templo de Diana. O ministério de Paulo havia prejudicado o comércio deles na medida em que eram incitados a se revoltar ([Atos 19.23-41](#)). Ele pretendia ficar em Éfeso até o Pentecostes ([1 Coríntios 16.8](#)), mas este tumulto parece ter apressado sua partida ([Atos 20.1](#)).

Durante sua estadia em Éfeso, a família de Cloé enviou a Corinto uma mensagem de que havia divisões na igreja lá ([1 Coríntios 1.10-13](#)). Este relatório gerou uma enxurrada de cartas e viagens. Paul escreveu uma carta (que está agora perdida) para esta igreja ([5.9](#)). A igreja em Corinto escreveu uma carta ([7.1](#)) e enviou mensageiros a Paulo ([16.17](#)), e ele enviou Timóteo a eles ([4.17; 16.10](#)). Então, Paulo escreveu 1 Coríntios (53 d.C.) e enviou por meio de Tito, que deveria encontrá-lo em Trôade para relatar os resultados ([2 Coríntios 2.12-13](#)).

Após sua saída apressada de Éfeso, Paulo encontrou uma oportunidade para o evangelho em Trôade. Mas ele ansiava tanto por notícias de Corinto que continuou sua jornada até a Macedônia ([2 Coríntios 2.12-13](#)). Lá, ele foi finalmente confortado por Tito ([7.5-7](#)) e se alegrou com as notícias do arrependimento, seriedade, saudade e zelo dos coríntios (versos [8-16](#)). Da Macedônia, Paulo escreveu 2 Coríntios (54 d.C.), percorreu o Noroeste para proclamar as boas novas de Cristo em Ilírico ([Romanos 15.19](#)), e depois se voltou para o sul para Acaia e sua terceira visita a Corinto ([Atos 19.21; 20.1-3; 2Co 13.1](#)).

O tempo e o lugar de onde Paulo escreveu sua carta aos gálatas é um tópico de controvérsia. Alguns datam antes do concílio em Jerusalém, cerca de 45 d.C. Outros dizem que ele escreveu de Corinto neste estágio de sua história. A última opinião é a escolha desta narrativa.

Uma estadia de inverno de três meses em Corinto (55-56 d.C.) resultou na carta aos Romanos, que estabeleceu firmemente a referência do evangelho para todos os tempos. Paulo tinha muitos amigos pessoais em Roma ([Romanos 16](#)) e há muito tempo pretendia visitar lá ([1.10-15](#)). Ele planejava entregar uma oferta das igrejas gentias para Jerusalém ([Atos 20.35; Romanos 15.5-26; 1 Coríntios 16.1](#)) e depois visitar Roma ([Atos 19.21](#)).

em seu caminho para a Espanha ([Romanos 15.23–24](#)).

A prisão em Jerusalém

A viagem de Corinto a Jerusalém foi marcada por abundantes avisos do perigo que o esperavam em Jerusalém. A animosidade dos judaizantes em relação a Paulo era um assunto comum em todos os lugares, mas todos os avisos foram ignorados ([Atos 20.22–24, 38; 21.4, 10–15](#)). No entanto, o pedido de oração em [Romanos 15.30–32](#) mostra que Paulo sabia que em breve poderia precisar de um resgate divino dos incrédulos na Judeia.

Os viajantes, carregando a oferta para Jerusalém, viajaram rapidamente para chegar a Jerusalém até o Pentecostes ([Atos 20.16](#)). Eles seguiram por terra desde Acaia, passando pela Macedônia, para Filipos a tempo da Páscoa (primavera 56 d.C., verso [6](#)). Atravessando pelo mar para Trôade, eles visitaram os crentes de lá (versos [7–12](#)). Então, eles navegaram pelo arquipélago [um grupo de ilhas] do leste do Mar Egeu até Mileto (versos [13–16](#)). De Mileto, Paulo mandou chamar os anciões de Éfeso, a quem ele proferiu um discurso apaixonado contendo seus próprios avisos terríveis para eles (versos [17–38](#)).

Separando-se deles, Paulo e seus companheiros partiram de barco para Cós, para Rodes e depois para Pátara. Lá, eles trocaram de navio para a Fenícia ([Atos 21.1–2](#)). Um caminho direto para Tiro os trouxe à vista de Chipre, com suas memórias de Barnabé e Sérgio Paulo (verso [3](#)). “Através do Espírito”, os discípulos em Tiro “continuavam dizendo a Paulo para não ir até Jerusalém” (verso [4](#)), mas ele seguiu em frente até Cesareia. Lá, ele e sua companhia ficaram com Filipe, que havia anteriormente servido com o Estêvão martirizado ([21.8](#); compare [6.5](#)). Em Cesareia, Paulo não seria persuadido por uma profecia particularmente dramática de sua próxima prisão ([21.10–14](#)).

Em Jerusalém, o grupo de apóstolos ficou com Mnason, um dos primeiros discípulos, e foram calorosamente recebidos pelos irmãos lá ([Atos 21.15–17](#)). Tiago e os presbíteros da igreja louvaram a Deus quando ouviram falar das coisas que ele havia feito por meio de Paulo entre os gentios (versos [18–20](#)), e quando receberam a oferta das igrejas ([24.17](#)). Eles contaram a Paulo de sua má fama entre os milhares de crentes judeus em Jerusalém e o instaram a corrigir a deturpação dos judaizantes, de que ele encorajava os cristãos judeus a abandonar os costumes mosaicos ([21.21–24](#)). [Atos 21.25](#) mostra que os presbíteros de

Jerusalém entendiam que os gentios não tinham obrigação de observar a lei de Moisés. O interesse deles era que Paulo demonstrasse que os crentes judeus eram livres para continuar suas observâncias tradicionais.

Paulo havia mantido as festas judaicas ([Atos 20.6](#)), assim como Jesus e os primeiros discípulos em Jerusalém. Ele também havia cortado seu cabelo em um voto em Cencreia ([18.18](#)), então era algo para ele não importava, um judeu, purificar-se ceremonialmente depois de se tornar cristão, especialmente se isso enfraquecesse os argumentos dos judaizantes. Ter rejeitado o pedido dos presbíteros conferiu credibilidade à acusação dos judaizantes. O sucesso deste plano é visto na medida em que foram os judeus da Ásia, visitando Jerusalém para a festa de Pentecostes de 57 d.C., que causaram problemas para Paulo ([21.27–29](#)) — não os judaizantes de Jerusalém.

Toda a cidade ficou agitada pelos persistentes perseguidores de Paulo. Uma multidão violenta o arrastou para fora do templo, assim como Estêvão havia sido levado para seu martírio. Eles tentaram matá-lo, mas ele foi resgatado por soldados romanos enquanto a multidão gritava: “Fora com ele!” — assim como eles haviam feito com Jesus ([Atos 21.30–36](#)). Neste momento, a diversidade educacional e eclesiástica da vida de Paulo veio em seu resgate. Ao ser levado em segurança para os quartéis romanos, ele falou em grego com a tribuno, que o havia confundido com um assassino egípcio (versos [37–38](#)). Com permissão para falar com a multidão, ele o fez na língua aramaica, então comum em Israel (versos [39–40](#)). A multidão silenciada ouviu ansiosamente a defesa de Paulo até que ele pronunciou a palavra “gentios”. Com isso, a multidão retomou sua ameaça e violência, e Paulo foi trazido para os quartéis ([22.1–24](#)). Lá, os romanos se prepararam para açoitá-lo, até que Paulo revelou que ele não era apenas um judeu de Tarso, mas também um cidadão romano nascido livre. O tribuno estava com medo, uma vez que ele havia prendido um cidadão romano. Querendo saber os crimes contra Paulo, ele o trouxe para o Sinédrio (versos [25–30](#)).

Esta reunião do judiciário judaico foi logo reduzida à dissensão e violência. Ele recorreu a táticas justificáveis em tal situação de conflito e dividiu irremediavelmente o Sinédrio sobre o tema da ressurreição ([Atos 23.1–9](#)). Paulo foi novamente resgatado, desta vez das facções em conflito da liderança judaica, e levado para os quartéis, onde o

Senhor o encorajou, prometendo que ele iria para Roma (56 d.C., versos [10-11](#)).

Enquanto isso, 40 judeus conspiraram para assassinar Paulo. Eles prometeram não comer ou beber até que tivessem matado o apóstolo ([Atos 23.12-15](#)). Eles quase tiveram sucesso, mas com a ajuda do filho da irmã de Paulo (verso [16](#)), a conspiração foi exposta. Por segurança, Paulo foi levado de Jerusalém para Cesareia sob guarda de 470 soldados e entregue à guarda de Félix, o governador (versos [16-35](#)). Audiências inconclusivas diante de Félix ([Atos 24](#)), seu sucessor, Festo ([25.1-12](#)) e o rei Agripa ([25.23-26.32](#)) em seus dois anos de prisão em Cesareia. Festo, querendo agradar os judeus, sugeriu que Paulo fosse devolvido a Jerusalém para julgamento, mas Paulo conhecia a intenção assassina de seus agressores e novamente utilizou sua cidadania romana fazendo um apelo dramático a César ([25.9-12](#)).

Viagem e estadia em Roma

Para defender seu caso na corte de César, Paulo e seus companheiros, Aristarco e Lucas foram levados em uma viagem perigosa (58 d.C., [Atos 27.1-28.16](#)). Sua passagem de navio de Cesareia para Roma é uma das mais notáveis já registradas. O relato detalhado de Lucas é um tesouro de informações sobre navios antigos, navegação e marinharia. É também um belo retrato de um apóstolo Paulo heroico e digno. Paulo era o embaixador do evangelho acorrentado ([Efésios 6.20](#)), que, com a orientação e a prudência de seu Deus ([Atos 27.23-26](#)), conduzia as 276 pessoas a bordo para a segurança (verso [37](#)).

Lucas traça a viagem etapa por etapa através de cada crise, com uma mudança de navio em Mirra, um atraso em Bons Portos, em Creta, e o naufrágio em Malta. Finalmente, na primavera de 59 d.C., eles chegaram a Putéoli, na Itália, e fizeram seu caminho para Roma. Eles foram recebidos pelos crentes ao longo da praça de Ápio ([Atos 28.13-16](#)).

Lucas forneceu uma resolução pacífica para Atos, mesmo que o apóstolo fosse um prisioneiro imperial de César Nero. Paulo vivia sozinho em sua própria casa, acorrentado a um guarda romano ([Atos 28.16.30](#)). Lá, ele recebeu os líderes judeus locais — para acalmar quaisquer dúvidas que eles pudessem ter tido sobre ele e, ao mesmo tempo, convencê-los sobre Jesus. Seus esforços tiveram sucesso misto (versos [17-28](#)). Durante os dois ou mais anos em Roma, os judaizantes parecem ter se retirado, apenas para serem substituídos pelo

perigo do gnosticismo oriental [um tipo de pensamento religioso que se concentra no conhecimento oculto e místico, valorizando o conhecimento sobre a fé]. Isso é visto nas cartas de Paulo aos filipenses, colossenses e efésios e a Filemom, todas escritas neste momento. É improvável que os acusadores de Paulo tenham aparecido em Roma para trazer queixas formais diante de César, então Paulo foi provavelmente libertado em 61 d.C.

Anos finais e martírio

Aqui é assumido que as Cartas Pastorais (1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito) são verdadeiramente obras de Paulo. Somente através delas é possível traçar o provável curso dos eventos nos últimos anos de Paulo. [Romanos 15.28](#) mostra que Paulo pretendia entregar a oferta a Jerusalém e depois “partir para a Espanha passando por vocês [Roma]”. A prisão e o encarceramento em Jerusalém não apenas destruíram esses planos, mas também extraíram cinco anos preciosos do auge de uma vida muita produtiva. Embora Clemente de Roma tenha inferido que Paulo satisfez seu desejo de ir para a Espanha (*Clemente aos Coríntios* 5), é certo que a pressão diária da preocupação de Paulo por todas as igrejas ([2 Coríntios 11.28](#)) não diminuiu.

Se Paulo foi para a Espanha, ele pode ter estado lá quando Roma foi queimada, em 19 de julho de 64 d.C. A tradição diz que ele viajou até Britânia, mas não há evidências para confirmar isso. Voltando para o leste, ele deixou Tito em Creta ([Tito 1.5](#)) e viajou por Miletó, ao sul de Éfeso, onde ele deixou Trófimo doente ([2 Timóteo 4.20](#)). Viajando em direção à Macedônia, Paulo visitou Timóteo em Éfeso ([1 Timóteo 1.3](#)). No caminho, Paulo deixou seu manto e livros com Carpo em Trôade ([2 Timóteo 4.13](#)). Isso indica que ele pretendia voltar lá para pegar seus pertences. Da Macedônia, Paulo escreveu sua primeira carta em tom amoroso, mas apreensivo, a Timóteo (62-64 d.C.). Ele havia decidido passar o inverno em Nicópolis ([Tito 3.12](#)), a noroeste de Corinto, no Mar Adriático, mas ainda estava na Macedônia quando escreveu sua carta a Tito. Esta carta é semelhante à 1 Timóteo, porém com um tom um pouco mais áspero. Nele está um vislumbre final do eloquente e zeloso Apolo ([Tito 3.13](#)), que ainda está em associação com Paulo, 10 ou mais anos após sua primeira aparição em Éfeso ([Atos 18.24](#)).

A partir daqui, o caminho de Paulo é obscuro. Ele pode ter passado o inverno em Nicópolis, mas ele

não voltou para Trôade para pegar seu manto de inverno ([2 Timóteo 4.13](#)). Em algum momento, ele foi preso pelos romanos, porque ele passou um inverno na prisão Mamertina de Roma, sofrendo com o frio naquela cela de pedra antes de escrever sua segunda carta a Timóteo (66–67 d.C.). Ele poderia estar antecipando o próximo inverno quando pediu que Timóteo trouxesse seu manto (versos [13.21](#)). As denúncias contra Paulo estavam possivelmente relacionadas com a queima de Roma (isso é desconhecido). Era, no entanto, “illegal” naquele momento ser um cristão, uma vez que a “nova religião” não era mais protegida pela lei romana como parte do judaísmo (que era uma religião legalizada e reconhecida pela lei romana).

Era perigoso ser associado com Paulo neste momento. Muitos o abandonaram ([2 Timóteo 4.16](#)), incluindo todos os seus cooperadores na Ásia ([1:15](#)) e Demas, que amavam o mundo ([4:10](#)). Apenas Lucas, o médico e autor do livro de Lucas e Atos, estava com ele quando escreveu sua segunda carta a Timóteo (verso [11](#)). Os crentes fiéis ainda se escondendo em Roma também estavam em contato com o apóstolo ([1:16; 4:19, 21](#)). Ele disse a Timóteo para vir até ele em Roma e trazer Marcos também ([4:11](#)). Aparentemente, Timóteo, de fato, veio e foi preso ([Hebreus 13.23](#)). O pedido de Paulo por livros e pergaminhos ([2 Timóteo 4.13](#)) revela que ele estava lendo e estudando as Escrituras até o fim.

O apóstolo Paulo teve duas audiências diante de César Nero. Em sua primeira defesa, apenas o Senhor estava ao lado dele ([2 Timóteo 4.16](#)). Lá, ele não apenas defendeu sua própria causa, mas também a do evangelho, ainda desejando que todos os gentios ouvissem sua mensagem. Talvez nenhuma decisão tenha sido tomada, e assim ele foi “livrado da boca do leão” (verso [17](#)). Embora ele soubesse que morreria em breve, ele não estava com medo, mas foi assegurado que o Senhor lhe daria uma coroa de justiça no último dia (verso [8](#)). Finalmente, o próprio apóstolo registrou seu encorajamento seminal a todos os crentes: “O Senhor seja com seu espírito. A graça seja com todos vocês” (verso [22](#)). Depois disso, as Escrituras ficam em silêncio sobre Paulo.

Nada se sabe da segunda audiência, exceto que resultou na sentença da pena de morte. A história não registra o fim de Paulo. Nero morreu no verão de 68 d.C., então Paulo foi morto antes dessa data. Como cidadão romano, ele deve ter sido poupadão da tortura que havia sido sofrida recentemente por seus companheiros mártires. A tradição diz que ele foi decapitado pela espada de um chefe imperial na

Estrada Ostiana, nos arredores de Roma, e enterrado nas proximidades. Isso satisfez o desejo de Paulo “partir e estar com Cristo, o que é muito melhor” ([Filipenses 1.23](#)).

Pavão

O pavão é o macho da espécie de pavão (*Pavo cristatus*). A fêmea é chamada de pava. O pavão é famoso por suas cores brilhantes e longas penas na cauda. Seu peito é de um azul metálico brilhante. Cada pena da cauda possui um padrão de “olho” redondo próximo à ponta. Quando a cauda está abaixada, as penas formam um “trem” que pode ter até 1,8 metros de comprimento. O pavão pode levantar esse trem em um grande leque durante o acasalamento. Ele também sacode as penas para produzir um som de farfalhar. A pava tem cores mais apagadas e não possui um longo trem.

Pavões na Bíblia

Os pavões são mencionados em [1 Reis 10.22](#) e [2 Crônicas 9.21](#). Alguns estudiosos acham que essas passagens podem se referir, em vez disso, a macacos do Velho Mundo, babuínos ou galinhad'angola da região superior do Rio Nilo. Outros acreditam que os pavões foram trazidos para o Egito pelos fenícios, possivelmente já na época do Rei Salomão. Os navios comerciais de Salomão podem ter ido até a Índia, onde os pavões são nativos.

Os gregos e romanos também conheciam o pavão. Alexandre, o Grande, admirava sua beleza e não permitia que seus soldados o matassem.

O simbolismo no cristianismo

No início da arte cristã, o pavão tornou-se um símbolo da vida eterna prometida pela ressurreição de Cristo. Os “olhos” em suas penas passaram a representar o olhar onisciente de Deus.

Veja também Aves.

Paz

Bem-estar total, prosperidade e segurança estão associados à presença de Deus entre seu povo. No Antigo Testamento, a paz está ligada à aliança (um acordo especial entre Deus e os israelitas). A presença da paz era condicional. Israel precisava obedecer para experimentar a paz. Nos escritos

proféticos, a verdadeira paz faz parte da esperança escatológica da salvação de Deus. No Novo Testamento, essa paz tão desejada é entendida como tendo vindo em Cristo e pode ser experimentada pelos crentes.

No Antigo Testamento

A principal palavra do Antigo Testamento para "paz" vem da palavra hebraica *shalom*. Esta palavra tinha muitos significados:

- integridade;
- saúde;
- segurança;
- bem-estar;
- salvação.

Isso poderia se aplicar a uma variedade igualmente ampla de contextos:

- o estado do indivíduo ([Sl 37.37; Pv 3.2; Is 32.17](#));
- o relacionamento de pessoa para pessoa ([Gn 34.21; Js 9.15](#));
- nação para nação (Por exemplo, ausência de conflito — [Dt 2.26; Js 10.21; 1Rs 5.12; Sl 122.6-7](#))
- o relacionamento de Deus e as pessoas ([Sl 85.8; Jr 16.5](#)).

A presença de *shalom* em qualquer um desses contextos não era considerada o resultado do esforço humano. Em vez disso, era um presente ou bênção de Deus ([Lv 26.6; 1Rs 2.33; Jó 25.2; Sl 29.11; 85.8; Is 45.7](#)). Não é surpreendente, portanto, encontrar "paz" intimamente ligada à noção de aliança do Antigo Testamento.

Shalom era o estado desejado de harmonia e comunhão entre os dois parceiros da aliança — Deus e seu povo ([Nm 6.26](#); compare [Is 54.10](#)). Paz significava a bênção de Deus na relação de aliança ([Ml 2.5](#); compare [Nm 25.12](#)). A ausência de paz significava a ruptura dessa relação devido à desobediência e injustiça de Israel ([Jr 16.5.10-13](#); compare [Sl 85.9-11; Is 32.17](#)).

Paz nos escritos proféticos

Shalom se torna uma palavra muito importante nos escritos proféticos. Profetas "falsos"

negligenciaram as condições para o bem-estar dentro da relação de aliança. Deus foi leal a Israel ([Sl 89](#)). Eles pensaram que isso garantiria paz política para sempre ([Jr 6.14; 8.15; Ez 13.10,16; Mq 3.5](#)). No contexto dessa segurança popular, mas falsa, os profetas que viveram antes do exílio para Babilônia proclamaram o julgamento vindouro como uma perda de *shalom*. Essa perda foi atribuída à persistente desobediência e injustiça de Israel ([Is 48.18; Jr 14.13-16; 16.5.10-13; 28; Mq 3.4-9-12](#)).

Os profetas apontaram além das crises para um tempo em que o *shalom* retornaria, caracterizado por:

- prosperidade e bem-estar ([Is 45.7; Ez 34.25-26](#))
- ausência de conflito ([Is 2.2-4; 32.15-20; Ez 34.28-31](#))
- relações corretas ([Is 11.1-5; Mq 4.1-4; Zc 8.9-13](#))
- restauração da harmonia na natureza ([Is 11.6-9; Ez 47.1-12](#))
- salvação ([Is 52.7; 60.17; Ez 34.30-31; 37.26-28](#))

Muitas vezes, essa expectativa de paz no Antigo Testamento estava associada a uma figura messiânica (o líder escolhido por Deus). [Isaías 9.6](#) identifica o futuro Messias (o líder escolhido por Deus) como o "Príncipe da Paz". Além disso, seu reinado seria de "paz" não apenas para Israel, mas por toda a terra ([Zc 9.9-10](#)). O Antigo Testamento termina com essa esperança de paz ainda não realizada em seu pleno sentido.

No Novo Testamento

O termo grego para "paz" usado predominantemente no Novo Testamento é *eirene*. Esta palavra expandiu-se do seu significado grego clássico de "descanso" para incluir conotações do conceito hebraico de *shalom*. Assim como *shalom*, *eirene* podia ser usado como saudação ou despedida. A frase "paz esteja convosco" aparece em [Lucas 10.5](#), [Gálatas 6.16](#), e [Tiago 2.16](#) (compare [Jo 20.19](#)). *Eirene* também podia significar o fim de um conflito, tanto entre nações ([Lc 14.32; At 12.20](#)) quanto entre pessoas ([Rm 14.19; Ef 4.3](#)). Também podia significar paz em casa (compare [1Co 7.15](#)).

Jesus traz a paz de Deus

Jesus incorpora a esperança do Antigo Testamento pela paz de Deus em seu ministério. No "benedictus" (cântico de louvor) de Zacarias, a vinda de Jesus como o Messias é esperada para "guiar nossos pés no caminho da paz" ([Lc 1.67-79](#)). A mensagem dos anjos aos pastores proclama Jesus como o portador da paz de Deus para as pessoas ([2.14](#)). Em outras palavras, como o Messias, Jesus traria o governo pacífico de Deus. O Evangelho de João mostra que Jesus também entendia seu papel dessa forma. Esta paz de Deus há muito esperada é o presente de despedida de Jesus para os discípulos ([Jo 14.27](#)). A paz é dada a eles quando ele sopra seu Espírito sobre eles ([20.19-22](#)).

A natureza deste dom de paz trazido por Jesus pode ser mais fácil de explicar ao afirmar o que ela não é. Não é o fim da tensão ou a ausência de guerra. Não é tranquilidade doméstica nem nada parecido com a estimativa mundana de paz ([Lc 12.51-53](#); [Jo 14.27](#); [16.32-33](#)). A presença da paz pode contrariar nossas expectativas ao perturbar relações existentes. Mateus diz que a paz pode às vezes ser uma "espada" divisória nas relações familiares ([Mt 10.34-37](#)). O dom de paz de Jesus é, na realidade, o caráter e o ânimo da nova aliança de seu sangue. Esta aliança reconcilia Deus com as pessoas ([Rm 5.1](#); [Cl 1.20](#)). Também forma uma base de reconciliação entre pessoas divergentes ([Ef 2.14-22](#)).

Como a igreja primitiva compreendia a paz?

A igreja primitiva entendia "paz" como a salvação final e escatológica de Deus já concedida através de Jesus Cristo (compare [Fp 4.7-9](#)). Esse entendimento de "paz" alterou o conteúdo da saudação comum "vá em paz" dentro da comunidade cristã. Paulo comumente escrevia uma saudação de "graça e paz" em suas cartas ([1Co 1.3](#); [2Co 1.2](#); [Gl 1.3](#); [Ef 1.2](#), etc.; compare também [1Pe 1.2](#); [2Jo 1.3](#); [Id 1.2](#); [Ap 1.4](#)). Esta expressão não é apenas um desejo de paz que Paulo estende aos seus leitores. É uma lembrança dos dons messiânicos disponíveis no tempo presente através de Cristo para o homem de fé. Em conformidade com isso, Jesus é descrito como a própria "paz" ([Ef 2.14](#)). Deus, também, por causa de seu ato de reconciliação através de Cristo, é conhecido como um "Deus de paz" ([Fp 4.9](#); [Cl 3.15](#)).

Este dom de paz ou reconciliação com Deus, disponibilizado através de Cristo, impõe uma exigência ética sobre o cristão. O dom requer a prática da "paz" (como reconciliação entre

pessoas) dentro da igreja. A paz, como fruto do Espírito ([Gl 5.22](#)), deve ser o objetivo dos relacionamentos do cristão com os outros ([Rm 12.18](#); [14.19](#); [Hb 12.14](#)).

Peca

Filho de Remalias e 18º rei de Israel. Seu nome significa "ele abriu [os olhos]." É uma forma abreviada do nome de seu predecessor, Pecaías, "Yahweh abriu [os olhos]." O nome foi encontrado em um fragmento de uma jarra de vinho do século VIII a.C. do estrato V de Hazor, o nível destruído por Tiglate-Pileser em 734 a.C. Acredita-se que esta seja uma referência a Peca e a um tipo de vinho. É provável que o usurpador Peca estivesse tão ansioso para garantir sua posição como rei que ele deliberadamente assumiu o nome de seu predecessor. Além disso, Isaías refere-se a ele como o "filho de Remalias," quase com desdém, para indicar sua descendência não real. Mas quando Isaías se refere ao seu aliado pagão, ele usa o nome específico "Rezim, o rei da Síria" ([Is 7.4-9](#); [8.6](#)).

Acesso ao trono

Peca, um oficial de Pecaías, era o terceiro homem em uma carruagem, além do condutor e do guerreiro. Ele era o portador do escudo e da armadura do guerreiro. Com o tempo, o termo passou a significar um ajudante de campo real.

O relato do assassinato de Peca por Pecaías foi um tanto obscurecido devido à dificuldade em entender os termos Argobe e Arié ([2Rs 15.25](#)). Alguns tradutores e comentaristas pensaram que se referiam a pessoas, enquanto outros sustentaram que são nomes de lugares. Alguns estudiosos alteram radicalmente o texto aqui e eliminam as palavras problemáticas, alegando que foram um erro ou emenda de escriba. Parece que uma chave foi encontrada ao compará-los com o ugarítico. Os termos significam "água" e "leão", respectivamente. Assim, Peca foi assassinado "perto da águia e do leão". Sugere-se que isso significa que ele foi morto perto das esfinges guardiãs de seu palácio. Tais esfinges eram algo comum nos antigos palácios orientais e eram duplicadas em placas de marfim erguidas no portão. Esta interpretação parece muito plausível, pois evita emendas críticas e resolve os principais problemas no texto.

Significado político

Tiglate-Pileser III, um líder brilhante que levou o reino da Assíria à proeminência, apareceu na fronteira de Israel. Menaém considerou prudente tornar-se tributário dele. Aparentemente, Pecaías, sucessor de Menaém, não conseguiu apaziguar os assírios durante seu curto reinado. Os esforços conciliatórios de Menaém e Pecaías podem ter levado os sírios a conspirar com Peca, um oficial do exército, para ganhar o controle do trono de Samaria e apresentar uma frente militar unida contra a invasão assíria. Com Samaria sob controle, os sírios liderados por Rezim, Israel governado por Peca, e vários reinos transjordanianos formaram uma poderosa aliança.

Com o tempo, Peca e Rezim começaram a pressionar o reino de Judá para que se juntasse à sua aliança contra o iminente ataque assírio. Jotão resistiu aos seus convites e fortificou a região montanhosa de Judá. O filho de Jotão, Acaz, continuou a política de não cooperação de seu pai com a coalizão Samaria-Damasco. Peca e Rezim invadiram Judá com a intenção de tomar Jerusalém e colocar "o filho de Tabeel" no trono de Judá no lugar de Acaz ([Is 7.1-6](#)). Presumivelmente, ele era um filho de Uzias ou Jotão por uma princesa de Tabeel. Embora o cerco real de Jerusalém tenha sido malsucedido, Peca e Rezim infligiram severas baixas ao exército de Acaz. Em um dia de batalha, mataram 120.000 homens de Judá e levaram 200.000 cativos, incluindo mulheres e crianças. No entanto, o profeta Odede profetizou em Samaria diante do exército. Ele instou os líderes de Samaria a devolverem os cativos. Os líderes atenderam à palavra profética e enviaram os cativos de volta a Jericó ([2Cr 28.8-15](#)).

A revolta de Rezim contra a Assíria provocou uma resposta rápida de Tiglate-Pileser, que sitiou Damasco em 734 a.C. A cidade caiu em 732 a.C. Outro destacamento do exército assírio desceu sobre os distritos superiores da Síria e Samaria. [2 Reis 15.29](#) lista os distritos e cidades que foram invadidos. Eles incluíam Gileade (regiões além do Jordão), Naftali (regiões a oeste dos lagos da Galileia e Merom) e toda a Galileia até o sul, alcançando a planície de Esraelon e o Vale de Jizreel. Isaías refere-se a este território tribal perdido ([Is 9.1-7](#)). Desta região controlada pelos assírios, o governante messiânico surgiria e traria luz àqueles que viviam em uma terra de escuridão (v. [2](#)). Assim, o reino de Peca foi reduzido a um terço de seu tamanho original pela campanha assíria de 734-732 a.C. Em 732, uma conspiração

palaciana liderada por Oséias resultou no assassinato de Peca. Ele foi morto no golpe de estado e o trono foi usurpado por Oséias.

O autor de Reis avalia o reinado de Peca da seguinte forma: "Fez [Peca] o que era mau aos olhos do Senhor. Não se afastou dos pecados que Jeroboão, filho de Nebate, havia levado Israel a cometer" ([2Rs 15.28](#), NVT). É provável que ele tenha continuado a adoração ao bezerro nos santuários em Dã e Betel. A continuação da apostasia durante regências sucessivas foi a causa do julgamento que se abateu sobre o reino do norte. Peca é o último rei de Israel a receber tal avaliação.

Pecado

Maldade que não é apenas contra a humanidade, a sociedade, os outros ou contra si mesmo, mas contra Deus. O conceito de Deus, portanto, dá à ideia de pecado seu significado multifacetado. Outros deuses, concebidos como caprichosos e sem caráter, exerciam poder ilimitado em comportamento desenfreado; eles não geraram tal senso de pecado como o único Deus de Israel, santo, justo e totalmente bom. Esta concepção religiosa de transgressão com a terminologia que ela criou persiste no NT.

Terminologia

O Deus de Israel define o ideal, o padrão para o comportamento humano. As palavras bíblicas mais frequentes para pecado falam de violar esse padrão de alguma forma. A palavra hebraica *hata'* e grega *hamartia* significavam originalmente "errar o alvo, falhar no dever" ([Rm 3.23](#)). Como Legislador, Deus estabelece limites para a liberdade do homem; outro termo frequente (hebraico, *'abar*; grego, *parabasis*) descreve o pecado como "transgressão", "ultrapassando os limites estabelecidos". Termos semelhantes são *pesha* (hebraico), que significa "rebelião", "transgressão"; *'asham* (hebraico) denota "invadir a prerrogativa real de Deus", "incorrendo em culpa"; *paraptona* (grego) denota "um falso passo fora do caminho designado", "invadir terreno proibido". "Iniquidade" muitas vezes se traduz *'aon* (hebraico, que significa "perversidade", "erroneidade"), para a qual o equivalente do NT mais próximo é *anomia* (grego, "ilegalidade") ou *paronomia* (grego, "violação da lei").

No Antigo Testamento

Gênesis traça o pecado para o uso deliberado da liberdade dada por Deus na desobediência de uma única proibição limitante. Ezequiel insiste eloquentemente na responsabilidade individual contra teorias tradicionais de culpa corporativa ([Ez 18](#)). Segundo Jeremias, ele insta a necessidade de uma vida interior limpa e renovada para que o comportamento externo possa ser reformato; a lei divina deve se tornar uma força motivadora dentro de uma pessoa para que o pecado possa ser superado ([Jr 31.29-34](#); [Ez 36.24-29](#)).

[O Salmo 51](#) oferece uma análise aguçada do significado interior do pecado. Ao afirmar “em pecado minha mãe me concebeu”, o salmista confessou que sua vida havia sido pecaminosa desde o primeiro. Toda a sua personalidade precisava de “purificação”; ele estava contaminado. Os sacrifícios rituais não oferecem solução. Apenas um coração quebrantado e contrito pode preparar um pecador para a purificação de Deus. A única esperança, o único fundamento do apelo, está no amor constante e abundante misericórdia de Deus. Apesar de sua visão rigorosa do pecado, o AT também contém uma disposição graciosa de perdão ([Sl 103.8-14](#) [Is 1.18](#); [55.6-7](#)).

Nos ensinamentos de Jesus

Os ensinamentos de Jesus sobre o assunto do pecado aceitaram a oferta graciosa de perdão e renovação divinos, não apenas proclamando com autoridade: “Seus pecados estão perdoados”, mas mostrando muitos atos de compaixão e reconhecimento social de que ele veio a ser o amigo dos pecadores, chamando-os ao arrependimento, restaurando sua esperança e dignidade ([Mt 9.1-13](#); [11.19](#); [Lc 15](#); [19.1-10](#)).

Jesus disse pouco sobre a origem do pecado, exceto ao traçá-lo até o coração e vontade humana ([Mt 6.22-23](#); [7.17-19](#); [18.7](#); [Mc 7.20-23](#)), mas ele redefiniu significativamente o escopo do pecado. Onde a lei poderia suprimir apenas as ações das pessoas, Jesus mostrou que raiva, desprezo, luxúria, dureza de coração e engano também são pecaminosos. Ele também falou de pecados de negligência, bem deixado de fazer, a árvore estéril, o talento não utilizado, o sacerdote ignorando os feridos e o amor nunca mostrado ([Mt 25.41-46](#)). Ele condena especialmente os pecados contra o amor — falta de fraterna, hostilidade implacável, egoísmo, insensibilidade ([Lc 12.16-21](#); [16.19-31](#)). E ele condenou a autojusto e cegueira espiritual ([Mt 23.16-26](#); [Mc 3.22-30](#)). Jesus falou de pecado

como doença ([Mc 2.17](#)) e às vezes como insensatez ([Lc 12.20](#)). No entanto, Jesus declarou que os seres humanos caídos podem ser purificados com a ajuda de Deus ([7.36-50](#)).

Nos escritos de João

O Evangelho de João assume a necessidade da humanidade pecadora, o sacrifício de Cristo, o Cordeiro, para carregar o pecado do mundo e a oferta de luz e vida em Cristo. A nova nota é uma ênfase no pecado que se nega a aceitar a salvação fornecida em Cristo, pelo amor de Deus pelo mundo — a negação de acreditar. É por amar as trevas, rejeitar a luz e se negar a aceitar Cristo, o Salvador, que os seres humanos já são julgados ([Jo 3.16-21](#)).

Contra a alegação do gnosticismo de que para os cristãos avançados, o pecado não importa, 1 João afirma 15 razões pelas quais o pecado não pode ser tolerado na vida cristã e enfatiza novamente que o pecado é tanto ignorância da verdade quanto falta de amor ([1Jo 3.3-10](#)). No entanto, Deus perdoa aqueles que confessam seus pecados, enquanto Cristo expia por seus pecados e intercede por eles ([1.7-2.2](#)).

Nos escritos de Paulo

Paulo argumentou fortemente, a partir da observação e das Escrituras, que todos pecaram ([Rm 1-3](#)). Para ele, o pecado é uma força, um poder, uma “lei” governando dentro das pessoas ([Rm 5.21](#); [7.23](#); [8.2](#); [1Co 15.56](#)), produzindo todos os tipos de comportamento maligno — o endurecimento da consciência ([Rm 7.21-24](#)), alienação de Deus e sujeição à morte ([Rm 5.10](#); [6.23](#); [Ef 2.1-5.12](#); [Cl 1.21](#)). Os seres humanos são impotentes para se reformarem ([Rm 7.24](#)). A explicação de Paulo sobre esta condição desesperadora e universal é interpretada de diversas maneiras. Alguns leitores pensam que [Romanos 5.12-21](#) diz que o pecado de Adão é a fonte de todo o pecado; outros, que é a “semelhança” (ARA) de todo o pecado. De qualquer forma, Paulo essencialmente disse que “cada homem é seu próprio Adão”, o que significa que cada pessoa é totalmente responsável por sua condição pecaminosa, mesmo que a natureza pecaminosa tenha sido herdada de Adão.

A solução para o pecado, para Paulo, reside na morte do crente com Cristo — morte para o pecado, para si mesmo, para o mundo. Ao mesmo tempo, a nova vida do Espírito invasivo e efusivo transforma a vida de alguém de dentro, tornando cada pessoa

uma criação santificando a personalidade à semelhança de Cristo ([Rm 3.21-26; 5.6-9; 6; 8.1-4.28-29; 2Co 5.14-21](#)).

Ver também Carne; Justificação, Justificado; Santificação; Pecado para a Morte; Pecado Imperdoável, O.

Pecado Imperdoável*, O

Atribuir a Satanás o que é realmente a obra do Espírito Santo como demonstrado através de Jesus Cristo. Este pecado é blasfêmia contra o Espírito Santo.

O pecado imperdoável deve ser definido por seu contexto, que é encontrado em [Mateus 12.31-32](#) e [Marcos 3.28-30](#). Nessas passagens, Jesus havia acabado de expulsar um demônio de um homem que era cego e mudo. Evidência incontestável do poder de Deus havia acabado de ocorrer. Mas os fariseus, com incredulidade teimosa, creditam esta exibição do poder de Deus a Belzebu, o diabo ([Mt 12.24](#)). Várias Escrituras revelam que muitos judeus haviam expressado o mesmo tipo de opinião falaciosa, a saber, que Jesus estava realizando milagres pelo poder do diabo ([Mt 9.34; 11.18; Lc 7.33; 11.14-20; Jo 7.20; 8.48,52; 10.20](#)). Um grupo de judeus, na maioria fariseus, foi culpado de atribuir ao diabo o que era a obra do Espírito demonstrada através do Senhor Jesus. Eles cometem o pecado imperdoável quando disseram que as ações de Jesus, realizadas pelo poder do Espírito Santo, se originaram de Belzebu, o diabo. Simplificando, eles pecaram gravemente caracterizando ousadamente a obra de Jesus como vindo do diabo. De forma interessante, muitos judeus perpetuaram esta falsa caracterização sobre Jesus muito tempo após sua morte. Eles não negaram que ele fez milagres; eles disseram que ele fez milagres pelo poder do diabo.

O que não é o pecado imperdoável

O pecado imperdoável não é a rebelião de Israel contra Deus, mesmo que esta rebelião tenha resultado no julgamento eterno de milhares de pessoas e uma eliminação temporária da bênção de Deus. O “pecado para morte” mencionado por João ([1Jo 5.16-17](#)) não é o pecado imperdoável. Seria impossível que uma pessoa que tenha redenção e o perdão do pecado ([Ef 1.7](#)), purificação para o pecado presente e futuro ([1Jo 1.7](#)) e vida eterna ([Jo 3.16](#)) cometesse um pecado imperdoável. Mas aqueles que cometem o “pecado para morte” são

todos cristãos. [Primeira João 5.16](#) diz que a pessoa que comete o “pecado para morte” é um “irmão” em Cristo.

O pecado imperdoável não é a rejeição do Senhor Jesus, até que o rejeitado morra em sua descrença. Tal pecado não será perdoado por toda a eternidade, mas não é o mesmo pecado que Jesus condenou com essas palavras: “Qualquer um que blasfema contra mim, o Filho do Homem, pode ser perdoado, mas a blasfêmia contra o Espírito Santo nunca será perdoada, seja neste mundo ou no mundo por vir” ([Mt 12.32](#)). Numerosas passagens repetem o aviso de que a incredulidade no Salvador resulta em morte eterna ([Jo 3.18,36; 1Jo 5.12; Ap 20.15; 21.8](#)), mas essas Escrituras não falam diretamente do pecado imperdoável. Jesus afirmou que uma pessoa poderia ser um incrédulo nele, até mesmo no grau de falar contra ele, mas não ser culpado do pecado imperdoável.

Ver também Justificação, Justificado; Pecado para Morte.

Pecaías

Filho de Menaém, rei de Israel. Pecaías (cujo nome significa “Yahweh abriu [seus olhos]”) estava entre os 20 reis que governaram Israel a partir de Samaria após o declínio consequente à divisão da monarquia salomônica no décimo século a.C. O breve relato na Bíblia sobre ele ([2Rs 15.22-26](#)) destaca a impiedade de sua vida (v. [24](#)). Seu pecado, assim como o de seu pai (Menaém), estava ligado à falsa adoração de Jeroboão, que construiu santuários em Dã e Betel para rivalizar com a adoração no templo em Jerusalém. Essa atividade religiosa ameaçava a verdadeira adoração a Deus ao tentar fundir conceitos bíblicos com o culto de fertilidade de Baal, um movimento fortemente denunciado pela palavra de Deus ([1Rs 13.1-5](#)). Como muitos dos reis de Israel, Pecaías governou por pouco tempo, sendo assassinado no segundo ano de seu reinado. O principal instigador do complô contra ele, um capitão chamado Peca, levou 50 homens de Gileade e matou o rei, junto com dois assessores, na cidadela do palácio real em Samaria. Seu sucessor, Peca, foi lamentavelmente tão mau quanto Pecaías e recebeu a condenação das Escrituras típica de praticamente todos os reis israelitas: ele “fez o que era mau aos olhos do Senhor” ([2Rs 15.28](#), NVT).

Veja também Peca.

Pedael

Pedael era filho de Amiúde. Ele veio da tribo de Naftali. Pedael foi escolhido para trabalhar junto com Josué e Eleazar (o sumo sacerdote) para ajudar a dividir a terra de Canaã a oeste do rio Jordão entre as tribos de Israel ([Nm 34.28](#)).

Pedazur

O pai de Gamaliel da tribo de Manassés ([Nm 1.10; 2.20; 7.54,59; 10.23](#)).

Pedra angular

Uma pedra angular é a pedra mais importante na fundação de um edifício. No Novo Testamento, "pedra angular" é um título especial para Jesus, destacando sua importância.

Como Jesus utilizou a expressão "pedra angular" em seus ensinamentos?

Jesus usou este termo quando contou uma história sobre trabalhadores em uma vinha ([Mt 21.42; Mc 12.10; Lc 20.17](#)). Ele compartilhou esta história durante sua última visita a Jerusalém, após ter expulsado os comerciantes do templo. Quando os líderes judeus o questionaram sobre suas ações no templo, Jesus respondeu com esta história.

Na história, alguns trabalhadores foram colocados no comando de uma vinha. A vinha representava o povo de Deus, e os trabalhadores representavam os líderes judeus. O dono da vinha representava Deus. Quando o dono enviou seu filho para a vinha, os trabalhadores o mataram. Jesus usou essa história para mostrar como os líderes judeus iriam rejeitar e matar o Filho de Deus, que era ele.

Nesta história, Jesus estava dando uma dica sobre sua morte iminente. Ele então citou as Escrituras Judaicas, especialmente [Salmo 118.22-23](#) e [Isaías 28.16](#). Esses versículos falam sobre uma pedra que os construtores rejeitaram, mas que mais tarde se tornou a pedra mais importante do edifício. Jesus usou esses versículos para mostrar o que aconteceria com ele: embora os líderes judeus o rejeitassem, Deus o tornaria a parte mais importante de seu plano.

Como Pedro usou "pedra angular" para explicar o papel de Jesus?

Pedro também usou a expressão "pedra angular" quando falou aos governantes judeus em Jerusalém ([At 4.11](#)). Ele estava explicando sobre a cura de um homem que não podia andar, perto do portão do templo. Pedro lhes disse que havia curado o homem através do poder de Jesus de Nazaré. Ele os lembrou de que tinham matado Jesus, mas Deus o trouxe de volta à vida ([At 4.10](#)).

Pedro então citou [Salmo 118.22](#) para mostrar que esses eventos estavam descritos nas escrituras deles. Quando Pedro falou sobre a pedra rejeitada, ele estava se referindo à morte de Jesus. Quando ele falou sobre a pedra se tornando a mais importante, ele estava descrevendo como Deus ressuscitou Jesus e lhe deu a mais alta autoridade. É por isso que chamamos Jesus de "pedra angular". Jesus tem a posição mais importante com Deus, o Pai.

Pedro usa a palavra "pedra angular" novamente em sua carta [1 Pedro 2.6-7](#). No texto de [1 Pedro 2.4](#), Pedro combina a ideia da rejeição da pedra em [Salmo 118.22](#) com a ideia da pedra escolhida e valiosa em [Isaías 28.16](#). Como Pedro viu Jesus vivo após sua morte, ele também descreve Jesus como uma "pedra viva". Pedro encoraja seus leitores a se aproximarem de Jesus. Ele diz que, ao fazerem isso, eles se tornam como pedras que Deus usa para construir um templo especial onde ele é adorado. Esta imagem ajuda a mostrar o quão importante e poderoso Jesus é.

No texto de [1 Pedro 2.6](#), Pedro cita [Isaías 28.16](#), que fala da pedra angular escolhida e preciosa. Esta mensagem é para pessoas que confiam em Jesus. No texto de [1 Pedro 2.7-8](#), ele cita [Salmo 118.22](#), falando sobre a rejeição da pedra, e [Isaías 8.14](#). Isaías descreve uma pedra que faz as pessoas tropeçarem. Esses versículos descrevem o que acontece com as pessoas que não acreditam em Jesus. Através dessas citações, Pedro mostra quão importante Jesus é. Ele quer lembrar seus leitores de que Deus os escolheu para seguir Jesus.

Ao longo do Antigo Testamento, uma pedra angular representa algo muito importante. Os escritores do Novo Testamento usam essa imagem para mostrar que Jesus tem a mais alta autoridade com Deus, o Pai. Isso ensina as pessoas que seguem Jesus o quanto ele é especial e importante. Paulo também usa essa imagem em sua carta aos Efésios, dizendo que Jesus é a pedra angular que mantém o povo de Deus unido como um edifício ([Ef 2.20](#)).

Pedra da cobra

Local onde Adonias, filho de Davi, sacrificou ovelhas e bois e tentou secretamente se proclamar rei ([1Rs 1.9](#), NTLH). A pedra da cobra ficava localizada perto de En-Rogel, uma fonte no Vale do Cedrom, ao sul de Jerusalém. Alguns sugerem que esta pedra foi nomeada devido aos grandes conduites de pedra próximos que esvaziavam no tanque de Siloé, por uma formação rochosa íngreme, ou talvez por um santuário cultural com a cobra usada como seu emblema. A Pedra de Zoelete é o equivalente em português para o termo hebraico, tradução presente em versões em português.

Pedra de sárdio

Tradução na NTLH de sardônio em [Apocalipse 4.3](#).
Veja Pedras preciosas #22.

Pedra Moabita

A fonte literária mais extensa fora do Antigo Testamento que aborda a história da região da Palestina e Transjordânia durante 1300–600 a.C.

É especialmente importante entender a história dos moabitas, que viveram a leste do Mar Morto.

A pedra foi descoberta na década de 1860 e fornece uma narrativa detalhada do rei Mesa, de Moabe, que reinou em meados do nono século a.C. A pedra é uma placa dura com um topo arredondado, medindo 1,2 metros de altura, 60 centímetros de largura e 6,4 centímetros de espessura. Ela contém 39 linhas de escrita semelhante ao hebraico.

Em 19 de agosto de 1868, F. Klein, um alemão empregado pela Church Missionary Society, relatou a existência da pedra. O interesse dos cônsules alemão e francês levou a disputas entre os árabes que a encontraram, pois buscavam o melhor preço. Nessa disputa, a pedra foi aquecida e quebrada em pedaços. Os fragmentos foram distribuídos entre celeiros como bônus para boas colheitas. Felizmente, um mensageiro do Consulado Francês obteve uma impressão da escrita, embora ela tenha começado a se quebrar durante seu retorno a cavalo até o consulado. Seções maiores foram posteriormente reunidas e peças menores foram localizadas, permitindo que a pedra fosse reconstruída. Apesar das partes

faltantes, a pedra fornece uma história clara dos moabitas.

O texto começa com uma dedicação a Quemos, o deus dos moabitas. O rei Mesa, que governou Moabe por 30 anos, expressa sua gratidão a Quemos por livrá-lo dos inimigos e permitir que ele visse seus desejos realizados. Mesa construiu um lugar alto para Quemos, possivelmente no local onde a pedra foi descoberta.

O texto inclui uma breve história dos moabitas que se alinha com o Antigo Testamento. Menciona que "Onri, rei de Israel", oprimiu Moabe por muitos dias porque Quemos estava zangado com Moabe. O filho de Onri "o sucedeu e ele também disse, 'Vou oprimir Moabe'. No meu [de Mesa] tempo ele disse [isso], mas eu triunfei sobre ele e sobre sua casa, enquanto Israel pereceu para sempre". Esta dominação de 40 anos por Israel provavelmente inclui os reinados de Onri, Acabe, Acazias e parte do reinado de Jeorão.

- Onri foi rei de 885 a 874 a.C. ([1Rs 16](#)).
- Acabe, filho de Onri, foi rei de 874 a 853 a.C.
- Acazias foi rei de 853 a 852 a.C.
- Jeorão foi rei de 852 a 841 a.C.

O filho mencionado no texto da Pedra Moabita é neto de Onri, consistente com a escritura que Jeorão (também chamado de Jorão) tentou suprimir os rebeldes moabitas ([2Rs 3.4–27](#)).

O restante do texto detalha as vitórias de Mesa sobre os israelitas, suas obras públicas e o chamado de Quemos para que Mesa lute contra os hauranitas.

Veja também Inscrições; Moabe, Moabitas.

Pedras de cal

Literalmente "pedras de cal", mencionadas como ilustrativas da destruição dos altares pagãos em Judá ([Is 27.9](#)). Camadas de giz cobrem muitas das colinas da Judeia, e como a substância se erosiona facilmente, a profecia de Isaías é apropriada.

Pedras preciosas

Uma longa lista das pedras preciosas usadas nos tempos do AT ocorre em [Êxodo 28.17–20](#) e [39.10–](#)

[13](#), onde quatro fileiras de três pedras, cada uma gravada com o nome de uma das 12 tribos de Israel, foram colocadas no peitoral do sumo sacerdote. Outras listas ocorrem em [Ezequiel 28.13](#) e [Apocalipse 21.19-21](#). É difícil identificar corretamente todas essas pedras, pois uma tradução precisa nem sempre é possível. Algumas das diferenças de tradução são indicadas na lista a seguir, conforme traduzido na NTLH:

1. Ágata, um óxido de silício, um tipo de quartzo translúcido com camadas de diferentes cores ([Êx 28.19; 39.12; Is 54.12; Ap 21.19](#)).

2. Alabastro, uma variedade finamente granular e bandada de carbonato de cálcio (gesso), muitas vezes branco e translúcido e amplamente utilizado nos tempos bíblicos para vasos ornamentais, tigelas, potes de kohl, estátuas, frascos de perfume, e assim por diante ([Ct 5.15; Mt 26.7; Mc 14.3; Lc 7.37](#)).

3. Ametista, um óxido de silício, uma variedade roxa ou violeta de quartzo cristalino transparente ([Êx 28.19; 39.12; Ap 21.20](#)).

4. Berilo, um silicato de alumínio ([Êx 28.20; 39.13; Ct 5.14; Dn 10.6](#)). Geralmente é verde ([Ap 21.20](#)), mas pode ser azul, branco ou dourado e pode ser opaco ou transparente — esta última variedade inclui as gemas esmeralda e água-marinha.

5. Carbúnculo. Veja esmeralda abaixo.

6. Cornalina, um óxido de silício de cor avermelhada. Em traduções, às vezes é equiparada ao sárdio ([Êx 28.17; 39.10; Ez 28.13](#)), um tipo de quartzo marrom escuro ou vermelho ([Ap 4.3; 21.20](#)).

7. Calcedônia. Veja ágata acima.

8. Crisólito, um fluossilicato de alumínio, amarelado em cor ([Ap 21.20](#)), provavelmente equivalente ao topázio ([Êx 28.17](#)) ou berilo ([Ez 1.16; 10.9; 28.13](#)).

9. Crisópraso, uma calcedônia verde-maçã manchada de níquel amplamente utilizada em joalheria ([Ap 21.20](#)).

10. Coral, o esqueleto calcário duro de uma variedade de animais marinhos que ocorre em várias cores — vermelho, branco e preto. Não é estritamente uma pedra ([Jó 28.18; Ez 27.16](#)).

11. Cristal, um quartzo cristalino claro e translúcido ([Jó 28.18](#)). Em [Ap 4.6, 21.11](#) e [22.1](#) a palavra grega krystallon pode ser cristal de rocha ou até mesmo gelo.

12. Diamante, uma pedra de identificação incerta ([Êx 28.18; 39.11; Ez 28.13](#)). Pode não ser equivalente ao diamante moderno. Em [Jr 17.1](#), o diamante era provavelmente uma forma de coríndon, uma substância muito dura.

13. Esmeralda, provavelmente uma pedra verde como a esmeralda moderna ([Êx 28.18; 39.11; Ez 27.16; 28.13](#)). A Septuaginta sugere uma pedra roxa como um granada. No NT, smaragdinos em [Apocalipse 4.3](#) e smaragdos em [Apocalipse 21.19](#) sugerem uma esmeralda.

14. Jacinto, talvez um zircão laranja-avermelhado ou uma pedra azul como turquesa, ametista ou safira ([Êx 28.19; 39.12](#)). Em [Ap 21.20](#) huakinths é uma pedra azul. A identificação exata é incerta.

15. Jaspe, uma substância de quartzo cristalino compacta, opaca e frequentemente altamente colorida ([Êx 28.20; 39.13](#)). No NT, o termo grego iaspis ([Ap 4.3; 21.11,18-19](#)) é um quartzo verde.

16. Lápis-lazúli, uma pedra azul profunda; um composto de sódio, alumínio, cálcio, enxofre e prata contendo uma mistura de vários minerais. Geralmente tem manchas douradas de pirita de ferro e foi amplamente utilizado para fins ornamentais no mundo antigo. É semelhante ao safira.

17. Mármore, um calcário cristalizado por metamorfismo, que recebe um alto polimento, durável e adequado para fins de construção ([1Cr 29.2; Et 1.6; Ap 18.12](#)).

18. Ônix, um quartzo composto por camadas ou faixas retas que diferem em cor ([Gn 2.12; Êx 25.7; 28.9,20; 39.6,13; 1Cr 29.2; Jó 28.16; Ez 28.13](#)). Veja sardônica abaixo.

19. Pérola, uma substância dura e lisa, branca ou de várias cores, que cresce na concha de vários moluscos bivalves. No NT, “pérolas” são conhecidas como ornamentos para mulheres ([1Tm 2.9; Ap 17.4](#)) ou como itens para comércio ([Ap 18.12,16](#)). O reino do céu é comparado a uma fina pérola, que as pessoas buscam a grande custo ([Mt 13.45-46](#)).

20. Rubi, uma tradução incerta da palavra hebraica peninim em seis lugares ([Jó 28.18; Pv 3.15; 8.11; 20.15; 31.10; Lm 4.7](#)). Esta pedra vermelha forte ou carmesim provavelmente era conhecida no mundo antigo, mas há dificuldades na tradução dos termos que podem se referir a ela.

21. Safira, uma pedra azul forte ([Êx 24.10; 28.18; 39.11; Jó 28.6,16; Ct 5.14; Is 54.11; Lm 4.7; Ez 1.26](#);

[10.1; 28.13](#)), que pode ter se referido às vezes ao lápis-lazúli como em [Jó 28.6](#) e [Apocalipse 21.19](#).

22. Sardius, uma forma vermelha ou marrom escura de quartzo ([Êx 28.17; 39.10; Ez 28.13](#)). Em versões modernas é frequentemente traduzido como “cornalina”. Veja Cornalina acima.

23. Sardônica, uma forma de ágata com camadas de marrom e branco ([Ap 21.20](#)).

24. Topázio, uma pedra amarela, um fluossilicato de alumínio que ocorre em forma cristalina ([Êx 28.17; 39.10; Jó 28.19; Ez 28.13; Ap 21.20](#)).

Veja também Minerais e metais.

Pedro, O Apóstolo

Um dos 12 discípulos; ganhou destaque tanto entre os discípulos durante o ministério de Jesus quanto entre os apóstolos posteriormente.

Na verdade, há quatro formas para o nome de Pedro no Novo Testamento: o hebraico traduzido para o grego, “Simeão” para “Simão”, e o aramaico traduzido para o grego, “Cefas” para “Petros” (que significa “rocha”). Seu nome era Simeão bar-Jonas ([Mt 16.17](#); cf. [Jo 1.42](#)), “Simão, filho de João”, que era a nomenclatura semítica comum. É mais provável que “Simão” não fosse meramente o equivalente grego de “Simeão”, mas que, tendo sua casa na Galileia bilíngue, “Simão” era a forma alternativa que ele usava nos negócios com os gentios. Na verdade, era bastante comum um judeu cosmopolita empregar três formas de seu nome dependendo da ocasião: aramaico, latim e grego. O nome duplo “Simão Pedro” (ou “Simão chamado Pedro”) demonstra que o segundo nome era uma adição posterior, semelhante a “Jesus, o Cristo”. O número de vezes que o equivalente aramaico “Cefas” é usado (uma vez em João, quatro vezes cada em Gálatas e 1 Coríntios), bem como sua tradução para o grego (não comum com nomes próprios), indica a importância do segundo nome. Tanto as formas aramaicas quanto as gregas significam “a rocha”, uma indicação óbvia da posição de Pedro na igreja primitiva (veja abaixo em [Mt 16.18](#)). É óbvio que ele foi chamado de “Simão” durante todo o ministério de Jesus, mas veio a ser conhecido como “Pedro” cada vez mais na era apostólica.

Resumo

- O Contexto de Pedro

- A Conversão e Chamado de Pedro
- O Lugar de Pedro entre os Doze
- Pedro, a Rocha
- Pedro, o Apóstolo
- O Ministério Futuro de Pedro

O Contexto de Pedro

Pedro foi criado na Galileia bilíngue. [João 1.44](#) diz que a casa de André (seu irmão) e Pedro era em Betsaida, o local exato é difícil de ser definido arqueologicamente. A única informação sobre localização que temos é que ficava a leste do Jordão, no distrito chamado Golã. No entanto, [João 12.21](#) coloca Betsaida na Galileia; porém é possível que João esteja refletindo o uso popular do termo “Galileia” em vez do legalmente correto. Pedro e André tinham um negócio de pesca centrado em Cafarnaum ([Mc 1.21,29](#)) e talvez fossem parceiros de Tiago e João ([Lc 5.10](#)). Também é provável que eles intermitentemente continuaram em seus negócios enquanto discípulos, como indicado na cena de pesca em [João 21.1-8](#).

Uma dificuldade com isso é a série de declarações dizendo: “Nós deixamos tudo e te seguimos” ([Mt 19.27](#); [Mc 10.28](#); [Lc 18.28](#)). A maioria dos intérpretes deu a isso um senso absoluto de “vender” ou “deixar” seus negócios. No entanto, [Lucas 18.28](#) ocorre no contexto de deixar suas casas, mas obviamente não se entende em um sentido absoluto. Parece mais provável que os discípulos de fato deixaram a prática de seus negócios de pesca para seguir a Cristo, mas mantiveram as ferramentas de seu comércio e voltaram para seus negócios quando necessário.

Eles certamente não abandonaram suas famílias, como evidenciado por Pedro, que voltava para sua casa no final de cada trajeto. O Novo Testamento nos diz que Pedro era casado. Em [Marcos 1.29-31](#), Jesus cura a sogra de Pedro, que talvez estivesse morando com ele. Na verdade, é possível que sua casa tenha se tornado a base de Jesus na Galileia. ([Mateus 8.14](#) pode indicar que Jesus morou lá). [Primeira aos Coríntios 9.5](#) diz que Pedro, juntamente com os outros apóstolos casados, muitas vezes levava sua esposa com ele em suas viagens missionárias. A tradição posterior fala de seus filhos (*Stromata* 2.6.52, de Clemente de Alexandria) e diz que Pedro estava presente no martírio de sua esposa (*História Eclesiástica* de Eusébio 3.30.2).

A Conversão e Chamado de Pedro

O irmão de Pedro, André, era um discípulo de João Batista, de acordo com [João 1.35-40](#). Isso segue o testemunho de João em [1.29-34](#) e é a segunda etapa do drama do discipulado de João no capítulo um — isto é, depois de dar testemunho, ele agora envia seus próprios seguidores para Jesus. André é o discípulo sem nome (talvez Filipe como em [Jo 1.43](#) ou o “discípulo amado”, a quem muitos identificam como o próprio João) então “seguem” Jesus (um termo usado muitas vezes em João para o discipulado). No dia seguinte, André segue o exemplo de João Batista e encontra seu irmão Simão, dizendo: “Encontramos o Messias” ([Jo 1.41](#)). A conversão de Pedro é pressuposta em [João 1.42](#), onde Simão é trazido a Jesus por André e lá recebe um novo nome.

Há três episódios separados nos Evangelhos nos quais Simão é chamado, e esses se sobrepõem com três episódios nos quais ele recebe o nome de “Cefas” (“Pedro”, que significa “rocha”) por Jesus. João localiza o evento na Judeia onde João Batista estava batizando. Os Evangelhos sinópticos têm duas cenas diferentes. O primeiro chamado ocorre no Mar da Galileia ([Mc 1.16-20; Mt 4.18-22](#)). Jesus está andando ao longo da margem e vê Pedro e André, juntamente com Tiago e João lançando suas redes ao mar. Neste momento, ele os chama para se tornarem “pescadores de homens”. Lucas então expande isso para uma cena de pesca ([Lc 5.1-11](#)), na qual os discípulos pescaram a noite toda e nada pegaram, mas, sob o comando de Jesus, lançam suas redes e pegam uma quantidade de peixe tão grande que o barco começa a afundar. O episódio conclui exatamente como é descrito na forma abreviada de Marcos: Jesus diz que a partir de agora eles “pescarão homens” e, como resultado, deixam tudo e o seguem.

O segundo episódio sinótico envolvendo o chamado de Pedro (e seu novo nome) é a escolha oficial dos Doze na montanha ([Mc 3.13-19](#) e paralelos); na lista dos nomes, temos “Simão, de sobrenome Pedro”. A ocorrência final que lida com o novo nome de Pedro é encontrada em [Mateus 16.17-19](#), em conexão com a confissão de Pedro em Cesareia de Filipe.

É um pouco difícil harmonizar esses episódios corretamente. Houve, de fato, três episódios diferentes em que Simão foi chamado ([Jo 1.42; Mc 1.20; 3.16](#)) e três incidentes separados nos quais ele recebeu o nome de Cefas/Pedro ([Jo 1.42; Mc 3.16; Mt 16.8](#))? É atraente para um amplo espectro da academia a consideração de que um único

evento, o qual aconteceu em algum momento indeterminado em relação ao início do ministério de Jesus, foi mais tarde expandido para essas diversas tradições. Contudo, um exame mais detalhado das informações apresentadas no Evangelho não exige tal conclusão. [João 1.35-42](#) não é uma cena institucional que conota um chamado oficial. Em vez disso, descreve o primeiro encontro com Jesus e a percepção sobre o que ele representava. A “renomeação” está no tempo futuro e parece um evento posterior. Além disso, João deliberadamente omite muitos dos eventos críticos na vida de Jesus (o batismo, a escolha dos Doze, a Transfiguração, as palavras de instituição na Última Ceia, no Getsêmani) e os substitui por cenas altamente teológicas que ensinam o significado espiritual dos eventos. Isso é o que ele fez aqui.

O mesmo é verdadeiro para a primeira chamada sinóptica, isto é, a cena da pesca. Novamente, não há nenhuma pista de ordenação oficial para exercer funções aqui, mas sim uma pista proléptica ou profética do ministério futuro. Isso é especialmente verdadeiro na cena altamente teológica em Lucas, que promete resultados abundantes. Novamente, em todos os três relatos, o tempo futuro é empregado: “Eu os farei pescadores de homens” (Mateus e Marcos), “Vocês pescarão homens” (Lucas). O chamado em [Marcos 1.20](#) e [Mateus 4.21](#) e sua reação (deixando tudo para trás e seguindo Jesus) é a jogada de abertura que é finalizada na cena institucional real em [Marcos 3.13-19](#) e paralelos. A redação não indica que esses dois episódios são duplos, pois a real nomeação dos discípulos ocorre na segunda passagem. Devemos diferenciar entre o chamado original e um segmento (que se tornou o chamado “círculo interno” dos Doze) e a escolha final de todos os discípulos.

O Lugar de Pedro entre os Doze

A proeminência de Simão Pedro nos Evangelhos e Atos não pode ser contestada. Enquanto alguns tentaram atribuir isso ao seu papel de liderança na igreja tardia, não há base para isso no texto do NT. Desde o início, Simão alcançou preeminência acima dos outros. Nas listas dos Doze que acabamos de mencionar, o nome de Simão sempre aparece primeiro, e em [Mateus 10.2](#) introduz seu nome como “o primeiro”. Além disso, os Doze são frequentemente designados “Pedro e aqueles com ele” ([Mc 1.36; Lc 9.32; 8.45](#)).

Ao decorrer dos relatos, Pedro agiu e falou em nome dos outros discípulos. Na Transfiguração, é Pedro que queria erguer tendas ([Mc 9.5](#)), e apenas ele teve fé suficiente para tentar andar sobre a água ([Mt 14.28–31](#)). É Pedro que pede ao Senhor para explicar seu ensino sobre perdão ([Mt 18.21](#)) e parábolas ([Mt 15.15](#); [Lc 12.41](#)) e que emite o pensamento dos discípulos em [Mateus 19.27](#): “Eis que deixamos tudo e te seguimos; o que há nisso para nós?” (parafraseado). Os cobradores de impostos do templo vêm a Pedro como líder do grupo ([Mt 17.24](#)). Como membro do círculo interno (com Tiago e João, possivelmente André em [Mc 13.3](#)), ele estava muitas vezes sozinho com Jesus (na ressurreição da filha de Jairo, [Mc 5.37](#) e paralelos; na Transfiguração, [Mc 9.2](#) e paralelos; no Getsêmani, [Mc 14.33](#) e [Mt 26.37](#)). Jesus pede a Pedro e João para preparar a refeição da Páscoa em [Lucas 22.8](#), e em [Marcos 14.37](#) (e [Mt 26.40](#)) ele dirige sua repreensão a Pedro como representando os outros (“Vocês não puderam vigiar comigo nem por uma hora?”). Finalmente, a mensagem do anjo no túmulo como registrada em [Marcos 16.7](#) disse: “Ide, dizei aos discípulos dele e a Pedro”. Certamente Pedro tinha um lugar muito especial entre os Doze.

Isso ficou especialmente evidente no episódio de Cesareia de Filipe ([Mc 8.27–33](#) e paralelos). Foi de Pedro a confissão que se tornou o ponto alto dos relatos dos Evangelhos: “Tu és o Cristo” (Lucas acrescenta “de Deus”; Mateus, “o Filho do Deus vivo”). Depois que Jesus então citou o sofrimento do Filho do Homem, Pedro o repreendeu e, na descrição de Marcos, Jesus logo se virou, olhou para todos os discípulos, e disse a Pedro: “Saia da minha frente, Satanás! Você está pensando como um ser humano pensa e não como Deus pensa.” (v. [33](#), NTLH). Isso foi obviamente dirigido a todos eles através de Pedro.

A imagem de Pedro que vem através de todos os quatro relatos o retrata como impulsivo, muitas vezes precipitado; ele era o primeiro a agir e falar o que pensava, e foi tipificado por seu entusiasmo em tudo que ele fazia parte. Ao ver Jesus andando sobre a água, Pedro pediu que o Senhor lhe ordenasse que fizesse o mesmo, e então, imediatamente, saltou do barco e começou a fazer exatamente isso. Na Transfiguração, enquanto os outros ficaram em silêncio impressionados pela aparição de Moisés e Elias, Pedro, o homem da ação, disse: “Se quiseres, farei três tendas” ([Mt 17.4](#)). Marcos e Lucas acrescentam aqui que Pedro não sabia o que ele estava dizendo. A tendéncia não cautelosa e irrefletida de Pedro ao responder às

declarações de Jesus pode ser observada não apenas em Cesareia de Filipe, mas também na cena em que lava os pés dos discípulos em [João 13.4–11](#), quando ele disse apressadamente: “Nunca lavarás meus pés”; e então, após a forte réplica de Jesus: “Se eu não lavar, você não será mais meu discípulo!”, ele inverteu seu discurso completamente, afirmando: “Então, Senhor, não lave somente os meus pés; lave também as minhas mãos e a minha cabeça!” ([13.8–9](#), NTLH). Finalmente, no relato da corrida até o túmulo ([Jo 20.2–10](#)), o discípulo amado, chegando ao túmulo primeiro, ficou parado, enquanto Pedro, imediatamente e impulsivamente, entrou nele. Pedro certamente foi alguém que “correu onde os anjos temem pisar”. No entanto, esta mesma característica o alinha com todos nós e pode ser uma das principais razões pelas quais ele se torna o representante dos discípulos em todos os Evangelhos.

Pedro, a Rocha

A chave para a representatividade de Simão Pedro é obviamente o adendo controverso ao episódio de Cesareia de Filipe, encontrado apenas em [Mateus 16.17–19](#), o testemunho de Jesus a Pedro. Há vários aspectos cruciais deste discurso. O mais importante para este estudo é o verso [18](#): “Portanto, eu lhe digo: você é Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja.” (NTLH). Houve muitas interpretações disso ao longo da história: (1) Se refere a Pedro como a “rocha” ou o primeiro bispo da igreja. Esta era a interpretação católica romana do terceiro século em diante e foi empregada como um texto de prova para a sucessão apostólica, mas não é insinuada em qualquer outro lugar no contexto ou mesmo nas epístolas: não era um conceito do primeiro século. (2) A maioria dos protestantes desde a Reforma considerou isso uma referência à declaração de fé de Pedro, em vez de ao próprio Pedro; mas isso negligencia o jogo de palavras, que é ainda mais claro em aramaico, que tem apenas uma forma para “Cefas” (rocha). (3) Uma alternativa tem sido tomar “esta rocha” como uma referência ao próprio Jesus, mas isso é fantasioso e dificilmente está no contexto. Em conclusão, “esta rocha” é praticamente certo se tratar de uma referência a Pedro, mas deve ser entendida de duas maneiras. Primeiro, Pedro deveria se tornar o fundamento sobre o qual Cristo edificaria sua igreja, uma posição claramente atestada em Atos. Isso não significa que Pedro tinha uma autoridade acima dos outros apóstolos. A repreensão a Pedro por Paulo em [Gálatas 2.11–14](#) demonstra que ele não

estava acima deles, e no concílio de Jerusalém em [Atos 15](#) é Tiago que tem a posição de liderança. Segundo, Pedro é visto aqui não meramente como um indivíduo, mas como o representante dos discípulos. Esta visão tem ganhado proeminência hoje. Reconhecendo o conceito judaico de “identidade corporativa”, no qual o líder era identificado junto ao corpo corporativo (por exemplo, o rei ou sumo sacerdote que representava a nação diante de Deus). Este conceito também está em conformidade com [Mateus 18.18-20](#), que atribui à igreja a mesma autoridade que é dada a Pedro. Nesta visão, Pedro, como a rocha, se torna o primeiro dos blocos de construção sobre os quais Cristo, a principal pedra angular (para continuar a metáfora), construirá sua igreja (veja [Ef 2.19-20](#)).

Dois outros aspectos são dignos de nota aqui. Primeiro, o verso [18](#) diz: “As portas do inferno não prevalecerão contra ela”. As “portas do inferno” são um eufemismo judaico comum para o poder inevitável e irrevogável da morte. Jesus está dizendo que Satanás não triunfará sobre a igreja, e sua esfera de operações, a morte, será derrotada (cf. [1Co 15.26,54-55](#)). A igreja pode sofrer perseguição e martírio, mas a igreja será triunfante.

Segundo, o verso [19](#) promete: “Eu darei a ti [singular] as chaves do reino”, outra declaração usada para a sucessão apostólica pela igreja medieval. Novamente, isso deve ser entendido à luz da identidade corporativa; Pedro, como a figura mais preeminente na igreja primitiva, aqui incorpora a comunidade em sua liderança. As “chaves do reino” estão em contraste direto com as “portas do inferno” (cf. [Ap 1.18](#), “as chaves do inferno e da morte” e [Ap 3.7](#), a “chave de Davi”), e isso segue as imagens do edifício visto na rocha sobre a qual Cristo edificará sua igreja. Aqui Pedro recebe as chaves que desbloquearão o poder do reino na edificação da comunidade de Deus, a igreja. O tempo futuro (“darei”), sem dúvida, aponta para o período pós-ressurreição, quando esse poder foi desencadeado e a igreja edificada.

Pedro, o Apóstolo

Dois eventos levaram ao novo Pedro que enche as páginas de Atos: sua reintegração descrita em [João 21.15-17](#) e a aparição do Senhor ressurreto a ele, que não é descrita, mas é aludida em [Lucas 24.34](#) e [1 Coríntios 15.5](#). Sua negação foi certamente a prova de que ele ainda não era capaz de assumir sua posição prevista como a rocha da igreja. Tanto Lucas quanto Paulo parecem afirmar que o Senhor ressurreto apareceu a Simão Pedro antes dos

outros, o que seria apropriado à luz de sua preeminência na igreja primitiva. Durante a era palestina, o período de quinze anos antes da missão aos gentios, Pedro foi a figura principal. Os outros mencionados em [Atos 1-12](#) são todos secundários em relação a Pedro, o diretor dominante da política da igreja. Entre eles estão João, que aparece com Pedro no templo ([3.1](#)), na prisão ([4.13](#)) e em Samaria ([8.14](#)); Estêvão, que era um dos Sete e cuja pregação revolucionária levou ao seu martírio (capítulos [6-7](#)); Filipe, outro dos Sete, aquele que proclamou o evangelho em Samaria e ao povo etíope (capítulo [8](#)); Barnabé, que demonstrou um exemplo de oferta comunal ([4.36-37](#)) e era um delegado oficial em Antioquia ([11.20-30](#)); Paulo, um convertido miraculosamente e testemunha ([9.1-30](#); [11.25-30](#); [12.25](#)); e Tiago, que se tornou o primeiro mártir apostólico ([12.2](#)). É Pedro que propõe a escolha do 12º discípulo ([1.15-17](#)), que proclama o evangelho em Pentecostes ([2.14-40](#)), que profere a palavra de cura ([3.6](#)) e que defende o evangelho diante do Sinédrio ([4.8-12,19-20](#); [5.29-32](#)). O episódio sobre Ananias e Safira é especialmente pungente, pois aqui Pedro age como o mensageiro vingador de Deus; em nenhum outro lugar sua autoridade é mais evidente. Também observamos sua autoridade na cena em Samaria no episódio da tentativa de Simão, o Feiticeiro, de comprar o poder carismático ([8.18-24](#)). Novamente, é a influência de Pedro que traz ordem à situação. Nesses dois incidentes, certamente notamos a jurisdição de “permitir e não permitir” (cf. [Mt 16.19](#)) exibida em Pedro.

Contudo, Pedro e a igreja ainda estavam sob as restrições de sua herança judaica. As evidências apontam para uma autoconsciência de um prosélito judaico por parte da igreja primitiva. Eles se viam como o justo remanescente, vivendo na era do cumprimento messiânico, mas ainda assim interpretavam a si mesmos em um sentido judaico e conduziam seu evangelismo na forma prosélita do particularismo judaico (isto é, os gentios só poderiam ser convertidos através do judaísmo). Dois eventos alteraram isso. Primeiro, o ramo judaico helenístico da igreja se rebelou contra os cristãos hebreus, o que resultou na nomeação dos sete diáconos e uma mudança na política ortodoxa da igreja palestina. Segundo, isso então levou a um novo ministério de pregação, primeiramente através de Estevão, que terminou em seu martírio e a dispersão do ramo helenístico no capítulo [8](#); então de Filipe e outros, que estenderam o evangelho ainda mais, aos samaritanos e tementes a Deus. Como um resultado adicional, Pedro e João

foram a Samaria ([8.14](#)), o próximo passo significativo em direção à missão gentia. Assim se encerrou a centralidade de Jerusalém no desdobramento da história.

Os dois milagres de Pedro, em Lida (o paralítico) e Jope (ressuscitando a mulher morta) em [Atos 9.32-42](#), provavelmente têm a intenção de serem paralelos com milagres semelhantes de Jesus na primeira obra de Lucas ([Lc 5.18-26; 8.49-56](#)). Isso faz parte de um tema central em Atos, em que a vida e ministério de Jesus são colocados como paralelos e continuados na obra do Espírito através da igreja. Novamente Pedro é visto em um papel representativo.

Os novos relacionamentos são estendidos em duas cenas adicionais. Primeiro, Pedro fica com "Simão, o curtidor de couro", em Jope, um comércio impuro; nenhum judeu piedoso teria, conscientemente, contato social com tal profissional. Ainda mais importante, Deus ensina Pedro através de um sonho ([10.10-16](#)) que a antiga dicotomia entre puro e impuro foi quebrada. Isso então leva Pedro à casa de um gentio não circuncidado, o mais sério tabu social para os judeus, e eventos subsequentes forçam Pedro a admitir gentios na igreja sem a necessidade dos requisitos de prosélitos judaicos. As sérias consequências disso são vistas no debate que se seguiu em Jerusalém ([Atos 11.2-3](#)) e mais tarde no concílio ([Atos 15.1-21](#)). A centralidade deste evento é demonstrada na medida em que Lucas reproduz a fala de Pedro, que parece ser uma repetição do capítulo [10](#), mas tem o propósito de trazer destaque a este episódio crucial. Frequentemente esquecido na importância disso para a igreja primitiva é o fato de que, para Lucas, a missão gentia começa com Pedro, não Paulo. Ele é aquele sobre quem desce o ato salvífico de Deus; e como líder da igreja, ele foi a primeira testemunha importante disso.

A perseguição de Herodes Agripa ([Atos 12.1-4](#)) provavelmente foi devido ao furor causado por esta livre relação com os gentios; e fez com que terminasse o período da liderança de Pedro em Jerusalém. O povo judeu ficou grandemente ofendido com o novo avanço cristão; e de acordo com Lucas em Atos, o período prazeroso de popularidade, em que as pessoas comuns apoiavam a igreja, efetivamente cessou neste momento. A libertação milagrosa de Pedro e a cena dramática na casa de Maria tipificaram o lugar especial de Pedro, mas o momento muda. Pedro é forçado a fugir de Jerusalém, e, neste interim, Tiago

é levantado como líder ([Atos 12.17](#)); no concílio de Jerusalém, é o último que tem a cadeira e apresenta a decisão do concílio ([Atos 15.6-29](#)).

A relação exata entre Pedro e os outros discípulos, especialmente com aqueles que são chamados de "pilares" — Tiago e João — e com o apóstolo Paulo, não pode ser determinada. A evidência é muito vaga. Muitos pensavam que, de fato, não havia verdadeiramente líderes universais, pois a igreja primitiva era muito diversa. No entanto, isso é improvável, e o retrato de Lucas em Atos é paralelo à declaração de Paulo em [Gálatas 2.8](#) de que Pedro era o apóstolo por excelência para os "circuncidados" e Paulo para os "gentios". Eles eram os líderes universais, enquanto Tiago se tornou o líder local dos presbíteros de Jerusalém. Todavia, nem Pedro, nem Paulo tinham um status dominical semelhante ao dos papas posteriores (isto é, não era o porta-voz absoluto da igreja e acima de qualquer crítica). Os chamados emissários de Tiago tiveram tal influência sobre Pedro que ele hipocritamente mudou seu comportamento diante dos gentios ([Gl 2.12](#)), e Paulo repreendeu Pedro publicamente por fazê-lo ([Gl 2.11-14](#)). Paulo nunca reivindicou autoridade sobre os outros discípulos e até buscou sua aprovação e "as destras da comunhão" para seu ministério aos gentios ([Gl 2.1-10](#)).

O Ministério Futuro de Pedro

Temos pouca evidência concreta para os outros movimentos de Pedro. Parece que Pedro gradualmente se retirou da liderança para focar no trabalho missionário. Porém, esta é uma simplificação excessiva. É mais provável que, seguindo o padrão semelhante de Paulo, ele combinou os dois. A presença de um "partido de Cefas" em Corinto ([1Co 1.12; 3.22](#)) pode indicar que Pedro havia passado algum tempo lá. Isso é ainda mais provável quando Paulo usa Pedro como o principal exemplo para levar a esposa em expedições missionárias ([1Co 9.5](#)). O "partido de Cefas" provavelmente consistia daqueles que foram convertidos sob seu ministério; é provável que eles eram cristãos judeus e se opuseram ao "partido de Paulo" nos debates entre judeus e gentios refletidos em outros lugares em 1 Coríntios.

A Primeira Epístola de Pedro foi enviada para as igrejas no norte da Ásia Menor — as províncias de Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia. O problema aqui é que não há nenhuma pista de que Pedro havia de fato estado lá e nenhuma notação

pessoal na epístola para demonstrar seu entendimento com essas igrejas. No entanto, a carta mostra que ele estava muito interessado neles. Na verdade, alguns acreditam que a razão pela qual Paulo não foi permitido entrar neste distrito, de acordo com [Atos 16.7-8](#), era que Pedro já estava ministrando lá. Em suma, a questão do envolvimento de Pedro na Ásia Menor deve permanecer em aberto.

Não há evidência final do NT de que Pedro foi para Roma. [Primeira de Pedro 5.13](#) diz que a epístola foi enviada da "Babilônia", e é duvidoso que esta fosse a Babilônia literal, porque não há tradição de que Pedro tenha ido lá, e a Babilônia era escassamente povoada naquela época. É provavelmente um símbolo enigmático para Roma, a "Babilônia do Ocidente". É mais provável que a "Babilônia" de [Apocalipse 14.8](#) e [16.19](#) também seja um símbolo de Roma. Isso se encaixaria na forte tradição da igreja primitiva que, de fato, Pedro ministrou lá.

Há quatro testemunhas externas iniciais sobre a morte de Pedro. [João 21.18](#) menciona apenas o martírio de Pedro, mas não dá nenhuma pista em relação ao lugar. Primeira de Clemente foi escrita no final do primeiro século e relata o martírio de Pedro e Paulo, entre outros. Enquanto 1 Clemente 5.4 testifica apenas o fato, e não o lugar do martírio de Pedro, um estudo de dois aspectos favorece Roma — a referência a uma "grande multidão" de mártires, que melhor se encaixa na perseguição de Nero, e a frase "exemplo glorioso entre nós", que mostra que o povo da própria igreja de Clemente (Roma) estava envolvido. A carta de Inácio aos Romanos (4.3) também testifica de maneira geral o martírio de Pedro e de Paulo, e o contexto novamente favorece Roma como o local. Ele diz: "Eu não vos ordenei como Pedro e Paulo fizeram", o que mostra que eles tinham ministérios em Roma. A Ascensão de Isaías 4.2-3, uma obra judaico-cristã do mesmo período, fala de Beliar (provavelmente Nero) que martiriza "um dos Doze", quase certamente Pedro. Portanto, a evidência mais antiga não aponta explicitamente para Roma como o lugar da morte de Pedro, mas essa é a hipótese mais provável.

Declarações definitivas para esse efeito aparecem no final do segundo século. Dionísio, bispo de Corinto, em uma carta datada em cerca de 170 d.C. (preservada na *História Eclesiástica* de Eusébio 2.25.8), diz que Pedro e Paulo ensinaram juntos na Itália. No final daquele século, Irineu diz (em *Contra as Heresias* 2.1-3) que Pedro e Paulo pregaram em Roma, e Tertuliano, no mesmo período, acrescenta

que Pedro foi martirizado "como . . . o Senhor" (*Scorpiae* 15). Clemente de Alexandria e Orígenes aludem à presença de Pedro em Roma, e este último acrescenta a crença de que ele foi "crucificado de cabeça para baixo" (*História Eclesiástica* de Eusébio 2.15.2; 3.1.2). A tradição de que Pedro foi crucificado pode ser apoiada em [João 21.18](#): "Quando for velho, você estenderá as mãos, alguém vai amarrá-las e o levará para onde você não vai querer ir." (NTLH).

O fato de que a Epístola de Paulo aos romanos (cerca de 55-57 d.C.) não menciona Pedro nos mostra que ele não poderia ter ido lá mais cedo do que isso. Se 1 Pedro foi escrito durante a perseguição de Nero, como acreditam aqueles que mantêm a autoria petrina, ele deve ter ido para lá em algum momento no final dos anos 50 ou início dos anos 60. É claro, a extensão de seu ministério em Roma também não pode ser conhecida. Alguns de fato postularam que ele teve pouca ou nenhuma estadia extensa em Roma. Os fatos, como eles podem ser restaurados, apontam para certas conclusões provisórias. Pedro tinha algum tipo de ministério em Roma, embora a sua extensão não possa ser conhecida. No entanto, é duvidoso, à luz do testemunho inicial de seu ministério de pregação lá, que ele estava meramente passando por Roma quando foi pego pelo massacre de Nero. Portanto, ele provavelmente passou os últimos anos de seu ministério em Roma, e lá sofreu o martírio sob Nero, talvez por crucificação.

Simão Pedro, junto com Paulo, era a figura principal na igreja primitiva. Seu impacto foi tragicamente diminuído pelos debates amargos dos círculos católicos romanos e protestantes, mas a evidência bíblica é clara. Ele era o principal discípulo de Jesus e, de fato, a "rocha" que forneceu o fundamento para a igreja. Como discípulo representante, seu entusiasmo e até mesmo suas fraquezas o tornaram o exemplo supremo do discípulo em desenvolvimento, que, através do poder do Senhor ressurreto, se levantou acima de suas falhas para se tornar uma figura imponente no cenário da igreja.

Pedro, Primeira Carta De

Primeira de duas epístolas gerais de autoria de Pedro.

Resumo

- Autor

- Destino, Origem, Data
- Contexto
- Propósito e Ensino Teológico
- Conteúdo

Autor

O autor diz que é o apóstolo Pedro ([1Pe 1.1](#)), uma testemunha dos sofrimentos de Cristo ([5.1](#)) — assim, um dos apóstolos originais escolhido por Jesus ([Mc 3.14-19](#)) como um porta-voz autorizado. Também conhecido como Simão e Cefas, Pedro provavelmente viu e sentiu as últimas horas de sofrimento de Jesus mais intensamente do que qualquer um dos outros apóstolos ([14.54](#)) porque ele havia negado Jesus três vezes (vv. [66-72](#)). Em 1 Pedro, os sofrimentos de Jesus são mencionados pelo menos quatro vezes ([1Pe 1.11; 2.23; 4.1; 5.1](#)).

Pedro era conhecido como o apóstolo dos judeus, assim como Paulo era o apóstolo dos gentios ([Gl 2.7](#)). Uma vez que Pedro era um missionário viajante ([1Co 1.12; 9.5](#)), ele poderia ter de fato visitado as igrejas da Ásia Menor para as quais esta carta foi enviada.

O fato que Pedro estava com Jesus durante seu ministério terreno pode ajudar a explicar a forte influência do ensino de Jesus em 1 Pedro. Exceto por Tiago, 1 Pedro provavelmente ecoa mais das palavras de Jesus do que qualquer outra carta do NT. O gráfico abaixo apresenta similaridades entre as palavras de Pedro e as palavras de Jesus nos Evangelhos:

Alguns estudiosos pensam que o grego desta carta é bom demais para ter sido escrito por um ex-pescador que tinha o aramaico como sua língua nativa; que a doutrina é muito parecida com a de Paulo para ter sido escrita por um apóstolo que tinha uma posição diferente da de Paulo; e que alguém escreveu a carta após a morte de Pedro e usou seu nome para dar peso apostólico a ela.

Outros estudiosos respondem que se o autor quisesse dar autoridade a uma carta que se assemelha às de Paulo, ele teria usado o nome de Paulo, não o de Pedro; que a maioria dos galileus provavelmente aprendeu grego e aramaico no início da vida; e que não há evidências de que o ensino de Pedro e Paulo diferisse fundamentalmente. Quando Paulo repreendeu Pedro ([Gl 2.11-14](#)), foi devido a um lapso temporário na conduta, não uma discordância básica no ensino. Além disso, algumas doutrinas-chave de Paulo não são evidenciadas em 1 Pedro (p.

ex. justificação), e as que são semelhantes às de Paulo eram de posse comum de todas as igrejas primitivas. Podemos concluir razoavelmente que o apóstolo Pedro foi o autor desta carta. No entanto, parece bastante claro que Silas (também conhecido como Silvano) ajudou Pedro a escrever esta epístola ([1Pe 5.12](#)), o que significa que (1) ele foi como um amanuense (secretário) para Pedro, (2) ele traduziu a carta de Pedro (do aramaico para o grego) enquanto Pedro ditava, ou (3) ele compôs uma carta baseada nos pensamentos de Pedro.

Destino, Origem, Data

As pessoas a quem 1 Pedro é endereçado viviam em Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia. Essas províncias romanas cobriam toda, exceto a parte mais ao sul da Ásia Menor, a maior parte da Turquia moderna.

O cristianismo pode ter sido trazido por judeus peregrinos convertidos em Jerusalém no dia de Pentecostes (cf. [Atos 2.9](#)). Muito provavelmente, essas igrejas incluíam algumas fundadas por Paulo em sua primeira e segunda jornadas missionárias, e outras por missionários desconhecidos. Pedro não se inclui explicitamente entre “aqueles que vos pregaram” ([1Pe 1.12](#)).

Se os leitores eram judeus cristãos ou gentios pagãos convertidos não é conhecido. [Primeira carta de Pedro 1.1](#) diz: “ao povo de Deus que vive espalhado nas províncias do Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia” (NTLH). Que os leitores estão, em certo sentido, exilados é confirmado por [1.17](#) e [2.11](#). Esses versos poderiam se referir a um exílio literal de judeus fora da Palestina ou a um exílio espiritual de todos os crentes na terra porque seu verdadeiro lar está no céu. Ninguém nega que havia (e ainda existe) uma dispersão judaica literal (Diáspora). Pedro, vendo a igreja como o verdadeiro Israel (cf. [Rm 2.29](#); [Gl 6.16](#); [Fp 3.3](#)), pode ter simplesmente transferido a linguagem que se referia ao exílio da nação de Israel para a igreja. A frase usada por Pedro em [1Pedro 2.11](#) é quase idêntica à de [Hebreus 11.13](#) (cf. [Gn 23.4](#); [Sl 39.12](#)).

Contra a visão que interpreta a dispersão de [1 Pedro 1.1](#) como cristãos (judeus e gentios), em vez de apenas judeus, pode-se argumentar que Pedro era especificamente o apóstolo dos judeus ([Gl 2.7](#)) e que o frequente uso do AT em 1 Pedro exige um público judaico. Mas há evidências de que Pedro não restrinhou seu ministério aos judeus ([1Co 1.12](#); [Gl 2.12](#)), e o uso do AT não é surpreendente, mesmo que os leitores não fossem judeus, pois diversos

gentios tementes a Deus (como Cornélio, [Atos 10.2](#)) estavam familiarizados com o AT.

Se os leitores eram principalmente judeus ou gentios é decidido por meio de vários textos que refletem o pano de fundo pagão dos leitores. Pedro diz em [1 Pedro 2.10](#) que seus leitores eram anteriormente “não um povo”, uma referência a [Oséias 2.23](#) (cf. [Rm 9.25](#)). Então em [1 Pedro 4.3](#), Pedro descreve seu passado de “imoralidade, nos desejos carnais, nas bebedeiras, nas orgias, na embriaguez e na nojenta adoração de ídolos.” (NTLH). Isso não descreve judeus incrédulos, os quais não tinham grande problema com a imoralidade vulgar, mas com a hipocrisia e o legalismo. Assim, entre os destinatários desta carta devem estar inclusos muitos cristãos gentios da Ásia Menor, caracterizados como estrangeiros e forasteiros neste mundo.

A maioria dos estudiosos pensa que 1 Pedro foi escrita em Roma. A dica é encontrada em [5.13](#): “A igreja que está em Babilônia, escolhida também por Deus, manda saudações” (NTLH). Babilônia (que havia vindo para simbolizar uma cidade grande, poderosa e maligna) passou a ser um nome que servia como código para Roma em muita da literatura cristã primitiva (p. ex., [Ap 14.8; 16.19; 17.5; 18.2,10,21](#); cf. Sibilene 5.143,159).

A datação de 1 Pedro é provavelmente em 64 ou 65 d.C. (veja a próxima seção).

Contexto

Enquanto outros escritos do NT se refiram agora e posteriormente ao sofrimento cristão, 1 Pedro está preocupado com isso. A maneira que os cristãos devem se comportar quando são atacados é frequentemente abordada ([1Pe 1.3-7; 2.12,20-23; 3.13-17; 4.12-19; 5.9-10](#)). Uma perseguição oficial do estado não pode ser claramente afirmada; os ataques parecem ser o destino comum de todos os cristãos em todos os lugares ([5.9](#)). Mestres cruéis às vezes perseguiam seus servos cristãos ([2.18-20](#)); esposas cristãs podiam ter que suportar maridos hostis e incrédulos ([3.1-6](#)); e, em geral, as pessoas estavam prontas para insultar os cristãos como malfeiteiros ([2.12; 3.9,16; 4.15-16](#)).

Mesmo que nenhuma perseguição oficial do estado estivesse acontecendo, a carta aparentemente indica que havia algo pior no horizonte ([4.12-19](#)). Pedro parece sentir que a tensão presente entre os crentes e sua sociedade poderia se transformar em algo muito pior.

A tradição da igreja primitiva diz que Pedro foi crucificado em Roma durante a perseguição de Nero, e não há uma boa razão para duvidar disso. Além disso, uma vez que 1 Pedro foi escrita de Roma, e uma vez que [4.12](#) e [17](#) implicam uma crise iminente como a que atingiu os cristãos em Roma em 65 d.C., podemos supor que esta carta foi escrita não muito antes de Nero começar a oprimir os cristãos em Roma. De acordo com o historiador Tácito, Nero responsabilizou os cristãos pelo incêndio de Roma, a fim de abafar o rumor de que ele mesmo havia feito isso (para que ele pudesse construir uma cidade maior). Sua perseguição implacável aos cristãos ainda não havia eclodido quando 1 Pedro foi escrita (cf. [2.14; 3.13](#)), mas Pedro pode ter visto isso se aproximando e pode ter desejado preparar as igrejas de fora de Roma, caso este holocausto as alcançasse também. A perseguição de Nero aparentemente não afetou os cristãos nas províncias fora de Roma, mas isso não diminui o valor da carta de Pedro, porque esta lida principalmente com a maneira com a qual os cristãos devem se relacionar com sua sociedade e como eles devem responder quando os ataques e o sofrimento vierem.

Se esta for uma imagem correta do pano de fundo de 1 Pedro, sua datação seria do início até meados dos anos 60, uma vez que o incêndio de Roma eclodiu em 19 de julho de 64 d.C., e a perseguição ocorreu no final daquele ano ou na primavera de 65.

Propósito e Ensino Teológico

O principal propósito de 1 Pedro é exortar os cristãos a se comportarem adequadamente dentro da comunidade dos crentes ([3.8; 5.1-7](#)), mas também, especialmente, na sociedade não cristã ([2.12](#)), testificando claramente de sua esperança em Cristo ([3.1,15](#)) para a glória de Deus. A carta visa ajudar os cristãos a entender e suportar os ataques que vêm muitas vezes de relacionamentos com não cristãos ([1.6-7; 2.12, 18-25; 3.9, 14-17; 4.1-5, 12-19; 5.8-10](#)).

A exortação de Pedro é baseada nas boas novas da salvação de Deus através da morte, ressurreição e segunda vinda de Cristo. Deus é misericordioso ([1.3; 2.10](#)), “o Deus de toda a graça” ([4.10; 5.12](#)), e há esperança na revelação final da graça na vinda de Cristo ([1.13](#)). Deus conheceu de antemão e determinou ([1.2,20; 2.8](#)) um plano de redenção pelo qual criaria um povo santo para sua própria posse ([2.9-10](#)). Assim, Cristo foi enviado ao mundo para realizar esta redenção por causa dos eleitos de

Deus ([1.20](#)). Embora ele tenha sido “escolhido e precioso” para Deus, ele foi “rejeitado pelos homens” ([2.4](#)) que não creram nele (v. [7](#)). Mas seus sofrimentos ([1.11](#); [4.1.13](#); [5.1](#)) não eram uma tragédia sem sentido; eram por causa de seu povo ([2.21.24](#); [3.18](#)), para redimi-los com seu precioso sangue de seu modo de vida vazio ([1.18-19](#)).

Posto à morte na carne, ele foi “vivificado pelo Espírito” ([3.18](#)), ressuscitado dos mortos e glorificado ([1.21](#); [2.7](#)), e possui o lugar de autoridade à direita de Deus ([3.22](#)). Ainda mais, devemos tentar explicar a ligação entre as boas novas da atividade salvadora de Deus e nossa boa conduta. As boas novas devem ser proclamadas se for para mudar a vida de alguém. Esta proclamação acontece no poder do Espírito Santo de Deus ([1.12](#)). Não é meramente um “noticiário”, mas é “a palavra viva e duradoura de Deus” ([1.23](#); cf. [4.11](#)), pela qual Deus chama seu povo à existência e o convoca “das trevas para sua luz maravilhosa” ([2.9](#); cf. [1.15](#)), “para sua glória eterna em Cristo” ([5.10](#)). Esta mudança é descrita em 1 Pedro como um “novo nascimento” ([1.3.23](#)); o que distingue uma pessoa recém-nascida é a “esperança viva” que ela tem em Cristo ([1.3.13](#)).

Esta esperança, fundamentada na ressurreição de Cristo e em seu retorno certo, transforma o comportamento ([1.13-15](#)). Não teremos mais que buscar satisfação e cumprimento de maneiras prejudiciais e sem amor, mas ao confiar nossas almas a um Criador fiel ([4.19](#); [5.7](#)), podemos suportar o sofrimento injusto pacientemente ([2.20](#)), não devolver o mal pelo mal ([3.9](#)) e buscar estender a misericórdia de Deus aos outros fazendo o bem ([2.12.15](#); [3.11.16](#); [4.19](#)).

A viva esperança cristã não nos leva *para fora* da sociedade não cristã, mas muda nosso comportamento *nela*. Os cristãos são endereçados como cidadãos do estado ([2.13-17](#)), como escravos de mestres cruéis (vv. [18-25](#)) e como esposas de maridos incrédulos ([3.1-6](#)). Ao viver como pessoas novas e esperançosas *nas* instituições da sociedade, os outros veem nossas boas obras e dão glória a nosso Pai no céu ([2.12](#); cf. [Mt 5.16](#)).

Conteúdo

1.1-2

Esta seção descreve a eleição de Deus de seu povo, que muitas vezes é traduzida usando três frases preposicionais.

Primeiro, é “segundo a presciêncie de Deus” (ARA). Isso significa mais do que o conhecimento de Deus de antemão sobre quem ele elegeria. Como em [1.20](#), a presciêncie provavelmente também inclui o propósito de Deus (cf. [Am 3.2](#); [Atos 2.23](#); [Rm 8.28-30](#); [11.2](#); [1Co 8.3](#); [Gl 4.9](#)).

Segundo, a eleição é “pela obra santificadora do Espírito” (NVI). A eleição envolve o trabalho eficaz do Espírito em fazer uma pessoa obediente ao evangelho (veja [Rm 1.5](#)). Em [Efésios 1.4](#) a eleição é descrita como “antes da criação do mundo” (NTLH).

Terceiro, nossa eleição é “para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo” (ARA). O último se refere provavelmente ao efeito moral da morte de Cristo em purificar nossa consciência e nosso comportamento enquanto confiamos nele (veja [Hb 9.13-14](#)).

Assim, o povo eleito de Deus tem sua origem na eterna e presciêncie proposital de Deus; deve seu chamado e conversão à obra do Espírito Santo; e tem como objetivo nesta vida a obediência a Deus (cf. [1Pe 1.14](#)).

1.3-12

Esta seção descreve como a salvação é tremendamente valiosa — uma vasta herança, absolutamente perfeita, nunca diminuindo em beleza ou valor (v. [4](#)), o objetivo de nossa fé (v. [9](#)), a base da alegria inexprimível (v. [6-8](#)). Procurada e desejada pelos santos profetas da antiguidade, é tão surpreendente que até mesmo os anjos desejam observá-la (vv. [10-12](#)).

Tem origem na grande misericórdia de Deus e foi disponibilizada às pessoas através da ressurreição de Jesus dos mortos (v. [3](#)). Mesmo que uma herança *futura* esteja pronta para ser revelada nos últimos tempos (v. [5](#)), ela oferece muitos benefícios espirituais *presentes* para aqueles que confiam em Cristo. Um deles é a promessa do poder presente de Deus de fazer com que o crente persevere na fé (v. [5](#)). Isso não significa que os cristãos escapem da adversidade; pode ser necessário que eles sofram (v. [6](#)). Se assim for, eles não devem murmurar, mas ver o sofrimento como um fogo refinador para seu bem, pois queima as falsas dependências e deixa apenas o ouro puro de uma fé genuína (v. [7](#)). Então o sofrimento pode ser uma preparação importante para a experiência completa da salvação, uma vez que é apenas a fé que importará no final.

A fé não é a mesma coisa que a visão, pois os crentes nunca viram Jesus, mas confiam nele e o

amam (v. 8). Há bons motivos para ter esperança ([3.15](#)), fundados principalmente na ressurreição de Jesus ([1.3](#)) — um evento histórico real.

1.13–25

Pedro agora dá uma ordem: esperem plenamente na graça que vem a vocês na revelação de Cristo (v. [13](#)), e vivam uma nova vida de obediência a Deus (v. [14–15](#)). A esperança é um desejo intenso por algo e uma confiança de que isto verdadeiramente acontecerá. Então Pedro estava ordenando às igrejas que *desejassem* a Cristo fortemente e que tivessem certeza de sua glória e sua vinda. Assim, os crentes devem usar suas mentes e se manter lúcidos (sóbrios) sobre o que é verdadeiramente valioso na vida (v. [13](#)). A plena esperança em Cristo sempre resulta em santidade de vida. Se nos deleitarmos em ser filhos de Deus (v. [14](#)), certamente imitaremos nosso Pai (v. [15–16](#); cf. [Lv 19.2](#)).

Mas há outra motivação para uma boa conduta: temor a Deus, aquele que julga cada pessoa de acordo com suas obras ([1Pe 1.17](#)). Enquanto Pedro motiva com temor, ele também nos assegura que fomos redimidos de nossa conduta fútil com o precioso sangue de Cristo (vv. [18–19](#)). Somos salvos mediante a fé, não por boas obras. Provavelmente Pedro quer nos exortar para que venhamos a temer o desprazer de Deus com a nossa falta de fé. Quando a carta diz que ele julgará nossas obras, provavelmente significa que ele buscará evidências de conduta obediente e amorosa, que é o sinal claro de nossa esperança e fé. Se tivermos falta disso, o medo de seu julgamento deve nos levar de volta para a misericórdia de Deus, onde podemos ter paz e alegria, que, por sua vez, levam ao amor.

Este amor é exigido dos crentes no verso [22](#). A esperança não é mencionada nos versos [22–25](#), mas está implícita quando Pedro diz que nascemos de novo através da *permanente* Palavra de Deus. Considerando que “a palavra do Senhor permanece para sempre” (v. [25](#) = [Is 40.6–8](#)), aqueles cujas vidas dependem dela permanecerão para sempre.

2.1–10

Esta passagem está cheia de citações e imagens do AT, como mostrado no seguinte gráfico:

Os versos [9](#) e [10](#) indicam que Pedro considerava a igreja cristã um novo Israel. Ele provavelmente via a experiência da igreja no mundo como a de um *exílio*, semelhante aos judeus no exílio babilônico

([1.17; 2.11](#)), e considerava a conversão como uma espécie de *êxodo* das trevas de uma antiga vida fútil para a luz de Deus, assim como o êxodo judaico do Egito.

Os versos [6–8](#) mostram que Jesus é uma joia preciosa para alguns, mas uma pedra de tropeço para os incrédulos. Por trás disso está a predestinação inescrutável de Deus (v. [8](#)). Aqueles que confiam nele são escolhidos (v. [9](#); cf. [1.1](#)) como um sacerdócio real (veja abaixo em [2.5](#)), como uma nação que tem o próprio caráter santo de Deus (cf. [1.14–15](#)) e como um povo amado de posse exclusiva de Deus. Tudo isso não é devido ao nosso mérito, mas à misericórdia de Deus (v. [10](#)).

Os versos [1–3](#) são novamente uma ordem — desejar a bondade de Cristo que provamos através do leite da Palavra e assim crescer mais forte na fé ou esperar plenamente na graça de Cristo.

Os versos [4–5](#) retratam uma metáfora complexa e mista que retrata Cristo como uma pedra viva e a igreja tanto como uma casa espiritual de pedras quanto como um sacerdócio. A igreja é, por um lado, um lugar de habitação para Deus (cf. [1Co 3.16](#); [Ef 2.21–22](#)), e, por outro, um grupo de ministros nesta habitação que oferecem a Deus os sacrifícios de obediência (cf. [Rm 12.1–2](#)).

2.11–12

Este é o interesse central da carta. Uma vez que os cristãos são como exilados neste mundo, eles não devem compartilhar os mesmos desejos que os incrédulos. Tais desejos carnais são efêmeros e destroem as suas almas. Em vez disso, o novo povo de Deus deve se dedicar às boas obras, mesmo que as pessoas possam difamá-las, pois isso, por fim, acabará fazendo com que as pessoas glorifiquem a Deus. A sequência, novamente, retrata desejos alterados, comportamento alterado e Deus sendo glorificado (cf. [Mt 5.16](#)).

2.13–17

Os cristãos devem mostrar o devido respeito a todos (vv. [13–14](#)). O fato de que Cristo morreu pelos pecadores é uma verdade tão humilhante que proíbe os cristãos de serem arrogantes ou de pensar que eles não precisam amar os outros (cf. [Rm 13.8–10](#)). Em vez disso, eles são exortados a considerar os outros como maiores do que eles mesmos ([Mc 10.44](#); [Fp 2.3](#)).

Pedro declara, então, que os crentes devem estar sujeitos ao rei e às autoridades civis sob ele. Eles devem se empenhar em fazer o bem com o

propósito de que aqueles que dizem que o cristianismo não faz diferença na vida sejam silenciados.

Todavia, a sujeição ao estado não é absoluta, pois os cristãos são, em primeiro lugar, escravos de Deus. É por esta liberdade que eles podem reconhecer a propriedade de um estado orientado por Deus para preservar a vida ordenada. Porque os cristãos servem a Deus em primeiro lugar, e o rei é meramente uma criatura de Deus, a sujeição a ele é uma sujeição por amor ao Senhor, não por amor ao rei.

2.18-25

Os escravos cristãos têm consciências orientadas e moldadas por Deus (v. [19](#)). Eles também experimentaram sua graça e são aqui instruídos a confiar nela suportando pacientemente o sofrimento injusto. Eles não devem contra-atacar: eles foram chamados para viver desta maneira, pois Jesus sofreu *por eles* e porque seu sofrimento serviu *como um exemplo*. Os versos [21-23](#) descrevem o exemplo. Os versos [24-25](#) descrevem a redenção de Cristo e seus efeitos. Ou seja, Jesus não apenas modelou a vida de não retaliação, mas também permitiu que seus seguidores vivessem desta maneira morrendo *para si mesmos* a fim de que pudessem viver para a justiça (v. [24](#)). Apenas quando os cristãos estão seguros e contentes na esperança que Cristo alcançou *para eles*, eles podem finalmente ter a liberdade e inclinação para seguir seu precioso exemplo. Quando os crentes são tentados a se vingar com suas próprias mãos, eles devem se lembrar de que até mesmo Jesus confiou sua própria vida a Deus, que julga justamente (v. [23](#); cf. [Rm 12.19-20](#)).

3.1-7

Aqui se encontram seis versos para as esposas e um para os maridos. Como uma esposa crente conquistará seu marido incrédulo (v. [1](#))? Pedro adverte contra a predisposição de tornar o corpo mais atraente (v. [3](#)). Em vez disso, ele enfatiza o adorno do coração com um espírito manso e tranquilo (v. [4](#)), acompanhado de uma conduta pura e amorosa (v. [2](#)), que pode ganhar o marido “sem precisar falar” (v. [1](#)). Este não é um chamado para uma subserviência irracional, mas para o equilíbrio, para um serviço livre e confiante no amor. A esposa não deve ter medo de um marido abusivo (v. [6](#)). Mas como? Seguindo o exemplo de Sara de *esperar* em Deus (v. [5](#)). Então é dito novamente que a esperança transforma a vida e

permite que os crentes sejam sujeitos aos outros. A esposa está ligada primeiramente ao Senhor e apenas secundariamente a seu marido. Assim como os escravos, a esposa cristã usará sua consciência orientada por Deus ([2.16](#)) para decidir em que momentos, por amor a Cristo, ela não poderá seguir a liderança de seu marido.

Os maridos são admoestados no verso [7](#) a fazer com que seus relacionamentos com suas esposas esteja em conformidade com a verdade natural e revelada. A verdade *natural* é que as mulheres são fisicamente mais fracas. Isso não significa que elas são inferiores mental ou emocionalmente. É uma declaração simples de um fato observado: os corpos das mulheres não são tão fortes quanto os dos homens. Em uma cultura sem todos os tipos de dispositivos automáticos, a força física era muito mais crucial para a sobrevivência e conforto do que é hoje. Então o homem é exortado a usar sua força superior para o bem de sua esposa. A verdade *revelada* é que a esposa é uma “parceira igual no dom de Deus da nova vida”, que deve ser honrada e respeitada.

3.8-12

Isso conclui a seção [2.13-3.12](#) e admoesta toda a igreja primeiramente a amar os irmãos ([3.8](#)) e depois a amar o estranho hostil (vv. [9-12](#)). O verso [9](#) lembra o comportamento de Jesus e seus mandamentos ([Lc 6.27-36](#)). Os cristãos não devem apenas suportar os ataques pacientemente ([1Pe 2.19-20](#)), eles devem também reagir positivamente e “abençoar” aqueles que os insultam ([3.9](#)). Abençoar significa desejar-lhes o bem e transformar este desejo em uma oração. O verdadeiro desejo dos crentes aos seus inimigos é que eles sejam convertidos e venham a compartilhar da bênção que o cristão herdará (vv. [1.9](#)). [O Salmo 34.12-16](#) é citado para apoiar a lógica do verso [9](#). Se os cristãos quiserem herdar a bênção da salvação ([1.4-5; 3.9](#)), eles devem abençoar aqueles que os insultarem. Isso não significa que eles *merecem* sua salvação, mas que a salvação é o alvo da fé ([1.9](#)), e a verdadeira fé sempre faz de uma pessoa alguém amável.

3.13-17

De modo geral, quando os cristãos fizerem o bem, eles não serão prejudicados por isso (v. [13](#)). Não obstante, pode ser a vontade de Deus que os cristãos sofram por fazer o bem (v. [17](#)) e isso é muito melhor do que sofrer por fazer o mal. É melhor não apenas porque eles nunca deveriam

fazer o mal, mas também porque eles são “abençoados” quando sofrem por causa da justiça (v. 14; cf. 4.14; Mt 5.10-12). Então, em vez de terem medo das pessoas, os crentes devem temer desagradar a Cristo e estar em paz em sua fidelidade (cf. 1Pe 3.14-15 com Is 8.12-13). Assim, suas consciências estarão limpas e os crentes serão libertos para que, quando explicarem a razão de sua esperança, até mesmo seu comportamento testifique de sua verdade (cf. 1Pe 3.15 com 1.3). Os perseguidores dos cristãos podem ser envergonhados (v. 16), convencidos (3.1) e assim dar glória a Deus (2.12).

3.18-22

Semelhante a 2.21-25 e 1.18-21, esta unidade afirma o chamado de Pedro ao sofrimento paciente. Considerando que Cristo morreu de uma vez por todas pelos pecados da humanidade e, assim, libertou todos da culpa, abrindo um caminho para a comunhão com o Deus misericordioso, os crentes são capazes de suportar o sofrimento injusto mansamente. Se negar a suportar o sofrimento imerecido seria uma marca de incredulidade no fiel Criador (4.19) que se importa com seus filhos e deseja carregar suas ansiedades (5.7).

Assim como nos dias de Noé, apenas alguns foram salvos (cf. 3.120; 4.17), da mesma maneira agora apenas alguns estavam sendo salvos na geração hostil de Pedro, através do batismo (3.18-21). Pedro definiu muito atentamente em que sentido ele quis dizer que o batismo salva — não pela função purificadora da água, mas pela ressurreição de Jesus Cristo e pelo penhor de uma boa consciência em relação a Deus (v. 21).

4.1-6

Os cristãos devem viver de acordo com a vontade de Deus (cf. 1.14; 2.1-2.11-12.15). Isso significará uma ruptura com o comportamento de seus amigos incrédulos e provavelmente resultará em ser difamado (4.4). Mas isso não deve fazer com que os crentes se vinguem, pois Deus cuidará do julgamento (v. 5).

Os crentes têm esta ordem (v. 1): “Por isso, assim como Cristo sofreu no corpo, vocês também devem estar prontos, como ele estava, para sofrer. Porque aquele que sofre no corpo deixa de ser dominado pelo pecado.” (NTLH). Alguns interpretaram isso como significando que através de um processo de sofrimento somos cada vez mais santificados; no entanto, se o sofrimento aqui se refere a morrer (como o paralelo com 3.18 e o “portanto” de 4.1

sugerem), então provavelmente o verso 1 deve ser entendido conforme Romanos 6.6.10-11.

Primeira de Pedro 4.6 é difícil. Alguns pensam que se refere à mesma pregação referida em 3.19. Uma outra interpretação, talvez preferível, é que não há pregação aos mortos aqui, mas sim uma pregação do evangelho para aqueles que posteriormente morreram. Ou seja, aqueles que ouviram o evangelho, creram, e então morreram, não ouviram o evangelho em vão. O propósito da pregação era que, enquanto de um ponto de vista meramente humano, esses crentes foram julgados na carne (isto é, morreram), mas, do ponto de vista divino, eles vivem no Espírito. O propósito do verso 6 é, portanto, um grande encorajamento para viver pela vontade de Deus, mesmo quando antigos amigos desprezam a esperança cristã alegando que até os cristãos morrem.

4.7-11

A atividade entre os crentes na igreja é novamente o tema aqui. Pedro via os eventos contemporâneos como o início do fim (vv. 7.17). Isso deu uma seriedade à sua exortação de que os crentes devem manter suas mentes claras e sóbrias para a oração.

Ao se aproximar constantemente de Deus em oração, os cristãos encontram a ajuda que precisam para amar uns aos outros e negligenciar muitas coisas ofensivas (cf. Ef 4.1-3). Este amor deve se manifestar em uma hospitalidade alegre, especialmente importante em tempos de perseguição (1Pe 4.9), e deve mover os crentes a usar todos os seus variados dons e talentos para edificarem uns aos outros na fé (v. 10). Dois exemplos são dados: falar e ministrar (a obra do pregador e a obra do diácono). O mais importante em falar e ministrar é reconhecer qual é o objetivo desses dons e como alcançar esse objetivo. O objetivo é “que em todas as coisas Deus seja louvado” (v. 11). Isso pode ser feito reconhecendo que ele dá a força necessária para servir e as palavras para a pregação edificante.

4.12-19

Aqui a situação de sofrimento e de suportar a repreensão por serem cristãos está novamente em vista. A perspectiva de um “julgamento doloroso” (v. 12) é iminente (cf. 1.6-7). Pedro viu esses sofrimentos (provavelmente de pessoas hostis associadas em vez de uma perseguição oficial do estado) como o julgamento de Deus sobre o mundo, começando com a igreja (vv. 17-18; cf. Pv 11.31).

Mas o julgamento de Deus sobre a igreja não é punitivo, mas purificador ([1Pe 4.14](#); cf. [1.6–7](#)).

Pedro dá um lembrete de que o sofrimento é uma experiência normal para os cristãos (v. [19](#); cf. [3.14](#); [Atos 14.22](#); [1Ts 3.3](#)) e que o próprio Cristo foi demasiadamente maltratado ([1Pe 2.21–25](#); [Mt 10.25](#)). Os cristãos são encorajados a confiar suas almas a um Criador fiel ([1Pe 4.19](#)), a se alegrar (v. [13](#)) e perseverar em fazer o bem (v. [19](#)), glorificando assim a Deus (v. [16](#)). Quando os crentes respondem ao sofrimento desta maneira, eles são abençoados (v. [14](#)), pois Deus se manifesta a eles de uma maneira íntima e restauradora.

5.1–7

Novamente (como em [3.8](#); [4.7–11](#)) Pedro trata sobre as relações dentro da igreja. Ele ensina aos presbíteros como podem ser bons pastores do rebanho ([5.1–4](#)), aos mais jovens como tratar seus anciões (v. [5](#)) e a todos como ser humildes uns com os outros.

Pedro lembra aos crentes que Deus se opõe aos orgulhosos, mas dá graça aos humildes (v. [5](#); cf. [Mt 23.12](#); [Tg 4.6](#)), a quem ele exaltará na era por vir ([1Pe 5.6](#); cf. [Lc 14.11](#); [18.14](#); [Tg 4.10](#)). Mais importante, Deus convida seu povo a lançar todas as suas ansiedades sobre ele, porque ele cuida deles ([1Pe 5.7](#); cf. [Sl 55.22](#); [Mt 6.25–30](#)).

Os jovens que, desta maneira, são feitos humildes, se sujeitarão aos seus anciões e os respeitarão ([1Pe 5.5](#)). Os presbíteros que, assim, são feitos humildes, não dominarão o rebanho (v. [3](#)), ou serão gananciosos, ou relutantes em seu serviço (v. [2](#)), mas guiarão o rebanho através de um exemplo humilde.

5.8–11

Pedro retorna ao seu interesse com o sofrimento. O sofrimento é o destino universal dos crentes (v. [9](#); cf. [4.12](#)). Embora em um sentido seja desejado por Deus ([1.6](#); [3.17](#); [4.19](#)), é usado por Satanás para tentar destruir sua fé. Então Pedro alerta que a igreja esteja desperta e sóbria ([5.8](#); cf. [1.13](#); [4.7](#)) para que possam resistir ao leão pela fé.

5.12–14

Em conclusão, Pedro descreve sua “breve” escrita como uma exortação e um testemunho sobre a verdadeira graça de Deus. Portanto, a carta não é um chamado ao trabalho árduo para Deus; em vez disso, é um chamado para reconhecer, desfrutar e viver por meio do árduo trabalho que Deus

graciosamente exerceu e continuará exercendo por seus filhos. Como foi observado acima, a carta foi escrita por Silas (grego *Silvano*, provavelmente a mesma pessoa presente em [Atos 16.25](#); [1Ts 1.1](#); [2Ts 1.1](#)). Foi escrita em Roma, e as saudações foram enviadas por Marcos (provavelmente o escritor do Evangelho e ex-companheiro missionário de [Paulo](#) — [Atos 13.13](#); [15.37](#); [2Tm 4.11](#)) e por toda a igreja. A última palavra de Pedro é invocar a paz sobre as igrejas e instá-las a manter o afeto caloroso entre si.

Veja também Sofrimento; Pedro, o Apóstolo; Espíritos em Prisão.

Pedro, Segunda carta de

A Segunda, epístola geral escrita por Pedro.

Resumo:

- Autor
- Data, origem, destino
- Contexto
- Propósito e ensino teológico
- Conteúdo

Autor

O autor é claramente identificado em [1.1](#) como Simão Pedro, um dos 12 apóstolos escolhidos por Jesus. No entanto, duas coisas devem ser observadas. Primeiro, seu estilo difere marcadamente do de 1 Pedro. Segundo, porque 2 Pedro é obviamente uma obra posterior (veja a data abaixo) e incorpora Judas em resumo, é possível que um colaborador de confiança (por exemplo, João Marcos) tenha reunido as preocupações finais de Pedro, incorporando um resumo da epístola de Judas após a morte de Pedro. Assim, 2 Pedro são as palavras finais de Pedro, um tipo de testamento póstumo direcionando a igreja na era pós-apostólica. Também é possível que Pedro tenha sido o autor por trás desta obra, mas não o escritor, como foi sugerido na seção sobre “Autor” para a Primeira Epístola. Como tal, a epístola poderia ter sido preparada por alguém que não fosse Silas (como foi feito para a primeira epístola de Pedro) e, portanto, explicaria a diferença de estilo entre as duas epístolas. Além disso, o documento escrito original pode ter sido publicado postumamente.

Data, origem, destino

A tradição nos diz que Pedro foi martirizado por volta de 64 d.C. em Roma. Se for assim, este trabalho foi provavelmente escrito em Roma antes de 70 d.C. (antes que seu último ensinamento fosse esquecido) e depois de 60 d.C. (a data mais cedo em que Pedro poderia ter conhecido as cartas de Paulo). Além disso, foi escrito após Judas, pois [2 Pedro 2](#) incorpora uma forma abreviada de Judas. O local de origem romano também explica o aparente conhecimento de 1 Clemente sobre 2 Pedro em 96 d.C., o uso mais antigo da carta. Se [3.1](#) se refere às mesmas igrejas mencionadas em 1 Pedro, então a carta é destinada ao nordeste da Ásia Menor. O grupo de igrejas inclui algumas para as quais Paulo escreveu cartas ([3.15](#)). Mas as igrejas poderiam muito bem ser todas as igrejas, para as quais Pedro estava enviando uma mensagem geral.

Contexto

Em um contexto de muitos cultos libertinos atraentes, a igreja estava constantemente em perigo por causa de mestres que promoviam a imoralidade. Corinto certamente tinha problemas semelhantes, e [Romanos 6](#) pode mostrar que Paulo estava ciente de um uso indevido semelhante de seu ensino que havia chegado a Roma. A declaração de Paulo de que os cristãos estão livres da lei (veja [Gl 3-5](#)) sempre carregava o perigo de que, em vez de se renderem ao Espírito, as pessoas cedessem aos seus desejos caídos, ignorando o aviso de Paulo de que aqueles que faziam tais coisas não herdariam o reino de Deus. Essa tendência na igreja primitiva parece estar por trás de 2 Pedro.

Propósito e ensino teológico

Como [1.12-15](#) deixa claro, a carta é um testamento, um lembrete final da verdade escrito diante das divisões causadas por falsos mestres. É uma tentativa final de estabilizar a igreja.

Três temas teológicos principais se destacam: (1) um chamado à virtude cristã e à fidelidade e à tradição apostólica sobre a qual a igreja foi fundada; (2) uma base para esse chamado no status exaltado de Jesus Cristo e seu retorno em julgamento, tornando todos os outros objetivos da vida irrelevantes; e (3) uma denúncia apocalíptica daqueles que haviam se comprometido com o mundo e, portanto, viviam com uma ética subcristã.

Conteúdo

Saudação ([1.1-2](#))

A saudação enfatiza a autoridade tanto de Pedro quanto de seu ensino ao usar o título “apóstolo” e a solidariedade com seus leitores ao incluir a palavra “servo” e mencionar “uma fé de igual valor” em relação aos leitores.

Convite à virtude ([1.3-21](#))

Deus já agiu para chamar os cristãos para si. Ele, por graça soberana, deu-lhes tudo o que é necessário para viver verdadeiramente de maneira piedosa. E ele colocou promessas fantásticas diante deles. Eles não devem permitir que sejam apanhados novamente no pântano moral do mundo, pois foi o propósito de Deus ao salvá-los capacitar-los a escapar dessa armadilha. Em vez disso, devem se tornar como Cristo (“participar da natureza divina”) e, portanto, devem crescer em virtude cristã. Se falharem nesse crescimento, perderão as promessas de Deus, mas o zelo para avançar confirmará sua eleição e seu futuro no céu ([1.3-11](#)).

Como Pedro estava prestes a morrer, como Jesus previu (cf. [Jo 21.18-19](#)), ele queria dar aos seus leitores uma palavra final de encorajamento. O encorajamento de Pedro era importante por duas razões. Primeiro, ele foi verdadeiramente uma testemunha ocular da glória de Cristo (ou seja, a Transfiguração, um evento que deve ter impressionado profundamente Pedro, mas é citado aqui porque revelou a glória, poder e autoridade de Jesus e uniu o AT e o NT). Ao contrário dos falsos mestres, sua tradição é baseada no que Deus realmente fez, não em mera especulação. Segundo, sua experiência confirma a profecia do AT. Como Pedro e seus seguidores na tradição apostólica, os profetas do AT foram inspirados pelo Espírito Santo. Assim, somente o Espírito dá a verdadeira interpretação, e as interpretações idiossincráticas dos falsos mestres são, portanto, erradas ([2Pe 1.12-21](#)).

Denúncia de falsos mestres ([2.1-22](#))

Os cristãos precisam ser encorajados a permanecer firmes na virtude porque sempre houve falsos mestres na igreja que distorcem as Escrituras do AT para apoiar seu próprio comportamento. Não se pode ter certeza de quem exatamente eram esses mestres, mas algumas de suas ações são claras. Primeiro, eram libertinos em sua moral, provavelmente distorcendo o ensino de Paulo

sobre a liberdade da lei para apoiar suas ações (cf. [3.15](#); [1Co 6.12-20](#) mostra um problema semelhante em Corinto). Segundo, estavam formando grupos leais a si mesmos, explorando essas pessoas e levando-as ao pecado (cf. [1Co 1-3](#) para outro exemplo de formação de grupos dissidentes). Terceiro, estavam ensinando sobre poderes angélicos e demoníacos, alguns dos quais estavam amaldiçoando, o que revelava um desrespeito geral pela autoridade ([2Pe 2.10](#); cf. [Cl 2.8](#)). Quarto, embora em última análise sectários, ainda estavam celebrando a Ceia do Senhor (que naquela época ainda era uma refeição comum, como seria por mais um século) com a igreja e, assim, profanando toda a celebração ([2Pe 2.13](#)).

A grande preocupação de Pedro é que essas pessoas são sectárias. (“Heresias destrutivas” refere-se a grupos que se separaram da igreja, não a diferenças doutrinárias, que é o significado que “heresia” adquiriu séculos depois). Esses mestres formaram grupos marcados por seu comportamento imoral. Eles negaram a autoridade de Cristo, mesmo que ele uma vez os tenha resgatado do pecado. Eles negaram Cristo ao rejeitar seu claro ensinamento contra a ganância e a imoralidade, e levaram outros em sua esteira, tornando toda a fé cristã desacreditada perante o mundo. Sua motivação era a ganância, e seu destino previsto era o julgamento, embora isso possa não ser aparente para aqueles que não estão familiarizados com as Escrituras.

Este julgamento é certo, como mostram os exemplos do AT do julgamento de pessoas imorais (junto com a salvação dos justos): por exemplo, dos anjos ([Gn 6.1-4](#)), do povo dos dias de Noé (v. [5-22](#)) e de Sodoma (caps. [18-19](#)). Em cada caso, Deus livrou os poucos indivíduos justos, mesmo que tenha julgado severamente a maioria maligna; isso encorajou os leitores a serem justos como Noé e Ló. Além disso, os leitores poderiam se identificar com Ló em sua própria angústia diante da imoralidade que ocorria em sua igreja ([2Pe 2.4-10](#); cf. [Jd 1.6-7](#)).

Como aqueles julgados no AT, esses falsos mestres eram tanto orgulhosos quanto ignorantes, amaldiçoando poderes espirituais que não entendiam realmente (provavelmente poderes demoníacos, pois Pedro estava seguindo Judas, que se baseou em uma tradição da Assunção de Moisés). Mesmo os anjos, que sabem muito mais do que esses mestres e são mais poderosos, não são tão desrespeitosos. Mesmo Satanás deve ser tratado com respeito, de acordo com as Escrituras. Os mestres não eram apenas orgulhosos, mas

também imorais e gananciosos, até mesmo na Mesa do Senhor (“regozijando-se em seus prazeres enquanto festejam com vocês”, [2Pe 2.13](#)). Eles afirmavam ensinar liberdade, mas estavam presos ao desejo, então suas palavras eram vazias. Seu ensino parecia impressionante, mas era todo som e vento. Porque eles retornaram ao mal após experimentar a liberdade do pecado em Cristo, ficaram em pior situação do que se nunca tivessem ouvido o evangelho. Eles eram como cães (cf. [Pv 26.11](#)) ou como porcos ([2.11-22](#); cf. [Jd 1.8-13](#)).

Aviso de julgamento vindouro ([3.1-16](#))

Tanto o AT quanto o próprio Jesus falam de um julgamento vindouro. Os falsos mestres podem zombar da ideia, mas a história de Noé mostra que Deus eventualmente julga. Deus julgou o mundo em Gênesis pela água (a mesma água da qual ele uma vez separou a terra em [Gn 1](#)); ele julgará novamente, mas desta vez pelo fogo ([2Pe 3.1-7](#)).

O julgamento ainda não veio, porque Deus é maravilhosamente paciente; o tempo não tem o mesmo significado para ele como para os humanos. A zombaria dos falsos mestres simplesmente revela sua ignorância de Deus. E eles também não conhecem os motivos de Deus para seu aparente atraso — ou seja, que Deus quer perdoar as pessoas, não condená-las. Ele não se agrada em enviar pessoas para o inferno, mas deseja que todos sejam salvos; nem todos, no entanto, aceitarão a oferta de Deus, e eventualmente seu julgamento virá e o universo será queimado. Tudo o que agora é visível é transitório ([3.8-10](#)).

Portanto, os cristãos devem viver vidas santas, preparando-se para o novo e permanente mundo que Deus lhes prometeu, em vez de se entregarem aos desejos deste mundo temporário e perecível como fazem os falsos mestres ([3.11-16](#); cf. [Jd 1.20-21](#)).

Fechamento ([3.17-18](#))

Para concluir, Pedro exorta os cristãos a estarem atentos contra os falsos ensinamentos. Em vez de copiar a vida dos falsos mestres, eles devem imitar a vida de Jesus. Uma doxologia a Cristo encerra a carta.

Veja também Pedro, O apóstolo.

Peitoral, Couraça

1. Uma parte das vestes cerimoniais do sumo sacerdote ([Ex 25.7](#)).
Veja Sacerdotes e levitas.
2. Uma peça de armadura usada para proteger o peito. A palavra é usada simbolicamente em várias passagens. [Isaías 59.17](#) diz que Deus vestiu a justiça como armadura. Ele fez isso para se vingar de seus inimigos. O apóstolo Paulo exortou os cristãos a usarem uma couraça de justiça para resistir ao diabo ([Ef 6.14](#)). Ele também os exortou a usarem uma couraça de fé e amor enquanto aguardam o retorno de Cristo ([1 Ts 5.8](#)).
Veja também Armadura e armas.

Peixe

Animais aquáticos com barbatanas e brânquias que habitam rios, lagos e mares.

A Bíblia frequentemente menciona peixes sem nomeá-los ou fornecer descrições. Os peixes têm sido um alimento essencial para os humanos desde os tempos antigos. Hoje, eles continuam sendo uma importante fonte de proteína em muitas regiões. Nos tempos bíblicos, o comércio de peixes era avançado. Notavelmente, um dos portões de Jerusalém foi chamado de Portão dos Peixes. ([Ne 3.3](#); [Sf 1.10](#)). A lei em [Lv 11.9-12](#) permitia que os israelitas comessem peixes, mas apenas aqueles com barbatanas e escamas. Peixes sem escamas, como o bagre, não eram permitidos, mesmo que tivessem barbatanas.

Pesca no mundo antigo

Pinturas egípcias mostram diferentes métodos de pesca. Os filisteus pescavam no Mar Mediterrâneo. No entanto, Israel não era uma nação marítima. Assim, eles provavelmente capturavam a maioria dos peixes de fontes de água doce, especialmente no Mar da Galileia. Este lago abriga 36 espécies de peixes, tais como:

- Poleiro
- Carpas
- Barbo
- Sardinhas
- Bagre

Nos tempos do Novo Testamento, pescar com uma rede era comum. Barcos iam para águas profundas, lançavam uma grande rede na água e a arrastavam em direção à costa ([Lc 5.4](#)). Remadores e, às vezes, uma tripulação em outro barco precisavam ajudar a remar de volta. A pesca era dividida na costa ([Mt 13.47-48](#)). A pesca geralmente era feita à noite. A água fria trazia os peixes mais perto da superfície, e eles não conseguiam ver as redes se aproximando.

Os judeus também pescavam com:

- Anzol e linha ([Mt 17.27](#))
- Lança ([Jó 41.7](#))
- Rede de arrasto ([Ez 47.10](#))

O livro de Habacuque refere-se à pesca com anzol e linha, com redes e com tarrafa ([Hq 1.15](#)). A tarrafa é um método de pesca que consiste em lançar uma rede na água e puxar de volta.

No início da igreja cristã, o peixe simbolizava Cristo e a fé. Ele foi gravado nas catacumbas romanas e agora decora paredes, altares, bancos e vestimentas. O símbolo surgiu porque a palavra grega para "peixe" (*ichthus*) representa a frase "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador".

Veja baleia.

Peixes, Portão dos

Portão provavelmente localizado na muralha norte da cidade de Jerusalém. O Portão dos Peixes foi construído na época de Davi e mais tarde fez parte das fortificações de Manassés ([2Cr 33.14](#)). Após o exílio babilônico, foi restaurado sob Neemias ([Ne 3.3](#); [12.39](#)); é mencionado junto com o Mishnê ou Segundo Quarteirão ([Sf 1.10](#)). O portão provavelmente recebeu esse nome porque peixes eram trazidos para a cidade do norte, ou porque estava localizado perto do mercado de peixes da cidade.

Veja também Jerusalém.

Pelegue

O filho de Éber e pai de Reú ([Gn 10.25; 11.16–19; 1 Cr 1.19,25; Lc 3.35](#)). Durante sua vida, a terra foi dividida (*Pelegue* significa “divisão” ou “curso de água”). Não está claro a que essa divisão se refere. Sugestões incluem:

1. A dispersão das línguas após a Torre de Babel ([Gn 11.1–9](#))
2. A disseminação dos descendentes de Noé
3. A separação do povo de Arfaxade dos árabes joctanitas ([Gn 10.24–29](#))
4. A divisão da terra por canais (o termo é usado desta forma em [Jó 29.6; 38.25; Is 30.25; 32.2](#))

A origem do nome é geralmente atribuída à cidade de Phalga, ao norte da junção dos rios Eufrates e Cabur.

Veja também Ancestralidade de Jesus Cristo.

Pelete

1. Um homem da tribo de Rúben que era o pai de Om ([Nm 16.1](#)).
2. Um homem da tribo de Judá que era filho de Jônatas. Ele pertencia ao grupo familiar dos jerameelitas ([1Cr 2.33](#)).

Peletitas

Os peletitas eram guarda-costas especiais que protegiam o rei Davi. Eles eram mercenários leais (soldados pagos que provavelmente eram de outro país). Eles permaneceram com Davi durante tempos políticos difíceis. Os peletitas são sempre mencionados junto com os queretitas na Bíblia. Os estudiosos acreditam que ambos os grupos vêm dos filisteus, com Creta como seu local de origem. Essa conexão faz sentido porque Caftor, que geralmente é entendido como Creta, era o lar original dos filisteus ([Am 9.7](#)).

Os peletitas acompanharam Davi quando ele teve que deixar Jerusalém porque seu filho Absalão

estava tentando tomar o reino ([2Sm 15.18](#)). Eles também lutaram por Davi durante a rebelião de Seba ([20.7](#)).

O líder deles era um homem chamado Benaia. Ele apoiou a reivindicação do rei Salomão para se tornar rei após Davi, em vez de apoiar o outro filho de Davi, Adonias. A presença dos peletitas na unção de Salomão como rei ajudou a garantir que Adonias não tivesse sucesso ([1Rs 1.38,44](#)).

Era comum durante essa época que os reis contratasse soldados da região do Egeu (a área ao redor da Grécia e Turquia) para servirem como guardas especiais.

Pelícano

Um pelícano é a maior ave aquática do mundo, sendo muito maior do que um cisne. O pelícano comum (*Pelecanus onocrotalus*) geralmente mede cerca de 127 centímetros de comprimento. Seu bico tem aproximadamente 40,6 centímetros de comprimento. A parte superior do bico é curvada na ponta, o que ajuda o pelícano a capturar peixes. A parte inferior do bico possui uma bolsa amarela sob a garganta, que pode conter até 11,4 litros de pequenos peixes e água.

Os pelicanos têm pés palmados com pele entre todos os quatro dedos. Eles são nadadores fortes e bons voadores. Devido aos seus corpos grandes, pescoços longos e cabeças pequenas, precisam correr ao longo da água e bater as pernas contra ela para decolar.

Os pelicanos frequentemente voam e formam seus ninhos em grupos. A fêmea põe de um a quatro ovos. Tanto o macho quanto a fêmea cuidam dos filhotes. A maioria das aves alimenta seus filhotes colocando comida em suas bocas. Os pelicanos fazem o contrário. Os filhotes empurram suas cabeças profundamente na garganta da mãe e retiram alimento parcialmente digerido de sua bolsa. Nos tempos antigos, as pessoas pensavam que os filhotes estavam bebendo o sangue da mãe. Isso levou o pelícano a se tornar um símbolo do sacrifício de Cristo e da caridade (amor e cuidado pelos outros).

O pelícano-rosado é branco, às vezes com um tom rosa pálido. Penas pretas crescem na extremidade de suas asas. As pernas, a bolsa e a pele ao redor dos olhos são amarelas, e o gancho na ponta do bico é vermelho. Esta ave pode atingir até 1,8 metros de comprimento e ter uma envergadura de 2,4 metros.

Durante a época de reprodução, suas pernas e rosto ficam laranja ou vermelhos brilhantes. Suas penas brancas tornam-se rosa devido ao óleo de uma glândula, que a ave espalha por suas penas enquanto as limpa.

Pelicanos na Bíblia

Alguns estudiosos não têm certeza se "pelicano" é a tradução correta de uma palavra hebraica em vários versículos da Bíblia. Eles acreditam que pode se referir a uma coruja, falcão ou abutre. Algumas traduções da Bíblia incluem o pelicano na lista de aves que a lei considera impuras ([Lv 11.18](#); [Dt 14.17](#)). Outros versículos também são debatidos por estudiosos. Alguns acreditam que o cenário desértico desses versículos torna improvável uma ave aquática como o pelicano (cp. [Sl 102.6](#); [Is 34.11](#); [Sf 2.14](#); a NTLH usa "coruja" nesses versículos).

No entanto, o pelicano-rosado vive em rios, lagos e pântanos na Terra Santa. Ele pode voar até 32,2 quilômetros até o mar para pegar peixes e depois retornar a um lugar tranquilo no interior para descansar e digerir sua comida. Isso pode explicar por que a Bíblia o descreve como uma ave solitária do deserto.

Veja também Aves.

Pena Capital

A prática de executar alguém como penalidade jurídica para certos crimes.

Veja Direito penal e punição.

Pendente

Um pendente é um pequeno objeto usado ao redor do pescoço para afastar o mal.

Veja Amuleto; Magia; Feitiçaria.

Peniel

Outra forma de Penuel. Esta foi a cidade palestina onde o patriarca Jacó lutou com o "homem" de Deus ([Gn 32.30](#)).

Veja Penuel (lugar).

Pentateuco

Uma palavra formada pelas raízes gregas *pente* (que significa "cinco") e *teuchos* (que significa "livro"). O termo é comumente usado para se referir aos primeiros cinco livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronomio. Eses cinco livros eram frequentemente agrupados como um único livro. Esta porção da palavra de Deus é a base sobre a qual o restante das Escrituras se apoia. É tradicionalmente atribuída a Moisés ([Ex 17.14](#); [24.4](#); [34.27](#); [Nm 33.1-2](#); [Dt 31.9.22](#)). O Pentateuco inclui muitas histórias importantes, incluindo:

- A criação do universo;
- Interações de Deus com os humanos no jardim do Éden;
- a formação de uma família próspera para Abraão (as histórias patriarcais);
- a formação da nação de Israel.

Grande parte do Pentateuco é composta por leis que orientam a vida religiosa e cotidiana da nação, na qual Deus é considerado o rei.

Veja também Deuteronomio, Livro de; Êxodo, Livro de; Gênesis, Livro de; Levítico, Livro de; Números, Livro de; Torá.

Pentecostes

Palavra derivada do grego pentekoste ("quinquagésimo"), que representava o festival celebrado no 50º dia após a Páscoa. No AT, este festival, chamado Shavu'oth (Semanas) no Judaísmo, é referido como a Festa das Semanas ([Ex 34.22](#); [Dt 16.10](#)) porque ocorre sete semanas após a Páscoa. Outros nomes incluem a Festa da Colheita ([Ex 23.16](#)), devido à sua relação com a época da colheita, e o dia das primícias ([Nm 28.26](#)), porque dois pães de grãos recém-moídos eram apresentados diante do Senhor. (Este último nome deve ser distinguido da oferta das primícias no início da época da colheita, conforme mencionado em [Lv 23.9-14](#).)

A Festa das Semanas era um dos três festivais de peregrinação do Antigo Testamento, quando os indivíduos deviam comparecer perante o Senhor com presentes e ofertas ([Ex 23.14-17](#)). O festival era principalmente uma festa da colheita, celebrando o fim da colheita da cevada e o início da

colheita do trigo. Tradicionalmente, a colheita de grãos se estendia desde a Páscoa, quando o primeiro grão era cortado ([Dt 16.9](#)) por volta de meados de abril, até o Pentecostes, que marcava sua conclusão em meados de junho. A afirmação de Josefo de que o Pentecostes era chamado de “fechamento” ilustra esse entendimento (*Antiguidades* 3.10.6).

A cada ano, o sacerdote agitava um feixe de grãos recém-colhidos diante do Senhor no dia após o sábado durante o festival dos pães asmos (o período de sete dias após a Páscoa). O povo então contava 50 dias a partir da oferta daquele primeiro feixe de grãos até o dia após o sétimo sábado para observar a Festa das Semanas ([Lv 23.11](#)). Nesse dia, dois pães, feitos de dois décimos de um Efá de farinha e assados com fermento, eram agitados diante do Senhor (v [17](#)) e ofertas voluntárias eram incentivadas ([Dt 16.10](#)). Este festival da colheita era um tempo de grande alegria e uma assembleia sagrada quando nenhum trabalho deveria ser realizado ([Lv 23.21](#); [Dt 16.11](#)). A observância da Festa das Semanas durante o tempo de Salomão ([2Cr 8.13](#)) é a única referência no AT fora do Pentateuco, pois Ezequiel não a menciona em seu calendário para festivais futuros ([Ez 45-46](#)).

O Pentecostes é mencionado pela primeira vez no NT como a ocasião do derramamento do Espírito Santo sobre os discípulos de Cristo, um evento que muitos teólogos entendem como a marca do início da igreja ([At 2.1](#)). Como este era um festival obrigatório, judeus se reuniam de grandes distâncias para observar o Pentecostes em Jerusalém, tornando-o um momento apropriado para a obra de Deus. Em duas ocasiões, Paulo leva em consideração o Festival de Pentecostes ao planejar suas viagens. Na primeira instância, ele escreve aos coríntios sobre adiar sua visita a eles até depois do Pentecostes ([1Co 16.8](#)), enquanto mais tarde ele desejava viajar para Jerusalém para chegar lá a tempo para o Pentecostes ([At 20.16](#)).

Veja também Festas e festivais de Israel.

Penuel (Lugar)

Um nome dado ao lugar perto do rio Jaboque onde o patriarca Jacó lutou a noite toda com Deus ([Gn 32.31](#)). Outro nome é “Peniel” (versículo [30](#)).

Gideão destruiu a torre de Penuel quando era líder durante o tempo dos juízes. Ele matou os homens da cidade por se recusarem a se juntar a ele na

guerra contra os midianitas ([Iz 8.8-9.17](#)). Mais tarde, o rei Jeroboão reconstruiu a cidade ([1Rs 12.25](#)). Ficava perto de Sucote, a leste do rio Jordão, embora sua localização exata permaneça incerta.

Peor (divindade)

Uma forma abreviada do nome do deus cananeu chamado Baal-Peor. Pode também referir-se ao lugar onde esse falso deus era adorado ([Nm 23.28; 25.3.5](#)).

Veja Baal-Peor; Deidades e religião cananeias.

Peor (Lugar)

1. Uma montanha a leste do Rio Jordão e ao norte do Mar Morto. Foi aqui que o rei Balaque levou Balaão em uma tentativa final de fazê-lo amaldiçoar os israelitas ([Nm 23.28](#)). Dessa montanha, eles podiam ver o acampamento israelita em Sítim ([24.2](#)). Nesse lugar, os israelitas começaram a ter relações sexuais com mulheres moabitas e adoraram o falso deus Baal ([25.1-13](#)). Não temos certeza da localização exata dessa montanha. No entanto, os primeiros estudiosos cristãos Eusébio e Jerônimo escreveram que ela estava localizada em frente a Jericó, no caminho para Hesbom. Por causa disso, a maioria das pessoas acredita que Peor estava perto do Monte Nebo, na cadeia de montanhas Abarim.

2. O nome de um lugar mencionado na Septuaginta (uma antiga tradução grega do Antigo Testamento) em [Josué 15.59](#). Este lugar não é mencionado nos manuscritos hebraicos da Bíblia. Hoje, estudiosos identificam Peor com a localização moderna chamada Khirbet Faghr, que fica a sudoeste de Belém.

Pepino

Um vegetal de jardim da família das cucurbitáceas. [Números 11.5](#) menciona-o como um dos alimentos desejados pelos israelitas errantes quando se lembaram dos alimentos que comiam no Egito.

O pepino é uma videira anual que cresce verticalmente ou se espalha. Ninguém sabe ao certo a origem exata dos pepinos. As pessoas cultivam pepinos em todos os países quentes da Europa, Ásia e África desde tempos pré-históricos.

Os pepinos geralmente são consumidos crus. Um pepino e um bolo de cevada ou algum outro tipo de pão costumam compor uma refeição simples. A referência a "uma cabana numa plantação de pepinos" ([Is 1.8](#)) refere-se à pequena casa ou abrigo rudimentar frequentemente montado em campos de pepinos e vinhedos palestinos. Esses abrigos protegiam os agricultores ou vigias que guardavam as colheitas.

Veja Alimentos e preparação de alimentos.

Perdão

Perdão, envolvendo restauração de relacionamentos quebrados; o cessar de sentir ressentimento pelos erros e ofensas. Primeiramente, o perdão é um ato de Deus, libertando os pecadores do julgamento e libertando-os da penalidade divina de seu pecado. Considerando que apenas Deus é santo, apenas ele pode perdoar pecados ([Mc 2.7](#); [Lc 5.21](#)). O perdão também é um ato humano estendido em direção ao próximo — uma manifestação da realização e apropriação do perdão de Deus. Assim, o perdão é uma doutrina exclusivamente cristã.

Em outras religiões, o perdão não tem a mesma força. No animismo, não há consciência de um relacionamento pessoal com Deus. No hinduísmo, todos têm que pagar as consequências inexoráveis do carma no ciclo de reencarnações. O budismo também não sabe nada sobre um Deus perdoador. A ideia está presente no Islã, mas não há um Deus ou pai pessoais. Mesmo no judaísmo, o perdão permanece uma experiência limitada, embora o conceito de perdão desenvolvido no NT complemente o ensino do AT.

Expressões de Perdão no Antigo Testamento

A ideia de perdão é expressa em várias metáforas. O comando é *nasa*, "enviar", como o bode

expiatório era enviado para o deserto para carregar os pecados dos israelitas. Também é traduzido como "ser misericordioso" ([Lv 4.20](#); [1Rs 8.30.34](#); [Sl 86.5](#); [103.3](#)). A palavra hebraica kapar é comumente usada para expiação, que significa "encobrir", pois o sacrifício foi oferecido para cobrir a deficiência do adorador ([Ex 29.36](#); [Dt 21.8](#); [Jr 18.23](#); [Ez 43.20](#); [45.20](#)). Os cognatos de salah sempre se referem ao ato de perdão de Deus ([Nm 30.5.8.12](#); [Sl 86.5](#); [130.4](#); [Dn 9.9](#)). Deus deixa para trás a transgressão; ele a remove. Outra expressão é *maha*, "limpar" ([Sl 51.1.7](#); [Is 43.25](#); [44.22](#)).

O AT ensina que Deus é um Deus perdoador ([Ex 34.6-7](#); [Ne 9.17](#); [Dn 9.9](#)), mas ele é justo e puni o pecado. Muitos incidentes também são apresentados onde Deus se recusa a perdoar quando as condições adequadas não são atendidas, ou quando certas ofensas graves são cometidas ([Dt 29.20](#); [2Rs 24.4](#); [Jr 5.7](#)). O perdão está enraizado no caráter de Deus, mas seu perdão nunca é indiscriminado, pois as pessoas também devem ser penitentes. O AT usa imagens vívidas para indicar a magnitude do perdão de Deus. O pecado é lançado "nas profundezas do mar" ([Mq 7.19](#)), removido tão longe "Quanto o Oriente está do Ocidente" ([Sl 103.12](#)), escondido pelas costas de Deus ([Is 38.17](#)), "não mais lembrado" ([Jr 31.34](#)). A mancha e a sujeira do pecado são branqueadas ([Is 1.18](#)). O pecado, que é como um peso a ser carregado, é para sempre erguido e remido.

A dinâmica do perdão no Antigo Testamento é, portanto, libertar alguém do passado. Os atos e ações passadas de pecado não são negados, mas não há mais nenhum vínculo. O perdão traz liberdade.

Perdão no Novo Testamento

No NT, o conceito de perdão imerecido de Deus é intensificado pelo fato de que Deus perdoou nossos pecados quando Cristo morreu por nós. Cada humano é um devedor insolvente ([Mt 18.23-35](#)) que não tem esperança de quitar sua dívida. Todos somos pecadores, não podemos cumprir a lei ou nos salvar ([Mc 10.26-27](#)). Isso destaca o ensino do NT de que é na pessoa do próprio Cristo que há perdão. Somente ele tem o poder para perdoar pecados ([2.5-10](#)). É sua morte que é redentiva ([Mt 26.28](#); [Mc 10.45](#)) e seu sangue que é a base de uma nova aliança ([1Co 11.25](#)). É por meio dele que alguém pode experimentar verdadeiramente o perdão ([Hb 9.15.22](#)). Então o perdão é inseparável da proclamação de Jesus Cristo ([At 13.38](#); [Ef 1.7](#); [Cl 1.14](#); [1Jo 2.12](#)).

Há outros conceitos distintos de perdão no NT. A palavra grega *charizomai*, que significa "perdoar pecados", é distintamente desenvolvida por Paulo em termos do perdão gracioso de Deus ([2Co 2.7; 12.13](#); [Ef 4.32](#); [Cl 2.13; 3.13](#)). O pecado é considerado como uma dívida, e *aphesis* denota a quitação de uma dívida ("colocando-a de lado" — veja [Lc 6.37](#)). O perdão também é tratado como remissão, *paresis* ("passar por cima"). Deus não realizou a retribuição completa exigida pelo pecado ([At 14.16; 17.30](#)); em vez disso, ele mostrou misericórdia.

No entanto, o NT fala de duas limitações ao perdão. Um é o pecado imperdoável ([Mt 12.31-32](#); [Mc 3.28-30](#); [Lc 12.10](#)). A este respeito, Cristo fala daqueles que, como os fariseus, estão tão deturpados em seus julgamentos morais que eles não podem distinguir entre os atos de Satanás e as boas ações de Cristo. Há também "o pecado contra o Espírito Santo" que é "pecado para a morte" ([1Jo 5.16](#)). Este pecado não é especificamente definido, mas sua essência parece ser a rejeição consistente da graça de Deus.

A ética do perdão no NT insiste não apenas na penitência como uma condição para o perdão ([2Co 7.10](#)), mas também na necessidade de perdoar os outros ([Mt 6.14-15](#)). Se no ato de receber perdão alguém não perdoar os outros, é um sinal claro de que o arrependimento não está completo. Várias vezes em suas parábolas, o Senhor insiste que a prontidão para perdoar os outros é um sinal de verdadeiro arrependimento ([Mt 18.23-35](#); [Lc 6.37](#)). Então Cristo ensinou que perdoar é um dever, e não há limites para isso. Deve ser concedido sem hesitar, até 70 vezes 7 ([Mt 18.21-22](#)). O perdão faz parte do relacionamento mútuo dos crentes: uma vez que todos são dependentes do perdão de Deus, todos são chamados a perdoar uns aos outros. "Assim como o Senhor perdoou vocês, perdoem uns aos outros." ([Cl 3.13](#)).

Veja também Confissão; Arrependimento.

Perdição

Um termo que significa destruição eterna ou ruína completa. No Novo Testamento, "perdição" descreve o estado final daqueles que rejeitam a salvação. A palavra aparece seis vezes na versão ARC da Bíblia. Em [Filipenses 1.28](#), "perdição" é o oposto de "salvação". [Hebreus 10.39](#) a contrasta com "conservação da alma". [2 Pedro 3.7](#) liga a perdição com "o Dia do Juízo". Enquanto [1 Timóteo](#)

[6.9](#) fala tanto do presente quanto do futuro. "O filho da perdição" é um rótulo que afirma o destino de Judas que traiu Cristo ([Jo 17.12](#)). É também um título do Anticristo ([2Ts 2.3](#)). Em [Apocalipse 17.8,11](#) perdição designa o destino final da besta. [Apocalipse 19.20](#) e [20.10](#) identificam este lugar como o "lago de fogo", um lugar de tormento eterno.

A palavra "perdição" aparece quatro vezes na versão ARC do Novo Testamento ([Jo 17.12](#); [2Ts 2.3](#); [Ap 17.8,11](#)). Na versão ARA ela aparece seis vezes no Antigo Testamento ([Jó 31.3](#); [Pv 1.27,32; 24.22](#); [Jr 48.16](#); [Os 4.14](#)). No Antigo Testamento, as linhas paralelas da Poesia Hebraica indicam que perdição significa morte.

Veja também Anticristo; Morte; Julgamento; Lago de Fogo.

Perdiz

Uma perdiz é a ave de caça mais comum na Terra Santa. Ela se assemelha a uma galinha, mas possui um corpo mais esguio e uma cauda mais longa.

Dois tipos de perdiz vivem na Terra Santa:

1. **Perdiz-do-deserto** (*Ammoperdix heyi*) — Encontrada perto do Mar Morto, no vale do Rio Jordão e no Deserto do Sinai. É de tamanho médio com pés amarelos. O macho possui penas de cor areia com barras marrons na parte superior da cauda e parte inferior castanha e branca. A fêmea tem coloração cinza-amarelada.
2. **Perdiz Chucar** (*Alectoris graeca*) — Parecida com a perdiz francesa da Europa. Mede cerca de 40,6 centímetros de comprimento e tem penas brilhantes e coloridas.

Perdizes na Bíblia

A perdiz era caçada para alimentação. As pessoas a capturavam perseguindo-a até que estivesse cansada demais para correr ([1Sm 26.20](#)). Ela também podia ser capturada com armadilhas ([Sl 91.3](#)) ou por caçadores escondidos em um abrigo. Embora possa correr rapidamente e saltar penhascos íngremes, ainda é fácil de capturar quando está cansada. Suas penas marrom-

esverdeadas ajudam-na a se esconder entre os arbustos.

A ave põe muitos ovos, o que a impede de se tornar extinta, apesar da caça intensa. Às vezes, a fêmea põe dois grupos de ovos: um para ela mesma e outro para o macho manter aquecido. Isso pode explicar o ditado em [Jeremias 17.11](#) sobre um pássaro juntando ovos que não chocou. Isso foi usado como uma imagem de alguém tomado crédito por um trabalho que não fez.

Veja também Aves.

Peregrinações no deserto

Depois que os israelitas deixaram o Egito, passaram cerca de 40 anos viajando pelas áreas desérticas da Península do Sinai e do Neguebe. Após esse tempo, avançaram para tomar posse da terra que Deus lhes havia prometido. Os livros de Éxodo, Levítico e Números descrevem os eventos mais importantes desse período.

A Bíblia diz que durante esses anos difíceis no deserto, as tribos se unificaram em uma nação. No Sinai, eles se tornaram um povo com um Deus e um objetivo nacional: conquistar Canaã.

[Números 33.38](#) e [Deuteronômio 1.3](#) dizem que Israel vagou no deserto por 40 anos. O número 40 às vezes é usado para significar "muito tempo" ou um número redondo grande, e não exatamente 40. Mas nessas histórias, muitas datas exatas são dadas. Isso implica que foram 40 anos literais. No entanto, é difícil saber quando esse período começou e terminou.

De acordo com [1 Reis 6.1](#), Salomão começou a construir o templo 480 anos após os israelitas saírem do Egito. A construção do templo começou por volta de 960 a.C. Isso significa que os israelitas saíram do Egito por volta de 1440 a.C. (um evento conhecido como o êxodo). A conquista de Canaã por Israel foi por volta de 1400 a.C. No entanto, estudiosos datam o Éxodo e a conquista entre 1290–1250 a.C. devido a certas descobertas de vestígios materiais da história antiga. Não há prova convincente para nenhum dos cronogramas.

Durante os 40 anos de peregrinações, há relatos detalhados do primeiro ano e meio passado no deserto, desde o Éxodo até o retorno dos espiões ([Ex 12-Nm 14](#)). Além disso, são fornecidos mais detalhes sobre o último ano da conquista de Transjordânia ([Nm 20-Dt 34](#)). Não se sabe muito

sobre os anos intermediários, quando as tribos acamparam perto de oásis como Cades-Barneia. As histórias descritas em [Números 15-17](#) provavelmente aconteceram durante esse período sobre o qual não sabemos muito.

Veja também Linha do tempo da Bíblia (Antigo Testamento); O Éxodo; História de Israel; Sinaí; Sinai; Deserto de Sim; Deserto de Zim.

Pereia*

Termo que não ocorre no NT, exceto no manuscrito do Códice Sinaítico do quarto século e no manuscrito do quinto século Códice Washingtoniano, onde aparece em [Lucas 6.17](#) e é tratado como uma leitura variante pela maioria dos editores do NT grego. Foi usado no primeiro século d.C. por Josefo para se referir à região "além do Jordão" (adotou a derivação da palavra Peraias do grego para "além"). A localização geográfica da área é, portanto, melhor entendida a partir da *Guerra dos Judeus* de Josefo (3.3.3): "Agora o comprimento da Pereia é de Maquero até Pela, e sua largura desde Filadélfia até o Jordão; suas partes ao norte são delimitadas por Pela, como já dissemos, bem como seu oeste com o Jordão; a terra de Moabe é sua fronteira sul, e seus limites orientais chegam à Arábia, e Silbonitis, e além de Filadélfia e Gergesa. Gadara é chamada de "a metrópole da Pereia" por Josefo porque era um "lugar de força" e porque "muitos dos cidadãos de Gadara eram homens ricos" (*Guerra* 4.7.3). Esta Gadara não deve ser confundida com a Gadara de Decápolis, a moderna Umm Qais, mas deve ser identificada com Tel Gadura, a cerca de 24,1 quilômetros a noroeste da moderna Amã, na Jordânia.

A Decápolis é separada da Pereia em [Mateus 4.25](#), onde está listada entre as várias seções da Palestina das quais as pessoas vieram para ouvir Jesus. Pereia é aqui chamada de região "além do Jordão", e é assim designada também em [Marcos 3.8](#). Em determinado momento, Mateus se referiu à Pereia como "a região da Judeia além do Jordão" ([Mt 19.1](#)). Isso é surpreendente porque, politicamente, a Pereia nunca fez parte da Judeia, pertencendo à jurisdição não de Arquelau, mas de Herodes Antípaso, que também controlava a Galileia. A passagem paralela em [Marcos 10.1](#) diz: "a região da Judeia e além do Jordão". Talvez Mateus estivesse usando a frase para se referir a essa parte da Pereia que, embora politicamente não faça parte da Judeia, era judaica em sua população. Em sua *História Natural* (77 d.C.) Plínio falou da

Pereia como um lugar “separado das *outras partes* da Judeia pelo rio Jordão” (5.70), e o “resto da Judeia ao lado do rio Jordão” (5.70), e o “resto da Judeia” como sendo dividido em 10 áreas do governo local, como se ele considerasse a Pereia como parte da Judeia. Contudo, isso pode ser uma atitude errônea, uma vez que o conhecimento de Plínio da área imediata é um pouco questionável — no mesmo contexto, ele erroneamente afirma que o Mar Morto tem “mais de 160 quilômetros de comprimento e largura igual em sua parte mais ampla” (*História Natural* 5.72), enquanto na realidade tem menos de 80,5 quilômetros de comprimento e apenas 17 quilômetros de largura.

A área era bem conhecida e muitas vezes mencionada no AT pela frase “além do Jordão” ([Nm 22.1](#); [Dt 1.15](#)), e era habitada em sua porção sul pelas duas tribos israelitas de Gade e Rúben ([Js 1.12-14](#)). Estendendo-se do riacho Querite, no norte, quase até o rio Arnom, no sul, Pereia era virtualmente sinônimo de Gileade no AT ([Js 22.9](#); [Jz 5.17](#)).

Parece ter sido um distrito importante nas décadas antes do nascimento de Cristo (período helenístico), quando os líderes judeus (macabeus) a controlavam após 124 a.C. Sob o governo romano, foi dada a Herodes, o Grande, até sua morte em 4 a.C., quando passou (de acordo com sua vontade) para as mãos de seu filho Herodes Antipas, junto à Galileia. Como a área era bonita e produtiva e tinha árvores conhecidas por seu bálsamo medicinal ([Ir 8.22](#); [46.11](#)), sempre foi bem povoadas e apoiava numerosas cidades bem conhecidas, como Pela, Jubes-Gileade, Sucote, Peniel e Gergesa (moderna Jerash). Herodes Antipas tinha até mesmo um forte chamado Maquero nas extremidades do sul da Pereia, onde ele aprisionou João Batista e o condenou à morte (veja *Antiguidades* de Josefo 18.5.2).

Era costume que os judeus viajassem da Galileia para a Judeia atravessassem o Jordão para a Pereia para evitar o contato com os samaritanos. Antes de sua morte, João Batista estava batizando em Betânia, além do Jordão, quando anunciou Jesus como o Cordeiro de Deus ([Jo 1.28-29](#)), e Jesus voltou uma vez para este lugar durante seu ministério quando ele estava sendo severamente perseguido ([10.40](#)).

Perez, perezita

Filho de Judá. Seu nome vem de uma palavra hebraica que significa “aquele que irrompe”. Refere-se a como ele inesperadamente saiu primeiro do ventre de Tamar antes de seu irmão gêmeo, Zerá ([Gn 38.29](#)). Ele foi pai de dois filhos, Hezrom e Hamul, e tornou-se o chefe ancestral da família perezita ([Gn 46.12](#); [Nm 26.20-21](#); [1Cr 2.4-5](#); [4.1](#)).

Através dos filhos de seu filho Hezrom, ele se tornou o ancestral de Davi e Jesus Cristo ([Rt 4.18-22](#); [Mt 1.3](#); [Lc 3.33](#)). Este clã era respeitado na tribo de Judá. Eles foram abençoados pelos homens de Belém ([Rt 4.12](#)). Um descendente chamado Jasobeão comandou os capitães de Davi no primeiro mês de cada ano ([1Cr 27.2-3](#)). Após o retorno do cativeiro na Babilônia, 468 perezitas foram escolhidos para viver em Jerusalém ([1Cr 9.4](#); [Ne 11.4-6](#)).

Perfume

Os perfumes na Bíblia incluíam uma ampla variedade de materiais feitos de minerais moídos, óleos vegetais e raízes. Eles eram usados desde os tempos antigos para melhorar a apresentação pessoal e criar fragrâncias agradáveis, tanto para fins seculares quanto religiosos.

Tipos de perfumes na Bíblia

A Bíblia menciona muitos tipos de perfumes, tais como:

- Aloés;
- Bálsmo;
- Unguento;
- Bdélio;
- Cássia;
- Canela;
- Incenso;
- Goma;
- Mirra;
- Nardo;
- Cana aromática;
- Espaciarias;
- Pomadas.

Venda de perfume

Muitos lugares comercializavam perfumes:

- A Arábia comercializava incenso e mirra.
- A Índia comercializava aloés e nardo.
- O Ceilão comercializava canela.
- A Pérsia comercializava a especiaria gálbano.
- A Somalilândia comercializava incenso.

Referências bíblicas a comerciantes de perfumes incluem:

- os mercadores árabes (ismaelitas) que levaram José ao Egito ([Gn 37.25](#));
- as caravanas da Rainha de Sabá ([1Rs 10.10](#));
- os comerciantes de Sabá e Ramá que trouxeram especiarias para Tiro ([Ez 27.22](#)).

Preparação e uso de perfumes

A Bíblia menciona aqueles que preparavam perfumes. Por exemplo, Bezalel fez o óleo sagrado de unção e o incenso sagrado para o tabernáculo ([Ex 37.29](#)). O óleo sagrado de unção era uma

mistura de mirra, canela, cálamo aromático e cássia em azeite de oliva ([Ex 30.22-25](#)). Após o exílio para Babilônia, alguns sacerdotes eram responsáveis por misturar perfumes para o incenso ([1Cr 9.30](#)). Um perfumista é até mencionado entre aqueles que construíram o muro de Neemias ([Ne 3.8](#)).

Armazenagem de perfumes

Escavações modernas encontraram vários recipientes e ferramentas cosméticas, embora a Bíblia diga pouco sobre esses itens ([Is 3.20](#); [Mt 26.7](#); [Mc 14.3](#); [Lc 7.37](#)). Referências a recipientes de alabastro são apoiadas por seu uso no Egito e pela arqueologia. Sítios antigos na Palestina revelaram muitas pequenas tigelas cosméticas decoradas, muitas vezes feitas de alabastro, pequenos frascos para perfumes e óleos, e paletas para misturar cosméticos. Alguns desses itens foram importados de terras como o Egito.

Como os perfumes eram utilizados

Perfumes tinham muitos usos, fossem pós ou óleos. Óleos perfumados eram utilizados para ungir o corpo e suavizar a pele ressecada pelo sol ([2Sm 12.20](#); [Rt 3.3](#)). O rei Acaz certa vez vestiu, alimentou e ungiu homens que retornavam do cativeiro ([2Cr 28.15](#)). Os ricos podiam se dar ao luxo dos “melhores óleos” ([Am 6.6](#)), embora tal luxo pudesse ser caro ([Pv 21.17](#)). Isso é confirmado por evidências do Egito e da Mesopotâmia, onde óleos e unguintos eram usados abundantemente nos palácios reais.

Unguentos e óleos que exalavam fragrâncias agradáveis eram comumente usados. Cantares frequentemente menciona tais unguintos ([Ct 1.3](#)), alguns dos quais são especificamente nomeados:

- Nardo ([1.12; 4.13-14](#))
- Mirra ([1.13; 3.6; 4.6; 5.1.5.13](#))
- Incenso ([3.6; 4.6](#))
- Espaciarias ([5.13; 6.2; 8.14](#))
- Hena ([1.14; 4.13](#))
- Pós perfumados ([3.6](#))
- Açafrão ([4.14](#))
- Cálamo
- Canela ([4.14](#))

Outras partes da Bíblia também fazem referência a perfumes e unguentos ([1Rs 10.2,10; 2Rs 20.13; Pv 27.9; Is 3.24](#)).

Perfumes eram aplicados em roupas e borrifados em sofás ([Sl 45.8; Ct 4.11; Pv 7.17](#)). Eles também desempenhavam um papel significativo em rituais funerários. Perfumes eram usados no embalsamamento, borrifados em esquifes ou queimados em funerais ([Gn 50.2-3,26; 2Cr 16.14](#)). Nicodemos trouxe mirra e aloés para envolver o corpo de Jesus ([Jo 19.39-40](#)). O funeral de Herodes, o Grande, incluiu 500 escravos carregando especiarias (*Antiguidades de Josefo* 17.8.3).

Perfumes na adoração

Além do uso pessoal, óleos, perfumes e incenso eram utilizados na adoração. O óleo sagrado de unção ungia o tabernáculo, seus móveis e os sacerdotes arônicos durante sua consagração ([Ex 30.22-25; Sl 133](#)). [Êxodo 30.34-35](#) fornece uma receita detalhada para o incenso sagrado, bem conhecido em Israel e no antigo Oriente.

Referências figurativas e perfumes

O Novo Testamento contém referências figurativas a perfumes. Cristo se entregou como uma oferta de perfume agradável a Deus ([Ef 5.2](#)). Os presentes dos Filipenses a Paulo são descritos como uma oferta fragrante ([Fp 4.18](#)). As orações dos santos são como taças de incenso ([Ap 5.8](#)).

Veja também Cosméticos; Óleo; Unguento; Perfumista.

Perfumista

Um perfumista era uma pessoa que preparava óleos, pós e misturas para três usos:

1. Medicina;
2. Perfumes;
3. Incenso utilizado em cerimônias religiosas.

Muitas plantas, quando esmagadas, forneciam óleos ou pós com um cheiro único.

Um perfumista também é conhecido como "boticário" ([Ex 30.2, 1Sm 8.13](#)).

Veja Perfume.

Pergaminho

Rolo de papiro, couro ou tipo de folha usado como documento de escrita. *Veja Escrita.*

Pergaminhos do Mar Morto

Veja Bíblia, Manuscritos da e Texto do (Antigo Testamento).

Perge

Perge foi uma importante cidade antiga localizada na Panfília (uma região que hoje é o sul da Turquia). Os gregos provavelmente construíram esta cidade bem no início de sua história. Ela se tornou a cidade religiosa mais importante da Panfília.

No século II a.C., soldados romanos derrotaram e removeram um grupo de soldados sírios que controlavam a cidade. Após isso, Perge conseguiu, em grande parte, se autogovernar sem o controle de outras nações.

A visita de Paulo a Perge em suas viagens missionárias

Em sua primeira viagem missionária, Paulo e seus colegas passaram pela cidade a caminho de Antioquia da Pisídia. O Livro de Atos não relata nenhuma atividade de pregação nessa ocasião. Observa apenas que João Marcos deixou seus companheiros em Perge e voltou para Jerusalém ([At 13.13-14](#)).

Lucas, o autor de Atos, provavelmente teria registrado se Paulo tivesse pregado durante esta visita. O motivo pelo qual ele não pregou não é mencionado. Um renomado templo de Ártemis, uma deusa da natureza anatoliana, existia perto de Perge. Mas, pelo que sabemos das ações de Paulo em outros lugares, isso não o teria impedido. De fato, era mais provável que apresentasse um desafio ao apóstolo. Paulo pode ter estado doente. Alguns comentaristas sugerem uma possível conexão com [Gálatas 4.13](#). Nesse caso, Barnabé provavelmente teria pregado no lugar de Paulo. A falta de pregação em Perge pode ter coincidido com um desacordo no grupo sobre o alcance e a aceitação dos gentios. Nesse caso, pode ser que João Marcos tenha deixado o grupo por causa de diferenças com Paulo.

No caminho de volta para casa, no entanto, Paulo e Barnabé pregaram o evangelho em Perge ("proclamaram a palavra em Perge"; [At 14.25-26](#)). Depois, partiram de lá e seguiram para Atália, onde embarcaram para Antioquia da Síria. Os resultados dessa pregação não são conhecidos, mas é evidente que o cristianismo não prosperou em Perge, como aconteceu em outras cidades da Ásia Menor.

Período intertestamentário

O tempo entre o fim do Antigo Testamento e o início do Novo Testamento inclui eventos importantes na história judaica que estão registrados nos livros de 1 e 2 Macabeus.

Veja Macabeus, 1 e 2.

Período macabeu

O período da história de Israel em que os macabeus lutaram pela liberdade de Israel e governaram o país durou de 167 a.C. até aproximadamente 40 a.C.

Quem foram os macabeus?

Um sacerdote chamado Matatias e seus filhos lideraram os macabeus. O filho mais famoso de Matatias era Judas, que as pessoas chamavam de "macabeu". O nome "macabeu" deriva desse título.

Os macabeus lutaram contra aqueles que desejavam alterar a vida e as práticas religiosas judaicas. Naquela época, muitos governantes queriam que o povo judeu adotasse os costumes gregos e adorasse os deuses gregos. Os macabeus

se opuseram firmemente a essas mudanças porque queriam:

- Proteger os modos de vida tradicionais judaicos;
- Manter suas práticas religiosas puras;
- Impedir que governantes estrangeiros controlem sua religião;
- Manter sua independência.

Quem governava o povo judeu antes dos macabeus?

Em 332 a.C., um governante grego chamado Alexandre, o Grande, conquistou a Judeia. Após sua morte, três grupos diferentes lutaram pelo controle dessa terra: os egípcios (liderados pela família de Ptolomeu), os sírios e, mais tarde, os romanos.

Domínio grego e conflito cultural

Os governantes egípcios eram, na verdade, gregos, assim como os reis sírios. Ambos os grupos estavam relacionados aos generais que serviram sob Alexandre, o Grande. Os governantes egípcios, embora governassem a partir do Egito em vez da Grécia, acreditavam firmemente que a cultura grega era superior. Eles desejavam disseminar o aprendizado e as ideias gregas. Para isso, construíram uma grande biblioteca na cidade de Alexandria, esperando torná-la um importante centro da cultura grega, como Atenas.

As pessoas que apoiavam a cultura grega (chamadas de helenistas) desejavam espalhar sua cultura para outras terras no leste do Mediterrâneo e no Oriente Médio. Eles tinham três objetivos principais:

1. Introduzir os modos de vida gregos nessas regiões;
2. Construir novas cidades que se assemelhassem e funcionassem como cidades gregas;
3. Encorajar os gregos a se casarem com pessoas da região.

Eles esperavam que essas ações levassem as pessoas locais a esquecerem suas próprias tradições e adotarem os costumes gregos. Queriam que as pessoas deixassem de seguir suas crenças religiosas locais e passassem a adorar os deuses gregos, que possuíam muitas histórias e símbolos interessantes.

Judá (a pátria judaica) era uma pequena nação enfrentando essa invasão grega. Parecia improvável que o povo judeu pudesse manter sua religião, cultura e liberdade. No entanto, eles tinham uma forte fé de que Deus os protegeria. Acreditavam que, se obedecessem às leis de Deus, sobreviveriam como povo. Mesmo que pudessem sofrer e ser forçados a deixar sua terra natal, confiavam que Deus preservaria pelo menos parte deles. Encontravam esperança na crença de que Deus em breve enviaria o Messias (seu salvador e líder prometido).

Síria assume o controle da Judeia

Antes de 200 a.C., nem o Egito nem a Síria pareciam capazes de obter controle a longo prazo sobre a Judeia. Eventualmente, um acordo foi alcançado, dando controle à Síria, e a Judeia apoiou isso. Em agradecimento por esse apoio, Antíoco, o Grande da Síria, cancelou os impostos dos judeus por três anos. Ele prometeu fornecer dinheiro às cidades destruídas nas batalhas anteriores. Sacerdotes, escribas e cantores do templo não precisavam pagar certos impostos. As taxas sobre a venda de materiais de construção foram removidas por um curto período para ajudar os judeus a reconstruir Jerusalém. Dinheiro foi disponibilizado para sacrifícios, e muitos prisioneiros judeus foram libertados.

Por volta de 175 a.C., a situação mudou. Antíoco IV Epifânio tornou-se rei da Síria ao matar tanto seu irmão quanto a pessoa que deveria ser o próximo rei. Antes disso, Antíoco IV viveu em Atenas e também foi mantido como refém em Roma por 14 anos.

Antíoco compreendia e respeitava o poder político de Roma. Para evitar uma tomada da Ásia Ocidental, ele decidiu expandir sua posição conquistando o Egito e trazendo toda a área sob controle sírio. Impressionado pela filosofia e tradições gregas, ele tentou usar a disseminação da cultura grega como uma ferramenta para unir os diversos povos sob seu controle. Ele era um homem perigoso e não pararia por nada para alcançar seus objetivos políticos.

O poder do sumo sacerdote na política e na religião

A pessoa mais poderosa em Jerusalém na época era o sumo sacerdote, que ocupava tanto um cargo político quanto religioso. Tradicionalmente, o sumo sacerdote era descendente de Arão. Durante este período de conflitos, era essencial que o sumo

sacerdote fosse um líder forte e inspirador. Ele precisava ser firme em sua própria fé, além de ser um exemplo e capaz de motivar outros a lutar contra a disseminação da cultura grega.

Aquele que controlava militarmente a área tinha a capacidade de escolher o sumo sacerdote. Quando o poder sírio era forte, o rei tentava nomear sua própria escolha como sumo sacerdote. Quando a Síria estava envolvida em conflitos políticos internos, em batalhas contra outras nações, ou estava sendo derrotada pelos seguidores de Judas Macabeu, o povo judeu tinha permissão temporária para escolher seu próprio sumo sacerdote. Durante esses períodos, eles desfrutavam de alguma independência política e alívio do pagamento de impostos.

É claro porque os judeus ficaram chateados quando Antíoco tentou inicialmente instalar seu próprio indicado, Menelau, como sumo sacerdote. Como ele não era descendente de Arão, não tinha direito à posição. O Antigo Testamento afirma que o sumo sacerdote deve ser um descendente de Arão. Menelau tornou-se sumo sacerdote pagando a Antíoco uma grande quantia de dinheiro, o que convenceu Antíoco, que precisava de recursos.

Enquanto o rei Antíoco estava ocupado lutando no Egito, o povo de Jerusalém agiu. Eles forçaram Menelau a deixar de ser sumo sacerdote e devolveram a posição à pessoa que havia sido sumo sacerdote antes dele. Em vingança, Antíoco ordenou que a cidade fosse destruída. Muitas das pessoas que viviam em Jerusalém foram mortas. O templo foi profanado e seu tesouro foi removido.

O rei Antíoco ataca as tradições judaicas

Depois disso, a cidade foi colocada sob a autoridade de um comandante militar sírio ([1Mc 1.20-29](#); [2Mc 5.14-22](#); *Antiguidades* de Josefo 12.5.3). Antíoco ainda queria controlar o Egito, então ele o atacou novamente. Mas quando os líderes romanos (o senado) ordenaram que ele se retirasse, ele rapidamente ordenou que seu exército recuasse. Ele tinha medo do grande poder de Roma. Para se proteger de Roma, ele elaborou um novo plano. Ele forçaria o povo judeu a aceitar os modos de vida gregos. Ele pensava que isso os tornaria leais a ele e criaria uma área de proteção entre seu reino e Roma.

Antíoco interrompeu a observância do sábado, festivais religiosos, sacrifícios e a circuncisão de crianças do sexo masculino. Estas são práticas judaicas ensinadas nos primeiros cinco livros da

Bíblia. Ele também mandou destruir cópias da Torá e construiu altares dedicados aos deuses gregos. Ele ordenou que os judeus comessem carne de porco, prática que a Bíblia proíbe para os judeus ([2Mc 6.18](#); veja [Lv 11.7](#)). O templo em Jerusalém tornou-se um santuário dedicado a Zeus, e um porco foi oferecido em sacrifício no altar ([1Mc 1.41-64](#); [2Mcs 6.1-11](#); veja [Dn 11.31,32](#)).

Os governantes sírios obrigaram cada aldeia judaica a construir um altar para adorar deuses estrangeiros. Eles colocaram oficiais sírios em cada aldeia para garantir que o povo obedecesse a essa nova regra.

A revolta dos macabeus

Matatias inicia a rebelião

Em 166 a.C., um idoso sacerdote judeu chamado Matatias enfrentou uma escolha difícil. Ele e seus cinco filhos foram ordenados a fazer uma oferenda religiosa que ia contra a lei judaica. Disseram-lhes para sacrificar carne que os judeus não estavam autorizados a comer e oferecerem-a a um deus estrangeiro. Matatias se recusou a fazer isso.

Em sua raiva, Matatias matou duas pessoas: um oficial sírio que estava forçando as pessoas a seguirem a nova lei e um judeu que havia abandonado suas crenças e feito a oferta proibida.

Antes disso acontecer, alguns judeus estavam se recusando a seguir essas novas regras, mas sua resistência não era organizada. Enquanto algumas pessoas aceitavam as leis sírias, muitas outras recusavam. Essas pessoas estavam dispostas a morrer em vez de irem contra suas crenças religiosas ([1Mc 1.60](#); [2.29-37](#); [2Mc 6.18-31](#)).

Matatias convocou todas as pessoas que eram leais às leis religiosas judaicas para se juntarem a ele ([1Mc 2.15-27](#)). Então, ele e seus filhos fugiram para as colinas para se esconder. Um grupo chamado hasidim juntou-se a Matatias. Eram pessoas muito rigorosas em seguir as leis religiosas judaicas. Junto com outros apoiadores, eles se esconderam nas colinas da Judeia. De lá, faziam ataques surpresa contra seus inimigos e venceram muitas batalhas.

Os combatentes judeus atacaram pequenas aldeias sob o controle de seus inimigos. Eles destruíram os altares usados para adorar deuses estrangeiros. Além disso, realizaram a circuncisão (uma importante cerimônia religiosa judaica) em meninos judeus que ainda não haviam recebido.

Judas Macabeu lidera a revolta dos macabeus

Em 166 a.C., Matatias faleceu. Seu filho Judas Macabeu assumiu a liderança e, sob seu comando, a luta se intensificou. Judas tornou-se um símbolo importante de como o povo judeu se levantou contra seus inimigos.

Judas era um líder forte que acreditava estar lutando pelo que era certo. Ele ajudou a unir seu povo e venceu muitas batalhas, mesmo que seu exército fosse muito menor do que o de seus inimigos. Seus planos de batalha inteligentes e suas muitas vitórias causaram sérios problemas para o Rei Antíoco. Os apoiadores de Judas o admiravam, e seus inimigos o temiam.

O sucesso de Judas deu-lhe o controle da maior parte do país. Ele imediatamente restaurou o templo. O altar que havia sido usado para sacrifícios a Zeus foi destruído. Sacerdotes obedientes rededicaram o templo, para que o culto diário pudesse ser retomado ([1Mc 4.36-59](#); [2Mc 10.1-8](#); *Antiguidades de Josefo* 12.7.6,7).

O povo judeu agora podia praticar sua fé abertamente novamente. Para celebrar essa vitória, eles criaram um novo festival chamado Festa da Dedicação ou das Luzes (atualmente conhecido como Hanukkah).

Após restaurar o templo e as práticas religiosas, Judas iniciou outro projeto importante: a reconstrução das muralhas de Jerusalém. Muralhas fortes ajudariam a proteger a cidade quando os sírios atacassem novamente.

Então Judas e seus irmãos decidiram expandir seus objetivos. Eles queriam libertar toda a Palestina, não apenas a Judeia. Eles começaram a atacar diferentes regiões:

- Os idumeus que viviam a leste do rio Jordão ([1Mc 5.1-8](#));
- A área da Filístia ([5.9-68](#); *Antiguidades de Josefo* 12.8.1-6).

Então, Judas trabalhou para conquistar a liberdade política para a Judeia. Ele se opôs a um novo sumo sacerdote que havia sido escolhido. Este sacerdote pertencia à linhagem correta de Arão, mas seguia os costumes gregos em vez das tradições judaicas ([1Mc 7.14](#); [2Mc 14.3-7](#); *Antiguidades de Josefo* 12.9.7).

Os hassidim discordaram de Judas e aceitaram o novo sumo sacerdote. No entanto, as promessas feitas a eles foram quebradas, e 60 de seus

membros foram mortos. Após isso, os hassidim restantes perceberam seu erro e voltaram a apoiar Judas ([1Mc 7.15-20](#); *Antiguidades de Josefo* 12.10.2).

Os sírios enviaram um exército para Jerusalém para proteger a posição do novo sumo sacerdote. No entanto, as forças de Judas derrotaram esse exército. Tanto os soldados sírios quanto o sacerdote escolhido por eles fugiram derrotados.

Durante esse período, Roma estava se tornando muito poderosa na região. Judas acreditava que poderia usar o poder de Roma para ajudá-lo em sua luta contínua contra a Síria. Ele fez um acordo com Roma para obter proteção.

Roma enviou uma mensagem de aviso ao rei sírio Demétrio, informando-o de que Judas estava agora sob proteção romana. No entanto, a mensagem chegou tarde demais. Um grande exército sírio já havia partido para atacar Judas e suas tropas.

Quando os soldados de Judas viram o tamanho do exército sírio, alguns deles fugiram. Na batalha que se seguiu, Judas foi morto.

Jônatas lidera os macabeus

Após a morte de Judas, seu irmão mais novo, Jônatas, tornou-se o novo líder dos combatentes macabeus. Durante esse período, os sírios e seus apoiadores (judeus que seguiam os costumes gregos) controlavam Jerusalém. Eles reconstruíram as muralhas da cidade e fortaleceram outras cidades para se protegerem de possíveis ataques das forças de Jônatas.

Nos anos seguintes, os sírios perderam algumas batalhas e enfraqueceram. Isso significava que eles não podiam oferecer tanto apoio aos seus seguidores judeus na Judeia. Os sírios não escolheram um novo sumo sacerdote durante esse período. Isso deixou Jônatas contente, pois ele não queria que mais ninguém tivesse poder sobre assuntos religiosos.

Quando os macabeus se tornaram poderosos novamente, eles puniram os judeus que haviam apoiado os costumes sírios ([1Mc 9.23-73](#); *Antiguidades de Josefo* 13.1.1-6). Nos cinco anos seguintes, houve paz.

Em 152 a.C., a Síria enfrentou problemas internos. Dois grupos diferentes de sírios estavam lutando entre si pelo poder. Ambos os grupos queriam que Jônatas os apoiasse e fizeram-lhe muitas promessas:

- Eles ofereceram torná-lo sumo sacerdote;
- Eles disseram que ele não precisaria pagar impostos;
- Eles ofereceram a ele mais terras para controlar.

No final, Jônatas tornou-se o sumo sacerdote. Ele foi o primeiro membro da família dos Macabeus a ocupar essa posição importante.

Anos antes, seu irmão Judas desejava ser sumo sacerdote como recompensa por suas vitórias. No entanto, a família de Judas não era da linhagem de Arão. Naquela época, o povo não aceitaria alguém como sumo sacerdote a menos que viesse da família de Arão.

Simão e a linhagem familiar dos hasmoneus

A liderança da Síria continuou mudando durante esse período. Alguns reis sírios morreram em batalha, enquanto outros foram assassinados por seus inimigos. Jônatas tentou manter-se no poder apoiando diferentes grupos sírios em momentos distintos.

Jônatas também enviou representantes a Roma para garantir que Roma continuasse a apoiá-lo. No entanto, os sírios acabaram capturando Jônatas e o mataram. Em 143 a.C., Simão, o último filho vivo de Matatias, tornou-se o novo líder do povo judeu.

Simão fez um tratado com o jovem rei sírio Demétrio II para que a Judeia se tornasse mais independente e ganhasse um território maior. Simão até recebeu o direito de cunhar sua própria moeda ([1Mc 15.6](#)). Isso foi um claro sinal de independência. Assim que Antíoco assumiu o poder em 139 a.C., o direito de cunhar moeda foi retirado.

Durante o período de paz que se seguiu, muitos judeus acreditavam que um momento importante em sua história estava prestes a chegar. Eles acreditavam que o Messias (o líder escolhido por Deus para salvar seu povo) apareceria em breve. Algumas pessoas pensavam que o Messias poderia vir da família de Simão. Eles acreditavam nisso, mesmo que alguns dos líderes macabeus, incluindo os irmãos de Simão, tivessem feito coisas que muitos consideravam erradas.

Simão continuou a servir como sumo sacerdote (o líder religioso mais importante). Ele garantiu que essa posição importante fosse transmitida a seus filhos e netos após ele.

Nem todos concordaram que Simão deveria ser o sumo sacerdote. Até mesmo alguns grupos que haviam apoiado os macabeus anteriormente agora discordavam dessa escolha:

- Os hassidim;
- Pessoas que se opunham aos costumes gregos;
- Judeus que acreditavam que somente a família de Arão deveria servir como sacerdotes.

Apesar dessas divergências, o povo judeu experimentou um período de paz e sucesso, que durou até cerca de 135 a.C., quando o genro de Simão o matou.

João Hircano se torna sumo sacerdote

Simão foi o primeiro da linha familiar dos hasmoneus. Ele foi sucedido por seu filho João Hircano. João foi um governante forte, mas enfrentou um período conturbado no início de seu reinado. Antíoco VII, que havia governado a Síria alguns anos antes, atacou Jerusalém. A cidade resistiu por um ano antes de finalmente sucumbir. A Síria voltou a governar a Judeia, que só recuperou sua liberdade após a morte de Antíoco por volta de 128 a.C.

Durante esse período, João Hircano fez inimigos entre os fariseus (anteriormente chamados de hasidim). Isso foi surpreendente porque ele já havia sido aluno deles. Os fariseus provavelmente ficaram irritados porque João Hircano queria se tornar rei. Eles acreditavam que apenas alguém da linhagem da família do rei Davi tinha o direito de ser rei. Os fariseus mantinham essa crença mesmo que não houvesse ninguém da família de Davi pronto para assumir o trono naquela época.

Como sumo sacerdote, João Hircano trabalhou de perto com um grupo chamado saduceus. Os saduceus eram tanto um grupo religioso quanto político. A maioria de seus apoiadores era composta por pessoas ricas e poderosas. Mais tarde, na época de Jesus, os filhos desses apoiadores se tornaram líderes no conselho judaico chamado Sinédrio.

Os fariseus seguiam as leis religiosas judaicas (chamadas de Torá) de forma muito rigorosa. Isso tornava difícil para qualquer líder governar, pois os fariseus tinham muitas regras rígidas que desejavam que todos seguissem.

Durante as lutas anteriores na Judeia, os hasidim, ou "os piedosos", às vezes apoiaram os macabeus. Em outras ocasiões, aceitaram o controle sírio, desde que pudessem praticar sua religião livremente.

As coisas mudaram quando João Hircano se tornou líder. Sob seu governo, os hasidim começaram a ajudar a tomar decisões importantes para sua nação. Eles gostaram de ter esse novo poder e não queriam abrir mão dele. Podemos entender por que ficaram muito chateados quando seus inimigos, os Saduceus, ganharam o controle político em vez deles.

Os fariseus ficaram cada vez mais insatisfeitos com seus líderes. Durante esse período, um importante mestre religioso surgiu na Judeia. Nós o conhecemos a partir de escritos antigos encontrados em Qumran como o "mestre da justiça". Este mestre tinha duas mensagens principais:

1. As pessoas deviam seguir a lei de Deus com muita atenção;
2. O tempo atual era o período final da história, e todos deveriam se preparar, pois o líder escolhido por Deus (o Messias) viria muito em breve.

Alexandre Janeu reina com violência

Mais tarde, quando Alexandre Janeu se tornou governante, ele tratou as pessoas com severidade se seguissem estritamente as leis religiosas. Devido a essa perseguição, o mestre da justiça e seus seguidores deixaram Jerusalém. Eles foram viver em Qumran, que ficava no deserto da Judeia.

Essas pessoas acreditavam que Alexandre Janeus era um governante maligno. Elas pensavam que Deus havia abandonado o grupo principal do povo judeu e agora estaria presente apenas com seu pequeno grupo de seguidores fiéis em Qumran.

O grupo de Qumran se separou completamente dos líderes judeus em Jerusalém de duas maneiras importantes:

1. Eles cessaram de oferecer sacrifícios no templo em Jerusalém;
2. Eles usavam um calendário diferente e mais antigo, semelhante ao utilizado em Samaria.

Como usavam um calendário diferente, celebravam importantes festivais religiosos em dias distintos dos outros judeus. À medida que mais pessoas se juntavam a esse grupo, isso enfraquecia o poder tanto do templo em Jerusalém quanto dos outros fariseus.

Após a morte de João Hircano, seu filho mais novo, Aristóbulo, tornou-se sumo sacerdote e rei. Aristóbulo reinou por apenas um ano. Então, em 103 a.C., o filho mais velho, Alexandre Janeu, tornou-se rei.

Nessa época, o povo judeu estava muito esperançoso em relação ao seu futuro. Os sírios estavam ocupados demais lidando com seus próprios problemas para atacar os judeus. Alexandre Janeu começou a vencer batalhas e conquistar novos territórios.

Alexandre Janeu parecia mais feliz quando estava lutando em guerras e causando dor e morte aos outros. Pelo que sabemos sobre o tipo de pessoa que ele era, podemos entender por que seu irmão mais novo foi escolhido para ser rei antes dele.

Alexandre Janeu foi muito bem-sucedido em expandir as fronteiras da nação judaica desde a costa mediterrânea até as fronteiras do Egito. No entanto, seu sucesso teve um grande custo. Ele frequentemente perdia quase tantas tropas quanto seu inimigo. A maior parte de seu exército era composta por guerreiros contratados, e o povo judeu era fortemente taxado para pagá-los.

Durante seis anos, Alexandre Janeu travou uma guerra violenta contra seu próprio povo. Eles o temiam e não gostavam dele. Ele demonstrava pouco interesse genuíno pela religião, e muitas pessoas estavam irritadas com o fato de alguém que amava tanto a violência estar servindo como sumo sacerdote.

Outro problema foi seu casamento. Após a morte de seu irmão, Alexandre casou-se com a viúva de seu irmão, Alexandra (também chamada de Salomé). A lei judaica permitia que um homem se casasse com a esposa falecida de seu irmão em alguns casos ([Dt 25.5-10](#)). Mas isso não era permitido para os sumos sacerdotes ([Lv 21.13,14](#); compare [Ez 44.22](#)).

A raiva do povo em relação a Alexandre tornou-se muito clara em 90 a.C. Durante um importante festival religioso chamado Festa dos Tabernáculos, ele estava tentando desempenhar suas funções como sumo sacerdote. As pessoas que vieram para o festival jogaram limões nele. Alexandre respondeu com violência: ele ordenou que seus

guardas atacassem a multidão, e eles mataram 6.000 pessoas (*Antiguidades de Josefo* 13.13.5).

Como o rei era apoiado pelos saduceus, o povo começou a apoiar os fariseus. À medida que mais pessoas se opunham a Alexandre Janeu, os fariseus pediram ajuda a Demétrio III, um rei sírio. Isso levou a combates terríveis. Cerca de 50.000 judeus morreram nessas batalhas.

Alexandre Janeu perdeu uma batalha em Siquém. No entanto, Demétrio e seu exército então deixaram a área. Isso significava que os fariseus ficaram sozinhos para enfrentar a punição de seu rei furioso. Alexandre Janeu matou muitos deles, e cerca de 8.000 fariseus tiveram que deixar sua terra natal para escapar dele (*Antiguidades de Josefo* 14.14.2).

Os fariseus acreditavam que Alexandre Janeu havia tornado o reino judaico menos religioso e mais focado na política. Eles não gostavam que ele tivesse crescido na Galileia, onde aprendeu os costumes e modos gregos.

Os fariseus também estavam preocupados com duas questões:

1. Seus esforços para conquistar novos territórios;
2. Suas tentativas de obrigar outras pessoas a seguir a religião judaica.

Rainha Alexandra e seus dois filhos

Quando Alexandre Janeu estava morrendo, ele entregou o trono à sua esposa, Alexandra Salomé. Ele disse a ela para fazer as pazes com os fariseus, compartilhando o poder com eles. Alexandra pode ter sido filha de um importante líder fariseu. Ela seguiu o conselho do marido e deu aos fariseus quase total controle sobre o reino (*Antiguidades de Josefo* 13.16.2).

Os fariseus estavam felizes por finalmente terem poder e removeram muitas das antigas regras que os saduceus haviam criado. A rainha tinha dois filhos, o que complicava a situação. O filho mais velho, Hircano, apoiava os fariseus. Ele era o sumo sacerdote e deveria se tornar o próximo rei. No entanto, ele era quieto e não mostrava interesse em governar. O filho mais novo, Aristóbulo, apoiava os saduceus. Ele era mais parecido com seu pai Alexandre Janeu em personalidade, então sua mãe o colocou no comando do exército.

Os saduceus disseram à rainha Alexandra que o país estava em perigo. Por isso, ela permitiu que

eles assumissem o controle de vários edifícios fortificados em todo o país. A rainha Alexandra governou por nove anos. Durante esse tempo, os Fariseus administraram bem as leis religiosas. Mas quando ela morreu em 67 a.C., seus dois filhos começaram a lutar entre si pelo poder.

Quando Aristóbulo reuniu um exército e atacou seu irmão, muitas das tropas abandonaram Hircano. Ele cedeu suas posições de rei e sumo sacerdote a Aristóbulo. Em vez de poder se retirar tranquilamente para sua propriedade rural como esperava, os fariseus ainda consideravam Hircano como seu líder.

Um homem chamado Antípatro de Idumeia fez planos para ajudar Hircano a se tornar rei novamente, mesmo que Hircano não quisesse governar. Antípatro era o pai de Herodes, o Grande, que mais tarde se tornaria rei. O verdadeiro objetivo de Antípatro era controlar o reino ele mesmo, enquanto fazia parecer que Hircano estava no comando.

Antípatro e Hircano receberam ajuda de outros governantes e derrotaram Aristóbulo. Eles então cercaram Jerusalém, onde Aristóbulo estava escondido. Durante esse tempo, muitos judeus religiosos estavam cansados de toda a luta e ódio. Eles decidiram deixar sua terra natal e começar uma nova vida no Egito.

Roma assume o controle

Pompeu capture Jerusalém

A luta por Jerusalém chamou a atenção do exército romano nas proximidades. Ambos os lados tentaram convencer os romanos a ajudá-los, oferecendo grandes quantias de dinheiro. No início, o comandante romano escolheu ajudar Aristóbulo. Mas dois anos depois, em 63 a.C., um poderoso líder romano chamado Pompeu decidiu se envolver pessoalmente.

Os romanos começaram a desconfiar de Aristóbulo, mas ele ainda tentou lutar contra o exército que se aproximava. As pessoas que apoiavam Hircano ajudaram os romanos, abrindo os portões da cidade para eles.

Os apoiadores de Aristóbulo defenderam o templo por três meses. Eles até lutaram no sábado, o dia sagrado de descanso dos judeus. Finalmente, os romanos capturaram o templo. Pompeu entrou na sala mais sagrada do templo, chamada de Santo dos Santos, carregando sua espada. Isso foi chocante para o povo judeu porque essa sala era tão sagrada

que apenas o sumo sacerdote tinha permissão para entrar nela. No entanto, Pompeu não levou nenhum dos tesouros do templo.

Pompeu permitiu que Aristóbulo vivesse, mas ordenou a execução de muitos dos principais apoiadores de Aristóbulo. Após isso, a Judeia perdeu o controle sobre muitas áreas próximas que governava anteriormente. O povo judeu agora tinha que pagar tributos a Roma e seguir as ordens romanas.

Novas regras sob o domínio romano

O povo judeu agora tinha que pagar grandes impostos a Roma. No entanto, esses impostos pareciam menores do que os que haviam pago antes. Nos cem anos anteriores, eles precisaram pagar por lutas e guerras constantes. A Judeia então experimentou um período de relativa tranquilidade.

Os romanos não consideravam a Judeia muito importante porque:

1. As principais rotas comerciais agora passavam por Roma;
2. Os comerciantes não podiam mais usar os caminhos para os países do leste devido a conflitos entre diferentes nações;
3. Menos comerciantes estavam utilizando a rota comercial entre o Egito e os países do norte.

Isso significava que a Judeia, que antes lucrava com os comerciantes que passavam por suas terras, tornou-se menos relevante para o comércio.

Em 57 a.C., Aristóbulo iniciou uma pequena rebelião contra Roma. O único resultado foi que seu irmão Hircano perdeu ainda mais do poder que lhe restava. Nos anos seguintes, Aristóbulo e seus apoiadores tentaram lutar contra o domínio romano várias vezes, mas nunca tiveram sucesso.

Antípatro assume o poder

Antípatro continuou a apoiar Hircano e Roma. Em 49 a.C., começou uma guerra civil em Roma. Inicialmente, Antípatro apoiou o líder romano Pompeu. Depois, ele transferiu seu apoio para outro líder romano chamado César, alegando representar Hircano. Quando César venceu a guerra, ele recompensou o povo judeu reduzindo os impostos que eles tinham que pagar a Roma.

Roma permitiu oficialmente que o povo judeu praticasse sua religião livremente. Em questões judaicas, eles podiam ser julgados em seus próprios tribunais. Eles também estavam isentos do serviço militar romano. Roma ampliou o território da Judeia e permitiu que os judeus arrecadassem seus próprios impostos. Antípatro foi pessoalmente recompensado pelos romanos. À medida que sua autoridade aumentava, o ódio e a desconfiança dos saduceus por ele também cresciam. Antípatro nomeou seu filho Herodes como governador da Galileia.

Herodes se torna rei

Herodes decidiu atacar um grupo de combatentes perto da fronteira com a Síria. Esses combatentes eram liderados por um homem chamado Ezequias. Algumas pessoas os chamavam de criminosos, enquanto outras os viam como heróis lutando pela liberdade judaica. Muitos moradores locais apoavam esse grupo.

As forças de Herodes capturaram muitos dos combatentes, incluindo Ezequias, e mataram todos eles. Isso gerou um problema porque a lei judaica determinava que ninguém poderia ser condenado à morte sem a permissão do Sinédrio (o mais alto tribunal e conselho judaico). Como Herodes havia violado essa lei, os líderes do Sinédrio ordenaram que ele viesse explicar suas ações.

Esses foram tempos conturbados com muitas lutas. Durante esse período, Antígonos mandou matar Hircano. Herodes então viajou para Roma, onde o senado romano o nomeou rei do povo judeu. Antígonos foi o último governante da linhagem dos hasmoneus. Os romanos o capturaram e o mataram na cidade de Antioquia.

Isso preparou o caminho para a chegada de um novo e poderoso líder para o povo judeu — o tão aguardado Messias.

Perseguição

Imposição de sofrimento, lesão ou morte aos outros por causa de sua identificação, ou crenças. A Bíblia começa com um relato da perseguição dos justos pelos injustos ([Gn 4.3-7](#), “consideração por Abel”; [Mt 23.35](#); [Hb 11.4](#)). A Sabedoria de Salomão ([Sabedoria 2.12-20](#)) dramaticamente ilustra a inveja e culpa que levam a tal perseguição. A experiência de Ló, da mesma forma, ilustra o sofrimento envolvido em se negar a se conformar

com o comportamento popular ([Gn 19.9](#); [2Pe 2.7-8](#)). Os maus-tratos de Israel no Egito, como sua opressão posterior pelos filisteus, midianitas e outros, tinham motivos econômicos e políticos. Para aqueles que se negam a aceitar a política real do sincretismo, tolerância oficial da injustiça e imoralidades pagãs, a perseguição se torna frequente — do período de Elias em diante ([1Rs 19.10](#)). Profetas posteriores, como porta-vozes da verdade intransigente e as alegações da lei divina diante dos males sociais, sofreram severamente nas mãos das classes governantes, de modo que a perseguição se tornou, aos olhos judaicos, a marca registrada do verdadeiro profeta ([2Cr 36.15-16](#); [Mt 5.12](#); [23.29-37](#); [At 7.52](#); [Hb 11.32-38](#)).

As histórias de Daniel ilustram perseguição durante o exílio. No retorno sob governo estrangeiro, judeus estritos tentaram preservar a identidade e religião da nação em meio a pressões estrangeiras e os compromissos de judeus relaxados ansiosos por acomodação e prosperidade ([1Mc 1.11-15](#); [2.42-48](#)). O resultado foi a opressão social e assédio que fizeram os repetidos pedidos de vindicação e intervenção divina, em salmos como [10](#), [69](#), [140](#) e [149](#), dolorosamente relevantes na adoração pós-exílica. Esta perseguição atingiu um clímax horrível de crueldade durante a era dos Macabeus, provocando resistência armada em resposta ([2Mc 6-7](#); [Hb 11.35-38](#)).

Assim, apesar de sua confiança na soberania e “proteção” de Deus, Israel aprendeu que o direito nem sempre prospera neste mundo, que a fidelidade à verdade não garante imunidade do sofrimento, sacrifício ou martírio.

Esta aceitação do alto preço da justiça foi herdada pelo cristianismo. Jesus repetidamente advertiu sobre a perseguição, até mesmo dentro das casas, e exortou a preparação “armada” para isso, prometendo a assistência do Espírito nos exames judiciais ([Mt 5.11-12](#); [10.16-23.34-36](#); [23.34](#); [Lc 6.26](#); [22.35-36](#)). Jesus ficou profundamente irritado com o assassinato de João Batista por Herodes ([Lc 23.9](#)), e ele previu seu próprio destino. Porque ele criticou o legalismo e nacionalismo dos fariseus, e os compromissos dos saduceus para proteger seus próprios privilégios ([Jo 11.47-50](#)), e porque ele desapontou as esperanças militaristas estabelecidas sobre o Messias pelas pessoas comuns, Jesus sabia que ele seria rejeitado. Seu chamado para o discipulado veio a incluir advertências de perigo, insulto, calúnia, acusação, açoitamento, julgamento diante dos tribunais, ódio

e morte. Ele convidou francamente os seguidores para se preparar para sua crucificação, como o único caminho para a vida e o reino ([Mt 16.21-26; 20.17-22](#); [Mc 10.29-30](#); [Jo 15.18-25](#); [16.1-4](#)). Jesus foi morto sob as denúncias de subverter a nação, proibindo o pagamento de impostos aos romanos e alegando ser rei ([Lc 23.2](#)).

A primeira perseguição da igreja pelas autoridades judaicas foi provocada principalmente pelas denúncias de Pedro sobre o assassinato do Messias. À medida que a influência apostólica aumentava, a ação oficial veio a incluir prisão e espancamento ([At 5.17,40](#)). A poderosa defesa do helenista Estêvão provocou uma multidão judaica a apedrejá-lo ([Atos 6-7](#)) — o sinal para “uma grande perseguição”, dispersando a maioria dos cristãos de Jerusalém. A conversão do maior perseguidor Saulo de Tarso marcou uma vitória retumbante sobre a oposição, e a morte súbita de Herodes logo após atacar a igreja “para agradar os judeus” foi outra ([At 12.1-3,20-24](#)).

À medida que o cristianismo se mudou para o mundo gentio, uma nova causa de perseguição judaica surgiu quando os distúrbios começaram a ocorrer nas sinagogas ([At 13.44-45,50](#); [14.1-6,19](#); [17.1,5,13](#); [18.4-6,12](#)). Além disso, a cura da escrava em Filipos levou à prisão dos discípulos ([16.19-24](#)); em Éfeso, o efeito da pregação cristã no comércio de fabricantes de ídolos ocasionou uma ameaça perigosa, que as autoridades evitaram ([19.23-41](#)). Paulo evitou a trama de mais de 40 homens que prometeram emboscá-lo e matá-lo ([21.4-36](#); [23.12-15](#)). E o livro de Atos termina com Paulo aguardando o julgamento diante de César ([28.30-31](#)).

Ao longo deste período, a perseguição aos cristãos era esporádica, local e principalmente judaica, provocada pela inveja do sucesso missionário da igreja. Oficialmente, o cristianismo, como uma seita judaica ([At 24.5,14](#)), compartilhou o reconhecimento legal do estado ganho pelos judeus. Assim, Paulo recebeu proteção romana em Pafos, Filipe, Corinto, Éfeso e Jerusalém dos governadores Félix e Festo e seu conselheiro Herodes Agripa, bem como do centurião que o transportou a Roma. Isso explica o apelo confiante de Paulo a César; uma absolvição imperial garantiria a liberdade do cristianismo de serem perseguidos em todo o império.

A atitude de Paulo à perseguição incluiu lembrança lamentável de seus próprios dias de perseguição ([At 22.4](#); [26.9-11](#); [Gl 1.22-24](#)), aceitação deliberada de riscos na obediência a Cristo ([At](#)

[20.22-24](#); [21.13](#)), advertência contínua de que a tribulação é inseparável do discipulado ([At 14.22](#); [Rm 5.3](#); [12.12](#); [1Ts 3.4](#)), e certeza de que em todas as formas de tribulação os cristãos são mais do que vencedores ([Rm 8.35-37](#)).

Quase certamente, Paulo foi decapitado durante a feroz perseguição em Roma após o fogo pelo qual os cristãos foram responsabilizados. Os cristãos foram muitas vezes acusados de “ateísmo” (rejeitando o politeísmo), de apelar apenas para classes de escravos, de festas de amor “escandalosas” e de comportamento insociável e austero (cf. [Jo 15.19](#)), tornando-os um alvo popular de censura.

Por volta deste tempo, Pedro advertiu os cristãos no Oriente do perigo que confronta a igreja. Por um tempo, “várias provações” apenas provam a genuinidade da fé ([1Pe 1.6](#)). A calúnia deve ser respondida por um viver irrepreensível. A honra deve ser paga às autoridades. O sofrimento pela justiça deve ser aceito sem medo. Que os cristãos preparem defesas respeitosas, com as consciências livres de culpa. Se eles sofrem por fazer o certo, lembre-se de que Cristo também sofreu — por eles. Assim, eles devem “se armar” para o sofrimento ([4.1](#)), e não se surpreenderem com a perseguição como “algo estranho” (v. [12](#)). Eles estão compartilhando os sofrimentos de Cristo. Sua palavra final é “Permaneçam firmes!”

Acredita-se que Marcos, também, tenha escrito neste momento para o benefício da sofredora igreja romana. Seu Evangelho habita no conflito de Cristo, suas causas e formas, e retrata vividamente a própria morte heroica de Cristo. Como Pedro, Marcos encontra a perseguição apontando para o Senhor que sofre.

Um pouco mais tarde, o cristianismo foi exposto como uma “religião ilegal”, não mais uma seita protegida do judaísmo, pela introdução nos serviços da sinagoga de uma oração contra os “nazarenos”, que os cristãos não poderiam oferecer. Depois disso, a igreja estava sujeita à proibição oficial. Roma prontamente incorporou antigas religiões nacionais em rituais de estado por uma questão de unidade imperial, mas ela resistiu a novos movimentos não conformistas, especialmente aqueles com reuniões secretas (isto é, a Eucaristia), como politicamente perigosos (cf. [At 17.6-7](#)).

No final do século, confrontado com uma igreja crescente e agitação política, o estado exigiu a “adoração” pública do “gênio de Roma” ao lado de

quaisquer outros ritos religiosos. No reinado de Domiciano (81–96 d.C.), isso se tornou adoração do imperador vivo, com templos elaborados e um sacerdócio oficial. Quando os cristãos se negaram, reconhecendo apenas Jesus como Senhor divino, começou a perseguição oficial e cada vez mais bárbara. É provável que Apocalipse reflete esta situação ([Ap 1.9; 2.13; 6.9; 13; 19.2](#)). Então a Bíblia termina como começou, com o tema da perseguição do povo de Deus.

Veja também Sofrimento; Tribulação.

Perseverança

Ação ou condição de firmeza. O Israel do AT esperou durante gerações pelo cumprimento de promessas que muitos crentes não chegaram a viver para ver ([Hb 11.1,13,21–22,39](#)). A promessa a Abraão sustentou a esperança por séculos antes de Canaã ser tomada. A lição da jornada no deserto, quando o declínio do zelo inicial impediu que as pessoas entrassem na Terra Prometida, nunca foi esquecida ([3.16–19](#)). Os profetas olhavam constantemente para além do fracasso e da tragédia para horizontes distantes, e eles alimentavam uma fé paciente ([Jr 32.1–15; Os 3.4–5; Il 2.28–29; Hc 2.1–3; Dn 12.11–13](#)).

O NT em todo momento incita uma perseverança similar. Entre várias expressões gregas, a palavra comum, *proskartereo*, tem a raiz que significa “estar presente continuamente, aderir firmemente” ([Mc 3.9; Atos 8.13; 10.7; Rm 13.6](#)), e é traduzida de várias maneiras como “devoto”, “contínuo”, “constante”, “[ser] firme”.

Esta paciência persistente é invocada pela oração ([Lc 18.1–8; Cl 4.2](#)); no bom modo de agir ([Rm 2.7; Gl 6.9](#)); no ensino cristão ([Atos 2.42; 2Tm 3.14](#)); na aflição ([2Ts 1.4](#)); na graça ([Atos 13.43; 2Co 6.1](#)); na fé ([Atos 14.22; Cl 1.23](#)); no amor divino ([Jo 15.9; Judas 1.21](#)); em permanecer firme ([1Co 16.13; 2Ts 2.15](#)); em permanecer em Cristo ([Jo 15.4–10; 1Jo 2.28](#)); em correr com paciência ([Hb 6.12; 12.1](#)); em não se afastar ([Hb 3.12; 4.1–10](#)); e em ser zeloso para confirmar nosso chamado e eleição ([2Pe 1.10](#)).

O fracasso em perseverar de Judas ([Jo 6.71](#)), Demas ([2Tm 4.10](#)) e Himeneu ([2Tm 2.17](#)) deve ser mantido em mente, bem como a terrível possibilidade de negligenciar uma salvação tão grande ([Hb 2.3](#)), ser desqualificado ([1Co 9.27](#)), cair enquanto pensamos que estamos de pé ([1Co 10.12](#))

e cometer apostasia ([Hb 6.1–8](#)). Pois, como Jesus disse: “Aquele que perseverar até o fim será salvo” ([Mt 10.22; 24.13](#)). Tal ênfase extraordinária não pode ser incidental. As pressões da sociedade pagã, o perigo de perseguição, a reação emocional após uma experiência inicial maravilhosa e a aparente implicação de uma “salvação instantânea”, tornaram imperativo que os cristãos entendessem que através de sua resistência herdariam a salvação eterna ([Lc 21.19; Rm 5.3; Cl 1.11](#)).

No entanto, as Escrituras nunca implicam que a perseverança depende inteiramente do esforço humano. No AT, o propósito redentor de Deus é inabalável; a aliança de Deus permanece, embora precise ser renovada ([Jr 31.31–34](#)). O amor divino (hebraico, *hesed*) conota uma lealdade imutável; Deus “nunca falhará nem nos abandonará” por “seu próprio nome”. A afirmação do NT é que Cristo ressuscitará os seus no último dia — ninguém os roubará de sua mão ou da do Pai. Cristo nos impedirá de cair. Deus é fiel; ele trabalha em nós desde o querer até o realizar para seu bom prazer, e não permitirá que sejamos tentados além de nossa força. Nada, no céu ou na terra, presente ou futuro, nos separará do amor divino. Já estamos selados pelo Espírito Santo como uma garantia da salvação eterna, e somos mantidos pelo poder de Deus para uma salvação que ainda será revelada.

A tensão nas escrituras entre exortação à perseverança e certeza da salvação deu origem a muito debate. O paradoxo intelectual é resolvido apenas na experiência espiritual.

Veja também Certeza; Retrocesso.

Pescadores

Aqueles que tinham a pesca como trabalho. A pesca era realizada por pescadores na Terra Santa desde os primeiros tempos e é referida tanto no AT ([Is 19.8; Jr 16.16; Ez 47.10](#)) quanto no NT ([Mt 4.18–19; Mc 1.16–17; Lc 5.2; Jo 21.7](#)). Os pescadores formavam uma classe distinta na sociedade. Jesus incluiu vários pescadores entre seus discípulos ([Mt 4.18–22; Mc 1.16–20; cf. Lc 5.2–11](#)). Seu trabalho era cansativo ([Lc 5.2–5](#)) e nem sempre recompensador ([Lc 5.5; Jo 21.3](#)). Jesus usou a metáfora “pescadores de homens” de seus discípulos para denotar como eles “capturariam” as pessoas para o reino ([Mt 4.19; Mc 1.17; Lc 5.10](#)).

Pesos E Medidas

Resumo

- Introdução
- Medidas de peso
- Medidas lineares no Antigo Testamento
- Medidas lineares no Novo Testamento
- Capacidade (Medida Seca) no Antigo Testamento
- Capacidade (Medida Seca) no Novo Testamento
- Medidas líquidas no Antigo Testamento
- Medidas líquidas no Novo Testamento

Introdução

Unidades de medida no mundo antigo eram em grande parte baseadas em padrões práticos: o comprimento de um braço, a jornada de um dia, o quanto um jumento poderia carregar, e assim por diante. Embora este fosse um sistema conveniente, também sofria de uma falta de padronização. Alguns braços eram mais longos do que outros, e alguns jumentos poderiam carregar mais do que outros. A história de pesos e medidas, portanto, se torna a história da busca de padrões. Isso não foi alcançado no AT, mas começou a ocorrer sob influências gregas e romanas nos tempos do NT.

No AT, as medidas que foram usadas são frequentemente atestadas na literatura mesopotâmica, bem como na egípcia e cananeia. Os israelitas não tinham seu próprio conjunto único de medidas. No entanto, enquanto os termos são compartilhados, não é incomum encontrar um termo específico que tenha um valor em Israel e um valor visivelmente diferente em uma das outras culturas.

No momento do NT, outras variáveis foram adicionadas. Os israelitas deste período ainda estavam usando muitas das medidas que haviam sido usadas e desenvolvidas ao longo do período do AT. Mas adicionados a isso estavam os sistemas de medição grego e romano. Às vezes, esses termos eram adotados por atacado, enquanto em outras épocas os termos hebraicos eram adaptados aos padrões greco-romanos. Em ainda outras ocasiões, os termos romanos eram aparentemente usados ao lidar com o governo, enquanto os termos hebraicos ainda eram usados na prática cotidiana.

Na maioria dos tipos de medição, a unidade de base (isto é, aquela da qual todos os outros são frações ou múltiplos) é aquela sobre a qual há mais

incerteza. Assim, o côvado (comprimento), o siclo (peso), o ômer (volume seco) e o bato (volume líquido) são todos em certo grau incertos. Isso torna todas as outras medidas baseadas nelas igualmente incertas.

Medidas de peso

Os termos usados para pesos foram os que mais se beneficiaram das descobertas arqueológicas. As escavações fornecem pesos de pedra que são ocasionalmente inscritos com a unidade que elas representam. Quando as pedras são pesadas, elas frequentemente dão uma gama de pesos que têm apenas um padrão geral. No entanto, comparar estes dados com os fornecidos pelo texto, deu a base para determinações bastante precisas. A escala relativa em qualquer local é mais importante do que valores absolutos.

Havia padronização das medidas de peso, mas a precisão era difícil de alcançar. O sistema israelita é semelhante ao usado pelos mesopotâmios e cananeus. Durante a maior parte do período do AT, o sistema de pesos forneceu o sistema monetário. Moeda cunhada foi a invenção dos persas. Até aquele momento, prata, ouro ou qualquer outra mercadoria de troca tinha que ser pesada para que a troca ou compra pudesse ocorrer. Isso fez do sistema de pesos o núcleo da economia antiga. Também explica por que as Escrituras falam tão seriamente contra o uso de falsos pesos ([Lv 19.36](#); [Dt 25.13](#); [Pv 16.11](#); [20.10.23](#); [Mq 6.11](#); [Os 12.7](#); [Am 8.5](#)).

Os pesos de pedra eram usados em um conjunto de balanças para conduzir negócios no mercado antigo. Balanças ou escalas são mencionados meia dúzia de vezes no AT, mas nenhuma delas está em contextos econômicos reais ([Jó 6.2](#); [31.6](#); [Sl 62.9](#); [Is 40.12](#); [Ez 5.1](#); [Dn 5.27](#)). As balanças usadas eram geralmente do tipo de balança de viga com pratos em cada extremidade.

Talento

De acordo com [Exodo 38.25-26](#), o talento deve ter sido igual a 3.000 siclos. (Cem talentos então teriam sido iguais a 300.000 siclos, e se isso for adicionado aos 1.175 siclos no verso [25](#), o total é de 301.775, ou meio siclo para cada um dos 603.550 homens — como o verso [26](#) afirma). Os talentos escavados pesam entre 29,5 a 36,3 quilos. No AT, o talento é usado apenas para metais preciosos, geralmente prata ou ouro. De acordo com [1 Reis 10.14](#), a renda anual do tributo do reino de Salomão era de 666 talentos, o que aparentemente era

considerado bastante exorbitante. Davi legou 100.000 talentos de ouro e 1.000.000 talentos de prata a Salomão para a construção do templo ([1Cr 22.14](#)).

Mina

No material cananeu de Ugarit, a mina é igual a 50 siclos, enquanto na Babilônia, a mina é igual a 60 siclos. Em [Ezequiel 45.12](#), a mina é definida em 60 siclos, mas não está claro se isso representa uma mudança dos padrões anteriores.

Siclo

O siclo era a unidade básica de peso. Além do siclo regular, havia um siclo “real” ([2Sm 14.26](#)). Calculando por pesos que foram escavados e encontrados rotulados como “beca” (meio siclo), o siclo foi estimado em cerca de 11,4 gramas.

O siclo é usado nas Escrituras quase exclusivamente em contextos que lidam com valor monetário. Seja prata, ouro, cevada ou farinha, a avaliação do siclo dá à mercadoria um valor relativo na economia. As exceções a isso são a armadura e a lança de Golias ([1Sm 17.5-7](#)), que são descritas em termos de seu peso em siclo.

Pim

A única referência a esta unidade está em [1 Samuel 13.21](#), onde é o preço cobrado aos israelitas pelos filisteus por afiar um arado. Os pesos escavados variam de 7,1 a 8,5 gramas, sugerindo que o pim era de dois terços de um siclo.

Beca

Sete pedras inscritas com este rótulo variam em peso de 5,7 a 6,5 gramas. Em [Êxodo 38.26](#), é o valor cobrado sobre cada indivíduo pelo imposto do censo. Nesse texto, é o equivalente a meio siclo.

Gera

Igual a um vigésimo de um siclo, ou 0,6 gramas. O termo é usado cinco vezes ([Êx 30.13](#); [Lv 27.25](#); [Nm 3.47](#); [18.16](#); [Ez 45.12](#)) e em cada ocasião é usado para dar um valor ao siclo. Seu uso é estritamente monetário nesses contextos.

Litra

O NT usa os mesmos pesos que já foram identificados no uso do AT, especialmente o siclo, mina e talento. Há uma unidade adicional usada: a litra, usada em [João 12.3](#) e [19.39](#) em relação às

especiarias. Na literatura grega, uma litra é de aproximadamente 327 gramas.

Medidas lineares no Antigo Testamento

As medições de comprimento e profundidade eram geralmente derivadas de uma parte do corpo usada para fazer a medição. A unidade básica era o côvado, e a maioria dos outros estavam relacionados a ele. Medições precisas de distância geográfica estão faltando no AT e foi mais frequentemente declarado em termos do número de dias que levariam para chegar a um destino. A jornada de um único dia provavelmente era de 32 a 40 quilômetros. Um “ritmo” era igual a um “passo” — sobre uma jarda ([2Sm 6.13](#)).

Côvado

O comprimento da ponta do dedo indicador até o cotovelo. Há tanto côvados longos quanto curtos, usados não apenas em Israel, mas na Mesopotâmia e no Egito também. [Ezequiel 40.5](#) identifica o côvado longo como sendo o equivalente de um côvado mais uma largura de mão (cerca de 50,8 a 53,3 centímetros). A inscrição encontrada dentro do túnel de Siloé construído por Ezequias (715-686 a.C.) indica que o túnel tem 1.200 côvados de comprimento. O comprimento real do túnel foi determinado como sendo de 533,1 metros. Isso produziria um côvado de 44,4 centímetros. Todas as coisas consideradas, 44,5 centímetros é uma boa estimativa do comprimento do côvado em Israel. Isso definiria o côvado longo em aproximadamente 52 centímetros. O côvado era mais frequentemente usado para dar as dimensões de edifícios ou objetos (p. ex., cortinas, pilares, peças de mobiliário, etc.). A maior estrutura medida em côvados era a arca que Noé construiu, com 300 côvados de comprimento ([Gn 6.15](#)).

Palmo

A distância medida pelo esticar da mão da ponta do dedo à ponta do dedo, igual a meio côvado, ou 22,2 centímetros. É usado apenas sete vezes no AT, e quatro dessas são para descrever as dimensões do peitoral do sumo sacerdote ([Êx 28.15-16](#); [39.8-9](#)).

Largura de mão

A largura da mão na base, igual a um sexto de um côvado, um terço de um palmo, ou 7,6 centímetros. O termo é usado apenas cinco vezes e dá a largura da borda em torno da mesa dos pães da proposição ([Êx 25.25](#)) e do mar de fundição de Salomão ([1Rs 7.26](#)).

Medidas lineares no Novo Testamento

No NT, algumas das unidades de comprimento e profundidade representam os padrões greco-romanos, enquanto outras são aquelas usadas no AT. Como o AT, o NT frequentemente usa designações imprecisas para distância, como um lançamento de pedra ou uma jornada de um dia. Há, no entanto, algumas ocorrências de termos precisos emprestados da cultura romana.

Côvado

Para os romanos, o côvado foi estabelecido em uma vez e meia o seu pé padrão de 29,6 centímetros, equivalendo a 44,5 centímetros, assim como o côvado do AT.

Braça

A distância entre as pontas dos dedos da mão esquerda e da direita quando os braços estavam estendidos. É usado apenas em [Atos 27.28](#) e é considerado cerca de 1,8 metros.

Estádio/Campo de esporte

O comprimento da antiga pista grega, igual a um oitavo de uma milha romana, ou um pouco mais de 183 metros. Geralmente é usado para dar uma distância aproximada, mas em [Apocalipse 21.16](#) é usado para dar as dimensões da Nova Jerusalém e é medido com uma vara de medição.

Milha

A única ocorrência deste termo, [Mateus 5.41](#), tem referência à milha romana de 1.620 jardas, cerca de 1,4 quilômetros.

Capacidade (medida seca) no Antigo Testamento

Quantidades de produtos secos eram orientadas para questões práticas, como cargas típicas de jumentos, quanta semente poderia ser semeada em um dia, ou quanta semente seria necessária para semear uma uma porção de determinado tamanho. Tal como acontece com os outros tipos de medidas, essas então se tornaram padronizadas.

Coro/Ômer

A medida de mercadoria seca mais comum e o equivalente a uma carga de jumento. As estimativas de seu tamanho padrão variam muito, variando de 3,8 alqueires a 7,5 alqueires (133,9 a 264,3 litros). Além das sete ocorrências em

[Ezequiel 45.11–14](#), o termo ocorre apenas quatro vezes no AT. Três desses contextos apresentam semente ou cevada ([Lv 27.16](#); [Is 5.10](#); [Os 3.2](#)), enquanto o quarto está no contexto dos israelitas reunindo codornas no deserto. Um coro é usado nove vezes e ocorre com uma variedade de mercadorias, incluindo óleo, farinha, trigo e cevada, em múltiplos até 20.000 ([1Rs 5.11](#)).

Lethek

Unidade ocorrendo apenas em [Oseias 3.2](#). As primeiras versões da Bíblia a identificaram como metade de um coro, ou ômer.

Efa

Isso é igual a um décimo de um ômer ([Ez 45.11](#)), ou metade de um alqueire (17,6 litros). O termo ocorre dezenas de vezes com todos os tipos de produtos agrícolas. Parece ter sido a unidade mais usada na negociação e venda. De acordo com [Zacarias 5.6–10](#), o efa se refere a um recipiente que conteria um efa de produtos, muito parecido com a cesta de alqueire dos dias modernos.

Seá

Uma fração do ômer, que tem uma gama muito ampla. O termo mede farinha, semente, cevada e grãos, e é aproximadamente um terço de uma efa. Um alqueire era cerca de cinco seás ([1Sm 25.18](#), há uma explicação sobre a medida do seá numa nota de rodapé da Bíblia NVI).

Ômer/Issaron

O ômer ocorre apenas no relato da coleta do maná pelos israelitas ([Êx 16.22](#)). Representa a ração de um dia de maná e é identificado como um décimo de uma efa ([Êx 16.36](#)). O issaron é um termo que significa um décimo. Suas 25 ocorrências estão todas em Êxodo, Levítico e Números (principalmente em [Nm 28–29](#)); se refere apenas a medidas de farinha fina.

Cabo, Kab

Esta unidade ocorre apenas em [2 Reis 6.25](#). A estimativa dada por Josefo, um décimo oitavo de uma efa (ou cerca de metade de um ômer), é geralmente aceita.

Capacidade (medida seca) no Novo Testamento

As seguintes medidas secas são usadas no NT.

Choinix

Ocorrendo apenas em [Apocalipse 6.6](#) (essa explicação está numa nota de rodapé da Bíblia NLT, em inglês), o choinx é um pouco mais do que um litro. Na literatura grega, era considerada a quantidade diária de milho de um homem.

Modios

Este é o “alqueire” sob o qual a lâmpada não deve ser escondida ([Mt 5.15](#); [Mc 4.21](#); [Lc 11.33](#)). É na verdade igual a cerca de um peck, 7,68 quartos secos (8,5 litros).

Sato

Este é o equivalente do AT seá e pode, portanto, também ser aproximado por cerca de um peck. É usado apenas duas vezes no NT em passagens paralelas da parábola do fermento, que é como o reino de Deus ([Mt 13.33](#); [Lc 13.21](#)).

Medidas líquidas no Antigo Testamento

Três medidas básicas foram usadas para líquidos no AT.

Bato

A unidade básica para a medição de líquidos. Os dados bíblicos ([Ez 45.11-14](#)) definem-no como o equivalente líquido à medida seca, o efa. É um décimo de um ômer. A arqueologia também foi capaz de fornecer alguns dados para esta determinação. Os frascos inscritos como “bato do rei” foram encontrados em Laquis, e Tell en-Nasbeh, e frascos marcados “bato” foram encontrados em Tell Beit Mirsim. Os frascos não estão completos, então sua capacidade deve ser estimada com base em uma reconstrução. Usando estes dados, o bato era de aproximadamente 20,8 litros. Esta estimativa forneceria resultados aceitáveis quando considerada nas informações dadas em [1 Reis 7.23-26](#), onde o “mar de fundição” do templo de Salomão é descrito como tendo 30 côvados em circunferência, 10 côvados de diâmetro, 5 côvados de profundidade e capaz de conter 2.000 batos de água.

Him

Um sexto de um him de água era considerado o requisito diário mínimo de uma pessoa ([Ez 4.11](#)). Um him é igual a um sexto de um bato, aproximadamente 3,8 litros. É usado para uma medida de óleo, vinho e água, mas nenhum

contexto menciona mais de um him. Em vez disso, frações de um him são usadas. As ocorrências são limitadas a Êxodo, Levítico, Números e Ezequiel e, portanto, são mais comumente atestadas no contexto de libações sacrificiais.

Logue

Esta unidade ocorre apenas em [Levítico 14.10-24](#) e é igual a um duodécimo de um him, então cerca de 0,3 quarto ou 0,3 litro.

Medidas líquidas no Novo Testamento

As seguintes medidas líquidas ocorrem no NT.

Bato

Isso é usado apenas uma vez ([Lc 16.6](#)) e é o mesmo que o bato do AT.

Metretas

Isso é usado apenas em [João 2.6](#), onde descreve os recipientes nos quais a água foi transformada em vinho. Josefo o identifica como equivalente a um bato hebraico, mas no uso grego, era o equivalente a cerca de dez galões (37,9 litros).

Sextarius/Xestes

Uma medida de capacidade igual a cerca de 552 mililitros. Em [Marcos 7.4](#), a palavra é traduzida como “jarra” ou “vaso”.

Peste

Uma variação de uma palavra hebraica para uma praga mortal que se espalha facilmente. A peste nunca é retratada na Bíblia como um evento aleatório. É sempre considerada um julgamento ou punição enviada por Deus.

Peste no Antigo Testamento

A peste era um castigo pela negligência de Israel em relação ao seu pacto ([Lv 26.25](#); [Dt 28.21](#)). Esta é a razão para o uso frequente da palavra por ambos, Jeremias e Ezequiel. Esses profetas estavam processando a ação judicial da aliança de Deus contra seu povo. A sentença havia sido determinada, e eles anunciaram que sua aplicação estava iminente. Por essa razão, a peste quase sempre aparece como parte de uma lista de pragas, como a fórmula “espada, fome e pestilência” usada ao longo da profecia de Jeremias em algumas

traduções ([Jr 14.12](#) e outros versículos). A peste pune o pecado. Assim, ela não atinge a todos. Aquele que permanece fiel será protegido de seus efeitos ([Sl 91.1-3](#)). Os inimigos de Israel também poderiam ser objetos dessa forma de julgamento ([Sl 78.50](#); [Ez 28.23](#); [38.22](#)).

Diferenças entre peste e praga

Peste não é idêntica à praga no Antigo Testamento. "Praga" muitas vezes se refere a doenças como:

- Praga bubônica
- Sarampo
- Varíola

"Peste" pode se referir a:

- Cólera
- Tifo
- Tifoide
- Disenteria

Essas doenças frequentemente afligiam uma cidade sob cerco. No entanto, há alguma sobreposição nos termos. Setenta mil israelitas morreram após o censo de Davi. Isso mostra a severidade do castigo divino ([2Sm 24.13-15](#)).

Peste no Novo Testamento

A palavra grega *loimos* ocorre três vezes no Novo Testamento. Em [Atos 24.5](#), Tertúlio usou este termo como uma descrição ofensiva de Paulo: "Descobrimos que este homem é uma peste". Jesus previu que a destruição do templo seria precedida por vários julgamentos, incluindo peste ou praga ([Lc 21.11](#)).

Veja também Doença; Praga.

Petor

A cidade natal de Balaão ([Nm 22.5](#)). Petor está na Alta Mesopotâmia, onde os rios Sajur e Eufrates se encontram. [Deuteronômio 23.4](#) diz que Balaão, filho de Beor, veio de Petor da Mesopotâmia.

As inscrições do rei Salmanaser III, que governou de 859 a 824 a.C., identificam Petor com *Pi-it/ti-ru* como um local no rio Sajur. As inscrições hititas (sírios ou arameus) conheciam a cidade como Petor. A área foi inicialmente governada pelos assírios e, posteriormente, pelos arameus. Mais

tarde, Salmanaser a recapturou e a repovoou com os assírios.

Phallu

Versão alternativa da grafia de Palu, o segundo filho de Rúben ([Gn 46.9](#)).

Veja Palu, paluíta.

Pi-Hairote

Um lugar onde os israelitas pararam durante sua jornada do Egito para a terra Prometida ([Ex 14.2](#)). Foi em Pi-Hairote que o exército egípcio os alcançou ([Ex 14.9](#)). Isso levou ao resgate de Deus no Mar Vermelho. Os israelitas sempre lembraram como Deus os salvou neste lugar.

A localização exata de Pi-Hairote não é conhecida com certeza. Baal-Zefom e Migdol também eram lugares próximos mencionados na mesma área. Depois que os israelitas deixaram o Egito, eles primeiro acamparam em Sucote, em Gósen, e depois em Etã ([Nm 33.6](#)). Após Pi-Hairote, eles viajaram por três dias para chegar a Mara e Elim. Esses lugares ficam provavelmente na costa leste do Golfo de Suez, no caminho para o Sinai.

Pi-Hairote ficava provavelmente na fronteira nordeste do Egito, possivelmente na margem oeste dos Lagos Amargos. Os israelitas não viajaram pela rota esperada ao norte, chamada Caminho dos Filisteus. Em vez disso, foram para sudeste através do deserto (compare [Ex 13.17-18](#)). Eventualmente, eles retornaram à antiga estrada egípcia que levava às minas de cobre e turquesa do Sinai.

Veja também Peregrinações no deserto.

Pia

Uma bacia ou um grande recipiente cheio de água que os sacerdotes usavam para lavar as mãos e os pés antes de entrar no Lugar Santo e antes de servir no altar ([Ex 30.17-21](#)). No templo de Salomão, uma grande bacia chamada "mar de fundição" ficava entre o altar dos holocaustos no pátio e a entrada do templo interno ([1Rs 7.23](#)). A bacia era o grande recipiente e o pedestal sobre o qual ela se apoiava ([Ex 30.18](#)). Era feita de bronze ou latão, fundida e

moldada a partir de espelhos de metal altamente polido dados por mulheres israelitas ([Êx 38.8](#)).

No templo de Salomão, além do mar de bronze, havia dez pias menores, cinco em cada lado norte e sul do santuário ([1Rs 7.38-39](#)). Cada uma continha 40 batos (1.211,2–1.665,4 litros, ou 320–440 galões), um quinquagésimo da capacidade da grande pia. Os sacerdotes usavam o mar de bronze para suas lavagens rituais. As dez pias eram para os sacrifícios ([2Cr 4.6](#)). Mais tarde, o Rei Acaz, por razões religiosas ou financeiras, separou as pias e o mar de suas bases. Ele os colocou sobre um pedestal de pedra ([2Rs 16.17](#)). O profeta Jeremias, durante o reinado do Rei Jeoaquim, previu que o mar de bronze e as bases seriam levados para Babilônia ([Jr 27.19-22](#)). Isso de fato aconteceu, conforme registrado em [Jeremias 52.17](#). O texto não menciona o que aconteceu com as dez pias pequenas. Elas talvez já tivessem sido derretidas e vendidas.

Na descrição do templo futuro por Ezequiel, não há menção de uma bacia ou mar de fundição ([Ez 40-42](#)). No entanto, o apóstolo João em [Apocalipse 4.6](#) e [15.2](#) menciona um "mar de vidro". Este "mar de vidro" pode ser semelhante ou lembrar o mar de fundição de Salomão.

Consulte também Mar de Bronze.

Piche

O termo "piche" na NTLH em [Gênesis 11.3](#) e [Êxodo 2.3](#).

Veja Asfalto; Betume.

Pilar De Fogo E Nuvem

Um dos modos mais frequentes de Deus aparecer aos seres humanos no AT; uma manifestação visual da presença de Deus comum nas narrativas do êxodo, aliança do Sinai, as peregrinações no deserto e a dedicação do templo. A Bíblia se refere a este fenômeno numa variedade de maneiras: o pilar de nuvem e de fogo ([Êx 14.24](#)); pilar de nuvem ([Êx 33.9-10](#); [Nm 14.14](#)); pilar de fogo ([Êx 13.21](#); [Nm 14.14](#)); nuvem ([Êx 40.34-35](#); [Dt 1.33](#)); fogo ([Dt 1.33](#); [4.12](#)). Embora a própria Bíblia não use esta designação, a nuvem e teofanias associadas (aparições de Deus) são muitas vezes chamadas de "glória de Shekinah" ou simplesmente "a Shekinah"

— termos que entraram na teologia cristã da literatura rabínica.

A teofania da nuvem está associada com uma variedade de funções; comum a todos eles é que é uma expressão visível da presença de Deus. A nuvem enchia o tabernáculo e estava lá dia e noite como uma testemunha da presença de Deus ([Êx 40.34-38](#)). Deus apareceu na nuvem no Dia da Exiação ([Lv 16.2](#)). A aceitação de Deus do templo construído como sua habitação é mostrada quando a nuvem vem na dedicação ([1Rs 8.10-11](#); [2Cr 5.13-14](#)).

A nuvem também era uma proteção para Israel. Em sua primeira aparição nos eventos do Êxodo, a nuvem se posicionou entre os exércitos do Egito e Israel, engolindo os egípcios nas trevas de um lado enquanto iluminando o caminho com seu fogo para Israel, do outro ([Êx 14.19-20](#)). O salmista lembrou de como Deus "espalhou uma nuvem como uma cobertura, e um fogo para dar luz à noite" ([Sl 105.39](#), NVI).

O pilar também serviu como o guia de Israel durante o êxodo e a peregrinação no deserto. "O Senhor os guiou por um pilar de nuvem durante o dia e um pilar de fogo à noite. Dessa forma, eles poderiam viajar se fosse dia ou noite. E o Senhor não removeu o pilar de nuvem ou pilar de fogo de sua visão" ([Êx 13.21-22](#), NTLH). Sempre que a nuvem se levantava de cima da tenda, os israelitas partiam; onde quer que a nuvem se estabelecesse, os israelitas acampavam ([Nm 9.17](#)). Apesar dos pecados do povo, o Senhor Deus foi à frente deles em sua jornada, em fogo à noite e em uma nuvem de dia ([Dt 1.33](#)). As gerações subsequentes relatariam como Deus era seu guia de dia e noite ([Ne 9.12.19](#); [Sl 78.14](#)).

A nuvem também tinha uma função profética ([Sl 99.7](#)). Deus não apenas falou da nuvem no Sinai ([Êx 19.9,16](#); [34.1-25](#); [Dt 4.11-12](#); [5.22](#)), ele também falou de lá quando Israel se rebelou ([Êx 16.10](#); [Nm 14.10](#); [16.42-43](#)), quando Arão e Miriã tiveram uma briga com Moisés ([Nm 12.1-15](#)), e quando os 70 anciãos foram nomeados. Apenas Moisés tinha este acesso pronto às próprias palavras de Deus. Quando Moisés entrava no tabernáculo, "o pilar de nuvem descia e pairava na entrada, enquanto o Senhor falava com Moisés" ([Êx 33.9](#), NTLH). Na morte de Moisés, o Senhor aparece no pilar na tenda e fala da apostasia da nação que está por vir ([Dt 31.14-29](#)).

Outras teofanias tendo as características de nuvem, fogo e luz — ou alguma combinação —

provavelmente deveriam ser associadas com o pilar de fogo e nuvem. Ezequiel viu uma imensa nuvem com relâmpagos piscando e cercado por uma luz brilhante ([Ez 1.4](#)); quando ele olhou para dentro da nuvem, ele viu um fogo, criaturas ao serviço de Deus, o trono de Deus e a presença incrível daquele que se sentou sobre ele e falou (vv. [5-28](#)). Ezequiel também teve uma visão da glória de Deus deixando o templo, e mais tarde uma visão de seu retorno (caps. [10; 43](#)). Na visão de Daniel do Ancião de Dias, ele vê alguém “como o filho do homem, vindo com as nuvens do céu” para receber autoridade, glória e poder ([Dn 7.13](#), NVI). A frase “filho do homem” se torna a autodesignação favorita de Jesus nos Evangelhos. Na Transfiguração, quando ele revela sua própria glória, as nuvens o envolvem ([Mt 17.5](#); [Mc 9.7](#); [Lc 9.34](#)). Em sua ascensão, ele é recebido nas nuvens, e os anjos lembram aos apóstolos de sua promessa de voltar da mesma maneira ([At 1.9-11](#); veja [Mt 24.30](#); [Mc 13.26](#); [Lc 21.27](#); [Ap 1.7](#)).

Veja também Glória; Shekinah; Teofania.

Pilatos, Pôncio

Tibério nomeou Pôncio Pilatos como o quinto governador (ou prefeito) da Judeia. Pilatos serviu nessa função de 26 a 36 d.C. Ele aparece de forma proeminente nos relatos dos Evangelhos sobre o julgamento como o governador romano que autorizou a crucificação de Jesus. Pilatos também é mencionado em outras fontes históricas como um líder racional que buscava manter a autoridade romana na Judeia.

O papel de Pilatos como governador da Judeia

Tácito (*Anais* 15.44) menciona Pilatos em conexão com a crucificação de Jesus, mas acrescenta pouco ao relato do evangelho. Josefo, por outro lado, fornece três narrativas.

1. Primeiro, ele descreve a chegada de Pilatos como o novo governador (*Guerra* 2.9.2; *Antiguidades* 18.3.1; cf. *Histórias* de Eusébio 2.6). Ofendendo a lei judaica, Pilatos trouxe símbolos romanos para Jerusalém que carregavam a imagem de César. Uma grande reunião de judeus foi a Cesareia em protesto, jejuando lá por cinco dias. Os judeus demonstraram que preferiam morrer a permitir os símbolos romanos. Esta foi a primeira experiência de Pilatos com a força das crenças religiosas dos judeus. Ele decidiu remover as bandeiras.
2. Em um segundo incidente, Pilatos apropriou-se de fundos do Templo para construir um aqueduto de 56,3 quilômetros para Jerusalém (*Guerra* 2.9.4; *Antiguidades* 18.3.2). Novamente, houve um grande protesto. Pilatos ordenou que seus soldados se vestissem com túnicas e se infiltrassem nas multidões disfarçados. Sob seu comando, as tropas usaram cassetetes para espancar os infratores. Muitos judeus foram mortos. Josefo registra o horror com que Jerusalém percebeu o acontecimento.
3. Finalmente, Josefo relata a história da demissão de Pilatos (*Antiguidades* 18.4.1-2). Em 36 d.C., um falso profeta samaritano fingia ser o Taheb, ou Messias Samaritano. Ele prometeu mostrar a seus seguidores vasos sagrados escondidos por Moisés no Monte Gerizim. Pilatos enviou um grupo fortemente armado de soldados de infantaria e cavalaria que interceptaram os peregrinos e massacraram a maioria deles. Os samaritanos reclamaram a Vitélio, o governador da Síria. Pilatos foi ordenado a se apresentar ao Imperador Tibério. Outro governador, Marcelo, foi então enviado por Roma como substituto de Pilatos.

Filo relata mais uma história sobre Pilatos (*Leg. to Caius* 299–305). Filo escreve sobre como Tibério era geralmente gentil com o povo judeu. Em contraste, ele descreve Pôncio Pilatos como um mau líder que não respeitava os costumes judaicos. O governador havia colocado escudos dourados com o nome do Imperador neles. Ele os colocou no antigo palácio de Herodes em Jerusalém. Recusando-se a ouvir as queixas dos judeus, os filhos de Herodes apelaram a Tibério. Tibério ordenou que Pilatos transferisse os escudos para o templo de Augusto em Cesareia. As semelhanças com a história paralela em Josefo mostram que Filo pode estar apenas relatando outra versão do mesmo evento.

Lucas menciona um incidente menor que contribui para esse mesmo retrato. Em [Lucas 13.1](#) alguns judeus contam a Jesus sobre os galileus cujo sangue Pilatos havia misturado com seus sacrifícios. Essa história não é apoiada por nenhuma outra testemunha, mas está de acordo com as impressões do caráter de Pilatos dadas por Filo e Josefo. De fato, Lucas acrescenta outro detalhe de interesse em sua narrativa do julgamento. Em [Lucas 23.12](#), ele diz que antes da crucificação de Jesus, Herodes Antipas (na Galileia) e Pilatos estavam em inimizade um com o outro. Isso pode ter se originado não apenas da habitual hostilidade de Pilatos, mas particularmente do evento na Galileia.

O papel de Pilatos no julgamento de Jesus

O papel de Pilatos na morte de Jesus é registrado em cada Evangelho ([Mt 27.2](#); [Mc 15.1](#); [Lc 23.1](#); [Jo 18.29](#)). Os apóstolos mencionaram seu envolvimento como um dado histórico em suas narrativas ([At 3.13](#); [4.27](#); [13.28](#); [1Tm 6.13](#)). Para garantir a condenação e morte de Jesus, Caifás e o Sinédrio (conselho judaico) levaram suas acusações a Pilatos. Os acusadores apresentaram suas alegações como políticas para chamar a atenção do governador, mas ele ainda assim não encontrou razão para condenar Jesus. No final, Pilatos inesperadamente cede aos líderes judeus e manda crucificar Jesus.

Todos os Evangelhos, particularmente João, mostram o veredito repetido de Pilatos sobre a inocência de Jesus. De acordo com [Mateus 27.19](#), a esposa de Pilatos teve um sonho ominoso sobre a condenação de Jesus e alertou seu marido. Pilatos tentou libertar Jesus, mas a multidão clamou por Barrabás. Mateus até registra que Pilatos lavou as mãos ([27.24-25](#)), declarando sua própria inocência nisso. E, finalmente, João diz que Pilatos

se recusou a alterar o título sobre a cruz ([Jo 19.19-22](#)). Esses relatos tiram toda a culpa pela morte de Jesus de Pilatos e a colocam sobre os líderes judeus do Sinédrio. Eles são os responsáveis finais.

Mas por que Pilatos agiria em nome do Sinédrio? Duas respostas são possíveis.

1. Primeiro, pode ter havido uma conivência entre Caifás e Pilatos que surgiu de um relacionamento de longa data. Dez dos dezoito anos de poder de Caifás foram sob Pilatos, e quando o governador foi demitido em 36 d.C., Caifás foi simultaneamente removido.
2. Em segundo lugar, se o julgamento de Jesus ocorreu em 33 d.C., Pilatos pode ter estado preocupado com sua remoção do cargo. Ele havia sido originalmente nomeado por Sejano (governador dos guardas que protegiam o Imperador em Roma, que havia nomeado homens para cargos coloniais sob Tibério). Sejano morreu no outono de 31 d.C.. Isso explica por que uma delegação judaica pôde relatar diretamente a Tibério durante o incidente do escudo votivo. Assim, a acusação registrada em [João 19.12](#) ("Se o senhor soltar este homem, não é amigo do Imperador!") teria tido um poder genuíno sobre Pilatos. Pilatos percebeu o perigo e estava ansioso para pacificar os judeus e agradar o Imperador.

A história de Pilatos após sua demissão em 36 d.C. é desconhecida. Eusébio relata que Pilatos acabou se suicidando durante o reinado do Imperador Calígula, de 37 a 41 d.C. (*História 2.7*).

Pildas

O sexto filho de Naor e Milca. Ele era sobrinho do patriarca Abraão ([Gn 22.22](#)).

Pinheiro

Um pinheiro é uma árvore perene com folhas pontiagudas em cachos e cones que produzem sementes. Embora haja alguma confusão sobre

quais árvores coníferas exatas a Bíblia menciona, é provável que os pinheiros sejam mencionados em várias passagens, como [Levítico 23.40](#); [Neemias 8.15](#); [Isaias 41.19](#); e [60.13](#).

Um dos pinheiros encontrados em Israel e nas áreas circundantes é o pinheiro-da-calábria (*Pinus brutia*). Esta árvore cresce nas regiões montanhosas do norte da Palestina. Pode atingir de 3 a 10,7 metros de altura, com crescimento espalhado e ramos que circundam o tronco em anéis.

Outro tipo é o pinheiro-de-Alepo (*Pinus halepensis*). Em algumas traduções, as palavras hebraicas às vezes traduzidas como "abeto" em versões mais antigas são mais precisamente traduzidas como "pau de faia", "cipreste" ou "pinho". Essas árvores podem se referir ao pinheiro-de-Alepo ou a uma espécie semelhante, como o cipreste ([2Sm 6.5](#); [1Rs 5.8,10; 6.34](#); [2Rs 19.23](#); [2Cr 2.8](#); [Sl 104.17](#); [Ct 1.17](#); [Is 14.8; 37.24](#); [55.13](#); [60.13](#); [Ez 27.5; 31.8](#); [Os 14.8](#); [Na 2.3](#); [Zc 11.2](#)). O pinheiro-de-Alepo cresce de 2,7 a 18,3 metros de altura com ramos que se espalham para cima e ramos menores amarelados ou acastanhados.

Pinom

Um dos chefes (líderes) descendentes do patriarca Esaú ([Gn 36.41](#); [1Cr 1.52](#)).

Piolho

A tradução refere-se a algum tipo de pequenos insetos, provavelmente mosquitos. Esses insetos foram a terceira praga no Egito ([Êx 8.16-18](#)).

Veja Animais (Mosquito).

Pirro

O pai de Sópatro, de Bereia. Seu filho, Sópatro, foi um dos vários homens que viajaram com o apóstolo Paulo em sua viagem de retorno através da Macedônia ([At 20.4](#)).

Pisídia

Uma região na província romana da Galácia, que Paulo e Barnabé visitaram por volta de 48 d.C.

Pisídia está localizada ao norte das montanhas Taurus, que se estendem ao longo das costas da Cilícia e Panfília. Pisídia encontra-se no planalto central da Anatólia, a 1100 metros acima do nível do mar. As montanhas a separam das regiões costeiras. A área inclui as colinas do Taurus e se estende por cerca de 640 quilômetros de comprimento e 265 quilômetros de largura. Faz fronteira com a grande província da Ásia a oeste, Galácia ao norte e Liconia a leste. As pessoas nessas montanhas tinham a reputação de serem agressivas e difíceis de controlar.

Os Selêucidas controlaram a região por muitos anos. Mais tarde, os Romanos fizeram o mesmo. Seleuco I Nicátor, que governou de 312 a 280 a.C., fundou a cidade de Antioquia para ajudar a controlar essas tribos. Amintas da Galácia também fortificou a cidade por volta de 26 a.C. para melhorar a segurança. Quando ele morreu em 25 a.C., a Pisídia tornou-se parte da província da Galácia. O Imperador Augusto completou o esforço para trazer paz à região fundando cinco cidades além de Antioquia:

1. Crimeia
2. Comana
3. Olba
4. Parlais
5. Listra

Estradas militares conectavam todas as cidades a Antioquia. Uma inscrição descoberta em 1912 mostra que Quirino era um governador da região sob Augusto (veja [Lucas 2.2](#)). Antioquia era a capital da Pisídia. Esta cidade estava na estrada principal entre Éfeso a oeste e Derbe e Tarso a leste. Era principalmente uma colônia romana (um assentamento controlado por Roma), com uma grande comunidade judaica trazida pelos Selêucidas para o comércio.

Paulo e Barnabé viajaram pela Pisídia pelo menos duas vezes em seu caminho entre Perge e Derbe ([At 13.14](#); [14.24](#)). Em Antioquia da Pisídia, uma das decisões mais importantes na história do trabalho missionário cristão foi tomada e anunciada. Depois que a maioria do público judeu rejeitou sua mensagem, Paulo e Barnabé começaram a se concentrar em pessoas não-judaicas. Eles disseram, "Mas, como vocês não querem aceitá-la e acham que não merecem receber a vida eterna, então agora nós vamos anunciar a palavra aos não-judeus" ([At 13.46](#)). A partir de então, Paulo e seus amigos se concentraram em espalhar sua

mensagem para não-judeus. Isso fez do Cristianismo uma religião mundial, não apenas outra seita judaica.

Pisom

Primeira das quatro divisões do rio que fluía do Jardim do Éden ([Gn 2.11](#)). As sugestões para sua identidade incluem o Rion, o Indo, o Ganges, um canal conectando o Tigre e o Eufrates e um símbolo da Via Láctea. Não há consenso sobre a identidade de Pison.

Pitom

Pitom foi uma das cidades-armazém construídas pelos israelitas durante seu tempo como escravos no Egito. A Bíblia menciona que os israelitas construíram tanto Pitom quanto Ramessés como cidades-armazém para o Faraó ([Êx 1.11](#)).

Por mais de 100 anos, especialistas que estudam o antigo Egito têm debatido sobre a localização real dessas cidades. A localização de Ramessés é bastante conhecida. A maioria dos especialistas a associa com Pi-Ramessés. Foi a capital do Faraó Ramessés II, que governou de 1290 a 1224 a.C. Vários sítios antigos foram sugeridos como a localização de Ramessés. Por muitos anos, estudiosos pensaram que era em Tanis, na região nordeste do Delta do Nilo. No entanto, Qantir, que está na mesma área geral, é agora considerado o local mais provável.

O nome "Pitom" vem de uma expressão egípcia que significa "Casa do [deus] Atum." Este teria sido um templo construído para adorar Atum, um deus do sol egípcio. Os israelitas teriam participado da construção das instalações de armazenamento que faziam parte deste templo. Podemos ter uma boa ideia de como esses edifícios de armazenamento eram ao estudar estruturas semelhantes do templo-túmulo de Ramessés II em Tebas. Esses edifícios de armazenamento ainda estão bem preservados hoje. Eram estruturas retangulares longas com telhados curvados, construídas lado a lado. Essas instalações de armazenamento cobriam uma grande área do complexo do templo. Isso nos ajuda a entender o tipo de edifícios para os quais os israelitas foram forçados a fazer tijolos durante sua escravidão no Egito.

Embora saibamos o que o nome Pitom significa, sua localização exata ainda está sendo debatida por

estudiosos. Os dois locais mais frequentemente sugeridos como sendo Pitom são Tell Er-Retabah e Tell el-Maskhutah. Ambos esses sítios antigos estão localizados no Wadi Tumilat, um vale que se estende para leste do Delta do Nilo até o Lago Timsah.

Nos últimos anos, arqueólogos escavaram em ambos os locais. Eles encontraram evidências de que pessoas da Palestina e Síria (chamadas de asiáticos) viveram em ambos os lugares. Pode haver uma conexão entre o nome árabe "Maskhutah" e a palavra hebraica "Sucote." Sucote é mencionada em [Êxodo 12.37](#) como um lugar onde os israelitas pararam durante sua jornada para fora do Egito. Por causa dessa possível conexão, muitos estudiosos agora acreditam que Tell Er-Retabah é o local mais provável para Pitom, enquanto Tell el-Maskhutah pode ser Sucote.

Veja também Egito, Egípcio; Ramessés (Lugar).

Plantas

Identificar plantas bíblicas sempre foi uma tarefa difícil, em parte porque as pessoas continuam a identificar o olmo, sicômoro, lírio, rosa e videira com plantas modernas, e também porque elas afirmam que todas as plantas que agora crescem na Terra Santa estavam lá nos dias bíblicos antigos, ou que as plantas referidas na Bíblia ainda são encontradas lá hoje. Infelizmente, muitas plantas agora bem comuns na Terra Santa não estavam lá nos dias bíblicos. Muitas plantas que antes cresceram em abundância na Terra Santa estão agora extintas. Alguns foram retiradas por invasores estrangeiros; outros foram exterminados ou quase exterminados pela exploração excessiva da terra, pela destruição das florestas e pelas mudanças resultantes das condições climáticas e outras condições ambientais. Em tempos passados, a Terra Santa era uma terra de palmeiras, com a tamareira tão abundante e característica lá quanto era no Egito, mas hoje a tamareira é muito menos comum. Da mesma forma, na antiguidade, os cedros imponentes cobriam as encostas do Líbano e outras cadeias de montanhas. Agora as poucas espécies restantes devem ser cautelosamente cercadas para proteger contra o pisoteio e a devastação das cabras.

Resumo

- Acácia

- Acanto
- Algum
- Amendoeira
- Almugue
- Aloe
- Maça
- Damasco
- Freixo
- Aspen
- Bálsamo
- Cevada
- Bdélio
- Feijão
- Ervas Amargas
- Espinheiro-europeu
- Buxo
- Amoreira-silvestre
- Giesta
- Espinheiro-alvar
- Sarça
- Ranúnculo
- Cálamo
- Cana-de-açúcar
- Planta de Alcaparra
- Árvore de Alfarroba
- Cássia
- Mamona
- Cedro
- Chicória
- Canela
- Árvore de Cidra
- Coentro
- Algodão
- Pepino
- Cominho
- Cipreste
- Dente-de-leão
- Joio
- Endro
- Ébano
- Endívia
- Figo, Figueira
- Abeto
- Linho
- Olíbano
- Gálbano
- Alho
- Cabaça-Selvagem
- Sebe
- Hena
- Jacinto
- Hissopo
- Junípero
- Loureiro
- Alho-poró
- Lentilha
- Alface
- Lírio
- Arbusto de Lótus
- Malva
- Mandrágora
- Melão
- Milheto
- Menta
- Amoreira-negra
- Mostarda
- Mirra
- Murta
- Narciso
- Nardo
- Urtiga
- Flor de noz-moscada

- Carvalho
- Oleastro
- Oleandro
- Azeitona
- Cebola
- Palmeira
- Papiro
- Pinheiro
- Pistache
- Plátano
- Româzeira
- Álamo
- Marmelo
- Junco
- Arruda
- Junco-florido
- Açafrão
- Sálvia
- Espelta
- Árvore de Estoraque
- Sicômoro
- Tamarisco
- Terebinto
- Cardo-espinhoso
- Tulipa
- Erva daninha
- Vegetal
- Videira
- Nogueira
- Ninféia
- Trigo
- Absinto

Acácia (Acácia tortilis e A. Seyal)

Qualquer árvore ou arbusto da família mimoso de plantas que crescem em regiões quentes. A planta referida na KJV como “shittah” (singular) ou “shittim” (plural) é, sem dúvida, a árvore de acácia,

a única árvore de madeira de qualquer tamanho considerável no deserto árabe. *Acácia tortilis* é de longe a maior e mais comum árvore no deserto em que os israelitas vagaram por 40 anos. Ela é notável no Monte Sinai e provavelmente foi a espécie usada para a mobília do tabernáculo. *A. seyal* é menos comum, pelo menos hoje. Pode crescer até 7,6 metros, e tem flores amarelas em ramos retorcidos. A madeira é de grão fino, pesada e dura, de cor marrom-alaranjada e muito valorizada na marcenaria. Os antigos egípcios prendiam caixões de múmias fechados com madeira de acácia.

Acanto (Acanthus syriacus)

O acanto, talvez referido em [Jó 30.7](#) e [Sofonias 2.9](#), é um cardo ou pequeno arbusto de cerca de 0,9 metro de altura, e é uma erva daninha comum em todos os países orientais. Tem sido usado desde tempos antigos como um modelo para as decorações de folhas ou pergaminhos na arte.

Algum (Juniperus excelsa Bieb)

A madeira do Líbano referida em [2 Crônicas 2.8](#) é provavelmente o junípero. Alguns tradutores sustentam, no entanto, que algum e almugue são variantes hebraicas para a mesma árvore ([2Cr 2.8](#)).

Veja também Almugue (abaixo).

Amendoeira (Amygdalus communis)

A amêndoia é uma árvore parecida com um pêssego com folhas pontiagudas e casca cinzenta. Cresce até uma altura de 3 a 7,6 metros. Floresce muito no início do ano; seu nome em hebraico tem suas raízes em “vigiar”. Para os judeus, era um prenúncio bem-vindo da primavera ([Jr 1.11](#)).

Almugue (Pterocarpus santalinus)

A madeira preciosa importada pelo rei Salomão usada na fabricação dos pilares do templo e para fazer harpas e saltérios ([1Rs 10.11-12](#)). Esta madeira foi trazida pelo mar de Ofir, para Eziom-Geber, perto de Elate. As autoridades modernas sugerem que Ofir, ou estava na Arábia, na Índia ou na África Oriental, perto de Moçambique. A referência a “algum” em [2 Crônicas 2.8](#) é possivelmente a esta árvore. Veja Algum (acima).

Aloé (Aloe succotrina, Aquilaria agallocha)

Majoritariamente africana, planta semelhante a um lírio do gênero Aloés, certas espécies das quais

produzem uma substância e uma fibra. Aloé é uma substância aromática mencionada na Bíblia, juntamente com mirra, bálsamo e outras plantas com fragrância ([Sl 45.8](#); [Pv 7.17](#); [Ct 4.14](#); [Jo 19.39](#)). A maioria dos estudiosos pensa que essas passagens se referem a duas plantas diferentes. A planta do AT teria provavelmente sido *Aquilaria agallocha*, pau-de-água, uma grande árvore que cresce até 36,6 metros de altura com um tronco de 3,7 metros em circunferência. É nativo do Norte da Índia, Malásia e Indochina. A madeira em decomposição possui uma alta fragrância, e como tal é altamente valorizada como perfume e incenso e para fumigação.

Acredita-se que a aloé de [João 19.39](#) seja a verdadeira aloé (*Aloe succotrina*), o suco que era usado pelos egípcios no embalsamamento. Seu cheiro, no entanto, não é muito agradável, e tem um sabor amargo. Às vezes é usado por veterinários como um medicamento para cavalos.

Maçã (Malus sylvestris)

A identificação do fruto identificado pela palavra hebraica tappuach ([Pv 25.11](#); [Ct 2.3.5](#); [7.8](#); [8.5](#)) continua a ser debatida. Na maioria das traduções em português, foi traduzido como "maçã" por causa de seu laço linguístico próximo com a palavra árabe *tuffah*. Muitos estudiosos identificam esta árvore como do damasco, questionando se as maçãs se encaixam na descrição bíblica "maçãs de ouro" e se a macieira era cultivada na antiga Palestina. Escavações recentes em Cades-Barneia, no entanto, descobriram maçãs carbonizadas, provavelmente uma maçã silvestre (*Malus sylvestris*), que data do nono século a.C. Isso certamente permitiria a plantação desta maçã ornamental nos jardins de Salomão.

Veja também Damasco (abaixo).

Damasco (Prunus armeniaca)

A identificação da palavra hebraica tappuach com o damasco continua a ser debatida. O damasqueiro produz frutos comestíveis amarelo-alaranjados e é nativo da Ásia Ocidental e da África. É abundante na Terra Santa e tem provavelmente sido assim desde os primeiros tempos bíblicos. A árvore possui a copa arredondada de casca avermelhada que cresce 9,1 metros de altura. A maioria das traduções traduz esta palavra hebraica "maçã", embora muitos estudiosos a identifiquem com o damasco por causa de suas descrições no texto bíblico (veja [Pv 25.11](#); [Ct 2.3.5](#); [7.8](#); [8.5](#); [Jl 1.12](#)).

Veja também Maça (acima).

*Freixo (*Alhagi maurorum*, *Fraxinus ornus*, *Tamarix mannifera*)*

Há vários freixos encontrados no Oriente Próximo. Um deles, o alhagi espinhoso (*Alhagi maurorum*), é um membro da família das ervilhas. É um arbusto baixo, de muitos caules e com muitos ramos que cresce cerca de três pés (0,9 metros) de altura, com galhos um pouco peludos e flores parecidas com ervilhas. Durante o calor do dia, as folhas exalam uma substância doce e pegajosa que endurece no ar e é recolhida sacudindo os arbustos sobre o tecido espalhado.

O tamarisco do maná (*Tamarix mannifera*) é um arbusto com vários ramos ou uma pequena árvore de 2,7 a 4,6 metros de altura com ramos rígidos que têm pequenas flores cor de rosa. É encontrado em desertos da Terra Santa para a Arábia e o Sinai.

O freixo de flor ou freixo de maná (*Fraxinus ornus*) é uma árvore que cresce de 4,6 a 15,2 metros de altura. Os frutos são muito semelhantes aos produzidos por nossas espécies de freixo. Acredita-se que o freixo (ou olmeiro) de [Isaías 44.14](#) (ARC) sejam o Pinheiro-de-Alepo.

*Aspen (*Populus euphratica* ou *P. tremula*)*

Qualquer uma das várias árvores do gênero *Populus* com folhas presas por pecíolos achataados de forma que tremam ou "vibrem" com o vento.

*Bálsamo (*Balanitas aegyptiaca*, *Pistacia lentisco*, *Commiphora opobalsamum*)*

Uma resina aromática oleosa exalada principalmente por árvores e arbustos tropicais e usada medicinalmente; árvores e arbustos produzem esta substância. Referências em [Gênesis 37.25](#), [Jeremias 8.22](#), [46.11](#) e [51.8](#) são pensadas para ser o bálsamo de Jericó (*balanitas aegyptiaca*) ou a lestisqueira, ou lentisco (*Pistacia lentisco*). O bálsamo de Jericó é muito comum no Egito, no Norte da África, nas planícies de Jericó e nas planícies quentes na fronteira do Mar Morto. É uma pequena planta que gosta do deserto, de 2,7 a 4,6 metros de altura, com ramos finos e espinhosos e pequenos cachos de flores verdes.

A lestisqueira ou árvore de mastique, nativa da Terra Santa, e a referência em [Gênesis 43.11](#) é provavelmente a esta planta, uma vez que a implicação é que este é um produto nativo da Terra Santa desconhecido no Egito na época. Esta árvore é um arbusto ou árvore arbustiva de 0,9 a 3 metros

de altura com folhas perenes. O “bálsamo” é uma secreção gomosa perfumada da seiva obtida através de cortes feitos no tronco e nos ramos, geralmente em agosto. Os de melhor qualidade estão na forma de lágrimas ou gotas translúcidas amarelo-branco; elas são empregadas na medicina como um adstringente. As qualidades inferiores são usadas extensivamente como verniz. As crianças no Oriente o usam como goma de mascar.

Referências a especiarias em [1Rs 10.10](#), [2Rs 20.13](#), [Cantares 3.6](#), [Isaías 39.2](#) e [Ezequiel 27.17](#) acredita-se que são o bálsamo de Gileade (*Commiphora opobalsamum*), que, apesar de seu nome, não é nativa de Gileade ou mesmo da Terra Santa, mas da Arábia, especificamente das regiões montanhosas do Iêmen. As árvores ainda existiam na planície de Jericó na época da conquista romana. Os conquistadores romanos carregavam ramos para Roma como troféus de sua vitória sobre os judeus.

Essa árvore é uma pequena árvore perene de galhos rígidos, raramente ultrapassando 4,6 metros de altura, com galhos irregulares. O “bálsamo” é obtido fazendo cortes no caule e nos ramos da árvore. A seiva logo endurece em pequenos nódulos irregulares que são coletados. A goma também é adquirida de frutas verdes e maduras.

Veja também Mirra (abaixo).

Cevada (*Hordeum distichon*)

Um cereal que produz espigas de flores com aristas e sementes comestíveis. A cevada comum (*Hordeum distichon*), a cevada de inverno (*H. hexastichon*) e a cevada da primavera (*H. vulgare*) foram produzidas em regiões temperadas do mundo desde tempos muito antigos e hoje ainda constituem um dos principais alimentos de grãos. Cevada e trigo eram as duas colheitas de cereais básicas do Egito e da Terra Santa. Sendo mais barata, a cevada era usada principalmente para alimentar o gado, embora também fosse usada por si só ou misturada com trigo e outras sementes como alimento para o homem ([Ez 4.9-12](#)). A cevada é mencionada na Bíblia mais de 30 vezes, seja como uma planta que cresce nos campos ou em referência a produtos feitos a partir dela, como farinha de cevada, bolos de cevada e pães de cevada. Como alimento comum dos pobres, a cevada também era considerada como um símbolo de pobreza e baixo valor ou inutilidade ([Os 3.2](#)).

Bdélio (*Commiphora africana*)

Uma goma resinada aromática semelhante à mirra, produzida por várias árvores do gênero *Commiphora* da África e Ásia Ocidental. A referência em [Gênesis 2.12](#) e [Números 11.7](#) a bdélio é pensada pela maioria dos estudiosos de hoje para se referir a uma resina gomosa, obtida de um arbusto, *Commiphora africana*, que cresce no Sul da Arábia e no Nordeste da África. A resina é amarelada, transparente e perfumada, e se parece com uma pérola.

Feijão (*Faba vulgaris*)

As referências em [2 Samuel 17.27-28](#) e [Ezequiel 4.9](#) são geralmente consideradas como se referindo ao feijão. Acredita-se que esta espécie, uma planta que cresce anualmente, tenha crescido originalmente no Norte da Pérsia, mas foi extensivamente plantada na Ásia Ocidental em tempos muito antigos como uma planta de alimentos. Os feijões foram encontrados nos caixões de múmias de túmulos egípcios, e eles também foram plantados pelos gregos e romanos.

Eervas amargas (*Cichorium endivia*, *Taraxacum officinale*, *Lactuca sativa*)

As “ervas amargas” de [Êxodo 12.8](#) e [Números 9.11](#) parecem ter sido plantas como endívia (*Cichorium endivia*), a chicória comum (*Cichorium intybus*), a alface (*Lactuca sativa*) ou o dente de leão comum (*Taraxacum officinale*). Essas são todas as plantas daninhas comuns no Egito moderno e na Ásia ocidental e ainda hoje são consumidas pelas pessoas que vivem lá. As folhas da alface comum do jardim são intensamente amargas quando branqueadas. Isso também é verdade do dente-de-leão comum. Outros sugerem que as ervas amargas eram derivadas de espinhos e cardos.

Espinheiro-europeu (*Lycium europaeum*)

Vários arbustos espinhosos, algumas espécies dos quais produzem flores arroxeadas e bagas de cores vivas. Acredita-se que a referência em [Juízes 9.14-15](#) seja ao espinheiro europeu ou espinheiro-do-deserto. É um arbusto espinhoso de 1,8 a 3,7 metros de altura, com folhas aglomeradas e pequenas flores violetas que eventualmente produzem pequenas bagas vermelhas globulares. É nativo e comum em toda a Terra Santa, especialmente na região do Líbano até o Mar Morto.

Buxo (*Buxus longifolia*)

A árvore de folhas longas é uma árvore perene resistente encontrada nas regiões montanhosas da parte Norte da Terra Santa, as colinas da Galileia e no Líbano. Cresce até uma altura de cerca de 6,1 metros com um tronco fino raramente com mais de 15,2 a 20,3 centímetros de diâmetro. Sua madeira é muito dura e leva um polimento fino. Foi cultivado pelos romanos por sua madeira dura, a qual eles embutiam com marfim para armários e caixões de joias. As referências bíblicas incluem [Isaías 41.19](#) e [60.13](#).

Amoreira-silvestre (*Rubus sanctus, R. ulmifolius*)

A amora-silvestre da Palestina (*Rubus sanctus*) e a amoreira-de-folha-olmo (*R. ulmifolius*) são arbustos perenes e espinhosos que se espalham por meio de brotações subterrâneas. As hastes e os brotos jovens estão cobertos com uma flor característica ou pó esbranquiçado e pelos pequenos. Os espinhos são fortes, eretos e peludos. As flores são brancas, rosa ou púrpura e a fruta é redonda e preta.

Veja também Cardo-espinhoso (abaixo).

Giesta (*Retama raetam*)

Um arbusto nativo da Eurásia. A palavra traduzida “junípero” na versão KJV não tem nada a ver com os verdadeiros juníperos, mas se refere mais a uma espécie de giesta, conhecida como giesta-branca (*Retama raetam*). Seus ramos são mais longos e flexíveis, formando um arbusto ereto e denso de 0,9 a 3,7 metros de altura. As folhas são pequenas e esparsas, mas forma uma sombra agradável em uma região desértica. As flores brancas pálidas são doces e muito perfumadas e são carregadas de cachos ao longo dos galhos. É um belo arbusto que cresce nas regiões desérticas da Palestina, Síria e Pérsia. Em muitas áreas do deserto, é o único arbusto que oferece qualquer sombra ([1Rs 19.4-5](#)).

As “raízes de junípero” de [Jó 30.4](#) não são as raízes do junípero ou da giesta branca. As raízes destes últimos dão muita náusea e não poderiam ser comidas da maneira descrita por Jó. As “raízes de junípero” de Jó eram provavelmente uma planta parasita comestível (*Cynomorium coccineum*). Esta planta cresce em pântanos salinos e areias marítimas. É frequentemente consumido em tempos de escassez de alimentos e, ao mesmo

tempo, era altamente valorizado por seu suposto valor medicinal no tratamento da disenteria.

Espinheiro-alvar (*Rhamnus palaestina*)

O espinheiro-alvar palestino é um arbusto ou pequena árvore que atinge uma altura de 0,9 a 1,8 metros com ramos aveludados, espinhosos, folhas verdes e cachos de pequenas flores florescendo em março ou abril. Cresce em matas e nas encostas da Síria e do Líbano indo da Terra Santa para a Arábia e o Sinai.

Sarça (*Acacia nilotica, Loranthus acaciae*)

Planta baixa, ramificada, lenhosa, geralmente menor do que uma árvore. Há diferenças de opinião em relação à sarça da qual o Senhor apareceu a Moisés ([Ex 3.2-4](#)). Do relato bíblico, parece mais provável que o evento tenha sido milagroso. No entanto, alguns buscam uma explicação natural e acreditam que a sarça ardente pode ter sido o visco de flor carmesim ou flor-de-círculo-de-acácia (*Loranthus acaciae*), que cresce em grande profusão como um parasita parcial nos vários arbustos de acácia, como a acácia-espinhosa (*Acacia nilotica*), na Terra Santa e no Sinai. Quando em plena floração, o visco dá ao arbusto ou à árvore a aparência de estar em chamas, porque suas flores brilhantes de cor flamejante se destacam contra a folhagem verde e as flores amarelas das plantas hospedeiras.

Ranúnculo (*Ranunculus asiaticus*)

O Ranúnculo persa é uma das flores ou ervas do campo ([Mt 6.28-30](#)). É uma planta vistosa que floresce em todas as cores brilhantes, exceto o azul, com flores duplas, às vezes medindo 5,1 centímetros de diâmetro.

Cálamo (*Acorus calamus, Andropogon aromaticus*)

Uma planta, ou sua raiz aromática; qualquer variedade de palmeiras asiáticas tropicais. Uma das plantas que cresceu no jardim de Salomão ([Ct 4.14](#)). O açoro-doce (*Acorus calamus*) e as capim-barba (*Andropogon aromaticus*) foram sugeridas como as plantas de onde veio o cálamo veio. O açoro-doce é altamente aromático e cresce na Europa e Ásia, mas não é conhecido na Terra Santa. Natural da Índia, o capim-barba é altamente odorífero quando machucado e acredita-se que tenha fornecido o cálamo da Bíblia. Produz um óleo conhecido como óleo de gengibre.

Cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*)

Acredita-se que havia duas espécies de cana-de-açúcar nativas e crescendo selvagens na Terra Santa. Uma delas, *Saccharum sara*, é conhecida por ser apenas do Líbano. A outra espécie nativa é *S. biflorum*, que cresce nas margens de valas e riachos desde a Síria e o Líbano, passando pela Terra Santa até o Sul da Arábia Pétreia e o Sinai. Esta pode ser a cana selvagem familiar aos judeus. A maioria das autoridades, no entanto, pensa que a "cana-aromática" de [Isaías 43.24](#) era a verdadeira cana-de-açúcar (*S. officinarum*). Acredita-se que esta planta tenha se originado nos trópicos do hemisfério oriental. Tem sido cultivada por pessoas desde tempos antigos e agora não é conhecida em estado selvagem em lugar nenhum. É uma planta perene alta e robusta, com aspecto semelhante ao do milho, com muitos caules articulados e uma grande inflorescência terminal plurosa.

Planta de Alcaparra (*Capparis sinula*)

Arbusto rastejante e espinhoso da região mediterrânea; o botão de flor deste arbusto. A palavra "desejo" em [Eclesiastes 12.5](#) pode realmente se referir à alcaparra. A alcaparra profusamente na Síria, no Líbano, na Terra Santa e nos Vales das Montanhas do Sinai. A planta pode às vezes crescer ereta, mas geralmente se espalha fracamente pelo chão como uma videira, cobrindo rochas, ruínas e paredes antigas como a hera. Os botões florais jovens, em conserva de vinagre, eram usados pelos antigos como um condimento para carne. O fruto também eram usadas para cozinhar.

Árvore de Alfarroba (*Ceratonia siliqua*)

Planta perene da região do Mediterrâneo com vagens comestíveis. Os estudiosos geralmente concordam que as vagens da alfarroba ou alfarrobeira eram as "vagens" (ou bolotas em algumas versões) da parábola de Jesus do filho pródigo ([Lc 15.16](#)). A alfarrobeira é uma árvore leguminosa atraente perene que é muito comum em toda a Terra Santa, Síria e Egito. As vagens são mais abundantes em abril e maio e contêm numerosas sementes semelhantes a ervilhas inseridas em uma polpa mucilaginosa agradavelmente adocicada. As vagens também são usadas abundantemente agora como elas eram na antiguidade para alimentar gado, cavalos e porcos. Em tempo de escassez, elas são usadas como alimento humano e talvez até regularmente pelas pessoas muito pobres. A alfarroba é

frequentemente mencionada no Talmude como uma fonte de boa comida para animais domésticos. As sementes da alfarroba eram anteriormente empregadas como um padrão de peso e são a fonte do termo "quilate". Alguns comentaristas sugerem que os "gafanhotos" comidos por João Batista ([Mt 3.4](#)) não eram insetos, mas o fruto da alfarrobeira.

Cássia (*Cinnamomum cassia*, *Saussurea lappa*)

Árvore da Ásia Tropical com casca semelhante, mas inferior à canela. A "cássia" de [Êxodo 30.24](#) e [Ezequiel 27.19](#) é a árvore da casca da cássia, *Cinnamomum cassia*. No [Salmo 45.8](#), a referência parece ser ao lírio indiano, *Saussurea lappa*.

Mamona (*Ricinus communis*)

Planta grande, nativa da África tropical e da Ásia, cultivada por razões ornamentais e para extração de óleo de suas sementes. A cabaceira de [Jonas 4.6-7](#) era provavelmente a mamona comum. A planta da mamona é um arbusto delicado, crescendo 0,9 a 3,7 metros de altura com folhas enormes que se assemelham à mão humana estendida. A planta de mamona é encontrada em lugares residuais, especialmente perto da água, tanto no Líbano quanto na Terra Santa, e muitas vezes é cultivada. Em climas quentes, torna-se semelhante a uma árvore e proporciona uma sombra densa pela abundância de suas enormes folhas semelhantes a um guarda-chuva. É conhecida no Oriente pela rapidez de seu crescimento. O óleo extraído das sementes da mamona era usado pelos judeus em ritos cerimoniais e é mencionado entre os cinco tipos de óleo que a tradição rabínica sancionava para tal uso. As próprias sementes são venenosas quando comidas.

Cedro (*Cedrus libani*)

Qualquer uma das várias árvores perenes coníferas do gênero nativo do mundo antigo. Com poucas exceções, as referências a "cedro" são ao conhecido cedro do Líbano. Esta é uma árvore nobre, a mais alta e mais volumosa com a qual os israelitas estavam familiarizados. Cresce muito rapidamente, atingindo uma altura de até 36,6 metros com um diâmetro de tronco de até 2,4 metros. Nos dias de Salomão, essas árvores eram obviamente abundantes nas montanhas do Líbano, mas agora, devido ao desmatamento excessivo, elas são muito raras. O cedro do Líbano era altamente estimado não apenas por seu vigor, beleza e longevidade, mas também pela fragrância e qualidades

duradouras notáveis da madeira. Simboliza grandeza, poder, majestade, dignidade, estatura elevada e ampla expansão. As referências em [Ezequiel 17.3,22–24](#) e [31.3–18](#) ilustram com beleza como esses reis elevados da floresta simbolizam e tipificam a força, poder e glória mundana.

*Chicória (*Cichorium intybus*)*

Veja Ervas Amargas (acima).

*Canela (*Cinnamomum zeylanicum*)*

Duas variedades de árvores deste gênero, nativas da Ásia tropical, com casca aromática que, quando moída, é usada como especiaria. A canela de [Êxodo 30.23](#), [Provérbios 7.17](#), [Cantares 4.14](#) e [Apocalipse 18.13](#) é, sem dúvida, *Cinnamomum zeylanicum*. A árvore é relativamente baixa, nunca alcançando mais de 9,1 metros de altura, com uma casca lisa de cor cinza-claro e ramos espalhados e flores brancas. Suas folhas perenes brilhantes e desenhadas de forma muito bela crescem cerca de 22,9 centímetros de comprimento e 5,1 centímetros de largura.

Os judeus sempre consideravam a canela como uma substância extremamente cheirosa e a valorizavam altamente como uma especiaria e um perfume. Era um dos principais ingredientes usados na fabricação dos unguentos preciosos, ou “óleo santo”, que Moisés recebeu ordem de usar no tabernáculo para ungir os vasos sagrados e officiar os sacerdotes. Era, sem dúvida, muito caro e precioso.

*Árvore de cidra (*Tetraclinis articulata*)*

Árvore nativa da Ásia tendo fruto semelhante a limão com uma casca espessa e com fragrância. Raramente excede uma altura de 9,1 metros e tem madeira dura, de cor escura, resistente e aromatizada que leva um polimento fino. A madeira era uma das mais valorizadas pelos antigos, que a utilizavam extensivamente na marcenaria. Era comumente referida como valendo seu peso em ouro. A madeira, devido às suas propriedades resinosas, é lenta para apodrecer e permanece praticamente intacta aos insetos.

*Coentro (*Coriandrum sativum*)*

As referências em [Êxodo 16.31](#) e [Números 11.7](#) são claramente à planta de coentro comum. O coentro era encontrado com bastante frequência crescendo junto com grãos em campos cultivados por toda a

Terra Santa. Cresce silvestre no Egito e foi usado pelos antigos tanto como condimento quanto como um medicamento. As folhas, bem aromáticas, são usadas em sopas e para aromatizar pudins, caril e vinhos. O coentro ainda é usado hoje como especiaria pelos árabes. Nas Escrituras, só é mencionado em vínculo com o maná, que diziam se assemelhar a sementes de coentro em tamanho, forma e cor.

*Algodão (*Gossypium herbaceum*)*

Qualquer uma das várias plantas ou arbustos deste gênero cresceu em climas quentes pela suave fibra branca ligada às suas sementes e pelo óleo dessas sementes. O “verde” da versão KJV em [Ester 1.6](#) é, sem dúvida, uma referência ao algodão do Levante (*Gossypium herbaceum*) que foi plantado desde tempos antigos no Extremo Oriente. Alexandre, o Grande, o trouxe de volta da Índia. É provável que os judeus se familiarizaram com o algodão durante o período de seu cativeiro persa sob o rei Assuero.

*Pepino (*Cucumis chate, C. sativus*)*

O pepino é uma trepadeira ou planta rasteira, a origem é desconhecida. Tem sido cultivado em todos os países quentes do mundo antigo desde os tempos pré-históricos. Pepinos são geralmente consumidos crus; um pepino e um bolo de cevada ou algum outro tipo de pão frequentemente constituem uma refeição. A referência a “um abrigo em um jardim de pepinos” ([Is 1.8](#)) refere-se à pequena casa ou abrigo rudimentar frequentemente montado em campos de pepinos e vinhedos palestinos.

*Cominho (*Cinum cymimum*)*

As referências em [Isaías 28.25–27](#) e [Mateus 23.23](#) são claramente para o cominho — uma planta comum que cresce anualmente da família da cenoura que se acredita ser nativo do Egito e da região do Mediterrâneo Oriental. Há muito tempo é cultivado por suas sementes poderosamente aromáticas e pontiagudo, que são semelhantes às sementes de alcarávia, mas maiores. Eles não têm um gosto tão agradável quanto as sementes de alcarávia, no entanto, eram usadas extensivamente para dar sabor ou como especiaria e às vezes eram até misturadas com farinha na confecção do pão. Cominho também era usado medicinalmente e como um condimento para peixes e carnes.

Cipreste (*Cupressus sempervirens horizontalis*)

O cipreste é uma árvore perene maciça e de alto crescimento com folhas em forma de escama, amplamente distribuída nas regiões montanhosas da Terra Santa. No Monte Líbano e no Monte Hermon, cresce junto com o cedro e o carvalho. Sua altura geralmente é de 15,2 a 18,3 metros, mas pode crescer até 24,2 metros. Diz-se que foi usado extensivamente na construção naval pelos fenícios, cretenses e gregos. Há um consenso geral de que a "madeira de Gófer" de [Gênesis 6.14](#) é cipreste porque a madeira é muito durável.

Dente de leão (*Taraxacum officinale*)

Veja Ervas Amargas (acima).

Joio (*Lolium temulentum*)

É geralmente aceito que o "joio" em [Mateus 13.24-30](#) é o joio que cresce anualmente ou cizânia barbuda. É uma gramínea robusta que se assemelha muito ao trigo ou ao centeio em aparência. As sementes são muito menores do que as de trigo ou centeio, mas é extremamente difícil distingui-lo do trigo ou centeio em seus estágios iniciais. Se não for removido cedo, mas for deixado até o momento da colheita, é cortado com o trigo e posteriormente são muito difíceis de separar os dois. As sementes são venenosas, seja devido a alguns produtos químicos naturalmente presentes ou por causa de um fungo que cresce dentro das sementes.

Endro (*Anethum graveolens*)

Endro é uma planta que cresce anualmente parecida com a salsa e a erva-doce, possuindo de 30,5 a 50,8 centímetros de altura com flores amarelas. A referência em [Mateus 23.23](#) que a KJV em inglês traduz por "anise" é provavelmente uma referência ao endro. Esta planta é muito cultivada para sementes que são aromáticas e também usada para alívio de gases intestinais ou estomacais.

Ébano (*Diospyros ebenaster, D. ebenum, D. melanoxylon*)

Árvore principalmente tropical do Sul da Ásia com cerne duro e colorido. Ébano vem da ameixeira (*Diospyros ebenaster* e *D. melanoxylon*) da Índia e é bem diferente da tamareira. Foi enviado por navios fenícios através do Mar Arábico e até o Mar Vermelho para o mercado em Tiro, do qual era transportado por caravanas de camelos por terra.

A madeira externa dessas árvores é branca e macia, mas quando velha, a madeira interior se torna dura, escura, pesada e durável constituindo a maior parte do valioso ébano do comércio. O ébano adquire um polimento fino e é altamente valorizado para marcenaria, para tornearia, para a fabricação de artigos ornamentais e instrumentos, e como verniz para outras madeiras.

Ezequiel menciona marfim e ébano juntos ([Ez 27.15](#)). O ébano era e ainda é frequentemente adornado com marfim, com o qual contrasta tão marcantemente em cor.

Endívia (*Cichorium endivia*)

Veja Ervas Amargas (acima).

Figo, Figueira (*Ficus carica*)

Qualquer uma das várias árvores ou arbustos deste gênero, nativos da região do Mediterrâneo; seu fruto comestível. O figo comum, mencionado cerca de 60 vezes na Bíblia, é uma das plantas bíblicas mais importantes. Suas folhas são mencionadas primeiro em [Gênesis 3.7](#). O figo é geralmente considerado como nativo do Sudoeste da Ásia e da Síria, mas já nos primeiros tempos também era plantado extensivamente no Egito e na Terra Santa, onde era um dos principais alimentos. [Primeiro de Samuel 25.18](#) afirma que uma parte do presente enviado por Abigail a Davi consistia em 200 bolos de figos.

A figueira tem um tipo muito peculiar de fruto chamado de sicônio, que, na verdade, é um receptáculo bem largo e pulposo. É polinizada por uma vespa, sem a qual não pode obter seus frutos; isso foi descoberto quando foi transplantado pela primeira vez para a Califórnia.

A figueira coloca seus primeiros brotos de frutas antes de suas folhas, a primeira em fevereiro e a última em abril ou maio. Quando as folhas saem, o fruto deve estar maduro ([Mt 21.19](#)).

Sempre que os profetas da antiguidade repreendiam o povo por sua maldade, eles muitas vezes ameaçavam que a videira e as plantações de figo seriam destruídas. E quando eles sustentaram a promessa de grandes recompensas, eles disseram que a videira e a plantação de figo seriam restauradas ([Jr 8.13; Os 2.12; Jl 1.7,12; Mq 4.4; Zc 3.10](#)).

Árvore de abeto (*Abies cilicica*)

Esta é uma designação genérica para várias árvores perenes que possuem agulhas planas e cones eretos. Com toda a probabilidade, a maioria das referências nas Escrituras ao abeto são referências ao pinho, cipreste ou junípero. O único abeto verdadeiro na Terra Santa cresce nas partes mais altas do Líbano e nas montanhas para o Norte. Ela atinge uma altura de 9,1 a 22,9 metros e é amplamente cultivada.

Linho (*Linum usitatissimum*)

Qualquer uma das várias plantas deste gênero, sendo uma particularmente cultivada em larga escala pelo óleo de linhaça de suas sementes e pelas finas fibras têxteis de seus caules. O linho é a fibra têxtil mais antiga conhecida. O algodão é identificado apenas uma vez na Bíblia ([Et 1.6](#)). Não há menção de qualquer outra planta de fibra sendo cultivada no Egito ou na Terra Santa nos tempos bíblicos, e por esse motivo acredita-se que o linho era o material do qual eram feitas as roupas além das de lã. O linho também era usado para fins domésticos, como toalhas ([Jo 13.4-5](#)), guardanapos ([11.44](#)), cinto e roupas íntimas ([Is 3.23; Mc 14.51](#)), redes ([Is 19.8-9](#)) e linhas de medição ([Ez 40.3](#)). Os sacerdotes que serviam no templo deveriam usar apenas roupas de linho; uma mistura de lã e linho era estritamente proibida aos judeus ([Lv 19.19; Dt 22.11](#)).

Havia pelo menos três tipos de linho eram usados nos tempos bíblicos, e aparentemente havia usos específicos para cada tipo. Linho comum de textura mais grossa é mencionado em [Levítico 6.10](#), [Ezequiel 9.2](#), [Daniel 10.5](#) e [Apocalipse 15.6](#). O segundo tipo de linho de qualidade superior é mencionado em [Êxodo 26.1](#) e [39.27](#). Um terceiro tipo de linho de melhor textura e preço é mencionado em [1 Crônicas 15.27](#), [Ester 8.15](#) e [Apocalipse 19.8](#).

A planta comum de linho cresce de 0,3 a 1,2 metros de altura, com um caule simples, fino e semelhante a um fio, e numerosas pequenas folhas verdes em forma de lança. O fracasso da colheita de linho é listado como uma das punições de Deus ([Os 2.9](#)). A fabricação de linho a partir de fibras de linho era uma indústria doméstica de mulheres judias ([Pv 31.13.19](#)), abrangendo desde roupas comuns até as vestes e aventais usados pelos sacerdotes e atendentes do templo. O linho também era usado para pavios em lâmpadas ([Is 42.3](#)).

Olíbano (*Boswellia*)

Resina de gênero aromático usada principalmente como incenso. Olíbano é obtido de três espécies de um único gênero de plantas que crescem no Sul da Arábia, Etiópia, Somalilândia, Índia e as Índias Orientais. As árvores são bem grandes, relacionadas às árvores de terebintina ou terebinto e às que produzem bálsamo e mirra. A goma tem um sabor amargo e emite um odor forte na forma de um óleo volátil quando aquecida ou queimada. É obtido por cortes sucessivos na casca do tronco e nos ramos das árvores vivas. Acredita-se que os hebreus importavam todo o seu incenso da Arábia, especialmente da região de Sabá.

O olíbano é mencionado 21 vezes na Bíblia (por exemplo, [Êx 30.34](#); [1Cr 9.29](#); [Ne 13.9](#); [Ct 3.6](#); [4.6.14](#); [Mt 2.11](#); [Ap 18.13](#)) e foi provavelmente empregado quase exclusivamente nos serviços sacrificiais do tabernáculo e do templo até o tempo de Salomão. Tem sido a resina de incenso mais importante no mundo.

Gálbano (*Ferula galbaniflua*)

Gálbano é uma resina gomosa amarelada ou acastanhada, malcheirosa que contém a substância química umbeliferona, obtida de várias espécies de plantas relacionadas com o funcho, nativas da Síria e da Pérsia. A goma é uma exsudação natural do caule ou é obtida fazendo uma incisão transversal no caule jovem a poucos centímetros acima do solo. O líquido enbranquiçado logo endurece e forma um dos tipos de gálbano comercial. Seu odor é fortemente balsâmico, pungente e desagradável quando queimado. Gálbano era um dos ingredientes usados para formar o “incenso santo” ([Êx 30.34](#)).

Alho (*Allium sativum*)

Veja Cebola (abaixo).

Cabaça-Selvagem (*Citrullus colocynthis*)

Há uma diferença considerável de opinião sobre o significado das palavras traduzidas “cabaças selvagens” ([2Rs 4.39](#)) ou “fel” ([Dt 29.18](#); [32.32](#); [Sl 69.21](#); [Jr 8.14](#); [9.15](#); [23.15](#); [Lm 3.5.19](#); [Am 6.12](#); [Mt 27.34](#); [Atos 8.23](#)). A maioria dos estudiosos hoje acredita que a planta referida era a colocíntida, uma videira semelhante a um pepino que rasteja no chão ou se enrola em arbustos e cercas. A fruta contém uma polpa macia e esponjosa, que é intensamente amarga, fortemente catártica e às vezes venenosa.

Sebe (Rhamnus palaestina, Balanites aegyptiaca, Lycium europaeum)

Fileira de arbustos plantados ou árvores de baixo crescimento formando uma cerca, ou divisa. Uma série de plantas era usada para fornecer sebes nos tempos bíblicos. Um deles era o espinheiro da Palestina, *Rhamnus palaestina*. Esta planta é um arbusto ou uma pequena árvore que cresce de 0,9 a 1,8 metros de altura com ramos aveludados, espinhosos, folhas verdes e cachos de pequenas flores florescendo em março e abril. Cresce em matas e nas encostas da Síria passando pela Terra Santa até a Arábia e o Sinai. O bálsamo de Jericó (*Balanites aegyptiaca*) e o espinheiro europeu (*Lycium europaeum*) também são arbustos espinhosos amplamente usados como sebes na Terra Santa e podem ser as plantas mencionadas em [Provérbios 15.19](#) e [Oseias 2.6](#).

Hena (Lawsonia inermis)

Árvore ou arbusto da Ásia e do Norte da África com flores e folhas aromatizadas avermelhadas ou brancas e que contêm um corante vermelho. A planta mencionada em [Cantares 1.14](#) e [4.13](#) segundo os estudiosos se refere à hena. É uma planta nativa do Norte da Índia e cresce selvagem no Sudão, Egito, Arábia, Síria, Líbano e a Terra Santa. Cresce de 1,2 a 3,7 metros de altura, e seu aroma é semelhante ao das rosas.

As folhas de hena são secas, esmagadas em pó, misturadas com água e transformadas em uma pasta que tem sido usada desde tempos antigos como cosmético. Muitas múmias foram encontradas decoradas com hena. A hena era usada para fornecer uma cor amarela brilhante, laranja ou vermelha para as unhas das mãos e dos pés, as pontas dos dedos, as palmas das mãos e as solas dos pés de meninas jovens. Os homens também o usavam para colorir suas barbas e as crinas e caudas dos cavalos. O corante tinha que ser renovado uma vez a cada duas ou três semanas. Este uso da hena como um cosmético era comum no Egito na época em que os filhos de Israel estavam lá como escravos; eles estavam, sem dúvida, familiarizados com ela.

Jacinto (Hyacinthus orientalis)

O lírio mencionado em [Cantares 2.1-2.16](#); [4.5](#); e [6.2-4](#) pode muito bem ser o jacinto de jardim. É nativo, e muito comum em campos e lugares rochosos na Terra Santa, no Líbano e em direção ao Norte. Suas flores na forma selvagem são sempre de azul profundo e muito cheirosas.

Veja também Lírio (abaixo).

Hissopo (Origanum maru)

Planta lenhosa nativa da Ásia com espinhos de pequenas flores azuis e folhas aromáticas usadas para condimento e em perfumaria. Há pouca concordância entre botânicos quanto à identificação exata do “hissopo” bíblico. Alguns sugeriram *Hissopus officinalis*, a erva de jardim bem conhecida agora chamada hissopo. No entanto, esta planta não é nativa da Terra Santa ou do Egito, sendo encontrada apenas no Sul da Europa. Além disso, não se encaixa nos requisitos da planta bíblica.

O “hissopo” do AT é provavelmente a manjerona síria ou egípcia (*Origanum maru*). É mencionado em [Êxodo 12.22](#); [Levítico 14.4-6.52](#); [Números 19.6,18](#); [1Reis 4.33](#); [Salmo 51.7](#); e [Hebreus 9.19](#). As manjeronas são mentas que crescem (sob condições favoráveis) com cerca de 0,6 a 0,9 metro de altura, mas mais frequentemente são anãs quando crescem em fendas e paredes rochosas (cf. [1Rs 4.33](#)). Uma substância aromática é obtida das folhas trituradas e secas. Se reunidos em um feixe com folhas e flores, os caules peludos da manjerona segurariam o líquido muito bem e fariam um excelente borrifador.

O hissopo mencionado no relato da crucificação no NT ([Jo 19.29](#)) é provavelmente o sorgo, uma planta de cereais alta cultivada principalmente para comida, mas também usada para escovas e esfregões.

Junípero (Juniperus)

Variedade de árvore ou arbusto perene. A planta mencionada em [Jeremias 17.6](#) e [48.6](#) traduzida na KJV é provavelmente o junípero sabino ou fenício. O junípero fenício, *Juniperus phoenicia*, é encontrado nas colinas e lugares rochosos da Arábia. O junípero sabino, *J. sabina*, é comum nos desertos, planícies e lugares rochosos da Síria e da Palestina. Essas referências são ao cedro de frutos marrons, ou cedro afiado.

Loureiro (Laurus nobilis)

Arbusto ou árvore nativa da região do Mediterrâneo. Embora a referência no [Salmo 37.35](#) possa ser ao cedro do Líbano, a maioria dos estudiosos associa à “árvore frondosa” (KJV) do salmista ao loureiro, um nativo da Terra Santa, habitando matas e bosques da costa até a zona

montanhosa média. É uma árvore perene que atinge uma altura de 12,2 a 18,3 metros.

Mesmo que a árvore seja abundante no Monte Carmelo e ao redor de Hebron, geralmente não é comum na Terra Santa. Suas folhas ainda são usadas como condimento, e seus frutos, folhas e casca têm sido usados na medicina.

*Alho-poró (*Allium porrum*)*

Veja Cebola (abaixo).

*Lentilha (*Lens esculenta*)*

A planta da lentilha a que [Gênesis 25.29–34](#), [2 Samuel 17.27–29, 23.11](#) e [Ezequiel 4.9](#) se referem é uma planta pequena, ereta que cresce anualmente e é semelhante a uma erva com hastes finas e folhas de gavinhas. Produz flores pequenas, brancas e listradas de violetas com vagens achataadas, semelhantes a ervilhas, onde as lentilhas são produzidas.

*Alface (*Lactuca sativa*)*

Veja Ervas Amargas (acima).

*Lírio (*Lilium*)*

Qualquer uma das várias plantas do gênero *Lilium* tendo flores grandes, de várias cores, em forma de trombeta; e plantas relacionadas. O lírio é uma das plantas mais famosas de toda a Bíblia, mas também é uma sobre a qual houve opiniões divergentes. Parece provável que vários tipos de plantas, talvez cinco ou seis, sejam chamados de lírios na Bíblia. A maioria das autoridades considera a anêmona da Palestina ou flor-do-vento, *Anemone coronaria*, como o "lírio do campo" ([Mt 6.28](#), ARC) que superou Salomão em toda a sua glória. Essas flores são encontradas em todas as partes da Terra Santa em abundância; as formas mais comuns são escarlates ou amarelo, mas a anêmona da Palestina também pode ser azul, roxa, rosa ou branca. A flor possui um diâmetro de aproximadamente 7 centímetros.

Uma sugestão alternativa é a camomila palestina, *Anthemis palaestina*, uma planta comum, branca e semelhante à margarida. A camomila é colhida como capim seco e jogada na fornalha quando seca.

Outra planta proposta é *Lilium chalcedonicum*, o Escarlate ou Lírio-martagão. A declaração em [Cantares 5.13](#) — "seus lábios como lírios" — se encaixaria melhor nesta planta do que a anêmona da Palestina. A referência é aparentemente a uma

planta rara de beleza excepcional. O lírio escarlate é raro na Terra Santa; de fato, alguns botânicos duvidam que ele viva lá.

As referências em [1 Reis 7.19,22,26](#) e [2 Crônicas 4.5](#) são provavelmente ao lírio d'água, *Nymphaea alba*, que serviu como padrão. O lírio d'água é bastante comum na Europa e também na Terra Santa e no Norte da África.

*Arbusto de Lótus (*Zizyphus lotus*)*

As "árvores sombrias" de [Jó 40.21–22](#) (ARC: cf. ARA "lotos") podem se referir ao arbusto de lótus do Oriente Médio, *Zizyphus lotus*, um arbusto ou árvore baixa que cresce até uma altura de cerca de 1,5 metros com ramos lisos, em zigue-zague e esbranquiçados.

Outros comentaristas acreditam que as árvores sombreadas de Jó são árvores de folhas grandes, como a plátano, *Platanus orientalis*, ou o oleandro, *Nerium oleander*. Esta sugestão é baseada na afirmação de que o animal descrito em [Jó 40](#) é o hipopótamo, e parece improvável que o hipopótamo vivesse sob um arbusto de lótus ou até mesmo fosse encontrado em lugares onde este arbusto cresce. Esses indivíduos consideram a plátano ou o oleandro como mais provável.

*Malva (*Atriplex*)*

A palavra hebraica usada em [Jó 30.4](#) implica em salinidade, e por esta razão os botânicos acreditam que se refere a uma das espécies da salicornia ou erva-armola. Vinte e uma espécies de salicornia ocorrem na Terra Santa, quase todas as quais são comuns e poderiam muito bem atender aos requisitos do texto. *Atriplex halimus* é a espécie geralmente sugerida, um arbusto vigoroso e ramificado, relacionado ao espinafre.

*Mandrágora (*Mandragora officinarum*)*

A mandrágora é uma planta perene herbácea sem caule, relacionada à beladona, à batata e ao tomate. Tem uma raiz grande, semelhante a uma beterraba, muitas vezes bifurcada do topo da qual surgem muitas folhas pretas com cerca de 30,5 centímetros de comprimento e 10,2 centímetros de largura. A planta é sutilmente venenosa, e as raízes espessas têm uma semelhança em forma com as partes inferiores do corpo humano. Por esta razão, certas propriedades afrodisíacas foram atribuídas a ela (cf. [Gn 30.14–16](#)).

A mandrágora (chamada por alguns de "maçã do amor") era uma planta comum em campos

desertos em toda a Terra Santa. É nativa de toda a região mediterrânea, sul da Europa e Ásia Menor. A mandrágora é mencionada em [Cantares 7.13](#), embora alguns estudiosos acreditem que o escritor possa, na verdade, estar se referindo ao citrão ou ao cogumelo comum do campo, *Agaricus campestris*.

Melão (Cucumis melo, Citrullus vulgaris)

Qualquer uma das variedades dessas duas videiras relacionadas que possuem casca dura e polpa suculenta. Os melões de [Números 11.5](#) podem ser o melão comum (*Cucumis melo*) ou a melância (*Citrullus vulgaris*). Pode ser que ambos os frutos sejam mencionados.

Milheto (Panicum miliaceum)

Um capim cultivado na Eurásia para sua semente comestível. As sementes de milheto são as menores de todas as sementes colhidas como alimento, mas são produzidas em grande quantidade. Milheto é um capim que cresce todo ano e é raramente maior do que 0,6 metro de altura. As pequenas sementes do milheto são usadas em bolos e comidas cruas pelos pobres da terra.

Menta (Mentha)

Qualquer uma das diversas plantas desta família com folhagem aromática que é processada para dar sabor. Algumas mentas são comuns na Terra Santa, mas a hortelã-silvestre (*Mentha longifolia*) é provavelmente a mencionada em [Mateus 23.23](#) e [Lucas 11.42](#). As mentas eram utilizadas pelos antigos hebreus, gregos e romanos para dar sabor, como medicamentos e como condimento na culinária.

Amoreira-negra (Morus nigra)

Qualquer árvore desta família, algumas produzindo frutos de cor roxo-escuro e uma produzindo frutos brancos, cujas folhas são usadas como alimento para bichos-da-seda. A "figueira brava" de [Lucas 17.6](#) (NTLH) é, evidentemente, a amoreira-preta, *Morus nigra*. É uma árvore de crescimento baixo, com copa densa e ramos rígidos, que chega a ter de 7,3 a 10,7 metros de altura, embora raramente ultrapasse 9,1 metros de altura. Originalmente nativa do Norte da Pérsia, agora é plantado em todo o Oriente Médio por seus frutos. A espécie chinesa ou india, *M. alba*, até recentemente era amplamente cultivada na Síria e na Terra Santa, mas não é nativa daquela região.

*Mostarda (*Brassica nigra*, *B. arvensis*)*

Várias plantas deste gênero são nativas da Eurásia, algumas das quais são produzidas por suas sementes comestíveis. Embora haja discordância sobre a identificação da "mostarda" de [Mateus 13.31-32](#), [17.20](#), [Marcos 4.31](#), [Lucas 13.19](#) e [17.6](#), geralmente acredita-se que seja a mostarda-preta comum, *Brassica nigra*.

A mostarda à qual Jesus se refere pode ser a mostarda-dos-campos ou mostarda-selvagem, *B. arvensis*, que normalmente cresce de 0,3 a 0,9 metro de altura. Alguns sugeriram que era, na verdade, *Salvadora persica*, encontrada em matas ao redor do Mar Morto. A planta tem um sabor aromático agradável que lembra o da mostarda, e se for consumida em quantidade considerável, produzirá uma irritação do nariz e nos olhos semelhante à da mostarda comum. No entanto, esta planta não cresce tão ao Norte quanto a Galileia, e os frutos são bem grandes e pedregosos, assim, dificilmente se encaixam na descrição da parábola.

Embora as sementes de mostarda não sejam as menores conhecidas, provavelmente eram as menores familiarizadas com o povo comum que compunha a audiência de Jesus na Galileia.

*Mirra (*Commiphora myrrha*, *C. kataf*)*

Arbusto ou árvore que exala uma resina de goma aromática usada em perfume e incenso. A maioria das referências nas Escrituras a mirra são a *Commiphora myrrha*, embora *C. kataf* também possa estar envolvida, uma vez que cresce na mesma região e é semelhante. As duas árvores são nativas da Arábia, Etiópia e a Costa da Somália do Leste da África. Elas produzem uma exsudação gengival que constitui a maior parte da mirra do comércio. Ambas as espécies são arbustos ou árvores, baixas, densas e de ramos rígidos e espinhosos que crescem em locais rochosos, especialmente em colinas de calcário. No Oriente, é muito valorizada como uma substância aromática, perfume e medicamento. Os antigos egípcios o queimaram em seus templos e embalsamaram seus mortos com isso; os judeus também o usavam para embalsamar ([Jo 19.39](#)). Os hebreus tinham-na em alta estima como um perfume ([Sl 45.8](#)).

*Murta (*Myrtus communis*)*

A árvore de murta é comum na Terra Santa, especialmente ao redor de Belém, Líbano, Hebron e as encostas do Monte Carmelo e do Monte Tabor. É nativa do Oeste da Ásia e, em ambientes

favoráveis, cresce até se tornar uma pequena árvore perene, com 6,2 a 9,1 metros de altura. Mais frequentemente, no entanto, é um arbusto com 0,5 a 1,2 metros de altura.

Na Bíblia, a murtá é mencionado principalmente como um símbolo da generosidade de Deus. Ramos de árvores de murtas foram incluídos entre aqueles que Neemias ordenou que fossem reunidos para a Festa dos Tabernáculos ([Ne 8.15](#)). A murtá não simbolizava apenas a paz, mas também a justiça.

Narciso (Narcissus tazetta)

Planta amplamente cultivada desta família com folhas estreitas e geralmente flores brancas ou amarelas, com uma coroa em forma de taça ou de trombeta. O polyanthus narciso (*Narcissus tazetta*) parece ser a planta mencionada em [Isaías 35.1](#). Este narciso cresce abundantemente nas Planícies de Saron e em outros lugares na Palestina. Possuindo um aroma doce, é um grande favorito.

Nardo (Nardostachys jatamansi)

O nardo é uma erva perene com raízes fortes e agradavelmente cheiroso. Ela é nativa de altitudes elevadas no Himalaia, e sua distribuição se estende dali até a Ásia Ocidental. As raízes e os jovens talos lanosos em forma de espiga são secos antes das folhas se desdobrarem e são usados para fazer perfume. Ainda é usado na Índia como um perfume para o cabelo, e há todas as razões para acreditar que o nardo das Escrituras ([Ct 1.12](#); [4.13-14](#); [Mc 14.3](#); [Jo 12.3](#)) veio originalmente da Índia.

Urtiga (Urtica)

Planta deste gênero com folhas dentadas cobertas por pelos que expelem uma sensação de irritação. Quatro espécies de urtiga são encontradas na Terra Santa: a urtiga comum ou grande, *Urtica dioica*; a urtiga-romana, *U. pilulifera*; a pequena urtiga, *U. urens*; e *U. caudata*, que é semelhante à pequena urtiga. Algumas urtigas atingem uma altura de 1,5 a 1,8 metros. Elas são pragas comuns de terrenos baldios e campos. Elas frequentemente são vistas ocupando terrenos que antes eram cultivados, mas que desde então foram negligenciados ([Is 34.13](#); [Os 9.6](#)).

Flor de noz-moscada (Nigella sativa)

Os “endros” de [Isaías 28.25-27](#) (NTLH) são provavelmente a flor de noz-moscada, uma planta que cresce anualmente da família das ranunculáceas. A planta cresce selvagem no sul da

Europa, Síria, Egito, norte da África e outras terras do Mediterrâneo, onde é extensivamente plantada por suas sementes aromáticas fortemente picantes semelhantes à pimenta. Essas sementes são polvilhadas sobre alguns tipos de pão e bolos no Oriente e são usadas para dar sabor ao carril e outros pratos na Terra Santa e no Egito. Cominho e flor de noz-moscada ainda são colhidos na Terra Santa da mesma maneira descrita por Isaías.

Carvalho (Quercus)

Pelo menos cinco espécies de carvalhos são encontradas na Palestina. Um deles é o carvalho-quermes (*Quercus coccifera*), o hospedeiro do inseto *Coccus ilicis*, que produz o corante escarlata usado na coloração de linho e lã ([Gn 38.28-30](#); [Êx 25.4](#); [26.1](#); [28.33](#); [35.23](#); [39.24](#); [Lv 14.4-6,51-52](#); [Nm 19.6](#); [2Cr 2.7,14](#); [3.14](#); [Is 1.18](#); [Hb 9.19](#); [Ap 18.12](#)). O carvalho-quermes cresce de 1,8 a 10,7 metros de altura e é encontrado nas regiões montanhosas da Síria, do Líbano e da Terra Santa. Quando cresce sozinho, o carvalho-quermes muitas vezes se torna uma grande árvore. Era regularmente plantado aos túmulos no Oriente. O carvalho sempre foi respeitado e até venerado nos tempos bíblicos por seu grande tamanho e força, e homens importantes eram geralmente enterrados em sua sombra. O carvalho de Abraão em Hebrom é um exemplo.

Um segundo carvalho é o carvalho-valônia (*Q. aegilops*), talvez o carvalho de [Isaías 2.13](#) e [44.14](#). É comum nas zonas montanhosas médias e provavelmente era abundante na área ao redor de Basã. Acredita-se que o carvalho de [Gênesis 35.4,8](#) tenha sido a azinheira (*Q. ilex*), um carvalho perene que cresce até uma altura de 18,3 metros. Ainda outro carvalho é *Q. lusitanica*, o carvalho-cipreste, uma pequena árvore caducifólia raramente com mais de 6,1 metros de altura. As bolotas muito grandes desta árvore às vezes eram consumidas.

A palavra traduzida por “planície” (KJV) em [Gênesis 12.6](#), [13.18](#), [14.13](#) e [18.1](#) provavelmente deveria ser traduzida por “carvalho”.

As muitas referências a “bosque” (ARC) ou “poste-ídolo” (ARA) no AT, geralmente em conexão com a adoração de Baal ou outros deuses pagãos ([Êx 34.13](#); [Dt 16.21](#); [Jz 3.7](#); [1Rs 14.23](#); [18.19](#); [2Rs 17.16](#)), provavelmente eram bosques de carvalhos sagrados.

Oleastro (*Elaeagnus angustifolia*)

Pequena árvore eurasiática com folhas oblongas prateadas, flores esverdeadas e frutos semelhantes a azeitonas. Há dúvidas sobre a qual árvore é mencionada quando [1 Reis 6.23,31–33](#) e [Crônicas 27.28](#) se referem a “oliveiras”. A mesma palavra ocorre em [Isaías 41.19](#) e [Miquéias 6.7](#). A planta mencionada provavelmente é oleastro com folhas estreitas (*Elaeagnus angustifolia*), uma pequena árvore de ramos rígidos ou arbusto elegante que cresce de 4,6 a 6,1 metros de altura, comum em todas as partes da Terra Santa, exceto no Vale do Jordão. Ao mesmo tempo, era muito comum no Monte Tabor e em Hebron e Samaria. A madeira é dura e de grão fino e, portanto, bem adequada para esculpir imagens e figuras. O óleo que produz é um tipo bastante inferior usado em medicação, mas não para comida; esse pode ser o óleo de [Miquéias 6.7](#).

Oleandro (*Nerium oleander*)

Qualquer arbusto perene venenoso deste gênero que cresce em climas quentes. Uma das sugestões para as plantas identificadas como “rosas” em várias traduções ([Eclo 24.14](#), KJV em inglês - Apócrifos) é o oleandro. Esta planta, originalmente nativa das Índias Orientais, foi plantada nas regiões quentes do mundo por centenas de anos. Floresce na Terra Santa hoje e forma matagais densos em algumas partes do Vale do Jordão. Geralmente é um arbusto de 0,9 a 3,7 metros de altura. Cada parte da planta é perigosamente venenosa.

Oliveira (*Olea europaea*)

Árvore perene semitropical do mundo antigo que produz frutos comestíveis. A oliveira, *Olea europaea*, era, inquestionavelmente, uma das árvores mais valiosas conhecidas pelos judeus. Há inúmeras referências a ele nas Escrituras, bem como ao azeite, que era usado para a unção. A árvore é bastante comum na Terra Santa e, em muitos lugares, é a única árvore de tamanho substancial. Os ramos da oliveira silvestre são bastante rígidos e espinhosos, e a árvore típica vegetada é uma árvore vegetal multiramificada de 6,1 metros de altura, com um tronco retorcido e uma casca lisa e cor cinza-claro. As folhas são coriáceas e as flores são pequenas, amarelas ou brancas. Os frutos são grandes, pretos ou violetas, amadurecendo em setembro, e são as partes externas carnudas da fruta que produzem o valioso azeite comercial. Trinta e um por cento do fruto maduro é óleo. O fruto maduro é consumido cru,

assim como o fruto verde e não maduro. A madeira do tronco e dos membros é dura, rica em amarelo ou âmbar, e de grão fino, frequentemente com uma beleza variada. Ainda é usado hoje para as melhores marcenarias e torneamentos. A árvore cresce muito lentamente, mas atinge uma idade avançada. É difícil matar a oliveira cortando-a, porque novos brotos nascem da raiz e de todos os lados das margens do toco antigo, muitas vezes formando um bosque de dois a cinco troncos, todos de uma única raiz que originalmente suportava apenas uma árvore.

Cebola (*Allium*)

As cebolas referidas em [Números 11.5](#) são, sem dúvida, *Allium cepa*, a cebola egípcia, que é composta de um bulbo revestido compacto formado por camadas consistindo em bases largas e carnudas de folhas sobrepostas. As folhas são finas e com cavidades. Toda a planta tem um gosto e odor pungentes característicos.

Intimamente relacionado com a cebola está o alho, *A. sativum*. O alho comum é uma planta perene, resistente e bulbosa que é plantada na Europa, Ásia ocidental e Egito. As folhas são estreitas, planas e semelhantes a uma fita. É extremamente popular entre as pessoas da região do Mediterrâneo.

Outro que faz parte da família das cebolas é o alho-poró, *A. porrum*. O bulbo do alho-poró difere da cebola e do alho na medida em que é fino, cilíndrico e com mais de 15,2 centímetros de comprimento. O sabor se assemelha ao da cebola, mas é mais pungente. As folhas dão sabor e são cozidas em sopas. Os bulbos são cortados em pequenos pedaços e usados como tempero para carne.

Palmeira (*Phoenix dactylifera*)

A palmeira da Bíblia é, sem dúvida, a tamareira. Ao mesmo tempo, era tão característica da Terra Santa quanto ainda é hoje do Egito. Ele é caracterizado por um caule sem ramificações e afilado, de até 24,2 metros ou mais de altura, e um grande conjunto terminal de folhas plumosas, cada uma de 1,8 a 2,7 metros ou mais de comprimento. Por causa de sua altura e estrutura incomum, era natural que fosse usado como uma forma de ornamentação na arquitetura Oriental. O caule e as folhas eram temas favoritos de ornamentação arquitetônica. As folhas imensas que são citadas como ramos na Bíblia eram símbolos de triunfo e eram usadas em ocasiões de grande júbilo ([Jo 12.13](#); [Ap 7.9](#)). As grandes folhas ainda são usadas para cobrir os telhados e os lados das casas e para

dar solidez às cercas de juncos. Tapetes, cestas e até pratos são feitos deles. Pequenas folhas são usadas como espanadores, e a madeira do tronco é usada para madeira. Corda é feita do envoltório em forma de teia na coroa. O fruto, carregado em um imenso cacho pendente, que pode pesar de 13,6 a 22,7 quilogramas, é o principal alimento de muitos nativos da Arábia e do Norte da África. Uma única árvore pode render até 90,7 quilogramas de tâmaras por ano. Eles podem estar secos para uso futuro.

Papiro (*Cyperus papyrus*)

O juncos ou papiro egípcio ([Êx 2.3–5; Jó 8.11; Is 18.2; 19.6–7; 35.7; 58.5](#)) tem caules suaves de três lados que normalmente atingem uma altura de 2,4 a 3 metros, mas às vezes até 4,9 metros e uma espessura de 5,1 a 7,6 centímetros na base com um grande tufo de flores na ponta. O papiro anteriormente crescia em grande abundância ao longo das margens do Nilo, formando o que era quase uma selva densa. Hoje está praticamente extinta no Egito baixo, embora ainda seja encontrada ao longo do Nilo Branco e no Sudão. O papiro ainda cresce em partes da Terra Santa, especialmente ao redor do extremo norte da planície da Galileia e dos pântanos de Hula.

Além de ser usado para fazer pequenas embarcações flutuarem na água ([Êxodo 2.3](#)), tapetes e para diversos outros fins domésticos, é mais conhecido como a fonte do papel antigo. Na fabricação de papel a partir do papiro, os caules da planta eram primeiro descascados e depois cortados longitudinalmente em fatias finas que eram colocadas lado a lado. Então, eram regados com água e prensados para unir o conjunto em uma peça única. A folha era então seca e cortada em pedaços do tamanho necessário. Nas melhores notas de papel de papiro, várias camadas de fatias de caule eram colocadas transversalmente umas nas outras.

As inflorescências pálidas, cor de feno, em forma de borla no topo dos caules eram usadas para adornar templos egípcios e coroar as estátuas dos deuses. Eles também eram usados como coroas por homens famosos e heróis nacionais.

Pinheiro (*Pinus brutia, P. halepensis*)

Várias árvores perenes desta família têm folhas em forma de agulha agrupadas e cones que contêm sementes. Embora haja considerável confusão sobre os coníferos da Bíblia, parece evidente que os pinheiros são mencionados em passagens como

[Levítico 23.40; Neemias 8.15; Isaías 41.19](#); e [60.13](#).

Um dos pinheiros da Terra Santa é o Pinheiro-bruto (*Pinus brutia*), uma espécie que habita as montanhas das regiões do Norte da Palestina. Atinge uma altura de 3 a 10,7 metros com um crescimento bastante difuso e galhos em verticilos.

Outro pinheiro é o pinheiro-de-alepo, *Pinus halepensis*. A maioria dos casos da ocorrência de “pinho” ou “pinheiro” na NVI provavelmente se refere ao pinheiro-de-alepo ([2Sm 6.5; 1Rs 5.8,10; 6.34; 2Rs 19.23; 2Cr 2.8; Sl 104.17; Sl 1.17; Is 14.8; 37.24; 55.13; 60.13; Ez 27.5; 31.8; Os 14.8; Na 2.3; Zc 11.2](#)). Cresce de 9 a 18,3 metros de altura com ramos ascendentes difusos e ramos amarelados ou acastanhados.

Pistache (*Pistacia terebinthus, P. vera*)

O terebinto ou terebintina da Palestina é uma grande árvore decídua grande com galhos irregulares. No inverno, sem suas folhas, se parece muito com o carvalho. Cresce de 3,7 a 7,6 metros de altura. Cada parte da árvore contém um líquido aromatizado e resinoso. É comum nas encostas inferiores das colinas em toda a Síria, Líbano, Palestina e Arábia, geralmente crescendo como uma árvore solitária e encontrada principalmente em localidades muito quentes ou muito secas para o carvalho que geralmente substitui. Uma vez que é nativa de Gileade, é bastante provável que seu suco resinoso fizesse parte das especiarias que os israelitas carregavam de Gileade para o Egito ([Gn 37.25](#)).

As nozes de [Gênesis 43.11](#) são aparentemente nozes de pistache da árvore de pistache, *Pistacia vera*, intimamente relacionadas com o terebinto. Ela atinge uma altura de 3 a 9,1 metros com uma copa que se espalha. Ela é encontrada selvagem em muitas partes rochosas do Líbano e da Terra Santa. A noz tem uma casca de cor clara e o grão tem um sabor doce e delicado muito apreciado onde quer que cresça.

Plátano (*Platanus orientalis*)

Qualquer uma de várias árvores dessa família com cachos de frutos em forma de sino e geralmente uma casca externa que se desprende em manchas ou tiras. As referências em [Gênesis 30.37](#) e [Ezequiel 31.8](#) aparentemente não são à castanheira, que não é nativa da Palestina, mas ao Plátano Oriental, *Platanus orientalis*.

O plátano é uma árvore maciça de 18,3 metros ou mais de altura, com um tronco frequentemente de

vasta circunferência, às vezes chegando a 12,2 metros. A casca externa se desprende em folhas ou escamas, expondo assim uma casca interna lisa esbranquiçada ou amarelada. A árvore é comum em todo o Líbano, Síria e Terra Santa, crescendo até mesmo nas regiões subalpinas. No entanto, é primariamente uma árvore das planícies e planícies, crescendo nas bordas dos riachos e lagos e em lugares pantanosos.

Romãzeira (*Punica granatum*)

A romãzeira é geralmente uma árvore pequena e arbustiva, mas ocasionalmente pode se tornar um arbusto grande e ramificado ou uma pequena árvore, alcançando uma altura de 6 a 9 metros. Os ramos são muitas vezes espinhosos. As flores vistosas como um sino são geralmente escarlates, embora às vezes amarelas ou brancas. A fruta globular é tão grande quanto uma laranja ou maça de tamanho médio. Ela tem uma casca dura de cor vermelha brilhante ou amarelada quando madura e é rematada pelos sépalos secos que se assemelham a uma coroa. O próprio fruto é uma polpa suculenta de cor vermelho-carmesim na qual muitas sementes vermelhas estão embutidas. As flores da romã, sem dúvida, serviram como um padrão para os sinos de ouro mencionados em [Êxodo 28.33-34](#) e [39.24-26](#), e as flores abertas de [1 Reis 6.32](#). Os lóbulos do cálice ereto no fruto serviam como um modelo para coroas de reis.

A romã é nativa da Ásia, mas foi cultivado desde os tempos pré-históricos e agora é bem comum na Terra Santa, no Egito e ao longo das margens do Mediterrâneo. É listado como um dos frutos agradáveis do Egito ([Nm 20.5](#)) e uma das bênçãos prometidas da Terra Santa ([Dt 8.8](#)).

Álamo (*Populus euphratica*, *P. alba*)

Árvore decídua de crescimento rápido do mesmo gênero que o álamo e o álamo-branco. As referências em [2 Samuel 5.23-24](#) e [1 Crônicas 14.14-15](#) às amoreiras são mais provavelmente ao álamo do Eufrates ou ao aspen, *Populus euphratica*. Esta árvore cresce até uma altura de 9,1 a 13,7 metros, com ramos se espalhando. O aspen do Eufrates é encontrado apenas em rios e bancos de riachos em toda a área, da Síria através da Terra Santa até a Arábia Pétreia. É muito comum no Vale do Jordão.

O álamo branco (*Populus alba*) é comum em lugares úmidos na Síria, no Líbano, na Terra Santa e no Sinai. Atinge uma altura de 9 a 18,3 metros com ramos se espalhando. Alguns sugerem que os

altares de várias religiões pagãs eram geralmente levantados no topo de uma colina e à sombra de um bosque de álamos.

Marmeiro (*Cydonia oblonga*)

Árvore nativa da Ásia Ocidental, tendo flores brancas e frutos semelhantes à maçã que são comestíveis quando cozidos. Alguns acreditam que as "maçãs" do AT eram marmelos, *Cydonia oblonga*. O marmeiro é bem comum na Terra Santa, sendo uma árvore amplamente cultivada. Pode ter alguns selvagens nas partes setentrionais da Síria. É nativo do Norte da Pérsia e Ásia Menor. O fruto é amarelado e bem fragrante, e foi essa fragrância que fez com que fosse altamente valorizado pelos antigos.

Juncos (*Juncus*, *Scirpus*, *Typha angustata*, *Arundo donax*)

Numerosas espécies de juncos ou taboa crescem na Terra Santa. Há pelo menos 21 variedades de juncos. O junco-mole comum ou o juncos de pântano (*Juncus effusus*) é encontrado em lugares úmidos, mesmo no Sinai e outros desertos. O junco-do-mar ou o juncos-rígido (*J. maritimus*) é encontrado em lugares úmidos em toda a Terra Santa e até mesmo no Sinai.

Pelo menos 15 tipos de taboa (*Scirpus*) são conhecidos na Terra Santa. O juncos-cabeça-aglomerada (*Scirpus holoschoenus*) é comum em lugares úmidos em toda a Terra Santa até o Sinai. O juncos-de-lago ou juncos-alto (*S. lacustris*) é encontrado em pântanos e valas em todo o Norte da África até o Mar Morto. O juncos-do-mar ou juncos-de-pântano-salgado (*S. maritimus*) é encontrado em valas e pântanos em muitos lugares da Terra Santa. Qualquer uma dessas espécies pode ser a mencionada em [Jó 8.11](#); [Isaias 9.14](#); [19.6.15](#).

A referência em [Gênesis 41.2](#) à alimentação do gado no prado parece ser ao juncos-alto (*Arundo donax*), que cresce de 5,5 metros ou mais de altura. Esta planta também é conhecida como juncos-persa e é comum em toda a Terra Santa, Síria e a Península do Sinai. É uma gramínea gigantesca que pode ter um diâmetro do caule de 5,1 a 7,6 centímetros na base e é terminada por uma pluma de flores brancas semelhantes às da cana-de-açúcar ou capim-dos-pampas. A planta era usada para diferentes propósitos pelos antigos: para varas de caminhar, varas de pesca, varas de medição e tubos musicais. É, portanto, bem possível que a "cana" ou "vara" de [Mateus 27.48](#) e

[Marcos 15.36](#) fosse junco de carpinteiro, ou a vara de medição.

Veja também Papiro.

Arruda (*Ruta chaleensis*, *R. graveolens*)

Planta aromática euroasiática com folhas perenes que produzem um óleo volátil e ácido, usado antigamente na medicina. Não há dúvida quanto à correção da tradução de "arruda" em [Lucas 11.42](#), mas há alguma incerteza quanto à espécie exata. A maioria dos escritores pensa que era a arruda-comum (*Rue graveolens*), uma planta arbustiva perene com caules eretos de dois a três pés 0,6 a 0,9 metros de altura e folhas profundamente recortadas. Um odor muito forte emana da folhagem. Esta espécie é nativa da região do Mediterrâneo e cresce de maneira selvagem na Terra Santa, especialmente no Monte Tabor.

A arruda era altamente valorizada pelos antigos como um medicamento, supostamente para evitar tonturas, mudanças, epilepsia, inflamações nos olhos, insanidade e o "mau-olhado". A arruda também era usada para temperar comidas.

Junco-florido (*Butomus umbellatus*)

Termo genérico para qualquer uma das várias plantas de pântano semelhantes a gramíneas, com caules flexíveis, ocos ou medulosos. Há uma incerteza considerável sobre a identificação da planta referida em [Gênesis 41.2](#), traduzida na NTLH como "capim", e em [Jó 8.11](#) como "juncos". Como é mencionada junto com o papiro na passagem de Jó, parece que se refere a um tipo específico de planta, em vez de algo genérico como "capim". Pela descrição em Gênesis como sendo uma planta da qual o gado do Faraó poderia se alimentar nas margens do Nilo e, no entanto, não sendo o papiro, pode se referir ao juncos-florido ou gladiolo-d'água (*Butomus umbellatus*), que floresce tanto no Egito quanto na Terra Santa, junto com o papiro.

Veja também Junco.

Açafrão (*Crocus sativus*)

O açafrão mencionado em [Cantares 4.14](#), é o produto de várias espécies de *Crocus*, especialmente do açafrão de flor azul (*C. sativus*), que é nativo da Grécia e da Ásia Menor. O produto comercial consiste no estigma e na parte superior do estílo, as partes superiores do ovário da flor, que são coletadas logo após a abertura da flor. Exige pelo menos 4.000 estigmas para fazer 28 gramas de

açafrão. Depois de serem colhidos, os estigmas são secos ao sol, batidos e feitos em pequenos bolos. O açafrão é usado principalmente como um corante amarelo e também como corante de frutas para caril e ensopados.

Outro tipo totalmente diferente de planta produtora de corantes (*Carthamus tinctorius*) chamado cartamina, açafrão-bastardo ou cárтamo é um membro da família do cardo. Suas flores vermelhas produzem um corante usado extensivamente para colorir seda, cozinar e adulterar açafrão genuíno. É uma planta espinhosa que cresce anualmente até 1,4 metro de altura, nativa da Síria e do Egito. No Egito, vestimentas de sepultamento das múmias eram tingidas com este material, e é muito possível que esta planta também possa ter sido o açafrão mencionado na Bíblia.

Sálvia (*Salvia judaica*)

A sálvia da Judeia chega a 0,9 metro de altura nas montanhas e colinas da Palestina. Seus caules têm quatro ângulos, duros e ásperos. A planta cresce da Síria passando pelo Sul até Nazaré, Hebron, Tibériio, Samaria e Judeia.

Esta planta é a origem do design do candelabro de sete braços de [Êxodo 37.17-18](#), que é conhecido como menorá, o símbolo tradicional judaico. A inflorescência da planta, quando pressionada plana, tem quase exatamente a mesma forma e estrutura que o candelabro de sete braços, com seu pico central e três pares de ramos laterais cada um dobrando para cima e para dentro de maneira simétrica. Em cada ramo da inflorescência da planta estão espirais ou brotos que talvez dêem a ideia para os "botões" (NTLH) nos castiçais de ouro bíblicos.

Espelta (*Triticum aestivum*)

Membro resistente da família do trigo. O centeio de [Êxodo 9.32](#) e a cevada de [Isaías 28.25](#) e [Ezequiel 4.9](#) (todos na KJV) se referem a espelta. É uma espécie de trigo de grão duro com espigas soltas e grãos triangulares em seção transversal, e era a forma mais comum de trigo nos primeiros tempos. Tem um caule mais robusto do que o trigo e fortes espigas de grãos. O pão feito com sua farinha é muito inferior ao feito de trigo, mas a espelta prosperará em quase qualquer tipo de solo e dará uma colheita em terras inadequadas para o trigo. Os antigos preferiam a cevada para o pão.

Árvore de Estoraque (*Styrax officinalis*)

Várias árvores deste gênero produzindo uma resina aromática. Hoje pensa-se que a especiaria de [Êxodo 30.34](#) foi derivado da árvore de estoraque. Trata-se de um arbusto ou pequena árvore de ramos irregularmente rígidos, com altura de 2,7 a 6,1 metros. Esta árvore é abundante em colinas baixas e lugares rochosos do Líbano até a Terra Santa. Sua goma é obtida fazendo incisões nos caules e ramos. É altamente aromatizado e ainda é valorizado como um perfume nos dias de hoje.

Sicômoro (*Ficus sycomorus*)

Árvore do nordeste da África e Ásia adjacente, relacionada com o figo. A palavra traduzida "figueira-brava" em [1 Reis 10:27; 1 Crônicas 27.28; 2 Crônicas 1.15; 9.27; Salmo 78.47; Isaías 9.10; Amós 7.14](#); e [Lucas 19.4](#), sem dúvida, se refere ao bem conhecido sicômoro, que também é conhecido como figueira-doida e figueira-do-faraó. Não deve ser confundido com o sicômoro comum do continente norte-americano, que é, na verdade, um plátano. O sicômoro-figueira da Bíblia é uma árvore de crescimento vigoroso, robusta e de ampla ramificação, que pode alcançar de 9,1 a 12,2 metros de altura e, às vezes, atingir uma circunferência de tronco de 6,1 metros ou mais, com uma copa de 36,6 metros de diâmetro. É uma árvore que é facilmente escalada e é frequentemente plantada ao longo das estradas, o que explica a referência em [Lucas 19.4](#). Ela produz uma quantidade abundante de frutos em cachos em todas as partes da árvore, tanto em galhos jovens quanto em galhos velhos e até mesmo no próprio tronco. É muito semelhante ao figo comum, apenas menor e de qualidade muito inferior. Nos dias de Davi, era tão valioso que ele designou um supervisor especial para as árvores de sicômoro ([1Cr 27.28](#)). Acredita-se que Amós não era um colhedor de frutos de sicômoro, mas sim um cultivador de árvores de sicômoro.

Tamarisco (*Tamarix*)

As referências em [Gênesis 21.33](#) e [1 Samuel 22.6](#) e [31.13](#) parecem ser ao tamarisco. Estas árvores ou arbustos são pequenos e de rápido crescimento, com madeira durável. Elas são abundantes em desertos, dunas e pântanos de sal. *Tamarix aphylla* é sem folhas e tem pequenas flores brancas. Estas árvores ou arbustos frequentemente oferecem um toque suave de folhagem verde e a promessa de sombra refrescante para o viajante. Os tamariscos conseguem sobreviver porque possuem folhas pequenas, semelhantes a escamas, que perdem

pouca umidade por transpiração, ou não possuem folhas. Os maiores tamariscos são valorizados por sua madeira em uma região onde a madeira é escassa. A madeira era utilizada para construção e também como fonte de um excelente tipo de carvão.

Terebinth (*Pistacia terebinthus*)

Veja Pistache (acima).

Cardo-espinhoso (*Lycium europaeum, Solanum incanum, Centaurea, Silybum marianum, Rusco aculeatus, Agrostemma githago, Paliurus spina-christi, Zizyphus spina-christi*)

Existem 22 palavras diferentes em hebraico e grego usadas na Escritura para se referir a arbustos ou ervas espinhosas, ou pontiagudas, e estas são traduzidas como "espinheiro", "arbustos espinhosos", "joio", "erva venenosa" e "cardo". No momento, há cerca de 125 espécies de espinhos e cardos que crescem na Terra Santa.

Acredita-se que o espinheiro na alegoria de [Juízes 9.14-15](#) se referia ao espinheiro-europeu ou espinheiro-do-deserto, *Lycium europaeum*.

O consenso geral é que os "espinheiros" de [Isaías 10.17, 55.13, Miquéias 7.4](#) e [Hebreus 6.8](#) são a ervamoura (*Solanum incanum*), ou a "batata de Jericó."

Os cardos de [Gênesis 3.17-18, 2 Reis 14.9, 2 Crônicas 25.18, Oséias 10.8](#) e [Mateus 7.16](#), bem como os espinhos de [Mateus 13.7](#) e [Hebreus 6.8](#), são provavelmente uma das espécies do cardo, *Centaurea*. Entre os cardos mais comuns na Terra Santa estão o verdadeiro cardo-estrelado (*Centaurea calcitrapa*), o centáurea-anã (*C. verutum*), o centáurea-ibérica (*C. iberica*), e o cardo-mariano (*Silybum marianum*). Alguns cardos atingem uma altura de 0,9 a 1,8 metros. Os cardos são característicos de uma área que é negligenciada e sem vegetação. Muitos têm flores bonitas, mas todos estão cobertos de espinhos afiados.

As referências em [Ezequiel 2.6](#) a "espinhos" e [Ezequiel 28.24](#) a "abrolhos" podem ser à vassourade-açougueiro ou azevinho, *Rusco aculeatus*. A planta é comum em florestas rochosas nas regiões do Norte da Terra Santa, especialmente ao redor do Monte Tabor e do Monte Carmelo.

O mato de [Jó 31.40](#) (NTLH) talvez se refira a mandioquinha, *Agrostemma githago*. Esta planta é comum nos campos de grãos em toda a Terra Santa. É uma erva daninha forte e que gera problemas em

campos de cereais, crescendo de 0,3 a 0,9 metro de altura.

Muitos comentaristas pensam que os “espinhos” dos quais a coroa de espinhos ([Mt 27.29](#); [Jo 19.2](#)) foi feita eram do espinheiro-de-Cristo (*Paliurus spina-christi*). Esta crença levou a seu nome específico; o espinheiro-de-Cristo é uma planta espinhosa que normalmente cresce como um arbusto espalhado de 0,9 a 2,7 metros de altura. Os ramos flexíveis são armados na base de cada folha com um par de espinhos desiguais, rígidos e afiados. A textura incomumente flexível dos ramos jovens torna-os particularmente fáceis de trançar em uma coroa semelhante a uma guirlanda.

Os espinhos de [Juízes 8.7](#), [Isaías 7.19, 9.18, 55.13](#) e [Mateus 7:16](#) podem se referir ao espinheiro-de-cristo sírio (*Zizyphus spina-christi*), um arbusto ou pequena árvore de 2,7 a 4,6 metros de altura, às vezes crescendo até se tornar uma árvore de 12,2 metros de altura com ramos brancos lisos que contêm um par de espinhos robustos, desiguais e recurvados na parte de trás de cada folha.

Veja também Amoreira-silvestre; Espinheiro-alvar (acima).

Tulipa (Tulipa montana, T. sharonensis)

Qualquer uma das várias plantas bulbosas desta família nativa da Ásia. A rosa de Sarom em [Cantares 2.1](#) pode ser a tulipa-da-montanha, *Tulipa montana*, ou a espécie muito próxima que é a tulipa-de-Sarom, *T. sharonensis*. A primeira é uma planta atraente que cresce de um bulbo e muitas vezes tem folhas com margens onduladas. A espécie é comum nas regiões montanhosas da Síria, do Líbano e do Anti-Líbano. Ela é principalmente uma espécie montanhosa. A tulipa-de-Sarom (*T. sharonensis*) é encontrada em lugares arenosos nas planícies costeiras de Sharon.

Erva daninha (Gundelia tournefortii, Anastatica hierochuntica)

As referências no [Salmo 83.13](#) e em [Isaías 17.13](#) a “palha” (ARA) parecem ser para a erva palestina (*Gundelia tournefortii*), um membro da família dos cardos. É uma erva espinhosa com suco leitoso. Ele rola sobre a terra e se acumula em montes enormes em depressões.

Vegetal

As referências bíblicas aos vegetais são, provavelmente, na maioria dos casos, às sementes leguminosas de feijão e lentilhas.

Videira (Vitis vinifera)

Qualquer planta com um caule flexível que suba, se entrelaça ou se arrasta ao longo de uma superfície ou sustentação. A videira comum (*Vitis vinifera*) é mencionada em toda a Bíblia. A videira frutífera ([Ez 17.5-10](#)) e a videira trazida do Egito ([Sl 80.8](#)) eram simbólicas para o povo judeu. Jesus se compara com a videira verdadeira, da qual seus discípulos eram os ramos ([Jo 15.1-6](#)).

A videira do mundo antigo às vezes assume as características de uma árvore, com caules de até 46 centímetros de diâmetro, os galhos então sendo conduzidos em uma treliça e produzindo cachos de uvas individuais pesando de 4,5 a 5,4 quilo do tamanho de pequenas ameixas. Foram produzidos cachos pesando até 11,8 quilos. As videiras da Terra Santa sempre foram famosas tanto pela luxúria de seu crescimento quanto pelos imensos cachos de uvas que produzidos. Assim, não parece improvável que os espiões enviados para a Terra Prometida tenham usado um poste para transportar alguns dos cachos para casa ([Nm 13.23-24](#)).

A uva selvagem (*Vitis orientalis*) é mencionada em [Isaías 5.2-4](#), [Jeremias 2.21](#) e [Ezequiel 15.2-6](#). Conhecida como uva-da-mata nativa, possui bagas pretas, ácidas e pequenas, do tamanho de groselhas, com pouca polpa.

Nogueira (Juglans regia)

Qualquer uma das várias árvores desse gênero que têm frutos redondos e pegajosos que envolvem uma noz comestível. Acredita-se que a referência em [Cantares 6.11](#) a “nogueiras” se referia à nogueira persa ou comum, *Juglans regia*. Acredita-se que a árvore seja nativa do Norte da Pérsia, mas, na verdade, é encontrada selvagem em muitas partes do Norte da Índia, indo até a China a Leste e através da Pérsia a Oeste. Na época de Salomão, ela era amplamente cultivada pelo seu fruto por todo o Oriente. Talvez o jardim de nogueiras de Salomão fizesse parte de seus extensos jardins em Etã, a 9,7 quilômetros de Jerusalém.

Lírio-d'água (Nymphaea)

Qualquer uma das inúmeras plantas aquáticas deste gênero com folhas flutuantes e flores vistosas. A ornamentação de lírios esculpidos mencionada em [1 Reis 7.19-26](#) e [2 Crônicas 4:5](#) provavelmente teve como modelo as flores do lírio-d'água. Poucas flores podem igualar o lótus-do-egito ou o lírio-d'água (*Nymphaea lotus*) em beleza.

Parece muito com uma grande rosa-branca e, em tempos antigos, flutuava em profusão nas águas do Nilo.

A ninfeia-branca-europeia comum (*N. alba*) também era familiar para as crianças de Israel. Ela cresce não apenas na Europa, mas também na Terra Santa e no Norte da África. No entanto, não é tão comum no Egito quanto o lótus-branco.

Outro lírio d'água com o qual os israelitas provavelmente estavam familiarizados é o lótus-azul, *N. caerulea*. Suas folhas têm 30,5 a 40,6 centímetros de diâmetro e tem flores azuis claras que têm 7,6 a 15,2 centímetros de diâmetro.

Trigo (Triticum aestivum, T. compositum)

Vários cereais da família das gramíneas amplamente cultivados por seus grãos comestíveis. Cinco tipos de trigo são nativos — e ainda selvagens — na Terra Santa, e pelo menos oito outros são plantados lá hoje; provavelmente a maioria, se não todos, eram conhecidos nos tempos bíblicos. As variedades selvagens provavelmente eram mais abundantes naquela época do que são hoje. Entre esses estão o trigo-einkorn (*T. monococcum*), o trigo-thaoudar (*T. thaoudar*) e o trigo-emmer-selvagem (*T. dicoccoides*). O trigo-composto (*T. compositum*), com suas espigas ramificadas, frequentemente carregando até sete cabeças por caule, é citado em [Gênesis 41:5-57](#). É representado em diversos monumentos egípcios e inscrições e ainda é comumente visto no Delta do Nilo, onde é conhecido como "trigo de múmia". Ele também é cultivado na Terra Santa.

O trigo mais frequentemente mencionado da Bíblia é, sem dúvida, o trigo-de-verão e inverno, *Triticum aestivum*. É uma erva que cresce anualmente cultivada abundantemente no Egito e em outras terras do Oriente desde os tempos mais antigos. O lugar exato de sua origem é desconhecido. Grãos de trigo foram encontrados nas tumbas mais antigas do Egito e nos restos de habitações lacustres pré-históricas na Suíça. Era certamente o principal grão da Mesopotâmia no tempo de Jacó ([Gn 30:14](#)).

Na época bíblica, o termo "grãos" frequentemente incluía uma mistura de ervilhas, feijões, lentilhas, cominho, cevada, milheto e espelta, mas o trigo era sempre o seu principal componente. O Egito era um grande país produtor de grãos, e Abrão ([Gn 12:10](#)) e os irmãos de José (cap. [42](#)) naturalmente foram para o Egito em busca de trigo quando a fome visitou a terra de Canaã.

Os moinhos, pedras de moinho, celeiros e eira mencionados na Bíblia se referem ao equipamento empregado no processamento de grãos para produzir farinha. A farinha fina da qual os pães da proposição eram feitos ([Lv 24:5](#)) foi inquestionavelmente farinha de trigo. O trigo destinado para o consumo doméstico era muitas vezes armazenado na parte central da casa; isso explica a história contada em [2 Samuel 4:6](#). Às vezes, também era armazenado em poços secos ([2Sm 17:19](#)).

Absinto (Artemisia judaica, A. herba-alba)

O absinto é um nome geral dado a um grupo de plantas lenhosas com um forte odor aromático. As plantas de absinto têm um sabor forte e amargo, e seus brotos jovens e pontas de ramos fornecem o "absinto comercial". Seu sabor amargo explica por que é mencionado com fel — como sendo simbólico de calamidade amarga e tristeza ([Pv 5:4](#); [Jr 9:15](#); [23:15](#); [Lm 3:15,19](#)). *Artemisia herba-alba* é a espécie comum de absinto na Terra Santa hoje. É fortemente aromático e amargo, cheirando a cânfora. *A. judaica* tem apenas no Sinai.

O absinto é feito de espécies deste grupo. Primeiro, leva a uma maior atividade e sensações agradáveis e enche a mente de ideias grandiosas ([Lm 3:15](#)). O uso habitual dele, no entanto, traz um estupor e diminuição gradual das capacidades intelectuais, resultando em delírio e até mesmo a morte. Talvez a amargura de [Amós 6:12](#) fosse o absinto.

Plátano

Árvore de grande porte com tronco largo e casca escamosa, nativa da Palestina ([Gn 30:37](#); [Ez 31:8](#)). Veja Plantas.

Plenitude

"Plenitude" refere-se ao estado de estar completamente preenchido ou de não ter nada faltando. É uma tradução comum da palavra grega pleroma. Na Bíblia, "plenitude" frequentemente se refere a algo que está completo ou completamente preenchido. O significado exato depende do contexto em que a palavra aparece. No Antigo Testamento, uma das palavras hebraicas que corresponde a "plenitude" é melo. Essa palavra aparece em várias passagens e tem significados semelhantes ao termo grego pleroma.

Frequentemente descreve o conteúdo que preenche algo. Por exemplo, a frase "a terra e sua plenitude" no Salmo 24:1 refere-se a tudo na criação sendo parte da propriedade de Deus. Para entender o que "plenitude" significa em um versículo específico, precisamos examinar as palavras que a envolvem e a mensagem geral dessa passagem.

Uso geral

No uso grego fora do NT, a palavra significa "aquito que enche". É encontrada em referência à carga ou tripulação que enche um navio, as pessoas que compõem uma multidão e os anos que preenchem a vida de uma pessoa. O filósofo Aristóteles usou o termo para denotar a população que enche uma cidade. Esse sentido é usado nos Evangelhos de Mateus e Marcos para um remendo que tapa um buraco em uma roupa velha ([Mt 9.16](#); [Mc 2.21](#)), e em Marcos dos pedaços de peixe que enchem uma cesta ([Mc 6.43](#); [8.20](#)).

Expressões "Terra"

A palavra grega pleroma aparece várias vezes na Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento). É usada para traduzir a palavra hebraica para "plenitude" (melo) na frase "a terra e a sua plenitude" nos Salmos [24.1](#); [50.12](#); [89.11](#). Este conceito é posteriormente citado em [1Co 10.26](#). Uma frase semelhante é "o mar e a sua plenitude" ([1Cr 16.32](#); [Sl 96.11-12](#)). Além de seu sentido quantitativo óbvio, o significado nessas expressões pode refletir um caráter qualitativo: o conteúdo da terra é bom e especial. A mente hebraica via a ordem criada como um reflexo do Criador ([Sl 8.5-6](#); [19.1-6](#); [Ir 23.24](#)). Assim, sempre que as pessoas entravam em relacionamento com qualquer coisa que Deus havia criado, seja no trabalho, nas refeições ou nos relacionamentos, elas também entravam objetivamente em relacionamento com Deus, que havia dado essas coisas. Assim, os judeus ouviram com horror o anúncio profético da intenção de Deus de trazer destruição sobre "a terra e tudo o que a enche" ([Ir 8.16](#); [47.2](#); [Ez 12.19](#); [19.7](#); [30.12](#)).

O uso do apóstolo Paulo

A origem do entendimento de Paulo e seu uso de "plenitude" como um termo teológico significativo tem sido debatido. É sustentado por alguns que a palavra era um termo técnico usado pelos gnósticos em referência a um reino de seres espirituais que fazia a ponte entre o verdadeiro

Deus e uma terra "maligna". Posteriormente, os falsos mestres passaram a ver Cristo como uma das muitas divindades que viviam nessa "plenitude". Para corrigir o mal-entendido, Paulo pegou emprestado o termo de seus oponentes e o aplicou a Cristo. Jesus não é apenas um dos seres entre Deus e a humanidade, Paulo ensinou; em vez disso, ele é tudo o que há ("a plenitude") entre Deus e a humanidade ([Cl 1.15-20](#)).

Contra essa visão, argumenta-se que Paulo usou o termo em vários contextos onde essa interpretação é obviamente inadequada ([Rm 13.10](#); [Ef 1.22-23](#)). Além disso, é provável que Paulo, com seu contexto judaico farisaico, entenderia o termo à luz de seu uso do AT. Assim, o uso do termo por Paulo pode ser melhor entendido como não sendo emprestado de seus oponentes.

Paulo usou o termo quatro vezes no livro de Romanos. Pode ser traduzido como "inclusão completa" em referência ao número total de judeus ([Rm 11.12](#)) ou gentios (v. [25](#)) que virão a Deus. No verso [12](#), no entanto, o termo é definido em oposição ao "fracasso" e "transgressão" dos judeus, que sentem que a justiça é uma questão de sua herança judaica, em vez de fé. Pode ser que Paulo tenha usado o termo em referência a "obediência completa à vontade de Deus". Assim, em essência, Paulo disse: "Se a desobediência deles significa tanto bem para o mundo, pense no que a obediência deles significará". É neste sentido ativo que "plenitude" é usada em [Romanos 13.10](#). O amor cumpre tudo o que a lei pretende. Da mesma forma, Paulo deseja que sua própria vida seja uma expressão completa do evangelho de Cristo ([15.29](#)).

No livro de Efésios, a igreja é referida como a "plenitude de Cristo" ([Ef 1.22-23](#); [4.13](#)), e "a plenitude de Deus" ([3.19](#)). Uma variedade de interpretações foi oferecida para esta frase: a igreja está cheia, completa ou inteira por Cristo; a igreja possui os atributos de Cristo; a igreja é o agente através do qual Cristo realiza toda a sua obra. A igreja está cheia de Cristo na medida em que é a expressão completa e contínua de suas palavras e obras (compare [Cl 2.10](#)). No livro de Colossenses, Paulo usou o termo em referência a Cristo; nele habita a "plenitude de Deus" ([1.19](#); [2.9](#)). Essas passagens são muitas vezes interpretadas como proclamando a igualdade de Cristo com Deus. Todos os atributos de Deus estão contidos em Cristo. Tudo o que Deus é, Cristo é.

O uso do apóstolo João

O prólogo do Evangelho de João afirma que a “plenitude de Cristo” é recebida por todos os crentes ([1.16](#)). A natureza exata desta plenitude é definida no verso [14](#): “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade”. A palavra grega para “cheio” aqui indica plenitude e totalidade. Os gnósticos usaram a palavra para descrever a totalidade de todas as divindades. João, assim como Paulo, usou a palavra para descrever Cristo como completo, a plenitude de Deus, pois toda a plenitude da divindade habita nele corporalmente (veja [Cl 1.19; 2.9](#)).

Uma vez que toda a plenitude de Deus habita em Cristo, toda a realidade espiritual é encontrada em Cristo. Não falta nada aos crentes que estão em Cristo. É claro, nenhum crente único poderia receber tudo o que Cristo é; é preciso o corpo de Cristo para se apropriar da plenitude dele e expressá-la ([Ef 1.23](#)). No entanto, cada crente recebe em medida o mesmo conteúdo dessa plenitude. Cristo está sempre completo; ele nunca será esgotado. Não importa o quanto os crentes recebam dele, ele continua dando. Os crentes não precisam buscar nenhuma outra fonte além de Cristo.

Plenitude Dos Tempos*

Expressão que significa “quando o tempo era propício,” ocorrendo nas traduções para o português de [Gálatas 4.4](#) e [Efésios 1.10](#). Em Gálatas, a referência é ao tempo em que “Deus enviou seu Filho”. O apóstolo Paulo usou a imagem de uma criança que amadureceu para dizer que Jesus veio em um ponto da história humana em que o tempo era propício e libertou a humanidade do vínculo com a lei.

Tradicionalmente, os teólogos viram indicações do tempo ideal do nascimento de Jesus nas circunstâncias históricas de seus dias. As conquistas de Roma haviam produzido a “paz romana”, de modo que viajar era seguro e fácil. Essa unidade política foi construída sobre as vitórias anteriores de Alexandre, o Grande, cuja expansão da Grécia ao Egito e à Índia deixou em seu rastro a língua e a cultura gregas, o que mais tarde facilitou a propagação do evangelho. Os judeus de língua grega viviam em todas as cidades do Império Romano. A religião deles era protegida pela lei romana, e essa lei protegeu o cristianismo por seus primeiros cinquenta anos. Muitos gentios que

estavam interessados no monoteísmo e na moralidade do judaísmo iam para as sinagogas judaicas. Assim, a sinagoga era um ponto de partida natural para o alcance inicial da igreja aos gentios.

Na Palestina, os judeus ansiavam por um Messias (libertador), uma vez que estavam politicamente sujeitos aos Herodes e aos romanos. A rebelião messiânica fervia constantemente, e até mesmo explodia continuamente em batalha aberta. Socialmente, os camponeses eram oprimidos por grandes proprietários, que usavam todas as oportunidades e brechas legais para expandir suas propriedades. Muitos desses opressores eram das principais famílias sacerdotais, das quais a ganância era bem conhecida de todos. Em toda a Palestina, a expectativa messiânica estava em um ponto alto. Os fariseus falavam sobre o que aconteceria quando o Messias viesse, e os escribas em Qumran (a comunidade dos Manuscritos do Mar Morto) escreveram livros sobre isso. O tempo estava propício para a vinda de Jesus, como ele mesmo indicou ([Mt 13.11,16-17](#); [Mc 1.15](#)).

Em [Efésios 1.10](#), Paulo usou uma expressão grega ligeiramente diferente, que cobre todo o período entre a primeira vinda de Jesus e seu futuro retorno para completar o plano de Deus na história. Jesus revelou este plano (ou “mistério”, como Paulo o chamou —[Rm 16.25-26](#); [Ef 1.9; 3.4-5](#); [Cl 1.26](#)), que se concretiza na igreja à medida que as pessoas se arrependerem e são unidas a ele. No sentido final, o “tempo ideal” pleno virá quando o plano ou propósito de Deus (“dispensação”, ARC) for concluído e Cristo se tornar o cabeça sobre todas as coisas. Paulo sabia que esta conclusão estava em progresso, mas ele esperava sua realização total no que ele esperava que fosse o futuro próximo.

Pobres, Os

Aqueles que não têm riqueza material.

Pobreza como uma coisa ruim

Às vezes, a Bíblia dá uma explicação muito simples de por que as pessoas são ricas ou pobres. Se uma pessoa se deleitar na lei do Senhor, ele ou ela receberá prosperidade e riquezas. Tais pessoas prosperarão em tudo o que fazem ([Sl 1.3; 112.3](#)). Com relação a Israel nos dias do AT, essas ideias não são tão ingênuas quanto podem parecer. Havia de fato uma conexão entre pecado e pobreza. A sociedade israelita foi construída em regras estabelecidas por Deus, então se havia pobreza,

isso deve significar que em algum lugar as regras estavam sendo quebradas.

Se a pobreza de uma pessoa fosse devido a seu próprio pecado ou ao de outra pessoa, o AT viu como um mal a ser combatido, e a lei fez muitas provisões para o alívio dela (p. ex., [Ex 22.21-27](#); [Lv 19.9-10](#); [Dt 15.1-15; 24.10-22](#)). Deus se importava com os necessitados e esperava que seu povo fizesse o mesmo.

Durante o período entre os testamentos, esse cautela continuou a ser exercida dentro das comunidades judaicas espalhadas ao redor do Mediterrâneo, e foi no devido tempo assumido como uma responsabilidade prática pela igreja cristã ([At 11.29; 24.17](#); [Rm 15.26](#); [1Co 16.1](#); [Gl 2.10](#); [Tg 2.15-16](#); [1Jo 3.17](#)); para os cristãos também, a doação de esmolas era um dever claramente esperado por seu Senhor ([Mt 6.2-4](#); [Lc 12.33](#)). Não era realmente um comunismo primitivo que a igreja primitiva praticava, pois se eles tivessem renunciado aos bens pessoais, eles não poderiam ter feito o que eles de fato fizeram — a saber, *dar* em dinheiro ou em espécie “conforme qualquer um tivesse necessidade” ([At 2.45](#); [4.35](#)).

A pobreza, então, embora forneça aos ricos uma chance de mostrar a virtude da generosidade, é em si mesma (no NT como no AT) uma coisa ruim.

Pobreza como uma coisa boa

Como podemos ver, há um certo sentido em que a justiça tornará as pessoas prósperas e o pecado as tornará pobres. Mas a vida comum é mais complicada do que isso. Os [Sl 1](#) e [112](#), referidos acima, mostram apenas um lado da questão. E sobre a prosperidade dos ímpios ([Sl 73.3](#)) e seu corolário, a pessoa que é justa, mas pobre? A resposta das Escrituras (p. ex., [Jó 21](#); [Sl 37, 49, 73](#)) é que a riqueza das pessoas ruins é uma coisa temporária e que os justos, embora pobres em bens mundanos, têm riquezas espirituais.

Este pensamento — que longe de ser próspero, a boa pessoa pode muitas vezes ser pobre — às vezes é curiosamente invertido. Os justos podem ser pobres, mas as Escrituras às vezes parecem contar que ser pobre é ser justo. É claro, não é automaticamente assim ([Pv 30.8-9](#)), mas tais referências são frequentes o suficiente, especialmente nos Salmos (p. ex., [Sl 9.18](#); [10.14](#); [12.5](#); [34.6](#); [35.10](#); [74.19](#)), para merecer consideração cuidadosa. E em reflexão, eles não são tão estranhos. Como Deus está especialmente interessado nos pobres, assim os pobres podem

estar especialmente interessados em Deus, por duas boas razões. Primeiro, se houvesse pobreza em Israel, era porque aqueles com poder o estavam usando mal; portanto, os pobres alegariam a ajuda de Deus primeiro porque é seu governo que estava sendo desprezado, e ele deve se vindicar. E segundo, a pobreza leva as pessoas a Deus porque nessas circunstâncias não há ninguém mais a quem se voltar. Desta forma, “pobre” se torna quase um termo técnico. “Os pobres” são os humildes, e os humildes são os piedosos ([Sl 10.17](#); [14.5-6](#); [37.11](#); [Sf 3.12-13](#)). Assim como ser rico pode promover a autoindulgência, autoconfiança, orgulho e o desprezo e opressão dos seres humanos semelhantes, também ser pobre deve encorajar as virtudes opostas.

Em vez de ser um mal a ser evitado, assim a pobreza se torna um ideal a ser buscado. Segundo o uso do AT de “os pobres” e “os piedosos” como termos quase intercambiáveis, a propriedade pessoal foi renunciada por muitos judeus durante o período entre os testamentos. Entre eles estavam a seita dos essênios e a comunidade relacionada que foi criada em Qumran, perto do Mar Morto. Os últimos realmente se chamavam de “Os Pobres”. Esta tradição continuou nos tempos do NT. Possivelmente “os pobres” em Jerusalém significa um grupo definido dentro da igreja lá (ou até a igreja de Jerusalém como um todo; [Rm 15.26](#); [Gl 2.10](#)). Certamente surgiu mais tarde uma seita judaico-cristã chamada de “ebionitas” (de uma palavra hebraica para “pobre”).

O NT ensina claramente, claro, que o que realmente importa é a atitude do coração. É bem possível ser pobre, mas ganancioso, ou rico, mas generoso. Mesmo assim, com o pano de fundo do AT descrito acima, o sentido geral dessas palavras nos Evangelhos é que rico = ruim, pobre = bom. Por um lado, os saduceus são ricos em riqueza mundana e os fariseus em orgulho espiritual, e os homens de propriedade são egoístas, tolos e em grave perigo espiritual ([Mc 10.23](#); [Lc 12.13-21](#); [16.19-31](#)). Por outro lado, é gente devota e simples, como a própria família e amigos de Jesus, que geralmente representam os pobres.

Na verdade, portanto, as duas versões da primeira beatitude (a de Mateus e a de Lucas) equivalem à mesma coisa. A de Mateus tem a profundidade: “Bem-aventurados os pobres em espírito” ([Mt 5.3](#)). Mas a de Lucas tem a largura. Quando ele diz simplesmente “Bem-aventurados sois vocês pobres” ([Lc 6.20](#)), ele se refere àqueles que em sua necessidade — em *qualquer* tipo de necessidade —

se voltam para o Senhor. Foi para trazer o evangelho a tais pessoas que Cristo veio ao mundo ([Mt 11.5](#); [Lc 4.18](#)). O próprio Jesus Cristo incorpora o mesmo ideal. Como Paulo colocou: "Embora ele fosse muito rico, por amor de vocês, ele se tornou pobre, para que por sua pobreza ele pudesse torná-lo rico" ([2Co 8.9](#), NTLH). Nossa pobreza impotente é um mal do qual ele vem para nos resgatar; sua pobreza deliberadamente escolhida é o meio glorioso pelo qual ele faz isso.

Veja também Esmolas; Riquezas; Justiça; Salários; Prosperidade.

Poço

Reservatório artificial alimentado por nascentes subterrâneas ou por água da chuva. Como a maior parte do mundo bíblico varia de árido a semiárido, os poços eram uma fonte crítica de água para humanos, gado e irrigação de plantações. Infelizmente, a maioria dos poços não oferecia uma fonte confiável de água, dependendo da escassa chuva ou de nascentes intermitentes ([Pv 25.26](#)). A descoberta de uma fonte confiável de água era, portanto, motivo de muita alegria ([Nm 21.17-18](#)) e frequente conflito ([Gn 21.25-30](#); [26.19-22](#); [2Rs 3.19](#)). Escavar um poço com sucesso e defender os direitos sobre a água muitas vezes serviam como um importante determinante dos direitos de propriedade ([Gn 21.25-30](#); [29.2-3](#)).

Bons poços eram geralmente considerados sinais da providência de Deus ([Gn 16.14](#); [21.19](#); [Nm 21.16-18](#)). Os escritores bíblicos, portanto, comparavam a água dos poços alimentados por nascentes à provisão de salvação de Deus para seu povo ([Is 12.3](#); [Jo 4.14](#)). A distinção entre a qualidade relativamente pobre da água em cisternas que capturavam água da chuva e a alta qualidade daqueles poços que acessavam nascentes de água "viva" (ou seja, corrente) ajuda a esclarecer o diálogo entre Jesus e a mulher samaritana quando Jesus ofereceu a ela "água viva" ([Jo 4.10-15](#)).

Veja também Cisterna; Poço de Jacó.

Poço de Jacó

Local mencionado apenas no Evangelho de João ([Jo 4.5-29](#)). Foi aqui que Jesus se sentou e conversou com a mulher samaritana sem nome, que prontamente aceitou as palavras de Jesus. Este

poço está localizado em um terreno adquirido pelo patriarca Jacó, cerca de 274 metros a sudeste do túmulo tradicional de José ([Gn 33.19](#); [Js 24.32](#); [Jo 4.5-6](#)). O local está a cerca de 3 quilômetros a sudeste da moderna Nablus, 549 metros a sudeste do local da antiga Siquém (moderna Balata), e 914 metros ao sul de Sicar (moderna Askar). Dominando o local a noroeste está o Monte Ebal (aos pés do qual fica Askar), e a sudoeste o Monte Gerizim, montanhas de maldição e bênção, respectivamente ([Dt 27.12-13](#); [Js 8.30-33](#)). Perto dali Abraão construiu seu primeiro altar, e Jacó seu segundo ([Gn 12.6-7](#); [33.18-20](#)). Assim, o local é um dos mais antigos e sagrados da Terra Santa.

O poço tem cerca de 30 metros de profundidade e 90 centímetros de diâmetro, cortado através de calcário. Alimentado por riachos subterrâneos das encostas das montanhas adjacentes, a água é pura e abundante, sendo o orgulho dos moradores. Uma igreja existia no local desde pelo menos 380 d.C. A Igreja Ortodoxa Grega adquiriu o local em 1885 e construiu uma estrutura no local. O acesso ao poço é feito por degraus que levam de ambos os lados do altar da igreja até a borda do poço abaixo.

Poço do Chacal

Local desconhecido ao longo do muro de Jerusalém entre o Portão do Vale e o Portão do Lixo, visitado por Neemias durante sua inspeção noturna do muro ([Ne 2.13](#)). Também é chamado de Fonte do Dragão ou Fonte da Serpente.

Poço do dragão

Veja Poço do Chacal.

Poços de betume

As versões da NAA, ARC e BKJ traduzem "poços de betume" encontrados no vale de Sidim ([Gn 14.10](#)).

Veja Vale de Sidim.

Poder

A capacidade de realizar tarefas devido à força, habilidade, recursos ou permissão.

A Bíblia utiliza várias palavras para poder em hebraico no Antigo Testamento e grego no Novo Testamento. Podemos agrupar o que a Bíblia diz sobre poder em quatro áreas principais:

1. Poder ilimitado de Deus;
2. O poder limitado que Deus concede à sua criação;
3. Poder de Deus manifestado em Jesus Cristo;
4. O poder de Deus (através do Espírito Santo) na vida do seu povo.

O poder ilimitado de Deus

Deus é todo-poderoso. Qualquer outro poder vem dele e está sob seu controle. Muito do que a Bíblia diz é resumido nas palavras de [1 Crônicas 29.11-12](#), dirigidas a Deus em louvor: "Tu és grande e poderoso, glorioso, esplêndido e majestoso. Tudo o que existe no céu e na terra pertence a ti; tu és o Rei, o supremo governador de tudo. Toda a riqueza e prosperidade vêm de ti; tu governas todas as coisas com o teu poder e a tua força e podes tornar grande e forte qualquer pessoa".

A Bíblia frequentemente descreve o poder de Deus como sua "mão poderosa" e "braço estendido" ([Êx 6.6](#); [7.4](#); [Sl 44.2-3](#)). Vemos o poder de Deus em:

- criação ([Sl 65.6](#); [Is 40.26](#); [Jr 10.12](#); [27.5](#));
- O governo de Deus sobre o mundo ([2Cr 20.6](#));
- Atos de salvação e julgamento de Deus ([Êx 15.6](#); [Dt 26.8](#));
- Ajuda ao seu povo ([Sl 111.6](#)).

O Novo Testamento também fala do grande poder de Deus. [Efésios 1.19](#) diz que seu poder é ilimitado. Em algumas versões em [Mateus 26.64](#), Jesus usa "Poder" como outro nome para Deus: "Você verá o Filho do Homem sentado à direita do Poder".

O poder limitado que Deus concede à sua criação

A criação de Deus possui poder próprio. Por exemplo:

- animais, como o boi selvagem, o cavalo e o leão ([Jó 39.11.19](#); [Pv 30.30](#));
- o vento, a tempestade, o trovão e o relâmpago.

O poder é concedido aos humanos em:

- força física ([Jz 16.5-6](#));
- o poder de lutar ([Jz 6.12](#));
- o poder de fazer o bem e o poder de causar dano ([Gn 31.29](#); [Pv 3.27](#); [Mq 2.1](#)).

Os governantes têm poder e autoridade dados por Deus ([Rm 13.1](#)).

A Bíblia também fala sobre o poder dos anjos ([2Pe 2.11](#)) e seres espirituais chamados de "principados e potestades". Satanás também tem poder (veja [Jó 1.6-12](#); [2.1-6](#)). O pecado, o mal e a morte têm permissão para exercer algum poder sobre os homens ([Os 13.14](#); [Lc 22.53](#); [Rm 3.9](#)).

Todos esses têm poder limitado, e Deus dá ao seu povo força para conquistar todos esses poderes. Ele pode protegê-los de animais selvagens ([Dn 6.27](#); [Lc 10.19](#)) e do controle de outras pessoas. Jesus disse a Pilatos: "Você não teria autoridade sobre Mim se não lhe fosse dada de cima" ([Jo 19.11](#)). Deus pode salvar as pessoas do pecado, da morte, de Satanás e de todas as forças espirituais malignas ([2Co 10.4](#); [Ef 6.10-18](#)). O "governante deste mundo" não tem poder sobre Cristo ([Jo 14.30](#)), então ele não pode controlar aqueles que confiam Nele.

O poder de Deus manifestado em Jesus Cristo

Os evangelhos e o livro de Atos frequentemente mostram o poder de Cristo. Seu poder é demonstrado em:

- milagres ([Mt 11.20](#); [At 2.22](#))
- curas
- exorcismos ([Lc 4.36](#); [5.17](#); [6.19](#); [At 10.38](#))

Sua ressurreição demonstra Seu maior poder. Jesus falou sobre Sua capacidade de entregar Sua vida e retomá-la ([Jo 10.18](#)), mas o Novo Testamento frequentemente menciona o poder de Deus Pai ao ressuscitar Seu Filho dos mortos ([Rm 1.4](#); [Ef 1.19-20](#)). Eventualmente, Ele virá com poder e grande glória ([Mt 24.30](#)). Durante Sua vida na terra, Ele

realizou Suas obras poderosas através do Espírito Santo ([Lc 4.14](#); [At 10.38](#)).

O poder de Deus na vida do seu Povo

No Antigo Testamento, Deus frequentemente torna os fracos fortes. Ele dá poder aos que são fracos ([Is 40.29](#)) para que possam se fortalecer ([Sl 84.7](#); veja também [Sl 68.35](#); [138.3](#)). Seu poder é dado aos profetas ([Mq 3.8](#)) e reis ([1Sm 2.10](#); [Sl 21.1](#)). Seu poder será dado de maneira especial ao Messias ([Is 9.6](#); [11.2](#); [Mq 5.4](#)). Mas todo o povo de Deus recebe poder para viver e servi-Lo ([Is 49.5](#)).

No Novo Testamento, o evangelho é descrito como o poder de Deus para salvar todos os que creem ([Rm 1.16](#)). “Mas a todos quantos o receberam [Jesus Cristo], aos que creram em Seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus” ([Jo 1.12](#)).

Como filhos de Deus, eles recebem poder do Espírito Santo ([At 6.8](#)):

- poder para viver em seu serviço ([Ef 3.16](#));
- poder para serem suas testemunhas ([Lc 24.49](#); [At 1.8](#));
- poder para suportar o sofrimento ([2Tm 1.8](#));
- poder para o ministério ([Ef 3.7](#));
- poder na face da fraqueza ([2Co 12.9](#));
- poder através da oração ([Tg 5.16](#));
- poder para ser guardado do mal ([1Pe 1.5](#)).

Aqueles que realizam grandes feitos por Cristo não o fazem por conta própria ([At 3.12](#)). Eles partem sabendo que tudo está sob Seu controle e que Ele sempre estará com eles ([Mt 28.18-20](#)).

Veja também Deus, Ser e seus atributos; Principados e potestades.

Poesia, bíblica

Linguagem poética nas Escrituras.

No Antigo Testamento

O AT contém tudo o que sabemos sobre a poesia de Israel, e o que temos ocupa um lugar importante

nessa literatura. Presumivelmente, era bem conhecida em todo o antigo Oriente Próximo, pois sua fama havia se espalhado até Babilônia ([Sl 137.3](#)). Grande parte do AT é poética em espírito e estrutura — uma característica dos escritos proféticos, bem como da literatura poética. Nos primeiros, encontram-se passagens de poesia elevada, pontilhadas com brilhantes gemas de imaginação. O movimento é rítmico, com métrica, paralelismo e arranjo estrófico, como nos livros de poesia.

Algumas Bíblia como a NVI e a NAA apresentam a poesia do AT (não somente os salmos) em linhas paralelas. Quando isso não é feito na literatura profética, a qualidade poética desses livros fica obscurecida. Note que, além dos livros do AT reconhecidos como poesia — Salmos, Jó, Lamentações, Cântico dos Cânticos e Provérbios — Eclesiastes e os Profetas consistem em prosa e poesia. Os livros históricos também contêm bons exemplos de poesia.

A língua hebraica era um instrumento ideal para expressar a fala poética. Sua simplicidade de forma combinava intensidade de sentimento e poder pictórico, permitindo um grande jogo de imaginação. Figuras, metáforas e hipérboles são extremamente comuns. Na sua poderosa expressão imaginária, o gênio da poesia hebraica encontra sua melhor expressão.

A unidade normal do versículo hebraico é o conjunto de duas linhas paralelas. No entanto, este não é o único agrupamento de linhas na poesia hebraica. Existem unidades de três ([Sl 1.1](#); [5.11](#); [45.1-2](#)), quatro ([Sl 1.3](#); [55.21](#); [Pv 27.15-16](#)), cinco ([Sl 6.6-7](#); [Pv 24.23-25](#)), seis ([Sl 99.1-3](#); [Pv 30.21-23](#)), e até mesmo combinações maiores de linhas paralelas.

Até onde se pode determinar, a métrica está ausente na poesia bíblica. Certamente há pouca preocupação com a métrica cuidadosa que marca a poesia clássica grega e latina, assim como grande parte da poesia em português. A única exceção é encontrada em canções de lamento ou lamentações ([Jr 9.18-20](#); [Lm 1-4](#)). Isso é chamado de métrica de lamentação, onde o versículo está em duas partes. A rima também é tão rara que é quase inexistente.

Por outro lado, a poesia hebraica é rítmica, uma de suas características distintivas. Seu ritmo se repete com sílabas tônicas e átonas em sucessão relativamente regular. Geralmente, há três ou quatro acentos ou batidas por linha, mas a unidade rítmica não é uniforme. O ritmo na poesia hebraica,

no entanto, não se limita ao equilíbrio de acentos ou batidas em uma linha. O significado das palavras e sua posição na linha também são significativos, uma característica chamada paralelismo. Essa característica distintiva foi claramente reconhecida pela primeira vez pelo Dr. Robert Lowth, que em 1753 desenvolveu o princípio do paralelismo.

Ele distinguiu três tipos. O primeiro é o *paralelismo sinônimo*, onde o pensamento expresso na primeira parte do versículo é repetido na segunda parte, em termos diferentes mas equivalentes ([Sl 2.4; 19.1; 36.1-2; 103.11-12; Pv 3.13-18](#)). O segundo é o *paralelismo antitético*, onde o pensamento na primeira parte do versículo é contrastado com seu oposto na segunda ([Sl 1.6; Pv 10.1-4,16-18; 13.9](#)). O terceiro é o *paralelismo sintético*, onde a ideia expressa na primeira linha de um versículo é desenvolvida e completada nas linhas seguintes ([Sl 1.1; 3.5-6; 18.8-10; Pv 26.3](#)). Existem formas mais complicadas de paralelismo, mas essas três são as mais comuns.

Outra característica da poesia bíblica é o uso das letras do alfabeto hebraico. Salmos em que os versos são ligados dessa forma são chamados de acrósticos. Hoje, um acróstico é formado ao se pegar um nome e iniciar as linhas sucessivas do poema curto com as letras que compõem o nome. Os hebreus usavam apenas o alfabeto e organizavam as linhas do poema de acordo com a sequência das letras.

Cada linha de um salmo pode começar com uma letra diferente, como no [Salmo 25](#). Ou cada uma das estrofes pode começar com a mesma letra até que todas as 22 letras do alfabeto sejam esgotadas, como no [Salmo 119](#). No entanto, este salmo, que é o exemplo mais notável de um poema acróstico hebraico, é bastante complicado em sua disposição. Não apenas cada estrofe começa com uma letra, mas cada uma das oito linhas de cada estrofe começa com a mesma letra, de modo que oito arranjos alfabéticos percorrem o salmo em linhas paralelas. Outros acrósticos elaborados são os [Salmos 9, 10, 34, 37, 111, 112 e 145](#).

Os primeiros quatro capítulos de Lamentações também seguem um arranjo acróstico. Este exemplo de arranjo acróstico é menos perceptível para o leitor em português porque os nomes das letras hebraicas não marcam o início das estrofes. Em [Lamentações 3](#), cada letra do alfabeto inicia três linhas sucessivas numeradas como versículos. Outro acróstico ocorre em [Provérbios 31.10-31](#). É uma descrição alfabética da mulher virtuosa.

Outro recurso poético que dá unidade a um poema e marca suas divisões é o refrão. [Salmo 136](#) é um exemplo notável desse arranjo. O refrão é “Seu amor fiel dura para sempre” e é usado para concluir cada versículo.

A métrica da poesia hebraica depende da acentuação; a unidade é um dístico (conjunto de duas linhas paralelas), no qual os membros podem ter comprimento igual ou variável. Os dísticos são frequentemente organizados em estrofes. A categoria fundamental da poesia hebraica é a canção ou lírica. A canção era acompanhada por música ([Gn 31.27; Ex 15.20; 1Cr 25.6; Is 23.16; 30.29; Am 6.5](#)) e podia ser associada à dança ([Ex 15.20-21](#)).

Alguns poemas completos no AT estão embutidos nos livros narrativos e representam vários tipos de poemas hebraicos. O primeiro poema registrado na Bíblia é uma canção de batalha ([Gn 4.23-24](#)). Outros exemplos famosos desse tipo são o Cântico de Moisés ([Ex 15.1-18](#)) e o Cântico de Débora ([Jz 5.1-31](#)). Depois, há a Canção de Escárnio ([Nm 21.27-30](#)), o Cântico do Poço (vv 17-18), e canções de bênção. Deste último tipo, exemplos bem conhecidos são a Bênção de Jacó ([Gn 49.1-27](#)), a Bênção de Moisés ([Dt 33.2-29](#)), e as quatro Bênçãos de Balaão ([Nm 23.7-10; 23.18-24; 24.3-9; 24.15-24](#)). Há também lamentos pelos mortos ([2Sm 1.19-27](#)) e poemas didáticos que alertam contra a imprudência ([Pv 6.6-11](#)) e a embriaguez ([23.29-35](#)). Comum em todos esses vários tipos de poemas é a emoção religiosa e o fervor. As canções de Moisés e Débora louvam a Deus como o doador da vitória.

A maioria dos poemas de fervor religioso distintivo caracteriza a adoração no santuário. Os salmos são poemas religiosos cantados com acompanhamento musical. Muitos são orações privadas, enquanto outros foram compostos para o culto público, especialmente hinos de agradecimento cantados no tabernáculo ou templo. É no Saltério que o espírito elevado da poesia hebraica atinge um nível nunca alcançado pelos vizinhos pagãos de Israel; os hebreus adoravam a Deus em espírito e em verdade, e ao fazê-lo, expressavam uma experiência pessoal do Deus vivo em sua alma.

As qualidades internas da poesia hebraica são em parte influenciadas pela época, condições sociais e ambiente em que os escritores viviam. Embora o AT seja de autoria divina, ele também se enquadra no âmbito da literatura e deve ser apreciado como tal. Mesmo que o Espírito Santo tenha inspirado a mensagem dos escritores hebraicos, seus estilos de

escrita individuais permanecem claramente evidentes. Usando uma dicção simples e vívida, figuras de linguagem e recursos literários, cada poeta expressou uma riqueza de pensamento religioso, experiência e emoção; símile, metáfora, alegoria, hipérbole, personificação, ironia e jogos de palavras enriqueceram de várias formas o padrão de pensamento de cada escritor. A poesia hebraica é a expressão do espírito humano do poeta e é a literatura do Apocalipse — a Palavra de Deus para a humanidade.

No Novo Testamento

O NT tem um número limitado de passagens poéticas. Provavelmente o NT contém menos poesia do que o AT (relativamente falando) porque os primeiros cristãos consideravam o Saltério do AT (em hebraico e LXX) adequado para seus propósitos devocionais. Todos os escritores do NT eram judeus, exceto Lucas. Ele nos deu alguns poemas memoráveis: o Magnificat ([Lc 1.46–55](#)), o Benedictus (vv [68–79](#)) e o Nunc Dimittis ([2.29–32](#)). Curiosamente, esses poemas são fortemente hebraicos em forma, caráter e conteúdo. Mateus nos deu as poéticas Bem-aventuranças ([Mt 5.3–12](#)). Essas Bem-aventuranças têm o paralelismo que é comum na poesia do AT — especificamente, o paralelismo sintético (onde a segunda linha de cada versículo completa o significado da primeira linha). Há também uma qualidade rítmica definida em [Mateus 11.28–30](#). O Prólogo de João ao seu Evangelho de João ([1.1–18](#)) é um excelente exemplo de poesia helenística.

As Epístolas do NT contêm várias passagens poéticas, especialmente nas doxologias (veja, por exemplo, [Rm 16.25–27](#); [Id 1.24–25](#)). Outras seções são claramente poesia e/ou hinos cristãos primitivos. Estes incluem [Filipenses 2.6–11](#) (hino/poema “A Humildade de Cristo”); [Colossenses 1.15–20](#) (hino/poema “A Preeminência de Cristo”); e [1 Timóteo 3.16](#) (hino/poema “A Encarnação”). O escritor de Hebreus também produziu um prólogo poético notável ([1.1–3](#)). Outras seções dos escritos de Paulo exibem linguagem poética, onde o ritmo e a dicção exaltada são proeminentes (veja, por exemplo, [1Cor 13; 15.54–57](#)).

O livro do Apocalipse também contém uma série de poemas de louvor, bem como hinos (veja [Ap 5.9–10.12–13; 7.12; 11.17–18; 15.3–4](#)).

Veja também Eclesiastes, Livro de; Jó, Livro de; Lamentações, Livro de; Música; Provérbios, Livro

de; Salmos, Livro dos; Cântico de Salomão; Sabedoria; Literatura de Sabedoria.

Policarpo

Um líder cristão que morreu por sua fé no período após os apóstolos de Jesus.

Período inicial da vida de Policarpo e seu papel na igreja

Policarpo nasceu em uma família cristã. Ele se considerava discípulo de “João”, provavelmente se referindo ao apóstolo João. Policarpo foi escolhido para ser o bispo de Esmirna, na Ásia Menor.

Por volta de 116 d.C., outro líder cristão chamado Inácio escreveu cartas a Policarpo e à igreja em Esmirna. Inácio escreveu essas cartas enquanto soldados romanos o levavam para Roma para ser morto por sua fé. Perto do fim de sua vida, Policarpo viajou para Roma para representar as igrejas de sua região sobre quando celebrar a Páscoa.

Prisão e martírio

As autoridades civis prenderam Policarpo e tentaram convencê-lo a renunciar à sua fé. Quando Policarpo recusou, eles o queimaram na fogueira. A carta da igreja de Esmirna para a igreja de Filomélio descreve a morte de Policarpo. Esta história é o registro mais antigo de martírio cristão fora do Novo Testamento.

Carta de Policarpo aos filipenses

Como bispo de Esmirna, Policarpo escreveu muitas cartas para várias igrejas. Apenas uma de suas cartas sobreviveu. Ele escreveu esta carta aos filipenses em resposta a uma carta que eles lhe haviam enviado. Enquanto Inácio viajava para Roma para ser morto por sua fé, seus guardas pararam em Filipos. Inácio encorajou a igreja em Filipos a escrever para a igreja em Antioquia. Eles enviaram uma carta por meio de Policarpo e também queriam ajuda para enviar uma carta para a igreja em Antioquia.

Policarpo escreveu uma resposta aos cristãos em Filipos que agora chamamos de *Carta aos Filipenses*. Ele a escreveu por volta de 120 d.C. Esta carta é muito especial porque é o único escrito que ainda temos de Policarpo. Nela, Policarpo pensou que Inácio poderia ter morrido, mas ele não tinha certeza. Ele pediu aos filipenses que lhe

informassem qualquer notícia que tivessem sobre Inácio.

Nesta carta, Policarpo:

- Elogiou a igreja de Filipos por sua boa reputação entre as outras igrejas
- Mencionou que Paulo tinha escrito várias cartas para eles
- Foi avisado sobre o perigo de amar demais o dinheiro, o que levou Judas Iscariotes a trair Jesus
- Falou contra falsos mestres que afirmavam que Jesus não ressuscitou verdadeiramente dos mortos
- Ensinou líderes da igreja e outros cristãos sobre como devem viver

Muitos críticos classificaram a carta de Policarpo como "não original" porque não apresenta novas ideias teológicas. No entanto, ela nos ajuda a compreender quais escritos do Novo Testamento as igrejas primitivas possuíam. A carta inclui:

- Citações e alusões de vários livros do Novo Testamento: Mateus, Atos, Romanos, 1 Coríntios, Gálatas, Efésios, 2 Tessalonicenses, 1 Timóteo e 1 Pedro
- Referências a cartas de outros líderes cristãos, como Clemente e Inácio
- Sem referências do Antigo Testamento
- Não há menção ao Evangelho de João, embora as pessoas digam que Policarpo aprendeu com o apóstolo João

A carta termina com a promessa de Policarpo de enviar a carta dos filipenses para Antioquia. Ele também promete enviar-lhes as cartas de Inácio.

Pólux

Uma figura da mitologia grega que era filho de Zeus e irmão gêmeo de Castor. Juntos, eram conhecidos como os Dióscuros, que significa "filhos de Zeus". Os Dióscuros eram considerados protetores de marinheiros e navios. Em [Atos 28.11](#), Paulo e seus

companheiros navegaram de Malta para Alexandria. O navio tinha a figura de proa dos deuses gêmeos Castor e Pólux. Muitos navios antigos tinham figuras de proa esculpidas, frequentemente acreditadas para trazer boa sorte e proteção durante as viagens.

Veja Dióscuros.

Pomba

Uma pomba é um pombo pequeno. Na Bíblia, as pombas frequentemente simbolizam paz, o Espírito Santo ou pureza. Elas eram, às vezes, oferecidas como sacrifícios ([Lv 5.7](#)).

Veja Pombo.

Pombo

Um pombo ou uma pomba é uma ave da família dos pombos (*Columbidae*). As pessoas frequentemente usam os dois nomes de forma intercambiável. Por exemplo, o pombo comum da cidade vem da pomba-brava selvagem. Na Bíblia, traduções em português usam ambas as palavras para o mesmo termo hebraico. Um segundo termo hebraico é geralmente traduzido como "rola". Os antigos hebreus pareciam saber que havia diferentes tipos de pombas.

Hoje, pelo menos seis tipos de pombos ou rolas vivem em Israel:

- os pombos-das-rochas, pombos-de-colar e pombo-bravo (gênero *Columba*), e
- as rolas, rolas-de-colar e rolas-do-Senegal (gênero *Streptopelia*).

A pomba-brava (*Columba livia*) e a rola-europeia (*Streptopelia tutur*) são mencionadas com mais frequência na Bíblia.

Pombos têm de 15 a 30 centímetros de comprimento. O pombo comum é o tipo mais colorido em Israel. Ele é frequentemente cinza prateado, com asas esverdeadas que brilham à luz ([Sl 68.13](#)). As pombas menores são principalmente cinza ou marrom claro, com um meio colar escuro na parte de trás do pescoço. Pombos têm pescoços curtos, cabeças pequenas, corpos arredondados e asas curtas. Essas asas são fortes, permitindo que

os pombos voem longas distâncias. As pombas menores têm caudas mais longas.

As pombas selvagens vivem principalmente perto do Mar da Galileia e em ravinas próximas ao Mar Morto. Elas fazem seus ninhos em penhascos e rochas ([Ct 2.14](#); [Ir 48.28](#)). Todas as pombas em Israel constroem ninhos frágeis com pequenos pedaços de plantas. Elas geralmente põem dois ovos, duas vezes por ano. Ambos os pais alimentam os filhotes. Elas se alimentam de sementes e ervas daninhas. Os pais produzem "leite de pombo" (um alimento macio, parcialmente digerido) em seus papos e o oferecem aos filhotes.

Os pombos machos frequentemente competem por parceiras. O voo de cortejo da rola é muito bonito. Os pombos cuidam de seus parceiros e de seus filhotes. Por causa disso, as pessoas há muito tempo usam o pombo como um símbolo de amor e paz ([Ct 1.15](#); [2.14](#); [4.1](#); [5.2](#)).

Os escritores antigos sabiam que pombos e rolas eram diferentes. Pombos vivem em Israel o ano todo e são fáceis de domesticar. Rolas são selvagens e visitam apenas na primavera ([Ct 2.12](#); [Ir 8.7](#)). As pessoas mantinham rolas em gaiolas como animais de estimação ou para sacrifícios. Os pombos podem ter sido as primeiras aves que os humanos mantiveram, possivelmente até no tempo de Noé ([Gn 8.8-12](#)). Nos tempos do Novo Testamento, muitos pombais estavam perto do palácio de Herodes, o Grande, em Jerusalém.

Pombos nos tempos da Bíblia

As pessoas valorizavam pombas e pombos como aves gentis, como alimento e para sacrifícios. As rolas podem ter sido vistas como mais especiais para sacrifício porque eram mais difíceis de obter. A Bíblia frequentemente as menciona em ofertas ([Gn 15.7-10](#); [Lv 1.14](#); [5.7](#); [12.6](#); [Nm 6.10](#); [Lc 2.24](#)). Outras passagens descrevem suas:

- som de gemido ([Is 38.14](#); [59.11](#); [Ez 7.16](#); [Na 2.7](#)),
- voo ([Sl 55.6](#)),
- beleza ([Ct 1.15](#); [4.1](#); [5.12](#)),
- mansidão ([Mt 10.16](#)), e
- lealdade ([Ct 6.9](#)).

[Oseias 7.11](#) usa a pomba como uma imagem de alguém excessivamente confiante.

No batismo de Jesus, o Espírito Santo desceu como uma pomba ([Mt 3.16](#)). Os primeiros cristãos associaram a pomba ao Espírito Santo e ao conforto que o Espírito proporciona. A pomba ainda é um símbolo comum do Espírito Santo hoje.

Veja também Aves.

Ponto

Província romana no nordeste da Ásia Menor, localizada ao longo da costa sul do Mar Negro. Galácia, Capadócia e Armênia faziam fronteira com o Ponto. Por volta de 1000 a.C., os primeiros gregos começaram a colonizar a costa sudeste do Mar Negro, fundando Sinope e Trebisonda. Foi aqui que Xenofonte e seus homens chegaram ao mar após sua grande aventura oriental. O famoso geógrafo Estrabão, responsável pelo conhecimento da história antiga do Ponto, nasceu na cidade interiorana de Amasia. Mitrídates Eupator, rei de Amasia, foi, segundo os romanos, o inimigo mais formidável que a república já enfrentou. Ele travou três guerras contra os romanos até sua derrota final por Pompeu por volta de 60 a.C.

Áquila, o fabricante de tendas que, com sua esposa, Priscila, foi um colaborador útil do apóstolo Paulo, nasceu em Ponto. Ao contrário de Paulo, no entanto, ele não era cidadão romano; portanto, estava sujeito ao edicto de Cláudio e foi expulso de Roma por ser judeu ([At 18.2](#); [22.25-28](#)).

Os cristãos que residiam lá nos dias de Pedro ([1Pe 1.1](#)) provavelmente eram convertidos daqueles que retornaram de Jerusalém após o primeiro Pentecostes, quando Pedro falou ([At 2.9](#)).

Porco-espinho

Um porco-espinho (*Hystrix cristata*) é um grande roedor que vive na Terra Santa. Ele possui longos e afiados espinhos (pelos pontiagudos) que cobrem seu corpo. Quando o porco-espinho se sente ameaçado, ele pode levantar esses espinhos para parecer maior.

Porcos-espinhos são mais ativos à noite. Durante o dia, eles descansam em buracos ou fendas nas rochas. Eles vivem em diferentes lugares, como florestas, colinas rochosas e vales. Existem dois tipos principais de porcos-espinhos. O tipo encontrado no Oriente Médio e na África (chamado de porcos-espinhos do velho mundo) geralmente

permanece no chão. O tipo encontrado na América do Norte e do Sul (chamado de porcos-espinhos do novo mundo) frequentemente sobe em árvores.

Um porco-espinho pode crescer bastante, pesando até 27 quilogramas. Ele se alimenta de várias coisas diferentes, incluindo:

- Fruta
- Casca de árvore
- Raízes
- Plantas
- Animais mortos

Embora as pessoas possam comer carne de porco-espinho, os antigos israelitas não a consumiam porque não era considerada ceremonialmente pura de acordo com a lei de Moisés. Muitas traduções de [Isaías 34.11](#) e [14.23](#) usam a palavra "porco-espinho". Outras traduções utilizam "ouriço" ou "coruja". O animal exato é incerto.

Veja também Animais; Ouriço; Coruja.

Porta formosa

Uma porta no templo de Herodes em Jerusalém.

Um homem que não conseguia andar foi milagrosamente curado por Pedro e João na porta ([At 3.2,10](#)). Não sabemos onde esta porta estava, mas provavelmente era a porta que levava do Pátio dos Gentios para o Pátio das Mulheres. Esta também era chamada de Portão Coríntio (por seu bronze coríntio) pelo historiador judeu Josefo. Segundo ele, media 22,9 metros de altura por 18,3 metros de largura. Uma inscrição funerária encontrada no Monte das Oliveiras diz que o portão foi construído por um judeu de Alexandria chamado Nicanor.

Veja também Templo.

Porta Nova

Uma das portas do templo durante o ministério de Jeremias ([Jr 26.10](#); [36.10](#)).

Portão

Veja Arquitetura; Cidade.

Portão da Esquina

Portão presumivelmente localizado no canto noroeste da muralha de Jerusalém. Após o rei Joás de Israel capturar o rei Amazias de Judá, ele derrubou uma seção da muralha de Jerusalém desde o Portão da Esquina até o Portão de Efraim ([2Rs 14.13](#); [2Cr 25.23](#)); mais tarde, o rei Uzias de Judá construiu torres neste portão ([2Cr 26.9](#)). Jeremias ([Jr 31.38](#)) prediz um tempo em que a muralha de Jerusalém será reconstruída desde a Torre de Hananel até o Portão da Esquina. Zacarias ([Zc 14.10](#)) também vislumbra um período de segurança e prosperidade epitomizado pela presença da muralha de Jerusalém, incluindo o Portão da Esquina.

Veja também Jerusalém.

Portão da Guarda

Tradução da NTLH para o portão de Jerusalém localizado em frente à casa dos servos do templo e dos mercadores durante os dias de Neemias ([Ne 3.31](#); ARC "Porta de Mifcade"; NVI "Porta da Inspeção"). Sua localização exata é incerta. Alguns sugerem que era um portão do templo ou um portão na muralha da cidade antiga de Davi. *Veja Jerusalém.*

Portão do Alicerce

Algumas Bíblias usam a tradução "Portão do Fundamento". Estrutura mencionada em [2 Crônicas 23.5](#), na narrativa sobre a execução da rainha Atalia. Na passagem paralela em [2 Reis 11.6](#) lê-se "Portão Sur", enquanto a Septuaginta tem "portão dos caminhos", indicando algumas dificuldades no texto hebraico.

Portão do Lixo

Um dos 11 portões na muralha de Jerusalém na época de Neemias ([Ne 2.13](#); [3.14](#)). Estava localizado perto do canto sudoeste da cidade e levava ao vale de Hinom, onde lixo e resíduos eram despejados. Este portão específico foi reconstruído por Malquias, filho de Recabe ([Ne 3.14](#)), e estava situado entre o Portão da Fonte e o Portão do Vale. Quando as muralhas restauradas de Jerusalém

foram concluídas, a cerimônia de dedicação ocorreu perto deste portão. Josefo o conhecia como o Portão dos Essênios.

Veja também Jerusalém.

Portão entre os dois muros

Entrada na parte sudeste da cidade de Jerusalém, possivelmente a mesma que o Portão da Fonte ([2Rs 25.4](#); [Jr 39.4](#)). *Veja Jerusalém.*

Portão Leste

Portão na cidade murada de Jerusalém ([Ne 3.29](#)). "Portão Leste" também se refere ao portão do templo mencionado em [Ezequiel 10.19](#); [11.1](#); e [43.1](#).

Veja Jerusalém.

Porteiro

Uma pessoa que guarda e controla o acesso a um edifício, vigiando sua entrada. Na Bíblia, os porteiros (ou guardiões) tinham o importante trabalho de proteger lugares sagrados como o Templo em Jerusalém. Eles controlavam quem podia entrar e garantiam que o edifício permanecesse seguro.

Veja Guardas.

Pórtico

Corte associada ao Templo ou palácio. Na ARA, é a tradução de várias palavras hebraicas. Em [1Rs 7](#) e [Ezequiel 40](#), a ARA menciona muitas vezes o pórtico como parte do Templo. O pórtico separava o Lugar Santo do restante do mundo. Por meio de vários degraus, entrava-se no pórtico, que estava elevado acima da área circundante. Tanto os degraus quanto a elevação enfatizavam a separação do Templo. Em ambos os lados da entrada do pórtico estavam as colunas de suporte, Jaquim e Boaz. No NT, a ARA usa "pórtico" para proaulion e estoia ("pórtico"). A estoia era um pórtico coberto sustentado por colunas. O pórtico de Salomão era o famoso pórtico colunado ao redor da área do Templo voltado para o Templo (cf. [Jo 10.23](#); [At 3.11](#); [5.12](#)).

Veja também Arquitetura; Tabernáculo; Templo.

Possessão Demoníaca

Ocupação demoníaca de um ser humano. O termo "possessão" é enganoso e não é a melhor tradução para a palavra grega *daimonizomai*, que literalmente significa ser "demonizado" e muitas vezes pode ser melhor traduzido como "ter um demônio".

Os demônios podem entrar no corpo de uma pessoa ([Lc 8.30](#); [22.3](#)) a fim de controlar os pensamentos e ações do indivíduo. Às vezes, uma distinção é feita entre opressão demoníaca e possessão demoníaca; isso supostamente diferencia um ataque de fora e um controle interno. Embora possa ser dito de um não cristão estar "possuído" por um demônio, o cristão não pode ser possuído dessa maneira, pois ele pertence a Cristo e seu espírito humano foi selado pelo Espírito Santo ([Ef 1.13](#)). Espíritos demoníacos de alguma forma conhecem e reconhecem este selo.

Os demônios também podem entrar nos corpos de animais, como no caso dos porcos em [Marcos 5.13](#). Os demônios estão associados com livros de magia ([Atos 19.19](#)), ídolos ([1Co 10.19-21](#)) e fetiches. Os demônios muitas vezes causam doença ou incapacidade física; [Lucas 13.11](#) fala de uma mulher que havia sido "aleijada por um espírito maligno" por 18 anos, mas foi liberta e curada por Jesus. Uma vez que os espíritos malignos muitas vezes atacam a mente e as emoções, muitos sintomas de doença mental podem ser o resultado de sua atividade. O menino a quem Jesus libertou logo após a Transfiguração apresentava sintomas de epilepsia. A paranoia pode ser obra de um espírito de medo. Alguns indivíduos que sofrem de esquizofrenia (personalidade dividida ou múltipla) podem, na realidade, estar demonizados por vários espíritos. É possível que uma pessoa tenha muitos demônios. Jesus expulsou sete deles de Maria Madalena ([Lc 8.2](#)). O espírito no endemoninhado geraseno deu seu nome como Legião, "porque somos muitos" ([Mc 5.9](#); [Lc 8.30](#)). No tempo de Augusto, uma legião romana consistia em 6.000 soldados a pé, geralmente acompanhados por um número igual de tropas auxiliares.

A demonização ocorre de várias maneiras. Algumas pessoas são demonizadas por uma maldição hereditária, que pode continuar até a terceira ou quarta geração ([Êx 20.5](#)). A maldição contra a ilegitimidade era particularmente forte, pois um

filho ilegítimo não poderia entrar na congregação de Israel até a décima geração ([Dt 23.2](#)). Maldições também podem ser colocadas sobre alguém por feitiços, encantamentos ou práticas semelhantes, como vodu ou outras formas de bruxaria. [Gálatas 3.13](#) fala de redenção da maldição da lei através de Cristo, Jesus tendo “se tornado uma maldição” por nós. Geralmente os crentes não são afetados por maldições feitas contra eles, a menos que tenham dado motivos ao diabo ([Ef 4.27](#)). Tais motivos podem ser fornecidos através de drogas, sexo ilícito, ocultismo ou qualquer outro caminho proibido na Bíblia. O envolvimento com cartas de tarô, horóscopos ou qualquer outra forma de adivinhação pode dar aos demônios oportunidade de entrar. Tais contatos podem parecer inofensivos, mas Satanás utiliza o menor ponto de apoio para obter vantagem sobre as pessoas.

Manifestação

Muitas vezes os demônios preferem se esconder em vez de tornar sua presença conhecida. Dessa forma, eles podem exercer controle sem restrição. Quando eles se manifestam, muitas vezes quando desafiados, todos os tipos de coisas estranhas e assustadoras podem ocorrer. Eles possuem poderes sobrenaturais (cf. [Ap 16.14](#)), que eles exibem diretamente ou através de suas vítimas. O endemoninhado geraseno tinha força física sobre-humana, de modo que ele não poderia ser preso com grilhões ou correntes ([Mc 5.4-5](#)); ele vivia em túmulos e gritava dia e noite. Ele também se machucava com pedras.

O espírito no menino demonizado em [Marcos 9](#), fez dele mudo e surdo, jogava-o no chão e o fazia rolar e espumar pela boca ([9.18-20](#)). O demônio o fazia ranger os dentes e tornar-se rígido; ele havia tentado matar o menino jogando-o no fogo e na água em várias ocasiões (vv. [18-22](#)). Antes de sair ao comando de Jesus, o demônio clamou (cf. [Mc 1.26](#)), sacudiu o menino terrivelmente e o deixou deitado como um cadáver. Jesus o tomou pela mão e o levantou ([9:27](#)). Manifestações semelhantes ocorrem hoje.

Exorcismo

Expulsar demônios, ou exorcismo, era uma parte regular e frequente do ministério de Jesus, e ele ensinava e ordenava aos seus seguidores a fazer o mesmo. Este comando nunca foi anulado, e o ministério da libertação deveria ser ainda mais importante hoje, quando as forças do mal são tão prevalentes. Os seguintes princípios vêm da prática

de Jesus, das Escrituras, e observação e envolvimento pessoal.

1. Jesus falou com demônios e ordenou-lhes que saíssem ([Mc 1.25; 9.25](#)). Ele os expulsou “com uma palavra” ([Mt 8.16](#)). Jesus deu aos seus seguidores autoridade para usar seu nome a fim de expulsar os demônios e aplicou isso como um sinal do crente ([Mc 16.17](#)). Seu nome não é uma fórmula mágica, e seu uso depende do relacionamento entre o Senhor e a pessoa que o usa. Os filhos de Ceva descobriram isso para seu horror ([Atos 19.11-18](#)).
2. Jesus expulsa demônios pelo Espírito de Deus ([Mt 12.28](#)). Deus ungiu Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder para curar todos os que estavam oprimidos pelo diabo ([Lc 4.18-19; Atos 10.38](#)).
3. O Senhor deu um ensino claro sobre “o amarrar do homem forte” na libertação ([Mt 12.29; Mc 3.27](#)) e sobre ligar e desligar ([Mt 18.18](#)).
4. A oração é uma arma importante na guerra espiritual. Quando os discípulos perguntaram ([Mc 9.28](#)) por que eles não podiam expulsar um demônio, Jesus respondeu que este tipo sai apenas com oração.
5. [Apocalipse 12.11](#) testifica do poder do “sangue do Cordeiro” em vencer Satanás. Os demônios não gostam de ouvir sobre o sangue de Jesus e muitas vezes ficam agitados com a menção disto.
6. Deus equipou o crente com armadura para defesa na batalha espiritual ([Ef 6.10-17](#)).
7. O Senhor respondeu a Satanás com textos corretamente aplicados da Bíblia. Nos foi dada a espada do Espírito, a Palavra de Deus ([Ef 6.17; Hb 4.12](#)), como um meio de defesa e para ataque contra o inimigo.
8. Devemos vir contra as hostes do inferno a partir de nossa posição nos lugares celestiais ([Ef 2.6](#)), não de nossa posição terrena limitada.
9. Devemos reconhecer que a vitória final já foi ganha por Jesus, que veio para destruir as obras do diabo ([1Jo 3.8](#)) e destruir aquele que tem o poder da morte ([Hb 2.14-16](#)). Quando Jesus clamou na cruz: “Está consumado”, ele quis dizer que a obra redentora estava completa; quando ele ressuscitou dos mortos, ele demonstrou seu poder sobre a morte. Ganhamos apenas quando participamos de sua vitória.

Veja também Demônio.

Potifar

O oficial que comprou José quando ele chegou ao Egito após ser vendido por seus irmãos aos ismaelitas ou midianitas ([Gn 37.36](#); [39.1](#)). A palavra traduzida como "oficial" é derivada de uma palavra acádica para um oficial da corte. No primeiro milênio, o significado "eunuco" foi atribuído ao termo; portanto, a ARC, seguindo a tradição da Septuaginta, usa "eunuco" em [Gênesis 37.36](#). Mas a maioria das versões em português está correta ao traduzi-la como "oficial" ou "funcionário". Pouco, se é que algo, se sabe sobre eunucos no Egito, e certamente eles não desempenhavam nenhum papel na corte do Faraó no segundo milênio a.C.

Um segundo título mantido por Potifar era "capitão da guarda", que parece ser uma expressão semítica para um título egípcio, em vez de uma transliteração de uma frase egípcia. Este mesmo título é aplicado a Nebuzaradã, general de Nabucodonosor (veja [2Rs 25.8.11.20](#); [Jeremias 39.9-11](#)). O equivalente egípcio a este título sugere que este oficial era um instrutor para os criados que estavam ligados ao rei. Os títulos indicam que Potifar era um homem de alguma importância e status. Sua compra de um escravo semita para servir em assuntos domésticos está de acordo com a prática dos egípcios a partir de 1800 a.C. em diante.

O nome Potifar parece ser uma transliteração do nome egípcio, que significa "aquele a quem Rá [o deus sol] deu". Essa fórmula de nome é conhecida no Egito desde o século XIII a.C..

Quando falsamente acusado de tentar seduzir a esposa de Potifar, José foi colocado na prisão ([Gn 39.20](#)). Alguns acreditam que Potifar, como "capitão da guarda", poderia ter sido o carcereiro. Mas [Gn 39.21](#) nos informa que o "encarregado da prisão" ficou impressionado com as habilidades de José (algo que Potifar já havia percebido — cf. vv. [2-6](#)), e assim lhe deu responsabilidades especiais. A descoberta dos talentos de José pelo encarregado enquanto estava na prisão sugere que ele era um homem diferente.

Veja também Egito, Egípcio; José #1.

Potífera

Sacerdote de Om, cuja filha, Asenate, foi dada a José como esposa pelo Faraó ([Gn 41.45.50](#); [46.20](#)). Om (ou Heliópolis) era o centro do culto ao deus-sol, e

Potífera provavelmente era um sacerdote de alto escalão nesse culto. Seu nome, que significa "aquele a quem Rá [o deus-sol] deu", não aparece nos registros egípcios até o décimo século a.C., um fato utilizado por aqueles que preferem uma data tardia para o livro de Gênesis. No entanto, o nome é conhecido desde o século 15 (a época de Moisés), e sua forma completa pode ser uma modernização de um nome comum na era de José (século 20 a.C.).

Veja também Egito, Egípcio; José #1.

Poupa

Qualquer um de vários pássaros cantores do Velho Mundo; considerados impuros ([Lv 11.19](#); [Dt 14.18](#)). *Veja Aves.*

Povo de Deus

O povo de Deus é um termo para o grupo de pessoas que acreditam em Deus. No Antigo Testamento, uma parte fundamental da fé de Israel era que eles se tornaram o povo de Deus porque Ele os escolheu para serem sua posse especial ([Êx 6.6-7](#); [19.5](#); [Dt 7.6](#); [14.2](#); [26.18](#)). Esta ideia está conectada ao conceito da aliança entre Deus e Israel ([Lv 26.9-12](#)). Quando a Bíblia fala sobre a aliança entre Deus e Israel, refere-se ao acordo onde Deus prometeu abençoar e proteger o povo de Israel, e eles prometeram seguir as leis de Deus e adorar somente a Ele.

Quando os profetas pregavam sobre o julgamento de Deus que poderia levar à destruição completa, eles também compartilhavam visões de Deus reconstruindo e recriando seu povo ([Jr 32.37](#); [Os 2.1.23](#); [Ez 11.20](#); [36.28](#)). Após o exílio, o judaísmo desenvolveu a ideia de que apenas o futuro Israel, a comunidade final liderada pelo Messias (o líder escolhido por Deus), seria verdadeiramente o "povo de Deus" no sentido mais pleno.

O Novo Testamento mostra em várias passagens que a igreja primitiva se entendia como este futuro povo de Deus. O exemplo mais claro encontra-se em [1 Pedro 2.9](#): "Mas vocês são uma geração eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo." As expressões "sacerdócio real" e "nação santa" vêm de [Êxodo 19.6](#). Este versículo descreve o papel de Israel como sacerdotes para o mundo, participando do reinado de Deus. O povo original de Deus deveria declarar Seus atos poderosos ([Is 43.20-21](#)). O novo povo de Deus deve proclamar aquele

que os tirou das trevas para a sua maravilhosa luz ([1Pe 2.9](#)).

Veja também O Corpo de Cristo.

Povos da Terra

A expressão "povo da terra" origina-se do hebraico 'Am-Ha'arets. Em um sentido genérico, 'Am-Ha'arets referia-se a um grupo político ou étnico de pessoas, como:

- Os heteus filhos de Hete ([Gn 23.7](#))
- Os egípcios ([Gn 42.6](#))
- Os israelitas ([Ex 5.5](#))
- As nações de Canaã ([Nm 13.28](#); [Ne 9.24](#))
- Os amonitas ([Nm 21.34](#))

À medida que Israel se tornou uma nação, o significado mudou. O termo passou a significar o povo comum que não fazia parte da liderança religiosa ou política ([2Rs 11.14-20](#); [25.3](#); [2Cr 33.25](#); [Jr 52.25](#)). Depois que muitos judeus retornaram do exílio na Babilônia, o termo adquiriu um novo significado. Descrevia judeus que haviam se casado com pessoas de outras nações. Esdras e seus seguidores geralmente evitavam essas famílias de casamentos mistos ([Ed 4.4](#); [10.2.11](#); [Ne 10.28-31](#)). Mais tarde, o judaísmo rabínico chamava de 'Am-Ha'arets os judeus que não conseguiam seguir toda a lei.

Povos do Oriente

Tribos localizadas a leste e nordeste de Canaã, muitas delas abertamente hostis aos judeus. [Gênesis 29.1](#) fornece a primeira referência a esses povos. Jacó, a caminho de Harã, atravessou o território designado como "a terra do Oriente".

A abrangência do termo é evidente na forma como é usado para se referir a nômades ([Ez 25.10](#)) ou mesopotâmicos ([1Rs 4.30](#)). O termo também ocorre em associação com tribos específicas, como os amalequitas ([Jz 6.3](#)), amonitas ([Ez 25.4](#)), edomitas ([Is 11.14](#)), quedaritas ([Jr 49.28](#)), midianitas ([Jz 6.33](#)) e moabitas ([Ez 25.10](#)).

A personalidade mais distinta do AT ligada ao termo é o patriarca Jó, que é chamado de "o homem mais rico de todo o Oriente" ([Jó 1.3](#)). A terra natal

de Jó, a terra de Uz, provavelmente estava nas proximidades de Edom, a sudeste do Mar Morto.

Praça de Ápio

O mercado em [Atos 28.15](#). Este foi o lugar onde os cristãos encontraram o apóstolo Paulo quando ele veio se apresentar diante de César. Foi aparentemente nomeado em homenagem a Ápio Cláudio, o construtor da Via Ápia. A Via Ápia era uma importante estrada no sudeste da Itália que seguia para o noroeste até Roma.

Ao redor da praça, havia uma região de pântano e terrenos alagadiços. Era notória no mundo antigo por sua água de má qualidade, mosquitos, tavernas caras para viajantes, tráfego noturno barulhento de cargas e passageiros em barcaças puxadas por mulas ao longo de um canal que cortava a área. A Via Ápia passa pela Praça de Ápio, cerca de 64 quilômetros ao sul de Roma.

Veja também Via Ápia; Praça.

Praga

Uma palavra usada para se referir a uma doença, desastre ou pestilência (uma doença generalizada resultando em muitas mortes). "Praga" nas Escrituras não significa uma doença específica. Refere-se a múltiplas doenças ([1Rs 8.37](#); [Lc 7.21](#)). "Praga" pode significar uma doença epidêmica ou desastre generalizado. Pode se referir às dez pragas do Egito ([Ex 7-12](#)).

Os hebreus acreditavam que as pragas faziam parte do julgamento de Deus sobre as pessoas. Deus ameaçou enviar pragas aos israelitas por seus pecados ([Lv 26.21](#)) e assumiu total responsabilidade pelas pragas egípcias ([Is 24.5](#)). As pragas do Antigo Testamento demonstraram o controle de Deus sobre os processos da natureza, assim como os milagres de Cristo no Novo Testamento.

Em um ponto da história de Israel, os filisteus venceram uma batalha e capturaram a arca de Deus ([1Sm 4.10-11](#)). Quando a arca foi mantida em Asdode, Deus mostrou seu poder. Uma doença fatal com inchaços ou tumores se espalhou ([1Sm 5.6](#)). Os filisteus enviaram a arca para Gate, mas pessoas de todas as idades começaram a ter tumores na região da virilha ([1Sm 5.9](#)). Um acontecimento

semelhante na cidade seguinte, Ecrom, resultou em muitas mortes ([1Sm 5.12](#)).

Após sete meses, os filisteus decidiram devolver a arca de Deus a Israel. Eles incluíram uma oferta de culpa de cinco ratos de ouro e cinco tumores de ouro ([1Sm 6.1-4](#)). Eles escolheram essa oferta incomum porque os profetas filisteus associaram a praga que os atingiu às infestações de roedores que assolavam a terra ([1Sm 6.5](#)). A primeira aldeia israelita a receber a arca de Deus dos filisteus foi punida por olhar dentro dela. Eles contraíram a mesma doença ([1Sm 6.19](#)). A enfermidade em Bete-Semes deixou 50.070 pessoas mortas.

Veja também Doença; Livro de Êxodo; Peste; Pragas sobre o Egito.

Pragas sobre o Egito

Uma série sem precedentes de desastres atingiu o Egito, provavelmente culminando na primavera ou no início do verão (c. 1400 a.C.). Eles afetaram particularmente o Delta do Nilo, embora aparentemente não tenham atingido a área chamada Gósen. Esses desastres foram de tal magnitude que os egípcios, desde os primeiros registros de sua história, não conseguiam se lembrar de nada semelhante ([Ex 9.24](#)).

Resumo

- As pragas;
- Faraó e as pragas;
- A natureza das pragas.

As pragas

As pragas são descritas em [Êxodo 7-11](#). À primeira vista, pode-se imaginar que as pragas ocorreram em sucessão dentro de algumas semanas, mas notas casuais de tempo (veja [7.25](#); [9.31-32](#)), assim como a natureza de algumas das pragas, sugerem que vários meses podem ter estado envolvidos. A primeira praga foi a transformação da água em sangue ([7.20](#)), de modo que os peixes morreram e a água cheirava mal. Em seguida, veio uma praga de rãs ([8.6](#)); mesmo após sua morte, a terra estava coberta de pilhas de seus corpos (v. [14](#)). Depois veio uma praga de piolhos (v. [17](#)), ou possivelmente mosquitos, mosquitos-palha ou pernilongos. O sentido exato da palavra não é claro, mas obviamente significa alguma pequena criatura irritante. Depois disso, vieram "enxames de moscas" (v. [24](#)). Novamente, o significado não é

muito claro. A tradição judaica posterior interpretou como enxames de feras selvagens, mas moscas é um sentido muito mais provável. Então, algum tipo de praga de gado atingiu ([9.3](#)), afetando os animais domésticos. Depois disso, surgiram furúnculos nos humanos (v. [9](#)), furúnculos que se transformaram em bolhas dolorosas e úlceras, aparentemente irritantes em vez de fatais. Seguiu-se granizo (v. [18](#)), tão severo que nada parecido havia sido visto antes — granizo associado a trovões e relâmpagos (v. [24](#)). Isso foi tão pesado que poderia ser fatal (v. [19](#)), e naturalmente causou grande dano às colheitas do Egito (v. [31](#)). Depois disso, vieram gafanhotos em vastas quantidades ([10.13](#)) — novamente em uma escala sem precedentes. Então vieram três dias de escuridão completa (v. [22](#)) que paralisaram a vida egípcia. Finalmente, todos os primogênitos dos egípcios morreram ([12.29](#)) — desde a casa do Faraó até as casas mais humildes do país.

Todas as pragas são vistas na Bíblia como julgamentos sucessivos de Deus. Normalmente, cada uma é precedida por um aviso de Moisés, que é ignorado por Faraó, e então cada uma é retirada como resultado de um arrependimento temporário por parte de Faraó. Também é claro que as pragas aumentam gradualmente em severidade e intensidade, até que o clímax chega com a morte dos primogênitos — com isso, até mesmo Faraó é quebrado. As primeiras pragas representam desconforto em vez de perigo para os egípcios; depois, seus animais e colheitas são atingidos; finalmente, a morte leva os primogênitos, a elite da nação.

Existem certas características comuns que permeiam o relato das pragas. No início, os magos do Faraó tentam minimizar as pragas e os sinais que as precedem, produzindo efeitos semelhantes por conta própria ([7.11-12](#); [8.7](#)). Este é um aviso interessante de que milagres podem ser produzidos a partir de várias fontes e que esse tipo de sinal, portanto, não é importante em si mesmo. Mas chega o momento em que os magos são derrotados e não conseguem mais competir ([8.18](#)); até eles admitem que esta é a mão de Deus (v. [19](#)). Quando a praga das úlceras chega, os magos não conseguem nem se apresentar diante do Faraó, tão ruim está a condição deles. Depois disso, os magos desaparecem da história.

Outro motivo que se torna cada vez mais claro à medida que o relato das pragas continua é a ênfase crescente na maneira como o povo de Deus, vivendo em Gósen, foi poupar das pragas que

afetaram os egípcios. Poderia ser assumido de qualquer forma que, como Gósen não estava no Nilo, a água que se transformou em sangue e a praga de rãs e mosquitos poderiam afetá-los menos. Mas no caso das posteriores nuvens de moscas ([8.22](#)), a praga do gado ([9.4](#)), o granizo ([v. 26](#)) e a escuridão ([10.23](#)), somos especificamente informados de que Israel foi poupado; no caso da morte dos primogênitos, o Senhor “passou por cima” das casas israelitas.

No início, parece que os corações de todos os egípcios são tão duros quanto o do Faraó ([7.13](#)). No entanto, à medida que a história avança, seu próprio povo continua a instá-lo a ceder a Deus. Os magos admitem o papel de Deus na praga dos piolhos ([8.19](#)). Os servos do Faraó que ouviram o aviso de Deus através de Moisés trouxeram seus servos e gado para dentro de casa antes das grandes tempestades de granizo, escapando assim da perda e da morte ([9.20](#)). Somente os incrédulos sofreram. Finalmente, os próprios servos do Faraó o exortaram a deixar Israel ir, dizendo-lhe diretamente que a terra estava sendo arruinada por sua teimosia ([10.7](#)).

Faraó e as pragas

A reação do Faraó à palavra de Deus é notável. As Escrituras descrevem a dureza do coração do Faraó de três maneiras. [Êxodo 7.3](#) fala de Deus endurecendo o coração do Faraó; [7.14](#) tem a declaração neutra de que o coração do Faraó estava endurecido; e [8.15](#) mostra o Faraó endurecendo seu próprio coração. Obviamente, todos esses se referem ao mesmo processo, que deve ser levado em conta em qualquer explicação. Além disso, deve-se permitir que Paulo tenha a última palavra sobre o assunto ([Rm 9.18](#)).

Mas, dentro deste contexto teológico, há bastante movimento, não apenas uma sucessão de arrependimentos superficiais destinados a garantir a remoção da praga, seguidos por uma renovada teimosia que invoca um novo julgamento. Há também uma típica sessão de barganha asiática entre Faraó e Moisés. Após as promessas quebradas de Faraó de deixar o povo ir ([8.8](#)), ele tenta barganhar: o povo deveria sacrificar a Deus no Egito, sem realmente partir ([v. 25](#)); apenas os homens deveriam ir ([10.11](#)); todos deveriam ir, mas deixar seus rebanhos e manadas como reféns ([v. 24](#)). Mas não pode haver barganha desse tipo em resposta ao chamado de Deus, como Faraó viria a aprender. Após a morte dos primogênitos, ele ficou contente em ver os israelitas partirem ([12.31-33](#)).

Nesse sentido, toda a história das pragas é uma luta. Às vezes, foi vista como a luta do tipo de profeta, Moisés ([Dt 18.15](#)), contra o tipo de rei, Faraó; embora possa ser isso, é muito mais. É a luta de Moisés, o servo de Deus, contra os magos. É a luta de Moisés contra o poderoso Faraó, ou melhor, a confrontação de Faraó por Deus, na forma da palavra trazida por seu servo. No nível mais profundo, é uma vitória conquistada por Deus sobre os falsos deuses do Egito. Isso dá a muitas das histórias seu sabor peculiar. Pois o Nilo é o deus Hapi; Heket, o sapo, é um deus da fertilidade e do parto; Rá, o sol (indignado pela escuridão), é um deus; Hator tinha a forma de uma novilha, e Ápis a de um touro; os insetos voadores simbolizavam o Egito; e o próprio Faraó era um deus. No entanto, todos eram impotentes diante do Deus de Israel.

A natureza das pragas

Não se sabe como Deus mandou as pragas, e alguns podem achar desnecessário até mesmo perguntar, já que Deus é livre para usar os meios que lhe agradam. No entanto, a afirmação de que Deus fez recuar as águas do “Mar de Juncos” por um forte vento leste ([Ex 14.21](#)) indica que Deus poderia usar meios naturais para realizar sua vontade. O conceito hebraico de “milagre” não era o mesmo que o moderno, que geralmente considera milagres como “sobrenaturais” e vê todo o resto como “natural” e, portanto, não milagroso. Os hebreus, no entanto, consideravam tudo na natureza como obra de Deus; era apenas que, em certas ocasiões, ele agia de maneira mais “maravilhosa” (talvez se diria mais “obviamente”) do que em outras. Portanto, não há nada de racionalista em dizer que, nesta ocasião, Deus pode ter enviado uma série de desastres “naturais” (o tipo de desastres aos quais o Egito era geograficamente propenso), mas os intensificou tanto — e os enviou em sucessão tão rápida — que constituíram milagres.

A maioria das explicações desse tipo assume um ano de condições climáticas incomuns e, em particular, uma variação na elevação anual do Nilo. Por exemplo, tanto uma elevação excepcionalmente baixa do Nilo (causando a água vermelha e lamacenta) quanto uma elevação excepcionalmente alta do Nilo (trazendo terra vermelha das terras altas da Etiópia) foram sugeridas como explicações para a primeira praga. Se alguém considerar que a descrição “transformado em sangue” seria satisfeita por água espessa de cor de sangue, então qualquer uma das situações seria satisfatória. Outra sugestão atraente é a multiplicação de plâncton vermelho na

água. Esse fenômeno é bastante comum em todo o mundo, especialmente em áreas tropicais e subtropicais. Isso tornaria a semelhança com o sangue muito mais próxima. Em qualquer um desses casos, a morte de peixes em água poluída e a migração de sapos do rio seriam compreensíveis. Se o Nilo estivesse inundando mais amplamente do que o habitual, a praga de rãs seria ainda mais compreensível. Alguns viram a morte súbita dos sapos como resultado de algum tipo de antraz interno; e, com pilhas de corpos de rãs fedorentos nos campos, o caminho estava amplamente aberto tanto para os portadores das pragas (moscas, etc.) quanto para as pragas que se seguiram.

A próxima praga, por exemplo, foi de mosquitos, mosquitos-palha ou possivelmente piolhos. Pelo menos o primeiro e o último são transmissores potentes de doenças, e todos causariam feridas irritantes por suas picadas. A inundação das águas estagnadas do Nilo proporcionaria condições perfeitas de reprodução para os mosquitos em particular.

Se estivermos corretos ao supor que os enxames que se seguiram eram de moscas, então tudo se encaixaria em um padrão divino. Pilhas de rãs mortas, pilhas de lixo espalhadas pela terra pela enchente (incluindo, sem dúvida, esgoto não tratado), águas do Nilo sujas e lamacentas — este seria um local ideal para a reprodução de moscas. Além disso, intérpretes judeus sugerem que as moscas em questão eram moscas que picam ou ferroam. Talvez estas fossem as responsáveis pela doença do gado. Intérpretes modernos sugeriram um tipo específico de mosca, ainda conhecido na área, que se multiplica muito rapidamente em meio à vegetação em decomposição. As moscas e o pó ([9.9](#)) entre eles poderiam ter produzido aquela temida praga tropical “brotoeja”, facilmente infeciosa.

Novamente, na providência de Deus, se os israelitas não estivessem na área do Delta, nem realmente vivendo ao longo do próprio Nilo, mas concentrados no Wadi Tumilat a leste, eles seriam poupadados dessas pragas — um fato que não passou despercebido ao Faraó ([9.7](#)). O milagre, portanto, residia na providência soberana de Deus, usando seu mundo e suas condições geográficas e climáticas para realizar sua obra de julgamento sobre os de coração endurecido.

Granizo, acompanhado por violentas tempestades ([9.24](#)), seria facilmente explicável (embora raro no Egito), especialmente nas condições de “funil” do Vale do Nilo, cercado por deserto quente e seco de

ambos os lados. Quanto à severidade do granizo (mais comum na Palestina), há paralelos bíblicos ([Js 10.11](#)). Com esta praga, há uma valiosa nota de tempo, dada incidentalmente ([Ex 9.31-32](#)) em conexão com as colheitas destruídas pelo granizo.

No caso da praga de gafanhotos, o uso dos elementos da natureza por Deus é claramente mostrado no texto, onde um “vento leste” os traz e um “vento do mar” os leva embora ([10.13,19](#)). A “praga” aqui é tanto o enorme número de gafanhotos (veja [Jl 1.1-12](#) para outra ilustração deste flagelo) quanto o momento de sua chegada. Há muitos outros lugares no AT onde a precisão do tempo de Deus é mostrada e onde, de fato, o elemento milagroso reside no momento do evento.

Os gafanhotos podem ter escurecido a terra com seu número ([Ex 10.15](#)), mas isso não foi nada comparado aos três dias de escuridão que se seguiram. A maioria dos comentaristas concorda que isso é o temido *khamsin*, o vento quente do deserto que traz tempestades de poeira ou tempestades de areia que enchem o céu e podem durar dias sem trégua. Se a terra vermelha das terras altas da Etiópia tivesse sido trazida pelas águas da enchente do Nilo e depositada amplamente sobre a terra, alguns comentaristas sugeriram que ela foi levantada no ar por esse vento, criando assim um manto ainda mais escuro sobre a terra.

No caso da última praga, a morte dos primogênitos, não temos indicação de qual doença específica, se alguma, foi usada por Deus. As Escrituras não nos dão pistas. O que pode ser dito é que os egípcios sofreram, mas os israelitas não. Após esta praga, eles estavam livres. Daí em diante, era de seu alegre conhecimento que nenhuma das “pragas do Egito” os atingiria como povo de Deus ([15.26](#)). Era sua crença inabalável que essas pragas eram o julgamento de Deus, um castigo sobre o teimoso Faraó, mas o meio de sua salvação. Portanto, as pragas não são apenas um aviso para nós, mas também um encorajamento. Veja Egito, Egípcio; *Êxodo*, Livro de; Moisés; Praga.

Prato

Um recipiente, geralmente feito de argila cozida ou metal, usado na vida cotidiana e em cerimônias religiosas. Pratos eram usados para servir ou preservar alimentos ([Iz 5.25](#); [Mt 26.23](#); [Mc 14.20](#)). Eles precisavam ser limpos e deixados para secar ([2Rs 21.13](#)). Mais tarde, os fariseus (um grupo

religioso judeu ativo no período do Novo Testamento) adicionaram uma purificação ritual também ([Mt 23.25.26](#); [Lc 11.39](#)). Pratos eram usados em conexão com a oferta de refeição ([Nm 7.13](#)). Pratos também eram usados com a mesa dos pães da proposição para adoração no tabernáculo e templo do Antigo Testamento ([Êx 25.29](#); [37.16](#); [Nm 4.7](#)).

Precursor

Batedor enviado à frente das tropas, ou um arauto que precede um alto oficial para anunciar sua chegada. O termo é usado para descrever o homem que correu à frente de José quando ele era vice-regente do Egito ([Gn 41.43](#)), e para se referir às primeiras uvas da temporada na terra de Canaã ([Nm 13.20](#)). Nos Apócrifos, vespas são mencionadas como enviadas como precursoras do exército israelita, que trariam julgamento sobre o povo de Canaã ([Sb 12.8](#)).

Embora João Batista seja comumente visto como o precursor de Jesus Cristo, o termo não é usado na Bíblia em referência a ele. A palavra ocorre apenas uma vez no NT, onde o próprio Cristo é descrito como nosso precursor ([Hb 6.20](#)). Sob o antigo pacto, o povo nunca acompanhava o sumo sacerdote ao lugar mais sagrado do templo. O livro de Hebreus, ao discutir o novo pacto, descreve Jesus como um sumo sacerdote que entrou no céu—o Lugar Santo—a frente daqueles que acreditam nele (cf. [2.17](#); [3.2](#); [5.1-9](#)).

Predestinação

O que é predestinação?

A atividade de Deus de decidir eventos e resultados antes que eles aconteçam. As pessoas frequentemente usam "preordenação" e "predestinação" para significar a mesma coisa. No entanto, "predestinação" e "eleição" referem-se especificamente ao destino das pessoas.

Muitos dos primeiros pais da igreja escreveram sobre a predestinação. Agostinho de Hipona, que viveu de 354 a 430, enfatizou a predestinação em seus ensinamentos. Agostinho influenciou grandemente os Reformadores Protestantes, especialmente João Calvino. Teólogos reformados começam a estudar a predestinação olhando para o decreto eterno de Deus, como mostrado em

declarações de fé como a Confissão de Fé de Westminster. O decreto de Deus é um, mas as pessoas geralmente falam sobre ele como "os decretos de Deus" para ajudar a explicá-lo. Martinho Lutero acreditava na predestinação, mas não a enfatizou tanto quanto Calvino. Os ensinamentos de Lutero não falam muito sobre predestinação, discutindo principalmente a eleição. O pensamento luterano moderno enfatiza a eleição condicional, em vez da eleição absoluta. Isso significa que eles acreditam que a eleição ou predestinação é baseada na fé que Deus prevê antecipadamente.

Predestinação no plano de Deus

Predestinação é a base de todo o plano de Deus: sua decisão de criar o universo, de cuidar dele (providência) e de determinar seu destino "pelo conselho de Sua vontade" ([Ef 1.11](#)). O Breve Catecismo de Westminster explica assim: Deus decretou "seu propósito eterno de acordo com o conselho de sua vontade, pelo qual, para sua própria glória, ele predestinou tudo o que acontece." Portanto, a predestinação está na base de todo o ensino cristão, porque trata da história e do destino de todo o mundo, do universo e de tudo o que nele existe.

O apóstolo Paulo falou do plano de Deus para o cumprimento de toda a criação: "A criação aguarda com grande expectativa a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação foi sujeita à futilidade, não por sua própria vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será libertada de sua escravidão à decadência e trazida para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus" ([Rm 8.19-21](#)). As Escrituras descrevem brevemente a redenção da criação. Fala sobre "um novo céu e uma nova terra, onde habita a justiça" ([2Pe 3.13](#)). As coisas que prejudicam a vida humana e vêm da pecaminosidade humana (isto é, depravação) acabarão. Deus fará "todas as coisas novas", então Deus está no controle do destino de tudo ([Ap 21.1-5](#)).

Desafios e debates

A predestinação cria problemas para a teologia e o pensamento comum. Isso é especialmente verdadeiro em relação à liberdade humana e à responsabilidade pela salvação. Como as pessoas podem ser responsabilizadas por suas ações e decisões se estas já estão predeterminadas? Alguns negam a predestinação de Deus em relação à liberdade humana para remover essa dificuldade.

Quando Deus criou os humanos com livre-arbítrio (ou seja, a capacidade de fazer escolhas que não são determinadas por ninguém ou por qualquer outra coisa), alguns argumentam que Deus necessariamente limitou seu controle sobre eventos que "devem" acontecer. Caso contrário, a atividade humana livre e responsável não teria significado. O calvinismo rejeita esse argumento, insistindo que a atividade livre é possível mesmo que seja predestinada e conhecida antes de acontecer.

Negar a predestinação implica que Deus não controla Sua criação. Se isso fosse verdade, a atividade humana seria determinada por algo acima ou além de Deus, ou por causas desconhecidas. A providência e o cuidado de Deus, revelados na Bíblia e na experiência humana, tornam essa visão difícil de defender. O pensamento cristão geralmente afirma que Deus predestina e controla Sua criação e que os humanos são capazes de agir livre e responsável dentro desse controle maior. Isso parece contraditório porque a compreensão humana é limitada.

Predestinação nas escrituras

A Bíblia frequentemente menciona a preordenação (incluindo predestinação ou eleição) e a presciênciia. A preordenação é logicamente anterior à presciênciia, mas como ambas são eternas em Deus, essa prioridade não existe.

Quando ele falou sobre o julgamento futuro de Babilônia, Deus disse: "Este é o plano traçado para toda a terra, e esta é a mão estendida sobre todas as nações. O Senhor dos Exércitos determinou, e quem pode impedi-Lo? Sua mão está estendida, então quem pode fazê-la recuar?" ([Is 14.26,27](#)). Deus também declarou que já havia determinado o fim desde o início. "Meu propósito permanecerá, e todo o Meu bom prazer realizarei" ([Is 46.10](#)). Paulo afirmou que Deus realiza seus propósitos "pelo conselho de Sua vontade" ([Ef 1.11](#); compare com [Sl 119.89–91](#); [Dn 4.35](#)).

A Bíblia também diz:

- a duração da vida de uma pessoa é determinada ([Jó 14.5](#));
- A preocupação de Deus se estende às suas criaturas ([Sl 104.14–30](#); [Mt 10.29](#));
- os cabelos da nossa cabeça estão contados ([Mt 10.30](#)).

Além disso, o plano de Deus se estende a povos e nações, pois "de um só homem Ele fez todas as nações dos homens, para que habitassem toda a terra; e Ele determinou os tempos designados e os limites de suas terras" ([At 17.26](#)).

Deus conhece e até utiliza os atos malignos das pessoas para seus propósitos. Os irmãos de José pecaram ao vendê-lo como escravo. Mais tarde, José disse: "Quanto a vocês, o que pretendiam contra mim para o mal, Deus o planejou para o bem, a fim de realizar um dia como este — para preservar a vida de muitas pessoas." ([Gn 50.20](#)).

Outro exemplo é quando Judas Iscariotes traiu Jesus. Jesus disse: "O Filho do Homem vai como foi determinado, mas ai daquele homem que o trai" ([Lc 22.22](#); "Filho do Homem" é um título que Jesus usava para se referir a si mesmo). No dia de Pentecostes, o apóstolo Pedro disse: "Ele [Jesus] foi entregue pelo plano determinado e presciênciia de Deus, e vocês, pelas mãos dos ímpios, O mataram pregando-O na cruz" ([At 2.23](#); compare com [4.27,28](#))

Paulo refere-se à autoridade determinante de Deus sobre os atos do Faraó ([Rm 9.17](#)). [Apocalipse 17.17](#) diz: "Deus colocou em seus corações realizar seu propósito". Assim, Deus predestina a história, e até mesmo atos malignos cumprem seus propósitos.

A eleição dos pecadores para a salvação através de Cristo está incluída na predestinação de Deus ([Rm 8.28–39](#); compare com [At 13.48](#); [Fp 2.12–13](#); [1Pe 2.9](#)). O plano de salvação de Deus é baseado em seu amor eterno ([Ef 1.3–14](#); [Rm 5.6–11](#)). Os cristãos recebem a graça de Deus ao conhecerem a Deus e serem conhecidos (ou seja, amados) por Deus ([Gl 4.9](#)). Tanto a eleição quanto a fé dos crentes fazem parte do processo de salvação.

Predestinação e providênciia

A predestinação está implícita na providênciia ou no cuidado de Deus. A providênciia é a execução do plano de Deus para o mundo. O cuidado e o controle de Deus sobre a criação revelam seu plano de redenção para a humanidade feita à sua imagem.

Deus controla a história, mas não é responsável pelo pecado. Ele criou os seres humanos com a capacidade de dizer "sim" ou "não" a Ele. No entanto, o plano de Deus não pode ser interrompido. Ele prossegue apesar da oposição. O plano final de Deus está se desenrolando ao longo de todos os eventos da história humana, tanto maus quanto bons. Contudo, sua soberania não é imposta sem razão ou justiça. Deus não é um tirano, mas sim santo, amoroso e justo. Seu plano é realizado de acordo com sua natureza, demonstrada no cuidado e preocupação com a criação e no amor constante pelos pecadores.

Lei natural é o conjunto de regras que Deus estabeleceu (predestinou) para controlar o universo. E quanto às forças destrutivas da natureza, como terremotos, tornados e furacões? Por que tais aparentes males são necessários em um mundo criado por um Deus amoroso? Isso não sugere que Deus seja incapaz de controlar a natureza. Se o significado completo da vida fosse encontrado no mundo terrestre e físico, isso poderia ser um problema. Mas o propósito final de Deus é mais do que apenas a vida presente e inclui a plenitude do reino redentor que ainda está por vir ([Ap 11.15; 21.1-4](#)). A predestinação é um grande mistério, mas deve trazer alegria e conforto aos crentes cujo amoroso Senhor revelou seu grande plano a eles.

Veja também Eleger, eleição; Presciênciа.

Prêmio

Recompensa dada ao vencedor de um concurso. Nos antigos jogos gregos (os Olímpicos e Ístmicos), o prêmio geralmente consistia em uma simples coroa tecida com ramos de oliveira. O apóstolo Paulo transpôs este termo técnico da arena atlética para a linguagem da igreja primitiva para fins ilustrativos. Ele é o único que usa a palavra, e em apenas duas passagens relacionadas: [1 Coríntios 9.24](#), onde a emprega literalmente, e [Filipenses 3.14](#), onde a aplica metaforicamente.

Comparando a vida cristã a uma corrida de atletismo, Paulo exorta seus leitores a viverem de modo a ganhar o prêmio. O próprio prêmio, seja definido como "vida eterna", "perfeição celestial" ou "glória da ressurreição", é um presente da graça; portanto, a figura da corrida e da recompensa de Paulo não pode ser interpretada como se o esforço humano fosse o agente causador na obtenção do prêmio ([Rm 9.16](#)), mas apenas que um esforço

intenso deve ser exercido para que o prêmio seja desfrutado. O propósito da ilustração é convocar os crentes a viverem a fé cristã com a mesma abnegação, esforço supremo e concentração total manifestados pelo vencedor do prêmio nos jogos gregos.

Preparação, Dia de

O dia da Preparação é o nome dado nas Escrituras para o dia antes do sábado. Cada um dos evangelhos refere-se a um dia chamado de "a Preparação" ([Mt 27.62](#); [Mc 15.42](#); [Lc 23.54](#); [Jo 19.14,31,42](#)). Marcos o chama de "o dia antes do sábado". Os judeus não tinham nomes específicos para os dias da semana. Em vez disso, referiam-se ao "primeiro [segundo, etc.] dia da semana". Mas o sábado era distinto, e o dia anterior era usado para se preparar para este dia semanal de descanso e adoração. Assim, o que chamamos de "sexta-feira" os judeus chamavam de "Preparação". O que era "preparado" não é especificado. Mas como nenhum trabalho podia ser feito no sábado, preparações tinham que ser feitas para comida e outras necessidades.

"A Preparação da Páscoa" ([Jo 19.14](#)) é frequentemente entendida como "véspera da Páscoa", o dia anterior à Páscoa. Esta interpretação vem do uso comum de "a Preparação" para o dia anterior ao sábado. Não existem exemplos históricos externos de pessoas chamando o dia anterior à Páscoa de "a Preparação".

Presbítero*

Termo do NT que se refere a um ancião na igreja. Seguindo o padrão do Antigo Testamento de sinagogas governadas por um conselho de anciãos, a igreja do NT tinha oficiais (*presbuteroi*, "pessoas mais velhas") que tinham a tarefa de pastorear o rebanho de Deus que estava sob seus cuidados ([1Pe 5.2](#)). Assim, eles foram chamados para trabalhar na pregação e ensino ([1Tm 5.17](#)); visitar, orar e ungir os doentes ([Tg 5.14](#)); prestar assistência ao faminto ([Atos 11.29-30](#)); e supervisionar de maneira geral, os assuntos da igreja ([15.4](#); [16.4](#)). Há evidências que sugerem que todos os anciãos eram de posição igual e que os termos "presbítero" e "bispo" eram usados inicialmente de forma intercambiável ([At 20.17, 28](#); [Fp 1.1](#); [Tt 1.5-7](#)). No entanto, no segundo século, o presbítero que presidia gradualmente

emergiu como uma figura distinta, com uma posição de preeminência e como a fonte da autoridade. Com o passar dos anos, a designação "presbítero" foi alterada para "sacerdote", e nas igrejas de governo episcopal permanece assim até hoje. É significativo, no entanto, que o NT em lugar algum liga funções sacerdotais com o ofício de presbítero. Com a propagação e o desenvolvimento do cristianismo, o sacerdote se tornou uma figura poderosa. Com a teologia eucarística, aconteceram acréscimos não-bíblicos. Estes foram expostos e rejeitados quando os reformadores triunfaram no século XVI e enfatizaram o sacerdócio de todos os crentes. No protestantismo, os sacerdotes se tornaram ministros, pastores ou (nos tempos mais modernos) clérigos. Nas igrejas episcopais não-romanas, "sacerdote" é encontrado novamente hoje. Mesmo onde é interpretado de forma diferente do uso romano, a maioria dos anglicanos evangélicos se nega a usá-lo. Em igrejas presbiterianas e similares, os anciãos (sejam ensinando ou governando) ainda são oficialmente chamados de presbíteros, e todos são de posição igual.

Ver também Bispo; Diácono, Diaconisa; Ancião; Pastor; Dons Espirituais.

Presciência

O conhecimento sobre eventos ou coisas antes de acontecerem.

No Novo Testamento, a palavra grega para "presciência" aparece apenas sete vezes. Ela descreve:

1. Como os cristãos são advertidos sobre falsos mestres ([2 Pedro 3.17](#));
2. O conhecimento prévio dos judeus sobre a vida inicial de Paulo ([Atos 26.4-5](#));
3. A consciência de Deus sobre a morte de Cristo antes de acontecer ([Atos 2.23](#); [1 Pedro 1.18-20](#));
4. O conhecimento de Deus sobre Seu povo ([Romanos 11.2](#));
5. O conhecimento de Deus sobre Sua igreja ([Romanos 8.28-30](#); [1 Pedro 1.2](#)).

Embora o termo "presciência" não seja usado com frequência, a ideia está presente em toda a Bíblia. Primeiro, a Bíblia ensina claramente que Deus sabe tudo. Seu entendimento é ilimitado ([Salmo 147.5](#)). Ele conhece cada coração e pensamento [1 Crônicas 28.9](#)). O [Salmo 139](#) descreve o conhecimento de Deus sobre todos os pensamentos, palavras e ações humanas. Este conhecimento se estende até ao voo de um pardal e ao número de cabelos na cabeça de uma pessoa ([Mateus 10.29-30](#)). A partir deste conhecimento ilimitado, podemos inferir que Deus também conhece eventos futuros na história humana.

A Bíblia também afirma diretamente que Deus está ciente dos eventos antes que eles aconteçam. Este conhecimento o diferencia dos ídolos, que não podem prever o futuro ([Isaías 44.6-8](#); [45.21](#)). A presciência de Deus é a base para as previsões dos profetas. Por exemplo:

- Deus disse a Adão e Eva que a descendência da mulher derrotaria a serpente e sua descendência ([Gênesis 3.15](#));
- Ele prometeu bênçãos futuras a Abraão ([Gênesis 12.3](#));
- Deus também disse a Moisés, "Eu sei que o rei do Egito não permitirá que você vá" ([Êxodo 3.19](#)).

Os profetas do Antigo Testamento falaram sobre a vinda da glória do Messias ([Isaías 9.1-7](#); [Jeremias 23.5-6](#); [Ezequiel 34.20-31](#); [Osíás 3.4-5](#)). Em [Daniel 7](#), Deus revelou a ascensão e queda de futuros impérios mundiais e o estabelecimento de Seu reino (veja também [Daniel 2.31-45](#)). O Novo Testamento frequentemente vê o ministério de Cristo e a igreja como cumprimento das profecias do Antigo Testamento ([Mateus 1.22](#); [4.14](#); [8.17](#); [João 12.38-41](#); [Atos 2.17-21](#); [3.22-25](#); [Gálatas 3.8](#); [Hebreus 5.6](#); [1 Pedro 1.10-12](#)).

Os primeiros filósofos gregos acreditavam que o destino controlava todos os eventos futuros. Isso incluía a história humana e os destinos dos deuses. Às vezes, os deuses podiam conhecer um evento futuro e revelá-lo às pessoas, mas tais eventos eram considerados imutáveis. Essa visão é muito diferente da visão bíblica de um Criador pessoal que conhece o futuro e guia a história de acordo com Seu próprio propósito.

Por séculos, teólogos e filósofos debateram a presciência de Deus e a liberdade humana. Alguns

argumentam que, se Deus sabe o que acontecerá no futuro, então isso deve acontecer, tornando as escolhas humanas irrelevantes.

Teólogos da igreja primitiva negaram fortemente que a presciência significasse que os eventos eram predeterminados. Justino Mártir, por exemplo, afirmou: "O que dizemos sobre eventos futuros sendo preditos, não dizemos como se eles ocorressem por necessidade fatal". Em outras palavras, só porque Deus sabe o que acontecerá não significa que Ele *cause* isso a acontecer.

Alguns teólogos se preocupam que a presciência possa acabar com a liberdade humana. Assim, argumentam que Deus não conhece eventos futuros com certeza. A teologia do processo moderno, por exemplo, vê Deus como se desenvolvendo junto com a natureza e a humanidade. Esta visão sugere que Deus só pode conhecer eventos passados. Deixa o futuro incerto tanto para Deus quanto para os humanos. Um teólogo mais antigo, Adam Clarke, sugeriu que, embora Deus possa conhecer todos os eventos futuros, Ele escolhe não conhecer alguns deles de antemão.

Agostinho tinha uma perspectiva diferente. Ele argumentou que Deus vive na eternidade, onde todas as coisas estão presentes ao mesmo tempo. Para Deus, não há passado ou futuro. Assim, Ele não "saberia" das coisas antes de acontecerem. Ele vê todos os eventos de um "agora" eterno. No entanto, Agostinho não negou o conhecimento de Deus sobre todas as coisas, incluindo eventos futuros.

Teólogos evangélicos, citando a Bíblia, acreditam que Deus conhece todos os eventos futuros. No entanto, há alguma discordância. Os seguidores de Calvinismo afirmam que Deus conhece todos os eventos. Ele determina o que acontecerá na história humana, até mesmo os menores detalhes. Nesta visão, a presciência está intimamente ligada à, ou até mesmo identificada com, a predestinação (assegurando que eventos futuros aconteçam). A maioria dos teólogos calvinistas diz que os humanos são responsáveis por suas escolhas. Eles não são vítimas de um destino cego. Eles também sustentam que Deus não é o autor do pecado. Em vez disso, o pecado vem da rebeldia dos anjos e humanos contra um Deus santo e justo.

Os evangélicos armênios separam a presciência da predestinação dos eventos. Eles argumentam que Deus predeterminou a história humana e a salvação do mundo. No entanto, as respostas

individuais a Deus não são. Portanto, Deus pode prever um evento sem causá-lo diretamente.

Os cristãos evangélicos podem discordar sobre como a presciência de Deus se relaciona com a história. Mas, a Bíblia ensina tanto a presciência de Deus sobre todas as coisas quanto a responsabilidade humana por suas escolhas.

Veja também Eleito, Eleição; Predestinação.

Presença de Deus, A

A expressão de Deus de seu ser espiritual. Deus se manifesta às pessoas de diferentes maneiras. Mesmo que Deus seja espírito e não possa ser visto, os crentes ainda podem sentir sua presença. Deus também se revela através da natureza. Às vezes, isso acontece por meio de eventos naturais poderosos, como fogo, relâmpagos e terremotos ([1Rs 19.11-13](#)). Em outras ocasiões, Deus aparece na forma de um humano ([Gn 18; 32.22-32](#)). Dessa forma, Deus ajuda as pessoas a saberem que ele é real e está presente com elas.

A presença de Deus no Antigo Testamento

O Anjo do Senhor

O anjo do Senhor era o mensageiro de Deus e protetor especial de Israel. A Bíblia menciona este anjo muitas vezes, embora possa não ser sempre o mesmo anjo ([Êx 14.19; 23.20; 33.2](#)).

Em várias histórias, este anjo parece ser o próprio Deus aparecendo na forma de um anjo. Quando o anjo desapareceu após falar com Agar, ela disse que tinha visto o próprio Deus ([Gn 16.13](#)). Quando o anjo falou com Jacó, ele falou como se fosse Deus ([31.11-13](#)). Em [Gênesis 21.18, 22.11, Números 22.35](#), o anjo usa "Eu" de uma forma que mostra a presença de Deus.

Às vezes, as histórias mudam de Deus para um anjo e voltam para Deus ([Êx 12.23; Gn 48.15-16](#)). Nessas histórias, Deus escolheu aparecer como um anjo por um tempo. Isso ajudou a mostrar ao seu povo que Ele estava verdadeiramente presente com eles.

A glória de Deus

A glória é o que Deus possui por direito próprio. É uma extensão visível de sua natureza. Os céus são uma forma visível da presença de Deus, pois são sua glória ([Sl 8; 19.1-6; 136.5](#)). A glória que

apareceu a Israel como um fogo consumidor no Sinai também encheu o tabernáculo ([Ex 29.43; 40.34-38](#)). Por meio dela, Deus separou o tabernáculo como o lugar de sua presença. Em [Isaías 6](#), a glória aparece como a expressão normal da presença divina. Em Ezequiel, a glória é idêntica a Deus ([Ez 9.3-4](#)). Ao longo do Antigo Testamento, a glória de Deus é o Deus que está além da compreensão humana, tornando sua presença e proximidade visíveis ao seu próprio povo.

A face de Deus

No Antigo Testamento, "presença" é usada para representar a palavra hebraica para "rosto". Quando "rosto" é usado com uma preposição, significa "na presença de". Em [Gênesis 32.30](#), Jacó viu Deus "face a face". A personalidade e o caráter de um ser humano são visíveis em seu rosto. Nesse sentido, o rosto de uma pessoa é a própria pessoa. Assim, "o Anjo da Sua Presença [rosto]" em [Isaías 63.9](#) pode significar "o anjo que é o seu rosto". O profeta Isaías pode ter pretendido essa identificação.

A face de Deus é a manifestação de sua graça. Assim, quando ele "esconde seu rosto", está retendo sua graça. Mas quando ele faz seu rosto brilhar, há bênção ([Sl 31.16; 44.3](#)). A face de Deus, então, é a presença de Deus ([Ex 33.14](#)). Orar a Deus em um lugar sagrado era "buscar a face de Deus", ou seja, sua presença pessoal ([Sl 24.6](#)). Isso descreve a adoração no templo e a oração privada em Israel ([63.1-3; 100.2](#)). As pessoas eram abençoadas quando Deus lhes mostrava sua bondade, que a Bíblia descreve como o rosto de Deus brilhando sobre elas ([Nm 6.25; Sl 80.3,7,19](#)).

O nome de Deus

Entre as pessoas que falavam línguas semíticas, como hebraico e árabe, a associação entre o nome e a pessoa era uma ideia comum. O nome de Deus também era um termo intercambiável para o próprio Deus. Era um símbolo de sua atividade na revelação. Quando as pessoas adoravam usando o nome de Deus, elas experimentavam seu poder ([Sl 44.5; 89.24; Is 30.27](#)). Era uma forma de descrever o poder de Deus que espalha ajuda e energia para todos.

Deus poderia agir em prol do seu nome. O anjo da autoridade e poder do Senhor operava porque o nome de Deus estava nele ([Ex 23.20-21](#)). Como alguém que carregava o nome divino, o anjo tornava real a presença oculta de Deus. O templo era a morada do nome ([1Rs 11.36](#)). As pessoas

oravam a Deus no templo, mas era mais do que apenas um lugar de oração. Era onde Deus escolheu viver entre seu povo.

O Espírito de Deus

O Espírito Santo ajuda as pessoas a experimentarem a presença de Deus. Mesmo que Deus esteja além da compreensão humana, o Espírito Santo ajuda a aproximá-lo de seu povo. A presença de Deus torna-se real entre seu povo através do Espírito ([Is 63.11-14; Zc 7.12](#)). Pelo Espírito, os dons e poderes de Deus estão em ação entre seu povo ([2Cr 15.1; 20.14; 24.20; Zc 4.6; 6.1-8](#)).

O Espírito era a presença e o poder de Deus com seu povo. O próprio Deus age por sua natureza. O pecador não pode estar na presença de Deus sem a ajuda do Espírito Santo de Deus. Estar sem o Espírito Santo é estar sem a presença de Deus ([Sl 51.11](#)). Sem o Espírito, a comunhão entre Deus e os humanos não é possível.

A presença de Deus no Novo Testamento

No Novo Testamento, Deus se revelou às pessoas de uma nova maneira através de Jesus Cristo. Quando Jesus veio viver entre as pessoas, ele mostrou a elas como Deus era ([Jo 1.14-18; 17.6,26](#)). A missão de Jesus era revelar Deus à humanidade. Ele fez isso através de toda a obra de sua vida e suas palavras.

O nome "Jesus" era importante porque significa "O Senhor Salva". Este nome mostrava o que Deus faz: Ele salva as pessoas. Através de Jesus, as pessoas podiam compreender plenamente o significado do nome de Deus.

Em tempos anteriores, as pessoas encontravam-se com Deus no templo. Agora, Jesus tornou-se como um novo templo onde as pessoas podiam encontrar-se com Deus ([Jo 1.14; 2.21; Cl 2.9](#)). Deus estava plenamente presente em Jesus. Isso foi apenas o começo de como Deus se revelaria às pessoas de novas maneiras.

No Novo Testamento, a igreja se torna o templo de Deus de uma nova maneira. O cristianismo como religião trata de estar próximo de Deus e ter um relacionamento com Ele. O corpo de Cristo (ou seja, a igreja) é como um templo espiritual ([Ef 2.22](#)). É composto de "pedras vivas" ([1Pe 2.5](#)). É a residência da presença do glorioso Deus.

E agora, o cristão individual também é um templo de Deus ([1Co 3.16-17; 6.19; 2Co 6.16](#)). Deus está

especialmente presente no espírito do cristão. Lá, Deus reina, pois ali é o seu reino. Lá, Deus é adorado. No cristão individual, a glória e a presença de Deus consagram a pessoa interior em um templo (veja [Jo 14.23](#)).

Veja também Deus, Ser e seus atributos.

Presença Divina

Veja Deus, Ser e Atributos de; Presença de Deus, A.

Presença Física

Esta frase é usada para falar sobre o corpo de Cristo e sua relação com o pão e o cálice na Ceia do Senhor (também chamada de Eucaristia).

Veja A Ceia do Senhor.

Presságio

Sinal natural ou ocorrência que prefigura o resultado de um evento futuro. O augúrio foi listado entre as práticas pagãs abomináveis proibidas a Israel ([Dt 18.10](#)). Balaão, ao perceber que o Senhor estava satisfeito com suas bênçãos sobre Israel, não procurou presságios como normalmente fazia ([Nm 24.1](#)). Os homens da Síria procuraram um presságio para ver se o rei Acabe de Israel (874-853 a.C.) estaria disposto a libertar o rei sírio Ben-Hadade do cativeiro ([1Rs 20.33](#)). Isaías revela o Senhor como aquele frustra "os sinais dos que profetizam mentiras e faço com que os adivinhos fiquem parecendo tolos" ([Is 44.25](#), NAA).

Veja também Magia; Feitiçaria.

Preto

Uma cor escura é frequentemente mencionada na Bíblia para descrever cabelo, pele ou objetos, às vezes simbolizando luto ou julgamento.

Veja Cor.

Pretório, Guarda Pretoriana

Esses termos referem-se ao pessoal de segurança associado a um oficial, bem como aos alojamentos dos soldados. Esses locais também serviam a

alguns propósitos militares, como manter e interrogar prisioneiros.

A palavra aparece no Novo Testamento Grego em [Marcos 15.16](#); [Mateus 27.27](#); [João 18.28,33](#); [19.9](#); [Atos 23.35](#); e [Filipenses 1.13](#). É uma palavra latina emprestada dos romanos, que governavam o mundo mediterrâneo nos tempos do Novo Testamento. Era usada principalmente em assuntos militares e governamentais. Originalmente, Pretório ou Pretoriano significava a tenda do general (*pretor*) em um acampamento militar. O significado foi ampliado para incluir a residência de um governador ou outro oficial romano. Por exemplo, Pôncio Pilatos, o procurador da Judeia, tinha guardas pretorianos. O uso casual também pode ter aplicado o nome aos alojamentos dos soldados dentro do palácio oficial.

As traduções em português do Novo Testamento utilizam uma variedade de termos para traduzir a palavra. A referência geral à sede da liderança romana é clara, mas a palavra é usada em diferentes contextos. Os Evangelhos de Mateus e Marcos identificam o pretório como o local onde os soldados romanos zombaram de Jesus após seu encontro com Pilatos. Marcos também o chama de "palácio" (ARC) ou "pátio interno do Palácio" (NTLH). De acordo com o Evangelho de João, o "pretório" foi o local onde Pilatos examinou Jesus sobre as acusações feitas contra ele. Pilatos saiu do pretório para se encontrar com os acusadores que trouxeram as acusações.

Dentro de Jerusalém, há dois locais possíveis para a sede de Pilatos. Um é a fortaleza conhecida como Torre de Antônio, localizada no canto noroeste da área do Templo. O outro é o antigo palácio de Herodes, o Grande, na parte ocidental da cidade. Qualquer um dos dois poderia ter servido como o pretório, mas as fontes dos Evangelhos não especificam nenhum deles por nome ou descrição.

[Atos 23.35](#) registra que Paulo estava sendo mantido em um pretório em Cesareia enquanto aguardava a chegada de seus acusadores. Este é especificamente identificado como o "pretório de Herodes". Em algum momento, o procurador Félix ou seus predecessores assumiram o antigo palácio de Herodes como sua sede costeira.

A localização do encarceramento de Paulo na época em que ele escreveu aos Filipenses não está clara. Sua menção ao "pretório" em Filipenses 1.13 sugere algum centro do governo romano. A expressão "todo o pretório", no entanto, parece referir-se a todos os guardas e oficiais, em vez de a

um edifício ou lugar. Traduções recentes refletem esse significado:

- "toda a guarda pretoriana" (ARC)
- "toda a guarda do palácio" (NTLH)

Primeira Revolta Judaica

Uma revolta em 66–70 d.C ocorreu como resultado de uma série de governadores romanos ineficazes na Judeia. Após a morte do último rei judeu, Agripa I (o Herodes de [Atos 12](#)), em 44 d.C, os 20 anos seguintes foram marcados por perseguição e humilhação para os judeus na Palestina. Para que a agitação se transformasse em revolta, apenas mais uma razão era necessária. A razão final foi fornecida por Floro, o governador romano nomeado em 64 d.C. Ele provocou os judeus a uma revolta no ano 66 ao exigir dinheiro do tesouro do Templo. Sob seu governo, soldados romanos massacraram e saquearam os judeus.

A rebelião rapidamente se espalhou por toda a Palestina, acompanhada por uma luta generalizada entre judeus e pagãos em várias cidades do leste do Mediterrâneo. A revolta na Palestina foi liderada pelos Zelotes, um grupo judeu que há muito desejava a saída dos romanos da Palestina. Após uma vitória inicial dos judeus na passagem de Bethhoron, o Imperador Nero enviou seu general mais capaz, Vespasiano, para comandar a operação de punição dos rebeldes.

No final de 67 d.C, toda a Galileia e outras terras do norte estavam novamente sob domínio romano. Em 67 e 68 d.C, operações adicionais em Samaria e Judeia deixaram apenas quatro fortalezas sob controle judaico. Neste ponto, a campanha romana desacelerou. Nero cometeu suicídio em 68 d.C. Após três imperadores de curta duração, o General Vespasiano assumiu o controle do império em 69 d.C. Seu filho Tito assumiu o comando das forças na Palestina e sitiou Jerusalém em 70 d.C.

Os judeus na capital poderiam ter estado melhor preparados se tivessem aproveitado a turbulência em Roma para fortalecer sua própria posição e resolver disputas entre grupos judaicos em conflito. No entanto, a chegada de Tito com 80.000 soldados os obrigou a se unificar para uma última defesa da cidade.

O cerco da cidade durou cinco meses. Jerusalém lutou heroicamente contra o avanço dos romanos, forçando uma conquista lenta da cidade. Um

momento trágico na história judaica ocorreu no início de agosto de 70 d.C., quando pela primeira vez em séculos os sacrifícios matutinos e vespertinos não foram oferecidos no Templo. Por volta de 29 de agosto, em circunstâncias ainda não claras, o santuário foi incendiado e o Templo destruído. Isso cumpriu a profecia de Jesus ([Mt 24.1-2](#); [Mc 13.1-2](#); [Lc 19.43-44](#); [21.5-7](#)). Por mais um mês, alguma resistência continuou, mas no final de setembro, o conflito terminou na cidade arruinada. Ao todo, talvez um milhão de judeus foram mortos e 900.000 capturados durante a revolta.

Veja também Israel, História de; Jerusalém; Judaísmo.

Primeiro dia da semana

Domingo. *Consulte Dia do Senhor, 0.*

Primícias

Um primogênito, animal ou as primeiras partes de qualquer colheita eram considerados sagrados no pensamento hebraico e pertenciam a Deus. As primícias eram uma forma de agradecer a Deus por Sua bondade, oferecendo a primeira parte como um sinal de mais por vir.

Primícias no Antigo Testamento

As ofertas de primícias podiam ser colheitas ou produtos como massa, pão, vinho, azeite ou lã. O primogênito e os animais primogênitos também pertenciam a Deus. Para crianças e animais impuros, o primogênito precisava ser "resgatado." Isso significava que eles eram pagos com dinheiro. Vacas, ovelhas e cabras primogênitas eram sacrificadas a Deus ([Nm 18.14-17](#)).

Os primeiros frutos eram reservados para os sacerdotes. A Bíblia menciona "os primeiros dos primeiros frutos" pelo menos três vezes. Isso poderia significar os primeiros a amadurecer ou o melhor da colheita. Essas ofertas eram destinadas aos sacerdotes. Somente os ritualmente puros podiam comê-los ([Nm 18.12-13](#)). Para outras referências aos primeiros frutos, veja [Êxodo 23.15-19](#); [34.22,26](#); [Levítico 2.14](#); [23.10-17](#); [Números 15.20,21](#); [28.26-31](#); e [Deuteronomio 26.1-11](#).

Para apresentar as primícias, as pessoas levavam suas ofertas ao sacerdote no tabernáculo ou, mais

tarde, no templo ([Dt 26.2](#)). O sacerdote recebia a oferta e, no primeiro dia da semana, a agitava diante do Senhor com os braços estendidos. No mesmo dia, a pessoa oferecia um cordeiro macho, uma oferta de cereais de farinha misturada com azeite e uma oferta de vinho. Cinquenta dias depois, era feita uma oferta de cereais. Cada família dava dois pães ao Senhor, juntamente com ofertas de animais, cereais e bebidas ([Lv 23.9-22](#)).

Primícias no Novo Testamento

No Novo Testamento, Paulo chamou a ressurreição de Jesus de as primícias da futura ressurreição dos crentes em seu retorno ([1Co 15.20,23](#)). O Espírito Santo, que vive em todos os crentes ([Rm 8.9](#)), também é chamado de as primícias da plena redenção que está por vir. "Primícias" também se referia aos primeiros crentes em uma região ([Rm 16.5](#); [1Co 16.15](#)). Simbolizava uma promessa de uma colheita espiritual maior.

Os crentes cristãos são as primícias. Eles são a posse única e santa de Deus ([Tg 1.18](#)). Em Apocalipse, os 144.000 são descritos como as primícias do povo de Deus. Eles pertencem tanto a Deus quanto a Jesus Cristo, que é chamado de Cordeiro ([Ap 14.4](#)).

Veja também Festas e festivais de Israel; Ofertas e sacrifícios.

Primogênito

O filho ou filha mais velho(a) em uma família ([Gn 22.21](#); [29.26](#)).

Israel foi chamado de primogênito de Deus devido ao início milagroso daquela nação e ao resgate especial do Egito ([Gn 17.5,15-16](#); [Ex 4.22](#)). Como primogênito de Deus, Israel tinha um status especial sobre todas as outras nações. Os gentios (pessoas não judaicas) eram “abençoados” apenas em relação à sua bondade para com Israel ([Gn 12.3](#); [Ex 19.6](#); [Dt 4.5-8](#)). O profeta Isaías previu um dia em que Israel teria uma porção dobrada de herança ([Is 61.7](#)). Assim, ser primogênito implica prioridade ou superioridade, bem como uma herança.

A expressão “primogênito dos pobres” em [Isaías 14.30](#) significa alguém que é o mais pobre, o mais necessitado entre os pobres. A expressão “primogênito da morte” em [Jó 18.13](#) sugere que a doença de Jó o levaria à morte.

Porque Deus salvou os primogênitos de Israel da morte no Egito, Ele esperava que todos os futuros primogênitos fossem separados para o Seu serviço ([Ex 11.4-7](#); [13.12](#)). O primeiro filho homem era um representante de toda a descendência ([Gn 49.3](#); [Ex 22.29](#); [Nm 3.13](#)). Deus ordenou que o primogênito de todos os animais usados para ofertas fosse separado para Ele ([Ex 13.2,15](#)).

Primogênito e redenção

Cada tribo deveria resgatar seu primogênito, exceto a de Levi, pagando uma quantia que não excedesse cinco siclos ([Nm 18.15-16](#)). O resgate implicava uma escravidão anterior. Era para lembrar Israel de sua libertação do Egito ([Ex 13.2-8](#)).

O primogênito dos animais ritualmente limpos era dedicado ao Senhor. Era levado ao Tabernáculo (ou mais tarde, ao Templo) dentro de um ano a partir do oitavo dia após o nascimento. Este animal era então sacrificado e seu sangue aspergado sobre o altar. A carne do animal sacrificado era destinada aos sacerdotes ([Ex 13.13](#); [22.30](#); cp. [Nm 18.17](#)). O primogênito dos animais impuros podia ser resgatado com um acréscimo de um quinto do valor determinado pelo sacerdote. Se não fosse resgatado, esses animais eram vendidos, trocados ou destruídos pelos sacerdotes ([Lv 27.27](#)). O filhote de um jumento devia ser resgatado com um cordeiro ([Ex 13.13](#)). Se não fosse resgatado, deveria ser morto. A carne de animais impuros não era consumida.

Primogênito e direito de nascimento

O primogênito atuava como sacerdote da família se o pai estivesse ausente ou morto. Esaú e Rúben são ambos exemplos ([Gn 27.19,32](#); [1Cr 5.1-2](#)). Esta posição do primogênito terminou quando o sacerdócio foi confiado à tribo de Levi ([Nm 3.12-13](#)). Todos os primogênitos das gerações posteriores tinham que ser resgatados. O dinheiro do resgate tornou-se parte da renda anual dos levitas ([Nm 8.17](#); [18.16](#)).

Uma porção dupla da herança familiar era o direito do primogênito. Isso protegia o primogênito quando um homem tinha mais de uma esposa. O filho de uma esposa favorita não podia tomar o lugar do primeiro filho nascido do lar ([Dt 21.17](#)).

O título “primogênito” é aplicado a Jesus ([Lc 2.7](#); [Rm 8.29](#); [Cl 1.15,18](#); [Hb 1.6](#); [Ap 1.5](#)). Isso enfatiza a supremacia de Jesus sobre todos, pois ele foi o

primeiro a ressuscitar dos mortos. Como primogênito, Jesus é:

- Herdeiro de todas as coisas ([Hb 1.2](#))
- O cabeça da igreja ([Ef 1.20-23](#); [Cl 1.18,24](#); [Hb 2.10-12](#))

Veja também Direito de nascença; Herdeiro; Herança; Primogenitura.

Primogenitura

Uma palavra que vem da tradução grega da palavra hebraica para "primogênito". Não é encontrada na Bíblia. É um conceito que reflete o status especial e os direitos de herança concedidos ao filho primogênito.

Se o primogênito morresse, o próximo homem mais velho vivo não recebia os direitos do primogênito. Uma mulher primogênita também não recebia esses direitos, assim como o primogênito se ele fosse filho de uma concubina ou de uma escrava (por exemplo, [Gn21.10](#)).

As Escrituras atribuem grande importância aos direitos do primogênito, como visto na distinção entre o primogênito e outros filhos ([Gn 10.15](#); [25.13](#); [36.15](#)), a porção dobrada a ser dada ao primogênito ([Dt 21.17](#)), bem como a bênção especial que seus pais lhes davam ([Gn 21.1-14](#); [27.1-29](#); [48.18](#)).

Veja também Direito de Nascimento; Primogênito.

Principados E Potestades*

Frase familiarizada com a versão ARA, ocorrendo várias vezes nos escritos de Paulo, e expressa por meio de três sinônimos gregos. O conceito de principados é representado pelos termos *exousia* e *archai*, enquanto potestades é representado por *dunamis*. No NT, *exousia* descreve o poder inerente à autoridade como algo confirmado ou derivado de uma posição de proeminência. Não há nada de mal sobre este tipo de autoridade; pelo contrário, é essencialmente correta, tanto moralmente quanto espiritualmente ([Mt 21.23](#)). Assim, se aplica mais apropriadamente à autoridade do Messias ([Mt 9.6](#); [Mc 2.10](#)), dos apóstolos ([2Cor 10.8](#); [13.10](#)) e do governo humano (cf. [Mt 8.9](#); [Lc 20.20](#)). *Archai* tem vários significados, mas ocorre 12 vezes no sentido de "comando", "governo" ou "soberania", 9 das quais ([Rm 8.38](#); [1Co 15.24](#); [Ef 1.21](#); [3.10](#); [6.12](#); [Cl](#)

[1.16](#); [2.10,15](#); [Tt 3.1](#)) aparecem nas cartas de Paulo. Finalmente *dunamis*, uma palavra comum para poder que denota a capacidade ou força para alcançar um objetivo impressionante ([Mt 25.15](#); [At 3.12](#)).

Ao usar a expressão "principados e potestades", Paulo estava se referindo à hierarquia de entidades sobrenaturais, como seres angelicais, que adoram e servem ao Criador do universo. Alguns comentaristas dividiram esta hierarquia em cinco categorias, a saber, tronos, principados, potestades, autoridades e domínios. Esta categorização, no entanto, pode ser alcançada apenas por inferência geral, uma vez que não há nada nas Escrituras que aponte diretamente para tais grupos distintos. Ao usar a frase, Paulo provavelmente estava expressando o senhorio cósmico de Jesus da maneira mais colorida e dramática possível.

Ao dar a Jesus um nome acima de todos os outros nomes, Paulo estava demonstrando o supremo senhorio de Cristo sobre todos os seres criados, sejam eles bons ou maus ([Rm 14.11](#); [Fp 2.10](#)). Como seu criador, as hostes celestiais eram seus súditos, reconhecendo-o como Senhor do universo. Esta afirmação era importante para os colossenses, cuja teologia aparentemente haviam sido contaminada por especulações não-bíblicas ([Cl 2.8](#)). A verdade é que em Jesus residia toda a plenitude de Deus, e isso é transmitido aos crentes através do Espírito do Senhor.

Priscila e Áquila

Quem foram Priscila e Áquila?

Um casal cristão que eram amigos e possíveis convertidos do apóstolo Paulo. Lucas os menciona durante o ministério de Paulo em Corinto ([At 18.1-3](#)). Eles são sempre listados juntos no Novo Testamento. O nome de Priscila vem antes de Áquila em quatro das seis referências ([At 18.18](#); [At 18.26](#); [Rm 16.3](#); [2Tm 4.19](#)). Isso pode ser devido ao seu caráter pessoal ou ao seu papel de liderança na igreja.

Áquila era um judeu natural de Ponto, na Ásia Menor. O edito do Imperador Cláudio de 49 d.C. o expulsou de Roma ([At 18.2](#)). O historiador Suetônio refere-se a este edito: "Ele baniu de Roma todos os judeus, que estavam continuamente causando distúrbios por instigação de um certo Chrestus".

Amigos e colegas de trabalho de Paulo

De Roma, Áquila e Priscila foram para Corinto. Lá, Paulo os encontrou. Isso aconteceu em sua segunda viagem missionária. Eles moraram juntos e trabalharam como fabricantes de tendas. A estreita associação com Paulo trouxe benefícios. Mais tarde, eles até instruíram o erudito professor judeu Apolo. Então ele "com argumentos fortes, derrotava os judeus nas discussões públicas, provando pelas Escrituras Sagradas que Jesus é o Messias" (vv. [24-28](#)).

Tanto Priscila quanto Áquila eram amigos leais e colegas de trabalho de Paulo ([Rm 16.3-4](#)). Quando ele deixou Corinto, eles o acompanharam. Depois, permaneceram em Éfeso após ele retornar para a Síria ([At 18.18-19](#)). Quando Paulo escreveu a Primeira Carta aos Coríntios, eles ainda estavam em Éfeso. A casa deles se tornou um local para os cristãos se reunirem ([1Co 16.19](#)). Então o decreto de Cláudio terminou. Assim, Priscila e Áquila voltaram para Roma. Foi quando Paulo escreveu aos cristãos romanos ([Rm 16.3](#)). Quando a Segunda Carta a Timóteo foi escrita, Priscila e Áquila estavam de volta em Éfeso ([2Tm 4.19](#)).

Procônsul

Um procônsul era um governador escolhido pelo Senado de Roma para governar uma província. A partir da época do Imperador Augusto, o Senado romano escolhia governadores para administrar certas províncias senatoriais romanas. Eram províncias consideradas seguras o suficiente para que não precisassem de um exército estacionado nelas.

Os procônsules serviam por um ano. Eles atuavam entre o período em que eram um *pretor* (um oficial de governo de nível inferior) e quando se tornavam um cônsul de Roma (uma posição mais alta). Os procônsules eram diferentes dos procuradores, que eram escolhidos pelo Imperador para governar províncias imperiais por um período de tempo indefinido.

Encontramos dois procônsules no livro de Atos:

- Sérgio Paulo de Chipre ([At 13.7-12](#)), e
- Gálio da Acaia ([18.12-17](#)).

Veja também Gálio; Inscrição de Gálio; Sérgio Paulo.

Prócoro, Procorus

Um dos sete homens escolhidos pela igreja primitiva em Jerusalém para servir às viúvas e gerenciar a distribuição diária de alimentos ([At 6.5](#)). Esses sete homens foram selecionados porque estavam cheios do Espírito Santo e sabedoria. Os outros seis homens eram Estevão, Filipe, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau.

Veja também Diácono, Diaconisa.

Procurador

Um procurador era um oficial financeiro de Roma. Muitas traduções modernas usam o termo "governador". Ele geralmente pertencia à ordem equestre (classe média alta da sociedade romana). As funções do procurador incluíam supervisionar e coletar impostos imperiais em uma província designada. Na Judeia e em outras províncias menores do Império Romano, o procurador às vezes atuava como governador daquela região.

Um procurador não apenas gerenciava as finanças, mas também tinha autoridade judicial e militar. Sua principal responsabilidade era manter a paz em sua jurisdição. O Novo Testamento menciona três procuradores romanos:

- Pôncio Pilatos foi procurador de 26–36 d.C. (veja [Mt 27](#); [Jo 18-19](#)).
- Antônio Félix foi procurador de 52–59 d.C. (veja [At 23.24-25.14](#)).
- Pório Festo foi procurador de 59–62 d.C. (veja [At 24.27-26.32](#)).

Esses administradores eram responsáveis e subordinados ao governador da Síria.

Veja também Félix, Antônio; Festo, Pório; Pilatos, Pôncio.

Profanar

Para tornar eticamente ou ritualmente impuro.

Veja Limpeza e Impureza, Regulamentos Relacionados.

Profecia

Este termo, e o relacionado “profeta”, “profetizar”, “profetismo” e “profético”, são derivados de um grupo de palavras gregas que, no grego secular, significam “falar”, “proclamar”, “anunciar”. No grego bíblico, no entanto, esses termos sempre carregam a conotação de falar, proclamar ou anunciar algo sob a influência da inspiração espiritual.

Resumo

- Profecia no Antigo Testamento
- Tipos de profetas do Antigo Testamento
- A mensagem dos profetas
- Profecia no Novo Testamento
- O papel do profeta cristão

Profecia no Antigo Testamento

Uma das declarações mais claras e significativas sobre a natureza da inspiração profética no Antigo Testamento é encontrada em [Números 12.6-8](#):

Deus disse: “Ouçam agora minhas palavras: se houver um profeta entre vocês, eu, o SENHOR, revelar-me-ei a ele em uma visão; falarei com ele em um sonho. Mas não é assim com meu servo Moisés; ele é fiel em toda a minha casa. Eu falo com ele face a face, claramente e não em enigmas; ele vê a forma do SENHOR”.

Vários insights importantes sobre a natureza da inspiração profética são encontrados nesta passagem:

1. O dom profético de Moisés era único na medida em que ele, sozinho, recebia revelações diretamente de Deus.
2. Normalmente, a revelação profética era recebida em um sonho ou uma visão.
3. O significado da revelação profética nem sempre é completamente claro. A profecia às vezes é ambígua.

Mais informações sobre a natureza da revelação profética são encontradas em [Deuteronômio 18.18](#): “Eu [Deus] levantarei para eles [israelitas] um profeta como vocês [Moisés] dentre seus

irmãos. Eu colocarei Minhas palavras em sua boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar”. Esta passagem é de interesse porque Jesus foi identificado como “o profeta como Moisés” que veio em cumprimento desta predição ([Atos 3.22](#); [7.37](#)). Mas a referência histórica mais imediata é a sucessão de profetas que guiaram Israel de Josué até Malaquias. A frase “Eu porei minhas palavras em sua boca” refere-se ao processo de inspiração divina e lembra a fórmula profética comum do Antigo Testamento “a palavra do Senhor veio a [tal e tal profeta]” (para exemplos, veja [1 Samuel 15.10](#); [2 Samuel 24.11](#); [1 Reis 19.9](#); [Jonas 1.1](#); [Ageu 1.1](#); [2.1.20](#); [Zacarias 7.1.8](#); [8.1](#)). Um verdadeiro profeta é aquele que fala (ou repete) tudo o que Deus lhe disse.

Modos de inspiração profética

Os sonhos eram um modo de inspiração comumente reconhecido em todo o mundo antigo. Mas eles eram mais altamente considerados na Grécia do que no antigo Israel. Os sonhos reveladores na Bíblia se dividem em duas categorias principais: (1) sonhos que têm significado autoevidente, e (2) sonhos simbólicos que geralmente exigem a experiência de um intérprete de sonhos. Ambos os tipos normalmente envolvem elementos visuais e auditivos. Nesses sonhos com um significado autoevidente, normalmente um ser sobrenatural (Deus ou um anjo) aparece para o sonhador e fala com ele de uma maneira direta.

Com mais frequência, os sonhos reveladores têm elementos simbólicos que exigem interpretação. Os dois grandes intérpretes de sonhos do Antigo Testamento são José e Daniel. Este último, Daniel, é claramente um profeta. Os dois sonhos simbólicos que o próprio José sonhou ([Gênesis 37.5-11](#)) tinham um significado suficientemente evidente para que seus irmãos e pai fossem capazes de interpretá-los imediatamente. Os sonhos do mordomo e padeiro, eram mais complexos ([40.1-19](#)), bem como o sonho de Faraó ([41.1-36](#)), que José foi capaz de interpretar com a ajuda de Deus. Da mesma forma, Daniel foi habilitado a interpretar os sonhos de Nabucodonosor ([Daniel 2.25-45](#); [4.4-27](#)). Tanto José quanto Daniel atribuíram a habilidade em interpretar tais sonhos a Deus ([Gênesis 40.8](#); [41.16.25](#); [Daniel 2.27-30](#); compare [4.9](#)). Os sonhos são usados quase de forma intercambiável com visões em se referindo aos modos de inspiração profética ([Joel 2.28](#)). Mas os sonhos não ocupam uma parte significativa nas

revelações proféticas de qualquer um dos profetas do Antigo Testamento, com a exceção de Daniel.

Um dos modos mais característicos de inspiração profética era a visão ([Números 12.6; 24.4,16](#); [Os 12.10](#)). As visões reveladoras experimentadas pelos profetas não estavam limitadas apenas aos fenômenos visuais, mas também incluíam a dimensão auditiva. Em [Isaías 1.1](#), o autor descreve todo o seu livro profético como uma “visão”: “Esta é a visão sobre Judá e Jerusalém que Isaías, filho de Amoz, viu durante os reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá”. No entanto, no próximo verso, Isaías diz: “Ouçam, ó céus, e dai ouvidos, ó terra, porque o Senhor falou”. Novamente, em [Amós 1.1](#): “Essas são as *palavras* de Amós, que estava entre os pastores de Tecoa — o que ele *viu* sobre Israel” (ênfase adicionada).

Manifestações de inspiração profética

Toda a profecia, seja bíblica ou não, presume que o profeta possuía ou estava incumbido de um poder pessoal sobrenatural. Os comportamentos expressos desta posse variam muito.

O fenômeno geralmente chamado de profecia “extática” parece ter existido em Canaã antes da chegada das tribos hebraicas no século 13 a.C. A primeira referência à profecia extática em Israel ocorre em [1 Samuel 10.5-13](#) (séc. 11 a.C.), e persistiu pelo menos até o sexto século a.C. ([Jeremias 29.26](#)).

O profeta extático alcança um estado de transe por meios autoinduzidos. Os dispositivos mais comuns usados para alcançar um estado de êxtase eram instrumentos musicais, como a harpa, pandeiro, flauta e lira ([1 Samuel 10.5](#)). Entre os profetas de Baal, a autoflagelação era outro meio de levar ao êxtase ([1 Reis 18.28-29](#)).

Este tipo de êxtase profético era geralmente praticado por grupos de profetas ([1 Samuel 10.5](#)), e tal êxtase era contagioso. Quando Saul encontrou um grupo de tais profetas, o Espírito de Deus veio sobre ele, que também começou a profetizar (versos [10-13](#)). Este fenômeno ocorreu repetidamente a vários mensageiros enviados por Saul em uma ocasião posterior ([19.20-22](#)). Naquela época, Saul novamente profetizou, e seu comportamento extático é descrito em [1 Samuel 19.24](#). Quando Eliseu foi convidado a profetizar para o rei Jorão de Israel, ele primeiro pediu um músico. Enquanto o músico tocava, o poder do Senhor veio sobre ele ([2 Reis 3.15](#)).

Tipos de profetas do Antigo Testamento

Há dois tipos básicos de comissão profética no Antigo Testamento. Um tipo é apresentado em narrativa de chamado de Deus para um indivíduo específico em que suas objeções ao chamado são gradualmente superadas em um diálogo entre ele mesmo e Deus. O exemplo clássico deste tipo de comissão profética é encontrado em [Jeremias 1.4-8](#):

A palavra do SENHOR veio a mim, dizendo: “Antes que eu te formasse no ventre, eu já te conhecia, e antes de nascer, eu te consagrei e constituí profeta às nações”.

“Ah, Senhor DEUS”, eu disse: “Eu certamente não sei falar, pois sou apenas uma criança!”

Mas o SENHOR me disse: “Não digas: ‘Eu sou apenas uma criança’. Pois a todos que eu te enviar, deves ir, e tudo o que eu te ordenar, deves falar. Não tenhas medo deles, pois eu estou contigo para livrar-te”, declara o SENHOR.

Comissões proféticas semelhantes, incluindo tais diálogos, estão associadas com os chamados de Moisés ([Êxodo 3.1-4.17](#)) e Gideão ([Juízes 6.11-17](#)).

A segunda forma fundamental de comissão profética é a “visão do trono”. Um exemplo notável é [Isaías 6.1-8](#):

No ano em que o rei Uzias morreu, vi o Senhor sentado em um trono, alto e exaltado; e as abas de suas vestes enchiam o templo...

Então eu disse: “Ai de mim, pois estou arruinado, porque sou um homem de lábios impuros que habita entre um povo de lábios imundos; pois meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos”.

Então um dos serafins voou até mim, e em sua mão estava uma brasa viva que ele havia tirado do altar com pinças. E com isso ele tocou minha boca e disse: “Agora que isso tocou seus lábios, sua iniquidade foi removida e seu pecado está expiado”.

Então eu ouvi a voz do Senhor dizendo: “A quem enviarei? Quem irá por nós?”

E eu disse: “Aqui estou eu. Envie-me!”

Aqui temos um relato da presença visionária de um profeta no conselho celestial. Neste caso, no entanto, o profeta participa das deliberações e, assim, recebe uma comissão profética. Embora poucos profetas tenham deixado relatos de suas comissões divinas, a maioria deles parece ter estado consciente de ter sido “enviada” por Deus

([Isaías 48.16](#); [Os 8.1](#); [Amós 7.14–15](#)). De acordo com Jeremias, os falsos profetas não receberam tais comissões divinas ([Jeremias 23.21,32](#); [28.15](#)).

A mensagem dos profetas

A forma da mensagem

A fórmula de abertura mais comum para oráculos proféticos no Antigo Testamento é a frase “Assim diz o Senhor”. Esta frase ocorre centenas de vezes em contextos proféticos. Esta fórmula implica claramente que a mensagem assim introduzida não é a palavra do profeta que fala o oráculo, mas do Deus de Israel que entregou sua palavra a seu profeta. O uso desta fórmula também reitera o sentido de comissão divina do profeta. Em oráculos introduzidos desta maneira, Deus fala na primeira pessoa. Na verdade, praticamente toda a expressão profética israelita é formulada como a fala direta do Deus de Israel.

Os profetas usaram muitas formas literárias para expressar seus oráculos. Duas das formas mais amplamente usadas de fala profética são a fala de julgamento e o oráculo de salvação. A fala de julgamento é composta de pelo menos dois elementos centrais: a fala da repreensão ou injúria e o pronunciamento do julgamento (veja [2Rs 1.3–4](#)). A segunda forma de fala profética comum é o oráculo de salvação (veja [Isaías 41.8–13](#)). Outras formas fixas de fala profética incluem a profecia de salvação ([43.14–21](#)), a proclamação de salvação ([41.17–20](#); [42.14–17](#); [43.16–21](#); [49.7–12](#)) e o oráculo de lamento ([Isaías 5.8–10](#); [10.1–4](#); [Am 5.18–24](#); [6.1–7](#); [Mq 2.1–5](#)).

O conteúdo da mensagem

Todos os profetas predizem o futuro. Tal predição, no entanto, não é baseada no interesse humano sobre o que o futuro trará, mas está enraizada nas consequências futuras de violações passadas ou presentes da aliança, ou em um ato futuro de libertação que fornecerá esperança para um povo desanimado. A maioria das falas proféticas que foram preservadas no Antigo Testamento, foram originalmente proferidas como proclamações públicas ou sermões. A maioria dessas proclamações proféticas foi causada pela iniquidade e apostasia de Israel. Oseias e Jeremias condenaram Israel porque havia quebrado a aliança ([Jeremias 11.2–3](#); [Oseias 8.1](#)).

Os profetas são frequentemente associados com justiça social e reforma social. Esses elementos eram inquestionavelmente uma dimensão

importante de sua mensagem. Amós denunciou os ricos que afligiam os pobres ([Amós 2.6–8; 4.1; 5.11](#); [8.4–6](#)). Ele protestou contra a imoralidade sexual ([2.6–8](#)) e contra aqueles que aceitam subornos ([5.12](#)). Oseias forneceu uma lista de vícios prevalentes, incluindo mentir, matar, roubar, adultério e idolatria ([Oseias 4.2](#)). A idolatria era um alvo específico para suas denúncias ([8.5; 11.2](#)). O pano de fundo para tais denúncias agudas do comportamento de Israel é o amor eterno de Deus por Israel ([Isaías 43.4](#); [Jeremias 31.3](#); [Oseias 3.1; 11.1–4](#); [14.4](#); [Malaquias 1.2](#)), que é inseparável de sua eleição de Israel ([Isaías 43.1](#); [Jeremias 33.24](#); [Ezequiel 20.5](#); [Oseias 3](#)).

Os profetas estavam interessados não apenas nas transgressões de Israel e no julgamento histórico que inevitavelmente se seguiria, mas também na realização de um tempo futuro final de bem-aventurança. A mensagem de muitos dos profetas está completamente interessada com o fim dos tempos. Tal conceito de fim dos tempos é o do Dia do Senhor. O conceito de Dia do Senhor aparece pela primeira vez em Amós, onde a ênfase está no desastre que cairá sobre Israel naquele dia. Apesar da ênfase de Amós no desastre, o Dia do Senhor é uma concepção que tinha tanto conotações de salvação quanto de julgamento para Israel. O desastre que ocorrerá no Dia do Senhor pode ser visto em termos de um cumprimento histórico literal nos eventos trágicos de 722 a.C. (a queda de Samaria) e 586 a.C. (a queda de Judá). Mas há, no entanto, características dessas previsões que vão além do cumprimento histórico e alcançam o cumprimento do fim dos tempos.

Uma vez que a concepção israelita de “salvação” era em grande parte temporal em suas dimensões, incluía bênçãos como, duração de vida, frutificação do útero e do campo, paz e vitória sobre os inimigos, a abundância de água, e assim por diante. Em harmonia com esta concepção de salvação, a era futura é concebida precisamente nesses termos, como em [Amós 9.13–15](#).

Os profetas retrataram um tempo em que o próprio Davi, ou alguém muito parecido com ele, retornaria e inauguraría uma era dourada que lembra o grande período davídico e salomônico. A aliança de Deus com Davi não era uma aliança condicional, mas sim uma aliança que era absolutamente inviolável ([2 Samuel 7.4–17](#); [Salmo 89](#); [Jeremias 33.19–22](#)). Foi com este conhecimento que os profetas poderiam esperar com confiança uma restauração do trono de Davi ([Jeremias 17.24–26](#); [23.5–6](#); [33.14–15](#)).

Profecia no Novo Testamento

Em contraste com os poucos profetas autodesignados do período entre o Antigo e o Novo Testamento, o cristianismo primitivo começou com um breve período intenso de atividade profética. Este período perdurou até o segundo século d.C. Jesus, seus discípulos e seguidores, e os primeiros cristãos estavam convencidos de que os tempos em que eles viveram eram tempos em que a profecia do Antigo Testamento estava sendo cumprida ([Marcos 1.14–15](#); [Atos 2.16–21](#); [Romanos 16.25–27](#); [1 Coríntios 10.11](#)). No entanto, este período não era apenas de cumprimento, mas também de renovação do dom profético.

João Batista

João Batista é lembrado no Novo Testamento principalmente como o antecessor de Jesus, predito por Malaquias ([Malaquias 4.5–6](#)). No entanto, em seu próprio direito, João proclamou o julgamento iminente de Deus com um senso de denúncia e repreensão que lembra os profetas do Antigo Testamento. As roupas de João, consistindo de um manto de pelos e um cinto de couro ([Marcos 1.6](#)), lembravam as roupas típicas dos profetas do Antigo Testamento ([1 Reis 19.19](#); [2 Reis 1.8](#); [2.13–14](#); [Zacarias 13.4](#)). João era considerado como um profeta por pessoas em todos os lugares ([Mateus 14.5](#); [17.10–13](#); [Marcos 9.11–13](#); [11.32](#); [Lucas 1.76](#); [7.26](#)). Lucas relata, em um estilo semelhante às narrativas proféticas do Antigo Testamento, que “a palavra de Deus veio a João” ([Lucas 3.2](#)).

Duas breves falas proféticas foram preservadas em [Mateus 3.7–10](#) (compare [Lucas 3.7–9](#)) e [Marcos 1.7–8](#) (compare [Mateus 3.11–12](#); [Lucas 3.15–18](#)). Na primeira fala, João denunciou aqueles de sua geração que haviam transgredido a lei da aliança e os instou a mudar seu modo de vida. Na segunda fala, João predisse a vinda do Poderoso, Jesus ([Mateus 3.11](#); [Marcos 1.7](#); [Lucas 3.16](#); [João 1.15,27,30](#); [Atos 13.25](#)). O estilo de João, no entanto, não era precisamente o dos profetas do Antigo Testamento. Suas declarações foram feitas em sua própria autoridade. Ele nunca usou fórmulas como “assim diz o Senhor”, ou apresentou suas declarações proféticas como se fossem falas feitas por Deus. No entanto, apesar dessas diferenças, João é apropiadamente considerado como o último representante da tradição profética do Antigo Testamento ([Mateus 11.13](#); [Lucas 16.16](#)).

Jesus de Nazaré

Jesus era popularmente considerado como um profeta ([Mateus 16.14](#); [21.10–11](#); [Marcos 6.14–15](#); [8.28](#); [Lucas 7.16,39](#); [9.8,19](#); [João 6.14](#); [7.40,52](#)). Esta análise era baseada tanto nos feitos poderosos que Jesus realizava quanto em suas falas e predições proféticas. Embora Jesus em lugar algum tenha reivindicado status profético diretamente, essa alegação está implícita em [Marcos 6.4](#): “Somente em sua cidade natal, entre seus parentes, e em sua própria casa, há um profeta sem honra” (compare [Mateus 13.57](#); [Lucas 4.24](#)). Está implícito também em [Lucas 13.33](#): “No entanto, devo continuar hoje, amanhã e no dia seguinte, pois não é admissível que um profeta morra fora de Jerusalém”. Em Atos, Jesus é considerado como “o profeta como Moisés” predito em [Deuterônomo 18.18](#) ([Atos 3.22](#); [7.37](#)). Mateus apresenta Jesus como o Novo Moisés, mas ele não enfatiza especialmente seu papel profético. João, no entanto, como Lucas, enfatiza o papel de Jesus como profeta ([João 4.19](#); [6.14–15](#); [7.40](#)).

Embora os evangelhos canônicos e Atos reflitam a noção de que Jesus era um profeta, eles também enfatizam o fato de que ele era muito mais do que um profeta. No entanto, o papel de profeta era importante o suficiente no judaísmo primitivo para que o reconhecimento de Jesus como profeta fosse muito significativo. Há 12 razões sólidas para considerar Jesus como um profeta na tradição do Antigo Testamento:

1. A autoridade final do ensino de Jesus ([Marcos 1.27](#)). Esta característica é sublinhada por seu uso da fórmula introdutória “(Amém) eu digo a vocês”, que lembra a fórmula “assim diz o Senhor” usada pelos profetas do Antigo Testamento.
2. O caráter poético de muitos dos ditos de Jesus é diferente do ensino rabínico contemporâneo, mas é semelhante à retórica poética dos profetas do Antigo Testamento.
3. Jesus experienciou visões ([Lucas 10.18](#)) como os profetas antigos.
4. Jesus, como os profetas, fez muitas predições ([Mateus 23.38](#); [Marcos 13.2](#); [14.58](#); [Lucas 13.35](#); e outros).

5. Como os profetas do Antigo Testamento, Jesus realizou atos simbólicos (como a purificação do templo, a entrada em Jerusalém e a Última Ceia).
6. Jesus, como os profetas, quando necessário, rejeitou a observância formal do ritual religioso e enfatizou as dimensões morais e espirituais da obediência a Deus.
7. Jesus anunciou a chegada iminente do reino de Deus — uma proclamação do fim dos tempos semelhante às feitas pelos profetas.
8. Como os profetas do Antigo Testamento, Jesus atuava como um pregador do arrependimento.
9. Jesus, como muitos dos profetas, estava consciente de um chamado especial de Deus ([Mateus 15.24](#); [Marcos 8.31](#); [9.37](#); [14.36](#); [Lucas 4.18-26](#)).
10. Jesus, como os profetas, recebeu revelação divina através da comunhão íntima com Deus ([Mateus 11.27](#); [Lucas 10.22](#)).
11. Como os profetas, Jesus representava Deus. Obedecer a Jesus era obedecer a Deus, e rejeitá-lo era rejeitar a Deus ([Marcos 9.37](#); compare [Ezequiel 33.30-33](#)).
12. Como os profetas, Jesus estava consciente de uma missão a todo o Israel ([Mateus 15.24](#); [19.28](#); [Lucas 22.30](#)).

Entre as muitas predições proféticas de Jesus, estão as seguintes:

1. Predições da chegada iminente do reino de Deus ([Mateus 10.7-8,23](#); [23.39](#); [Marcos 1.15](#); [9.1](#); [13.28-29](#))
2. Predições da destruição de Jerusalém e do templo ([Mateus 23.37-39](#); [24.2](#); [26.61](#); [27.40](#); [Marcos 13.2](#); [14.58](#); [15.29](#); [Lucas 13.34-35](#); [21.6](#); [João 2.19-21](#))

3. Predições da vinda do Filho do Homem ([Mateus 10.23,32-33](#); [12.40](#); [13.40-41](#); [16.27](#); [24.27,37-39](#); [Marcos 8.38](#); [13.26-27](#); [14.62](#); [Lucas 9.26](#); [11.30](#); [12.8-9](#); [17.24,26](#))
4. Predições do fim dos tempos. A seção profética mais longa nos evangelhos é o discurso de Jesus sobre o fim dos tempos em [Marcos 13.1-32](#) (compare [Mateus 24.1-36](#); [Lucas 21.5-33](#)). Uma série de predições sobre a destruição de Jerusalém e o fim dos tempos são tecidas em um longo sermão aos discípulos.

Profecia como uma dádiva para os crentes

De acordo com Atos, o início da atividade profética no cristianismo primitivo coincidiu com o derramamento do Espírito Santo sobre os primeiros cristãos no Dia de Pentecostes ([Atos 2.1-21](#)). O sermão de Pedro no Dia de Pentecostes indica que o derramamento do Espírito cumpriu a profecia de Joel ([Atos 2.4,17-21](#); compare [Joel 2.28-32](#)). Além disso, uma vez que o Espírito havia sido derramado sobre todos os primeiros cristãos (esse Espírito sendo um Espírito de profecia), todos são profetas reais ou potenciais.

De acordo com [1 Coríntios 12.28](#) (veja também [Romanos 12.6](#); [Efésios 4.11](#)), Deus nomeou na igreja, primeiro os apóstolos, segundo os profetas e terceiro os mestres. Os nomes de vários profetas cristãos primitivos foram preservados. Esses incluem Ágabo ([Atos 11.27-28](#); [21.10-11](#)); Judas e Silas ([15.32](#)); Barnabé, Simeão Níger, Lúcio de Cirene, Manaém e Paulo ([13.1](#)); e as quatro filhas virgens de Filipe, o evangelista ([21.8-9](#)). João, o autor de Apocalipse, certamente era um profeta ([Apocalipse 1.3](#); [22.9,18](#)), embora ele nunca tenha assumido diretamente esse título.

O papel do profeta cristão

Os profetas cristãos eram líderes nas primeiras comunidades cristãs ([1 Coríntios 12.28](#); [Efésios 4.11](#)), que exerciam seu dom [de profecia] nas reuniões da igreja ([Atos 13.1-3](#); [11.27-28](#); [1 Coríntios 12-14](#); [Apocalipse 1.10](#)). Uma vez que o Espírito de Deus era especialmente ativo na adoração cristã, a profecia era um importante meio pelo qual Deus se comunicava com seu povo. Profetas, como apóstolos e mestres, não tinham ofícios em comunidades locais como bispos,

presbíteros e diáconos. Em vez disso, eles eram escolhidos, não por congregações individuais, mas por comissão divina. Por isso, eles eram honrados e aceitos em todas as comunidades locais.

Os primeiros profetas cristãos eram ambos itinerantes e também estabelecidos em comunidades. Profetas itinerantes [que viajam de um lugar para outro] parecem ter sido mais prevalentes na Síria Palestina e Ásia Menor do que nas igrejas europeias.

A função da profecia

De acordo com Paulo, o propósito central da profecia (como de todos os outros dons espirituais) é o de fortalecer ou edificar a igreja. De acordo com [1 Coríntios 14.3](#), alguém “que profetiza fala aos homens para sua edificação, encorajamento e conforto”. Novamente, em [1 Coríntios 14.4](#), Paulo afirma que “aquele que falar em língua edifica a si mesmo, mas aquele que profetiza edifica a igreja”. Paulo abordou o assunto dos dons espirituais, especialmente profecia e falar em línguas, porque os coríntios haviam colocado uma ênfase excessiva no falar em línguas. Paulo não se opôs a falar em línguas ([1 Coríntios 14.18,39](#)), mas ele apontou que a igreja não poderia ser edificada por isso, porque era geralmente incompreensível. A profecia, que consistia em uma fala compreensível inspirada pelo Espírito Santo, contribuía para a edificação, encorajamento e consolação mútua de todos presentes ([1 Coríntios 14.20–25,39](#)).

O conteúdo da profecia cristã

Sabemos apenas um pouco sobre o conteúdo das profecias dadas na igreja do primeiro século. As profecias ocasionalmente forneciam orientação divina na tomada de decisões importantes no cristianismo primitivo. Através de uma mensagem profética, Paulo e Barnabé foram selecionados para uma missão específica ([Atos 13.1–3](#); compare [1 Timóteo 1.18; 4.14](#)). Provavelmente, por uma profecia, Paulo e Timóteo foram proibidos de pregar o evangelho na Ásia ([Atos 16.6](#)). Eles foram igualmente proibidos pelo Espírito de Jesus de entrar na Bitínia (verso [7](#)).

Talvez o uso mais frequente da profecia seja a predição do futuro. Ágabo predisse uma fome universal ([11.28](#)) e a prisão iminente de Paulo ([21.11](#)). Outros profetas também haviam predito sua prisão iminente ([20.23](#)). As profecias contidas no Apocalipse de João são todas orientadas para os eventos futuros que se desenrolarão gradualmente nos últimos dias. No entanto, o propósito da

profecia elaborada de João não é satisfazer a curiosidade de seu público, mas sim confortá-los e encorajá-los enquanto eles passam por perseguição.

A forma de profecia cristã

Ao contrário dos profetas do Antigo Testamento, os profetas cristãos nem sempre apresentavam sua mensagem na forma de uma fala direta de Deus ou Jesus. Há poucos, se houver, indicadores formais da presença de discurso profético na literatura cristã primitiva. O livro de Apocalipse é uma exceção notável.

Veja também Sonhos; Oráculo; Promessa; Profeta, Profetisa; Profetas, Falsos; Visões.

Profeta, Profetisa

Um homem ou mulher escolhido por Deus para falar por ele e predizer eventos no plano divino.

Resumo

- Introdução
- Os títulos e história dos profetas
- Inspiração
- Verdadeiros e falsos profetas
- A função do profeta
- Métodos de comunicação

Introdução

Quando Jesus ressuscitou o filho da viúva dos mortos, os espectadores responderam dizendo: “Um grande profeta surgiu entre nós!” ([Lc 7.16](#); cf. [Mc 6.15; 8.28](#)). No pensamento religioso judaico, os acontecimentos religiosos mais vívidos e formativos encontravam seu foco no chamado e ministério de um profeta, através de quem Deus comunicava sua palavra ao seu povo. Em sua avaliação de Jesus, as pessoas estavam de fato mais corretas do que sabiam, pois nele Deus os havia na realidade visitado e ele, embora muito mais do que um profeta, era de fato a coroa e o clímax da ordem profética preditos por Moisés ([Dt 18.15–19](#)).

Os títulos e história dos profetas

As principais palavras usadas para descrever tais indivíduos no AT são “profeta” (veja [Iz 6.8](#)), “homem de Deus” (veja [2Rs 4.9](#)) e “vidente” (veja [1Sm 9.9; 2Sm 24.11](#)).

A palavra traduzida “profeta” parece ter a ideia de “chamado” como sua primeira ênfase: Deus toma a iniciativa, seleciona, convoca e envia o profeta (p. ex., [Jr 1.4–5; 7.25](#); [Am 7.14](#)). “Homem de Deus” fala do relacionamento para o qual o profeta é trazido por seu chamado: ele é agora “o homem de Deus” e é reconhecido como pertencendo a ele ([2Rs 4.9](#)). “Vidente” indica os novos e notáveis poderes de percepção concedidos ao profeta. Em hebraico, como em português, o verbo comum “ver” é usado também como compreensão (“Eu vejo o que você quer dizer”) e do poder da percepção sobre a natureza e o significado das coisas (“Ele vê as coisas muito claramente”). No caso dos profetas, seus poderes de “percepção” eram elevados muito acima do normal porque o Senhor os inspirava a se tornarem veículos de sua mensagem.

A linhagem de grandes profetas sobre os ombros dos quais a história do AT avança começou com Moisés, que é reconhecido como o profeta por excelência ([Dt 34.10](#)). Esta era uma percepção correta, pois todas as marcas distintivas de um profeta pertenciam a Moisés: o chamado ([Ex 3.1–4.17](#); cf. [Is 6](#); [Jr 1.4–19](#); [Ez 1–3](#); [Os 1.2](#); [Am 7.14–15](#)), a consciência da importância dos eventos históricos como os atos de Deus nos quais ele confirmou sua palavra ([Ex 3.12](#); [4.21–23](#)), interesse ético e social ([2.11–13](#)) e representatividade dos indefesos (v. [17](#)).

Mas o comentário em [Dt 34.10](#) não apenas olha para trás para a grandezza de Moisés, mas também espera a vinda de um profeta como Moisés. Isso está de acordo com sua própria predição ([Dt 18.15–19](#)), que, sem dúvida, antecipa um único e grande profeta individual. Moisés faz uma comparação impressionante consigo mesmo — o profeta que vem desempenhará exatamente um papel como Moisés desempenhou no Monte Sinai ([Dt 18.16](#)). Nessa ocasião, Moisés agiu como o mediador profético da voz de Deus em um sentido único, pois no Sinai Deus moldou a antiga aliança em sua forma completa. Ao esperar um profeta feito neste molde, Moisés estava, portanto, ansioso por outro mediador da aliança, o próprio Jesus Cristo.

A expectativa por este grande profeta foi mantida viva enquanto Deus continuava enviando profetas a seu povo. Em cada caso, tal profeta era conhecido por ser verdadeiro por sua semelhança com Moisés; em cada caso ele seria visto com emoção pelos crentes genuínos para ver se ele era o grande que viria finalmente. Nesta luz, podemos entender

a emoção das pessoas que viram Jesus ressuscitar os mortos ([Lc 7.16](#)).

O AT menciona a existência de grupos proféticos, às vezes chamados de “escolas”. Eliseu claramente tinha tal grupo sob sua instrução ([2Rs 6.1](#)), e “filhos dos profetas” (p. ex., [2Rs 2.3,5](#); [Am 7.14](#)) provavelmente se refere a “profeta em treinamento” sob os cuidados de um profeta mestre. “Gildas” seria uma descrição melhor dos grupos em [1Sm 10.5–11](#). Tais grupos desfrutaram de uma adoração entusiasta e extática do Senhor, tocada com uma atividade marcante do Espírito de Deus. Mas no coração de sua devoção estava a “profecia” — isto é, uma declaração da verdade sobre o próprio Deus. Após este período inicial, os grupos proféticos parecem ter diminuído em significado (a julgar pelo desaparecimento de referências claras semelhantes às de 1Sm), e a mudança gradual de coisas de êxtase para um ministério mais direto da palavra poderia muito bem-estar por trás do comentário em [1Sm 9.9](#).

Inspiração

O Espírito do Senhor cuja inspiração estava por trás das atividades dos grupos extáticos ([1Sm 10.6,10](#); [19.20,23](#)) era ativo em todos os profetas, e a alegação de inspiração divina é claramente registrada de tempos em tempos (p. ex., [1Rs 22.24](#); [Ne 9.30](#); [Os 9.7](#); [Jl 2.28–29](#); [Mq 3.8](#); cf. [1Cr 12.18](#); [2Cr 15.1](#); [20.14](#); [24.20](#)). O Espírito inspirou homens e mulheres a falar as próprias palavras de Deus (cf. [2Pe 1.21](#)).

Jeremias afirma que a mão de Deus foi colocada em sua boca, colocando as palavras de Deus em seus lábios ([Jr 1.9](#)); Ezequiel registra como ele comeu um pergaminho, pelo qual ele recebeu as palavras que o Senhor havia escrito e foi, assim, habilitado a falar o que o Senhor chamou de “minhas palavras” ([Ez 2.7–4.4](#)). O milagre é declarado em poucas palavras no início de Amós ([1.1,3](#)): “As palavras de Amós.ºº Assim diz o Senhor”. Embora as palavras fossem, na verdade, as palavras de Amós, as palavras também eram as do Senhor.

Verdadeiros e falsos profetas

Os falsos profetas deveriam ser separados dos verdadeiros profetas por meio de três testes. O primeiro teste era doutrinário. Em [Dt 13](#), o motivo do falso profeta era afastar as pessoas do Deus que havia se revelado no Êxodo ([Dt 13.2,5–7,10](#)). Não obstante a palavra do falso profeta poder ser apoiada por sinais e maravilhas aparentes (vv. [1–2](#)), deveria ser rejeitada — não simplesmente

porque introduzia novidade (vv. [2.6](#)), mas porque essa novidade contradiz a revelação do Senhor no Êxodo (vv. [5.10](#)). O primeiro teste era assim doutrinário e exigia que o povo de Deus tivesse conhecimento da verdade pelo qual eles poderiam, em comparação, reconhecer o erro.

O segundo teste era prático e exigia paciência. É declarado em [Dt 18.21-22](#): a palavra do Senhor sempre acontece. Isso requer paciência porque, como [Dt 13.1-2](#) indica, uma palavra falsa pode ser apoiada por uma aparente prova espiritual. O chamado de [Dt 18.21-22](#) é um chamado à paciência. Se houver qualquer dúvida real sobre se uma palavra profética é verdadeira ou falsa, espere pela confirmação dos eventos.

O terceiro teste é moral e exige um discernimento vigilante. Jeremias, de todos os profetas, foi mais afligido em seu espírito pela presença dos falsos profetas e deu a consideração mais longa e mais sustentada ao problema ([Jr 23.9-40](#)). Sua resposta é impressionante e desafiadora: o falso profeta será encontrado como um homem de vida profana (vv. [11-14](#)) cuja mensagem não tem nenhuma nota de repreensão moral, mas antes encoraja os homens em seu pecado (vv. [16-22](#)).

A função do profeta

Às vezes é dito que os profetas não são “adivinhos”, mas “pré-anunciadores”. No que diz respeito ao AT, no entanto, os profetas são prenunciadores (declarando a verdade sobre Deus) sendo anunciadores (prevendo o que Deus fará). A predição não é uma atividade ocasional nem marginal no AT; é a maneira como o profeta seguia sua obra. [Dt 18.9-15](#) explica a função do profeta em Israel: as nações ao redor são reveladas como investigando o futuro por meio de uma variedade de técnicas de adivinhação (vv. [10-11](#)); essas coisas são proibidas a Israel por serem abomináveis ao Senhor (v. [12](#)). A distinção de Israel é mantida na medida em que as nações investigam o futuro por adivinhadores, enquanto o Senhor dá a Israel um profeta (vv. [13-15](#)). Eliseu ([2Rs 4.27](#)) é surpreendido quando a presciêncie é negada a ele; Amós ensina que a presciêncie é o privilégio dos profetas em sua comunhão com Deus ([Am 3.7](#)). Mas a predição em Israel era totalmente diferente da prognosticação entre as nações, pois de forma alguma foi motivada por uma mera coincidência sobre o futuro.

Primeiro, a predição bíblica surgia das necessidades do presente. Em [Is 39](#), é o compromisso infiel de Ezequias de confiar para

segurança em um entendimento militar com a Babilônia que leva Isaías a anunciar o futuro cativeiro babilônico. Isaías não pega o nome Babilônia do nada; é dado a ele dentro da situação em que ele foi chamado para ministrar.

Segundo, a predição destinada a dar conhecimento do futuro deveria resultar em uma reforma moral no presente. As exortações morais dos profetas encontram sua explicação no que o Senhor está prestes a fazer (p. ex., [Is 31.6-7](#); [Am 5.6](#)).

Terceiro, a trajetória prevista dos eventos era destinada a estabilizar a fé do verdadeiro crente em tempos sombrios. Por exemplo, várias passagens em Isaías ([Is 9.1-7](#); [11.1-16](#); [40.1-3](#)) têm o efeito de elevar os olhos da sombria tragédia imediatamente anterior para a glória que vem.

Métodos de comunicação

Na predição, os profetas estavam revelando — eles estavam proclamando as obras maravilhosas de Deus (cf. a definição de profecia em [At 2.11,17](#)). Na maioria das vezes, esta proclamação era diretamente de boca em boca. Os profetas eram homens da palavra. Suas palavras eram como mensageiros enviados por Deus ([Is 55.11](#)), dotados de toda a eficácia divina da palavra criativa de [Gn 1.3](#) (cf. [Sl 33.6](#)). Às vezes, a eficácia da palavra era reforçada ao ser acompanhada por um sinal ou ação simbólica (p. ex., [Jr 13.1-11](#); [19](#); [Ez 4.1-17](#); [24.15-24](#)), ou identificada intimamente com uma pessoa ([Is 7.3](#); cf. [8.1-4](#)). Tais coisas eram como auxílios visuais, por meio dos quais a palavra seria tornada mais clara para os presentes. Mas parece que a intenção da ação simbólica (às vezes chamada de “oráculo realizado”) não era tanto para tornar a compreensão mais fácil, mas dar mais poder e efeito à palavra como foi enviada como um mensageiro para essa situação. Esta é a conclusão a ser tirada de [2Rs 13.14-19](#), onde a extensão em que o rei “incorporou” a palavra em ação determinou a extensão em que a palavra se provaria eficaz em trazer os eventos ao passado.

A encarnação final das palavras dos profetas está nos livros que foram preservados. [Jr 36](#) pode ser tomado como uma lição objetiva no fato de que os profetas tomaram tempo e trabalho para registrar suas mensagens faladas por escrito: havia ênfase no ditado minucioso palavra por palavra ([Jr 36.6,17-18](#)). Mas a própria forma literária das mensagens conta a mesma história. O que encontramos nos livros dos profetas não pode ser a forma pregada de suas palavras, mas sim a redação estudada na qual eles preservaram (e

arquivaram) seus sermões. É lógico que os homens que estavam conscientes de comunicar as próprias palavras de Deus garantiriam que essas palavras não seriam perdidas. Podemos tomar como certo que cada profeta preservou um registro escrito de seu ministério. Se cada um dos profetas nomeados foi diretamente responsável pela forma final de seu livro, não somos informados e não temos como saber. A maneira cautelosa pela qual os livros de Isaías ou Amós, por exemplo, são organizados é mais adequada assumindo que o autor também era seu próprio editor.

Veja também Profecia; Profetas, Falsos.

Profetas, Falsos

Falsos profetas são porta-vozes, arautos ou mensageiros que erroneamente afirmam falar em nome de outra pessoa, muitas vezes Deus. Esses profetas geralmente são movidos por um desejo de popularidade em vez de lealdade a Deus. Esta foi a principal diferença entre o profeta Jeremias e seus contemporâneos. Enquanto Jeremias alertava sobre desastres ([Jr 4.19](#)), os falsos profetas prometiam paz ([Jr 6.14; 8.11](#)). O povo preferia as mentiras reconfortantes dos falsos profetas. Eles até diziam: "Não nos profetize a verdade! Fale-nos palavras agradáveis; profetize ilusões" ([Is 30.10](#)).

A mensagem de um falso profeta muitas vezes apelava ao orgulho nacional. Eles lembravam ao povo que Israel era a nação escolhida por Deus. Seu templo estava entre eles, então tudo ficaria bem ([Jr 7.10](#)). Mas Jeremias os advertiu para não serem enganados, pensando que estavam seguros apenas por causa do templo ([Jr 7.12-15](#)). Este conflito entre o verdadeiro profeta de Deus e a religião nacional é visto na história de Amós e Amazias, o sacerdote de Betel. Amazias acusou Amós de conspirar contra Israel ([Am 7.10-13](#)). Mas Amós estava certo. Os assírios conquistaram o reino do norte em 722 a.C. e exilaram os israelitas.

A mensagem do falso profeta visava agradar o povo e era movida por interesse próprio. Mesmo que o falso profeta não tivesse a intenção de mentir, sua mensagem frequentemente se tornava falsa, pois era baseada em motivos errados. Isso mostra que até mesmo um verdadeiro profeta poderia se tornar falso, e às vezes, um falso profeta poderia ser usado por Deus para um bom propósito. Por exemplo, Deus deu uma visão a Balaão, um não-israelita, que estava dividido entre agradar Balaque, que o contratou, e obedecer ao Deus de

Israel, que falou com ele ([Nm 22-23](#)). Uma história em [1 Reis 13](#) descreve dois profetas sem nome. Um é verdadeiro, o outro falso, e eles de repente trocam de papéis. O falso profeta fala a verdade, enquanto o verdadeiro profeta se torna falso devido à sua desobediência.

Em outro exemplo, Jeremias confronta Hananias, filho de Azur, no templo. Os dois profetas entregam profecias conflitantes. Hananias, um homem de Gibeão, parecia ser um verdadeiro profeta. Ele profetizou o que o povo queria ouvir: que a Babilônia logo cairia. No entanto, eventos posteriores provaram que a profecia de Hananias era apenas um pensamento ilusório. Assim, podemos dizer que a falsa profecia é egocêntrica, enganosa e irrealista.

O conceito do falso profeta continua no Novo Testamento. Jesus alerta sobre aqueles que parecem ovelhas inofensivas, mas são, na verdade, lobos prontos para destruir. Ele também advertiu seus discípulos que falsos messias surgiriam, tentando enganar até mesmo o povo escolhido de Deus ([Mt 24.24](#)). A igreja primitiva deve ter enfrentado muitos desses falsos profetas, pois as cartas apostólicas também alertam contra eles (cp. [2Pe 2.1](#); [1Jo 4.1](#)). Nessas cartas, "profetas" e "mestres" são frequentemente intercambiáveis. No entanto, o texto original os chama de "falsos profetas". Esses falsos mestres fingem ser cristãos, mas espalham ensinamentos enganosos. Eles podem até realizar milagres, mas seu poder vem de espíritos malignos, não do Espírito de Cristo (cp. [Ap 13.11-15](#)).

Falsos profetas, espíritos fraudulentos e ensinamentos errados são problemas contínuos na igreja. Os crentes devem sempre estar em alerta contra aqueles que distorcem habilmente a verdade (cp. [Ef 4.14-16](#)). Eles devem testar os espíritos dos profetas para ver se são de Deus ou do maligno ([1Co 12.10-11](#)). Não devemos acreditar em todos que afirmam ter uma mensagem de Deus. Devemos "testar" os espíritos. Precisamos ver se a mensagem deles vem do Espírito Santo. Ela deve estar alinhada com a verdade de que Jesus é o Filho de Deus em forma humana (cp. [1Jo 4.1-3](#)).

Veja também Anticristo; Falsos cristos, Falsos messias; Profecia; Profeta, profetisa.

Promessa

Uma declaração de uma pessoa para outra de que algo será ou não será feito. Isso dá à outra pessoa o direito de esperar a ação prometida.

Tipos de promessa

Na Bíblia, há alguns exemplos de promessas que as pessoas fazem umas às outras (por exemplo, [Números 22.17](#); [Ester 4.7](#)) e a Deus (por exemplo, [Neemias 5.12](#)). Mas, as promessas de Deus ao homem são muito mais importantes. Essas promessas divinas são absolutamente confiáveis porque aquele que as faz é totalmente capaz de cumprir o que ele prometeu ([Romanos 4.21](#)).

As promessas de Deus nas Escrituras asseguram aos destinatários muitos benefícios. Estes incluem:

- Filiação ([2 Coríntios 6.16–7.1](#));
- Perdão dos pecados ([1 João 1.9](#));
- Respostas à oração ([Lucas 11.9](#));
- Libertação das tentações ([1 Coríntios 10.13](#));
- Graça em tempos difíceis ([2 Coríntios 12.9](#));
- Suprindo todas as necessidades ([Filipenses 4.19](#));
- Recompensas pela obediência ([Tiago 1.12](#));
- Vida eterna ([Lucas 18.29–30](#); [João 3.16](#); [Romanos 6.22–23](#)).

As promessas de Deus são certas e seguras. Mas, para compartilhar de suas bênçãos, devemos cumprir certas condições. As promessas divinas também não são sempre garantias de bênção. De fato, há promessas que anunciam a certeza do julgamento sobre aqueles que se recusam a obedecer ao evangelho do Senhor Jesus ([2 Tessalonicenses 1.8–9](#)).

Além das promessas de Deus, que se aplicam a muitos indivíduos em diferentes tempos e lugares, muitas dizem respeito ao desdobramento de seu plano redentor em uma grande sequência de eventos históricos. Essas promessas não têm aplicações repetidas nem naturezas condicionais. Nesses casos, promessa é quase sinônimo de profecia. Essas promessas e seu cumprimento estão entrelaçados na história redentora.

Promessas no Antigo Testamento

O tema da promessa do Antigo Testamento é melhor visto no primeiro anúncio do evangelho (chamado de protoevangelho). Ele é dado a Adão e Eva no Jardim do Éden após a queda deles no pecado ([Gênesis 3.15](#)). As promessas posteriores são:

- A aliança que Deus fez com Abraão ([Gênesis 12, 15, 17](#));
- A aliança que Deus fez com Davi ([2 Samuel 7](#));
- A promessa de uma nova aliança ([Jeremias 31](#)).

O protoevangelho

[Gênesis 3.15b](#) diz: “Porei inimizade entre você [Satanás] e a mulher [Eva], e entre a sua descendência e a descendência dela. Ele esmagará a sua cabeça, e você ferirá o calcanhar dele”. Esta declaração é uma promessa de que em algum momento futuro, a descendência da mulher esmagará Satanás. A descendência da mulher é individualizada no “ele” da última frase. “Ele” ferirá você [Satanás] na cabeça, embora Satanás infligirá uma ferida na descendência da mulher. Aqui está a promessa. Ela dá a Adão, Eva e seus descendentes esperança. Eles esperam que seu adversário, Satanás, seja destruído por sua descendência.

A promessa a Abraão

Em [Gênesis 12.1–7](#), Abraão é instruído a deixar seu povo e país e ir para uma terra que o Senhor lhe mostraria. Deus, por sua vez, promete-lhe:

1. Seus descendentes se tornariam uma grande nação;
2. Ele seria abençoado, e seu nome se tornaria grande;
3. Através dele, outras nações seriam abençoadas;
4. A terra de Canaã seria dada aos seus descendentes.

Entre essas promessas a Abraão, a mais importante é esta: Ele abençoará muitas nações através de sua descendência. Esta promessa aparece cinco vezes em Gênesis ([Gênesis 12.3](#); [18.18](#); [22.18](#); [26.4](#); [28.14](#)). Refere-se a [Gênesis 3.15](#) e aponta para Cristo.

A promessa a Davi

Em [2 Samuel 7](#), Deus deu uma promessa ao Rei Davi de que sua dinastia duraria para sempre ([2 Samuel 7.16](#); [Salmo 89.34-37](#)). Esta aliança davídica estreita a linha prometida para a linha real de Davi. Ela havia sido transmitida de Adão até Sete, Sem, Abraão, Isaque, Jacó e Judá. Davi seria o ancestral do Rei-Messias que viria ([Salmo 89.3.27-37](#)). Davi, assim, tornou-se uma figura central na história do plano de Deus para redimir o mundo. Jesus Cristo é referido como o filho de Davi, o filho de Abraão ([Mateus 1.1](#)).

A promessa de uma Nova Aliança

[Jeremias 31.31-37](#) promete que, no futuro, o Senhor faria uma nova aliança com Israel e Judá. Esta nova aliança reafirma e estende a antiga: "Eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo... Eu perdoarei suas iniquidades e não me lembrarei mais de seus pecados". ([Jeremias 31.33-34](#)). A "nova aliança" de Jeremias é uma reafirmação das promessas nas alianças abraâmica e davídica.

A nova aliança começou com o primeiro advento de Cristo. Agora, os crentes nele recebem suas bênçãos através do Espírito Santo ([Hebreus 8.6-13](#)). Essas bênçãos serão plenamente realizadas no retorno de Cristo. Então, seu reino será plenamente estabelecido. Desfrutaremos da vida nos novos céus e nova terra. O povo de Deus vive em um tempo em que alguns benefícios da era vindoura são reais. Mas, a nova era ainda não chegou.

O tema da promessa no Novo Testamento

Os escritores do Novo Testamento referem-se às promessas do Antigo Testamento. Eles não viam essas promessas como afirmações separadas. Em vez disso, viam-nas como partes de uma única promessa, cumprida em Cristo (veja [Lucas 1.54-55,69-73](#); [Atos 13.23,32-33](#); [26.6-7](#); [2 Coríntios 1.20](#)). Jesus cumpre as promessas feitas aos patriarcas e a Davi. Portanto, essas promessas devem ser vistas como focadas nele.

Em Gálatas e Efésios, Paulo expande sobre isso. Ele diz aos cristãos gentios que eles são "co-herdeiros, co-membros do corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus" ([Efésios 3.6](#)). Paulo afirma que os gentios que confiam em Cristo são herdeiros da promessa. Eles agora fazem parte da descendência de Abraão ([Gálatas 3.29](#)). Ele até equipara o evangelho à promessa dada a Abraão. Ele declara, "A Escritura previu que Deus justificaria os gentios pela fé e anunciou o

evangelho a Abraão: 'Todas as nações serão abençoadas por seu intermédio'" ([Gálatas 3.8](#)). Esses e outros textos do Novo Testamento estabelecem a estreita conexão entre a vinda de Cristo e o cumprimento da promessa. As promessas de Deus convergem em Cristo. Elas reposam em tudo o que ele alcançou e alcançará para seu povo.

Um outro aspecto da promessa particularmente enfatizado no Novo Testamento diz respeito à vinda do Espírito Santo. Paulo chama os crentes de "selados com o prometido Espírito Santo" ([Efésios 1.13](#)). Ele também diz que eles "recebem a promessa do Espírito" ([Gálatas 3.14](#)). O dom do Espírito Santo cumpre uma promessa do Antigo Testamento ([Isaías 32.15](#); [Ezequiel 36.27](#); [Joel 2.28](#)) e de Cristo ([Lucas 24.49](#); [João 14.16,20](#); [Atos 1.4](#)). Mas, também é uma promessa de algo ainda futuro. Paulo fala da presença do Espírito Santo dentro do crente como uma garantia da nossa herança ([2 Coríntios 1.22](#); [5.5](#); [Efésios 1.14](#)). O Espírito Santo é "as primícias" da glória futura ([Romanos 8.23](#)).

Um aspecto final do tema da promessa do Novo Testamento é a sua garantia da segunda vinda de Cristo e dos novos céus e nova terra (compare [João 14.1-3](#); [2 Pedro 3.4,9,13](#)).

Veja também Aliança; Deus, Ser e Atributos de; Esperança; Profecia; Profeta; Profetisa.

Propiciação

O ato de apaziguar a ira de outra pessoa oferecendo uma oferta. A palavra era frequentemente usada pelos pagãos na antiguidade, pois eles consideravam seus deuses como seres imprevisíveis, propensos a ficarem zangados com seus adoradores por qualquer trivialidade. Quando um desastre ocorria, muitas vezes se pensava que um deus estava zangado e, portanto, estava punindo seus adoradores. O remédio era oferecer um sacrifício sem demora. Uma oferta bem escolhida acalmaria o deus e o colocaria de bom humor novamente. Esse processo era chamado de propiciação.

Compreensivelmente, alguns teólogos modernos reagiram contra o uso do termo em referência ao Deus da Bíblia. Eles não o veem como alguém que pode ser subornado para se tornar favorável, então rejeitam toda a ideia. Quando encontram o termo no NT grego, traduzem-no por "expiação" ou algum

termo equivalente que não faz referência à ira. Esta é uma rejeição injustificada porque, em primeiro lugar, o termo grego para propiciação ocorre em algumas passagens bíblicas importantes ([Rm 3.25](#); [Hb 2.17](#); [1Jo 2.2](#); [4.10](#)). Em segundo lugar, a ideia da ira de Deus é encontrada em toda a Bíblia; deve ser levada em consideração na forma como o pecado é perdoado.

A ideia de que Deus não pode estar irado não se baseia no AT ou no NT. Deus realmente sente ira pelos pecados da raça humana. Sempre que seus filhos pecam, eles provocam a ira de Deus. Claro, sua ira não é uma falta de autocontrole irracional, como muitas vezes ocorre com os humanos. Sua ira é a oposição firme de sua natureza santa a tudo que é mau. Tal oposição ao pecado não pode ser descartada com um simples gesto. Requer algo muito mais substancial. E a Bíblia afirma que foi apenas a cruz que fez isso. Jesus é "a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" ([1Jo 2.2](#), ARC). Esta não é a única maneira de ver a cruz, mas é uma maneira importante. Se a ira de Deus é real, então deve ser levada em conta na forma como o pecado, que causou essa ira, é tratado. Quando o NT fala de "propiciação", significa que a morte de Jesus na cruz pelos pecados da humanidade afastou a ira de Deus contra seu povo de uma vez por todas.

Veja também Exiação; Obra expiatória; Ira de Deus.

Prosélito

Um gentio que se converteu ao Judaísmo por:

1. Ser circuncidado;
2. Ser batizado;
3. Oferecer um sacrifício no templo.

Nos tempos do Antigo Testamento, os estrangeiros na Palestina eram incentivados a aderir à religião de Israel. Eles precisavam ser circuncidados ([Êx 12.48](#)).

No entanto, o "proselitismo", ou a conversão de gentios dispostos, era mais comum em comunidades judaicas fora da Palestina. Os judeus viviam em muitas partes do mundo porque foram exilados ou devido a negócios ou serviço militar. Eles naturalmente levavam suas crenças e práticas religiosas com eles. O modo de vida judaico atraía muitos gentios. Eles estavam acostumados a adorar muitos deuses (politeísmo) e admiravam a crença

do judaísmo em um único Deus (monoteísmo) e sua alta ética. Muitos gentios se conectavam com a fé judaica através da vida na sinagoga (veja [Is 56.1-8](#); [Ml 1.11](#)). Os judeus buscavam converter gentios antes de Cristo e na era inicial do Novo Testamento. Tanto fontes judaicas não bíblicas, como Filo e Josefo, quanto escritores romanos, como Horácio, Sêneca e Tácito, confirmam isso. Isso continuou até a vida de Cristo (veja [Mt 23.15](#)).

Os buscadores mais dedicados do Judaísmo tornaram-se judeus completos através de um ritual de três etapas:

1. **Circuncisão** (para homens);
2. **Batismo** para romper com seu passado não judeu;
3. **Sacrifício** no templo de Jerusalém.

Esses convertidos eram chamados de "prosélitos." Eles eram considerados verdadeiros judeus, totalmente obrigados a seguir todas as leis do Antigo Testamento.

Alguns gentios admiravam o monoteísmo e a moral do judaísmo. Eles eram atraídos pela vida na sinagoga, mas não queriam ser circuncidados. Essas pessoas eram conhecidas como "tementes a Deus" (veja [At 10.22](#); [13.16,26](#)) ou "devotos" ([At 10.2](#); [17.4,17](#)). Alguns judeus os viam favoravelmente, mas outros os consideravam não melhores do que outros gentios.

Veja também Diáspora dos Judeus; Temente a Deus; Judeu.

Prosperidade

Veja Abençoar, Benção; Dinheiro.

Prostituta, Prostituição

Uma pessoa culpada de relações sexuais ilícitas ou proibidas. Uma prostituta é, às vezes, usada para representar alguém que adora um ídolo.

Essa palavra traduz quatro palavras distintas com significados diferentes:

1. O homem ou mulher, casado ou solteiro, que se envolveu em comportamento sexual ilícito ([Gn 34.31](#); [Jz 19.2](#); [Pv 23.27](#));

2. A prostituta do templo de uma religião pagã que utilizava a prática sexual como parte do culto ([Gn 38.21-22](#); [Dt 23.17](#); [Os 4.14](#)). A lei de Moisés proibia essa prática ([Lv 19.29](#); [21.9](#));
3. A "mulher estranha" era outro tipo de prostituta ([1Rs 11.1](#); [Pv 5.20](#); [6.24](#); [7.5](#); [23.27](#)). Existem diferentes opiniões sobre por que esse nome foi dado às prostitutas. Pode ter se referido a uma mulher que não era a própria esposa de alguém ([Pv 5.17-20](#)) ou a uma mulher estrangeira ([Nm 25.1](#); [Js 23.13](#));
4. Qualquer mulher, casada ou solteira, que se envolva em atividade sexual ilícita por luxúria ou dinheiro ([Mt 21.31-32](#); [Lc 15.30](#); [1Co 6.15-16](#); [Hb 11.31](#); [Tg 2.25](#)).

A prostituição surgiu cedo na história de Israel e continuou ao longo do período bíblico. A Bíblia geralmente condena a prostituição. E.g., a filha de um sacerdote que praticasse prostituição deveria ser queimada até a morte ([Lv 21.9](#)). Sacerdotes não podiam se casar com prostitutas ([Lv 19.29](#)), e os ganhos da prostituição não podiam ser usados no templo ([Dt 23.18](#)). Essas regras mantinham o culto ao Senhor livre da prostituição cultural.

Os filhos de Jacó mataram Hamor e Siquém, dizendo: "Ele deveria ter tratado nossa irmã como uma prostituta?" ([Gn 34.31](#)). A esposa de Amazias foi punida tornando-se uma prostituta por seu mau tratamento ao profeta Amós ([Am 7.17](#)).

No primeiro século, prostitutas e cobradores de impostos eram ambos desprezados pelos judeus ([Mt 21.32](#)). Paulo ensinou que o corpo de um cristão pertence a Cristo e não deve ser unido a uma prostituta ([1Co 6.15-16](#)). Provérbios também adverte contra o envolvimento com prostitutas.

No entanto, algumas histórias bíblicas retratam prostitutas de uma forma mais positiva. Tamar se disfarçou como uma prostituta para lembrar seu sogro de sua promessa ([Gn 38.14-15](#)). Raabe, uma prostituta, desempenhou um papel significativo na história hebraica ao ajudar os espiões ([Js 2.4-16](#); [Hb 11.31](#)).

Figurativamente, "prostituta" e "prostituição" são usados para descrever idolatria, especialmente nos livros proféticos ([Jr 2.20](#); [Ap 17.1,5,15-16](#); [19.2](#)).

Esta metáfora é baseada na relação entre o Senhor e Seu povo ([Jr 3.20](#)). Quando as pessoas adoravam outros deuses, eram vistas como infiéis ou "prostitutas" ([Jz 8.33](#)). A mesma ideia é encontrada no Novo Testamento ([Ap 17](#)).

Protoevangelho

Uma palavra que significa "primeiro evangelho". É uma combinação de duas palavras gregas: *protos* (significando "primeiro") e *evangelion* (significando "evangelho" ou "boas-novas").

Refere-se à primeira mensagem de redenção que Deus falou após a queda do homem (quando os humanos pecaram pela primeira vez). Falando a Satanás (encarnado em uma serpente), Deus disse: "E porei inimizade entre você e a mulher, e entre a sua descendência e a descendência dela. Ele esmagará a sua cabeça, e você ferirá o calcanhar dele" ([Gênesis 3.15](#)).

Neste protovangelho (ou primeiro evangelho), temos a primeira revelação tanto da humanidade (sua descendência) quanto da divindade (esmagando a cabeça da serpente) do grande Libertador. Deus promete um Libertador que destruirá Satanás, mas sofrerá no processo. Isso se refere à morte de Jesus na cruz. Ao sofrer essa morte, Jesus derrotou o diabo que tinha o poder da morte ([Hebreus 2.14](#)).

Provação de Ciúmes

A Provação de Ciúmes era uma cerimônia descrita em [Números 5.11-28](#). Esse procedimento era usado quando um marido suspeitava que sua esposa havia cometido adultério, mas não tinha prova. O processo funcionava assim:

O marido levava sua esposa ao sacerdote juntamente com uma oferta de cereais. A esposa tinha que fazer um juramento diante de Deus. Em seguida, ela precisava beber uma água "amarga" misturada com pó retirado do chão do tabernáculo. Enquanto a mulher bebia essa água, o sacerdote oferecia a oferta de ciúmes a Deus.

Se a mulher fosse culpada de adultério, seu corpo reagiria mal e "seu ventre incharia, sua coxa murcharia" ([Nm 5.27](#)). Ela também se tornaria amaldiçoada entre o povo. Se ela fosse inocente de adultério, nada de ruim aconteceria ao seu corpo.

Veja Amargura ou ciúme, Água de.

Provérbios, Livro de

Terceiro livro poético no AT. Uma coleção de expressões marcantes e epigramáticas sobre sabedoria prática por meio de exemplos, advertências ou preceitos.

Resumo

- Autores
- Data
- Contexto
- Propósito e teologia
- Conteúdo

Autores

Embora exista uma unidade subjacente de pensamento no livro de Provérbios, não se presume uma unidade de autoria, já que os escritores das sete ou mais seções em que o livro está dividido são, na maioria dos casos, claramente mencionados.

1.1-9.18

Há uma divisão de opiniões sobre se o versículo de abertura se refere à autoria salomônica desta seção ou se simplesmente destaca o nome do principal contribuinte de todo o livro. Argumenta-se que o homem que escreveu tão cuidadosamente sobre o perigo de relacionamentos promíscuos com mulheres imorais — um dos temas principais desta seção — provavelmente não é Salomão, que falhou significativamente na questão dos casamentos mistos ([1Rs 11.1-8](#)). Há falhas nesse argumento. Alguém pode ser capaz de dar conselhos excelentes sem necessariamente ter a força de caráter para segui-los, e há uma distinção entre as prostitutas sedutoras ou adúlteras de [Provérbios 5.1-21,6.20-35.7.1-27](#) e os relacionamentos polígamos, mas respeitáveis, de Salomão. No entanto, a questão da autoria provavelmente deve ser deixada em aberto. Aqueles que questionam a origem salomônica desta seção consideram [1.2-7](#) como estabelecendo o propósito de todo o livro. [Provérbios 1.8-9.18](#) é uma série de 13 discursos práticos sobre sabedoria, dados amorosa e honestamente como por um pai a um filho. Isso fornece uma base indispensável para o ensino proverbial mais popular no restante do livro.

10.1-22.16

Salomão é especificamente mencionado como o autor ou compilador desta seção principal de Provérbios. A probabilidade de que ele tenha desempenhado um papel importante na produção do livro de Provérbios encontra forte apoio nos livros históricos. Logo após sua coroação, ele foi dotado com o espírito de sabedoria — em resposta ao seu pedido ([1Rs 3.5-14](#)). O incidente envolvendo as duas prostitutas (vv. [16-28](#)) forneceu prova pública disso. Sua reputação universal, especialmente em relação à sabedoria proverbial, é atestada em [1 Reis 4.29-34](#) e na visita da Rainha de Sabá ([10.1-13](#)).

22.17-24.34

O título “o que os sábios disseram” ([Pv 22.17](#), NTLH) está incorporado no versículo de abertura desta seção. Há uma evidente diferença de estilo, substituindo o simples provérbio de um versículo por uma abordagem mais discursiva que trata de um assunto ao longo de vários versículos, e o título da próxima subseção “Estas coisas também foram ditas por homens sábios” ([24.23](#)), sugerem fortemente a independência desta coleção. De grande interesse é o notavelmente próximo paralelo entre [22.17-23.11](#) e o livro egípcio de Amenemope, que foi datado de várias maneiras entre os séculos XIII e VII a.C. Os estudiosos detectaram até 30 conexões entre os dois. A maioria acredita que esta seção em Provérbios é uma adaptação de um original egípcio (tal seleção e modificação sendo inteiramente congruentes com a doutrina da inspiração). No entanto, uma minoria de estudiosos, incluindo vários egíptólogos proeminentes, argumenta de forma persuasiva com base na estrutura gramatical que Amenemope é derivado de um original hebraico.

25.1-29.27

Algum material de Salomão foi editado e incorporado aqui pelos “homens de Ezequias, rei de Judá” ([25.1](#)). Nesta seção, há uma tendência de agrupar provérbios que tratam de assuntos específicos — por exemplo, a relação entre um rei e seus súditos (vv. [2-7](#)), o homem preguiçoso ([26.13-16](#)) e o criador de confusão (vv. [17-27](#)). Salomão e Ezequias eram frequentemente associados no pensamento judaico (e.g., [2Cr 30.26](#)), e a tradição rabínica creditava a Ezequias a produção tanto de Provérbios quanto de Eclesiastes. O prestígio nacional durante os

reinados de ambos os reis teria sido propício para atividades literárias.

30.1-33

Nada se sabe sobre Agur, seu pai Jaque de Massá, ou os outros dois personagens mencionados, Itiel e Ucal. De acordo com [Gênesis 25.14](#), Massá era um dos 12 filhos de Ismael, e é provável que Agur tenha vindo do norte da Arábia, uma área tradicionalmente conhecida por sua sabedoria.

31.1-9

Lemuel, o autor desta seção, também veio de Massá, mas além disso é desconhecido. A inclusão de ditados de sabedoria de fontes fora de Israel ilustra as conexões internacionais do movimento de sabedoria durante o período da monarquia.

31.10-31

É possível que a autoria de Lemuel inclua este excelente poema acróstico sobre a esposa ideal; sua inspiração pode ter vindo de sua mãe, assim como a seção anterior. No entanto, o padrão de vida descrito se encaixaria mais facilmente no contexto de uma próspera comunidade agrícola na Palestina, em vez de uma comunidade nômade ou seminômade árabe. Por essa razão, a maioria dos estudiosos considera o poema como anônimo.

Data

A maior parte do livro pode, com confiança, ser atribuída a Salomão (reinou c. 970–930 a.C.). No entanto, a considerável contribuição de Ezequias e seus homens descarta uma data para a conclusão do livro antes de 700 a.C. A inclusão de seções por não-israelitas, como Agur e Lemuel, é mais provável no período pré-exílico, com seus interesses internacionais mais amplos, do que na atmosfera mais particularista do judaísmo pós-exílico. Provavelmente, o sofisticado poema acróstico final foi a última seção a ser incluída, mas não há nada no livro que exija uma data posterior ao início do século VII a.C. Na tradição rabínica, Provérbios era invariavelmente agrupado com Salmos e Jó na terceira seção do cânon judaico, os Escritos ou Livros Sagrados. Embora o conteúdo dos Escritos não tenha sido finalizado de forma autoritativa até o final do primeiro século d.C., é provável que Provérbios tenha sido aceito como inspirado muito antes disso, como testemunhado por sua inclusão na Septuaginta, a principal tradução grega. A ordem em nossas versões em português pode ter sido influenciada pela tradição

rabínica que vinculava os livros de Jó, Salmos e Provérbios a Moisés, Davi e Ezequias, respectivamente.

Contexto

O livro de Provérbios está incluído no corpus do AT conhecido como Literatura de Sabedoria. Este corpus também é representado nas Escrituras pelos livros de Jó e Eclesiastes e alguns dos Salmos (e.g., [Salmos 1, 37, 73, 119](#)). Provérbios representa uma classe principal desta literatura. Provérbios individuais contêm aplicações práticas e incisivas de sabedoria que abrangem muitos aspectos da vida. Jó e Eclesiastes concentram-se em um problema principal, ou em um grupo de problemas inter-relacionados, em forma de monólogo ou diálogo.

No antigo Oriente Próximo, a sabedoria estava originalmente ligada a todas as habilidades, tanto manuais quanto intelectuais, e era considerada um presente dos deuses. Gradualmente, adquiriu um significado predominantemente intelectual, especialmente em um contexto cultural, em artes mágicas ou semimágicas como o exorcismo. Uma ampla gama de literatura de sabedoria do Egito, Canaã e Mesopotâmia, dos dois tipos básicos mencionados no parágrafo anterior, sobreviveu, permitindo ver seu equivalente hebraico nesse contexto. No entanto, não há duplicação, e o espírito da Literatura de Sabedoria Hebraica é marcadamente superior a qualquer coisa comparável no mundo antigo. Isso se deve principalmente à forte base religiosa em Israel, onde o primeiro passo da sabedoria era confiar e reverenciar o Senhor ([Pv 1.7](#)).

Quando Israel surgiu como nação no período Mosaico, estava em um mundo onde indivíduos ou grupos "dos sábios" já existiam. Israel compartilhou essa herança, com a participação de homens e mulheres, como testemunhado pelas mulheres sábias de Tecoa e Abel em Bete-Maaca ([2Sm 14.2; 20.16](#)) e pelos conselheiros profissionais militares ou de tribunais cívicos Aitofel e Husai ([2Sm 15.1-2,31; 16.15-19](#)). Provérbios mostra este grupo "dos sábios" em seu melhor; a vida de retidão, diligência, honestidade e autocontrole que defende estabelece um padrão de moralidade que está de acordo com a lei na qual se baseava. Mas é provável que muitos provérbios sejam anteriores ao surgimento de uma classe de sábios. A maioria das comunidades desenvolve suas próprias coleções de ditados curtos e espirituosos que expressam sabedoria prática e

formam um acervo de filosofia primitiva. A parte de Salomão em dar forma definitiva aos provérbios de Israel ([1Rs 4.32](#)) já foi mencionada. A forma antitética da poesia hebraica, onde o paralelismo da segunda linha permite um contraste acentuado (como geralmente em [Provérbios 10–15](#)) ou um suporte adicional (ou seja, paralelismo sinônimo, como nos caps. [16–22](#)) é um meio ideal para o provérbio. Quando a classe "dos sábios" se desenvolveu, essa sabedoria popular tornou-se parte de sua proveniência.

Propósito e teologia

A relação íntima entre religião e vida cotidiana

Embora o tom geral de Provérbios seja predominantemente racional, a importância de temer (mostrar reverência ao) o Senhor é enfatizada ao longo do livro ([1.7](#); [2.5](#); [3.7](#); [8.13](#); etc.). Este "temor do Senhor" é uma das principais definições de religião no AT, sendo a outra "o conhecimento de Deus", enfatizado especialmente por Oseias e Jeremias ([Jr 9.24](#); [Os 4.1](#)). Ambos são encontrados em paralelo em [Provérbios 2.5](#) e [9.10](#). Longe de haver um abismo intransponível entre religião e o mundo secular, Provérbios mostra os resultados, em caráter nobre e lares harmoniosos e felizes, quando toda a vida é colocada sob o controle de Deus. Existe um perigo quando os elementos morais são tomados isoladamente da fundação religiosa que é assumida ao longo do texto. Então, a busca pela felicidade ou sucesso pode se tornar egoísta, introspectiva e, em última análise, autodestrutiva.

Provérbios e o movimento profético

Há muitas semelhanças entre Provérbios e os Profetas, incluindo um realismo prático; uma defesa dos pobres e grupos desfavorecidos (e.g., [14.31](#)); uma percepção da ineficácia do sacrifício sem moralidade ([15.8](#); [21.27](#)); e uma ênfase no indivíduo, que às vezes era negligenciada devido ao forte senso de identidade coletiva dentro da comunidade da aliança. Jeremias e Ezequiel, especialmente, reafirmaram fortemente o tema da responsabilidade individual ([Jr 31.29–30](#); [Ez 18](#)). Mas há uma diferença vital que Provérbios compartilha com o restante da Literatura de Sabedoria bíblica, a saber, a ausência de qualquer referência clara e histórica à eleição de Israel e à relação de aliança com Deus. Este era o ponto de apelo consistente dos grandes profetas pré-exílicos. Da mesma forma, Jerusalém e sua teologia

do templo não são mencionadas, embora o movimento de sabedoria, especialmente como refletido em Provérbios, tenha florescido sob o patrocínio da monarquia davídica. Mesmo o nome Israel não ocorre. Isso deu força à visão de que Provérbios é o manual mais claro e abrangente de ética prática universal existente no mundo antigo. Um egípcio contemporâneo educado teria achado Provérbios facilmente comprehensível e edificante, e embora esse não fosse seu propósito principal, o livro ainda tem um forte apelo ao moral não-cristão.

Provérbios e Deuteronômio

Provérbios compartilha muitas características com o livro de Deuteronômio, especialmente sua ênfase na retribuição e recompensa ([Pr 2.22](#); [3.9–10](#); [10.27–30](#); cf. [Dt 28](#)). Esta doutrina poderia ser distorcida em uma equação invariável: os justos são sempre recompensados e os ímpios são sempre punidos. Essa é uma visão contra a qual Jó ([Jó 21.7–34](#)) e Jeremias ([Jr 12.1–4](#)) protestaram fortemente. Também poderia resultar em uma abordagem hipócrita e egoísta; eu quero as bênçãos prometidas (e.g., [Pr 3.9–10](#)), portanto, vou "honrar" a Deus na questão dos dízimos. Esta substituição de uma demonstração externa pela dinâmica interna de amor, gratidão e fé foi muitas vezes a maldição da religião formalizada de Israel. No entanto, o princípio em si — de que aqueles que honram a Deus e vivem em cooperação com ele e suas leis são geralmente aqueles que são abençoados por Deus (não necessariamente em termos materiais) — é um princípio escriturístico, e os autores de Provérbios não devem ser culpados pelas distorções que surgiram posteriormente.

Conteúdo

Introdução: 1.1–7

[Provérbios 1.1–7](#) estabelece o propósito do movimento de sabedoria em Israel. O subtítulo de todo o livro é encontrado no versículo 2: "Estes provérbios nos ajudam a dar valor à sabedoria e aos bons conselhos e a entender os pensamentos mais profundos" (NTLH). A questão da autoria desta seção já foi discutida, mas certamente não há nada incongruente sobre a autoria de Salomão. No início de seu reinado, Salomão demonstrou um profundo desejo pela sabedoria necessária para governar seu povo corretamente ([1Rs 3.7–9](#)), e há aqui o desejo sincero de que seus súditos possam ter uma compreensão semelhante. Os versículos [1–6](#) formam uma sentença em hebraico e incluem

nada menos que 11 aspectos diferentes de sabedoria. O primeiro deles, "sabedoria", ocorre 37 vezes em Provérbios e indica um uso informado e habilidoso do conhecimento. É somente dando o primeiro passo de confiar no Senhor que uma pessoa pode entrar na sabedoria. A moralidade não é situacional, nem um absoluto em si mesma; ela requer um ponto de referência imutável que só pode ser encontrado em Deus.

Lições sobre sabedoria: [1.8-9.18](#)

Esta seção é composta por 13 lições distintas sobre sabedoria, a maioria das quais é introduzida por "Meu filho" ou algo semelhante. A lição final ([8.1-9.18](#)) é dada pela própria Sabedoria. Este método indica o relacionamento caloroso e pessoal entre o professor e seus alunos, que, no antigo Oriente Próximo, seriam exclusivamente do sexo masculino. Um estilo semelhante é encontrado tanto na literatura de sabedoria egípcia quanto mesopotâmica e pode muito bem ter sido adotado por Salomão, que, na humildade e preocupação temente a Deus pelo bem-estar nacional de seus primeiros anos, teria sido um professor por excelência.

Lição 1: Evitando companheiros malignos ([1.8-33](#))

Três vozes se levantam: (1) a voz enganosa daqueles que prometem ganhos rápidos pela violência ([vv. 10-14](#)); (2) o próprio homem sábio ([vv. 15-19](#)), que reforça o conselho pacientemente dado pelos pais ao longo dos anos ([vv. 8-9](#)) e defende um rompimento total com homens violentos condenados a um fim violento; e (3) a Sabedoria ([vv. 20-33](#)), cujo apelo não é furtivo, mas aberto, buscando dar aos outros seu próprio espírito de sabedoria (v. [23](#)). Aqueles que desprezam a voz da sabedoria experimentarão o julgamento ([vv. 29-33](#)).

Lição 2: As recompensas da sabedoria ([2.1-22](#))

Embora a sabedoria seja, em última análise, um dom de Deus (v. [6](#)), as pessoas devem buscá-la com uma intensidade de desejo que caracterizou o salmista ([Pv 2.2-4](#); cf. [Sl 63.1](#)). Não há contradição aqui, mas um paradoxo que destaca o fato de que os dons de Deus não são dados levianamente, mas são concedidos àqueles que, por sua atitude de coração e vontade, os merecem. Os benefícios da sabedoria delineados ([Pv 2.7-22](#)) têm elementos tanto negativos quanto positivos, tanto materiais quanto espirituais. O perigo de se associar com mulheres imorais, que é mencionado com tanta

frequênciа em Provérbios, é mencionado pela primeira vez (vv. [16-19](#)).

Lição 3: As recompensas da confiança plena em Deus ([3.1-10](#))

Para o judeu, sempre houve a tentação de tentar garantir bênçãos por meio de uma demonstração externa de religião, e os versículos [9-10](#) poderiam ser mal interpretados. Mas o contexto enfatiza a exigência de lealdade do coração e obediência (vv. [1-8](#)). "Deus em primeiro lugar" (v. [6](#)) é a necessidade fundamental; sem isso, um indivíduo ou uma nação é empobrecido (cf. [Ag 1.1-11](#)).

Lição 4: A necessidade de disciplina ([3.11-20](#))

Um dos principais temas em Provérbios é a disciplina, especialmente a de um pai que corrige seu filho ([Pv 3.11-12](#); cf. [Hb 12.5-11](#)). O outro tema aqui é o louvor à sabedoria e os benefícios que ela oferece.

Lição 5: Sabedoria e bom senso ([3.21-35](#))

A sabedoria e o bom senso resultarão em segurança (vv. [23-26](#)) e protegerão contra atos imprudentes (vv. [27-32](#)). Mas a segurança fundamental é encontrada no versículo [26](#): "O Senhor é a sua segurança".

Lição 6: Determinação ([4.1-9](#))

Aqui, o mestre compartilha seu próprio testemunho e demonstra que está se baseando na sabedoria acumulada de uma geração anterior (vv. [1-6](#)). Há uma ênfase na determinação, com a vontade firmemente decidida a adquirir sabedoria, como mostram os verbos nos versículos [5-9](#).

Lição 7: O caminho reto ([4.10-19](#))

É necessária uma determinação igual para manter-se afastado dos homens maus e de seus caminhos (vv. [14-17](#)). Note a descrição vívida, tanto bela quanto assustadora, dos dois caminhos (vv. [18-19](#)).

Lição 8: Buscando a retidão e evitando o mal ([4.20-27](#))

A busca obstinada pela retidão e seu corolário, o evitar de todo tipo de mal (cf. [1Ts 5.22](#)), envolve nossa audição ([Pv 4.20](#)), memórias (v. [21](#)), corações (vv. [21,23](#)), visão (v. [25](#)) e vontades (vv. [26-27](#)). Significa compromisso total com Deus.

Lição 9: Pureza sexual ([5.1-23](#))

Em linguagem clara que não pode ser mal interpretada, os perigos da prostituição sexual e a sabedoria da fidelidade dentro do casamento são

destacados. Nos relacionamentos sexuais, não pode haver uma moralidade puramente privada; outros estão necessariamente envolvidos, e Deus é mais do que um espectador preocupado (v. 21).

Lição 10: As coisas que Deus odeia ([6.1-19](#))

Primeiro (vv. [1-5](#)), há um conselho direto sobre a necessidade de evitar promessas precipitadas. Se alguém for tolo o suficiente para já estar envolvido, o mais sensato é engolir o orgulho e se livrar da situação o mais rápido possível. A segunda lição — imitar as formigas em sua diligente preparação para necessidades futuras (vv. [6-11](#)) — antecipa a atenção contrastante dada mais tarde ao preguiçoso ([22.13](#); [26.13-16](#)). A terceira lição descreve em detalhes o "trapaceiro" liso e enganador ([6.12-19](#)). Ele deve ser evitado.

Lição 11: Relações sexuais ilícitas ([6.20-35](#))

Esta seção continua com o tema dos relacionamentos sexuais ilícitos, mostrando a atitude de Deus em relação a essa forma particular de pecado. O marido traído se mostrará um adversário formidável, caso descubra a infidelidade (vv. [33-35](#)), e o efeito sobre o próprio adúltero será completamente desastroso (vv. [26-32](#)).

Lição 12: As artimanhas da prostituta ([7.1-27](#))

Este capítulo oferece uma ilustração vívida das artimanhas de uma prostituta. Os prazeres que ela oferece parecem sedutores, intensificados pelo elemento de risco, mas, na verdade, a aventura da noite invariavelmente se revela como o caminho para o inferno (v. [27](#)).

Lição 13: Apelo direto da sabedoria ([8.1-9.18](#))

Em contraste com a sedutora mortal de língua suave do capítulo [7](#) e a prostituta descarada e de boca alta de [9.13-18](#), há duas imagens complementares da Sabedoria. A primeira, em [8.1-36](#), é um dos exemplos mais notáveis de personificação no AT. A Sabedoria não busca a ruína de alguém, mas o bem-estar de todos (vv. [1-5](#)). Sabedoria e integridade, conduta justa e franqueza são retratadas como entidades inseparáveis (vv. [6-13](#)). Contudo, permanece uma ênfase nas bônus que resultam da busca pela sabedoria (vv. [14-21](#)). Reis, juízes e governantes dependem dela, e o sucesso do tipo mais desejável é seu presente para seus seguidores. Os versículos [22-31](#) são praticamente uma explicação teológica para a preeminência da Sabedoria, mostrando sua estreita associação com a atividade criativa de Deus.

Compreensivelmente, muitos cristãos veem nestes versículos uma antecipação do próprio Cristo. O NT vê Cristo como a resposta para duas das questões religiosas mais vitais: como Deus se aproxima da humanidade e como Ele criou o mundo? Aqui está a resposta — pela Sabedoria. A conexão pode ser levada para a próxima seção (vv. [33-36](#)), onde a Sabedoria, assim como Cristo no NT, é vista como absolutamente essencial e desejável.

No segundo quadro da Sabedoria ([9.1-6](#)), ela é vista como uma anfitriã graciosa e generosa, oferecendo um banquete que resulta em vida (cf. a parábola de Jesus em [Lc 14.15-24](#)). Um contraste adicional com a mulher imoral em [Provérbios 9.13-18](#) observa, de forma incisiva, que os convidados desta última acabam no inferno. Uma série de provérbios sobre o contraste entre o sábio e o tolo (vv. [7-12](#)) aparece entre os dois quadros. Eles mostram como o homem sábio é ensinável, em contraste com o tolo. Mais uma vez, o verdadeiro fundamento da vida é claramente definido (v. [10](#)).

Os provérbios selecionados de Salomão: [10.1-22.16](#)

Os 375 provérbios nesta seção foram provavelmente selecionados dos 3.000 pelos quais Salomão é creditado ([1Rs 4.32](#)). Cada versículo é uma unidade, com um contraste ou uma comparação entre suas duas linhas. Há repetições compreensíveis (e.g., [Provérbios 14.12](#); [16.25](#)), quase inevitáveis em uma coleção grande deste tipo. O senso comum dos ditados proverbiais, cada um dos quais foi comprovado na experiência, é evidente, mas deve-se permitir níveis variados; alguns parecem bastante mundanos e próximos da sabedoria terrena. No entanto, tomados como um todo, eles fornecem um guia prático, sancionado por Deus, para a vida cotidiana. Novamente, deve-se enfatizar que a vida religiosa, baseada na lei e no relacionamento de aliança, é pressuposta. Deus está profundamente preocupado com os mínimos detalhes da vida, e questões religiosas não são totalmente ignoradas (e.g., [10.27-29](#); [14.27](#); [15.16,33](#); [18.10](#)). Esta seção em Provérbios não pode ser lida rapidamente; cada versículo exige uma pausa para permitir que seu ponto penetre na mente. Como não há uma organização sistemática dos provérbios, a maneira mais útil de abordar esta seção pode ser através de uma consideração dos temas principais. Seria um estudo valioso colacionar as referências a cada assunto:

- As recompensas dos justos e o fim dos ímpios ([10.2,7,16,27-30](#); [11.3-9](#)).

2. O tolo. As três palavras hebraicas traduzidas como "tolo" podem significar tanto rebeldia teimosa quanto falta de intelecto, por isso "rebelde" muitas vezes é uma tradução adequada. O tolo causa desgosto aos seus pais e é uma ameaça à sociedade. Sua mente está completamente fechada à razão e suas palavras desenfreadas causam danos incalculáveis. No caso dele, a correção é inútil; ele está além da esperança.

3. O simples. A referência aqui é ao grande grupo que não é comprometido, nem tolo nem sábio, mas está aberto à persuasão gentil de professores de sabedoria preocupados. O principal apelo desta seção é para este grupo, em vez de para os sábios e prudentes, que já "se formaram".

4. O preguiçoso. Esta pessoa é frequentemente contrastada com o diligente (e.g., [10.4-5](#)) e é satirizada impiedosamente por sua apatia e desculpas fracas.

5. O poder das palavras. Elas podem ferir ou curar ([12.18](#)). A ênfase na fala honesta, em contraste com palavras enganosas e impensadas, é bem ilustrada no mesmo capítulo (e.g., [12.6,13-14,17-19,22](#)).

6. Sabedoria. O capítulo [13](#) mostra como ela pode ser adquirida dos pais (v. [1](#)), das Escrituras (v. [13](#)), da classe dos sábios (v. [14](#)) e de boa companhia (v. [20](#)).

7. Justiça. A ênfase nisso ecoa os grandes profetas. Em particular, o suborno é condenado ([17.8,23](#); [18.16](#)), assim como as falsas testemunhas ([19.5,9,28](#)), enquanto a mente aberta é elogiada ([18.17](#)).

8. Vizinhança. "Amigos" de ocasião são frequentemente mencionados (e.g., [19.4-7](#)) e contrastados com o verdadeiro amigo ([17.17](#); [18.24](#)).

9. Riqueza e pobreza. Essas condições são abordadas de várias maneiras, mas sempre com ênfase na prosperidade moral e espiritual, em vez de meramente material (e.g., [21.6](#); [22.14](#)). O cuidado com os pobres é frequentemente exigido ([21.13](#)) — devendo ser acompanhado dos mais altos motivos ([22.2](#)).

10. Vida familiar. Há uma imagem atraente de uma família ideal, com um marido trabalhador, uma esposa compreensiva que é uma bênção para ele ([12.4](#); [14.1](#); [18.22](#); [19.14](#)), e filhos obedientes, disciplinados quando necessário por meio de punição ([13.24](#); [19.18](#); [23.13-14](#)).

A seção final — mais conselhos sábios: [22.17-31.31](#)

Embora os temas considerados e a perspectiva geral permaneçam inalterados, os provérbios nesta seção são geralmente mais longos e há uma tentativa evidente de agrupar provérbios que tratam de assuntos específicos — por exemplo, os perigos da bebida forte ([23.29-35](#)). O motivo religioso do editor desta seção é evidente; ele escreve que as pessoas devem confiar no Senhor ([22.19](#)).

Provérbios adicionais: [22.17-24.34](#)

Isso pode ser visto como um complemento à seção anterior, abordando mais profundamente os temas de justiça, política empresarial sábia, calúnia e preguiça. O provérbio humorístico, mas incisivo, sobre o campo do homem preguiçoso é o mais longo do livro.

Provérbios salomônicos adicionais: [25.1-29.27](#)

Dos muitos provérbios salomônicos não incluídos na coleção principal ([10.1-22.16](#)), os assessores de Ezequias selecionaram e editaram um grupo adicional de provérbios de Salomão. Novamente, há evidências de um esforço para agrupar provérbios relacionados — por exemplo, o lugar dos reis ([25.2-7](#)); litígios imprudentes (vv. [8-10](#)); o tolo ([26.1-12](#)); preguiça (vv. [13-16](#)); e o encrenqueiro (vv. [17-27](#)).

A sabedoria de Agur: [30.1-33](#)

A humildade do homem sábio na presença de um Deus todo-sábio emerge claramente na introdução de Agur (vv. [1-4](#)), uma passagem paralela em [Jó 38-39](#). Seu método de ensino aparentemente era confrontar seus alunos com uma série de exemplos sobre um ponto em discussão, o método "dois... três... quatro", indicando que o catálogo não estava completo e incentivando-os a adicionar mais ilustrações de suas próprias experiências. Agur estava evidentemente em contato próximo e perceptivo com a vida em todos os níveis.

A sabedoria de Lemuel: [31.1-9](#)

Esta seção, inspirada por sua mãe, aborda novamente os relacionamentos sexuais, os perigos da intoxicação e a necessidade de defender os pobres e oprimidos. O nome de Lemuel, que significa "pertencente a Deus", provavelmente nos revela ainda mais sobre sua mãe.

A esposa ideal: [31.10-31](#)

Cada versículo deste poema, possivelmente anônimo, começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico, um recurso que muitas vezes simboliza completude. Aparecendo no final de Provérbios (um livro que aborda diretamente o tema da mulher imoral), ele oferece, em contraste, uma imagem revigorante de uma dona de casa e mãe culta e próspera. Ao mesmo tempo, proporciona uma visão esclarecedora sobre várias facetas da vida contemporânea. Como em outras partes do livro, seu relacionamento subjacente com Deus (v. 30) resulta em virtudes desejáveis que incluem confiabilidade (v. 11), imensa dedicação (vv. 13-19,24,27), caridade (vv. 19-20), previsão (vv. 21,25), sabedoria e bondade (v. 26).

Veja também Poesia bíblica; Salomão (Pessoa); Sabedoria; Literatura de sabedoria.

Providência

A forma como Deus auxilia os seres humanos ao longo da história, especialmente aqueles que acreditam nele.

Significado de providência

Ao longo da história, muitas pessoas encontraram conforto no cuidado de Deus. Deus não deixa a Terra sozinha no universo nem esquece dos humanos por um momento. Deus visita, comunica, controla e intervém em nossas vidas, atendendo às nossas necessidades. A providência é uma razão para sermos gratos.

Concepções errôneas sobre a providência

Existem muitas ideias equivocadas sobre a providência, o que demonstra ser uma questão importante. Os erros surgem quando as ideias sobre a providência não se baseiam nos ensinamentos da Bíblia e as pessoas negam a personalidade de Deus. O que resta é uma força hostil que nos domina e controla tudo. Existem muitas contradições nessas ideias equivocadas, incluindo:

- Destino:** Algumas pessoas acreditam que a vida é controlada por um destino que não pode ser previsto, dizendo coisas como "Foi o que o destino quis".

Sorte: Alguns falam sobre "fortuna" ou "sorte". Como a sorte não é uma pessoa, os adivinhos tentam compreendê-la, e alguns criam conceitos como "dama da sorte" (a ideia de sorte como uma mulher mágica que controla os eventos).

- Serendipidade (descobrir algo agradável ou valioso por acaso):** Assumir o crédito por descobrir accidentalmente coisas boas ignora o papel de Deus e não expressa gratidão.
- História:** Alguns grupos acreditam que a história apoia suas ideias. Por exemplo:

- Apoiadores do Marxismo (seguidores das ideias de Karl Marx) afirmaram: "A história está do nosso lado". Eles acreditavam que eventos futuros inevitavelmente conduziriam a um mundo governado pelo Comunismo.
- Alguns líderes americanos acreditavam no "Destino Manifesto". Essa ideia sustentava que os Estados Unidos estavam destinados a se tornar o país mais poderoso em sua região ou até mesmo no mundo.

- Progresso:** Avanços na ciência, tecnologia, educação e sociedade levam alguns a acreditar no progresso como uma grande força. De certa forma, isso vê a providência como progresso, mas retira a glória de Deus.
- Natureza:** Certas figuras, como Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau, atribuíram providência à natureza. No entanto, a natureza é indiferente.

3. Seleção natural: O clássico de Charles Darwin sobre a evolução biológica, *A Origem das Espécies*, popularizou a seleção natural. Para muitos, a força por trás da “seleção natural” tornou-se mais importante do que a providência divina. A ideia de que “os mais aptos sobrevivem” faz com que a providência pareça desnecessária.

Essas visões não podem ser todas verdadeiras. Elas também não satisfazem as pessoas que buscam uma providência que atenda às suas necessidades únicas. Apenas a doutrina cristã da providência oferece isso.

Significado bíblico de providência

Providência é a assistência que Deus oferece para as necessidades das pessoas.

O teste de fé de Abraão é um exemplo clássico. Deus lhe disse para sacrificar seu filho — um presente que ele não podia perder. Abraão lutou com essa decisão, não querendo perder nem seu filho nem a amizade de Deus. Quando Isaque perguntou sobre o sacrifício, Abraão respondeu: “Deus dará o que for preciso; ele vai arranjar um carneirinho para o sacrifício, meu filho” ([Gn 22.8](#)). Deus realmente providenciou um sacrifício adequado, “um carneiro preso pelos chifres, no meio de uma moita” ([Gn 22.13](#)).

A palavra “providência” significa “ver antecipadamente” e agir em relação à situação. Para Abraão, estava claro que Deus colocou o carneiro no local do sacrifício para seu uso. “Provisão” e “providência” estão relacionadas à palavra “prover”. No entanto, providência passou a significar a provisão de Deus.

No Novo Testamento, Paulo elogiou o apoio dos filipenses ao seu trabalho missionário. Ele estava confiante de que a providência de Deus os sustentaria: “E o meu Deus, de acordo com as gloriosas riquezas que ele tem para oferecer por meio de Cristo Jesus, lhes dará tudo o que vocês precisam” ([Fp 4.19](#)). O sacrifício de Jesus confirma a providência de Deus. Deus pediu o filho de Abraão, mas não aceitou o sacrifício. Dois mil anos depois, ele deu seu próprio filho como sacrifício. É da natureza de Deus prever as necessidades humanas e provê-las.

Providência e a natureza de Deus

Seguindo suas palavras aos filipenses (“as gloriosas riquezas que ele tem para oferecer” — [Fp 4.19](#)), Paulo escreveu uma doxologia a “ao Deus e Pai” (versículo [20](#)). A providência é como um pai que provê e guia. Deus é nosso Pai, e sua providência é a expressão disso. Pais oferecem oportunidades aos seus filhos sem tirar sua liberdade. Eles guiam seus filhos cuidando deles. A providência flui naturalmente da natureza paternal de Deus.

Veja também Predestinação; Deus, Ser e Atributos.

Próximo

O conceito, aparentemente limitado no período do Antigo Testamento e no judaísmo tardio ao compatriota israelita ou membro da aliança, foi ampliado por Jesus para incluir qualquer pessoa encontrada na vida.

No Antigo Testamento

Embora nunca seja explicitamente limitado como tal, a conotação predominante de “próximo” no AT é a de um membro da comunidade da aliança; isto é, outro israelita (veja [Lv 6.1-7; 19; Dt 15.2-3](#)). Em [Levítico 19.18](#), uma passagem frequentemente citada no NT, o israelita é ordenado a “amar o seu próximo como a si mesmo.” Em [19.34](#), é explicitamente declarado que tal amor também deve ser demonstrado ao estrangeiro (ou “peregrino”) que passa pela terra. Se “próximo” (v [18](#)) implicasse uma noção mais abrangente, como “humanidade” ou “semelhante”, presumivelmente não haveria necessidade de incluir a estipulação adicional no versículo [34](#). “Próximo” foi, portanto, provavelmente entendido como o próximo imediato, o companheiro israelita.

Dentro da comunidade da aliança, o amor ao próximo envolvia certas responsabilidades claramente estabelecidas na lei. O próximo devia ser tratado de forma justa ([Ex 22.5-15; Lv 6.2-7; 19.9-18](#)) e respeitado ([Ex 20.16](#)), assim como seus pertences ([Ex 20.17](#)). Para promover tais relações justas e misericordiosas dentro da comunidade da aliança, o próximo devia ser considerado como um “irmão” ([Lv 25.25; Dt 22.1-4](#)). O que se fazia ao próximo devia ser retribuído da mesma forma ([Lv 24.19-23; Dt 19.11-19](#)).

A importância significativa atribuída ao tratamento do próximo é compreensível quando vista como parte do relacionamento mais amplo com Deus e

era considerada algo que poderia afetar significativamente o relacionamento divino-humano ([Lv 6.1-7; 19; 25.17](#); [Dt 24.10-13; Sl 12](#)). Os israelitas deviam tratar seus próximos da mesma maneira amorosa com que eles próprios haviam sido tratados por Deus ([Ex 22.21; Lv 25.35-38](#)).

A importância da relação de vizinhança dentro da comunidade da aliança é demonstrada pelo fato de que, quando essas responsabilidades eram ignoradas, ocorria uma ruptura social ou turbulência nacional ([Dt 28.15-68; Os 4.1-3; Am 2.6-7](#)). O fato de que os israelitas frequentemente negligenciavam o amor pelo próximo, especialmente o próximo necessitado, contribuiu para o castigo divino do exílio ([Jr 5.7-9; 7.1-15; 9.2-9; Os 4.1-3; Am 2.6-7; 5.10-13; 8.4-6](#)). O fato de que o amor adequado ao próximo também fazia parte da esperança de Israel para a era messiânica vindoura ([Jr 31.34; Zc 3.10](#)) destaca sua negligência comum dentro da comunidade da aliança no AT.

No judaísmo tardio

A partir da experiência do exílio, Israel reconheceu que a bênção divina era, em certa medida, condicionada à justiça e ao amor exercidos uns para com os outros ([Zc 8.14-17](#)). No entanto, a identidade do “próximo” era debatida. Vários fatores sugerem que o “próximo” era limitado, nesse período, ao compatriota israelita e ao prosélito (gentio convertido ao judaísmo). Evidências de material rabínico excluem samaritanos e gentios que viviam na terra de serem considerados “próximos” e, portanto, dignos de amor. Dentro da comunidade judaica essênia em Qumran, o “próximo” a ser respeitado e tratado com justiça era restrito aos membros da própria comunidade. Finalmente, quando Jesus recorda, “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo’” ([Mt 5.43](#)), ele está citando apenas parcialmente o AT ([Lv 19.18](#)—“Ame o seu próximo”). A última frase (“e odeie o seu inimigo”) reflete o sentimento judaico contemporâneo em relação aos de fora; ou seja, Deus não exigia amor para com aqueles considerados “inimigos”, mas apenas para com os compatriotas.

No Novo Testamento

Jesus se diferenciava dramaticamente de seus contemporâneos judeus ao eliminar as limitações sobre quem deveria ser amado. Em contraste com aqueles que restringiam o amor aos compatriotas, Jesus defendia estender a obrigação de amar o

próximo também ao inimigo ([Mt 5.43-48](#)), e ao fazer isso, ele eliminou completamente a distinção entre próximo e inimigo.

Em outra ocasião, um escriba perguntou a Jesus qual era o maior mandamento dado por Deus ([Mc 12.28-31](#)). Em resposta, Jesus citou [Deuterônômio 6.5](#) sobre a natureza de Deus e a obrigação do homem de amar a Deus com todo o seu ser: coração, alma e mente. É significativo que Jesus não parou por aí, mas vinculou a isso um segundo mandamento de “amar o próximo como a si mesmo” ([Lv 19.18](#)). Alguns estudiosos sugerem que essa associação dramática e próxima do amor a Deus e ao próximo teve origem com Jesus. Se Jesus foi o primeiro a unir esses mandamentos (ver [Mt 22.37; Mc 12.29-31](#)), isso revela a própria compreensão de nosso Senhor sobre a relação dessas duas obrigações; o amor adequado ao próximo deriva do amor a Deus e, inversamente, o amor a Deus é inseparável de atender às necessidades de um próximo com amor.

O debate no tempo de Jesus não era sobre como tratar adequadamente o próximo, mas quem, de fato, era o próximo. Jesus é questionado sobre isso por um especialista da lei ([Lc 10.29](#)). Jesus havia elogiado o mestre da lei por seu claro entendimento do que era necessário para herdar a vida eterna, ou seja, amor a Deus e amor ao próximo. Lucas sugere que o mestre da lei fez a pergunta adicional para “justificar-se”, isto é, justificar seu comportamento real de amor limitado para com seu semelhante. Jesus escolheu não responder diretamente, mas através do uso de uma parábola, neste caso, a conhecida parábola do bom samaritano (vv. [30-35](#)).

Para abrir os olhos do mestre da lei para a trágica miopia de sua pergunta, Jesus contou uma história cotidiana de um homem viajando pela perigosa estrada de Jerusalém até Jericó, uma estrada particularmente infestada por ladrões. O viajante é roubado, despidido, espancado e deixado quase morto. Até esse ponto, o mestre poderia ter assumido que Jesus estava oferecendo um exemplo de quem constitui um “próximo” — um companheiro judeu necessitado. Jesus prossegue, no entanto, introduzindo duas figuras, um sacerdote e um levita que, em uma discussão acadêmica, poderiam ter argumentado muito bem sobre quem é o próximo que Deus chama para amar. O mestre da lei sem dúvida teria antecipado que tais especialistas na lei agiriam corretamente em relação à vítima. Em contraste, o sacerdote e o levita, ao verem o homem necessitado, respondem

"passando pelo outro lado". Incapazes de determinar se a vítima estava morta ou quase viva, e possivelmente não querendo arriscar impureza, os especialistas da lei passam, violando assim o maior dos mandamentos recém-identificados pelo mestre da lei ([10.25–28](#)).

Entra um samaritano — uma figura especialmente desprezada pelos judeus. Vistos como hereges pelas autoridades religiosas judaicas, os samaritanos eram desqualificados nos círculos rabínicos de serem considerados um "próximo" e, portanto, dignos de amor. De fato, séculos anteriores testemunharam o massacre de muitos samaritanos por governantes judeus, e a animosidade claramente existia entre os dois povos (veja [Jó 4.9](#)). Enquanto o mestre ouvindo a parábola esperaria que o sacerdote e o levita agissem com justiça em relação à vítima, ele deve ter ficado surpreso que um samaritano odiado mostrasse compaixão e, assim, cumprisse o maior mandamento. Jesus intencionalmente detalhou a extensão da compaixão do samaritano (cuidados imediatos ao tratar feridas, transporte para a hospedaria, cuidado com a vítima lá e cuidado prolongado ao pagar por cuidados de outros enquanto ele está ausente, [Lc 10.34–35](#)) a tal ponto que o mestre da lei não teria dúvidas quanto à genuinidade do amor do samaritano. A ironia da história é que alguém não considerado digno de ser chamado "próximo" pelos judeus foi precisamente aquele que se mostrou "próximo" da vítima (vv. [36–37](#)).

A parábola, assim como a declaração em [Mateus 5.43–48](#), revela o próprio entendimento de Jesus sobre "próximo" e o que o "amor ao próximo" exige. Jesus não estabelece nenhuma limitação sobre quem se qualifica como o próximo que Deus ordena que seja amado.

A força e o poder dos ensinamentos de Jesus sobre o amor ao próximo e sua relação com o amor a Deus são demonstrados por uma ênfase semelhante dentro da igreja primitiva. Paulo, em duas ocasiões, chamou o amor ao próximo de cumprimento de toda a lei ([Rm 13.8–10](#); [Gl 5.14](#)), enquanto Tiago se referiu ao mesmo mandamento como "a lei do Reino" ([Tg 2.8](#)).

Ptolemaida

Outro nome para Aco, uma cidade no norte da Palestina ([At 21.7](#)).

Veja Aco.

Puá

1. Uma das duas parteiras hebreias ordenadas pelo Faraó a matar os meninos hebreus ao nascer. No entanto, ela temia a Deus e não seguiu a ordem ([Êx 1.15](#));
2. O pai de Tola, um juiz de Israel ([Iz 10.1](#)).

Puá

A forma da NVT de Puva, filho de Issacar ([Nm 26.23](#)).

Veja Puva.

Públio

Públio era um importante oficial que vivia na ilha de Malta. A Bíblia o menciona em [Atos 28.7–8](#). Paulo e seus companheiros naufragaram em Malta durante sua viagem a Roma. Públio os acolheu e lhes ofereceu um lugar para ficar por um curto período. Públio tinha um pai que estava muito doente. Durante a visita de Paulo, ele curou o pai de Públio.

Pulga

Pequeno inseto sem asas com pernas fortes para pular. A pulga é mencionada apenas em [1 Samuel 24.14](#) e [26.20](#), onde Davi se refere a si mesmo como uma pulga. *Veja Animais.*

Pulseira

Uma pulseira é uma peça de joalheria usada no pulso ou no antebraço.

As pessoas nos tempos bíblicos usavam pulseiras como decoração. Algumas pulseiras eram feitas de ouro, prata ou outros materiais.

Punição

Punição é quando alguém com autoridade causa dor ou perda a outra pessoa que fez algo errado. Isso pode incluir a retirada de sua liberdade ou dinheiro. Para que haja punição, duas coisas devem existir:

- alguém com autoridade para aplicar a punição
- alguém que cometeu um erro

Punição como prevenção

Algumas pessoas dizem que a punição é correta se impede as pessoas de cometerem erros novamente. Elas acreditam que a punição deve:

- Ajude a pessoa que errou a aprender a ser melhor (reformar).
- evitar que essa pessoa e outras cometam erros no futuro (dissuadir)

Essas pessoas acreditam que, se a punição não ajuda alguém a melhorar ou a parar um comportamento ruim, então não deve ser utilizada.

Punição como retribuição

Outros afirmam que as pessoas que cometem o mal devem ser punidas simplesmente porque fizeram algo errado. Essa visão é chamada de "retribuição" (dar a alguém o que merece). Ela se baseia na lei moral de Deus e em conceitos fundamentais de justiça.

Essa visão é diferente de vingança ou do desejo de machucar alguém por raiva. Trata-se de garantir que as transgressões tenham consequências justas. A favor da visão de que a punição deve ser retributiva, os seguintes argumentos foram apresentados:

1. A Bíblia fornece instruções claras sobre punir alguém com a morte ([Gn 9.5-6](#)). Estas não estão entre as leis morais e cerimoniais que os cristãos acreditam terem sido abolidas por meio de Jesus. O Novo Testamento também afirma que os governos têm o direito de punir o malfeito ("carregar a espada", [Rm 13.1-5](#)).

2. Além dos argumentos da Bíblia, podemos também considerar os princípios básicos de equidade e justiça. Um princípio importante é que a punição deve ser proporcional ao crime. Isso ajuda a proteger as pessoas do poder injusto do governo, estabelecendo limites claros sobre como o governo pode punir alguém que infringe a lei.

Por exemplo, um governo justo e equitativo não pode manter alguém na prisão para sempre apenas para "tratamento". Também não pode responder a crimes com punições extremas e ilimitadas.

Essa abordagem de punição trata cada pessoa como responsável por suas próprias ações. Também assume que as pessoas são livres até cometerem um crime. Isso ajuda todos a saberem o que esperar da lei. Algumas pessoas dizem que executar criminosos é errado porque adiciona outra morte à inicial. No entanto, esse mesmo argumento poderia ser usado contra todos os tipos de punição.

O problema de quanto punir

Ambas as visões enfrentam o mesmo problema de determinar qual castigo é adequado para cada ação errada. Pequenos erros poderiam ser interrompidos por punições muito severas, mas isso pode não ser justo. Além disso, uma punição raramente corresponde exatamente ao erro cometido.

Punição apenas quando beneficia a sociedade

Algumas pessoas discordam da punição que visa equilibrar o erro. Elas acreditam que a punição só deve ser usada quando resultar em melhores resultados do que não punir alguém. Essa visão se concentra no que é mais eficaz para a sociedade, em vez de responder à ação errada em si. Outro argumento contra a punição afirma que todos os humanos fazem parte de uma única família, então nenhuma pessoa ou grupo deveria ter o direito de punir os outros.

No entanto, ambas as visões apresentam problemas. A primeira visão poderia permitir punições muito severas se alguém acreditasse que os resultados seriam benéficos para a sociedade. A

segunda visão tornaria impossível estabelecer qualquer tipo de governo sobre pessoas que, às vezes, cometem erros.

Diferentes perspectivas sobre a morte de Jesus

A morte de Jesus é compreendida por muitos cristãos como uma oferta sacrificial. Frequentemente, é vista como vicária e penal, onde ele assumiu a penalidade pelo pecado em nome da humanidade para satisfazer a justiça divina. Essa perspectiva enfatiza que sua morte remove a culpa do pecado e restaura o relacionamento entre a humanidade e Deus ([Rm 5.8](#); [Gl 3.13](#)).

No entanto, outra visão foca mais na morte e ressurreição de Jesus como uma vitória sobre a morte e o pecado, enfatizando seu papel na cura, restauração da humanidade e reconciliação das pessoas com Deus. Esta visão coloca menos ênfase no sofrimento como punição em lugar dos pecadores.

Enquanto algumas tradições cristãs enfatizam os aspectos retributivos da justiça, outras se concentram no aspecto restaurativo da justiça, demonstrado na obra de cura, vitória e reconciliação de Jesus. O debate continua sobre como a justiça retributiva deve ser entendida ou aplicada em contextos modernos.

Ideias contemporâneas sobre punição

Outra questão importante é quais tipos de punição devem ser permitidos em um sistema de justiça. Em séculos anteriores, muitos infratores sofreram punições cruéis, como enforcamento, amputação de partes do corpo ou morte de maneiras dolorosas (mesmo por pequenos crimes). Hoje, a maioria das pessoas considera que essas punições eram cruéis e violavam a dignidade humana.

O que as pessoas consideram como punição certa ou errada pode mudar ao longo do tempo. Por exemplo, alguns argumentam que certos tipos de punição física podem ser menos prejudiciais do que colocar pessoas em prisões insalubres com outros criminosos.

A Bíblia ensina que, após a morte, Deus julgará todas as pessoas de forma justa. Devido ao que a Bíblia diz sobre a sabedoria perfeita de Deus, justiça e misericórdia, podemos confiar que esse julgamento será equitativo e justo.

Consulte também Direito penal e punição.

Punom

Punom foi um dos locais onde os israelitas acamparam durante suas peregrinações pelo deserto. Os estudiosos a identificam com a moderna Feinan. Punom foi construída ao longo da estrada que conectava Edom, através do Neguebe, ao Egito. A cidade tinha abundância de água e recursos de cobre, tornando-se um importante centro de fundição de cobre por volta de 2000 a.C. As pessoas extraíam o cobre nas proximidades ou o traziam para Punom de outros lugares.

Os israelitas passaram por Punom a caminho da Transjordânia (a região Leste do rio Jordão) ([Nm 33.42-43](#)). Naquela época, a atividade industrial da cidade estava em declínio. Grandes pilhas de escória (material residual da fusão de metal) ainda podem ser encontradas na área hoje.

Evidências arqueológicas indicam que Punom foi um grande assentamento durante o tempo dos patriarcas (Idade do Bronze Médio). Após cerca de 500 anos desabitado, os colonizadores retornaram por volta de 1300 a.C. As operações de mineração e fusão de cobre continuaram até 700 a.C. Essas atividades foram retomadas durante a época dos nabateus.

Eusébio, um dos primeiros historiadores da igreja, relata que cristãos trabalhavam nas minas de Punom ao lado de criminosos. Durante o período bizantino, cristãos construíram uma igreja (basílica) e um mosteiro nesse local. Pesquisadores encontraram uma inscrição com o nome do bispo Teodoro (por volta de 587 d.C.) nas ruínas do mosteiro.

Purificação E Impureza, Regulamentos Sobre

Aspecto da religião hebraica tendo significado físico, ceremonial, moral e espiritual. Embora esses sentidos de puro e impuro possam ser distinguidos com referência a seus contextos, eles também se fundem e ilustram uns aos outros; os contextos físico e ceremonial apontam para um estado moral do adorador e para um relacionamento espiritual entre Deus e seu povo.

A visão do AT de um relacionamento de um povo com Deus é ao longo de linhas morais e pessoais — a natureza pessoal de Deus sendo expressa em sua entrega da lei a Moisés. O caráter pessoal e unicamente consistente do Senhor de Israel o fazia moralmente um ser completamente diferente dos

muitos deuses das civilizações pagãs. Ao contrário do Senhor, os Baais dos cananeus eram inconstantes e perversos; ninguém esperava que eles fossem eticamente consistentes. O Senhor de Israel, por outro lado, poderia ser confiável em manter sua palavra (uma comunicação verbal através de seus profetas escolhidos). Ninguém, nem mesmo o sumo sacerdote ou o rei, estava acima da lei, que expressava não apenas o caráter de Deus, mas também sua vontade soberana para o indivíduo e a nação. Sua consistência moral transbordou em suas intervenções milagrosas na história para proteger seu povo, julgá-los e julgar a seus inimigos e redimir a própria humanidade.

A pureza como definida no livro de Levítico, portanto, sempre foi condicionada pela presença do Deus pessoal que deu a lei. Enquanto as pessoas tentavam se aproximar do Senhor, elas necessariamente o faziam em seus termos e, portanto, dentro da estrutura das cerimônias que ele havia prescrito. Os detalhes das cerimônias do livro de Levítico foram projetados para ilustrar as implicações morais da abordagem do pecador a Deus e da provisão de Deus para que seu povo se tornasse moralmente puro à sua vista.

O significado do sistema levítico foi declarado claramente nas palavras do salmista: “Quem subirá ao monte do Senhor? Quem há de permanecer no seu santo lugar? O que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega sua alma à falsidade, nem jura dolosamente.” ([Sl 24.3-4](#), ARA). O estado de pureza depende não apenas de ações externas, mas também de um relacionamento interno com Deus. Como resultado, a incapacidade do pecador de satisfazer as demandas morais de um Deus santo leva à sua completa dependência de Deus e da provisão de Deus para satisfazer suas próprias demandas. Essa provisão foi detalhada na lei.

Resumo

- História antiga
- Prescrições levíticas
- Ritos de purificação
- Perspectiva do Novo Testamento

História antiga

Contexto religioso gentio

A consciência gentia era, sem dúvida, uma forte influência no desenvolvimento de noções étnicas de puro e impuro. O sentido subjetivo de impureza do pecado é universalmente encontrado de uma

forma ou de outra na literatura de todas as grandes religiões, seja qual for a explicação dada para isso. Muitas religiões têm ritos de purificação baseados em água e lavagens. A evitação ritual dos hebreus de certos objetos, alguns por causa de sua santidade e outros por causa de sua falta de santidade, encontra uma analogia nos tabus de muitas religiões primitivas, incluindo algumas daquelas com os quais os primeiros hebreus entraram em contato.

As semelhanças entre a religião hebraica e outras religiões antigas são facilmente estabelecidas por comparação superficial. Seria surpreendente se não houvesse nenhuma. Essas diferenças que dão à religião bíblica seu caráter distintivo, no entanto, devem ser consideradas.

Prescrições levíticas

Lei ceremonial e moral

A relação entre os detalhes ceremoniais externos da lei mosaica e os requisitos morais internamente dirigidos de partes como os Dez Mandamentos é uma das questões fundamentais da teologia do AT. É possível demonstrar que, em todo o AT, a impureza e o pecado são virtualmente sinônimos. Em muitas passagens, o pecado é descrito como impureza (p. ex., [Lv 16.16, 30](#); a provação da água amarga em [Nm 5.11-28](#); [Zc 13.1](#)).

A relação entre pureza ceremonial e moral pode ser ilustrada a partir de passagens que mencionam mãos limpas, de um lado, ([2Sm 22.21](#); [Jó 17.9](#); [22.30](#)) e um coração puro do outro ([Sl 24.4](#); [51.10](#); [73.13](#); [Pv 20.9](#)). O profeta Isaías se sentiu convicto de “lábios impuros” quando ele estava na presença de Deus; uma brasa purificadora, talvez representando perdão e expiação, o purificou ([Is 6.5-7](#)). Em muitas passagens, a pureza representa a inocência diante de Deus ([Jó 11.4](#); [33.9](#); [Sl 51.7-10](#); [Pv 20.9](#)), e a impureza é tida como proveniente do pecado ([Sl 51.2](#); [Is 1.16](#); [64.6](#)).

Causas de Impureza

A partir da lei mosaica, uma série de causas de impureza pode ser derivada.

1. Alguns alimentos não deveriam ser comidos. Várias leis relativas aos animais apresentam uma “diferença entre o imundo e o limpo e entre os animais que se podem comer e os animais que se não podem comer.” ([Lv 11.47](#), ARA). Comida permitida era o que era aceitável para Deus (veja também [Dt 14.3-21](#); [Atos 15.28-29](#)).

2. Doenças, especialmente lepra, produziam um estado impuro ([Lv 13-14](#)). A história de Naamã se refere à contaminação leprosa ([2Rs 5.1-14](#)). Os Evangelhos se referem frequentemente aos leprosos (p. ex., [Mt 8.1-4](#); [10.8](#); [11.5](#); [Lc 4.27](#)). Muitos inchaços, feridas e erupções estavam incluídas sob esse título, incluindo a Hanseníase (lepra moderna). A contaminação da doença incluía todas as coisas tocadas por uma pessoa doente ([Lv 14.33-57](#)).

3. As descargas corporais eram impuras, e o contato com elas contaminava uma pessoa por vários períodos de tempo. A emissão do sêmen produzia impureza até a noite, seja no intercurso ([Lv 15.16-18](#)) ou inadvertidamente durante a noite ([Dt 23.10](#)). Uma descarga não natural, uma vez que geralmente indicava uma doença, tornava uma pessoa impura por sete dias após ter cessado ([Lv 15.1-15](#)). A menstruação também produzia impureza que durava sete dias após ter cessado ([Lv 15.19-24](#); [2Sm 11.4](#)). O intercurso sexual durante esse tempo tornava ambos os parceiros impuros ([Lv 15.19-24](#); [20.18](#)). O contato com a saliva de uma pessoa impura, produzia impureza por um dia ([15.8](#)).

4. Os cadáveres, ou até partes deles, como ossos, causavam impureza ([Nm 19.16](#)). As pessoas que tocavam um cadáver ficavam impuras por um mês, e apenas após esse período poderiam celebrar sua própria Páscoa se tivessem perdido ([9.6-11](#)). O sumo sacerdote não poderia sequer enterrar seus próprios pais por causa de suas responsabilidades rituais especiais ([Lv 21.10-11](#); cf. [Nm 6.6-7](#); [Ag 2.13](#); [Mt 23.27](#)).

5. A idolatria era a maior fonte de contaminação espiritual. Toda a nação de Israel foi contaminada por causa disso ([Sl 106.38](#); [Is 30.22](#); [Ez 36.25](#)), assim como os gentios ([Ir 43.12](#)). Consequentemente, o contato com gentios era tido como fonte de contaminação. O apelo universal do evangelho confrontou essa convicção (p. ex., [Jo 4.9](#); [Atos 10.28](#); cf. [Gl 2.11-14](#)). Intimamente relacionada com a contaminação da idolatria estava a contaminação causada por espíritos impuros ([Zc 13.2](#); cf. [Mt 10.1](#); [Mc 1.23-27](#)).

Leis sobre Objetos

Certas leis ilustram o princípio de que a impureza era transmitida de forma semelhante a um contágio. Os cadáveres contaminavam o que tocavam, assim como os insetos mortos e certas coisas rastejantes ([Lv 11.29-38](#)). É interessante que grãos secos, água de nascente corrente e água

em uma cisterna foram expressamente excluídos dessa lei de contaminação; talvez de outra forma, a fome teria sido a consequência, insetos mortos e camundongos eram encontrados em grãos e água todos os dias em uma comunidade agrícola. A cerâmica impura, porém, tinha que ser quebrada, mas os vasos de madeira meramente exigiam lavagem ([Lv 15.12](#)). Até mesmo vasos descobertos em uma casa onde uma pessoa havia morrido se tornavam impuros ([Nm 19.15](#)); todos os que entravam na casa ficavam impuros.

Por causa de suas associações idólatras, os bens dos pagãos eram impuros; portanto, o saque tomado na guerra tinha que ser purificado pelo fogo ou por lavagem ([Nm 31.21-24](#)). Roupas de lã, linho ou couro poderiam contrair a “lepra” impura de pessoas doentes e tinham que ser testadas. Se os pontos de lepra (manchas esverdeadas ou avermelhadas) se espalhassem após um período de teste, as roupas tinham que ser queimadas ([Lv 13.47-59](#); [14.33-53](#)).

Leis sobre Lugares

A terra e o povo de Israel eram santos; eles poderiam ser contaminados pela impureza da opressão econômica ou idolatria ([Js 22.17-19](#); [Ir 13.27](#)). Jerusalém era uma cidade santa, mas poderia ser contaminada pelos pecados de seu povo ([Ez 22.2-4](#); [Lm 1.8](#)) ou pelo sangue de seus habitantes abatidos ([Lm 4.15](#)).

O templo poderia ser contaminado por pessoas impuras. Foi necessário que Ezequias purificasse o templo após a adoração idólatra de Acaz ([2Cr 29.15-19](#)); Neemias teve que purificar os quartos em que Tobias estava vivendo ([Ne 13.9](#)). Uma das funções do Dia da Exiação era a remoção de impurezas transferidas para o templo pelos pecados dos israelitas durante o ano passado ([Lv 16.16-19](#); [31-33](#)).

Um lugar impuro recebia os pedaços de uma casa leprosa após sua demolição ([Lv 14.45](#)). O vale de Hinom se tornou o depósito de lixo de Jerusalém nos anos posteriores, dando origem às visões de “Geena” como um lugar de punição eterna na escatologia do NT. Uma vez que o acampamento israelita era um lugar santo, tomava-se o cuidado de enterrar o excremento humano fora de seus limites ([Dt 23.12-14](#)). O valor dessa simples tarefa em prevenir doenças durante viagens militares dificilmente pode ser exagerada, uma vez que as pragas eram um grande flagelo dos exércitos antigos.

Leis sobre Comida

Certos tipos de animais eram impuros e, portanto, não poderiam ser comidos ([Lv 11](#); [Dt 14.3-21](#)). Os animais que morriam de velhice, doença ou lesão, ou haviam sido feridos por predadores, eram impuros. Os animais que não ruminavam e tinham um casco fendido eram impuros, uma definição que incluía porcos, camelos, texugos e coelhos entre outros. Os israelitas poderiam comer apenas peixes que tinham barbatanas e escamas. Aves de rapina e necrófagos eram impuros. Todos os insetos que voavam eram impuros, exceto insetos saltitantes (gafanhotos e grilos). Uma grande classificação de “coisas rastejantes” era proibida, incluindo vermes, lagartos, cobras, doninhas e ratos. Além de todos esses fatos, havia a antiga proibição contra o consumo de sangue ([Gn 9.4](#); [Lv 17.14-15](#); [Dt 12.16-23](#); [Atos 15.28-29](#)).

Ritos de purificação

Purificação por Tempo Decorrido

A contaminação poderia muitas vezes ser cancelada simplesmente esperando até a noite ([Lv 11.24](#)) ou por 7, 14, 40 ou 80 dias. Os corpos mortos contaminavam o que tocavam por 7 dias ([Nm 19.11](#)), assim como a menstruação ([Lv 15.19](#)). Quando uma criança nascia, a condição impura da mãe durava 7 dias para um menino e 14 dias para uma menina. Eram necessários 33 dias adicionais para um filho homem e 66 dias para uma mulher antes que a mãe pudesse tocar qualquer coisa sagrada.

Purificação por Água

O contato com coisas impuras, como descargas corporais, muitas vezes exigia lavar as mãos e roupas, geralmente acompanhado do período de um dia ([Lv 15.5-11](#)).

Purificação por Substâncias Cerimoniais

As substâncias ceremoniais usadas nos ritos de purificação incluíam as cinzas de uma novilha vermelha misturada com água ([Nm 19.1-10](#)) e (nos casos de lepra) madeira de cedro, lã tingida de vermelho, hissopo e sangue ([Lv 14.2-9](#)). Quando o altar era usado em uma cerimônia de purificação, apenas o sangue era adequado, uma vez que o altar era o lugar de sacrifício pelo pecado ([Lv 16.18-19](#); [Ez 43.20](#)).

Purificação por Sacrifício

O sacrifício era a fonte final de purificação ritual e moral. Todas as descargas corporais, exceto as sexuais, eram purificadas por ofertas de pombas e pombos ([Lv 15.14-15, 29-30](#)). O parto exigia um cordeiro e um pássaro ([12.6](#)). As pessoas pobres poderiam oferecer pássaros no lugar de um animal ([Lv 12.8](#); [14.21-32](#); [Lc 2.24](#)).

Em sacrifícios, o sangue era simbólico de uma vida dada e, portanto, uma morte experimentada; a impureza da doença ou pecado era considerada como sendo transferida para a vítima, removendo assim a impureza ([Lv 14.7](#)). A morte sacrificial, portanto, sempre teve um elemento substitutivo. Apenas o sacrifício de sangue poderia fornecer a purificação moral necessária para o próprio pecado; tal sacrifício era, portanto, a base de toda purificação, incluindo a de uma doença.

Purificação pelo Fogo

Certas contaminações poderiam ser removidas apenas pelo fogo, como a contaminação de vasos de metal ([Nm 31.22-23](#)). Incesto era punível não apenas com a morte, mas também com a queima dos corpos ([Lv 20.14](#)). A idolatria tinha que ser posta de lado pela destruição total dos objetos e pela queima ([Ex 32.20](#)). Cidades consagradas às divindades pagãs deveriam ser queimadas.

Perspectiva do Novo Testamento

O NT não rejeitou o conceito do AT de puro e impuro, mas o reinterpretou em um novo contexto. Enfatizou em especial o sentido moral do conceito, bem como a identificação da impureza com o pecado.

Os Evangelhos foram escritos no contexto da lei do AT e seus acréscimos farisaicos e saduceus. Jesus obedeceu à lei, mas muitas vezes estava em conflito com a casuística prática (sistema) que havia crescido em torno dela. Jesus ensinou que a verdadeira contaminação vem do coração do pecador e não da contaminação externa ([Mc 7.14-23](#); [Lc 11.39-41](#)). Um elemento central em seu ensino era seu ataque ao externalismo ceremonial dos fariseus. Assim, foi dito que Jesus “internalizou” a lei. Seria mais correto dizer que ele forçou a atenção às demandas da lei na vida interior das pessoas.

A maldade intrínseca dos demônios é ressaltada pelo uso do termo “espírito impuro” em todos os Evangelhos. Na verdade, a palavra “impuro” sempre aparece nos Evangelhos no contexto do

espírito, um detalhe que ilustra a mudança de ênfase do NT da impureza ritual para o pecado e sua culpa.

Um episódio importante na vida da igreja primitiva veio em [Atos 10](#), quando Deus ensinou o apóstolo Pedro que os gentios não eram impuros em si mesmos e que Pedro era obrigado a recebê-los. O resultado foi a conversão de Cornélio.

A afirmação de Jesus de que a impureza se origina no coração deu fruto na doutrina do apóstolo Paulo da liberdade cristã. Paulo, um fariseu que poderia dizer de si mesmo que ele nunca havia quebrado uma lei externa, veio a perceber que nada é impuro em si mesmo ([Rm 14.14–20](#)). Ao longo de suas epístolas, a pureza é o resultado da obediência do coração que flui da regeneração; é baseada no poder purificador da Exiação (veja [Rm 6.19](#); [1Ts 2.3–4](#), onde a impureza é estritamente moral).

A expiação de Cristo era o agente purificador final para o pecado e seus resultados morais ([Hb 9.14](#), [22](#); [1Jo 1:7](#)), fazendo na realidade o que o sangue de touros e cabras apenas tipificava. Assim, aqueles que são lavados no sangue do Cordeiro ([Ap 7:14](#)) são vistos usando vestes brancas limpas ([15:6](#); [19:8–14](#)). Seu sangue, simbolizando a vida dada e a morte do Filho a mando do Pai, satisfaz os atributos de justiça pessoal do Deus trino. Porque o caráter pessoal de um Pai justo foi vindicado, o perdão pessoal dos pecadores é moralmente possível. Deus pode ser na história apenas o que ele é eternamente: ele é tanto justo quanto o justificador dos que creem em Cristo ([Rm 3.24–26](#)).

Veja também Batismo; Circuncisão; Incircuncisão; Ofertas e Sacrifícios; Lei, Conceito Bíblico de; Leis Dietéticas.

Púrpura

Um corante altamente valorizado extraído de caracóis marinhos. A púrpura era usado para tingir tecidos para o tabernáculo e também para as roupas dos ricos ([Êx 25.4](#); [Iz 8.26](#)).

Veja também Animais (Caracol); Cor.

Pute (Lugar)

Pute era uma região no antigo norte da África, provavelmente na área da atual Líbia. Alguns estudiosos acreditam que Pute pode ter sido a terra de Punt, uma região mencionada nos registros

antigos egípcios. Punt estava provavelmente ao longo da costa nordeste da África, possivelmente na atual Somália.

O povo de Pute tinha conexões com o Egito, Cuxe (outro nome para o antigo nordeste da África) e Canaã. No entanto, a forma como o nome "Pute" é usado no Antigo Testamento sugere que estava na Líbia. O povo líbio no Antigo Testamento é chamado de "Lubim", que está sempre na forma plural.

Pute começou como o nome de uma pessoa e, mais tarde, tornou-se o nome da nação que surgiu de sua família.

Antiga Líbia

A antiga Líbia localizava-se a oeste do Egito, ao longo do Mar Mediterrâneo, na região que hoje é a Líbia. Registros egípcios mencionam três principais grupos de líbios:

- Tjehenu: Essas pessoas viviam ao longo da costa e eram principalmente pastores. Na arte egípcia, eram representados como tendo cabelo comprido e usavam apenas um cinto e uma cobertura de tecido. Eles foram listados entre os Nove Arcos, um termo que os egípcios usavam para se referir aos seus principais inimigos.
- Tjemehu: Essas pessoas eram nômades que se deslocavam de um lugar para outro. Eles tinham cabelo claro e olhos azuis, o que os tornava diferentes de outros grupos africanos. Eles interagiram com o Egito desde a época do Antigo Reino (cerca de 2700–2200 a.C.). Às vezes, tentavam se estabelecer no território egípcio.
- Libu: Este grupo deu o nome à Líbia. Eles e a tribo Meshwesh foram descritos como de pele clara, tatuados e vestindo roupas de couro.

Egito e Líbia tiveram muitas interações ao longo de sua história, tanto no comércio quanto na guerra. O povo líbio frequentemente tentou se mover para o Egito a partir do noroeste. Do Reino Médio, há a história de Sinuhe (c. 2000 a.C.), que começa com a morte de Amenemés I enquanto seu filho, Senusert (Sesóstris), estava lutando contra os líbios no Delta ocidental.

Com o tempo, o povo líbio gradualmente se mudou para a área do Delta do Nilo. Dois reis egípcios, Seti I e Ramsés II, lutaram para manter o controle dessa região. Mais tarde, o Rei Merneptá registrou uma vitória sobre os líbios em um grande monumento de pedra chamado Estela de Merneptá (cerca de 1224 – 1214 a.C.). Outro rei egípcio, Ramsés III, posteriormente lutou contra os líbios e os expulsou da região ocidental do Delta. Isso ocorreu durante um período em que o Egito também estava enfrentando um grupo chamado Povos do Mar, tanto em terra quanto no mar.

Mais tarde, os líbios se tornaram mais poderosos e eventualmente tomaram o controle do próprio Egito. Eles governaram o Egito através de duas famílias reais (ou dinastias). A primeira foi chamada de dinastia Bubastita (cerca de 946 – 720 a.C.), e a segunda foi a dinastia Tanita (cerca de 792 – 720 a.C.). Esses reis líbios tinham nomes diferentes dos nomes egípcios tradicionais, como Sheshonk, Osorkon e Takelot. Um desses reis, Sheshonk, é mencionado no Antigo Testamento sob o nome de Sisaque ([1Rs 11.40; 14.25; 2Cr 12.2–9](#)).

Pute na Bíblia

A Bíblia menciona Pute pela primeira vez na tabela das nações ([Gn 10](#)). Pute é listado como um filho de Cam, junto com Cuxe (Núbia, Etiópia), Egito e Canaã ([Gn 10.6](#); compare [1Cr 1.8](#)).

O profeta Jeremias descreve soldados de Pute e Cuxe (antiga Etiópia) como guerreiros habilidosos que carregavam escudos no exército do Egito na batalha de Carquemis ([Ir 46.9](#)). O profeta Ezequiel nos conta que os soldados de Pute também serviram no exército da cidade de Tiro, junto com guerreiros da Pérsia e Lude ([Ez 27.10](#)). Em outro relato, o profeta Naum menciona que Pute e os Líbios eram aliados da cidade egípcia de Tebas, mas não conseguiram protegê-la de ser conquistada pelo exército assírio ([Na 3.9](#)). O livro de Daniel inclui uma profecia que diz que um futuro governante poderoso ganhará controle sobre a Líbia, Egito, Cuxe e outras terras ([Dn 11.43](#)).

O livro de Isaías menciona um lugar chamado "Pul" no texto hebraico, mas a tradução grega do Antigo Testamento usa "Pute" em vez disso ([Is 66.19](#)). A maioria das traduções em português segue o texto hebraico. Nesta passagem, Pute aparece em uma lista de nações entre Társis e Lude. Essas nações ouvirão sobre a glória de Deus.

No livro de Ezequiel, os estudiosos têm opiniões diferentes sobre os nomes que se referem à Líbia.

Alguns acham que a palavra "Pute" significa Líbia ([Ez 30.5](#)). Outros acreditam que outra palavra no mesmo versículo, "Cub", se refere à Líbia.

Outros registros históricos

Registros históricos fora da Bíblia também mencionam a Líbia. Documentos do Rei Xerxes da Pérsia, que governou de 485 a 465 a.C., listam a Líbia como uma das nações sob seu controle.

Pute (Pessoa)

Terceiro dos quatro filhos de Cam, que provavelmente se estabeleceu no norte da África e é possivelmente o antepassado dos povos do Egito e da Líbia ([Gn 10.6; 1Cr 1.8](#)).

Veja também Pute (Lugar).

Putéoli

Uma cidade portuária italiana no golfo de Nápoles. Era uma parada comum para pessoas viajando pelo mar e para cargas indo para Roma. Depois que o apóstolo Paulo desembarcou em Régio, ele ficou com cristãos em Putéoli. Ele esteve lá por sete dias antes de ser levado para Roma ([At 28.13](#)). A cidade moderna é chamada Pozzuoli.

Putiel

O pai da esposa de Eleazar e o avô de Fineias ([Ex 6.25](#)).

Puva

O filho de Issacar, que foi com Jacó e sua família para o Egito, onde buscaram refúgio da severa fome na Palestina ([Gn 46.13](#); NTLH "Pua"). Puva fundou a família Punita ([Nm 26.23](#)) e é alternativamente chamado de Pua em [1 Crônicas 7.1](#).

Puvita

Um puvita era membro de um grupo familiar na tribo de Issacar. Esta família era liderada por uma

pessoa chamada Puva ([Nm 26.23](#)). A Bíblia NVI usa "punita", como membro da família de Puá.

Veja Puva.